UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA – FILOSOFIA, LINGUAGEM E PRÁXIS PEDAGÓGICA.
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANA LÚCIA GOMES DA SILVA

HISTÓRIAS DE LEITURA NA TERCEIRA IDADE: MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Salvador, (BA)
2005

UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA – FILOSOFIA, LINGUAGEM E PRÁXIS PEDAGÓGICA.
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Lúcia Gomes da Silva

HISTÓRIAS DE LEITURA NA TERCEIRA IDADE: MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia – UFBA/ Faculdade de Educação, FACED, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª Drª Mary de Andrade Arapiraca.

Salvador, (BA)
2005

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA LÚCIA GOMES DA SILVA

HISTÓRIAS DE LEITURA NA TERCEIRA IDADE: MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Mary de Andrade Arapiraca (ORIENTADORA) _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia
Profª Drª Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes _____
Doutora em Educação Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia
Profª Drª Ana Célia Clementino Moura _____
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal do Ceará

Salvador, 15 de abril de 2005.

Ana Lúcia Gomes da Silva

Histórias de Leitura na terceira idade: memórias individuais e coletivas.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Mary de Andrade Arapiraca (ORIENTADORA)
Universidade Federal da Bahia
Profª Drª Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes
Universidade Federal da Bahia
Profª Drª Ana Célia Clementino Moura
Universidade Federal do Ceará

Aprovada com distinção conforme registro na Ata de Defesa Pública da Dissertação na Pós-Graduação UFBA/FACED, em 15 de abril de 2005.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Ana Lúcia Gomes da.
História de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas / Ana Lúcia Gomes da Silva. – Jacobina: A. L. G. da Silva, 2004.
169 p. : il. : fotos

Orientadora : Professora Mary Arapiraca.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. 2004

1.Terceira Idade. 2. Velhice – Aspectos sociais. 3. Idosos - Educação. 4. Leitura. 5. Socialização. I. Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação. II. Arapiraca, Mary.

CDD - 305.26

Ser idoso e ser velho

Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade.
A idade causa a degenerescência das células; a velhice, a degenerescência do espírito.
Você é idoso quando se pergunta se vale à pena; você é velho quando sem pensar responde não.
Você é idoso quando sonha; você é velho quando já nem ensina.
Você é idoso quando ainda aprende; você é velho quando apenas descansa.
Você é idoso quando só sente ciúmes.
Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida; você é velho quando todos os dias parecem o último de uma grande jornada.
Você é idoso quando seu calendário tem amanhãs; você é velho quando ele só tem ontens.
O idoso se renova a cada dia que começa; o velho se acaba a cada dia que termina, pois enquanto o idoso tem seus olhos postos no horizonte, de onde o sol desponta e ilumina a esperança, o velho tem sua miopia voltada para as sombras do passado.
O idoso curte o que lhe resta da vida; o velho sofre o que o aproxima da morte.
O idoso leva uma vida ativa, plena de projetos e prenha de esperança. Para ele o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega. Para o velho suas horas se arrastam destituídas de sentido.
As rugas do idoso são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso; as rugas do velho são feias porque foram vincadas pela amargura.
Em suma, idoso e velho podem ter a mesma idade no cartório, mas tem idades diferentes no coração.
QUE VOCÊ, IDOSO, VIVA UMA LONGA VIDA, MAS NUNCA FIQUE VELHO.
(Flávio Émerson de Almeida).

Nota: (Fotografia de Aniclécio Gomes Matos) Grupo da 3ª idade do Centro de Convivência do Idoso – Jacobina Bahia, (da esquerda para a direita) D. Maura, D. Maria Pureza, D. Antônia, Profª. Ana Lúcia Gomes (pesquisadora), D. Jacira, D. Edite, D. Alaíde e Ingrid Pionório Freire (colaboradora da pesquisa).

AGRADECIMENTOS

Impossível deixar de agradecer a tantas pessoas que gentilmente acolhem nossas idéias, acreditam em nosso trabalho e nos possibilitam realizá-lo bem, a despeito de todas as vicissitudes encontradas na trajetória da pesquisa e dos estudos em si;

A ordem dos agradecimentos não é hierárquica, pois todos partilharam comigo, de alguma forma inusitada e singular, mas, como temos que enumerar, pode "pairar" a "falsa" idéia de importância de uns em relação aos outros. Neste caso, todos tiveram significativa importância nesta caminhada, não importa se, no início, no percurso ou pro fim da pesquisa;

Em primeiro lugar, ao colega e grande amigo, Prof. Antenor Rita Gomes que, antes mesmo de "ler" o anteprojeto a ser apresentado para a seleção de Mestrado, já acreditava na minha proposta e incentivava-me a prosseguir. Ao ler o anteprojeto, dialogou comigo de forma enriquecedora;

À minha orientadora, Profª Drª Mary Arapiraca, que atuou como amiga, leitora sensível, cuidadosa, e, sempre incentivadora, acreditando desde o início que a pesquisa seria um sucesso, pois o tema escolhido era fecundo e singular. Como eu também acreditei ser, desde o início. As ressonâncias falaram por si, durante a trajetória da pesquisa. Meu especial obrigada!

À Profª Drª Tereza Cristina Pereira Fagundes pela leitura dedicada, sugestões, disponibilidade e respeito acolhedor à pesquisa. Agradeço imensamente, pelos incentivos e pela amizade!

Aos meus familiares: minha mãe, Maria Gomes da Silva, meu pai, Ataíde Cosme da Silva, pelo constante apoio e amor incondicionais. A ele, minha eterna gratidão. Com ele, tive o prazer de exercitar a "escuta sensível" de suas histórias de vida e de leitura, como sujeito da pesquisa; aos meus irmãos, Ana Margarete Gomes e Ovídio Gomes, pelo apoio incondicional e pela solidariedade constante, demonstrando o amor que nutrimos uns pelos outros;

À minha filha, Jamille Gomes Silva Barreto, razão da minha existência, pela compreensão por minhas constantes ausências numa fase tão especial da sua vida: a adolescência;

Ao amigo Robeilton Sampaio Barreto, pai de Jamille Barreto que, de forma especial, zelou por ela nas minhas ausências, buscando ser pai e mãe, além do incentivo, apoio e admiração ao meu trabalho e a minha luta incansável para conseguir realizar meus objetivos. A você, pela especial presença em minha vida, agradeço afetiva e especialmente, por toda a contribuição/doação a mim e a Jamille Barreto, nossa filha.

Às minhas "filhas do coração", Patrícia Oliveira Barreto e Luana Karina, pelo afeto, incentivo, e, graciosas presenças em minha vida;

À Caroline Menezes Barreto, extensivo aos seus familiares, pela sensível acolhida da minha pessoa em seu lar, na cidade de Salvador, permitindo-me a estada no período dos estudos do Mestrado;

À colega e amiga, Maria Celeste Freitas, pelo constante apoio e singular incentivo, confiança e certeza do sucesso da minha caminhada, acolhendo-me "muito antes" do início dos estudos, fazendo da nossa amizade uma constante troca de energias salutares;

À colega e amiga, Rúbia Mara Lapa Cunha, pela "grandiosidade" de fazer dos "difíceis momentos", situações de risos, humor e incentivo à minha caminhada;

À minha ex-aluna e companheira de trabalho, Ingrid Pionório Freire, que, de forma discreta, paciente e silenciosa, foi a grande parceira deste projeto durante todo o percurso;

À diretora do Campus IV/UNEB, minha amiga, profª Cléa Inês Vieira Brandão, que apoiou, de forma incondicional, a pesquisa, acreditando sempre no sucesso da mesma;

À equipe do NEO – Núcleo de estudos Orais, Memória e Iconografia do Campus IV/ UNEB, pela partilha e contribuições reveladoras. Extensivo à monitora Carla Côrte, pela gentileza e atenção sempre que solicitava ao Protocolo/ DCH IV material necessário aos trabalhos da pesquisa de campo;

Aos colegas e funcionários técnico-administrativos do Campus IV/ UNEB, pelo apoio direto e/ou indireto, através dos serviços de: Ronaldo Nascimento, Aniclécio Gomes Matos, Ana Maria Soares Pereira, Elise Oliveira Sobrinho, Maria das Graças Pessoa e Silvânia Mota, sempre solícitos aos diversos pedidos/necessidades apresentados no decorrer da pesquisa;

Ao colega, professor Tadeu Luciano Siqueira, pelo "rigor" da revisão, sempre de forma inusitada e brincalhona, contribuindo eficazmente para a qualidade do trabalho.

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNEB – PPG, pelo apoio aos trabalhos apresentados ao longo da pesquisa, em outras universidades, a exemplo da UFRN e UFPB .

Ao corpo docente da Pós-Graduação da FACED/ UFBA e aos colegas, pela convivência dinâmica, aprazível, fecunda, aprimorando sempre as relações interpessoais.

À Secretaria do Colegiado da Pós-Graduação, em especial: funcionária Maria das Graças, pela atenção dispensada, bem como, pelo calor humano admirável no trato com o outro.

À Casa de Convivência do Idoso (Jacobina - BA), na pessoa da diretora Srª Valdice Castro e dos queridos "idosos", participantes da pesquisa que, de forma reveladora e autêntica, dialogaram conosco sobre suas vidas e suas histórias de leitura.

Aos funcionários da Casa de Convivência do Idoso (Jacobina - BA), pela constante e habitual atenção, carinho e disponibilidade em nos acolher tão gentilmente durante o percurso da pesquisa. (Cláudia V. P. S. Almeida, Simone Souza da Silva Carvalho e Profª Maria do Socorro Lima Procópio).

À Terezinha Lapa, por aceitar fazer parte da pesquisa e doar-se ao diálogo horas a fio, revelando para nós um pouco de si.

Aos queridos sobrinhos, Ana Victória Gomes da Silva e João Victor Gomes da Silva Pereira, pelos momentos de descontração diante da árdua tarefa, mas também extremamente gratificante, da escrita de cada capítulo, buscando auxiliar-me, com pequenos gestos de carinho, "favores" dedicados, para que não me levantasse da frente do computador, dos livros, das anotações diversas e não perdesse o "fio condutor" do texto.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objeto de estudo as histórias de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas, cuja problemática delineada foi a investigação da formação leitora desses sujeitos, bem como sua relação com a leitura/manifestações textuais, a partir das reminiscências ambiências de leitura/experiência de vida e testemunho oral. A pesquisa teve como "locus" o Centro de Convivência do Idoso–Jacobina/BA. A metodologia adotada foi o tipo etnográfico, tendo como fundante os estudos da Antropologia, utilizando como instrumentos de coleta/análise dos dados, entrevistas abertas e/ou aprofundadas, práticas leitoras, como círculo de leitura e contação de história, utilizando, também, fitas VHS e observação-participante, de forma a apreender o máximo possível das memórias, narrativas e fabulações dos sujeitos-leitores envolvidos em diferentes situações analisadas, na perspectiva "interpretativa" da Análise do Discurso. O resultado do trabalho traz as histórias de leitura da 3ª idade jacobinense, suas memórias pessoais, coletivas e oficiais imbricadas, os diferentes efeitos de sentido, bem como, o perfil dos leitores da 3ª idade, suas ambiências de leitura e contribuições deste público leitor **concreto** e **singular**, para a formação do leitor ativo e includente e seus reflexos na comunidade onde estão inseridos, bem como nas Instituições Escolares/Academias.

Palavras – chaves: leitura, discurso, terceira idade, memórias, narrativas.

ABSTRACT

This work had as its object of study the history of reading at the third age: individual and collective memories whose problematic was the research of the reading formation of these readers as well as their relationships with the reading/textual production, from the memories/reading environment/experience of life and oral testimony. The research had the "Centro de Convivências do Idoso - Jacobina/Bahia" as "locus". The applied methodology was the ethnografhic type which had as basis the studies of Antropology using some instruments of collection such as: analysis of data, open interviews, reading practices like reading circle and storytelling. Video tapes and observation- praticipant were also used in order to get as much as possible of the memories relatives and tales of the readers who were involved in different analysed situations in the Discourse Analysis "interpretative" perspective. The result of the work shows the history of the reading of the third age of Jacobina citizens, their inbricative personal, collective and official memories, the different efects of sense as well as the profile of the third age readers and their reading environments. It also presents contributions of these singular and concrete readers to the formation of the active and includent readers and their consequences in the community where they are inserted as weel as in School Institutions/Academy

Key – Words: reading, speech, third age, memories, narratives.

SUMÁRIO

Primeira Parte - A gênese e o motivo de estudar as histórias de leitura na 3ª idade.

1. Como nasceu o desejo da pesquisa: memórias e acervos que me constituíram e constituem num *continuum* p. 14

1.1. Como me tornei educadora: memórias implicadas. p. 17

1.1.1.O contexto e suas significações: acervos, lastros e rastros... p. 21

1.1.2. Itinerância na Universidade p. 28

2. Mapeando a temática: Educação na pós-modernidade: um mosaico de saberes e conceitos. p. 43

2.1. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo: contextualização necessária. p. 45

2.2. A discussão pós-moderna e pós-estruturalista em educação: incertezas e busca de transformação. p. 47

3. Pedagogia das diferenças e o educar para a complexidade. p. 52

3.1. Pedagogia da diferença: contraposições num mosaico conceitual. p. 55

4.Velhice/3ª idade: mapeando a temática. p. 61

5. O cenário da pesquisa – Jacobina no contexto dos saberes emergentes. p. 70

5.1. O cenário da pesquisa, os idosos e os saberes emergentes – uma interface plural. p. 73

Segunda Parte - O tripé da pesquisa: Caminhos teóricos, afetivos e metodológicos: imbricações necessárias.

6. A metodologia da investigação – itinerários percorridos. p. 76

6.1.O Método Fenomenológico. p. 82

6.2. Histórias de Leitura na 3ª idade – imbricamento/efeitos de sentido das memórias individual, coletiva e oficial. p. 92

6.2.1. Narrativas dos sujeitos-leitores: imbricamento das memórias individual, coletiva e oficial. p. 97
6.2.2. O lugar da interpretação: dispositivo de análise. p. 98
6.3. Prática-leitora – A leitura no círculo: saberes partilhados. p. 104

Terceira Parte - Sapiência partilhada: a análise das categorias emergentes das fabulações/entrevistas realizadas.

7. O encontro com os sujeitos-leitores – histórias de vida/de leitura da 3ª idade jacobinense e as memórias imbricadas: oficial, coletiva e pessoal. p. 112
8. Memória e esquecimento: qual a relação entre ambas? p. 123
9. Leitura, letramento e mercado de trabalho. p. 130
10. Leitura e participação social: as condições sociais da leitura e a inserção dos leitores da 3ª idade no mundo letrado p. 137
10.1. Perfil dos leitores da 3ª idade jacobinense: entre memórias, vozes, pausas e silêncios – (des)velamentos emergentes p. 146
11. Conclusões p. 153
12. Referências p. 163
13. Anexos
13.1 Anexo 01 – Questionário do colégio GICOITA – Ginásio da Comunidade de Itapeipu.
13.2 Anexo 02 – Avaliação Docente.
13.3 Anexo 03 – Entrevista semi-estruturada.
13.4 Anexo 04 – Apresentação de projeto de pesquisa aos idosos – Auditório do Campus IV / UNEB.
13.5 Anexo 05 – História de Rose
13.6 Anexo 06 – Entrevistas dos sujeitos-leitores em Cd – Rom.
13.7 Anexo 07 – Fotos da apresentação do Colóquio: *Histórias de Leitura na 3ª Idade: Memórias Individuais e Coletivas*. No dia 20. 10. 2004, no Auditório da UNEB/ Campus IV.

Primeira Parte - A gênese e o motivo de estudar as histórias de leitura na 3ª idade.

1. Como nasceu o desejo da pesquisa: memórias e acervos que me constituíram e me constituem num *continuum.*

> *"E aprendi que se depende sempre de tanta gente diferente. Toda pessoa é as marcas diárias de tantas outras pessoas" (Gonzaguinha)*

Para explicitar como nasceu o desejo de pesquisar o tema leitura na 3ª idade, faz-se necessário historiar como me tornei educadora, uma vez que há uma imbricação profunda entre minha história de leitora, de educadora, e o tema da pesquisa. Para tal, necessário se faz o uso da primeira pessoa do singular, ao invés da primeira do plural neste início do capítulo primeiro, como utilizo ao longo do trabalho, por se tratar de uma itinerância da autora, o que soaria no mínimo estranho, informar sobre o meu desejo e formação leitora na primeira pessoa do plural, mesmo tendo consciência da participação de inúmeras pessoas nesse processo de aprendizagem.

Certamente que tudo tem um começo ou não?!! Reatar algumas "pontas de minha vida" para rememorar como nasceu o motivo para pesquisar as histórias de leitura dos idosos jacobinense implica lembrar e retomar o que sabiamente Gonzaguinha explicita na epígrafe que abre este texto, uma vez que a experiência é gestada a partir de uma confluência de valores, da interação constante com o outro, dos encontros acadêmicos e informais, enfim, das marcas e acervos diários que vão nos constituindo como sujeitos históricos que significam suas histórias, aprendendo a partir dos acontecimentos e dos resultados que fazemos deles.

Tudo tem um começo, tecido em tantos outros, que se perfilam de *"nós",* de rupturas de entrelaces, de redes e fios que dialogam entre si. A metáfora do rizoma é certamente a melhor imagem para caracterizar a gênese desta pesquisa, cujo começo vem de um *já dito*, um caminho, com lugares diversos, mas que se entrecruzam. Teria então "*a priori*" um começo?! Não, mas vários começos, de pontos diversos como num "rizoma" que descentrado e não linear, estabelece conexões de sentido.

A motivação maior para pesquisar as histórias de leitura na 3ª idade com certeza foi o meu contato, desde pequena, num distrito chamado Itapeipu, município de Jacobina (BA), em que vivi até os meus treze anos, convivendo com idosos diversos: minhas avós materna e paterna, minha avó emprestada, amiga de minha mãe, D. Aquilina, de D. Lina, avó de minha amiga Maria Bethânia, e D. Antônia, minha amiga, com a qual eu passava horas e horas (conversando) conversando sobre os livros que lia. Todas essas idosas, me diziam da vontade de aprender a ler, escrever, dos seus sonhos de saberem decifrar o que estava escrito nos livros e revistas que eu lia para elas.

Muitas histórias eu ouvi de cada uma delas nas noites enluaradas na porta das suas casas. Mas foi com D. Antônia, que estreitei os laços de leitura na cozinha de sua casa.

Somente ao perceber os objetivos da nossa pesquisa é que me dei conta, conscientemente, de que de alguma forma, estava retomando um dos fios do rizoma, de um determinado ponto: o da minha história de leitora. Entretanto, eram as narrativas e fabulações da 3ª idade, que objetivava apreender ao máximo, através de suas memórias em diferentes situações analisadas, de forma a traçar o perfil dos leitores da 3ª idade, suas ambiências de leitura e as contribuições deste público leitor concreto e singular para a formação do leitor ativo e includente, que ao utilizar suas fabulações e histórias de vida/de leitura, nos permite perceber a relação que estabelecem com a leitura, manifestações textuais e os diversos efeitos de sentido que são construídos nessa tríade **leitor/texto/ contexto social** onde se inserem os sujeitos da pesquisa.

Com outros fios do rizoma fomos tecendo a nossa pesquisa, observando que nesses fios cabe a poesia, a inventividade, que não exclui o método, o rigor, não perde de vista os objetivos da pesquisa, antes, o diz de um lugar outro, utilizando os recursos técnicos necessários ao conjunto da itinerância de pesquisa, os quais são necessários a todo trabalho científico.

Quisemos antes de qualquer coisa, escolher nos fios do rizoma outros caminhos que "descentrados" se entrecruzassem e fossem dando consistência à nossa pesquisa em toda a sua construção, sem com isso perder a poesia, a leveza de trazer as histórias, fabulações dos idosos, como mais um saber que emerge, "saberes emergentes", tão discutidos no contexto da pós-modernidade. Não apenas os saberes dos idosos, mas de

tantas outras ‘minorias’ excluídas e estigmatizadas, a exemplo do homossexual e do índio.

Parodiando o carteiro no diálogo com o poeta, Teodorico informa ao poeta que escrevera um livro e que não reparasse nos defeitos, pois tinha esvaziado a alma, tudo não era possível[1]. Ao que acrescentaríamos que intencionalmente corremos o risco ao escolher alguns fios do rizoma e manter vivo em nossa pesquisa o fio da poesia aliado a outros fios: do método, das técnicas, dos teóricos. Se conseguimos tal intento, não temos certeza, mas que as lacunas serão preenchimentos com o outro sujeito que colabora com o texto – o leitor – disso somos sabedores. É a partir da leitura de Dona Antônia, Dona Lina, Dona Aquilina, que povoaram meu mundo infantil e ainda povoan em meus escritos e pensamentos, que foram “puxados” outros fios para, em diferentes contextos, idades, lugares, as histórias de alguns idosos se ampliarem e dialogarem com a de tantos outros, idosos ou não, que guardam na alma o poder da vivacidade que os anos não conseguem apagar.

Ainda segundo o carteiro Teodorico no texto *Sondagem* de Carlos Drummond (1999), “Tudo é encadeado neste mundo. Ou devia ser. Uma coisa nunca acontece sozinha, nem acaba sozinha”.

Concordamos com a proposição de Teodorico, e mais, percebemos que a motivação, o desejo de traçar as histórias de leitura na 3ª idade, tinha um encadeamento, um já dito, que não aconteceu sozinho, mas foi tecido em outros acontecimentos que vão dando sentido ao existir humano e, portanto, ao fazer, quer escrevendo poemas, quer fazendo pesquisas, quer escrevendo textos de diversos gêneros textuais. O importante é o sentido que cada fazer, cada contribuição e cada partilha trazem aos outros. Eis a nossa contribuição – o registro das vozes anônimas, ou não, dos leitores da 3ª idade, que eternizadas pela escrita se materializam no relatório desse trabalho.

Continuemos, pois, a nos enredar nos fios da leitura....

---

[1] Texto de Carlos Drummond de Andrade intitulado “Sondagem”, que traz a história do carteiro e do poeta, através dos encontros semanais entre ambos ao entregar correspondências. In: *A bolsa e a vida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

1.1.Como me tornei educadora: memórias implicadas

Memórias primeiras: década de 70.

> *No processo desencadeado pela memória, há o retorno de um tempo e de um lugar outros. Produz sempre um deslocamento e alteração" (Bethânia Mariani, 1997).*

É com um olhar reminiscente, caloroso e emotivo, que relembro as minhas primeiras cenas 'brincantes'[2] como professora. Sempre professora; raramente trocava de papel com minhas colegas, as quais, freqüentemente, representavam ser minhas "alunas". Chateava-me quando queriam sair da brincadeira, pois já tinha usado minha tarde para preparar meus exercícios, minha aula 'inteirinha'. Utilizava-me da inventividade e ficava horas pensando em como reproduzir exercícios para todas (colegas) sem precisar copiá-los um a um. Pegava os carbonos de minha mãe (que bordava), e, intrigada, ia com força cobrindo as frases do exercício, a fim de que saíssem legíveis na cópia. Mas esse método não me satisfazia, por ser um exercício apenas reproduzido de cada vez. Queria que as folhas restantes também fossem copiadas. Certa vez, peguei um ferro de engomar, coloquei brasa, depois balancei ao vento até que as brasas acenderam e esquentaram o ferro. Depois dessa operação, passei o ferro na folha escrita, tendo por baixo um carbono e uma folha em branco. Para minha desolação, verifiquei que a folha em branco continuava branca. Apenas algumas manchas azuis vindas do carbono, mas as letras não eram copiadas. Frustrada, ficava a pensar em outro método de trazer uma novidade para a aula.

Após descobrir que os pedaços de louça branca (dos pratos da minha mãe), riscavam bem no chão e na madeira, utilizei-os bastante. Exultava de felicidade. Daria aula com um quadro (tábua encontrada no quintal de casa) e com giz (pedaços de louça). Pouco tempo depois, passei a usar pedaços de cal petrificados que faziam letras mais legíveis. Até que percebi que poderia catar pedaços de giz no quadro da escola, já que os

[2] Refiro-me às brincadeiras de criança nas quais representava o papel de professora, continuadamente. As brincadeiras na verdade, eram muito mais que isso, eram possibilidades reais de experienciar o gosto de ter alunos e a eles ensinar. Era de certa forma uma projeção futura que eu não saberia explicar porque tanto me atraía brincar geralmente de professora, quando poderia brincar de tantas outras brincadeiras.

métodos dos exercícios não tinham saído como planejara. (Estaria eu buscando criar meus etnométodos?).

O tempo corria célere, o curso dos estudos iam adiantando-se ao longo dos anos. Ao concluir a sétima série do 1º grau, minha mãe insistiu que teríamos que estudar em Jacobina, pois o ensino do interior não daria conta de nos formar com a qualidade que ela desejava. Além de não ter segundo grau, na vila de Itapeipu.

O sonho da minha mãe era nos formar, eu e minha irmã, em professoras, uma vez que o pai dela não permitira que ela realizasse seu sonho - ser professora. Mesmo que sua mestra da época insistisse bastante para que meu avô deixasse a filha estudar.

Em 1980, cheguei a Jacobina para estudar a 8ª série no Centro Educacional Deocleciano B. de Castro. Saindo do mesmo, em 1983, formada em magistério.

A cada final de ano, no período das férias, voltava à vila de Itapeipu e às roças de meus tios para rever parentes e amigos. Para mim, era a glória, pois eu era, para eles, um referencial e aproveitavam minhas férias para que desse aulas aos meus primos. Vibrava, alegremente. Como a família é grande, tinha ou havia vários primos na minha faixa etária e outros tantos mais novos, que estudavam na roça ou nas vilas próximas: Itapeipu e Paraíso.

Tudo acertado entre meus tios, eu iniciaria as aulas num prédio recém - construído pela prefeitura, que levava o nome de meu avô materno, Ovídio Gomes de São Paulo, o qual ficava na fazenda de um dos meus tios, o tio Nalvo. As casas dos meus parentes eram próximas umas das outras. Cerca de 40 a 60 minutos de caminhada até a escola.

Meus tios resolveram entre si que eu receberia pelas aulas dadas. Cada um daria uma quantia para a minha remuneração. Ainda não era formada, fazia o primeiro ano de magistério.

As aulas transcorriam num clima de muita amizade. Aprendizes, eu e meus primos - íamos lendo, escrevendo, contando, realizando atividades diversas. Utilizava muito o entorno da escola para solicitar-lhes pedrinhas, folhas, areia, flores, insetos. Com esses

elementos, líamos, fazíamos contas, analisávamos os vegetais, folhas, animais. Tudo dentro da minha limitação de estudante de magistério, com conhecimentos superficiais acerca do que estudávamos. Também fazia no quadro e nos cadernos deles, os exercícios rotineiros de leitura, gramática, matemática.

Fazia o melhor - trabalhava com a alma, mas é claro que me faltava experiência, estudo, para compreender minha prática inicial e limitada.

Nessa tessitura, cujos fios condutores foram ganhando cores e novos pontos, formei-me professora. Agora, com o olhar de hoje, percebo bem as lacunas, limitações, contradições, próprias de um caminhar iniciante, novo, desconhecido...

Cada vez mais faz sentido, para mim, o que afirmara Paulo Freire (1985), ao diferenciar professor de educador. Segundo o autor, professor é o profissional que dá aulas, é o técnico, o cumpridor das funções estabelecidas pelo estado, enquanto que o educador não se limita a essas funções, é mediador de sonhos e esperanças, conhece a história do aluno, age como educador; ensina para além do conteúdo, observando a condição humana como processo primeiro, e integral. Ampliando o que assinala Freire, acrescentaríamos que ser educador é em verdade a maturidade do professor que ao articular as tarefas citadas, faz não apenas as tarefas destinadas ao professor, mas educa continuadamente o ser em formação, sem deixar de dar aulas, avaliar, corrigir trabalhos, mas não o faz como uma mera função técnica e sim, aliada à condição primeira do educador a de semear sonhos, mediar esperanças e intervir no processo formativo do educadando sempre.

Acreditamos que em virtude do contexto em que estabeleceu essa comparação, a função de professor era dicotômica de educador, hoje, após tantas conquistas e ressignificações do ofício de mestre, percebemos na de forma relacional em que o todo e as partes fazem parte do processo formador de professores e alunos. Em que a técnica não tem primazia sobre o humano, ou pelo menos não deveria ter, uma vez que já vislumbramos outros cenários e espaços educativos em que as experiências de ensinar e aprender são levadas em conta, a exemplo da educação nos movimentos populares dos sem terra, dos acampamentos, dos espaços alternativos dos bairros, dentre outros.

Em 1984, com 18 anos, iniciei oficialmente minha carreira no magistério, lecionando numa escola particular como professora da primeira série. No mesmo ano, iniciei meu trabalho no colégio Municipal de Jacobina, como professora de Língua Portuguesa de 6ª à 8ª séries no turno noturno.

Foi uma experiência desafiante e singular. Quanto tive que estudar, criar minhas estratégias, métodos, e avançar ano após ano, até conquistar o respeito e a amizade de todos. Alguns alunos chegaram a enviar-me bilhetes, cartões, falando do quanto me admiravam e gostavam de mim. Tinham se apaixonado pela professora! Recebi, lia–os com carinho e respeito, mas sempre soube diferenciar os papéis. Isso não quer dizer que condene quem descobre que há uma sintonia entre professor/aluno, namoram e constroem suas relações. É natural acontecer. Conheço vários exemplos entre colegas meus da Universidade em que trabalho (UNEB), e todos estão casados atualmente.

Sei que marcas foram deixadas, dentre as quais jamais professor algum pode saber ao certo até que ponto nossos ensinamentos fizeram nossos alunos mais felizes, com maior inserção social a partir dos estudos, melhores seres humanos. As marcas de ensinar/aprender são inúmeras e transcendem à nossa análise e ao nosso olhar em meio as singularidades e subjetividades dos sujeitos envolvidos. Entretanto, a gratidão/emoção ao reencontrarmos nossos alunos e eles assinalarem para nós o quanto marcamos suas vidas e somos referência/modelo, são as verdadeiras relíquias do educador comprometido consigo e com o outro. Segundo Heidegger (2002), o ser no mundo é o ser do cuidado, uma forma de relacionar-se com todas as realidades circundantes e estar presente. Afinal, a base da existência é ser- no- mundo com – outro. Acreditando nessa premissa, é que me disponho sempre a problematizar a minha formação docente e a formação daqueles que por nós são formados. Sabiamente, Cora Coralina assinala que: "feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina."[3]

[3] Entrevista concedida à TV Educativa.[1974?]

1.1.1.O contexto e suas significações: acervos, lastros e rastros ...

Minha formação leitora – ambiências de leitura

> *"É isso a leitura: reescrever o texto da obra dentro de nossas vidas".(Roland Barthes)*

Na vila onde morei até os 14 anos, não havia muita coisa para se fazer. Às vinte e uma horas, apagavam-se luzes a motor e tínhamos que obrigatoriamente ir para casa. Às vezes arriscávamo-nos ficar um pouco mais olhando a lua, ouvindo estórias, cantando, conversando sobre as nossas vidas.(nossas e dos amigos).

No colégio, não existia biblioteca e na vila também não. A leitura então era algo muito especial, seu acesso restrito aos que podiam vir a Jacobina comprar livros. Tinha uma amiga, que era filha única. Sua mãe comprava muitas coleções de histórias do folclore brasileiro, histórias infantis, em quadrinho e outros. Sempre pedia a Jeanne que me emprestasse seus livros para ler. Devorava-os, deitada ou sentada na sala ampla e cimentada de minha casa. Como marcou minha vida! o livro *Meu pé de laranja lima*, (Mauro de Vasconcelos), também emprestado pela amiga Jeanne.

O colégio GICOITA - Ginásio da Comunidade de Itapeipu,- foi fundado em 1976 e, como informado anteriormente, não possuía biblioteca, sendo implantada apenas em 2001, conforme dados emitidos pelo corpo diretivo da escola[4]. O acervo da mesma é considerado ainda insuficiente, o que nos faz analisar que, desde a época em que lá estudei, até a data dos "dados coletados", abril de 2003, a realidade infraestrutural de promoção de leitura/formação do leitor através do acervo bibliográfico, continua praticamente sem nenhum avanço. Ampliado esse dado ao contexto brasileiro, teremos uma ratificação desse índice alarmante, uma vez que 67% das escolas brasileiras não possuem bibliotecas e 75% da população[5]é considerada analfabeta funcional.

---

[4] Dados analisados a partir das respostas dadas ao Questionário I (anexo I).
[5] Jorge Werthein. In: *Vencendo a Cegueira*. Disponível em www.cvl.clubevirtualdalinguagem.2002

O contexto educacional em que fomos formadas – eu e milhares de professoras – sinaliza os problemas existentes e as dificuldades em reverter os dados micro/macros, considerando as últimas pesquisas e avaliações realizadas por órgãos oficiais, a exemplo do SAEB – Sistema de Avaliação do Ensino Básico, PISA[6] – Programa Internacional de Avaliação de alunos que tiveram como resultados na leitura/escrita um índice considerado muito inferior, ficando o Brasil no ano de 2000, em último lugar no PISA, dentre os 32 países que participaram da referida avaliação.

Evidencia-se, portanto, que a questão do ensino/aprendizagem traz, em seu cenário, inúmeras crises, que angustiam os que fazem o quotidiano da escola e buscam, a despeito de todas as dificuldades, realizar um ensino de qualidade significativo, visando à formação do leitor ativo e autônomo que se pretende.

Segundo Nilda Alves (1988), vivemos a crise da escola na perspectiva de uma crise global ética, cultural, social, institucional, econômica e de paradigmas que não dão conta da complexidade do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que lutamos pelo resgate da categoria do magistério e pelo desejo comum de participar da construção de uma escola pública de qualidade para os excluídos, o que sempre nos pareceu ser um direito de todos.

É um convite a puxarmos os fios de nossas memórias coletivas e individuais, de mulheres, professores, mães, homens, idosos, para tecermos nossa história comum de professores e professoras que, em diferentes décadas, foram formadas e continuam "ad infinitum" em formação e em constante luta por uma escola em que a voz dos professores e seus saberes sejam respeitados, uma vez que historicamente sempre aparece alguém para falar em nome dos professores e apresentar mudanças, projetos, capacitações, consultorias. Depois da euforia inicial, o cenário volta a ser como dantes e continuam os professores a ressignificar, desafiar os problemas que continuam velhos.

Diante da problemática da formação docente, Nilda Alves (1988, p. 10) questiona: Como pode atuar competentemente quem é desqualificado em seu saber? Como conciliar a contradição entre a recomendação de partir da realidade do aluno e a "sutil

[6] Cf. www.enem.gov.br / www.inep.gov.br. Fonte: MEC/ Inep/Daeb.

recomendação" de seguir o "programa" que desconhece a realidade dos alunos e precisa ser cumprido?

A certeza que temos é de que, mesmo diante de tantas incertezas e contradições, há os que atuam no cotidiano da escola e lutam bravamente para transformá-la num espaço de partilha, respeito às diferenças, espaço de criação e constante diálogo.

No cenário micro, o Colégio GICOITA, tinha em seu quadro discente, 26 alunos, tendo ampliado para 30 no ano de 77, mais dois em 78, decrescido 1 em 1979.

No período de 1980 a 1983, o quadro discente, total era de 137 alunos, o que demonstrava uma significativa ampliação, em virtude da demanda dos alunos residentes na zona rural.

A realidade de GICOITA quanto ao quadro docente no período de 1976 a 1983 era de 37 professores, sendo 32 formados em magistério e 05 em 2° grau completo (cursos profissionalizantes). Atualmente (2003), o quadro docente conta com 09 professores, sendo 01 com pós-graduação, 02 com graduação plena, 04 com nível 02 (Curso Caxiense), 02 com nível 01 (magistério), o que indica a melhoria da qualificação no referido quadro local.

O colégio GICOITA oferece ensino da 1ª à 8ª série do ensino fundamental, numa infraestrutura considerada regular, contando com 06 salas de aula, 01 cantina, 03 sanitários, 01 quadra esportiva, 01 sala de direção.

Foi informado, pela diretoria/secretaria, que os professores mudaram de nível nos últimos anos, e, embora o colégio não conte com os serviços de Coordenação Pedagógica e nem de condições de trabalho satisfatórias, se esforçam para garantir o desenvolvimento das atividades de ensino a contento, o que confirma a reflexão traduzida por Nilda Alves, (*op. cit)*, sobre os docentes que optam por acreditar nas mudanças da escola e, por isso, continuam lutando diariamente por um ensino significativo.

Depois dessa caracterização/contextualização necessária para o entendimento local e panorâmico da situação educacional, voltemos ao colégio GICOITA nos idos de 78/79 quando um fato marcante instala uma nova fase no referido colégio, provocando uma euforia geral. Chegaram ao colégio (da vila) a coleção de Jorge Amado e de outros autores brasileiros (como não tinha biblioteca, os livros foram guardados na sala da direção). A coleção de Jorge Amado era procuradíssima por conta do livro Dona Flor e

seus dois maridos. A escola só o emprestava para quem já estava na oitava série. Eu não podia. Era leitura proibida para mim. Minha irmã lia e o escondia para que eu não o pegasse. Quando descobria debaixo da cama lia corridamente, nervosa e com medo que alguém me flagrasse. Sempre que acontecia chegar alguém, era advertida e afastada da "leitura proibida".

Com a vinda da minha amiga Jeane Ferreira para estudar em Jacobina, minha biblioteca ambulante terminara.Tinha que descobrir outra fonte. Outras amigas que tinham irmãs mais velhas morando em Salvador e Jacobina também tinham livros. Foi assim que passei a ler os livros que D. Antônia, uma senhora de mais de 70 anos, emprestava-me (avó de uma das minhas amigas). Os livros eram de uma das suas netas que morava em Salvador. Na maioria, eram romances de Sabrina, Júlia, telenovelas, livros de faroestes (livros de bolso).

Lia também as revistas de faroeste (Tex e seu amigo William) e os livros de faroeste, (livros de bolso), emprestadas do amigo Antônio Romerilson, que colecionava-os. Apenas eu e a sobrinha dele, Maria Bethânia, líamos esses livros, pois eram leituras marcadamente para meninos.

Assim, começava uma nova história na minha vida. Eu levava para minha casa de dez a quinze livros e tinha um prazo para entregar, pois eu prometia muito cuidado e também não demorar com os livros. D. Antônia sorridente dizia: "não demore muito não, que é para você me contar as histórias".

Voltava semanalmente à casa de D. Antônia e, na cozinha de sua casa, ia contando as histórias de cada livro. Os detalhes, os personagens, as tramas. Ela, imediatamente, opinava, discordava, explicava o porquê de suas idéias. Em certo ponto da conversa, ela às vezes, solicitava que lesse um trechinho de qualquer parte para ela ouvir. Absorta ouvia-a e percebia no seu semblante uma tristeza e deduzia que era porque não sabia ler o que estava escrito nos livros. Nesses instantes, ela pegava algum exemplar e folheava-o. Revelava para mim o quanto deseja saber ler aquelas histórias. Emocionávamos juntas. Conversávamos horas e horas e não percebíamos o tempo passar. Esses encontros duraram algum tempo e novas remessas de livros eram levadas e trazidas. Num dos

encontros, disse a D. Antônia, que, embora fossem outros livros, as histórias se repetiam. Amor proibido, homem másculo, castelos, cidades belas, amores impossíveis. Sempre o mesmo enredo. E, para minha surpresa ela também já estabelecia essas relações e passou a me contar uma história e mostrar que era quase igual a uma outra que eu contara no último encontro. Sem saber, estávamos analisando a nossa própria autonomia de leitor.

Na minha ignorância, não sabia que D. Antônia era uma grande leitora. E que leitora!!! Quantas inferências e lições preciosas me passava a partir dos meus relatos de leitura. Ela era leitora de mundo, de ouvido, lia[7] para além da decodificação das palavras! Ela fazia a leitura da **palavramundo**, como assinala a premissa freiriana. Construía sentido na leitura que fazia e se permitia dialogar com os autores. Discordando, concordando, reelaborando suas conclusões tal qual, nos pede a leitura.Tensão, debate, desconfiança, fruição... Os livros que líamos já não mais nos satisfaziam, íamos sendo leitoras seletas, escolhíamos as nossas leituras com a exigência de quem vai aprendendo a separar o "joio do trigo". Mas, para isso, foi preciso ler o joio e dele tirar preciosas colheitas. Foi preciso conhecer, saborear. A leitura é banquete, alimento precioso às nossas vidas.

É impossível não me emocionar ao compreender depois de tantos anos o quanto foi significativa a minha parceira de leitura para a minha formação leitora. E eu que achava que lia para ela, apenas porque dominava o código escrito. Na minha análise, eu era quem levava a ela a minha "iluminação" através das histórias. Como saía dali feliz! Primeiro, porque me sentia útil, ensinando e aprendendo ainda que não tivesse clareza do papel de leitora, conselheira e amiga que D. Antônia desempenhava na minha vida pessoal e acadêmica.

Nesse contexto singular e interiorano, tornei-me leitora com a ajuda dos livros, das pessoas, da escola, da vizinhança, da Igreja, dos avós (lia para minha avó materna antes de dormir e ela também me dizia do seu sonho de saber ler aqueles histórias tão bonitas,

[7] Concepção de leitor e leitura trazida por Paulo Freire no livro *O Ato de ler: três artigos que se completam*.São Paulo: Cortez, 1985.

como as da Bíblia, dos folhetos da missa dominical, das fotonovelas) e, em especial, da leitora amiga, que povoa carinhosamente minhas memórias - D. Antônia.

Ao vir estudar em Jacobina, as visitas a D. Antônia foram ficando cada vez mais raras, mas, sempre que voltava a Itapeipu, ia visitá-la até que, finalmente, soube de sua partida deste plano terreno, restando agora as lembranças e retornos possíveis através da memória e das marcas desses encontros tão marcantes. A saudade eterniza-se como se eterniza sua história aqui neste texto, a qual ficaria sem registro se não fosse o encontro salutar com a Etnopesquisa-formação que, como um *insight,* possibilita um retorno ressignificado a minha estória de educadora que se imbrica como minha estória de leitura e de uma iniciante pesquisadora que, inquieta por natureza, vai preenchendo as lacunas de sua formação, as quais nunca serão totalmente completadas, preenchidas, dadas a incompletude da natureza humana e da própria linguagem. Eni Orlandi (2002, p.52) afirma que: "Assim como o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela sua incompletude".

Somente quando fui realizar o curso de pós-graduação em Leitura: teoria e prática, na UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em 1996, é que uni as duas pontas da minha vida e compreendi que minhas histórias com os livros e a leitura me impulsionavam sempre a buscar e estudar sobre leitura e linguagem como projetos de vida, de implicação política, de inserção social pela linguagem. Nesse sentido, muito de minha história se presentifica e se materializa. E faço das palavras de Eliana Yunes as minhas:

> Ler é colocar-se ativamente no mundo. Ler os muitos discursos de mundo, a organização pública, os traçados das cidades, as civilizações diversas [...] implica uma aguda consciência de estar no mundo e interagir com ele"[7]

Assim me coloco no mundo; lendo a mim, aos outros, as cidades, os lugares em geral, o meu fazer pedagógico, numa atitude de permanente indagação. A partir dos acervos diários, dos acervos institucionais e sociais vamos constituindo-nos, afetando e

[7] Eliana Yunes, In: Ora, Direis, leitura! Jornal *A Tarde* 23.10.98.

sendo afetados, influenciando e sendo influenciados. Afinal, acervo é tudo aquilo que acumulamos diariamente com a cooperação do outro e que nunca se esgota. À medida que compartilhamos vamos enriquecendo mais e mais e nunca diminuirá. Nesse sentido, Nanci Nóbrega (1995, p.4) afirma que[8]:

> Se leitura é espaço privilegiado de significados, ACERVO é concretude desta significação [...] é preciso que desconfinemos os acervos trancados nas bibliotecas, nas salas de leitura, nos armários e gavetas, nas nossas almas. (NÓBREGA, 1995 p. 4)

A clareza que tenho, quando explicito aos alunos o poderosíssimo terreno da linguagem como possibilidade concreta de participação social, agudização do senso crítico, construção de sentido, defesa dos seus argumentos, a fim de fazer da sua leitura e sua escrita a sua comunicação com o mundo, me fez também fazer o curso de Letras. Às vezes percebo, com tristeza, que muitos alunos meus estão na universidade sem se darem conta do curso que estão realizando.

Assim, fica a certeza de que formar leitores, segundo Sérgio Rivero [1995?], é lidar com a afetividade e perceber que o livro está, por alguma razão, presente em nossas vidas. Ele guarda informações impressas para a posteridade, para o corpo, para a alma, tem–se no livro a possibilidade de encontros calorosos.

É exatamente por estas razões que minha história de leitora, imbrica-se com minha história de educadora e de pesquisadora. As interrogantes questões acerca do ensinar/aprender são vistas como uma atitude dialogante, portanto, compartilhada sempre.

[8] NÓBREGA, Nanci. In: *A caverna, o monstro e o medo*. Rio de Janeiro: PROLER/FBN, 1995. Col. Ler e Fazer, 4 (Fragmentos).

1.1.2. Itinerância na Universidade.

Formando professores / minha autoformação: pedaços de mim na academia

> *"Se a pesquisa é uma atividade cognitiva, então a experiência de pesquisa dos alunos dos cursos de formação de professores deve ser um exercício prático". (Kincheloe, 1991).*

Diante das configurações acerca de formação de professores, faz-se necessário contextualizar a década de 80, por fazer parte do espaço/tempo da minha formação, buscando ampliar a caracterização acerca das políticas públicas de formação docente, em que milhares de profissionais também eram formados neste país e no nosso estado, Bahia, tanto nas capitais quanto em cidades interioranas.

Em estudo recente para a sua tese de doutorado na UFBA/FACED, o pesquisador Eliseu Clementino Souza[9] (2004) faz uma cartografia bastante elucidativa sobre as políticas de formação docente implementadas na década de 80, coincidindo com a época em que me formava como professora pela rede pública de ensino.

Segundo o autor *supra,* no contexto da década de 80, cabe destaque os trabalhos de Gadotti (1987), Savianni (1980 e 1983), Libâneo (1982) e, especificamente, Mello (1982), uma vez que as perspectivas reprodutivistas e críticas da educação serviram de suporte para que diferentes pesquisadores avançassem na compreensão de diferentes processos e fenômenos educativos, dentre os quais, a formação de professores.

Os estudos realizados pelos autores citados e tantos outros, a exemplo de Candau (1983), Freire (1985), destacam a década de 80 como a que se configura pelas constantes mudanças no cenário político-econômico e social, tanto na sociedade brasileira quanto na esfera internacional, por significativas transformações que caracterizaram e sacudiram estruturas solidificadas, a exemplo da queda do Muro de Berlim, "colapso do socialismo real" e conseqüentemente a gênese das teses da crise das classes, o que denunciava, de certa forma, o fim das ideologias e da "história" como alternativas ao modelo capitalista vigente.

---

[9] O pesquisador analisa a partir das Histórias de vida, a formação de professoras da UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

Por outro lado, a emergência de uma reorganização da sociedade civil, conclamando por exercício da cidadania e fortalecimento da democracia através da esfera pública, buscando a garantia dos direitos sociais, fez fortes marcas na trajetória da formação de professores.

No Brasil, os cenários marcantes são os interesses/processos sobre a constituinte e a centralidade que geraram o debate sobre a ordem social e econômica. As eleições diretas para a Presidência da República, frente a uma ditadura militar que perdurou por mais de vinte anos, representam, finalmente, os anseios por outros movimentos sociais que se caracterizem por uma democracia popular participativa e engajada num projeto de sociedade inclusiva, no âmbito dos direitos sociais.

Pensar então a formação docente nesse bojo, implica entender as políticas de formação empreendidas historicamente na sociedade brasileira, no sentido de que as mesmas reforçam as desigualdades e contribuem para uma formação centrada na racionalidade técnica, a qual vem marcada pela consolidação da crise de identidade dos profissionais da educação e de uma respectiva descaracterização do trabalho docente.

É evidente que o acelerado desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, o debate e a implementação do neoliberalismo e da economia globalizada marcam, de forma contundente, os problemas no tocante ao desenvolvimento pessoal/profissional de professores/professoras e ratificam o movimento de crise de identidade, de profissionalização do trabalho docente.

A visão tradicional parece supor que o papel do professor muda em cada conjuntura, uma vez que as políticas públicas de formação, currículos, cursos e instituições formadoras ainda estão centradas na dimensão tecnicista de formar professores, com reflexos de visão tradicional, reduzindo a educação ao “saber fazer”.

Na visão de Miguel Arroyo (1999), os saberes e valores docentes acumulados são desprezados e ignorados nos programas de qualificação, pois quem pensa a formação docente ignora que deve partir da formação já constituída, uma vez que é preciso pensar o papel dos professores não como prático, tarefeiro, mas pensar como profissionais que têm historicamente papéis definidos na sua condição de educador.

Qual a dimensão então do formar? Qual seria o papel social do educador?

É evidente que é preciso pensar uma outra prática de formação docente, de forma que as histórias, as experiências, saberes e dizeres dos professores não lhes sejam negados. Considerar o papel social do educador pressupõe considerar sua história, identidade, seu pensar e agir produtivos, uma vez que pensar a formação docente de forma dicotômica é um retrocesso. Não seria o permanente ofício de mestre o de formar, humanizar, valores, mentes, hábitos, identidades, produzir e apreender o conhecimento?

Ainda se percebe uma educação precedente, polarizada, marcada por dois tempos como assinala Miguel Arroyo (1999) o tempo de aprender e de fazer, de formação e de ação; teoria x prática, pensar x fazer, trabalho intelectual x manual.

É ainda essa concepção que vem marcada nas políticas públicas de qualificação e formação docente.

É exatamente, nesse cenário, neste bojo de inquietações e controvérsias, que um grupo de profissionais/pesquisadores promovem no período de 16 a 19 de novembro de 1982, na PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelo Departamento de Educação, o Seminário "A didática em Questão", cujo objetivo central foi o de realizar uma revisão crítica do ensino e da pesquisa em Didática, ampliando a discussão sobre a prática educativa e a didática e a formação de educadores. Como resultado do seminário, surge um documento final que, em linhas gerais, problematiza o ensino de didática, indicando que a mesma não pode ser dissociada da questão da formação de educadores, e esta, por sua vez, se articula com a análise do papel da educação na sociedade em que vivemos, haja vista que toda prática social é histórica e, neste sentido, se orienta para a dominação ou para a libertação.

Dentre os pontos críticos do ensino da Didática, foram apontados os seguintes: conteúdo fragmentado, desarticulação entre teoria e prática, consumismo de teorias importadas, o qual é desvinculado da problemática do "para quê" e do "porquê" da atividade educacional, pressupõe implicitamente o princípio da neutralidade científica e técnica; redução ao aspecto instrumental-dimensão técnica de prática docente dissociada das demais dimensões. Daí o tecnicismo que a caracteriza. Além disso, está pouco relacionada com a pesquisa na área.

A Didática passa, neste período, por uma visão crítica, uma vez que se tem a consistência da necessidade de superação de uma visão meramente instrumental e

pretensamente neutra do seu conteúdo. Vive-se um momento de perplexidade, de denúncia e anúncio de novos caminhos, novas propostas que pensem a prática pedagógica concreta e articulada com a perspectiva de transformação social que o mundo e o Brasil vivem nos anos 80.

Neste mosaico de crises, denúncias, revisão e análise das políticas públicas, currículos, formação/qualificação docente, estamos sendo formados professores (eu e milhares de outras pessoas); cuja preocupação central, a nós endereçada, era com a eficiência técnica. Aliada a essa preocupação, há uma luta pela melhoria das condições de trabalho do profissional de educação.

Outro marco, nesta discussão, é o surgimento do III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto (1980-1985), o qual propõe uma de suas metas prioritárias o incremento da educação no meio rural. Entretanto, na prática, o distanciamento se faz evidente, uma vez que a escolarização das populações rurais não é uma questão que apenas recentemente venha merecendo destaque nos planos oficiais. Neste mesmo contexto, é produzido o documento como síntese do Encontro Nacional de Reformulação dos Cursos de Preparação de Recursos Humanos para a Educação, realizado em Belo Horizonte em novembro de 2003 e publicado no Caderno CEDES 17 – O profissional do ensino - debate sobre sua formação (1989).

Os trabalhos empreendidos na década de 80 que tematizam sobre a formação, tomando como princípio as teorizações sobre as perspectivas reprodutivistas e críticas da educação, mereceram destaque.

É fundamental reconhecer também o papel e significado exercidos pelas entidades e associações científicas, bem como pelo Movimento de Reformulação dos cursos de formação de Professores, desde a década de 80, que fez emergir diversas pesquisas sobre a revisão dos Cursos de Pedagogia, ampliando-se para a revisão dos cursos de formação de educadores, nascendo, desses fatos, a ANFOPE – Associação Nacional para Formação de Professores; reafirmando assim, seus princípios políticos em diferentes documentos, por entender que a formação de professores deve estar inserida na crise educacional brasileira.

Não é de estranhar que o cenário/contexto referente à formação de professores em relação aos aspectos referendados no PNE (Plano Nacional de Educação) sobre a

formação dos professores em relação à década de 97 e a corrida desenfreada para "otimizar" as estatísticas, nos cabe indagar: A quem interessa esse processo de formação? Formar em relação a quê? Dimensões políticas, técnicas, práticas, reflexivas, científicas?

Quais questões vêm sendo implementadas pelo MEC no tocante à formação dos profissionais da educação? A LDB – Lei de 9394/96 - estabelece outro *locus* de formação e privilegia a implantação da certificação, equivocando-se quanto à qualificação, uma vez que considerar tempo/espaço, sistematização construída pelas associações científicas de formação continuada trazem uma concepção de formar que não se reduz ao ensino, tampouco a uma listagem pontual de competências e habilidades requeridas ao profissional contemporâneo.

Há, nesta regulamentação, um descompasso e falta de compromisso apresentado pelas políticas públicas ao tratar da formação de professores, quando desvincula a pesquisa como fundante para a prática pedagógica. O próprio Curso Normal Superior é um exemplo desse equívoco, o que, conforme documentos da ANFOPE, enfraquece, sobremaneira, a posição dos movimentos sociais organizados em torno da formação de profissionais da educação. O que evidencia o atendimento aos interesses dos organismos internacionais, Banco Mundial, BIRD, priorizando a formação em serviço, em detrimento de uma formação inicial que deverá ser colocada em princípios de qualidade.

Para Eliseu Clementino (*op.cit*), deveria existir uma formação assentada à realidade da sociedade e do contexto educacional brasileiro, uma vez que, ao manter a descontinuidade entre formação e exercício profissional, reafirma-se a crise de identidade do professor, corroborando para o constante e crescente movimento de proletarização do trabalho docente, sem considerar as péssimas condições salariais e de trabalho no cotidiano das escolas.

Investir na formação de professores exige uma concepção de formar que considere políticas éticas e comprometidas com a qualidade da formação e do trabalho pedagógico/educativo, articulando sempre a pesquisa no processo formativo, possibilitando uma sólida formação teórica e não um aligeiramento da formação, como se tem presenciado em todo o país.

É claro que, ao trilharmos sobre os estudos que tratam da formação docente, embrenhamo-nos numa tessitura polifônica com embates teóricos claros, a partir de

diferentes pesquisas produzidas desde a década de 80, no que se refere ao estado do conhecimento sobre formação de professores, trazendo inúmeros princípios teóricos, práticos e epistemológicos sobre o ensino e a pesquisa. O nosso interesse, neste capítulo, é ampliar o contexto local – onde me formei professora – ao contexto geral que influenciou e definiu a minha/nossa formação docente, uma vez que como eu, milhares de docentes formados, nesta década (80), têm a formação permeada pelas referências, embates, contradições, alternativas e revisões críticas pelas quais passaram as políticas de formação docente, os currículos e as instituições responsáveis por esta formação. Somos todos, parte dessa bricolagem teórica, epistemológica, socioeconômica e cultural que não poderia estar dissociada da nossa formação, haja vista a não neutralidade do sujeito frente a tantas demandas que emergem "ad infinituum".

Cabe a cada um, revestir-se das concepções nas quais acredita e realizar, ao menos em parte, o que nos afirmou Paulo Freire (2001):

> Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. (FREIRE, 2001, p.36)

Com a certeza de que sempre estamos sendo, e nunca estaremos formados, e sim em constante formação, é que a minha itinerância na universidade foi velando/desvelando muitos sentidos da formação que recebi, a qual constantemente exige ressignificação.

Comecei minha trajetória acadêmica na UNEB - Campus IV/ Jacobina, como professora substituta. Embora já houvesse uma ligação com a mesma por ter sido aluna, funcionária da biblioteca e secretária administrativa.

O 'olhar do estrangeiro'[10] sobre minha prática docente é um esforço hercúleo para perscrutar a prática que vela/desvela minha condição humana de incompletude, mas também possibilita um olhar sob novo prisma, não mais banalizado e clicherizado, mas estrangeiro. Olhar como se estivesse vendo pela primeira vez, possibilitando assim,

[10] Expressão utilizada por Nelson Brissac.In: O Olhar. São Paulo: Brasiliense, 1983.

perceber nuances, movimentos, errâncias, nunca observados antes. Auto-reflexão profissional com implicação política que me permita não apenas **ver**, mas **enxergar.**

Um exercício prático que permite deslocar-me na tentativa de suspender os preconceitos e os sentimentos demasiados de justificativas, melindres, ao escutar sensivelmente o outro, num ato avaliativo necessário e formativo por excelência, no qual a importância, ao sinalizar falhas, lacunas, não é no sentido de desqualificar o outro e o seu trabalho, mas um movimento de olhar a partir do outro, do que dizem e pensam sobre você e seu trabalho. De como afetamos e somos afetados. É um movimento cíclico de ação/reflexão/ação, que acredito ser fundamental. Se pergunto aos meus alunos, aos professores com os quais trabalho, sobre a minha atuação, é porque estou expondo-me e querendo, de fato, saber o que pensam acerca dos questionamentos que faço. Então deverei "preparar-me" para ouvir/ler o que eles têm a dizer, caso contrário, não me arriscaria a solicitar-lhes que avaliassem o meu trabalho.

Segundo Pedro Demo (2000), a avaliação do aluno, como componente natural e necessário do processo de formação da competência deve existir ao lado da avaliação do professor no duplo sentido de auto-avaliação, mas principalmente de avaliação externa. A razão básica é a mesma: formar e recuperar permanentemente a competência, o que implicam avaliação como parte intrínseca do processo.Vale ressaltar, portanto, que é preciso ter coragem para ouvir do outro não apenas elogios, mas críticas que pontuam a necessidade de rever instrumentos de avaliação em termos de número. (Consideraram às vezes, muitos por semestre.). Outras sinalizam que os laços afetivos devem ser mais fortalecidos com todos e não com parte da turma.

Segundo Kincheloe (1997), a pesquisa-ação como *práxis* nos faz repensar, remodelar, ressignificar, a prática pedagógica como princípio fundante de uma Etnopesquisa formação centrada no *ethos.* Exploramos assim, nossa autoprodução, entendemos melhor quem somos. Permite-nos uma atitude reflexiva para as nossas vidas profissionais, motivando-nos a contextualizar os eventos que acontecem e a ordem implícita que nos conecta a eles.

Na condição de educadores, colocamo-nos à disposição para cultivar a empatia, as dores, as alegrias, os sonhos, próprios do seres humanos (alunos e professores). Aguçamos a nossa habilidade para entender as motivações nossas, de nossos alunos e colegas, haja vista que, de forma significativa, vamos analisando e melhorando nossa prática pedagógica, pois, ao aprendermos, vemos o que vemos, estamos pensando sobre o pensar, analisando as forças que moldam nossa consciência, colocando o que percebemos num contexto significativo. Segundo Kincheloe (1991), a pesquisa-ação crítica torna-se um veículo para a consciência conectada, é uma metacognição na combinação com seu sistema crítico de sentido.

O exercício do olhar é seletivo, limitado, resultado, portanto, de nossas crenças, valores, subjetividades. É claro que, nesse bojo, sabemos que os resultados mensuráveis não dão conta do processo, por ser uma visão parcial do trabalho docente, mas assinala pontos sobre os quais devemos nos debruçar para melhor entendê-los.

Os depoimentos/avaliações que seguem, de alguns alunos, servem como recorte para cada vez mais analisar a minha atuação. E sempre a partir delas, perceber que, ao formar, estamos continuadamente sendo formadas.

AVALIAÇÃO DOS ALUNOS REFERENTE AO DESEMPENHO DOCENTE[11]

"Sempre pontual, assídua, muito segura e dinâmica. Tem um relacionamento igual para com todos e apresenta-se muito motivadora do aluno".

Ana, continue essa profissional fantástica que você é. E é claro, mude para melhor. Admiro você e espero um dia ser igual, ou melhor, que você. Quem sabe???

(Ludiléia- 1º semestre de Letras/UNEB- 2001)

"Acredito que a pontualidade, a assiduidade, o comprometimento, a segurança dos conteúdos e demais atitudes em você, Ana Lúcia, contribuem e contribuíram para que seu trabalho fosse significativo. Sugiro apenas que a demanda de avaliação seja menor por causa do tempo limitado do semestre."

(Alidéia- 8º semestre- Letras - 2001).

[11] Análise das avaliações escritas realizadas a cada final de semestre letivo. (a identificação do aluno na avaliação , é opcional). Ver anexo nº 02.

"Superou todas as minhas expectativas. Foi uma das professoras mais próximas, amiga e companheira que eu tive durante toda a minha jornada. Gostaria que tivesse mais tempo para discutirmos textos e trocarmos experiências, como aconteceram nos primeiros encontros".

(Carla - Eziquiela -Letras- UFBA/FACED - 2002)

"Muito pontual, assídua, ótimo domínio do conteúdo e comprometida. Sugiro ser mais flexível, ouvir mais o aluno. Ser menos exigente".

(Aluno de Enfermagem - UESB-2000)

"Ótimo relacionamento interpessoal, ótima segurança dos conteúdos. Já tinha ouvido falar da sua exigência, e foi o que mais nos ajudou como alunos de Pedagogia. A variedade da metodologia e avaliação dá chance de reconstrução, abertura ao diálogo e se empenha em observar e analisar cada produção nossa, apesar de ser um pouco rigorosa". (*Sic*).

(Aluno (a) do Curso de Pedagogia - UESB 2000)

"Muito pontual e comprometida. Deve ser mais próxima da turma como um todo. Muito segura da disciplina - Língua Portuguesa. As avaliações foram sempre revistas/refeitas, mas é rigorosa, exigente. Discute bastante os assuntos." (*Sic*).

(Aluno (a) do 1º semestre de História UNEB – 2002)

"Grande competência, gentil, humana, inteligente".

Descobre nos alunos a raiz do saber. Aprendemos muito com você. Você nos deixou marcas profundas. Esperamos contar sempre com sua amizade e seu companheirismo. A sua passagem pela Rede UNEB 2000 deixará marcas em Morro do Chapéu".

(Trechos da avaliação de algumas professoras-alunas do Curso de Pedagogia da Rede UNEB 2000.) Avaliação realizada em 14.02.01

"Assídua e pontual. Ótima segurança dos conteúdos e dinâmica em suas atividades. Avaliação eficaz e precisa. Impecável na associação prática x teoria. Permeou muito bem a pesquisa em sala e difusão dos conteúdos".

Seu trabalho reflete uma profissional imbricada com a educação, ao mesmo tempo em que revela um brilhantismo notável. Na minha visão foi impecável. Parabenizo você e agradeço por ter me permitido captar um pouco de teu saber." (*Sic*)

(Nonato - Letras-1º semestre/2000 - UNEB)

Esses recortes avaliativos, me possibilitam, continuadamente, refletir acerca do meu desempenho, da formação dos meus alunos e da minha própria formação. De acordo com René Barbier (2000), é desvendando o vetor conhecimento empírico/aplicação prática, que conheço o mundo e vou conhecendo-me.

Os níveis de implicação considerados por René Barbier (2000), são três: o nível psicoafetivo, o nível histórico-existencial, o nível estrutural-profissional. No nível individual, o pesquisador logo se defronta com sua implicação psicoafetiva, uma vez que, na pesquisa-ação, o objeto de investigação sempre questiona os fundamentos da personalidade profunda. O desejo de saber que se investe numa atividade de pesquisa é, ao mesmo tempo, genital (preencher um vazio, fechar os espaços do não–saber) e oral (porque o saber é alimento).

A implicação histórico-existencial é exatamente pelo engajamento no aqui-e-agora de sua pesquisa, que a implicação histórico-existencial se configura. Perceber o tema ligado à sua vida e sua história, de alguma forma, revela o nível de imbricamento, portanto de implicação, cuja troca com os sujeitos da pesquisa é enriquecedora é de fato, uma troca. Essa implicação histórico-existencial refere-se também a outros fatores. Enquanto sujeito social depende de hábitos adquiridos, esquemas de pensamentos e de percepção sistemáticos, que representam um molde maleável para a minha prática científica, ligados à minha classe social de origem.

O duplo processo de interiorização da exterioridade, e vice-versa, é uma interrogação sobre os limites do ponto de vista objetivo e objetivante da pesquisa. Levar em conta o *ethos e o habitus* de nossa classe social de origem é, antes de qualquer coisa, um exercício de poder. No nível existencial, o projeto ligado à *práxis* passa por uma totalização em quatro etapas: desejo, vontade, decisão e ação. Nesse sentido, consoante o autor, a implicação histórico-existencial, em síntese, significa que, enquanto ser social, o sujeito questionador estará sempre numa relação dialética com o objeto questionado através do canal essencial da *práxis*.

O nível estrutural-profissional da implicação é, por excelência, o da mediação. De todas as mediações possíveis família, religião, política, sexualidade, jogos. A atividade

profissional e o seu princípio de realidade permitem avaliar a importância das duas dimensões já examinadas. A implicação estrutural-profissional consiste, pois, na procura dos elementos que têm sentido como referência ao trabalho social do pesquisador e ao seu enraizamento sócioeconômico na sociedade contemporânea. Nesse sentido, fica evidente que os níveis de implicação se interpenetram e agem uns sobre os outros. Há momentos em que nos percebemos na pesquisa com maior evidência num/ou nível, como por exemplo o psicoafetivo, noutro já se expressa com maior vigor o estrutural-profissional, o qual, conforme assinalamos, é o nível da mediação, avaliando as dimensões da família, da política, da sexualidade, de forma a observar a importância deles no contexto social da pesquisa, o que implica dizer que nossa pesquisa é atravessada constantemente pelos níveis explicitados, ainda que não tenhamos consciência disso.

Implicação no campo das Ciências Sociais é definido por René Barbier como:

> Engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classe [...] de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento. (BARBIER, 2000 p.120).

Sou solidária à idéia do autor exatamente porque percebo a minha implicação tanto afetiva, como profissional, ligada à minha história de vida e de leitora, bem como minha história de educadora neste projeto de Histórias de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas, conforme já sinalizamos na primeira parte ao historiar o motivo/gênese da pesquisa.

Pela explicitação nos itens Memórias primeiras, formação de leitor, fica evidente o quanto esse projeto de pesquisa é muito mais que uma simples pesquisa. É um projeto de vida que se imbrica com o meu engajamento e inquietações profissionais já delineados no item das memórias primeiras. Na primeira fase da pesquisa, desenvolvi com alunos da 5ª série da Nossa Escola Ideal, em 1998, Histórias de Leitura dos alunos da 5ª série de Nossa Escola Ideal, cujos resultados me impulsionaram ao desdobramento da pesquisa, uma vez que, em virtude do tempo restrito, não pude desenvolver a pesquisa das duas

categorias (alunos de 5ª série e 3ª idade jacobinense). Entretanto, somente com o encontro com e etnopesquisa formação (disciplina realizada no Mestrado com o Professor Roberto Sidnei) e com a idéia de elaborar um ensaio - ampliado posteriormente, neste primeiro capítulo - em que narrasse como me tornei educadora, é que percebi as minhas implicações com a pesquisa e com a minha história pessoal e profissional. Liguei as diversas pontas de minha trajetória que, de forma inconsciente, me impulsionaram na constante busca dos estudos da linguagem, mais especificamente da leitura/escritura. Daí, atar as pontas diversas do meu percurso até chegar finalmente ao item primeiro desse capítulo, que é a explicação do surgimento do tema, do desejo que a linguagem/leitura/escritura impregnam no meu viver e no meu pesquisar.

Esse estudo é um desdobramento do resultado da pesquisa realizada em Curso de Especialização (1998), cujo resultado foi o trabalho monográfico intitulado**: Histórias de Leitura dos alunos da quinta série da Nossa Escola Ideal (Jacobina-BA)[12].** Os resultados decorrentes da pesquisa realizada e supracitada nos dão, em parte, um embasamento teórico-metodológico, além de muitas reflexões e indagações que pretendemos elucidar e/ou problematizar a partir dos referenciais estudados e das conclusões preliminares registradas.

Os resultados obtidos sinalizam fundamentalmente que as memórias individuais imbricam com as memórias coletivas e desvelam que o fazer e a diversidade da realidade são de uma engenhosa complexidade, mas não se torna impossível buscar "fios e recortes", para costurá-los, cerzi-los e reconstruí-los sempre, uma vez que esse processo de (re)construção / (des)construção é contínuo e infinito.

As narrativas de alunos e professores, através de suas memórias pessoais, deixaram também à mostra traços da memória coletiva e suas implicações nas suas vidas. As influências recebidas no lar, na escola, com os amigos, dão conta de que, a partir de determinados momentos, a memória pessoal funde-se com a memória social/coletiva; prova cabal de que o homem é influenciado e influencia o mundo ao seu redor.

---

[12] Para maior esclarecimento ler Monografia final do Curso de Especialização em Leitura: Teoria e Prática.UESB, 1998 de autoria de Ana Lúcia Gomes da Silva.

As falas dos leitores pesquisados e dos pais dos alunos entrevistados apontaram, conforme consta no relatório final, para representações sociais da leitura cuja singularidade marca a história de cada sujeito com a leitura e os reflexos da escola sobre as escolhas das mesmas. Mais particularmente deixa à mostra o quanto a Escola deixa de realizar satisfatoriamente um trabalho qualificado, mas que, também, em grupos menores de docentes, já se faz notar uma constante preocupação com **ensino da leitura/escritura** e suas reflexões na formação do leitor ativo e crítico que se pretende.

A Escola, certamente, poderá contribuir muito mais com **a formação do leitor crítico que pretendemos formar.** Salientamos ainda, que nosso conceito de leitor está respaldado no conceito de Paulo Freire, trabalhado na pesquisa mencionada, que diz: "o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (FREIRE, 1985, p.11). É nessa leitura que acreditamos, na que nos move ao encontro do conhecido, do desconhecido, do dócil, do incômodo, e que nos enriquece e nos transforma de algum modo. Para tanto, se faz necessário ler tudo o que nos rodeia através do sentido táctil, olfativo, visual, auditivo, entre outros, deixando vir as memórias e as experiências passadas que fazem parte do percurso do leitor. É fazer o que nos assinala Paulo Freire: "a leitura da palavramundo" (FREIRE, 1985, p. 12). Portanto, não nos interessa apenas a leitura do texto escrito, daqueles que possuem o domínio do código escrito, mas a leitura no seu sentido macro, uma vez que ler não é ler apenas o texto escrito, mas as inúmeras linguagens a postos no mundo.

É inegável o papel da Escola na difusão da leitura; mas o resultado dessa leitura ficou restrito ao caráter informativo, pragmático e objetivo, representando o sistema vigente sem alterá-lo. Assim, a leitura realizada enquanto **reprodução**, valorizando a paráfrase do texto lido, mantendo uma recepção passiva e mecânica, cujas respostas às questões são prontas e acabadas, ligadas a questões estéreis e sem aprofundamento, não indica para nós, através dos resultados parciais, a formação do leitor ativo, que constrói o seu discurso e sentido a partir de suas leituras.

Constatamos, em nossa pesquisa, que a Escola[13] deixa de realizar trabalhos, sobremaneira significativos, ao valorizar, por excelência, os textos escritos em detrimento de outras linguagens tão ricas e diversificadas. Entendemos que ambos têm valores semelhantes e que devem ser explorados diferentes contextos com finalidades. Constatamos também, com tristeza, que, ainda que o texto escrito seja valorizado, nem sempre a seleção do mesmo prima pela qualidade da leitura escolhida. O trabalho desenvolvido com a mesma fica restrito às questões de decodificação acerca de personagens, enredos, provas escritas.

O presente trabalho parte do pressuposto que traçar a história de leitores implica fazer uma amostragem representativa e "microanalítica"[14] dos hábitos de leitura de determinados leitores, suas aptidões, abordagens dadas aos textos lidos, suas limitações frente ao texto, além da sua relação com o mercado consumidor, numa sociedade escriturária, bem como o registro das memórias pessoais que se tornam coletivas e traçam o perfil da história de leitura dos sujeitos envolvidos. Assim, questionamos: **qual o perfil dos leitores da terceira idade? Em quais aspectos as suas narrativas de vida contribuirão na leitura/escritura para se formar o leitor?**

O contato com leitores de 3ª idade na minha vida foi, sobremaneira, marcante para me impulsionar a conhecer suas histórias de leitura e, portanto, de vida, como explicitado no item minha formação leitora. Agora, de forma consciente e verdadeiramente implicada, me recordo da fala da professora Eliane Marta Santos Teixeira Lopes (UFMG)[15], ao afirmar: "Todo trabalho de pesquisa é um acerto de contas com o passado". Para mim foi como um enorme *insight,* pois até aquele momento não tinha pensado como havia nascido meu desejo da pesquisa. Aquele primeiro desejo que nos impulsiona e nos faz questionar e formular o problema que queremos investigar.

[13] Nesse caso, a escola indicada na nossa pesquisa. Outras podem também realizar essa prática, mas não temos registros, apenas indicativos a partir de um estudo feito, nesse caso, a pesquisa realizada em Nossa Escola Ideal.

[14] Microanalítica por se referir a um número específico de leitores que participarão da pesquisa e não aos leitores em geral. Claro que os resultados poderão apontar para alguns aspectos que poderão ser ampliados e/ou generalizados, guardadas as devidas proporções.

[15] In: II Congresso Brasileiro de História da Educação - UFRN, 03 a 06.11.2002.In. Mesa Redonda - Docência : formação e profissão.

Descobri que ele me acompanhava ou eu a ele, ainda que não me desse conta disso. O tema da pesquisa está diretamente ligado à minha vida e minha história como pesquisadora, educadora, leitora, nesse compartilhar dos saberes, dizeres e fazeres culturais de pessoas comuns, anônimas e singulares que muito nos enriquecem e enriquecerão. Há aí um enraizamento com o tema, seus valores, sua importância. René Barbier afirma que: "a tensão psicossociológica resultante do fenômeno ativará ainda mais a problemática do pesquisador desenraizado-enraizado que tenha rompido ou tentado romper com o *ethos* do lar e seus valores comunitários". (BARBIER, 2000 p.112).

Essa descoberta me fez atar as várias pontas de minha vida numa tessitura que permanece num *continum,* investigativo de construção de sentidos. Assim é que os estudos iniciais da Etnopesquisa formação têm me inspirado e autorizado a perceber o quanto a implicação tanto psicoafetiva quanto histórico-existencial vem consolidando minhas idéias primeiras. Embora tenha escolhido como horizonte metodológico a pesquisa do tipo etnográfica, os estudos de René Barbier quanto ao conceito de implicação tratado na pesquisa-ação foram fundamentais para o entendimento de implicação nas Ciências Humanas e, portanto, nas pesquisas interpretativas ou hermenêuticas, como é a nossa. Assim, buscaremos compreender e traçar as histórias de leituras da 3ª idade jacobinense, na certeza de que, no diálogo e na interlocução, os sujeitos–leitores envolvidos têm muito a nos revelar através de suas narrativas.

Encerramos este primeiro capítulo com a seguinte afirmação de Eni Orlandi: "quanto mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem a dizer". (ORLANDI, 2002 p.71.).

Continuemos, pois, em outros capítulos os nossos dizeres, contando com a interlocução atenta dos leitores que conosco compartilham dessa itinerância de pesquisa.

2. Mapeando a temática: Educação na pós-modernidade: um mosaico de saberes e conceitos.

> *A condição pós-moderna excludente pode possibilitar que a situação dos humilhados seja revertida. [...] O avanço das lutas e conquistas das micropolíticas provam que isto não é ingenuidade.(SIQUEIRA, 2002)*

Pensar na educação no contexto da "pós-modernidade" implica um esforço coletivo de compreender certos conceitos num movimento amplo e, ao mesmo tempo, complexo e incerto. Conforme sinaliza a epígrafe, não somos ingênuos de não saber que a sociedade tem como hegemônico o padrão do homem branco, colonizador, olhos claros, boa aparência, que exclui outros tantos que fogem a esse padrão de beleza! Entretanto, também é visível que vivenciamos, neste contexto em que se discute a pós-modernidade, o aparecimento/visibilidade às vozes das minorias: negros, homossexuais, índios, idosos, que, de forma emergente, trazem as lutas e vozes polifônicas das micropolíticas, como forma de enfrentamento dos paradigmas que consolidaram, ao longo dos anos, as metanarrativas de forma a legitimá-las. Esse esforço dos grupos minoritários se apresenta como forte alavanca, para se incluir outros saberes, dizeres, outras formas de pensar, agir e sentir, que possibilite a todos a convivência harmônica com as diferenças.

A única certeza é que vivemos uma época de incertezas, contradições, transgressões; mas, também, convivem, nesse bojo, os sistemas de crenças e valores como parte da explicação científica, por assumir os pressupostos metafísicos ocidentais. Confessamos. Nós também estamos incertos, duvidosos diante do todo ou até mesmo das partes de uma discussão tão arrojada, na qual se busca o entendimento do conhecimento, da ciência e seus paradigmas, dos conceitos de pós-modernidade, modernidade, estruturalismo, pós-estruturalismo, com marcada abrangência e complexidade.

Comecemos então pelo termo modernismo. Segundo Michael Peters (2000, p. 12) "o termo modernismo tem duas acepções. A primeira diz respeito aos movimentos artísticos dos meados do século XIX. A segunda acepção é histórica e filosófica, fazendo

referência ao termo e significando modernidade". A relação entre eles é que envolve uma ruptura autoconsciente com o velho, o clássico e o tradicional e uma ênfase no novo e no presente.

Na primeira acepção, o termo "modernismo" refere-se às transformações no campo das artes a partir do século XIX, utilizado tipicamente para caracterizar um estilo no qual o artista rompe, deliberadamente, com os métodos clássicos e tradicionais de expressões baseados nos pressupostos do Realismo e do Naturalismo.

Na Filosofia, o modernismo é visto como um movimento baseado na crença no avanço do conhecimento, desenvolvido a partir da experiência e por meio do método científico. Seu auge se dá, provavelmente, com a Filosofia crítica de Kant.

O Pós-Modernismo tem dois significados gerais. O termo pós-modernismo pode ser utilizado, esteticamente, para se referir, especificamente, às transformações nas artes, ocorridas após o Modernismo ou em reação a ele; ou em um sentido histórico e filosófico, para se referir a um período ou a um *ethos* – a pós-modernidade. No segundo sentido, pode-se argumentar que ele representa uma transformação da modernidade ou uma mudança radical no sistema de valores e práticas subjacentes à modernidade.

Os significados dos termos "modernismo" e "pós-modernismo" não são fixos ou estáveis; têm mudado historicamente, como resultado da atividade teórica, criando-se novos significados e interpretações. Seus significados são sempre questionáveis, estando abertos à interpretação, sobretudo, na medida em que, as pessoas, que estudam esses movimentos, utilizam esses termos de forma a torná-los teoricamente produtivos.

O estudioso Ermarth, *apud* Peters, (2000, p.16), ao falar da aplicação do pós-modernismo às Ciências Humanas, sugere que o pós-modernismo pode ser reconhecido por dois pressupostos centrais. O primeiro diz respeito à não existência de qualquer denominador comum – a "natureza", "Deus", "futuro" – que garanta que o mundo seja uno ou a possibilidade de um pensamento natural ou objetivo. O segundo pressuposto diz respeito aos sistemas humanos e ao funcionamento da linguagem como auto-reflexivos, diferenciados, potentes, mas finitos; sistemas dos quais dependem a construção e a manutenção do significado e do valor.

Embora muitos teóricos tratem o *pós-modernismo* como sinônimo de *pós-estruturalismo*, ou utilizem pós-modernismo como o termo mais abrangente, Michel

Peters (2000) enfatiza a peculiaridade filosófica do pós-estruturalismo como um movimento que começa na França no início dos anos 60, tendo como fontes específicas de inspiração o trabalho de dois filósofos alemães, Frederich Nietzsche e Martin Heidegger[16]. O pós-modernismo, em contraste, desenvolve-se a partir do contexto do alto modernismo estético, da história do *avant-gard* artística ocidental e, em particular, da inovação, experimentalismos artísticos que se seguiram à crise da representação que culminou com o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo. O pós-modernismo está relacionado, também, ao crescente processo de abstração representado pelo construtivismo, expressionismo abstrato, pelo minimalismo e, finalmente, pelo completo abandono de preocupação estética e o movimento, conhecido como conceitualismo.

Na verdade, percebemos que a complexidade dos termos acima relacionados se dá pela imbricação com tantas outras áreas do conhecimento, relacionando esta ruptura não apenas com a chamada "era moderna", mas com várias formas tradicionalmente "modernas" de ver o mundo. O que implica uma visão incrédula das metanarrativas, marcando assim, a modernidade.

> As grandes narrativas são histórias que as culturas contam sobre suas próprias práticas e crenças, com a finalidade de legitimá-las. Elas funcionam como uma história unificada e singular, cujo propósito é legitimar ou fundar uma série de práticas, uma auto-imagem cultural, um discurso ou uma instituição. (PETERS, 2000, p. 18).

2.1 Estruturalismo e Pós-Estruturalismo: contextualização necessária.

O estruturalismo francês tem sua origem na Lingüística Estrutural desenvolvida por Ferdinard Saussure e Roman Jakobson no período de 1958-1968.

Foram os vínculos entre Roman Jakobson, a Lingüística e a Genebra de Saussure e entre o formalismo que florescia em Moscou, que se mostraram como fatores decisivos para tornar as visões de Saussure mais amplamente conhecidas, fazendo nascer o

[16] Essa é a visão trazida pelo teórico Tomaz Tadeu da Silva ao abordar acerca do pensamento pós-moderno, quando trata da teoria crítica educacional em tempos pós-modernos. Contudo, há discordância entre outros autores ao dizer que são os trabalhos desses filósofos o marco da pós-modernidade.

"Estruturalismo" para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistira em revelar as leis internas de um sistema determinado.

O Pós-estruturalismo pode ser caracterizado, segundo Michael Peters (2000, p. 28), "como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer idéia de homogeneidade, singularidade, nem unidade".

Há, portanto, nesse bojo, uma gama de teóricos diversos que assimilam as idéias pós-estruturalistas e realizam uma construção ativa dos conceitos em diferentes áreas do conhecimento. Mark Poster *apud* Michael Peters (2000, p. 28) afirma o seguinte:

> O termo pós-estruturalismo tem sua origem nos Estados Unidos e que a expressão "teoria pós-estruturalismo" nomeia uma prática tipicamente estadunidense, baseada na assimilação do trabalho de uma gama bastante diversificada de teóricos.

Todos os pós-estruturalistas, como Lyotard (1984), Derrida (1994), Foucault (1991), tentam compreender a forma pela qual o capitalismo se transforma para não ter que agir contra suas próprias limitações, o qual governa um sistema financeiro global, evidente nas "sociedades de controle, baseados numa economia simbólica", na visão de Jameson *apud* Michel Peters (2000, p. 27).

O Pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. "É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica". (PETERS, 2000 p. 28).

Nesse sentido, podemos entender o pós-estruturalismo como interdisciplinar por apresentar-se através de diferentes correntes. Segundo Jonh Sturrock, (1986) *apud* Michael Peters, (2000 p. 28) "o pós-estruturalismo é uma crítica ao estruturalismo feita a partir do seu interior, isto é, volta alguns dos seus argumentos estruturalistas contra o próprio estruturalismo e aponta certas inconsistências fundamentais em seu método e que, os estruturalistas ignoram".

Admitimos que o pós-estruturalismo é inseparável de tradição estruturalista da lingüística baseada no trabalho de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. É de forma

ampla compreendida como o movimento do formalismo europeu com vínculos históricos explícitos, tanto na Lingüística, quanto na poética formalista e futurista.

Dessa forma, a contribuição de pensadores como Nietzsche, Heidegger, Julia Kristeva, Lyotard, Saussure, Deleuze, Jean Baudrillar, Derrida enfatiza que o significado é uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto, questionando, portanto, a suposta universalidade das chamadas "asserções de verdade".

As verdades se configuram, portanto, em construções que se definem pelo contexto, pela intencionalidade e instâncias discursivas em que se circunscrevem. Daí, percebermos as verdades como processos que *a priori* não estão dados, não são um simples afirmar ou negar, implica decisões múltiplas, porque são influenciadas por diferentes fatores: valores, contexto, interlocutores, intencionalidades, finalidades e circunstâncias, de forma a construírem sentidos potentes de poder.

2.2. A discussão pós-moderna e pós-estruturalista em educação: incertezas e busca de transformação.

Considerando a complexa tarefa de compreender a inserção da educação, nesta discussão pós-moderna e pós-estruturalista, optamos por discutir, panoramicamente, a ciência e seus paradigmas, conforme já citamos no início deste texto, a fim de fazermos um recorte acerca da prática educativa neste contexto pós-moderno, em que a provisoriedade é a marca dos saberes que buscam a superação do passado, através do paradigma emergente e de uma educação para a complexidade.

Segundo Tomaz Tadeu (1993), a discussão pós-moderna/pós-estruturalista em educação se insere num movimento mais amplo no interior da Sociologia da Educação e da Pedagogia Crítica. Esse movimento pode ser descrito como uma tendência a analisar e teorizar a educação através de uma Teoria Cultural, ao ver a educação em termos de campo político-cultural. Assim sendo, a Educação, a Pedagogia e o Currículo serão vistos como arena de lutas e conflitos simbólicos, o que implica a rejeição das grandes narrativas e de um conhecimento "universal e racionalista" ou a distinção entre a "alta cultura" e "cultura cotidiana", haja vista que a discussão pós-moderna/pós-estruturalista em educação amplia e consolida a integração entre análise e intervenção política, entre sociologia e pedagogia.

As preocupações com os conteúdos e a natureza do conhecimento passam a ser, nesse bojo, veiculadas pelas instituições educacionais com renovada e transformada ênfase.

Diante da tentativa de entendimento mais ampliado do que seja o pós-modernismo e pós-estruturalismo, permanece recorrente a questão trazida por Tomaz Tadeu. Onde estão as rupturas mais evidentes? Onde o pensamento educacional crítico deixa de ser moderno e estruturalista para tornar-se pós-moderno e pós-estruturalista?

Considerando a crítica encontrada em diversos textos e pesquisas de que temos uma educação distorcida, o currículo atravessado por uma visão ideológica da sociedade e da realidade, a pedagogia reproduzindo a estrutura social, e, ainda, uma distribuição social do conhecimento desigual, excludente, tendo suas raízes na estrutura desigual da relação de classes, perguntamo-nos: Como a escola conseguirá implementar uma educação com ênfase no paradigma emergente? Uma educação para a complexidade?

Faz-se necessária uma análise panorâmica sobre o conhecimento científico através dos paradigmas que caracterizam o avanço, o progresso e as difíceis transições epistemológicas que nos inquietam.

Segundo Boaventura Santos (1987), estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude e pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar, que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, falso e ilusório, mas que, para cada ser humano, tem um significado particular.

É exatamente neste ponto que nos movemos, uma vez que a sensação de perda aliada ao desconhecimento do que virá instala em nós a perplexidade e a angústia. Como educar integralmente o ser humano diante de tantos fossos: econômicos, culturais, sociais? Eis a pergunta que não quer calar, cuja resposta não sabemos, mas evidenciamos esforços para encontrar as alternativas que indiquem os caminhos da mudança educacional tão almejada.

O paradigma dominante que preside a ciência moderna constitui-se a partir da revolução científica do século XVI, desenvolvido até o século XVIII, estendendo-se no século XIX às ciências sociais emergentes.

É a partir do século XIX que se pode falar de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que distingue e defende um modelo totalitário.

> Esta idéia de mundo máquina é de tal modo poderosa que suas premissas transformaram-se na grande hipótese universal da era moderna: o mecanicismo científico e determinista, cujo horizonte é utilitário funcional, pragmático e positivo. Só a ciência, o conhecimento científico e seu método são fontes de verdade". (RODRIGUES, 2003, p. 456)

Fica evidente, portanto, que a dicotomia é acentuada por um modelo racional-mecanicista cuja cosmovisão traz fortes tendências de controle, mensuração, previsibilidade, transformando-se em posição hegemônica no mundo ocidental, no que se refere ao conhecimento e à ciência.

O modelo de racionalidade do século XIX estende-se às ciências sociais as quais, de forma utilitária e racionalista têm como fonte de verdade o seu método. Rodrigues (2003, p. 456) afirma que: "se quiserem aspirar à credibilidade e validade das ciências naturais, deveriam munir-se da mesma objetividade, naturalidade e racionalidade". Neste sentido, a emergência das ciências sociais no limiar do século XIX é mais afetiva. Algumas vozes levantam-se no sentido de reivindicar para as mesmas "um estatuto epistemológico e metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e sua distinção polar em relação à natureza". (SANTOS, 1987, p. 19)

Considerando que a ciência não vive apenas de triunfos, e, passado o período da síntese em que os paradigmas se mostram articulados e "estáveis", surgem problemas, fenômenos desafiantes, que exigem uma nova antítese, a qual traz uma tese com novos enfoques e possibilidades. É nesse processo dialético que a separação de um modelo até então hegemônico é superado. Segundo Rodrigues (2003, p. 457), "É a crise do paradigma que leva às 'revoluções científicas', nas quais surge o ceticismo quanto ao desempenho desse mesmo paradigma".

Segundo os teóricos da chamada pós-modernidade, é nesse processo ininterrupto de crise, especulações, transgressões, que os novos paradigmas surgem de forma a buscar o convencimento e a aceitação. É exatamente em meio à crise da racionalidade moderna que o paradigma emergente busca suas reformulações epistemológicas, partindo das possibilidades mais globais e menos fragmentárias. É a busca pelo

equilíbrio entre os saberes, entre teoria e prática, entre homem e natureza, entre essência e existência. Nesse bojo, Boaventura Santos (1987, p. 37) afirma: "o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente". Destarte, este paradigma requer muito mais que o saber científico, mas também, o social, o ético, o político e o cultural. A mudança exige o renascimento de um novo ser humano, que implicado consigo e com o outro, permita-se o caminho da errância, da dúvida e da busca da inteireza. Um sujeito que pense o ensinar/aprender a partir do humano e do cuidado com o outro.

Gomes em estudo anterior, (2003), sinaliza que a escola ainda é marcada pela comparação, desqualificação do outro, exclusão e discriminação. E por isso mesmo vários princípios devem ser lembrados a fim de fortalecer a certeza da impossibilidade de desistir, e, ao mesmo tempo, nos convidar a uma prática pedagógica amorosa, leal, política e cuidadosa em que afetamos e somos afetados diariamente.

O que seria então, educar na era pós-moderna, a partir de uma educação para a complexidade e as multirreferencialidades? Acreditamos que devemos partir da perspectiva de que educar é lidar com a vida, portanto, exige de cada um de nós a sustentação do cuidado, compromisso ético e afetividade. Estaria, portanto, "a educação ligada a processos de vida de cada ser humano, considerando as dimensões éticas e plurais do ato educativo como possibilidades de perceber a singularidade do outro" (SILVA, 2003, p. 119).

De forma sintética e objetiva, Paulo Freire (1996, p. 24) afirma que "toda situação educativa envolve: a presença do sujeito aquele que, ensinando, aprende e aprendendo ensina. Educador e educando; objetos de conhecimento (Conteúdos) e que os educandos têm que aprender e que o educador deve ensinar. Objetivos mediatos e imediatos – a que se destina e se orienta a prática educativa". Neste sentido, a prática educativa transcende ao momento no qual se realiza, exigindo que o educador imperativamente "decida", "rompa" e opte por um sujeito participativo e não por um objeto manipulado. Assim, o uso de métodos e técnicas, materiais didáticos deve estar coerente com os objetivos propostos, a ação/opção política do educador, a utopia que move o projeto pedagógico de cada escola.

Numa educação para a complexidade, o "tecer junto" é mola propulsora para um conhecimento relacional que não contradiga o nosso discurso com a nossa prática, que as

revoluções silenciosas se dêem num trabalho diário em cada sala de aula, impulsionando-nos a sair da "neutralidade aparente" para uma prática decente.

> O paradigma emergente traduz nossas crenças, nossas compreensões e nossas esperanças a respeito do que poderia ser um novo modelo para a educação; que busque novo ambiente de aprendizagem, mais adequados às necessidades de nossas crianças e ao mundo como ele hoje se apresenta, buscando reiterar, pois, um novo referencial para educação. (SILVA, 2000, p. 110).

A adesão aos novos paradigmas é, segundo Rodrigues (2003, p. 458), "como 'saltar no escuro', estes se presentificam com muitas inquietações, angústias e dúvidas. Isso ocorre pelas novas cosmovisões e imagens do mundo, as quais são decorrentes dessas fases de transição e ruptura".

Vivemos, pois, de necessidades, necessidades cada vez mais urgentes. Para nós, a principal é a de semear sonhos nos jardins humanos, nos campos das contradições, não como mero irracionalismo, ao contrário, num esforço conjunto de entendimento, conhecimento prudente, ético, para além de um novo paradigma emergente, em busca de um "paradigma civilizatório", como afirma Leonardo Boff (2000).

Enquanto homens e mulheres acreditarem em seus sonhos, haverá sempre espaço para a concretização de ações notadamente humanas. Haja vista que os homens que produzem ciência não estão imunes às contradições, críticas, até porque o que tem movido os homens até então é a competição e não a cooperação, é a quantidade e não a qualidade.

Sem sombra de dúvida, o desafio de construirmos uma nova ciência e uma nova educação implica uma nova era, mais solidária e inter-relacional, o que também implica amorosidade competente e inteligente, a luta pela transformação da escola, a qual está diretamente ligada à transformação humana, em leitura crítica da realidade e da nossa própria formação docente.

Entre tantas contradições vividas no bojo da pós-modernidade, observamos que as aspirações sociais por uma vida mais digna e mais humana se fazem presentes em diversas instâncias sociais. Assim, afirma Rodrigues (2003, p.473): "temos o resultado de um desenvolvimento notável no século XX, produzido pela ciência, mas, por outro

lado, perderam–se as noções de ética, justiça social, complementaridade entre liberdades individuais e sociais".

Todos esses sintomas evidenciam que a distribuição social do conhecimento é realmente desigual, e que a escola não apenas reproduz este conhecimento, mas é também capaz de produzi-lo como forma de ação político-cultural em que possamos operar o vínculo entre as partes e o todo, cuja potencialidade humana seja uma religação com a autonomia do educando, numa direção do educar que inclua e partilhe.

3. Pedagogia das diferenças e o educar para a complexidade: desafios e possibilidades.

A busca de caminhos para um ensino que possibilite uma aprendizagem otimizada é a grande preocupação de teóricos e profissionais da educação. Desta forma, levar em conta as diferenças pessoais e culturais dos alunos, exige um empreendimento coletivo e uma ampla reflexão sobre a prática pedagógica, em que, não apenas aponte práticas inovadoras considerando as diferenças individuais dos alunos, mas também, do professor, por entendermos que educando e educador são sujeitos da sua aprendizagem, aprendizagem esta, refletida na diversidade dos saberes de cada um, os quais vão construindo suas referências em busca da autonomia tão desejada e conseqüentemente do sucesso escolar.

A pedagogia da diferença, proposta pelo sociólogo suíço Phillipe Perrenoud (1997), explica que as pedagogias diferenciadas não voltam as costas para o objetivo primordial da escola que é o de tentar garantir que todos os alunos tenham acesso a uma cultura de base comum. Ao contrário, implica encontrar situações de aprendizagem ótimas para cada aluno.

A grande questão trazida por Phillipe Perrenoud (*op cit*) no tocante à pedagogia diferenciada é: como levar em conta as diferenças sem deixar que cada um se feche na sua singularidade, no seu nível, na sua cultura de origem? É exatamente a partir desse questionamento que o autor considera a pedagogia das diferenças como uma das formas de luta contra o fracasso escolar e as desigualdades. Entretanto, não basta nos

indignarmos e buscarmos ações imediatistas, improvisadas para solucionarmos os problemas apresentados anteriormente, pois os fatores/mecanismos que produzem o fracasso escolar exigem análise profunda. Neste sentido, quando os esforços e ações praticadas não trazem um êxito imediato, a tendência do docente é acreditar ser fatalismo o fracasso escolar e que quase nada se pode fazer para vencê-lo.

As explicações para o fracasso escolar são inúmeras, dentre elas: o patrimônio genético – traz a ideologia do dom, ainda viva nos ambientes escolares, embora vários estudos tenham mostrado que "o ambiente, o meio cultural, exercem um importante papel no desempenho do aluno" (ANDRÉ, 2002, p.13).

A segunda explicação está ligada às condições socioeconômicas da família, bem como ao meio cultural. Segundo Marli André (2002, p.14), "embora haja de fato uma relação entre o nível socioeconômico da família e o desempenho do aluno, as crenças, valores, modo de vida da família, seus meios de interação, interpretação da realidade e uso da língua, têm mais peso sobre o desempenho escolar do que seu nível socioeconômico".

A autora citada ratifica que as duas teorias partem do pressuposto de que falta alguma coisa para que o aluno tenha sucesso na escola: QI baixo, linguagem pobre, dificuldades de aprendizagem, baixa motivação, falta de ajuda da família etc. É exatamente para suprir os déficits citados que surgem, nos anos 60-70, vários programas de educação compensatória, visando suprir as carências culturais dos alunos.

É com os estudos de Sociologia da Educação, no final dos anos 70, que novas explicações para o incurso escolar são trazidas, afirmando que as desigualdades biológicas, psicológicas, socioeconômicas e culturais transformam-se em desigualdades de aprendizagem e desempenho, a partir do modo como as instituições escolares funcionam, ou pela maneira de lidar com as diferenças.

Fica evidente que discutir a pedagogia da diferença implica compreender que, para analisar o processo de produção das desigualdades escolares, deve considerar a organização e funcionamento das práticas escolares, além dos aspectos socioeconômicos e culturais.

A questão principal é: as ações diferenciadas estariam reforçando as desigualdades e a produção do fracasso escolar? Para Phillipe Perrenoud (1995), essas ações tanto

podem reforçar as desigualdades como atenuar e beneficiar os alunos. Para ele, em vez de uma *indiferença às diferenças*, deve-se falar em diferenciação intencional e involuntária. A primeira beneficia os alunos, criando alternativas para auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem; a segunda configura-se como diferenciação selvagem, ignorando as necessidades individuais, singularidades, diferenças, reforçando, assim, a produção do fracasso escolar.

Cabe aqui a discussão trazida por Dante Galeffi (2002, p.73) sobre o trato das diferenças ao afirmar que "uma pedagogia da diferença não pode aceitar o princípio da exclusão e da indiferença humanas [...] não basta apenas boa publicidade sobre a inclusão social das diferenças para se mudar a mentalidade ultramilenar da humanidade sobre o assunto".

A prática docente em sala de aula é objeto de análise da *diferenciação positiva e diferenciação selvagem* trazida por Perrenoud (1995). Na medida em que, os professores são mais afetivos, atenciosos, pacientes com alguns alunos agressivos, distantes, desinteressados, desatenciosos com outros, geram a desigualdade, pois favorecem os favorecidos e desfavorecem os desfavorecidos, acirrando, assim, a exclusão e desqualificação do outro. Portanto, não desconhecer os mecanismos reforçadores das desigualdades socioculturais existentes nos sistemas educacionais nos possibilita priorizarmos situações de aprendizagem que atendam aos diversos interesses de forma fecunda.

As pedagogias diferenciadas assumem o projeto de uma nova escola, e não apenas de uma escola nova, onde o aluno, sendo o centro do processo educativo, o professor deverá assumir o seu papel de mediador que intervém de forma afetiva, como fonte de recurso e apoio. Assume, assim, a concepção sociointeracionista do ato educativo, percebendo o ensino/aprendizagem como uma construção contínua, cujo princípio é a interação entre os sujeitos.

Educar na perspectiva da pedagogia da diferença traz como objetivo precípuo à dimensão do humano, o ensinar para compreensão, saindo da relação meramente utilitarista com o saber, inscrevendo o ato de educar na relação do todo e das partes, do sujeito "*unitas multiplex*" como afirma Edgar Morin (2001). Este sujeito é, dotado de complexidade, incompletude, limitações, mas também de infinitas potencialidades.

Desta forma, pôr em prática o ensino diferenciado é, sobretudo, vencer uma série de preconceitos e resistências, inclusive, a mais presente no cotidiano escolar: alguns alunos são mais inteligentes e bem dotados do que outros, rejeitando assim, a idéia de que o fracasso escolar é uma fatalidade.

A premissa precípua é: todos podem aprender e todos podem ensinar com qualidade. Certamente, estaremos vislumbrando a escola nova almejada por todos que acreditam numa educação com a vida em todas as suas dimensões: ética, espiritual, intelectual.

Diferenciar, portanto, pressupõe aceitar as incertezas, a flexibilidade, os erros e limitações inerentes ao ser humano.

Como afirma Paulo Freire (2001, p.164-165): "jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista".

3.1 Pedagogia das diferenças: contraposições num mosaico conceitual.

Por outro lado, uma série de contraposições conceituais trazem para o bojo da discussão da pedagogia das diferenças uma análise sociológica e política que suscitam, de fato, um reordenamento da escola frente a inúmeros estigmas socialmente herdados, uma vez que o não reconhecimento do outro gera, na pós-modernidade, a xenofobia, o racismo, as guerras étnicas, a segregação baseada nas questões de gênero, classe social, resultando em graus altos de violência.

No cenário de pós-modernidade, Phillipe Perrenoud (1995), Dante Galeffi (2002), Marli André (2002) e os autores Philip Wexler (1995) Mongardini (1990), Mestrovic (1991), Castoriadis (1992), Siqueira (2003) trazem para o mosaico conceitual pós-moderno "outros olhares" que nos impulsionam a um exercício dialético, na tentativa de compreendermos os "versos e reversos" das incertezas e contradições trazidas pela pós-modernidade, possibilitando um diálogo entre eles e o leitor.

Segundo Philip Wexler (1995), um eu pós-moderno potencialmente emergente, seria uma recomposição daquilo que chamou de "presságios" de imagem, comunicação e rede. Para ele, essas compensações primárias oferecem um guia para as diferenças no eu

das diferentes classes sociais: dividido, distante e exposto. A pergunta é: onde está o sujeito em meio a todo esse processo? O discurso pós-moderno textualiza a respeito de um eu descentrado, enquanto que, na visão pós-moderna usual, se percebe a busca de uma recomposição analítica da identidade. Segundo Mongardini (1995), o indivíduo desaparece no "fetichismo dos objetos" mas também desaparecem a "paixão moral, a religião, a solidariedade".

A expressão cultural pós-moderna consiste, como se percebe, em levar ao **extremo** o fetichismo da mercadoria. O consumo é exaltado, fazendo que o eu pós-moderno entediado busque o aumento da estimulação institucionalizada e consuma mais e mais, buscando uma compensação ao vácuo que se instala num eu dividido de acordo com a classe social e como uma defesa compensatória contra uma falta institucional – variável de acordo com a classe social. Ainda mostra uma indisposição a aceitar a autodissipação como o anúncio fácil de uma nova época a-histórica. "A identidade é formada como uma defesa contra ausências sociais, não como uma aceitação desejada" (WEXLER, 1995, p. 176).

Fica, portanto, evidente que a cultura pós-moderna continua a fragmentar e a mercantilizar, de forma massiva, a vida cotidiana, trazendo para o cenário pós-moderno uma "pluralização artificial" de modos-da-vida esteticamente moldados, conforme expressão citada por Honneth *apud* Wexler (1995), em que esvazia a subjetividade na sua motivação, de forma que a mídia eletrônica possa, de forma compensatória, instalar-se nessa subjetividade esvaziada, com suas ofertas de simulação, fazendo com que se evidenciem as ausências vividas pelo sujeito, o qual busca satisfazer-se consumindo mais e mais.

David Harvey (1989) descreve como característica pós-moderna a mesma incoerência cultural e de ruptura simbólica que transforma radicalmente a experiência do tempo para o espaço.

É um novo *tempoespaço* em que o distante está perto, ao mesmo tempo em que nos leva para o distante. Esta dialética entre o local e o global altera a nossa relação com o outro e exige de nós, num contexto globalizado, a compreensão da alteridade[17]. Sinaliza

[17] Cf. artigo de Ana Lúcia Gomes que trata do Cuidar do ser: princípios da afetividade e com-paixão.In: Arte da escrita – Revista do curso de Letras. UNEB – Campus IV.2003.

uma infinita troca em tempo real, colocando-nos em contato com diferentes modos de vida.

Para Wexler *apud* Castoridis (1995), o pós-modernismo é descrito como um conformismo generalizado em que se mistura com a fala fácil da moda, sobre o pluralismo e o respeito pela diferença e pelo outro, termina com uma glorificação do ecletismo, com um ocultamento da esterilidade e com a generalização do princípio de que "qualquer coisa vale". O que ressalta, neste contexto, a contradição presente na pós-modernidade acerca da busca da identidade, ao mesmo tempo em que prega o respeito à diferença como marca dessa nova compreensão de mundo.

O desafio, portanto, é encontrar caminhos que resistam e se instalem de forma reinventiva e dialética no sentido de (re)existir, buscando a diferença real. Seria, a nosso ver, o ponto de partida da educação, ensinar em direção à utopia num mundo tão contraditório, buscando o sentido prático do desejo existencial.

> A ênfase sobre o caráter efêmero, a colagem, a fragmentação e a dispersão do pensamento filosófico e social, espelha as condições da acumulação flexível. É exatamente neste ponto que encontramos a reação oposta que pode ser sintetizada como busca de identidade pessoal e coletiva, a busca de âncoras seguras num mundo cambiante. (HARVEY, 1989, p. 180).

Se analisarmos as contradições pós-modernas, perceberemos que, se no bojo dessas incertezas, contradições, rupturas do aprisionamento da autoridade e na ausência da mesma, alimenta o desejo da vida racionalizada, o que seria mais uma vez, uma substituição distorcida para a diferença.

> A diferença não é simples diferença, como suporia uma leitura estruturalista.
> A diferença é criada, em última instância à luz de uma experiência histórica ou de criação. (WEXLER, 1995, p. 179)

Para Siqueira (2002), embora os microgrupos hoje tenham maior expressão, liberdade e possibilidades de se manifestar, "o paradigma da hegemonia" na pós-modernidade, continua sendo do homem branco, rico e heterossexual; os que estão fora

deste paradigma, ainda são considerados “minorias”, enfrentando discriminações, ou, no máximo, sendo tolerados. Isso nos confirma o retrato controverso da pós-modernidade: trazer como questão central o respeito às diferenças. Portanto, sinaliza o estabelecimento de uma nova relação humana, cujo princípio fundante seja o reconhecimento do outro como ser integral, com o qual devemos conviver de igual para igual. Por outro lado, nos mostra que ainda convivem juntos o paradigma excludente e hegemônico dos macrogrupos. Seria então, este, o maior ganho da pós-modernidade? Expor estas contradições num movimento de confluência em busca de uma síntese? Acreditamos que sim.

A “democracia dialógica” almejada[18] por todos ainda não é o dominante na contemporaneidade, mas, considerando que o indivíduo pós-moderno será colocado à frente do outro considerado diferente, o respeito por este outro manifestarar-se-á numa vontade autêntica de envolvimento e respeito, de escuta sensível.

É inegável que a diferença tornou-se um pré-requisito da vida democrática na globalização pós-moderna. Esperamos que esteja presente nas escolas de forma a impulsionar o aprender a conviver, respeitando os saberes emergentes, cujos dizeres dos grupos minoritários tenham suas vozes disseminadas, ao invés de sufocadas.

É neste ambiente escolar plural que a habilidade pessoal de permitir a aproximação do outro signifique a empatia pelos saberes, culturas, dizeres do outro, numa interlocução com as diferentes formas de vida.

> Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar.[...]. O diferente não é o outro a merecer respeito às diferenças e obviamente aos diferentes, exige de nós a humildade que nos adverte dos riscos de pensarmos ser superior a alguém. (FREIRE, 2001, p. 136-137)

Se estamos de fato, numa **pós**-modernidade, ou se o prefixo pós ainda não significa um movimento para além da modernidade, por não ter provocado uma ruptura, uma superação da ordem hegemônica, uma vez que trazem uma configuração do capitalismo

[18] Segundo Giddens citado por Siqueira (2002), na “democracia dialógica” o reconhecimento da autoridade do outro, cujas opiniões devemos ouvir e debater, impulsionam um processo mútuo.

tardio, tendo o enfraquecimento do Estado-Nação, acumulação flexível, permeada pelas contradições produtivas e não-produtivas, é certamente, um período de transição que vai de encontro ao pensamento e as práticas modernas. Segundo Jameson *apud* Siqueira (2002, p.02) "uma realidade genuinamente histórica e socioeconômica", o que implica uma formação que se nega a canalizar os avanços da tecnociência para a polarização da condição humana, aumentando a privação de milhões. Entretanto, a marca das vozes da minoria, a presença do outro, já implica, ao menos, que a busca da transição do paradigma hegemônico é evidente. Isso é ratificado pelo próprio movimento dialético de uma cultura híbrida, em busca da articulação social da diferença.

É nesse sentido que:

> O "multiculturalismo" realça os fluxos globalizantes, modificando, ressignificando, as interações como desafio à conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar . (SIQUEIRA, 2002, p.4).

Vale salientar que o multiculturalismo, de cunho conservador, busca a conciliação das diferenças com base no mito da harmonia, o que faz com que esta construção ideológica negue que as relações entre as comunidades pós-modernas sejam marcadas por antagonismos e conflitos, reiterando assim, os estereótipos e estigmas que recaem sobre as chamadas minorias, colocando-nos frente a uma concepção estática de cultura.

Por outro lado, o multiculturalismo crítico, tendo por base a política cultural da diferença, questiona o monoculturalismo, evidencia as contradições socioculturais, fazendo vir à tona as diferenças e ausências de muitas vozes que foram caladas pelas metanarrativas da modernidade. Este multiculturalismo, segundo Holgonsi Siqueira (2002, p.4), " rejeita todo o preconceito ou hierarquia [...] constituindo-se numa fonte de possibilidades de transformação e de criação cultural, num entendimento dinâmico de cultura". Todo esse movimento de rupturas e conciliações resulta na elaboração coletiva que se reconstrói a partir das micropolíticas locais e interculturais.

Vale salientar que a tolerância é reconhecimento simplificado do outro, é reforço de sentimento de superioridade. Apenas suporta a existência do outro e seu

pensamento/ação diferentes. O que nos interessa, portanto, é o respeito pelo outro na sua condição originante e até o estímulo à diferença.

Cabe-nos então, refletir mais um pouco sobre a afirmação de Dante Galeffi [2001,? p.14] ao dizer:

> É preciso que o educador esteja a serviço do aprender a ser para além do formalismo escolar instituído, abrindo-se para o salto liberador da diferença ontológica, isto é, da igualdade originante em todas as instâncias do existir humano.

Um educar que nos permita tornar realidade todo o princípio dialógico da conversa franca, nos espaços educativos propostos pela pedagogia da diferença; o que exige de nós uma negociação complexa. Esta negociação faz parte integrante das competências sociopolíticas para uma escola pós-moderna que terá como marco o respeito ao outro, que pode e deve ser reconhecido por nós e como nós num cenário complexo em que os métodos e os instrumentos não dão conta. Para Phillipe Perrenoud (1995), "a profissionalização do professor deve ser uma resposta à complexidade das situações e às expectativas da sociedade em relação à escola".

Acreditamos que o desafio de lidar com sujeitos que apresentam diferentes ritmos de aprendizagem, experiências distintas, perfis cognitivos e conhecimentos plurais faz o professor questionar: Como darmos conta de tanta heterogeneidade? Certamente, não daremos conta, se não passarmos a pensar diferente para termos uma prática igualmente diferente, unindo o "saber-fazer teórico e prático", como afirma Laurizete Passos (2002, p. 110), o qual lhe dará suporte para atuar em realidades complexas e singulares, caracterizadas por esta época de indagações não definidas, como um todo.

Essa discussão, aqui apresentada, é para configurar no sentido macro, o contexto da nossa pesquisa, uma vez que, ao tratamos de saberes dos idosos, observando suas histórias de vida, suas fabulações, dizeres e saberes, estamos apontando esses saberes como autônomos, singulares, diferentes, mas significativos e por isso mesmo, pertinentes de serem discutidos e apresentados em várias instâncias sociais, reforçando o que foi afirmado neste mesmo capítulo por Siqueira (2002), ao apontar para a força dos microgrupos e das micropolíticas como força que emerge, ainda que o "paradigma da hegemonia" seja o do homem branco, rico e heterossexual. Daí a nossa insistência em

trazer a contribuição da pedagogia das diferenças, por possibilitar a abertura para um diálogo que permita a força constitutiva de saberes comuns, anômimos, de homens e mulheres que cotidianamente se fazem, se reconstroem, participam de forma mais acentuada em espaços sociais tidos como mais acadêmicos, escolarizados, como as instituições escolares e universidades. Os saberes dos idosos se inserem, portanto, neste contexto de contradições, riscos e estigmas, que ainda perduram nas diferentes classes sociais.

Ao tratarmos do cenário da pesquisa – a cidade de Jacobina - no item cinco deste capítulo, estaremos recapitulando esse desafio do macro com o micro para situarmos o leitor quanto as influências e reflexões desses "saberes emergentes" dos idosos no contexto geral, aqui panoramicamente delineado.

4. Velhice/ 3ª idade: mapeando a temática.

> "Somos sempre o jovem ou o velho de alguém". (Pierre Bourdieu, 1983).

Ao analisarmos a literatura disponível sobre a velhice e as fontes bibliográficas oferecidas, podemos ter uma idéia acerca do desenvolvimento do tema no campo das ciências sociais, e mais especificamente, da antropologia social.

Até 1960, praticamente não havia um estudo sociológico importante sobre a velhice e os velhos, estando toda a literatura sobre o assunto relacionada às áreas da medicina e da biologia. Entretanto, a partir da década de 60, o tema da velhice e do envelhecimento, começa, ainda que escassamente, a ser tratado pelas ciências sociais. Somente ganha visibilidade, de fato, nos anos 80 e promete importância teórica, também norteadora de necessárias políticas públicas e do cotidiano nos anos 90.

Essa emergência da temática ainda é relativa, haja vista que os idosos, na sociedade contemporânea, continuam discriminados, sendo marcados por estigmas diversos, que os colocam em segundo plano, cujos direitos ainda são bastante violados, sofrendo toda sorte de maltratos, inclusive, pelos próprios familiares, noticiados pela imprensa falada e escrita.

Por outro lado, o crescimento do contingente de idosos, assinalado no mundo e no Brasil, impulsionou a ciência, através de seus avanços tecnológicos, a propiciar maior longevidade ao idoso, aumentando a esperança de vida, o retardamento das rugas, a permanência da beleza física, entre outros aspectos. Esse quadro sinaliza para uma nova e lucrativa área – a da estética e do turismo para a terceira idade. Todavia, as principais questões continuam sem respostas: O que são os velhos para a sociedade? O que é a sociedade para os idosos? Como realmente vivem, o que pensam e desejam os idosos brasileiros? Isso porque, o benefício trazido pela indústria dos cosméticos, do turismo e da geriatria está longe de ser acessível à maioria dos idosos que figuram na estatística brasileira.

Segundo projeção do IBGE, de 1983, o número de idosos brasileiros, em 2000, chegaria a 7,6%. Conforme censo de 1991, a estimativa é termos em 2010, 9,2% de idosos. De qualquer forma, a previsão da ONU – Organização das Nações Unidas, é de que o país tende a ser o mais envelhecido da América Latina em poucas décadas[19]. Em virtude das melhores condições de vida apresentadas pelo IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, a estimativa de vida do Brasil saltou para 68 anos, o que poderá variar de acordo com a região e a qualidade de vida de cada cidadão.

Segundo Debert (1999), a velhice ganha expressão e legitimidade no campo das preocupações sociais do momento.

Nesse contexto, é imprescindível questionarmos: que significa ter determinada idade? Nesse sentido, os trabalhos de Áries (1978, 1983); têm trazido com seus estudos sobre a 3ª idade, as diferentes representações e atribuições dadas aos idosos, considerendo o dinamismo social e os valores inseridos em cada sociedade acerca do idoso, da criança e de outros grupos sociais. As funções citadas por Áries (1978, 1983) são arbitrárias em boa parte, porque nem sempre se firmam numa materialidade ou numa cronologia de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim, em relações construídas num tempo social dinâmico, mutável, uma vez que, em diferentes

[19] O ano de 1999 foi escolhido pela ONU – Organização das Nações Unidas, como o ano internacional do idoso. Cf. para maior aprofundamento, Velhice ou Terceira idade? (organizado por Miriam Moraes de Barros) RJ. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

momentos históricos, as sociedades atribuem significado específico às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade, velhice.

A idéia da terceira idade é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Quanto ao vocábulo, ele constitui um decalque do vocábulo francês adotado logo após a implantação das políticas sociais para a velhice na França.

Sua invenção, portanto, implica a criação de uma nova etapa de vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados e encarregados de definir e entender as necessidades dessa população, que, a partir dos anos 70 do século passado, em boa parte das sociedades européias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão.

> A manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados aos grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida. (BOURDIEU, 1983 p. 28).

Não há, portanto, consenso entre os autores quanto à idade específica para definirmos que o cidadão se encontra na terceira idade. Para uns, a terceira idade inicia-se a partir de 60 anos; para outros, a partir de 55 anos. Em virtude da recente extensão do percurso de vida, isto é, com o aumento da população de velhos e também de sua longevidade, já se ensaia a referência a uma "quinta idade" iniciada a partir dos 85 anos.

Para Debert (1988), há uma tendência atual à homogeneização das idades, concomitante e contraditória com o movimento de "transformação das idades" em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo, oferecendo um enorme aparato para o "rejuvenescimento" do idoso, com o objetivo claro de ampliar o mercado (lucro) que se serve da velhice e a ela serve, numa desenfreada venda do retardamento da idade.

> A velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações, nem diante de todos os projetos. A velhice é uma idade permanente e constante. (DEBERT, 1988 p. 62).

A questão da identidade geracional é complexa, pois é construída ao longo do percurso da vida de cada um, com suas diversas nuances e singularidades, em diferentes contextos e valores, numa determinada condição existencial, tais como: sexuada, racial, classe social. Assim, fixar a identidade geracional é pouco provável, dada a sua mutação permanente, mais difícil ainda, a do idoso, uma vez que é difícil o próprio reconhecimento do sujeito como sendo velho, porque a velhice é associada à decadência, muito mais do que ao tão propagado discurso da sabedoria e experiência. Além disso, há associação do idoso, a decadência física, senilidade, doenças, proximidade da morte, baixa libido, entre outros. Esses são estigmas comuns de serem ouvidos na nossa sociedade e no mundo como um todo, variando, é claro, de cultura para cultura. Por isso mesmo, todos parecem querer exorcizar a velhice.

> Reconhecem que a velhice existe, mas não é aquilo que está neles. Velho é sempre o outro. Apesar de experimentar essa ruptura violenta ao observar-se diante do espelho, vislumbra uma reinvenção, de forma a continuar no simulado que lhe faz bem. (DEBERT, 1988 p. 42).

Em virtude de todos esses aspectos, não há que se estranhar a recorrência generalizada a mecanismos de resistência ao envelhecimento. E que eles sejam desenvolvidos, principalmente pelas mulheres, a quem tradicionalmente sempre se cobrou juventude e beleza, contenção e disciplina.

Segundo Belo (1990), a questão da velhice como autoconvencimento é crucial, porque contém uma carga pesada de negatividade política e existencial, na medida em que atribui ao indivíduo toda a responsabilidade pelos problemas que possa estar enfrentando como idoso, e que são, na maioria, de caráter social e cultural, tais como exclusão dos espaços de participações econômicas.

O certo é que a condição de idade, principalmente de “terceira idade”, afeta, de forma diferenciada, homens e mulheres, uma vez que a reação ao modelo institucionalizado da velhice – velho parado, em contraposição ao velho dinâmico, traz, em seu bojo, uma série de contradições e estigmas. Se resolve participar ativamente da vida e dançar, namorar, passear, vestir-se conforme as tendências da moda arrisca-se a ser rotulado de velha/velho assanhado(a). Se faz o contrário, os estigmas são outros: confinado, parado, “morrendo antecipadamente”.

A verdade é que, se os meios de realização de vida fossem sempre adequados, garantindo a todos qualidade de vida, envelhecer-se-ia com muito mais segurança e vigor, sem se precisar confinar grupos de idosos em centros de lazer. Todos os velhos reunir-se-iam em diferentes locais, com diferentes idades, sem necessariamente recorrerem aos da mesma idade. Para nós, implica "segregação artificial" de novas formas de lazer, deixando-os privados do contato com as diferenças e multiplicidades próprias da cultura.

Vale ressaltar que não somos contra os Centros de Conivência de Idosos, ou associações diversas, que congregam as pessoas da terceira idade para realizarem diferentes atividades: cantar, dançar, bordar, costurar, estudar, aprender culinária e similares. Entretanto, no geral, são iniciativas que agem, de forma paliativa, e não dão o verdadeiro sentido à palavra conviver.

É necessário reconhecermos também que a velhice tem sua estética e sua beleza, embora o sentido da vida, o tempo vivido e o modo de viver se encontrem ritmados por outros interesses e limitações. Há a constante reinvenção das práticas cotidianas sob diferentes formas de vivenciar sociabilidades distintas, lúdicas, de lazer entre outras.

É nos diferentes domínios da vida social, nos lugares de socialização, que as referências vão sendo ressignificadas, reordenadas e rearticuladas em nome do valor da reciprocidade e do sabor da vida em todas as dimensões: espiritual, social, intelectual e cultural.

Ao percorrermos diversas leituras sobre a temática do idoso, identificamos diferentes pesquisas sobre a 3ª idade, com diferentes recortes teóricos, bem como diferentes objetivos. Dentre estas pesquisas, destacamos a tese de doutorado Mª Letícia Mazzuehi Ferreira (1994) intitulada "Folheando o passado"; a qual traz uma reflexão sobre a relação entre memória e construção da identidade social, compreendida no processo de envelhecimento. Objetiva mostrar como a memória, sempre acionada por um indivíduo inserido na contemporaneidade, apresenta-se matriciando as identidades negociadas no processo interativo cotidiano.

Outra pesquisa trata da condição do idoso nos diferentes espaços sociais, sua vida enquanto ancião que luta por uma vida decente, buscando o lazer em diferentes espaços da cidade de Salvador – BA, analisando as atividades dos Programas ou "grupos de

convivência" de idosos de ambos os sexos e quais as conseqüências principais desse encontro coletivo. A referida tese é de autoria de Alda Brito da Motta (1999) "Não tá morto quem peleia": a pedagogia inesperada nos grupos de idosos.

Uma outra pesquisa relevante é a da autora Myrian Moraes Lins de Barros (1998) intitulada "Testemunho de vida – um estudo antropológico de mulheres na velhice: perspectivas antropológicas da mulher". A pesquisa é tida como parte do momento inaugural do debate brasileiro sobre velhice. Ela surgiu a partir da convivência com problemas ligados a pessoas velhas, ou seja, sobre a velhice com que nos deparamos no cotidiano, sem nos dar conta dela. O grupo pesquisado é de mulheres com atividades não estritamente presas ao círculo doméstico, o qual possibilitou um estudo de caso que permite o levantamento de questões mais abrangentes sobre a velhice para o entendimento de uma realidade mais ampla do que a do próprio universo estudado.

A pesquisa da autora Claudiana da Silva Nogueira (2002), intitulada "A intertextualidade no discurso jornalístico sobre a velhice", busca indagar quais os sentidos da velhice e do envelhecimento construídos no discurso jornalístico e questiona como esses sentidos vêm sendo naturalizados na apresentação da velhice como uma das principais questões sociais da atualidade.

Pesquisando em periódicos diversos e no banco de Teses e Dissertações da Capes[20], conseguimos mapear algumas do nosso interesse, ou seja, aquelas cujas temáticas escolhidas sobre o idoso e o envelhecimento apresentem pontos similares à nossa, permitindo, assim, um conhecimento mais ampliado dos estudos e pesquisas que vêm sendo desenvolvidos sobre a 3ª idade na perspectiva da leitura/escrita, histórias de vida, alfabetização de adultos, identidade profissional, EJA - Educação de pessoas jovens e adultos e perspectivas de gênero, entre outras.

A pesquisa da autora Berta Weil Ferreira (2002) "Reflexões sobre a análise de 'história de vida'" enfatiza a importância do estudo de histórias de vida, mostrando a relação entre histórias de vida e a identidade profissional, procurando descobrir o que leva uma pessoa a aderir a certos valores e princípios e agir de forma profissional e

[20] Cf. para maior aprofundamento o banco de teses e dissertações no site da Capes. www.periodicos.capes.br. Consulta realizada em 24.11.03, selecionando as pesquisas semelhantes à nossa temática, da 3ª idade, conforme explicitado no texto.

pessoal, conforme estes valores. Já a pesquisa das autoras Margarita Mata Acosta e Mercedes de Agüero Servin (1996) intitulada "La educación de adultos desde una perspectiva de gêneros", busca introduzir a perspectiva de gênero na problemática atual da educação de adultos, que em termos gerais, implica um crescimento educacional da população adulta do México, buscando também compreender e melhorar as experiências das pessoas jovens e adultas, uma vez que estes estudos possuem escassa difusão. O trabalho se concentra na análise de alguns elementos da educação de adultos na perspectiva de gênero, em especial nos materiais didáticos do Instituto Nacional para a Educação de Adultos (INEA) com a finalidade de orientar a elaboração de materiais e conteúdos para as mulheres.

Outra pesquisa importante é a da autora Eulália Alves Corrêa Maurmann, cujo título é "Revolução de Problemas dedutivos de três termos: um estudo com adultos em processo de alfabetização" (1999). A pesquisa investiga a queixa comum dos professores quanto ao desenvolvimento do raciocínio lógico que, segundo eles, apresenta sérios comprometimentos no processo de alfabetização (conceitos matemáticos e leitura/escrita) especialmente nas mulheres. O método adotado foi o experimental e os dados obtidos qualitativos/quantitativos apontaram para a diferença entre esta clientela e a de crianças escolarizadas, e os esteriótipos de gêneros e sua relação com áreas de conhecimento.

A pesquisa de Mª Luzia Couto Teixeira "A lição do amanhecer: leitores numa escola da 3ª idade" (1999) é a que mais se aproxima da nossa, embora o seu público seja apenas leitor que domina o código escrito, diferentemente da nossa, que compreende como leitor tanto os que dominam quanto os que não dominam o código escrito, conforme já explicitamos neste texto.

O estudo da autora citada teve por objetivo investigar, no âmbito no Programa da 3ª Idade (UFJF) – Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, as práticas de leitura da 3ª idade, ou seja, o uso que o sujeito da 3ª idade dá à sua capacidade de ler, debruçando-se sobre a velhice desse sujeito e sobre o curso para a 3ª idade, como um caminho para traçar o perfil desse tipo de leitor (gostos, preferências, hábitos), a fim de ampliar as análises acerca das práticas sociais da leitura no Brasil.

A pesquisa da autora Jeanette Monteiro de Cnop (1999) intitulada “Produção de textos em cooperação por pessoas da terceira idade”, exposta em tese de doutorado, objetivou analisar as verbalizações, a partir do pressuposto de que a produção em cooperação poderia contribuir para o melhor nível de recepção dos textos. A análise qualitativa do material e das observações realizadas permitiu concluir que o treino em cooperação deverá concorrer com um maior número de sessões, em melhores condições ambientais, com base em tecnologias de ensino obtidas em pesquisas interdisciplinares.

A tese de doutorado da autora Carla da Silva Santana (2001): “Temporabilidade e velhice: relatos do resgate e da descoberta do tempo” objetivou refletir sobre como a temporalidade está expressa nos relatos de histórias de vida pessoas idosas, acima de 50 anos de idade, internas no asilo Lar Betel em Piracicaba-SP e participantes dos Programas de Universidade Aberta à Terceira Idade (PUATI).

A pesquisa da autora Maria Cristina de Magalhães Silvestre (2001), “Alfabetização de jovens e adultos: uma proposta para a identificação de repertório de leitura”, objetivou conhecer melhor o repertório inicial do aluno, a fim de melhor planejar/elaborar material consistente para utilização pelos docentes que atuam na alfabetização de adultos, sobretudo sobre a leitura, após identificar a análise dos resultados com o desempenho dos sujeitos no que diz respeito ao conhecimento de letras e grafia, leitura de palavras e sílabas simples e complexas, além da leitura de textos. A partir do conhecimento da natureza dos “erros cometidos”, a pesquisa indicou como resultado um material que auxilia a atuação do professor.

Pelo mapeamento feito, observamos que o interesse acerca da temática sobre o idoso vem ganhando fecundos estudos com diferentes recortes teóricos, a exemplo da psicolingüística,lingüística textual, sociolingüística conforme sinalizam os resumos das pesquisas apresentadas, os quais têm contribuído para o registro e divulgação da temática citada. A nossa pesquisa pretende ser mais uma contribuição nesse tão rico cenário que merece ampla exploração por parte de pesquisadores e estudiosos em geral, haja vista que ainda há muito a dizer e fazer no tocante ao velho na nossa sociedade.

A última contribuição oficial sobre o idoso diz respeito ao Estatuto do Idoso, fundamentado na Lei nº 10.741 de 2003. O projeto foi sancionado pelo presidente da

República – Luiz Inácio Lula da Silva – no dia 1º/10/2003 e transformado na Lei citada no dia 03/10/2003 publicada no Diário Oficial da União[21].

O referido estatuto define o idoso brasileiro a partir dos 60 anos de idade e estabelece como dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar-lhe, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Quanto à educação, o estatuto reza que a questão do idoso passará a constar nos currículos escolares, contribuindo para uma formação de uma consciência social de respeito aos idosos desde a infância e adolescência.

A inclusão do idoso nos currículos escolares representa um avanço e nos permite perceber a perspectiva de que a inclusão se torne real, e não apenas teoria e discursos de diferentes segmentos sociais. Vale ressaltar, entretanto, que, a depender de como se dê esta inclusão, os avanços na prática podem não ser tão significativos.

Um outro aspecto que nos deixou perplexos diz respeito ao que o Estatuto transforma em crime, cuja penalidade vai até 12 anos de prisão. Esta perplexidade se configura pelo seguinte aspecto: consideramos obrigação de todo ser humano o respeito ao idoso pela simples razão de ser humano e, como tal, merecedor do nosso respeito, carinho e atenção. O que aparentemente parece ser um avanço, é um retrocesso social, pois necessitou ser previsto em Lei o seguinte texto:

> As penas vão até 12 anos por maus-tratos às pessoas idosas; por exemplo, a discriminação no acesso a operações bancárias ou a transportes públicos, pode variar de 06 meses a um ano, além de multa. Quem desdenhar, humilhar ou discriminar pessoa idosa por qualquer motivo. (PAIM, 2003, p.02).

Evidenciado está, portanto, que a sociedade transforma em Lei o que para nós simplesmente deveria ser uma ação diária que represente o grau de consciência de um povo. Paradoxalmente, percebemos que tratar bem, respeitar, ter carinho, demonstrar afeto ao idoso não é uma ação/atitude espontânea, nem representa o grau de civilidade

[21] Para maior aprofundamento consultar o site www.interlegis.gov.br. Estatuto do Idoso na íntegra.

do cidadão; ao contrário, será precisa a força da Lei para que o ser humano perceba o outro como um ser integral, bem como seu próximo, cujo respeito ao mesmo é essencial.

Seria de fato a concretização de nossos anseios se os termos *afetivo inclusivo* e todos os demais adjetivos, semanticamente pertencentes ao mesmo campo, deixassem de existir, pois simplesmente soariam estranhos e desconexos. Neste dia, o adjetivo inclusivo seria excedente no nosso vocabulário, pois já estariam presentes em nossas ações os atos de incluir todos sem precisar de nenhum acréscimo que o justificasse.

Enquanto esse tempo não vem, estamos escrevendo sobre tal fato, constantemente, em busca da **palavra-ação**. Esperemos que este dia esteja tão próximo quanto o tempo presente – o agora.

Segundo Sueli Rocha [2003], o adjetivo inclusivo sobrará, porque em nosso imaginário, **na lei e na prática** já estará claro que, nesses vocábulos, já estará implícita a expressão **para todos**.

5. O Cenário da pesquisa – Jacobina no Contexto dos saberes emergentes.

Contextualizar nesta pesquisa a discussão presente na contemporaneidade sobre a pós-modernidade, a pedagogia das diferenças, os saberes emergentes, é um indício marcante do impactante processo de globalização no mundo e seus reflexos nas macro e micropolíticas, e, na vida humana, redimensionando valores, crenças, hábitos, interferindo quer conscientemente ou não, no modo de viver do homem inserido neste contexto.

Segundo Tomaz Tadeu (1993), "a condição pós-moderna é definida por idéias mais gerais sobre a caracterização social, econômica e cultural de nossa época, principalmente pela negação de pressupostos epistemológicos descritos pelo pensamento moderno (a crença na razão e no progresso, no poder emancipatório da ciência)". Nesse sentido, o pensamento pós-moderno representa uma reavaliação crítica dos modos modernos de pensamento, questiona as rígidas dicotomias criadas pela modernidade no tocante a realidade objetiva e a experiência subjetiva, o fato e a imaginação, o secular e o sagrado, o público e o privado. Neste cenário pós-moderno, percebe-se uma reação intelectual e moral contra a "camisa de força cartesiana que impusemos a nós mesmos".

Essa é a tônica presente nos discursos de muitos teóricos que discutem a pós-modernidade e que citamos na parte primeira deste trabalho no item sobre a Educação na pós-modernidade, uma reação contra as dicotomias, a exclusão, os estigmas diversos.

O evento do ciberespaço, dos saberes emergentes, está definitivamente transformando as condições de vida em sociedade, pois cada novo nó na "rede de saberes" em constante extensão, promove informações imprevisíveis.

Segundo Pierre Lévy (1998), o ciberespaço é uma profusão e um labirinto, pois a universalidade traz uma transparência labiríntica, que o autor chama de "universal sem totalidade", cuja mobilidade e fluidez acolhem todas as opacidades de sentido.

Ora, se saberes emergentes estão proliferando sem fronteiras, os mitos, as crenças, os modos de vida, estão sendo reconfigurados nos seus contextos locais. Ao tempo em que dissemina padrões, universaliza as informações, emergem sentidos diversos, os saberes emergentes, ganham tons e cores, singulares, conforme os espaços onde emergem, os grupos que se articulam, trazendo, pois, razões próprias para existirem.

É neste contexto, que o global e o local dialogam e permutam entre si uma diversidade constitutiva. É importante, neste cenário, sabermos conviver com as diferenças, com as incertezas, com a (des)ordem, que de certa forma desestabilizam práticas acadêmicas ou não, já consolidadas, flexibilizando abertura de espaços para reflexão não-padronizados, no qual o diverso e o aleatório possam ser acolhidos, onde razão e emoção possam conviver, onde convenções e intenções se entrelaçam e "dado" e "novo" emergem pela necessidade dinâmica de circularidade do saber. Dentre esses saberes emergentes, tivemos as histórias de leitura dos idosos, que, no contexto local da cidade de Jacobina, se faz publicizar no cenário maior, nos "espaços" que circundam ao nosso redor.

Acolhermos esses saberes trazidos pelos idosos é estar atendendo ao diálogo convidativo da *pós-modernidade* que busca catalisar e disseminar o convívio na diversidade – os saberes emergentes da 3ª idade jacobinense através de suas fabulações e histórias de leitura. Sem sombra de dúvida, a contribuição da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais no ano de comemoração dos seus 75 anos, ao propor a realização da 3ª semana do conhecimento, no mês de novembro de 2004, escolhendo

como temática central "Saberes Emergentes"[22], a qual busca traduzir o permanente processo de inquietação e reconstrução vivenciado pela comunidade universitária, por entender que a temática selecionada coloca em debate convergências e discrepâncias entre conhecimento científico e fé religiosa, integra ainda indivíduos e saberes circulantes dos vários segmentos e instâncias sociais, inclusive da UFMG, que se compromete com os valores científicos e sociais, seus múltiplos olhares e dizeres, conforme registra no texto que justifica a temática escolhida. Exatamente por dialogar com a nossa proposta e a nossa necessidade de dar visibilidade aos saberes dos idosos, se faz necessário conhecermos panoramicamente, o cenário da pesquisa, Jacobina e seus idosos.

Outro evento que marca a discussão sobre os saberes emergentes foi o I SIES- Seminário Interdisciplinar de Estágio Supervisionado do Campus IV/ UNEB[23], realizado no período de 17 a 21/05/2004, com a temática "A formação docente no Contexto dos paradigmas emergentes", que dialogou com os resultados de pesquisas dos Cursos de Letras, História e Geografia, como atividade do Estágio Supervisionado, oferecendo cursos de extensão à comunidade, contemplando entre suas clientelas: idosos, movimentos de mulheres, entre outras, contribuido assim, para o reconhecimento da diversidade, fazendo com que a instituição integre-se cada vez mais com a comunidade, discutindo nesse bojo a formação do pesquisador na graduação, comprometido com um recorte especial na construção do saber, consagrado pelo pluralismo das discussões que agrupa os três aspectos fundamentais da vida acadêmica em uma universidade pública: ensino, pesquisa e extensão.

[22] Para maior informação ver o site www.ufmg.br, na página da 3ª Semana do conhecimento.

[23] Para maior aprofundamento ler cadernos de resumos do I SIES - Seminário Interdisciplinar de Estágio Supervisionado. Jacobina, Artes gráficas, 2004.

5.1. O cenário da pesquisa, os idosos e os saberes emergentes – uma interface plural.

A pesquisa de campo das histórias de leitura dos idosos jacobinense foi realizada na cidade de Jacobina, estado da Bahia, localizada no Piemonte da Chapada Diamantina (segundo classificação do SEI / SEPLANTEC), na zona noroeste, a 330 km de Salvador, capital do estado.

O clima da cidade é oficialmente o semi-árido, mas devido a umidade da mesma, já que está entre as cidades mais úmidas do semi-árido, o seu clima predominante é o semi-úmido, com um índice pluviométrico de pouco mais de 700 mm (igual ao de Paris), sendo ultrapassado apenas pela cidade de Caém que é pouco mais úmida, localizada a 30 km de Jacobina.

A cidade é conhecida como a Cidade do Ouro e também cidade Presépio, uma vez que é uma cidade "intermontana" situada nos contrafortes das serras de Jacobina. Fica num vale, rodeada por belas e enormes serras, dando-nos a imagem dum rico santuário: presépio natural.

A população de Jacobina é de aproximadamente 76 mil habitantes de acordo com o senso realizado em 2000[24]. Historicamente, Jacobina desde a sua criação em 1720 teve como base econômica a mineração (ouro principalmente), tendo a indústria extrativa direcionada para o setor mineral, sendo o comércio atacadista e varejista um peso expressivo na renda municipal. De acordo com o Plano Diretor (1999), Jacobina é considerada uma cidade boa para se viver por 46,7% dos entrevistados. É nesse cenário de serras, vales, cachoeiras, com pessoas diversas, que a pesquisa foi desenvolvida. Dos idosos participantes da pesquisa, sete são participantes do Centro de Convivência do Idoso, situado na Avenida Nossa Senhora da Conceição, no bairro da Caeira, cujos objetivos essenciais da instituição são: promover a socialização entre os idosos, realizando atividades que proporcionem o bem-estar físico e psíquico, e o lazer, de forma a sentirem-se úteis à sociedade e felizes consigo mesmo.

[24] Fonte: IBGE / DPE / Censo 2000. Disponível no site www.ibge.com.br.

O Centro de Convivência dos Idosos foi fundado em 25/02/2000 na gestão do Prefeito Municipal Dr. Leopoldo Moraes Passos, tendo como primeira dama a senhora Valdice Castro, até então diretora da referida Instituição.

Abrigou em seu 1º ano de fundação cerca de 50 idosos. O referido centro atualmente possui cerca de 240 participantes de ambos os sexos (cadastrados, fora os que vão esporadicamente). A idade permitida para ingresso no centro é de 60 anos, podendo freqüentar os chamados idosos precoces, que freqüentam o centro por se sentirem solitários e com depressão.

Por se tratar de uma instituição sem fins lucrativos, é subsidiada pelos recursos municipais e estadual, além das doações particulares. Alguns profissionais que realizam atividades diversificadas com os idosos são colaboradores/ voluntários, não recebem "*pro labore*", salvo as contratações temporárias pela prefeitura, para projetos a serem realizados com os idosos, além da professora concursada pela prefeitura.

Quanto à infra-estrutura o Centro de Convivência, pode ser considerado muito bom, pois as instalações são bem ventiladas, limpas, novas, com salas ambientes para ginástica, bordado, dança, cursos (leitura e escrita), costura, sala de aula, área de lazer, salão de beleza, copa, cozinha, todos bastantes organizados, arejados, limpos e bem iluminados[25].

Neste espaço do Centro de Convivência, realizou-se a pesquisa de campo com os sete sujeitos-leitores que durante vários meses, (des)velaram-se a cada conversa, (entre)vistas e encontros.

Considerando os dados oficiais sobre os idosos brasileiros e seus perfis, percebemos que a 3ª idade jacobinense também se enquadra no perfil apresentado pelo Censo 2000[26], salvo algumas particularidades.

Entre as capitais brasileiras, Rio de Janeiro e Porto Alegre se destacam com as maiores proporções de idosos representando respectivamente, 12,8% e 11,8% da população total nesses municipios. Em termos absolutos, o censo contou com quase um

[25] Dados fornecidos por Simone Souza da Silva Carvalho, funcionária do Centro de Convivência dos Idosos em entrevista realizada em dezembro de 2004
[26] Fonte: IBGE / Perfil dos Idosos / Censo 20004.

milhão de idosos vivendo na cidade de São Paulo, registrando o menor número no Maranhão.

Analisando-se cada área isoladamente, observa-se que em 1991, 45,8% dos idosos responsáveis que viviam na área urbana, recebiam até um salário mínimo, passando em 2000 para a proporção de 39,8%. Já na área rural, a proporção de idosos responsáveis que recebiam até um salário mínimo, passou de 72,3% em 1991 para 65% em 2000.

Embora a renda proveniente do trabalho seja, em geral, responsável pela maior parte da renda familiar, os dados mostram que em relação aos idosos, os rendimentos da aposentadoria representavam o principal componente de renda (54,1%).

Nas áreas rurais, ainda sobre o rendimento, a diferença mais significativa é da região Norte, cujo rendimento dos idosos rurais do Amazonas, corresponde a 54% do mesmo rendimento de Rondônia. Em seguida, a região Sudeste, apresenta em média 63,7% (idosos do meio rural de Minas Gerais). Já as regiões Sul e Nordeste apresentam maior homogeneidade entre as Unidades da Federação. Entre as regiões, também há desigualdades, o menor rendimento em áreas rurais do Nordeste é de (R$ 198,00 reais), o que equivale a 36,3% do rendimento na área rural das regiões Sul e Sudeste. Os estados do Nordeste têm menores rendimentos, com destaque para o Maranhão, onde os idosos recebem, em média R$ 287,00 reais.

Jacobina não fica tão diferenciada desses dados, haja vista que os idosos da nossa pesquisa são aposentados e recebem R$ 261,00 reais mensal, conforme a correção atual do salário mínimo, sendo, portanto, a aposentadoria, a principal renda dos mesmos.

Os dados também revelam um quadro de disponibilidade no tocante aos domicílios dos idosos. Em dados do Censo de 2000, 56,8% dos domicílios possuem saneamento adequado, isto é, com escoadouros ligados à rede geral ou fossa séptica, com água proveniente da rede geral e com lixo coletado. Em 2000, essa proporção de 56,8% representou um aumento de 26% em relação a 1991. Na região Norte o índice de saneamento atinge apenas 24%, acirrando assim, as disparidades regionais.

Em relação à educação, o censo revela um aumento de 16,1% na alfabetização de idosos no país. Considerando esse percentual, fica evidente o divisor de águas nas regiões Norte e Nordeste, sendo, portanto, um percentual pouco significativo em relação ao total geral do país.

É nesta interface plural de discrepâncias socioeconômicas, crenças, valores e saberes que os idosos jacobinenses trouxeram através de suas sapiências, suas histórias de vida/de leitura, as memórias passadas, o devir, o sonho e as esperanças de que o idoso seja cada vez mais valorizado socialmente, pessoalmente e, de fato, traduza os seus anseios de forma articulada em prol de uma vida mais digna e mais feliz.

Os idosos com os quais trabalhamos retrataram seus perfis, sonhos, medos, limitações, acolhidas por nós como potencialidades e características humanas que nos formam ao longo do tempo da existência. No item perfil dos leitores da 3ª idade, os mesmos foram melhor (des)velados para nós: pesquisadores e leitores. Portanto, confiram ao longo do trabalho.

Sem qualquer pretensão de esgotar tão rica temática dos saberes emergentes, buscamos entrelaçar os fios entre o local e o global, a fim de que possa emergir em diferentes e propícios ambientes, a circularidade dos saberes dos idosos, dos índios, da rezadeiras, dos ciganos, dos homossexuais, das crianças, numa rede polifônica que se traduz em desafios cotidianamente materializados.

Segunda Parte - O tripé da pesquisa: Caminhos teóricos, afetivos e metodológicos: imbricações necessárias

> "Todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto". (Leonardo Boff, 2002).

6. A metodologia da investigação - itinerários percorridos.

A partir do problema em estudo, e considerando os tipos de pesquisa qualitativa existentes, optamos por percorrer o itinerário do paradigma interpretativo, uma vez que se percebe e entende a realidade como uma construção de sujeitos, conflituosa e contraditória, com interações e representações, cujas relações multirreferenciais refletem as relações histórico-sociais com interesses múltiplos, individuais e coletivos.

Para que situemos melhor o *locus* do nosso trabalho, é fundamental explicitarmos os conceitos com os quais trabalharemos. Ao tratarmos de **História de Leitura,** estaremos utilizando o conceito de Robert Darnton (1990 e1995). Para ele, toda História tem uma Leitura, mas como recuperá-la? Apesar de uma volumosa literatura sobre a psicologia dos leitores, textologia, fenomenologia, a leitura continua sendo misteriosa. Como os leitores entendem os sinais na página impressa marcando o texto? Quais são os efeitos sociais dessa experiência? A história de leitura terá que levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto.

Se é possível retomarmos grandes releituras do passado; por outro lado, deveríamos reconstruir boa parte do contexto social da leitura. Ao discutirmos **Memória**, estaremos fazendo a partir dos estudos de Eni Orlandi (1993), ao explicitar sobre os discursos fundadores e memória, o faz a partir da perspectiva da Análise do Discurso, tendo como subsídio os estudos de Pêcheux (1988). Para Eni Orlandi (1995, p.12) "a memória histórica se faz pela filiação, aquela na qual ao significar, nos significamos". No alargamento do sentido, **História e Memória,** utilizaremos a abordagem de Jacques Le Goff. (1996 p.423). Ele afirma que:

> A memória como propriedade de conservar certas informações às quais o homem pode atualizar informações passadas, ou que ele representa como passadas. [...] o processo da memória faz intervir não só a ordenação dos vestígios, mas a releitura desses vestígios. Com o desenvolvimento da escrita estas 'memórias vivas' transformam-se em arquivistas.

Em relação à **História de Vida,** teremos como suporte o próprio Le Goff e Clifford Geertz (1989).Geertz (1989, p.31) assim se pronunciam:

> Na descrição etnográfica o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida, que consiste em tentar salvar o dito num discurso, com a possibilidade de fixá-lo em formas pesquisáveis.

Salvar o dito no discurso, fixá-lo para interpretar, foi o nosso propósito ao ouvir as memórias e fabulações dos idosos, conforme Le Goff e Geertz *op. cit* sinalizam como tarefas do etnográfico.

O objeto de estudo utilizou como suporte transversal em todo o trabalho, a história oral, reconstruindo a partir das histórias de vida e de leitura dos sujeitos-leitores, reflexões, debates, escuta sensível, que nos permitiu compreender cada história, a partir

da cultura oral numa perspectiva do sujeito inserido historicamente no processo, Esta oralidade, a qual nos referimos e fizemos uso no transcorrer da itinerância da pesquisa de campo, trouxe-nos, à tona, valores e descobertas diante da perspectiva não-linear da escuta, mas, em especial, cujas incompletudes, lacunas, não-ditos, foram sendo significados ao longo das entrevistas, dos círculos de leitura, das análises das produções gravadas a partir das entrevistas, ratificando ao pesquisador, o princípio formativo de que as verdades não são absolutas, fazendo-se necessárias as relativizações das "descobertas" diante do objeto de estudo, buscando assim, a triangulação das fontes Orais, Escritas, Icônicas, que se apresentam como elementos norteadores da nossa análise.

Neste contexto, alguns autores com os quais dialogamos, de forma fecunda, bricolada e multifacetada, foram:

Bosi (1983), Pêcheux, (1983), Darnton (1985 1990) Freire, (1985), Maingueneau (1989), Burke, (1992), Pulcinelli (1993), Certeau (1994), Chartier (1994), Silva, (1995), Iser, (1996), Le Goff (1996), Geertz (1998), Bakhtim, (2002).

O caminho da nossa metodologia traz como matriz o viés antropológico, uma vez que a Etnografia, como modalidade de investigação, tem como foco de análise a descrição do real cultural de um grupo e busca extrair os significados que emergem nas mais diferentes situações.

É exatamente com real interesse nos saberes dos idosos jacobinenses, que nos propusemos optar pelo recorte etnográfico como possibilidade de um "ponto de vista", fecundo, como afirma Leonardo Boff na epígrafe, entre tantos outros, uma vez que, as considerações levadas pela nova historiografia se interessam por toda atividade humana. A base da Nova História é a idéia de que a realidade é social ou historicamente construída. Peter Burke (1992 p. 227) afirma: "toda história depende do seu propósito social, devendo levar em conta, portanto, as experiências de vida do informante, as suas reminiscências pessoais".

Considerando que o etnográfico:

> Inscreve o discurso, o discurso social, e o anota, e ao fazê-lo, ele transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em relato que existe nas suas inscrições e que pode ser consultado novamente, é na verdade, a análise cultural, a partir do mapeamento de uma paisagem incorpórea. (GEERTZ, 1998 p. 29).

Fica evidente, portanto, a nossa escolha metodológica e sua pertinência, haja vista a nossa proposta de estudo que será explicitada de forma mais detalhada nas páginas seguintes.

Nesse sentido, as fontes orais (entrevistas) foram utilizadas para, através das narrativas coletadas, analisarmos **os seus ditos e não ditos**, os seus efeitos de sentido. Entrevistamos um número específico de idosos (em Jacobina), de diferentes níveis sociais e de escolaridade, diferentes concepções religiosas entre outros aspectos pertinentes.

Procurou-se compreender, interpretar e explicitar como os sujeitos envolvidos constroem a sua relação com a leitura, sua convivência ou não com textos escritos, o conhecimento adquirido com as diversas práticas leitoras e sua reflexão como leitores, bem como sua imbricação na comunidade na qual estão inseridos, a fim de que o leitor acompanhe de forma clara a nossa trajetória / itinerância ao longo da pesquisa.

Considerando a nossa opção teórica, cabe-nos explicitar com maior abrangência, sobre a antropologia interpretativa, contextualizando neste bojo a etnografia no seu sentido etimológico e, ainda, explicitar um outro fundante da etnografia – a fenomenologia.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente, a etnografia significa "descrição cultural".

Para os etnógrafos, o termo tem dois sentidos: primeiro - um conjunto de técnicas usadas para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; segundo: um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. Daí, afirmarmos que, ao se trazer a etnografia para a educação, realiza-se um 'recorte etnográfico', e não uma etnografia no seu sentido estrito, o qual, segundo Wolcott, *apud* (MENGA LUKE, 2001) requer uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas, e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados. Para ele, realizamos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito.

As técnicas etnográficas eram utilizadas até antes da década de 70 quase exclusivamente pelos antropólogos e sociólogos. Mas, a partir de 70, os pesquisadores da

área de educação começaram a fazer uso dessas técnicas, dando lugar a uma nova linha de pesquisa chamada **etnográfica ou antropológica**. A utilização desses termos, no entanto, deve ser feita de forma cuidadosa, haja vista que o processo de transplante para a área de educação sofreu adaptações.

Segundo Clifford Geertz (1997), há dez anos, sugerir que fenômenos culturais pudessem ser tratados como sistemas significativos, capazes de pressupor questões expositivas, o era mais alarmante para os cientistas sociais do que é agora, uma vez que havia, segundo o autor citado, uma tendência a serem alérgicos a qualquer coisa literária ou inexata.

Sem dúvida, o que o autor expressa revela o reconhecimento crescente de que a abordagem tradicional sempre buscou resultados mensuráveis muito positivos em termos de controle e de verificabilidade. Estas mudanças sugeridas por Clifford Geertz, (*op. cit*) assinalam importantes avanços no campo do conhecimento. A própria penetração dos conceitos de filósofos como Heidegger, Gadamer, Ricoeur, nas Ciências Sociais, implica o crédito de uma ciência não mais unificada.

Assim se pronuncia Clifford Geertz: (1997 p.11).

> Mesmo nos seus ímpetos universalistas-evolucionário, difusionista, funcionalista, e, mais recentemente, estruturalista ou sociobiológica - a antropologia sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê dependente do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de idéias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros.

As pesquisas e estudos que não trazem mais funções arquivistas, certamente se fundiram com materiais antropológicos, métodos e idéias antropológicas, que, segundo Clifford Geertz (1997 p.11), é representação de um esforço para entendermos 'entendimento' diferente do nosso. A esta tarefa, o "entendimento do entendimento", dá-se hoje o nome de hermenêutica, à qual, o autor citado acrescenta cultural, sendo, de alguma forma, a "teoria e a metodologia da interpretação".

É exatamente por objetivarmos entender as histórias de leitura na terceira idade, como saberes e dizeres que estão de forma dialética/dialogicamente sendo construídos

por homens e mulheres que são sujeitos histórico-sociais, dotados de sentimentos, contradições e complexidades, que entendemos ser a Etnografia uma possibilidade concreta entre outras, que nos fará enredarmos e nos impregnarmos de suas narrativas, ouvindo-lhes como **legítimos narradores** que são. Ora, a cultura é adquirida; os costumes variam, o mundo é composto por variedades de tipos humanos; precisamos, pois, saber tirar proveito e ir construindo nossas respostas, aos insistentes convites de análises e diálogos. Saber ler os gestos, as hesitações, os não–ditos, percebendo-nos como seres da linguagem, portanto, discursivos e não-lineares. Perceber a palavra como 'a ponte entre o eu e o outro', como nos convida Bakhtim (2002), para assim ressignificarmos valores, concepções de mundo, aceitando as diferentes formas de saber e dizer, aceitando que afetamos e somos afetados, aventurarmo-nos a caminhar por outros caminhos nunca dantes imaginados, como pesquisador que busca descrever os fenômenos, refletirmos sobre o que afirma Peter Mclaren (2000 p.88):

> Os etnógrafos, na condição de *flâneurs,* não podem escapar à sua posicionalidade de sujeitos e objetos do olhar. Eles não são removidos transcendentalmente da teia confusa de relações sociais que dá forma tanto a eles como observadores, quanto àqueles a quem eles escolhem para observar.

Nesse sentido, segundo Clifford Geertz, (1997) o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que os seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las; já que, se a antropologia interpretativa tem alguma função geral neste mundo, é a de re-ensinar esta verdade fugaz.

A etnografia tem sua base na Antropologia e na Fenomenologia, portanto, empreendermos uma etnografia nas pesquisas em educação e, neste caso, em particular, utilizarmos um recorte etnográfico para tratar do tema Histórias de Leitura na terceira idade jacobinense, traz, em seu bojo, muitos riscos, uma vez que assim como há confluências há também uma não–linearidade e homogeneidade próprias de cada área do conhecimento. No caso da nossa pesquisa, a História, a Antropologia, a Linguagem, a Estética da Recepção, permitiram uma prática de permutas, diálogos, tensões, buscando, de forma relacional, estabelecer um sentido neste "mosaico dos saberes", numa rede de relações e empréstimos. Este caminho escolhido implicou, sobremaneira, não somente uma abordagem descritiva dos fenômenos sociais, mas também a captação da linguagem

em suas múltiplas formas, permitindo-nos uma implicação com os sujeitos-leitores da pesquisa, na medida em que as suas fabulações e narrativas irromperam novos sentidos, ressignificando sua histórias de vida e de leitores, ouvindo-os, percebendo o efeito da intencionalidade dos sujeitos e não neutralidade do pesquisador no fenômeno observado.

Segundo Heidegger (2002), quando dizemos ser no mundo, não estamos expressando uma determinação geográfica, mas **ser-no-mundo** supõe algo mais abrangente. Significa uma forma de *ex-istir* que é sempre *co-exisitir*, uma forma de estar presente e de relacionar-se com todas as realidades circundantes [...] "ser no mundo é cuidado". (HEIDEGGER, 2002, p. 255).

Cuidado é assumido por Heidegger em seus dois sentidos fundamentais interligados, como atitude de solicitude e inquietações pelo ser. A pessoa que tem cuidado sempre se sente afetada e afetivamente ligada ao outro, o que não implica que o pesquisador não necessite estar constantemente numa atitude inquiridora, analítica, dotada de rigor e clareza no seu trabalho de pesquisa.

6.1.O Método Fenomenológico

É fundamental situarmos o leitor quanto ao recorte antropológico de pesquisa, como fizemos anteriormente, bem como explicitarmos o outro fundante da etnografia - a fenomenologia. No livro *Ser e Tempo* – parte I, Martin Heidegger (2002) explicita sobre o método de investigação fenomenológico que inspira nossa pesquisa, por entendermos que, no contato com o campo é que veremos insurgir, irromper, aparecer o fenômeno – aquilo que aparece, emerge. Nesta experiência, os sujeitos envolvidos, certamente, se constituir-se-ão.

A palavra "fenomenologia" exprime uma máxima que se pode formular na expressão; "as coisas em si mesmas!" A expressão "fenomenologia" diz, antes de tudo, um conceito *de método.*

O termo tem dois componentes: *fenômeno e logos* que remontam a étimos gregos. Exteriormente o termo fenomenologia corresponde à ciência da vida, da sociedade. Seria, portanto, a ciência dos fenômenos – diz o que se mostra, o que se revela, traz para

a luz do dia. Heidegger (1997, p.60) afirma: "o que assim produzido anuncia, mostra-se, sem dúvida, em si mesmo, embora o encubra em si mesmo".

No componente "*logos",* o significado básico é discurso, mas também interpreta–se por razão, juízo, conceito, fundamento, relações entre outros.

O discurso, como explicita Aristóteles, *apud (*HEIDEGGER, 2002*),* deixa e faz ver a partir daquilo sobre o que discorre. Examinado-se, corretamente, os resultados da interpretação, de *fenômeno e logos*, segundo Heidegger (2002), salta aos olhos a íntima conexão que os liga – deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia.

Daí, concluímos, a partir da reflexão de Leonardo Boff (2000), que o dado original não é o *logos*, a razão e as estruturas de compreensão, mas sim *o pathos*, o sentimento, a capacidade de simpatia, de empatia, de com-paixão, de dedicação e de cuidado com o diferente.

Podemos dizer, a partir das reflexões de Boff, que a razão não é tudo, nem explica tudo. Ela remete a algo mais fundamental e originário que é o sentir-se afetado e afetar-se. Martin Heidegger (2000, p.256) afirma: "a base última da existência é o seu ser-no-mundo–com–outro".

No nosso entendimento, seria apreender os objetos de tal maneira que se deve tratar de tudo que está em discussão numa demonstração e procedimentos diretos. A fenomenologia é necessária justamente porque, de início, e, na maioria das vezes, os fenômenos não se dão. É a partir daí que o sentido metódico de descrição fenomenológica é percebido pela interpretação. Para usar uma expressão de Clifford Geertz (1997, p.10) "uma descrição densa" que nos permita permutas, construção de sentido, interlocução com os **sujeitos–leitores**.

A hipótese qualitativo-fenomenológica determina ser quase impossível entender o comportamento humano sem entender o referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Nesse sentido, o pesquisador deve buscar meios para entender o significado latente dos comportamentos.

Fica evidente que um dos grandes desafios da abordagem etnográfica consiste nas tarefas exercidas pelo observador. As habilidades desse profissional são complexas.

Dentre as principais características do etnógrafo são: fruto de experiências nessa área, deve ser uma pessoa capaz de tolerar ambigüidades, guardar informações, ter autodisciplina, inspirar confiança, ser capaz de trabalhar sua própria personalidade, ser sensível a si e aos outros, madura e consistente.

Depois de apresentados os caminhos teóricos, enredaremo-nos nos recursos teóricos utilizados na nossa itinerância em campo, os quais estiveram imbricados aos metodológicos e afetivos, na construção coletiva de interpretações que emergiram de forma dinâmica, complexa, engenhosa, intrigante e desafiante, durante os mais de três meses de idas e vindas ao Centro de Convivência dos Idosos, à residência dos sujeitos-leitores da comunidade, participantes da nossa pesquisa.

Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar a realidade no seu dinamismo e complexidade, contendo, aí, toda complexidade também de seu objeto de estudo, em sua realização histórica. Nesse sentido, o conceito de casualidade que apontava para a busca de um fluxo linear entre variáveis independentes e dependentes, também não responde mais à percepção do pesquisador atual atento à complexidade da teia do seu objeto de estudo e das variáveis que agem no campo educacional. Em educação, ocorre, em geral, a múltipla ação de inúmeras variáveis, agindo e interagindo ao mesmo tempo. Essa maneira de se fazer pesquisa em educação, nas últimas quatro décadas, corresponde ao que se convencionou chamar de **paradigma positivista**. Paradigma, por indicar uma espécie de modelo, de esquema, de maneira de ver as coisas e explicar o mundo. Feitas as explicitações do *locus* de onde falamos, explicitaremos algumas características das pesquisas qualitativas e quais as técnicas que utilizaremos para dar suporte às nossas interpretações, bem como trilharemos por caminhos coerentes com a metodologia adotada - ***a nosso ver***, pois deve haver outros tão pertinentes quanto os que aqui iremos elencar de forma explicitada.

Em primeiro lugar, as autoras Menga Ludke e Marli André (1982) dão as características básicas da pesquisa qualitativa a partir dos estudos realizados por Bogdan e Biklen (1982). A primeira característica diz respeito ao **ambiente natural** como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Este tipo de estudo é também chamado naturalístico. A segunda

característica é que **os dados coletados são predominantemente descritivos**. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, trazem fotografias, entrevistas transcritas, depoimentos, documentos variados.

As terceiras e quartas características dizem respeito **ao processo da pesquisa** e ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Esses fatores deverão ser focos de interesse do pesquisador, observando como determinado problema se manifesta e quais suas interações cotidianas. É necessário considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, iluminando assim, o dinamismo interno das situações. A quinta característica diz respeito à **análise dos dados**, que tende a seguir um processo indutivo, uma vez que o pesquisador não se preocupa em buscar evidências que comprovem as hipóteses definidas antes do início dos estudos, mas em consolidar suas abstrações e inspeções a partir da imersão do pesquisador no campo. É relevante destacar aqui que o fato de não existirem *a priori* hipóteses ou questões formuladas, não implica não existir um quadro teórico que oriente a coleta e análise dos dados.

Nesse sentido, os recursos técnicos a serem utilizados foram:

- *História Oral* – É difícil defini-la em poucas palavras, pois se trata de uma prática muito dinâmica, criativa, além de nova. Dentre tantos conceitos, utilizaremos o seguinte, utilizado por Bom Meihy (2002, p.13) que diz:

> É um **recurso moderno** usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história.

Fica evidente conforme sinaliza na citação supra, que a História Oral é muito mais que um recurso, é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração do projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. Na História Oral, o projeto prevê: planejamento da condução das gravações, análise, autorização dos sujeitos entrevistados para uso e publicação das entrevistas, entre outros cuidados. Ela exige rigor, procedimentos específicos, organização. Seríamos ingênuos se pensássemos que apenas pelo fato de realizarmos entrevistas ou filmagens, estaríamos fazendo História Oral.

É preciso não confundir História Oral com Oralidade. A oralidade é um conjunto amplo de expressões verbais e compreende uma gama de manifestações sonoras. História Oral é um procedimento específico e, sobretudo, organizado, como já foi enfatizado. É o resultado de entrevistas indicadas em projetos previamente existentes.

O pesquisador poderá utilizar-se de recursos verbais garantidos em gravações para (captar gestos, expressões faciais, riso, lágrimas etc), dar sentido ao que foi expresso na entrevista, através de outras linguagens. É a triangulação dos recursos citados que nos faz melhor interpretar as informações coletadas.

Nesta pesquisa, por exemplo, uma das nossas esgratégias foi utilizarmos técnicas de vídeo e da fotografia para enriquecer um maior número de informações diferenciadas do uso da linguagem pelos sujeitos-leitores, a fim de dialogarmos mais intensamente com o surgimento de alguns aspectos que podem evidenciar mais que outros – integrar os discursos para melhor explorarmos o fenômeno. Assim, toda a pesquisa estará de forma transversalizada fazendo uso da História Oral, uma vez que, conforme assinala Bom Meihy (2002 p.20):

> Sem dúvida é a humanização da vida social que amolece os corações e miolos dos que aprenderem que a História Oral é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações, qualidades e defeitos.

Queremos, com a nossa pesquisa, trazer à tona a voz dos leitores através deles mesmos, deixar que a singularidade do sujeito se inscreva a partir de suas memórias individuais e coletivas. Consoante Bom Meihy (2002), uma análise dos documentos escritos é uma via indireta, são sempre "sobre eles" que falamos e nunca "deles", uma vez que o documento exerce papel de filtro que tende a considerar os fatos socioeconômicos e não os comportamentos subjetivos.

- *Entrevistas abertas ou aprofundadas* - A entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados dentro da perspectiva das pesquisas qualitativas. É uma das principais técnicas de trabalho em quase todas as pesquisas das ciências sociais.

O caráter de interação que permeia a entrevista favorece uma atmosfera dialogante, uma mediação interpessoal entre os interlocutores, fluindo, assim, de forma autêntica, as informações. Ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos pessoais, assim como temas

de natureza complexa. Pode ainda permitir o aprofundamento de questões e pontos levantados por outras técnicas de coleta mais superficial como o questionário. Ela permite correções, esclarecimentos, e adaptações que a tornam, sobremaneira, eficaz na obtenção das informações desejadas. A liberdade de percurso está na entrevista **não-estruturada** ou não padronizada que permite um diálogo intenso entre os sujeitos envolvidos, bem como uma escuta sensível ao que o outro tem a dizer.

- *Práticas Leitoras* - Entendemos por práticas leitoras "as diversas modalidades e convivências com a leitura, do deciframento à construção do sentido". (DAUSTER, 1994). Entre elas, incluem-se as divulgadas pelo PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura (1998), tais como: círculo de leitura, conversa afiada, leitura dramatizada, contação de histórias, leitura de estórias, encontro com leitores entre outras.

O *círculo de leitura* consiste numa prática leitora que previamente escolhido texto, local e clientela, os convidados lêem de forma partilhada, coletivizando o saber, confrontando vozes, experiências, com a finalidade de aprender (socializar) a leitura. O leitor guia deve conhecer o texto, filme, quadro que trouxe para lerem na data e horário marcado, mas sem jamais impor a sua leitura ao outro, nem também qualificar as leituras feitas. Ele irá "amarrando" as falas de forma a não deixar a discussão tomar outro rumo e se perder; voltando ao texto e buscando as relações externas que o mesmo suscitar, a intertextualidade e as diversificadas leituras e efeitos de sentido surgidos.

A *contação de estória* é uma prática antiga. Desde a Idade Média e até anteriormente em tempos mais remotos sobre a Índia Antiga, há relatos sobre a contação de estórias 5000 a.C. As narrativas, consideradas como primeiras, dizem ter origem matriarcal. As histórias milenares que falavam da floresta negra, rato/leão, bruxas, maldições. Entretanto, quando surge um novo modelo de sociedade, cujo patriarcalismo é fundante, passam a predominar o ódio, luta, traição amores, mortes.

É importante saber que o contador de história era poeta, historiador, mago, líder. E que a sociedade, antes da escrita, guardava sua cultura através do relato; são as chamadas sociedades mnemônicas. Nesse sentido, os contadores de história eram importantíssimos e as histórias tinham funções marcadamente importantes nas comunidades. Funções didáticas, cunho educativo, além disso, serviam de instrumento

de coesão social. As narrativas têm poderes extraordinários, tal como fez **Sherazade**, a princesa persa que escapou da morte, inventando mil histórias ao rei Sahariar, o narrador, utilizando-se de máscaras, disfarça, assume papéis, cria personagens que, por sua vez, usam máscaras também.

Aos poucos, desvendamos as máscaras e vamos nas malhas da rede, tecendo os fios da estória. Há máscaras postas pelo narrador para que nós, leitores, não vejamos tudo de uma vez, contentemos com as frinchas da linguagem, que, no percurso da leitura, vamos desvelando.

O contador de história continua fazendo o seu papel na sociedade contemporânea: resgate da linguagem perdida. Na contação, o mais importante não é o contador, mas o texto. Segundo Celso Sisto (1992), é pensando na troca que se prepara uma sessão de histórias. Durante a história, há só a história falando por si mesma. Nesse momento, espera-se que o público avisado queira o desfrute, a fantasia.

O contador, portanto, deverá ter clareza do que pretende atingir. Se o objetivo é apenas lúdico, se é despertar sentimentos diversos e informações, se é terapêutico, se é promover integração sóciocultural - para cada objetivo, há um procedimento e encaminhamentos diferentes a serem escolhidos pelo contador.

Vale salientar que o contador tem sua importância, uma vez que ele é o instrumento mediador entre o texto que conta e a platéia, mas como afirma Celso Sisto: (1992, p. 3) “um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso, a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, devem fazer parte de suas preocupações”.

O contador não deve fazer a paráfrase do texto, após tê-lo lido; deve saber na íntegra, de cor (de coração), passa a ser autor do que está contando.Traz de dentro de si e leva para dentro do leitor. Por isso, a paixão pelo contar vai permitir ao contador a passagem da história de forma vibrante. Daí, a referência em falar da importância do texto no ato de contar, e não a ênfase no contador, uma vez que, conforme assinalamos, tem também sua especificidade e importância frente à sessão de contação. Não há aqui o desmerecimento à figura do contador ao falarmos da importância do texto, ao contrário, estamos explicitando o papel do mesmo. Mais uma vez Celso Sisto (1992, p.3) afirma que: “a palavra por sua força demanda gestos e expressões que surgem de forma

orgânica, contínua, nunca como ruptura . Essa preparação do contador é prévia e solitária. É como a edição de um filme." Realizar a *leitura da história* é diferente, você lê a história para os interlocutores observando: ritmo, entonação, respiração, imagens. É fundamental ouvir o outro. Ler em voz alta é predominante, pois o referencial de uma leitura bem realizada é, sem dúvida, o professor ou facilitador.

A leitura dramatizada é, de antemão, programada. O professor e/ou facilitador divide as partes do texto para cada participante e pede aos leitores que leia atentamente em casa para que eles apresentem. Os participantes não precisam decorar, mas dar vida a cada fala, fazer a leitura oral e gestual conjuntamente, enfatizando gestos e posturas dos personagens.

As práticas leitoras citadas convergem para a partilha, o ouvir o outro, o ritmo, a sonoridade, o prazer, a fruição e os questionamentos advindos do ato de ler. Daí, a escolha de práticas leitoras como mais um caminho a ser percorrido junto com os sujeitos-leitores. Certamente, elas permitir-nos-ão maior inserção e enriquecimento das narrativas para além da observação participante. Por isso, a nossa opção por utilizarmos práticas leitoras como mais uma possibilidade de diálogo e escuta das vozes dos outros que, como cada um de nós, têm muito a contar. À medida que os encontros com os sujeitos-leitores envolvidos forem acontecendo, escolheremos uma das práticas explicitadas, conforme a necessidade.

Dentre os principais objetivos da pesquisa, já explicitados ao longo dos primeiros capítulos, tais como: compreender, analisar e traçar as histórias de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas, identificando os tipos de leitura que são realizadas pela 3ª idade jacobinense, buscando, ainda, observar o imbricamento das memórias individuais, coletiva e oficial nas narrativas e fabulações trazidas pelos sujeitos-leitores e seus efeitos de sentido, foram utilizados os recursos técnicos apresentados com a finalidade de melhor apreender o nosso objeto de estudo.

Iniciamos os trabalhos de campo com a apresentação do projeto através da leitura cinematográfica de Ana e o Rei, de forma a garantir que os idosos presentes (ver anexo nº 04) pudessem, após o círculo de leitura realizado, a partir da leitura cinematográfica Ana e o Rei e da contação de história intitulada A História de Rose, (anexo nº 05), pudessem livremente manifestar-se quanto à participação ou não na pesquisa, uma vez

que somente 10 idosos (sexo masculino/feminino) fariam parte da mesma, num total de mais de quarenta idosos presentes.

Nesse sentido, definimos o número de 10 (dez) leitores, (sexo masculino e feminino), participantes das seguintes Instituições: Casa de Convivência do Idoso, Abrigo dos Velhos. Nesta, os idosos moram, enquanto que, na primeira, eles apenas passam o dia e, à tarde, retornam aos seus lares. Teremos também, como participantes, sujeitos-leitores da comunidade que foram escolhidos por sua importância na mesma como pessoas que conhecem muito a cidade, têm uma história de vida permeada de fabulações e participações em diversos acontecimentos sociais, como também o anônimo, que é leitor e, como todos os outros, tem muito a contar. Queríamos dialogar com leitores de diversos perfis, quanto à escolaridade, inserção social, religião, entre outros, a fim de nos possibilitar uma maior riqueza de histórias de leitura.

A escolha dos sujeitos-leitores realizou-se através da amostragem não probabilística intencional, uma vez que a escolha foi feita pelo pesquisador, levando em consideração a importância dos sujeitos-leitores para a pesquisa em questão, conforme já explicitamos.

No círculo de leitura realizado com todos os idosos, emergiram interessantes aspectos relacionados a estudo, leitura, amor de Ana e o Rei, namoro, netos, velhice, tempo transcorrido / experiências de vida, sofrimentos, deixando vir à tona, diferentes percepções quanto à História de Rose e suas vidas e às analogias feitas entre o amor de Ana e o Rei e suas vidas amorosas. Para melhor percebermos os sentidos surgidos com a leitura cinematográfica e contação de história, também gravamos em VHS os gestos, os silêncios e olhares que muito sinalizaram o quanto as cenas e partes da leitura cinematográfica foram sendo significadas por cada sujeito-leitor.

Na segunda etapa do campo, realizamos as entrevistas abertas e/ou aprofundadas com os sujeitos-leitores escolhidos de forma produtiva, enriquecedora e inúmeras vezes empolgantes e inusitadas pela sapiência observada nas fabulações desses legítimos narradores que, de forma singular, nos permitiram adentrar em sua narrativas e memórias.

Na itinerância do campo, surgiu um imprevisto, não difícil de solucionar, mas nos fez redimensionar os *locus* antes definidos, o Centro de Convivência do Idoso e o

Abrigo dos Velhos, além de 02 pessoas da comunidade. No primeiro encontro com os idosos do Abrigo dos Velhos, percebemos que seria impossível ter alguns deles como sujeitos da pesquisa, uma vez que a situação de apatia, senilidade, desmotivação em que se encontravam não dava aos mesmos o menor ânimo para falar, contar suas histórias. Tão envolvidos estavam em suas próprias dores, lamentações, tristezas e descrenças – um quadro triste e desolador, haja vista que as tentativas de diálogo com alguns idosos foram infrutíferas, fazendo com que escolhêssemos mais um participante da comunidade e mais um do Centro de Convivência do Idoso, a fim de contarmos com os 10 sujeitos-leitores previstos, ficando assim, com apenas dois *locus* e não mais três como idealizado no Projeto de pesquisa.

Nas etapas seguintes de campo, realizamos observações participantes dos sujeitos-leitores nas atividades através dos Círculos de leitura, leitura dramatizada, contação de estórias, como atividades propostas pelo Estágio Supervisionado do Colegiado de Letras da UNEB na modalidade de Curso de Extensão, tendo como ministrante uma aluna do 8º semestre do referido curso, cuja supervisora de Estágio era a pesquisadora do projeto em questão, professora Ana Lúcia Gomes da Silva.

A preferência para atuar nas atividades, como observadora-participante, não prevista no projeto, nos permitiu maior distanciamento para analisar mais e questionarmos/ mediarmos as atividades de forma esporádica sem conduzir as mesmas, tendo maior oportunidade de observar detalhes, gestos, falas que deixariam de ser apreendidas, se tivesse, eu mesma, conduzindo tais práticas leitoras. Entretanto, vale salientar, que participamos ativamente nas escolhas, elaborações, seleções das atividades e planejamento em geral de todo o Curso de Extensão intitulado Literatura Oral e Popular: ressignificando os saberes e dizeres dos idosos jacobinense.[27]

A nossa itinerância buscou trilhar, investigando, de forma minuciosa, as questões que foram emergindo a cada encontro, tendo consciência de que não foi possível

[27] Entre as inúmeras clientelas e propostas de Curso de Extensão discutidas na sala de aula na disciplina Estágio Supervisionado do Curso de Letras, a aluna Suely Cristiane escolheu trabalhar com os do Centro de Convivência do Idoso – *locus* da minha pesquisa, tendo a supervisão de todo o curso feita por mim como supervisora do Estágio. Dentre os participantes do Curso de Extensão citado, tivemos a maioria dos sujeitos-leitores da pesquisa, presentes no mesmo. Dessa forma, o curso foi mais um ganho significativo aos nossos encontros com os sujeitos-leitores, proporcionado-nos partilhas significativas. A carga horária total do Curso foi de 30h. No capítulo que traçaremos sobre as histórias de leitura, explicitaremos as análises realizadas pelos sujeitos-leitores nas atividades propostas pela ministrante do Curso de Extensão.

abranger o quadro complexo de categorias surgidas a cada leitura das entrevistas, que foram, de forma particular, horas e horas a fio, a escuta sensível das histórias dos narradores que sabiamente nos envolviam em suas fabulações. Seria necessária, portanto, outra pesquisa para aprofundar mais e mais o nosso olhar sobre essas manifestações textuais. Destarte, recortes foram feitos, viés escolhidos, a fim de "perseguir" o rigor da análise e "concluir" a pesquisa em tempo hábil.

Aos poucos, o (des)velamento dos dados construídos ao longo do convívio em campo, vão dando ao pesquisador a certeza da complexidade e incompletude da linguagem e da natureza humana. Assim, os sujeitos e os sentidos também são caracterizados por sua incompletude num ir e vir que se eternizam numa permanente busca, numa atitude de constante indagação que nos põe ativamente no mundo interagindo com ele.

6.2. Histórias de Leitura na 3ª idade – imbricamento efeitos de sentido das memórias individual, coletiva e oficial.

> *"A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória, que graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas". (Jacques Le Goff, 1996)*

Para falarmos das histórias de leitura na terceira idade - imbricamento/efeitos de sentido nas memórias individual, coletiva e oficial, é fundamental explicitarmos os conceitos de diferentes memórias a partir dos estudos realizados nas Ciências Humanas (fundamentalmente na História e na Antropologia). Jacques Le Goff afirma que (1996, p. 423): "a memória tem a propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas".

Robin, em conferência no Instituto de Educação e Linguagem - IEL/UNICAMP (23.08.94)[28], ao fazer o inventário dos tipos de memória, chama de 'memória oficial'

[28] In: Educação, leitura e participação.Julho 2000.UNICAMP, Campinas.

aquela memória nacional, bem institucionalizada e ritualizada nos arquivos, museus, bibliotecas. Diferentemente, a 'memória erudita' corresponde grosso modo, ao trabalho do historiador; 'a contra – memória', por sua vez, é a dos excluídos, cuja especificidade do lugar da fala foi sistematicamente apagada. E, por fim, a 'memória ficcionalizante', que representa coletivamente as lembranças de uma geração. Segundo Halbwachs (1950), "não é possível reviver a memória com total preservação, uma vez que a 'memória individual' é afetada pela memória da coletividade". Daí, percebe-se o papel preponderante da linguagem ao socializar esta memória, até porque o papel da memória passa a ser diferenciado a partir do surgimento da escrita. Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continua ao lado da escrita e, a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval. Todavia, nestes tempos, o escrito desenvolvia-se a partir do oral, havia um equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte para a memória.

Como a memória urbana era constituída a partir dos arquivos e inventários, multiplicaram-se as listas, as cidades, os glossários, entre outros. É exatamente a imprensa que revoluciona, embora lentamente, a memória ocidental. No século XIX, percebe-se um afastamento da arte da memória. Segundo Le Goff (1996), "todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo, são banidas. O álbum de família exprime a verdade da recordação social".

Fica evidente, portanto, que, ao tratarmos de memória, individual, coletiva e oficial, estaremos percebendo nas narrativas de cada sujeito leitor da 3ª idade a confluência, o imbricamento dessas memórias, de forma a ressignificar cada uma delas, pois, como nos afirma Bethânia Mariani (1997 p.3), "no processo desencadeado pela memória, há o retorno de um tempo e lugar outro. Produz sempre um deslocamento e alteração". Nesse sentido, cada vez que a memória é mobilizada, há aí um deslocamento do sujeito que revive, narra, ressignifica as suas lembranças. Até porque temos um outro contexto, um outro tempo que, ao ser revivido pelo sujeito-leitor, ganha um novo sentido, instalam-se significações que se configuram num *mosaico de pistas textuais* que revelam aspectos tanto individuas quanto coletivos e oficiais, pois o sujeito é afetado por suas lembranças, pelo contexto, pelos fatos históricos, por seus valores e sentimentos do mundo, das pessoas. A narrativa produzida não é mais a mesma.

É com esse objetivo que analisaremos as Histórias de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas, (título do nosso projeto) para que os sujeitos como legítimos narradores que são, construam, através dos seus acervos diários, suas experiências, suas leituras de si e do mundo, as suas memórias, as quais serão eternizadas pela escrita, como forma de registro e de socialização. É exatamente por isso que M. Halbwachs (1950, p. 25) afirma: "Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e, sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e noções comuns aos diferentes membros da comunidade social".

Cabe-nos retomar, agora, o conceito de memória coletiva a partir dos estudos de M. Halbwachs (1950) e de Jacques Le Goff (1996). Conforme Le Goff, "A 'memória coletiva' tomou, no século XIX, um volume tal que se tornou impossível pedir à memória individual que recebesse o conteúdo das bibliotecas. Os cadernos de notas e catálogos de obras, vindo em seguida à documentação por fichas. Ainda de forma rudimentar constituiu-se um verdadeiro córtex cerebral exteriorizado".

Essa dimensão, intersubjetiva da memória, traz como fundante o contraponto de que a memória coletiva só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Assim se pronuncia M. Halbwachs (1950, p. 26): "O acontecimento, como acontecimento, 'memorizado' poderá entrar na história, a memória do grupo poderá perdurar e se estender além dos limites físicos do grupo social que viveu o acontecimento".

Para que haja memória, sem sombra de dúvida, é preciso que haja o *esquecimento*, que o acontecimento saia da indiferença, que deixe o domínio daquilo que não significa. É preciso que o saber conserve a força, a tradição. Porque é essa possibilidade de fazer com que o termo *lembrança* reencontre novo sentido exteriorizado a partir da linguagem. Segundo Halbwachs (1950), "a memória caracteriza-se como o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade. Lembrar um acontecimento é torná-lo vivo, reconstruído a partir de dados e subjetividades comuns aos sujeitos da comunidade social".

O nosso interesse ao cruzar as memórias individual, coletiva e oficial é, antes de tudo, perceber a leitura como acontecimento, valendo-se da sua 'memória individual' para mergulhar no sentido da descoberta. Segundo Pêcheux (1993), "um acontecimento

é uma cisão, uma ruptura, daí ser um elemento descontínuo, não previsto". É ainda colocar em movimento através da memória, os enunciativos presentes no imaginário, permitindo que aconteça "Filiação de memória com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância". (ORLANDI, 1993, p. 27).

A leitura como acontecimento torna-se parte integrante da vida do leitor, que, de forma consciente, quer inconsciente, passa a ser acontecimento com sentido, que aciona os fios de memória, estabelecendo outras significações nunca percebidas anteriormente.

O leitor passa a tecer suas memórias imbricadas a suas histórias de vida/de leitura, voltando ao tempo, ao contexto, rememorando fatos, épocas, pessoas e lugares distintos.

O sentido construído nos significa ao tempo em que é significado. Daí, o surgimento da autobiografia como produção de um discurso e história de vida. O sujeito sai da sua narrativa particular e entra para a história contada, vai para o geral, o coletivo, a ficção. Assim, as histórias de leitura na 3ª idade serão imortalizadas, e a leitura de cada sujeito deixará de ser anônima e ultrapassará o limite do grupo. O sujeito que conta, que constrói seu texto, inscreve-se no próprio texto à medida que ressignifica e dá um novo sentido à sua vida e à sua história. O leitor concreto se materializa nas relações intersubjetivas, ideológicas e sociais.

Quando o narrador relembra fatos oficiais, ele os narra tomando uma posição, dada à não neutralidade do sujeito, de modo que o registro é permeado dos dizeres, fazeres e saberes dos sujeitos-leitores que os significaram. Segundo Ecléa Bosi (1983, p. 373):

> Ao rearticular a memória dos acontecimentos políticos, o sujeito compreende melhor o seu ponto de vista, a partir do momento em que localiza a classe e profissão que ocupa. Entre sujeito e sociedade percebe-se o reflexo das experiências pessoais e o contexto da época, uma vez que entre sujeito e sociedade há a marca da "marginalidade" política.

Entretanto, a relativização da História Oficial tende a aparecer ao ouvirem-se as memórias individuais. Passa-se a efetivar a memória coletiva, o discurso que representa as classes menos favorecidas economicamente. A memória pessoal do autor interage com a memória coletiva e oficial, fala a partir da posição de grupo, representa o grupo; "há uma adequação do individual ao grupal" (BOSI, 1983, p.381). Fica claro, portanto,

que numa certa altura dos acontecimentos e lembranças, há a fusão entre memória oficial e memória pessoal.

Torna-se memória oral a partir do valor testemunhal do narrador e seu discurso valorativo em confronto com a memória oficial. O sujeito mescla, através da sua narrativa memorialista e pessoal, a sua "leitura" dos fatos, deixando ressurgir a sua ideologia, o seu poder de interlocução com os fatos, a sua posição de *co-autoria* no texto que produz. Segundo Eni Orlandi (1993), "a historicidade do processo discursivo exerce um deslocamento do sujeito através de suas posições na sua história pessoal". O efeito do enunciado se instala num processo de discurso já existente. O sujeito produz também a possibilidade de formação de novos textos, é a chamada 'Instauração da discursividade'.

É, nesse sentido, que identificaremos a memória seletiva dos leitores de 3ª idade, nas narrativas ouvidas e analisadas, percebendo a *filiação de sentidos,* os implícitos, a fim de compreender e integrar os mesmos no discurso. Dessa forma, pretendemos ainda identificar as memórias explicitadas neste texto, na narrativa do leitor da 3ª idade, a ser analisada. A nossa análise dar-se-á à luz da Análise do Discurso, uma vez que a mesma, visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Eni Orlandi (2002, p -26-27) afirma que "a compreensão implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura". (Sic)

Em suma, a Análise do Discurso nos possibilitará, face ao dispositivo teórico da interpretação, o rigor do método, sendo de responsabilidade do analista a formulação de questões que desencadeiam a análise, fazendo assim a mobilização de diversos conceitos, dos diversos dispositivos de 'coleta de dados' levando-o a procedimentos que deixem claro a sua mediação no processo discursivo, tendo em vista os objetivos assinalados pela pesquisa.

6.2.1. Narrativas dos sujeitos-leitores: imbricamento das memórias individual, coletiva e oficial.

Segundo Eni Orlandi (2002), "ao dizer o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por saber (poder) dever dizer". É nesse jogo discursivo, que analisaremos as memórias individual, coletiva e oficial, contidas na narrativa do sujeito-leitor da 3ª idade, uma vez que as memórias trazidas pelas narrativas se imbricam e constituem sentidos.

A leitura, nesta perspectiva, aqui refletida, funciona como acontecimento que irrompe, ultrapassa limites, provoca deslocamentos, flui, reflui. Eni Orlandi (2002, p.54) afirma que: "É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz[...] É sobre essa memória de que não detemos controle que nossos sentidos se constroem dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando".

O nosso interesse, portanto, é pelas narrativas, pelos dizeres, experiências, deslocamentos e memórias dos sujeitos-leitores da 3ª idade, construindo assim outras possibilidades de os sujeitos atualizarem as suas memórias, ressignificando-as, filiando os sentidos a uma rede de constituição permeada pela subjetividade e singularidade de cada leitor, com os quais estamos tendo o prazer de dialogar durante a trajetória da nossa pesquisa.

De acordo com Eni Orlandi (2002), "repetição histórica é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, os implícitos, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido". É esta repetição que nos interessa, uma vez que a linguagem é como um curso corrente de águas fluidas que irrompem movimentos inusitados, irrepetíveis, singulares. É nesse ir e vir das memórias entrelaçadas pela individual, oficial e coletiva que o nosso olhar se debruçará na tentativa de compreender cada narrativa aqui analisada, dando inteligibilidade aos dizeres diversos. Neste capítulo, em especial, analisaremos apenas

uma narrativa, outras serão analisadas no capítulo que tratará da análise dos dados a partir das entrevistas/fabulações dos sujeitos-leitores.

6.2.2. O lugar da interpretação: dispositivo de análise.

Levando em consideração os estudos da Análise do Discurso acerca da linguagem enquanto incompletude, nem os sujeitos nem os sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Eles se constituem sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível. Isso não significa, entretanto, que, por ser aberto o processo de significação, ele não seja regido e administrado, uma vez que ele também está sujeito à estabilização e institucionalização.

Ora, se a linguagem funciona desse modo, como deve proceder o analista? Que escuta ele deve estabelecer para ouvir para além das evidências, do explícito, e compreender acolhendo a determinação dos sentidos pela história, a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente (atos falhos), tecendo no espaço da singularidade, do possível, da ruptura, da resistência?

A Análise do Discurso propõe, conforme assinala Eni Orlandi (2002, p.59), o seguinte:

> Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

É exatamente por não procurar o sentido "verdadeiro", mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica, que optamos pela Análise do Discurso como dispositivo de análise por ser, a nosso ver, apreendente e significativo aos nossos objetivos de pesquisa, dentre eles, o objetivo já sinalizado no resumo deste trabalho que é o cruzamento das memórias individual, social e oficial dos sujeitos-leitores em suas narrativas a fim de perceber, nas filiações dos sentidos, os implícitos e subentendidos, de forma a compreendê-los e integrá-los na memória discursiva.

Para Michel Pêcheux (1990), “todo enunciado é lingüisticamente descritível como uma série de ponto de deriva possível, oferecendo lugar à interpretação”. Nesse sentido, buscamos escutar o outro, estando aberto às possibilidades do encontro, sendo possíveis, aí, (des)encontros, (des)locamentos, identificação, ligações. Novamente é Michel Pêcheux (1990) que afirma: “É porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes”.

Na Análise do Discurso, a escuta discursiva deve explicar os gestos de interpretação, descrevendo a relação do sujeito com sua memória. Nesta tarefa, descrições e interpretações se interrelacionam. Assim sendo, a interpretação aparecerá em dois momentos da análise:

No primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto de análise, isto é, o sujeito que fala, interpreta, e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise.

No segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então, quem analisa também está envolvido na interpretação. Daí, a necessidade de um dispositivo teórico que possa intervir na relação do sujeito que analisa, com os objetos simbólicos que analisa produzindo, assim, um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação, permitindo ao pesquisador (analista) que trabalha no entremeio da descrição com a interpretação. Considerando a não-neutralidade do sujeito, o que se espera é que o pesquisador (analista) relativize sua posição de analista, atravessando o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai investir no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia.

É nesse lugar de alteridade do cientista, que ele mostra a leitura que pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete, mas situa, compreende o movimento de interpretação inscrito no objeto simbólico que é o seu alvo. Ele pode, então, teorizar (contemplar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Enfim, é fazer o que nos assinala Lee Goff (2002) “uma descrição densa”, que nos permita captar os efeitos de sentidos presentes nas narrativas dos sujeitos leitores de nossa pesquisa.

Ratificando o que foi explicitado anteriormente, Eni Orlandi (2002, p.61) afirma que:

> Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n) os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca numa posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições [...] Isto significa colocar em suspenso a interpretação. Contemplar. Que na sua origem grega, tem a ver com o momento em que o herói contempla antes da luta: ele encara a sua tarefa. Ele a pensa.

Quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2002) se interessa por prática discursiva de diferentes naturezas: imagem, som, letra. Na nossa primeira etapa de análise, estaremos utilizando os textos transcritos das entrevistas realizadas com alguns dos nossos sujeitos da pesquisa – 3ª idade jacobinense. Posteriormente, na segunda etapa deste trabalho, estaremos analisando também juntas às narrativas, as imagens fotográficas e alguns desenhos feitos pelos sujeitos – leitores (em atividades realizadas pelo pesquisador em conjunto com os sujeitos da pesquisa).

A primeira narrativa foi registrada numa entrevista realizada em 14/03/2003 no Campus IV/ UNEB–Universidade do Estado da Bahia.

Considerando que o texto, na perspectiva dialógica e de incompletude, não é visto como documento pré-concebido, mas monumento no qual se inscrevem múltiplas possibilidades de leitura, é que pode ser utilizado em vários outros momentos, com outros enfoques, para novas abordagens, o que conduz a resultados diferentes.

Conforme já assinalamos, analisaremos nas narrativas abaixo, o papel da memória e seus efeitos de sentidos, afetados, que são, por diferentes memórias discursivas.

No primeiro momento da análise, é feita numa 1ª instância o que, na Análise do Discurso, chamamos de materialidade lingüística - processo de - superficialização do texto que busca o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias. O que se mostra em sua sintaxe e como processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), fornecendo–nos pistas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza. Observamos isso em função de formações imaginárias (a imagem que se tem de um idoso, de um docente, de um eleitor universitário), em suas relações de

sentido e de forças (de que lugar fala x, y, entre outros), através dos vestígios que deixam no fio do discurso.

Na narrativa abaixo, o sujeito-leitor Ataíde Cosme, de 66 anos, aciona diferentes memórias no seu discurso: individual/coletivo.

1. Pessoal, esse daqui é Ataíde Cosme.[29] [...], sou juiz de paz do município de Jacobina, através de campo, 2.vou contar a minha história desde o começo. Meu pai era analfabeto e minha mãe, não pode 3.me dar, o que eu dei a ela, ele não pode. O que sei (não deu pra entender) qualquer coisa, 4.aprendi com 15 dias, não, com 45 dias numa fazenda das 7 às 9. Era empregado, mas eu tinha 5.uma grande coisa comigo, (não deu para entender) cuidei de carro, de cavalo, fui puxador de 6.carro de boi. Eu trabalhava meio dia em campo, levando boiada daqui para Feira de Santana, 7.e hoje vocês pegam o caminhão aqui e vai pra lá. E tenho três filhas, que são essas que estão 8.aqui e Ana Lúcia, o maior prazer da minha vida, é de quando, eu disse minhas filhas vá 9.estudar, eu quero estudar meu pai. Vieram para Jacobina, e disse a ela, depois que você se 10..formar você namora, traz o seu namorado casa todo mundo. Ninguém perdeu um ano, tenho 11.três filhos, tudo formado e três netos, pra mim é tudo na minha vida, e, entendeu? Eu vivi 12.nunca disse uma coisa ruim na vida, e não, meu filho é assim, assim ó!, respeite o 13.pretinho, respeite o branco, respeito pelo idoso, tendeu? Eu não xingo ninguém. Aí o meio 14.do caminho, tô muito feliz na minha vida e tenho um filho e um neto que, tão, que eu 15.quero, que eu quero... tanto bem. Muito obrigado.

Ao se apresentar, o sujeito-leitor informa que seus pais são analfabetos e não puderam também dar estudo aos seus irmãos analfabetos e a ele. Ao acionar a memória discursiva, para produzir seu discurso, o sujeito-leitor relembra a sua infância sem estudo e, ao mesmo tempo, nos seus dizeres afetados pela memória, faz um paralelo com a atual situação de seus filhos, informando que ele (diferente de seus pais) proporcionou ao seus filhos a oportunidade do estudo, conforme linha 3 e ratifica esse discurso nas linhas 12 e 13. O imbricamento da memória pessoal com a social se evidencia no

[29] O sujeito-leitor ora analisado, bem como, os demais participantes da pesquisa, autorizaram por escrito e/ou verbalmente (gravado) a publicaçãode seus nomes napesquisa.

contraponto de sua vida e da atualização da memória dos seus 45 dias de estudo numa fazenda das 7 às 9, conforme linha 5.

O sujeito-leitor aciona os acontecimentos do passado, significando o seu dizer, que poderia ser outro, conforme se percebe nos implícitos os quais "estão presentes por sua ausência", conforme assinala Michel Pêcheux (1999 p.52). O sujeito-leitor, ao deslocar-se na memória, filia outros sentidos e deixa implícito que, embora seus pais tenham sido analfabetos, e, não terem dado as condições de estudo aos seus irmãos e a ele, ainda assim, aprendeu a ler e escrever com seus esforços num período de 45 dias, conforme assinalados nas linhas 4 e 5.

Segundo Eni Orlandi (2002), "esse esquecimento é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer formam-se as famílias parafrásicas que indicam que o dizer sempre podia ser outro". A situação do sujeito-leitor poderia ser outra. Mesmo com pais analfabetos, ter tido acesso à escola e ao saber escolarizado, como seus filhos tiveram. Ele filia a situação dos filhos para confrontar-se à dele, uma vez que, mesmo não tendo condições financeiras favoráveis, o que fica sinalizado nas linhas 5, 6, e 7, ele proporciona aos seus filhos o acesso ao saber escolarizado.

Há na narrativa, uma sinalização da memória social/coletiva e oficial, indicada através da linha 7, quando o sujeito-leitor analisa as condições do transporte coletivo e o progresso existente desde o período em que atuava como vaqueiro, necessitando levar o gado da fazenda onde trabalhava para Feira de Santana, utilizando para tal, o transporte animal (cavalo), quando, na atualidade, a rapidez é grande, devido ao surgimento dos caminhões e das rodovias.

O sujeito – leitor 1- evidencia nesse trecho o progresso e a facilidade que hoje possui o homem contemporâneo em relação às condições de trabalho, uma vez que, no tempo em que ele trabalhava, enfrentava inúmeras dificuldades, além da demora para realizar a tarefa de conduzir o gado até a cidade de Feira de Santana. (Feira de Santana é considerada a segunda maior cidade do interior da Bahia e fica a uma hora e meia da capital do Estado – Salvador).

Nas linhas 12 a 14, evidenciam-se os valores da educação que recebeu de seus pais, apesar de analfabetos e nos deixa entrever que o esperado do pais era não lhe

passar os valores referentes ao respeito às etnias e diferenças humanas, pois não detinham o conhecimento. O elemento coesivo mas, na linha 13, contrapõe a idéia de que só pode ser bom pai e ensinar os valores éticos/morais quem for escolarizado, tiver o conhecimento, o saber da escola. O sentido outro, implícito no discurso do sujeito-leitor implica a seguinte construção textual: Os meus pais, mesmo sendo analfabetos, ensinaram-me a ser gente, educaram-me a partir do diálogo. Ensinaram-me a reconhecer no outro, o meu próximo, alguém que tem diferenças, as quais precisam ser respeitadas. Embora a lógica aparente seja a de que ele não tivesse tais condições, por ser analfabeto, o texto traz um outro sentido, subentendido, o que fica ratificado na linha 14, de forma explícita.

Percebemos que o sujeito se subjetiva de diferentes maneiras ao longo da sua narrativa e que as memórias pessoais de sua infância/vida adulta, cruzam-se com a de seus filhos, as de seus pais, e, sai do individual para o coletivo, trazendo ainda a marca contundente do valor da educação, da leitura e da escrita para o ser humano como participação social e ascensão econômica e cultural. Esse fato é evidenciado nas linhas 8 a 11.

Na narrativa em questão, buscamos compreender a memória como nos assinala Michel Pêcheux (1999, p.56), "uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena [...] é um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, de polêmicas e contra-discursos".

Assim, vamos buscando o entendimento interdiscursivo e intradiscursivo[30] para dialogarmos com o discurso do outro na sua materialidade histórica de uma certa memória social. O sujeito, ao narrar e deslocar-se aos acontecimentos esquecidos, não apenas filia outros acontecimentos e ressignifica seus dizeres, como também produz um outro texto, num novo contexto, sai do individual ao social/ do social ao oficial/ num ir e vir de retomadas, supressões, hesitações, silêncios e rupturas. É o jogo da força simbólica da linguagem que se instaura, oscilando entre o histórico e o lingüístico, num cruzamento das memórias individuais, coletivas e oficiais que, emergindo, trazem

[30] O interdiscurso refere-se a ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto que o intradiscursivo seria aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas – o eixo da formulação. (Cf. Eni Orlandi em Análise de discurso: princípios e procedimentos (2003), para maior aprofundamento).

efeitos de sentidos diferenciados. Conforme Halbbwchs *apud* (JEAN DEVALLON, 1999), "a memória é caracterizada como o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e a comunidade".

A certeza que fica é de que muito foi dito, e muito há a dizer. . .

6.3. Prática-leitora – A leitura no círculo: saberes partilhados.

No dia quinze de março de 2004, os sujeitos-leitores participaram de um círculo de leitura mediado pela ministrante do curso de Extensão da Universidade do Estado da Bahia -UNEB, Campus IV, Suely Cristiane, aluna do oitavo semestre do curso de Letras, como carga horária obrigatória do Estágio Supervisionado, na modalidade de curso de extensão, tendo como orientadora do estágio a professora Ana Lúcia Gomes da Silva.

O tema trabalhado da unidade de estudo era Cantando e encantando com Luiz Gonzaga e, a partir da temática, foi trazida a música Boiadeiro do cantor e compositor, Armando Cavalcanti e Klecius Caldas, a qual foi bastante discutida por todas as cursistas no círculo de leitura, tendo como partilha os seguintes textos:

D. Áurea (66 anos) "***Percebo que a música relata a vida do vaqueiro que tem muito trabalho, pouco valor, pouco dinheiro, muitos filhos. Enfrenta chuva, frio, fome e sede***".

D. Celestina[31] (73 anos) "***Lembrei-me dos bailes. Estava aqui remexendo o esqueleto, batendo o pé***".

D. Nilza (65 anos) "1 ***Meu pai me levava para as festas. Gostava de forró***. 2 Eu acompanhava 3meu pai desde os 08 anos. 4 ***A música me fez lembrar também meu marido, porque ele faz isso todos os dias***[32], ***levando e trazendo o gado***. 5 ***Eu esperava ele sentada no alpendre***. 6 ***Quando observava que já ia dar 5 horas da tarde, eu já aprontava o café e esperava-o com o café quentinho***. 7 ***Dava banho nas crianças***,

[31] Participante do Centro de Convivência do Idoso em Jacobina, mas não é um dos sujeitos-leitores da pesquisa, que estamos realizando, entretanto, fez parte do Círculo de leitura como cursista e por isso incluímos sua manifestação textual entre as demais depoentes.

[32] Refere-se ao trecho da música que diz: " Vai boiadeiro que a noite já vem.Guarda teu gado e vai pra junto do teu bem".

botava para dormir cedo. 8 ***Em roça, se dorme cedo***.9 ***Quando tinha lua cheia, ficava todo mundo conversando, tomando café, olhando a lua.***
10 ***Boiadeiro ganha mal***.11 ***Nós fazíamos requeijão para auxiliar na renda. No inverno então, é sofrido.12Depois o patrão fica com todo o lucro.***
13 ***De trabalho de roça que nunca fiz foi cortar sisal***.14. ***O restante eu fiz de tudo: plantar,*** 15 ***lavar roupa, capinar, cortar mandioca, raspar, fazer farinha, bater feijão, catar mamona***, 16 ***entre outros.Esta era minha vida na roça, além de criar e cuidar dos filhos."***
D. Pureza (65 anos).17 " ***Não tinha gado, tinha apenas um jeguinho e por isso botava quarenta tarefas de roça (mamona, feijão,milho,melancia, abóbora etc***)".

As manifestações textuais registradas evidenciam o entrelaçamento das histórias de vida imbricadas às histórias de leitura de cada sujeito-leitor, bem como de suas memórias individuais e coletivas, perpassando pela memória oficial, à medida que saem de suas memórias e analisam as condições de trabalho, avaliam a vida do boiadeiro, suas próprias vidas, caracterizando o trabalho do campo com suas especificidades, sua árdua luta, para ter o mínimo de sobrevivência. Ficam implícitos, nos textos, os questionamentos: por que, quem mais trabalha e luta, fica com a menor quantia na divisão dos lucros? Por que os salários são tão medíocres se trabalhamos tanto e ainda as mulheres auxiliam seus maridos em todo o serviço da roça, além de cuidar da família e dos filhos? Por que, mesmo trabalhando tanto, não temos terra, gado, e sim apenas um jeguinho? Por que, a divisão de trabalho e renda são tão injustas no nosso país?

O levantamento de questões trazidas, subjacentes ao texto é o que na Análise do Discurso caracteriza-se pelo que o texto não diz para dizer, conforme implícito nas linhas 11, 14, 16, 17 quando os sujeitos-leitores saem de suas memórias individuas e trazem nas suas falas o imbricamento das memórias oficias e coletivas, retratando não mais apenas suas vidas no campo, suas histórias e memórias, mas o discurso de um grupo de trabalhadores brasileiros que, em condições semelhantes, continuam a passar pelas mesmas dificuldades citadas. Fica a marca neste aspecto, das memórias oficias que emergem do discurso individual e se institucionaliza enquanto política pública vigente. Na verdade, o texto deflagrador, Boiadeiro, por trazer uma série de elementos dados (conhecidos) desses sujeitos-leitores, suscita uma série de lembranças e acionam as

memórias de cada um deles, pois o recordar da memória traz narrativas e fabulações singulares, como estas que estamos interagindo, as quais foram vividas por cada leitor em diferentes contextos e épocas, evocando diferentes sentidos. Assim, as histórias de vida e de leitura vão imbricando-se e, portanto, se fundem nas memórias individual, coletiva, oficial. São de forma perceptível, suas leituras dos fatos históricos, sociais, numa permuta com suas histórias pessoais. Dessa forma, nosso objetivo da pesquisa fica mais ainda acentuado ao percebermos que a leitura enquanto processo individual e coletivo congrega e expressa os anseios da sociedade.

É exatamente por examinar as narrativas como experiência social que se inscreve na língua que, segundo Michel Pêcheux (1988), nas narrativas, organiza-se uma estruturação do mundo das experiências sociais e pessoais, '*fabrica-se o real com aparências',* ou melhor, é a experiência social inscrevendo-se na língua e na história. A evocação dos leitores produz efeitos reais. Nas narrativas, observamos, portanto, o entrelaçamento do histórico e do inconsciente, (atos falhos, implícitos, subentendidos), estando em jogo, a análise do processo narrativo. Na prática de narrar, o sentido de tornar algo (que já se deu) conhecido, é atravessado pela memória discursiva constitutiva do imaginário social. Assim, ainda segundo Pêcheux (1988), cada narrativa é incompleta, completando-se ilusoriamente na voz dos narradores e, claro, de cada ouvinte, a cada narração. Essa é uma das características da narrativa, provocando diferença na repetição. As narrativas que possuem tradição são as mesmas e, ao mesmo tempo, reorganizam-se continuamente ao serem atravessadas pela posição discursiva dos narradores que já foram ouvintes em outro momento. É a mesma narrativa com diferenças, devido ao trabalho da memória e da própria natureza do narrar.

Cabe-nos explicitar que a narratividade como estamos concebendo, com base na perspectiva da Análise do Discurso, colocam, em movimento, (no trabalho da memória) os enunciativos presentes no imaginário, permitindo, dessa forma, o deslocamento e retorno das cadeias discursivas. Ela é apreensível após o trabalho de Análise do Discurso. As ressonâncias aparecerão e serão assim ressiginificadas num novo contexto com novos sentidos. Estes sentidos nos proporcionaram uma escuta sensível, permitindo-nos adentrar nos sentidos das narrativas que eram realizadas, observando a língua no seu curso/discurso, no seu dinamismo e encadeamentos discursivos, nos quais

as memórias individuais e coletivas vão sendo (des)veladas num processo de permutas e incompletudes, cuja complexidade da realidade é engenhosa, mas não nos impede de interagir, ao contrário, nos provoca e nos incita aos acontecimentos e implícitos presentes no ato de ler.

Num outro encontro com os cursistas, realizado em 08/03/04, a ministrante do Curso de Extensão, Suely Cristiane trabalhou com a temática Cantigas de Roda: uma (re)leitura.

Nesta tarde, observamos que a turma estava bastante animada e um tanto curiosa para saber o que faria naquele momento em conjunto com a estagiária. Falava muito, gesticulava, ria.

Ao ouvir a proposta da estagiária Suely Cristiane, que seria dividida em grupos para trabalharem, explicitou a todos que deveriam fazer um exercício de memória, relembrando algumas cantigas de roda que sabiam e que cantavam e brincavam na época de infância na escola ou fora dela. Depois que lembrassem algumas cantigas, escolheriam uma para que fizessem a apresentação das mesmas para todo o grupo, socializando, assim, o que tinham organizado.

Foram cantadas/relembradas com animação 11(onze) cantigas de roda. São elas: A canoa virou; Água de Beber; Arrasta o pé; Chora Bananeira; Canavieira; Leva Eu; Limoeiro; Canário Verde; Estalou; Lírio Verde; Boneca de Lata; Bebeu, bebeu Gabiraba.

Ao término dos cantos em grupo, cada grupo escolheu uma para apresentar a sala, em forma de roda, modo que todos acompanhassem o canto e a dança.

As apresentações realizadas foram dinâmicas e animadas, cujas leituras corporais deixaram à mostra que, segundo Maria Helena Martins (1993), a linguagem verbal e visual realizam ao travarem diálogos intensos e imemoriais, outro tantos, em seus autores e leitores. É essa interação entre as linguagens, verbal, gestual / corporal, visual, que desencadeiam, cada vez mais, diferentes possibilidades de iluminarem-se mutuamente, ampliando seus meios expressivos e suas leituras.

Observamos nas vivências de linguagem presentes no grupo da 3 ª idade, manifestações textuais significativas e ressignificativas, tanto corporalmente quanto

oralmente. Na cantiga de roda Boneca de Lata, percebemos o diálogo entre a linguagem corporal e a oral enriquecidas pela espontaneidade e singularidade de cada sujeito-leitor.

A cada apresentação dos grupos, reportávamo-nos às nossas infâncias, reminiscências, colocando-nos ativamente na atividade proposta, ainda que, de forma distanciada, observadora, com os sentidos do "olhar" e da "escuta" em constante agucidade, de forma que não deixássemos de apreender ao máximo as leituras, naquele momento realizadas.

As diversas formas de expressão deram às atividades o entrelaçamento entre o que é lido e os leitores, na tentativa de aproximação dos aspectos constitutivos de cada linguagem, quer corporal, imagética, visual, oral, de forma que, as estratégias interpretativas de cada grupo, ao apresentar sua cantiga de roda, criava mudanças de percurso, busca de outros recursos, diversas formas de expressão, que melhor traduzissem, com a leitura corporal, o canto entoado pelo grupo.

Dentre as onze Cantigas de Roda, lembradas/apresentadas/cantadas, escolhemos duas para ilustrar a atribuição de sentidos que os cursistas da 3ª idade deram aos textos Boneca de Lata e Leva Eu.

BONECA DE LATA *(Autor ignorado)*

A minha boneca de lata bateu a cabeça no chão, passou mais de uma hora para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu o pescoço no chão, passou mais de duas horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu os ombros no chão, passou mais de três horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu os peitos no chão, passou mais de quatro horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu a barriga no chão, passou mais de cinco horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu o bumbum no chão, passou mais de seis horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu o joelho no chão, passou mais de sete horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

A minha boneca de lata bateu os pés no chão, passou mais de oito horas para fazer a operação. Desamassa aqui pra ficar bom.

Viva a boneca de lata.!!!!

Ao findarem as apresentações dos grupos, os cursistas, mediados pela docente foram convidados a falar sobre o que sentiram, refletiram, perceberam na cantiga de roda Boneca de Lata.

A maioria informou que faz uma comparação da cantiga com os acontecimentos da vida. “As dores, as cicatrizes, as decepções e tombos que a vida nos dá”. Questionei aos idosos, neste ínterim, se, ao acontecer esses fatos citados, era fácil consertar os danos, prejuízos causados, “desamassando” como fizeram com a boneca. Responderam que diferente da cirurgia que durou oito horas, alguns acontecimentos e sofrimentos nas nossas vidas demoraram anos para consertar, cicatrizar, pois a boneca era de “lata” e nós somos de carne e osso, temos coração, sentimentos bons e ruins, vontades, desejos e, quando nos magoamos, a depender do que tenha acontecido, guardamos mágoas, rancores, demoramos até a perdoar. Questionei ainda por que, em alguns trechos da canção, de acordo com a parte do corpo, as horas para realizar operação e desamassar o boneco variavam de seis, sete, oito horas?

Uma das cursistas disse:

“Depende do lugar que amassa, do estrago que faz. Se for uma pancada leve, no bumbum, por exemplo, não precisam oito horas para fazer a cirurgia, mas se for na cabeça, no olho, é diferente, os órgãos são mais comprometedor(es)”. (Sic) Perguntei em seguida à cursista, o seguinte: Qual a relação do que ela tinha acabado de dizer com a nossa vida.

Assim se pronunciou a cursista:

“Depende do que fazem com a gente que demoramos um tempo grande para ficar curada. Se for uma traição do marido, de um amigo, é um tombo que amassa todo o nosso corpo e nos deixa com marcas e dores, decepções que demorem de ficar curadas.

Se for coisa simples, uma resposta agressiva, um mau-trato, é como um arranhão, passa rápido, esquecemos e voltamos a ficar bem".

Outras cursistas concordaram e acrescentaram, afirmando, ainda, que, na vida, elas tinham passado por muitos "amassos" como a da "boneca de lata", mas agora, na velhice, é que estavam começando a gozar da liberdade de ir para onde queriam, fazer o que gostavam, como dançar, bordar, passear, o que antes não era possível por causa dos filhos, para criar, casa para cuidar e marido para dar conta.

Ao explicitarmos sucintamente os sentidos atribuídos ao texto "boneca de lata", percebemos que, com maior ou menor consciência, os leitores se identificam com o texto, revelando, de forma autêntica, fatos de suas histórias de vida, que se imbricam com suas histórias de leitura, traçando um perfil dos leitores, que exteriorizam vivências, lembranças, as quais no ato da leitura são ressiginificadas, num constante dialogo.

Revelam também, em suas leituras, o quanto cada acontecimento desencadeia diferentes reações e sentimentos que são reelaborados ao longo da existência, podendo deixar seqüelas em cada um, tornando-os ou mais amargos, incrédulos, dóceis, ou ainda desesperançosos em relação ao outro em diferentes situações de relacionamento, quer familiar, amoroso, filial, profissional etc.

Segundo Daphane Patai (1998), o ato de contar uma história de vida envolve uma racionalização do passado como ele é projetado e leva a um presente inevitável.

Pudemos perceber este aspecto na seguinte fala da cursista: "É por isso que hoje só faço o que quero e me faz sentir bem. Já sofri muito na vida. Não tinha direito a me divertir, dançar, passear, pois era só sofrer ciúmes do marido. Estou viúva, velha, mas liberta e feliz. Ninguém mais manda em mim".

O sujeito-leitor analisa o passado, reflete e se identifica com o texto "boneca de lata", e traz a vida presente para contrapor os fatos pretéritos, sinalizando um presente outro, uma outra narrativa deslocada num contexto outro, com outro sentido. A leitura funcionou também como "catarse" para lançar uma parte autobiográfica da vida do sujeito-leitor que o incomodava, fazendo-o inserir-se no texto, identificando a história do boneco, como sendo também sua.

Assim o texto, inscreve-se no sujeito-leitor e evoca os fatos mencionados, cristalizando, assim, uma manifestação histórica em que o pesquisador e o sujeito da

pesquisa analisam os acontecimentos como forma expressiva, determinada pela linguagem, pelo espaço e tempo definidos, refletindo os sentidos não apenas que o narrador teve dos fatos, mas aquele que lhe ocorreu no momento do questionamento feito pelo pesquisador. Há neste bojo, a relação dialógica, incompleta, lacunar, portanto, da não neutralidade dos sujeitos evoluídos que marcam/(de)marcam suas relações de poder discursivo.

Leva eu, "sodade" (*Tito Guimarães e Alberto Cavalcanti)*

Oi, leva eu - minha saudade
Eu também quero ir - minha saudade
Quando chego na ladeira tenho medo de cair
Leva eu (leva eu) - minha saudade

Menina tu não te lembras (minha saudade)
Daquela tarde fagueira (minha saudade)
Tu te esqueces e eu me lembro
Ai que saudade matadeira
Leva eu (leva eu) - minha saudade (ref.)

Na noite de São João (minha saudade)
No terreiro uma bacia (minha saudade)

Que é pra ver se para o ano
O meu amor ainda me via
Leva eu (leva eu) - minha saudade

No texto 02, os cursistas, em sua grande maioria, discutiram sobre o amor, a saudade, os sentimentos e os namoros, contrapondo aos de uma época atual, informando que:

"***Hoje tudo é diferente. É homem traindo a mulher e mulher traindo homem. Amigas tomando os namorados das outras. As novelas é só o que mostram***".

"***Antigamente existia mais respeito, era tudo mais sério. Você escolhia e ia até o fim com a pessoa que tinha estima. Agora casa e descasa brincando. Sim, que traição sempre existia, mas não desse jeito, era raro, um homem descarado e uma mulher também".***

"***As mulheres precisam se respeitar e se valorizar mais. É o que eu acho, né?***"

Ao analisarmos as leituras realizadas, evidenciam-se diferentes gerações, de forma a sinalizar juízo de valor sobre os homens e mulheres, os amores atuais e pretéritos, contrapondo os fatos da memória coletiva, saindo assim da memória pessoal, trazendo ao cenário as telenovelas para ilustrarem as mesmas, como exemplos desqualificados, que divulgam a traição, quebram os paradigmas e dão aos jovens e aos telespectadores em geral uma referência negativa quanto aos relacionamentos conjugais.

É importante percebermos o quanto as narrativas trazem elementos de leitura de/do mundo, pessoais e coletivas numa tessitura polifônica que entrelaça memórias individuais, oficiais e coletivas enquanto sujeitos históricos que fabulam e constroem discursos, portanto, ideologia.

Há de forma explícita/implícita a análise da postura da mulher atual, considerada pela conduta leviana, facilitadora, que deixa de ser sujeito para "coisificar-se", transformando-se em objeto de desejo e de desprezo pelo homem.

Esse afetamento da memória pelas diversas memórias discursivas vai marcando o sujeito naquilo que ele diz. As pistas deixadas no fio do discurso anunciam/denunciam os sentidos que vão sendo filiados e tecidos na materialização discursiva.

Segundo Michel Pêcheux (1999), o implícito está presente por sua ausência. É exatamente através dos implícitos que temos a "ferramenta" necessária para nos mover nos discursos dos sujeitos-leitores, buscando compreendê-los, contemplando o processo de produção de sentidos, com possibilidades múltiplas de leitura.

Terceira Parte – Sapiência Partilhada: a análise das categorias emergentes das fabulações/entrevistas realizadas.

7. O encontro com os sujeitos – leitores – histórias de vida / de leitura da 3ª idade jacobinense e as memórias imbricadas: oficial, coletiva e pessoal.

> "Não é possível reviver a memória com total preservação, uma vez que a memória individual é afetada pela memória da coletividade" (Halbwacks, 1934).

Ao nos debruçarmos nas leituras das entrevistas, foram surgindo, ao longo das narrativas / fabulações, um número significativo de descobertas intrigantes acerca da vida de leitor. Suas histórias de vida apareciam permeadas de memórias diversas, num ir e vir estonteantes. Os sujeitos se deslocavam das memórias pessoais para a coletiva e oficial, trazendo, em cada uma delas, uma carga de efeitos e inferências. Há de fato, uma (re)construção histórica dessas memórias.

Segundo André Gattaz (1998), a história de vida, em alguns pontos é semelhante à autobiografia espontânea, traz consigo uma série de características que não se manifestam em outros documentos históricos. É exatamente por observarmos o movimento dialético anunciado por Habwacks (1934) na epígrafe que anuncia esta categoria de análise, que as memórias evocadas se imbricam numa fusão que foge à percepção do narrador, mas que se torna expressiva ao entrevistador/pesquisador.

Um ponto em comum entre os sujeitos-leitores diz respeito às suas histórias familiares quanto ao casamento e a vida a dois. Relatam que sofreram (as mulheres) com seus filhos ou esposos em virtude da bebida, jogo, tratamento ríspido e até a traição.

"***Fiquei sozinha***. ***Me casei com 18 anos, mas com três anos e seis meses ele me largou. É triste casar e o marido largar a gente. Me largou por causa de outra mulher***. (Jacira Rosa Santiago, 66 anos)

" Muitas coisas que passamos com nossas famílias prejudicam muito a gente, quando velhos, né? Meu filho mesmo, bebendo. Dá muito trabalho. Passa até 10 dias bebendo. E a preocupação sempre pensando o que aconteceu com ele. Será que teve alguma coisa, está dormindo? Caído em alguma calçada? É uma doença." (Maura, 71 anos).

"***A maior parte da minha vida foi trabalhar na roça. Não tinha quase liberdade. Meu padrasto ciumava muito de mim e na adolescência ficava sempre atrás de mim, parecia uma sombra"***. (Edite Soares, 66 anos)

"***Com 76 anos, não sei o que é paz na minha vida. Nunca tive. Eu tinha um marido que me fez sofrer com jogos, cachaça e mulher."*** (Antônia Silva, 76 anos).

"***A família era grande, eu não vou citar os nomes porque eu não lembro agora. (risos)..."*** (Alaíde, 71 anos)

"***A minha vida foi precária. Eu tive um esposo pobre mas trabalhador. Mas era muito cachaceiro. Sofri muito com a cachaça dele".*** (Maria Pureza, 66 anos)

Ao contar uma história, o sujeito-leitor busca reunir os elementos dispersos da sua vida pessoal e agrupá-los em esquemas de conjunto, buscando assim, uma expressão coerente com seu destino e sua vida.

André Gattaz (1998) afirma que:

> A narrativa autobiográfica traz testemunho de um homem sobre si mesmo, o debate de uma existência que dialoga com ela mesma, na busca de sua fidelidade mais íntima.
> Não é tarefa fácil voltar-se sobre sua vida. O espaço interior é tenebroso por excelência. [...] É o encontro do homem com sua imagem. (GATTAZ, 1998, p. 02).

A cada cena lembrada e evocada da memória, os sujeitos-leitores se projetam e materializam um conjunto de gestos, timbre de voz alterados, olhares emocionados, silêncios, hesitações, choro, risos, que vão dando às suas narrativas os tons e sentidos que neles se inscrevem.

Segundo ainda André Gattaz (1998), na história da vida, a verdade dos fatos se subordina à verdade do homem, pois é o homem que está em questão. Neste sentido, ao analisarmos a narrativa materializada, é necessário reunir os signos, os significados e significantes que caracterizam o narrador.

O conjunto dos elementos extralingüísticos são tão importantes quanto o lingüístico para o analista/pesquisador, porque a relação com a linguagem verbal, gestual e oral são, para a História Oral e Análise do Discurso, elementos essenciais à compreensão, o dizer do outro, dos sentidos instalados no silêncio, nas pausas, nos gestos.

Eni Orlandi (2002), afirma:

> O silêncio não se reduz à ausência de palavras. As palavras são cheias, ou melhor, são carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras, assim como não se pode, por outro lado, recuperar o sentido do silêncio só pela verbalização. (ORLANDI, 2002, p. 69).

Ao captarmos os gestos não-verbais, mais o texto verbal anunciados pelos sujeitos-leitores, percebemos que o silêncio e os gestos são carregados de sentidos e que atravessam as palavras, dando o tom, a ênfase, a cada episódio narrado. Essa carga silenciosa que atravessa as palavras dá-nos a entender a correlação entre o signo, o

significante e o significado, que deve ser analisado, buscando na tríade história – narrada – trajetória vivida, os valores que cada elemento tem, dotado de sentidos e significados, que vão predominando nas fabulações trazidas por cada sujeito-leitor.

Outro aspecto relevante nas narrativas ouvidas diz respeito ao momento de imbricação entre as memórias pessoal, coletiva e oficial.

Sendo a memória um processo dinâmico e seletivo, acabamos sempre selecionando o que nos é significativo para ser lembrado; há um retorno ao passado com consciência, numa tentativa de eternizá-lo. Ao ressignificar os fatos, os narradores têm um controle sobre esta memória revivida e as lembranças ocorrem à mente numa profusão de significados e reminiscências. Assim nos falam os sujeitos-leitores:

"***Seu tivesse estudado, tivesse um pouco mais de desenvolvimento, meus pais tivessem condição, eu estudaria pra ser veterinário. Tem veterinário que tem a formação e às vezes não sabe nem fazer nada [...] Ele tinha o "papel" mas não tinha a prática, nem nada. Um colega meu de Itapetinga pediu para eu laçar os cavalos e garrotes. Eu ajudei a laçar. Laçava com velocidade. Botava eles pra correr. E ele foi criado em fazenda, o pai era fazendeiro.***

Eu tinha a prática, sabia receitar, derrubar gado. Eu sei lidar com isso. Aprendia rápido". (Ataíde Cosme, 67 anos)

"***Da minha infância lembro que quando criança brincava muito. Lembro, também, do tempo da Revolta. Era pequena (mostrou com gestos o tamanho). No tempo dos revoltosos. Tempo de Lampião e Corisco, Diabo Loiro. Eu nasci na 1ª Revolta que teve. Nasci em 15 de novembro de 1926. Tinha 02 anos e lembro como hoje, quando vinha a tropa toda. Quando íamos catar umbu com mamãe. Quando víamos eles, corríamos e nos escondíamos***. (Antônio da Silva, 76 anos).

"***Na década de 62, tinha o carreiro e a coletoria em Itapeipu (Município de Jacobina). Não tinha máquina de escrever no cartório naquele tempo. Era na caneta. No salão que tinha, o pessoal ia jogar 'biriba', conversar sobre política e eu ficava por ali observando. Hoje Itapeipu ficou velho, não tem mais cartório, não tem nada***". (Ataíde Cosme, 67 anos)

"***A escola não tinha biblioteca. Era escola de roça, não tinha livro. Há muitos anos atrás."*** (Edite Soares, 66 anos)

"***Bom é melhorar a política. Muitas coisas têm necessidade da política e o político não faz. Ele não olha para o progresso, pra fazer alguma coisa de boa para o pobre, um emprego. Só dão emprego a quem já tem. Há tanto serviço manual pra ser feito. Por que não coloca uma fábrica de extrato de tomate, aproveitar os tomates? Dá uma cesta básica que come em uma semana. E no dia-a-dia o que está ganhando?".*** (Ataíde Cosme, 67 anos)

"***Mulher quando casa fica embaixo dos pés do marido, mas naquele tempo meu, pois hoje em dia todo mundo tem sua liberdade***.

Eu me desconfiei e não quis mais saber de homem depois que enviuvei". (Maria Pureza, 66 anos)

"Naquele tempo era assim. Tinha que dançar com 'gato e cachorro'. Não podia dar 'taboca' senão a confusão estava feita. Eu mesma nunca dei 'taboca' em ninguém ." (Maria Pureza, 66 anos)

Percebe-se, nos trechos acima, o quanto o retrato social da época é delineado a partir da narrativa pessoal que atravessa a singularidade individual e marca a análise de um momento histórico em que a mulher vivia submissa à vontade do homem, mesmo que sua vontade e desejos fossem opostos aos que lhes vinham. O sujeito-leitor traz ainda a sua posição marcada pela qualificação pejorativa aos homens ao afirmar que teriam que dançar com "gato e cachorro", ou seja, homens que não teriam adjetivos dignos de serem aceitos para uma dança com a mulher, mas, para evitar confusão, não tinha o poder de escolha, apenas acatava, por fazer parte do "jogo social" da época. Ir a festas, gostar de dançar implicava submeter-se aos ditames da vontade masculina, caso contrário, não dançaria com mais ninguém, ao dar não a um, não poderia escolher um outro que lhe agradasse.

É marcante também a memória oficial trazida no trecho sobre o casamento, quando Maria Pureza, 66 anos, analisa a sua época e a de hoje, inferindo que a mulher da sua época era obrigada a viver submissa ao homem, não se separar, deixando na sua fala, o poder da indissolubilidade do casamento, conforme os dogmas religiosos, os quais hoje não mais são observados em detrimento da felicidade do outro. Segundo a entrevistada, ao afirmar que "hoje em dia todo mundo tem sua liberdade", deixa subentendido que as escolhas são feitas, as possibilidades são outras, diferentemente da mulher de sua época.

As falas dos sujeitos-leitores trazem numa confluência híbrida as memórias individuais e coletivas. A memória individual funde-se com a coletiva e oficial, trazendo, à baila, fatos históricos pretéritos e atuais, a exemplo do grupo os cangaceiros, liderados por Lampião, ao MST - Movimento dos Sem Terras, os quais são ressiginificados, avaliados e analisados pelos sujeitos-leitores, que deixam claro suas ideologias atravessadas nas formações discursivas, portanto, a não neutralidade do sujeito, carregadas de suas leituras dos fatos, do/de mundo, construindo sentidos aos seus dizeres e suas aspirações. A memória, quando acionada, exerce influência no nosso discurso e lembranças. Ao relembrar, fazê-la ressurgir, convocamos tudo que as precedeu e o que veio após ela.

Para Henri Bergson (1934), a função da memória é:

> Evocar todas as percepções passadas análogas às percepções atuais, convocar tudo o que as percebeu e tudo o que veio depois dela. Ao permitir-nos aprender, numa simples intuição, múltiplos momentos de duração, ela nos liberta do movimento resultante do fluxo das coisas, isto é, do ritmo da necessidade.
> Quanto mais desses momentos a memória puder comprimir em um só, mais firme será o domínio que ela nos proporcionará sobre a matéria [...] a medida suprema de seu poder de ação sobre as coisas. (BERGSON, 1934, p. 28)

Ao relembrarem o passado, analisarem o presente, percebemos que os sujeitos-leitores fazem uma leitura social dos mesmos, com a visão de mundo da atualidade, tornando-se, assim, visível e delineada, a ideologia, os juízos de valores, a interferência dos sujeitos na História, a co-autoria. Dessa forma, reafirmam suas posições, deixando evidente que lado estão em relação às suas posições políticas, religiosas etc, quais suas opções, ou ainda, dissimulam através dos seus discursos as contradições aparentes nas narrativas apresentadas.

Quando Ataíde Cosme, 67 anos, registra suas memórias pessoais sobre o seu gostar da roça, suas reminiscências desde a infância até a idade adulta, sua paixão pelo campo, traz, num outro ponto da narrativa, não mais a memória pessoal, mas a oficial e coletiva numa fusão que o define como sujeito sóciohistórico que atribui aos sem-terras uma série de adjetivos / análises / que se contradizem. Primeiro, defende-os por não terem a terra e, por isso, vivem excluídos e sem a qualidade de vida que lhes é de direito, depois,

acusa-os de invasores, por quererem, com facilidade e sem luta, a terra alheia já beneficiada, conforme o excerto abaixo ratifica.

"***Os sem-terra, por exemplo, tem gente que está ali dentro e tem fazenda. Você tem sua fazenda beneficiada, organizada, tem seu trator, boiada. Tem as coisas que você gosta. Os sem terra acampa, quebra cancela, pega trator, querem ir para dentro dos benefícios da terra. Porque não "arma" a barraca no mato e vai trabalhar lá?"*** (Ataíde Cosme da Silva, 67 anos) Questionamos ao interlocutor entrevistado:

"Sem a terra, como eles irão trabalhar"? "Eles querem encontrar a terra beneficiada." Responde o entrevistado e afirma ainda: "O certo é pagar parcelado e ir produzindo, fazer sua roça, seu arado, criar galinhas, plantar aipim". (Ataíde Cosme, 67 anos).

Segundo Ecléa Bosi (1983), ao rearticular a memória dos acontecimentos políticas, o sujeito compreende melhor o seu ponto de vista, a partir do momento em que localiza a classe e profissão que ocupa. Vejamos, neste trecho da narrativa, o quanto fica evidenciado o sentido do que afirma a autora.

"***Adoro roça, mas não tenho condição de comprar. O rico não arrenda, nem planta. Nem ele colhe, nem a gente*** [...]

Antigamente não tinha esse negócio de sem-terra. Hoje tem muita gente envolvido que tem (terra) e vai lá para adquirir, para vender o imóvel, recebe e passa para outro." (Ataíde Cosme, 67 anos).

O sujeito-leitor se reconhece na figura dos sem terra, mas não concorda com as estratégias por eles utilizadas, nem por existirem, no movimento, segundo ele, pessoas que têm posse, infiltram-na e acabam maculando a imagem e as reais funções do MST, conforme o sujeito-leitor diz:

"***Tem terra e vai lá para adquirir e vender aquele imóvel que eles recebem***". (Ataíde Cosme, 67 anos), (já citado).

O recorte social dos fatos feito pelo leitor traz a memória oficial presentificada na narrativa e configura-se como sujeito includente, participativo, não apenas como expectador. O uso dos pronomes pessoais em 1ª pessoa (Eu) trazendo a sua narrativa e, às vezes, o pronome (ele) para designar as ações com as quais discorda, sublinha o reflexo das experiências/vivências pessoais/coletivas e sua análise do contexto em cada

época, como também analisa a Vila de Itapeipu quando não existia a máquina de escrever, na década de 62.

> Entre o sujeito e sociedade percebe-se o reflexo das experiências pessoais e o contexto da época, uma vez que entre sujeito e sociedade há a marca da marginalidade política. (BOSI, 1983, p. 373).

Percebemos, pois, que a relativização da história oficial tende a aparecer ao ouvirmos as memórias individuais, haja vista que se passa a efetivar a memória coletiva, o discurso que representa as classes menos favorecidas economicamente, num cruzamento das memórias históricas e pessoais, como veremos nas narrativas de outros sujeitos-leitores que assim se pronunciam:

"***Ela tinha uma biblioteca na escola que era da casa dela. Até hoje tem o prédio lá. Quando passo ainda vejo. Ela tinha uma biblioteca particular que ela passava pra gente".*** (D. Glória, 65 anos).

"***Eu ficava semi-interna. Lia escondido das freiras. Todo mundo queria ler lá no colégio".***

"As freiras estimulavam a leitura da vida dos santos e não romances como Romeu e Julieta. Queriam a leitura de livros religiosos. José de Anchieta, Marcelino pão e vinho". (D. Glória, 65 anos)

"Foi publicado no jornal local em homenagem ao dia da mulher, 08 de março, o meu nome como a 1ª mulher jacobinense a tocar um instrumento musical. Tocava Requinta com o professor Armindo. Era um instrumento maravilhoso. Curtinho, parece um trompete". (D. Glória, 65 anos).

"***Em 1940 eu já estava no 4º ano primário. Fui alfabetizada na década de 30 mais ou menos. Naquela época ia pra escola a partir de 7 anos sabendo o ABC e a tabuada principalmente. Aprendi a ler juntando B-A, ba, BE, bi -, bo, CA – CE, CI, CO, não dizia o outro porque achava que era nome feio. Depois fui aprender na Cartilha do Povo. Tinha a Cartilha das Mães e do Povo"*** (Terezinha Lapa, 67 anos)

"***Não existia biblioteca na escola. O incentivo à leitura vinha apenas da professora. Só tinha biblioteca, eu acho, no ginásio Sacramentina de Sr. do Bonfim***".

"***Fomos criados dentro de uma classe. Minha avó naquele tempo, só andava na classe especial pra viagem. Tinha dormitório, banheiro, tudo".***

"***Era a companhia de trem de ferro, chamava a Maria Fumaça. Meu pai trabalhava na linha Leste".*** (Terezinha Lapa, 67 anos)

"***Comecei alfabetizando. Primeiro ensinei na roça, perto de Queimado. Formei em Magistério em 1957. Professora da zona rural. Lá eu ensinava 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série, tudo misturado. Classes multisseriadas. Isso nas décadas de 58 a 60".*** (Terezinha Lapa, 67 anos)

"***Formei em magistério em 1965. Foram 25 anos de educação integrada. Sempre trabalhei com adultos".*** (D. Glória, 65 anos).

Segundo Jacques Le Goff (1996), o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. Ao ouvirmos e lermos as narrativas dos sujeitos-leitores, vamos percebendo que os leitores se movem nas suas memórias pessoais, cruzando a elas, as memórias coletivas e oficiais de formas distintas. Para D. Glória, 65 anos, e Terezinha Lapa, 67 anos, as suas memórias saem da 1ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do singular, bem como para a afirmativa universal como assinala a segunda fala <u>*Foi publicado*</u> no jornal local... <u>*Eu*</u> ficava semi-interna. Em 1940, eu já estava no 4º ano primário. As marcas pronominais e as modalizações vão contrapondo o pessoal ao coletivo e oficial, trazendo um recorte da época, fazendo-nos compreender o contexto, seus costumes, regras e crenças.

Ambos os sujeitos-leitores são professores que tiveram suas trajetórias profissionais marcadas pelas políticas públicas da época. Uma trabalhando com classe multisseriada na zona rural, e a outra com Educação Integrada, na zona urbana, para adultos. Ao situarem suas ações neste contexto em que lecionaram, acionaram as memórias oficiais acerca do ensino, das condições de trabalho, da valorização do magistério, como se pode constatar ao longo das entrevistas de ambas, na íntegra, contidas nos anexos.

Os operadores temporais nos trechos das narrativas apresentadas vão permeando os discursos e marcando "seus fios condutores", dando-nos a referência temporal, histórica e de validade universal do que nos contam, buscando, assim, a veracidade dos fatos. Traz a presença de um outro discurso para a narrativa, numa dialogicidade dialética que nos permite compartilhar da heterogeneidade dos textos apresentados.

> O caráter fundamental dialógico do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação o discurso com seu outro. [...] Todo discurso tem um direito e um avesso e essas duas faces são indissociáveis. (MAINGUENEAU, 1984, p. 31, 32).

Segundo José Luiz Fiorin (2002), o conceito da heterogeneidade é uma maneira de precisar teoricamente o conceito *bakhtiniano de dialogismo*, uma vez que a ambivalência das marcas da heterogeneidade caracteriza a referência ao outro, à polifonia, a nosso ver, já que, os textos são marcados pela polifonia diluída nas suas tessituras, cujas marcas vão dando os contornos singulares de cada sujeito-leitor.

Como já afirmamos neste capítulo, os sujeitos-leitores interagem com a memória coletiva e oficial, e passam também a falar a partir da posição do grupo, do coletivo, os sujeitos mesclam o valor testemunhal das suas narrativas, aos fatos históricos, buscando na localização dos fatos o discurso do outro, da estabilidade exterior. Com base nos princípios bakhtinianos, a Análise do Discurso da linha francesa, propõe exatamente o princípio da heterogeneidade, ou seja, de que o discurso é tecido a partir do discurso do outro, que é o "exterior constitutivo", o já–dito, sobre o qual qualquer discurso se constrói.

> O discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos. Todos são, portanto "atravessados", "ocupados", "habitados", pelo discurso do outro. Por isso a fala é constitutivamente heterogênea. Sob a palavra, há outras palavras. (MAINGUENEAU, 1983 p. 45).

Fica evidenciado que, numa certa altura dos acontecimentos e das lembranças pessoais, a fusão/imbricamento entre memória histórica, coletiva e oficial vai sendo tecida e ressignificada, uma vez que os sentidos não-ditos, silenciados, estão sempre resistindo e reaparecem nas narrativas, levando a outros sentidos, sendo filiados e significados na imagem pessoal e social dos sujeitos-leitores.

Segundo Eni Orlandi (1993), a historicidade do processo discursivo exerce um deslocamento do sujeito através de suas posições na sua história pessoal, ao tempo que nos significa e é significado, o que pudemos constatar e acompanhar a partir dos recortes narrativos analisados. Há aí o que a Análise do Discurso chama de "Instauração da discursividade". A autora, ao dizer, insere-se no texto e possibilita não apenas ser autor da narrativa que apresenta, mas também, se identifica com ela, formando outros sentidos, possibilitando outras leituras. Segundo Pêcheux (1997), a ligação do sujeito

com sua prática política se evidencia passando pela ideologia, trazendo o efeito da mesma para seu discurso e sua prática, ocupando assim, um lugar determinado no sistema de produção. Em outras palavras, todo sujeito humano, só pode ser gente de uma prática social como sujeito.

As histórias pessoais e histórias de leitura ganham diferentes contornos e sentidos para cada leitor envolvido na pesquisa, conforme trataremos nas categorias Leitura, letramento e mercado de trabalho e Leitura e participação social, uma vez que ficam mais evidentes nestas, que na categoria das memórias pessoais e oficiais, já que, em primeiro plano, aparecem as memórias que delineiam a história da vida, aparecendo a leitura de/do mundo como maior destaque das compreensões dos fatos históricos da época e das próprias memórias pessoais.

As falas trazidas para o capítulo da análise dos "dados" foram retextualizadas, tomando como parâmetro a prática da História Oral, em especial, dos trabalhos dos autores José Carlos Sebe (2002) e André Gattaz (1996).

Segundo André Gattaz (1996), a textualização deve ser uma narrativa clara, da qual foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser "limpo", "enxuto" e "coerente", sua leitura deve ser fácil, compreensível.

É importante destacar que, para os autores citados, a textualização deve manter a atmosfera da entrevista, seu ritmo, e principalmente, a comunicação não-verbal nela inclusa: risos, choros, gestos faciais, emoções do depoente, entonação, inflexão vocal. O texto deverá, portanto, manter características do texto falado, de forma a poder ser identificado pelo autor como original.

A reformulação textual surge da necessidade de compreender que a transcrição literal, dada à dinâmica própria da fala, traz muitos truncamentos, superposições, repetições, retomadas, palavras e expressões não adequados ao contexto ou aspectos não muito compreensíveis pela própria qualidade da gravação. É pertinente ressaltar ainda, que o código escrito tem valores distintos, mas esses valores devem ser analisados num *continuum*, porque ambos são produtos da mente humana. Entretanto, possuem aspectos formais e funcionais que ora se assemelham ora se desassemelham. A lapidação da fala é um trabalho árduo, pois manter os elementos extralingüísticos (caretas, gestos, sorrisos, meneios de cabeça) no texto escrito é uma tarefa que exige muita habilidade,

sensibilidade, ética do pesquisador perante cada trecho retextualizado que sofre cortes e/ou alterações de forma a manter o texto na sua essência, sem alterar o sentido do mesmo. Na História Oral, esse processo vale-se de dois conceitos da Lingüística, os quais não podem ser entendidos separadamente.

O primeiro conceito, proposto por Haroldo de Campos, é o da transcrição e o de teatro da linguagem, formulado por Roland Barthes; ambos foram adequados à prática da História Oral por José Carlos Sebe (2002). A transcrição surge da necessidade de reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura, conforme explicitamos anteriormente, enquanto que o teatro de linguagem é a passagem para o texto da comunicação não-verbal, também já mencionada no parágrafo anterior, quando explicitamos sobre os elementos paralingüísticos e/ou extralingüísticos.

Optamos por deixar a transcrição literal das entrevistas nos anexos para garantir o confronto dos leitores no ato de leitura deste capítulo, permitindo assim, a visualização completa das narrativas e suas retextualizações realizadas pela pesquisadora, buscando atender à prática explicitada, mesmo consciente dos riscos da mesma.

A nosso ver, o texto ganha em fluência, maior objetividade, e clareza, não o destituindo do seu valor semântico/discursivo, nem formal.

8. Memória e esquecimento: qual a relação entre ambas?

"O esquecimento é uma forma de memória".
(Jorge Luis Borges, 1980)

A palavra memória tem sido inegavelmente uma das mais evocadas atualmente em qualquer área da humanidade e em especialmente nas Ciências Humanas. Na nossa pesquisa, o conceito utilizado de memória baseia-se nos estudos da Eni Orlandi (1993, 1999), Michel Pêcheux (1999), Jacques Le Goff (1996), José Carlos Sebe (2002), Michel Certeau (1994), como já explicitamos no capítulo que trata dos efeitos de sentido/imbricamentos das memórias.

O nosso interesse é compreender a memória não apenas no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos de rede de significados, um espaço de deslocamentos e conflitos, de contra-discursos. Segundo Michel Pêcheux (1999), a memória não pode ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos.

Cabe-nos, nesta categoria de análise, compreender a relação memória e esquecimento e História Oral e Memória.

Para José Carlos Sebe (2002), quando se valoriza na fala contida, na narrativa gravada, o conjunto dos conteúdos ditos para análise, as questões afeitas à memória, despontam como caminhos indicativos da memória individual ou grupal. O que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstâncias foi evocado o fato, são fatores presentes na narrativa que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação que, por sua vez, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita.

As relações, portanto, entre História Oral e Memória, têm produzido debates que já se encontram bastante avançados em termos de diferenciação entre ambas. A História Oral promove uma mediação significativa entre a memória e a história. A responsabilidade documental da história oral é que dá sentido à memória como tema para a história. É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória.

> A memória tem sido considerada um espaço em que o repertório das versões sobre o passado ainda não ganhou a dimensão escrita possibilitada pela história oral [...] O passado é a matéria da memória e da história, mas a dinâmica entre uma e outra é diferente. (MEIHY, 2002 p. 53).

É fundamental para a compreensão do nosso par memória *versus* esquecimento, consideramos que, além dos fatores culturais que interferem na organização mnemônica, outros elementos devem ser considerados; a saber a capacidade biológica das pessoas e os acontecimentos considerados marcos nas trajetórias individual, social ou coletiva. Velhice, debilidade física, circunstâncias traumáticas afetam diretamente as narrativas que se calçam na memória.

Nos estudos feitos por José Carlos Sebe (2002), o mesmo registra a história sobre a memória, indicando que sua gênese tem raízes nos poetas gregos e esses, para

imortalizar seus heróis, procuram vencer a morte ou o esquecimento por meio de versos gravados na memória. Os gregos associavam o esquecimento a Lete, musa feminina que se oporia de Mnemosyne, Deusa da lembrança e mãe das musas. Portanto, desde sempre o esquecimento foi convocado como forma de desgraça. Curiosamente, Lete é o nome de um rio que permite aos mortos a passagem para uma vida sem lembranças.

A memória tem, também, importância fundamental para confirmar o presente, pois, sem ela, não temos a garantia das regras sociais que se estabelecem a partir das repetições de atitudes definidas no passado. Questionamos: como viver sem esquecer? Há, nesta pergunta, a relação direta entre a memória e o esquecimento, uma vez que, observando um, entendemos o outro. O que ficou esquecido, por que, como, quando? Por que selecionamos o que queremos lembrar e o que vamos esquecer? É obvio que assim como aprendemos a esquecer mágoas, tristezas, decepções, precisamos também, socialmente, esquecer fatos, cenas que atrapalhariam o desenvolvimento de projetos coletivos/sociais. Mas, há de se considerar ainda, que há acontecimentos que são "forçados" ao esquecimento, os quais podem ser considerados "apagamentos", ou seja, a promoção da censura, obstaculizando o retorno das lembranças.

Segundo Eni Orlandi (2002), a língua-de-espuma é uma língua vazia, prática, de uso imediato em que os sentidos não ecoam. Na língua-de-espuma, os sentidos se calam, impedem que vários sentidos se coloquem para esta mesma "realidade". Historicamente a língua-de-espuma marcou o período da ditadura militar no Brasil em 1964. A mesma tem o poder de silenciar.

Daí, a importância de compreendermos cada vez melhor o par memória *versus* esquecimento no contexto das narrativas, como possibilidades de entendimentos que transcendem aos fatores biológicos da idade, multiplicando assim, seus sentidos na produção textual.

> A censura tal como definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, proíbem certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições. A censura não é um fato da consciência individual do sujeito, mas um fato discursivo que se passa nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. (PULCCINELLI, 2002, p. 107/108)

Por outro lado, o esquecimento faz parte da ordem do dizível, uma vez que o processo de seleção do que lembrar implica o que se esquece. O retorno das lembranças

à memória parece anunciar que elas estavam retidas. Mas onde e como estão retidas? Como acionamos o que esquecemos? Segundo os estudiosos da memória, a resposta está na "metáfora do armazém". As coisas armazenadas reaparecem em situações e ordens que não se sabe precisar, são mistérios e novidades que são apresentadas a cada descoberta da ciência.

Nos trechos seguintes, percebemos o jogo discursivo da memória e do esquecimento no curso das narrativas e suas possibilidades de apreensão/compreensão dos sentidos que se filiam e ressurgem das margens, da exclusão, do esquecimento que marca o ir e vir do passado ao presente, rememorando fatos, acontecimentos, emoções.

"***Eu nunca fui na escola não. Meu pai me dava era roça. Plantar. Tem três meses que aprendi a assinar meu nome, mas de lá pra cá tinha memória melhor, mas o meu sofrimento foi demais, minha memória hoje não dá pra nada"***.

Não aprendo nada. A profª me diz o nome eu soletro o nome e na mesma da hora esqueço". (Antônia da Silva, 76 anos)

"***Muitas coisas eu esqueci. O problema que tive de derrame acabou mexendo com meu cérebro. Esqueço o que tenho que fazer. Tem que mandar eu fazer isso, fazer aquilo".*** (Jacira Rosa, 66 anos)

"***Cantavam soprando café e tudo. Era mais ou menos um grupo de roda. Um fazia, um falava, outro respondia. Como trova. Não lembro mais como era".*** (Ataíde Cosme, 67 anos).

"***Dava vontade de fazer, mas esquentava o juízo. Copiar as frases. Tinha que botar o certo pela cabeça da gente, né***?"

Esquenta minha cabeça e passo mal. As meninas fazem zuada.

"***Não lembro mais de nenhuma poesia***" (Maura, 71 anos).

"***Lembro. Dos 06 anos de idade até essa data (65 anos). É uma faixa etária que a gente pensa que esquece, mas lembra totalmente. Eu lembro da minha primeira professora (pausa para lembrar) é... a... é... o nome dela é Ivone Dias***." (D. Glória, 65 anos).

"***Meu pai era polícial e se mudava muito. Mudamos para Juazeiro, Remanso... não lembro mais os outros lugares".*** (D. Glória, 65 anos).

"***Quando meus netos começam a falar de algumas histórias e cantigas e a falar de um assunto, eu me lembro. E explico como era na minha época".*** (D. Glória, 65 anos)

"***Ah! Pensa que me lembro? Nem me lembro mais disso. As música era... Lembra assim de alguma. Tinha Asa Branca. Tem a que diz: Foi lá no pé-de-serra onde eu deixei meu coração [...] Oh que saudade que tenho de voltar pro meu sertão. No meu passado esse trabalho eu não queria... Ah! Me esqueci."*** (Maria Pureza, 66 anos)

"***A cabeça agora não dá mais. Naquele tempo que era nova, se ouvisse uma música uma vez eu aprendia. Agora não."*** (Maria Pureza, 66 anos)

"***Casaquinho vermelho está na moda agora. Pega essa menina que namora a toda hora. Tinha um nomezinho que dizia com as moças namoradeiras. Vigaristas não, era... Eu esqueci. Mas era..."*** (Terezinha Lapa, 67 anos).

"É daquela parte das missas, da... A Rede Vida... é a Salvação é? Esqueci agora..." (Terezinha Lapa, 67 anos).

"***Esqueci. Esqueço tudo na minha cabeça. Sempre. Na mesma hora que estou já não sei mais. Por isso eu entrei aqui no Centro de Convivência, porque pensei que eu iria ficar louca, perder o juízo, porque não sei mais o que estou fazendo".*** (Alaíde, 71 anos)

"***É, na rua... agora esqueci o nome da rua que moro."*** (Alaíde, 71 anos)

"***Ela chamava Cesarina e ela brincava muito com a gente. Naquela época a gente recitava muito, fazia dramatização. Mas eu não me recordo direito."*** (Edite Sousa, 66 anos)

"***Dia de sexta-feira... Era uma festinha que a gente chamava... era... Sei lá. Tem um nomezinho que eu dizia. Depois eu lembro. (No final da entrevista de repente se lembra da palavra que tinha esquecido e diz). Era boate, menina que chamava. Gatinhas hoje vai ter boate aqui em casa. Oh, meu Deus do Céu!!! (gesticula com as mãos levando-as à cabeça). Era boate".*** (Terezinha Lapa, 67 anos).

Pelos trechos apresentados, fica evidenciado o quanto o esquecimento traz inúmeras repetições na tentativa de trazer à mente as lembranças/informações que queriam dizer. Para resolver as dificuldades de memória, as falantes lançam mão, às

vezes, de verdadeiros pedidos de socorro ao interlocutor (pesquisador), como fez Terezinha Lapa na segunda fala linha 2. Empregam ainda, a linguagem corporal, elementos paralingüísticos para buscarem lembrar como fazem por exemplo, quando leva às mãos à cabeça (Linha 6, Terezinha Lapa, trecho da entrevista), traz as repetições, buscando ser vigilante, monitorando suas falas, buscando assim, manter o turno e a conversação sendo o locutor, tendo a palavra sob seu controle e poder.

Percebemos ainda que há nos trechos abaixo a censura do dizer, ela se dá, Segundo Eni Orlandi (2002), na relação do dizer do outro, que age como limite, aquilo que um sujeito será ou não, autorizado a dizer. Assim, o sujeito tem que construir um outro lugar, para ser (ouvido), para significar. Terezinha Lapa, 67 anos diz:

"É imoral. Aí li, da-de-di-do-du-ca-ce-ci-co-... o outro a gente não podia dizer não. Né· Que achavam imoral".

O trecho citado anteriormente por Terezinha Lapa (67 anos), ao informar sobre as moças namoradeiras, buscando lembrar o nome dado a elas, informa ser vigaristas, mas recua e diz que não é este, e sim outro, mas não consegue lembrar qual.

Segundo Michel Certeau (1994), há um paralelo quanto à memória do ancião e do jovem. Para a irreflexão da juventude, eles se opõem a experiência do ancião. Este saber se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. É uma memória cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desafiando as suas singularidades e se revela no momento oportuno.

O excesso de pausa marca o ritmo construído aos arrancos da fala, às tentativas de lembranças de fatos atuais, ou pretéritos. Percebemos ainda que os fatos do passado às vezes, são fortemente lembrados/rememorados com mais facilidade que os atuais como fica evidenciado nos depoimentos de Antônio Silva (76 anos), Jacira Rosa (65 anos) que relatam as dificuldades de aprender a ler/escrever na terceira idade. No entanto, as reminiscências do passado vêm à tona de forma fluida com imagens vivas que se intercalam aos textos corporais.

> Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias como o piano que "produz" sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro. É devolvido em palavra ou em gesto [...]. É feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças. (CERTEAU, 1994, p. 164).

O par memória/esquecimento é comum na vida e narrativa dos idosos e denotam uma preocupação em manter o fio do discurso, justificando sempre seus "lapsos" de memória ocorridos. Por outro lado, as repetições acabam por tornar o discurso menos denso do ponto de vista da quantidade de informações, o que facilita a recepção por parte do ouvinte. Assim, percebemos que a fluência da fala dos idosos não pode ser tomada isoladamente, porque vários fatores implicam este par citado anteriormente.

Como sinaliza a epígrafe, o ato de lembrar algo que ficou guardado, esquecido, é um retorno ao tempo e lugar dos acontecimentos, e para lembrar, foi necessário antes esquecer. Desta forma, só há memória lembrada porque houve o esquecimento. Se lembrarmos algo, é porque, antes, deixamos esquecido "no armazém" da memória.

Segundo Paul Zunthor (1997), esta aparente oposição entre memória e esquecimento é da mesma ordem que as traçadas entre o tempo e a eternidade, o mundo sublunar e a beatitude, o corpo e a alma e ainda outros.

Na verdade, o autor explicita que memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação, implicando seletividade, por isso mesmo, o sentido se transforma e se ultrapassa, gerando incessantes tensões entre o pólo individual e coletivo como numa corrente energética entre o que mantém esquecido e a tradição, instaurando uma integridade nova.

Nos trechos já mencionados pelos sujeitos-leitores, há de fato os indícios de seletividade, das tensões para lembrar o esquecido, surgindo nesse bojo outros textos e sentidos que vão sendo superpostos, numa profusão de associações de toda espécie.

Nos mitos antigos, o esquecimento, ao mesmo tempo, quer dizer morte e retorno à vida: dupla função simbólica que se faz presente nas falas/narrativas do idosos, sempre justificando o esquecimento dos fatos, o porquê de aprender e esquecer, já que são velhos e estão mais próximos da morte do que da vida, anunciando a fragilidade de cada um, frente às transformações feitas pelo tempo em suas mentes e corpos de forma inevitável que, ao se darem conta, se percebem velhos, num retorno que os aproxima da morte, deixando o fluxo da vida fluir mais devagar, num sopro, cujos fios parecem ficar frágeis, lassos e fugidios, como as lembranças que ora vêm e vão das suas memórias já envelhecidas pelos idos dos anos.

9. Leitura, letramento e mercado de trabalho.

> *"Com a divisão social do trabalho, a leitura tem-se constituído em privilégio de classe, de pequena parcela da população". (Moacyr Gadotti, 1981).*

Discutir a leitura a partir da tríade leitura, letramento e mercado de trabalho, é antes de mais nada, deixar explicitado que não será a leitura, a alavanca da transformação social em si mesma, tampouco, as transformações sociais efetivar-se-ão sem a democratização da leitura como parte de uma luta mais ampla pela democratização da cultura e dos seus usufrutos que deveriam ser de livre acesso para todo cidadão.

Como sinaliza Moacyr Gadotti (1981), na epígrafe que abre esta categoria emergente das entrevistas realizadas com os idosos, a própria divisão social do trabalho impõe limites rígidos para que se efetive a formação de leitores considerados trabalhadores braçais, "pouco intelectuais", que foram deixados à margem do processo educativo, por serem obrigados a optar pelo trabalho em prol de suas sobrevivências.

É evidente que fatores econômicos, culturais, sociais e políticos são obstáculos para a integração da leitura no cotidiano tanto das classes trabalhadores como de outras camadas sociais, haja vista que o tempo livre é cada vez mais escasso, impedindo que a leitura *strictu sensu* se efetive numa jornada de oito horas ou mais de trabalho diário. Esta leitura do material escrito é apenas parte deste direito de acesso ao saber. Segundo Moacyr Gadotti (1981), a leitura *strictu sensu* está ligada a toda essa vontade humana de ler a vida e escrever, entre o possível e o impossível, a própria história. E este direito de acesso à leitura formal vem sendo solapado cada vez mais do trabalhador brasileiro.

Neste contexto, a compreensão entre leitura/letramento e mercado de trabalho traz nuances que ora se afastam, ora se aproximam, haja vista que a condição de letramento apenas, não é garantia de um trabalho promissor, se consideramos o grande número de trabalhadores sem emprego, mesmo com um grau de escolaridade em nível superior e formação acadêmica atualizada, como todos os dias, anunciam os telejornais e a imprensa escrita. Para tal, ao nosso ver, é fundamental esclarecermos qual conceito de

letramento que estamos tomando como referência para a nossa análise desta tríade apresentada.

De acordo com Magda Soares (2001), a dimensão social do letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Portanto, letramento não é simplesmente o conjunto de habilidades individuais, mas de práticas sociais ligadas à leitura/escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Se tomarmos como referência a perspectiva progressiva "liberal" das relações entre letramento e sociedade, as habilidades de leitura/escrita não podem ser dissociadas de seus usos, vindo daí o surgimento do termo a*lfabetização funcional*, difundido para a UNESCO em 1956. Este conceito enfatiza o valor pragmático, baseado em situações, cujas demandas sociais exigem. Embora alguns autores utilizem o termo alfabetização funcional, haja vista, que o termo letramento surge a partir da década de 80.

No 3º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, realizado em 1981, pela UNICAMP, teve como preocupação refletir sobre a democratização da leitura e investigar causas relativas à exclusão da classe trabalhadora do mundo da escrita. Para tal, reuniu intelectuais, lideranças operárias, escritores para debater amplamente a questão colocada.

Moacyr Gadotti, Octávio Ianni, Luiz Schwarcz (1981), no cogresso citado, foram alguns dos debatedores da referida temática, enfatizando que a emancipação da classe operária, na fábrica ou na fazenda, cidade ou campo, envolve tanto sua cultura como a cultura burguesa. Em diversas instâncias, como Igreja, casas, comunidade, assembléia, sindicatos, partidos, a produção/reprodução de idéias deve estar implicada com o reconhecimento das condições de vida, organização e conscientização do trabalhador, numa dialética passado e presente na teia das condições reais e possíveis.

A emancipação compreende não apenas a cultural, mas a social e econômica, a fim de que se possa alcançar esta nova aquisição cultural em prática, em força social que, de alguma forma, garanta melhores condições de vida a cada trabalhador.

Quanto ao conceito liberal funcional de letramento, Magda Soares (2001) afirma:

> Subjacente ao conceito liberal, funcional de letramento, está a crença de que conseqüências altamente positivas advêm, necessariamente, dele: o uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade e para o sucesso pessoal (SOARES, 2001, p. 74).

É interessante analisarmos a citação acima à luz dos trechos abaixo, colhidos das narrativas/entrevistas dos sujeitos-leitores da 3ª idade, quanto às suas concepções em relação ao ato de ler como maior participação social.

"***Fiz dois concursos e passei. Baseado nos estudos da minha época. Foi a base que ficou. Passei no concurso para o magistério e quando me aposentei, fiz o do INSS".*** (Terezinha Lapa, 67 anos).

"***O desenvolvimento do país, de uma sociedade, depende muito de bons políticos e bons leitores e de bom relacionamento[...] Colocar prefeitos, governadores, homens cultos, formados, inclusive os vereadores."*** (Terezinha Lapa, 67 anos).

"***Desde 5, 6 anos eu já trabalhava com minha mãe para ajudar na feira. Plantava capim; a gente ia para a roça. Dava dia 'de macaco' como o povo chama. Diária. Ela ganhava 10 tostões e 500 réis. Não pude ir à escola de jeito nenhum. Teve tempo que fomos obrigados a tirar pó de palha para viver. Tirava palha nos morros para tirar o pó. Ralava o couro na perna, tirava o pó e vendia. Tirava 5 a 6 kgs."*** (Maria Pureza, 66 anos).

Os excertos acima trazem realidades distintas e contundentes entre si. A primeira, Terezinha Lapa, 67 anos, anuncia a sua condição de letramento e mercado de trabalho, ao informar que sua base escolar permitiu-lhe ter maior inserção social e melhores oportunidades de emprego. Formou-se em magistério. Após estar aposentada, passou num concurso público federal no qual trabalha até a presente data, tendo uma renda mensal considerada muito boa ou ótima, em relação à classe trabalhadora deste país na sua maioria. Neste aspecto, é possível articular neste bojo a concepção de letramento na perspectiva freiriana quando afirma:

> Ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. O papel do letramento pode ser a libertação ou domesticação do homem, depende do contexto ideológico em que ocorre. (FREIRE, 1976, p. 77, 78).

O resultado obtido pela condição "letrada" num nível considerado proficiente, proporciona ao sujeito-leitor a possibilidade concreta de melhores colocações no mercado de trabalho, haja vista que a efetiva participação do sujeito o faz transformar e definir seus objetivos de forma funcional, aliando neste contexto o caráter não apenas econômico do funcionamento do letramento na perspectiva social, mas também o caráter cultural, relacionado à consciência crítica do adulto, em prol do seu próprio desenvolvimento. Em contrapartida, Maria Pureza, 66 anos, é o retrato de milhares de brasileiros que são privados do acesso aos bens e usufrutos culturais, mesmo sendo direito inalienável do cidadão. É evidente, no seu discurso, a sua decepção de não poder ter ido à escola exatamente por conta do seu baixo poder aquisitivo, o qual lhe negara o acesso às aulas por ter que trabalhar para auxiliar a família desde os 06 anos de idade.

Se, por um lado, o letramento sinaliza que a categoria de sua funcionalidade relacionada com a produção e condições de trabalho, é o fator econômico que determina, por outro, o de caráter cultural, também traz uma forte implicação entre ambas, levando, no mínimo, à aquisição de uma consciência crítica que lhe permite lutar contra essa estrutura vigente, tendo condições de maior controle sobre sua vida com decisões que lhe favoreça.

Segundo Soares *apud* Lankshear (1987), o sujeito "adequadamente letrado" e "inadequadamente letrado" se distingue no caso do primeiro, maior força política, maior controle das pessoas sobre suas vidas e capacidade para lidar racionalmente com decisões, porque se torna capaz de identificar, compreender e agir para transformar relações e práticas sociais em que o poder é desigualmente distribuído.

Assim está evidenciado, que a distribuição desigual do conhecimento "assujeita o sujeito" a condições menos favoráveis, mais dependentes e com maior facilidade de manipulação, destinando aos mesmos trabalhos braçais e tidas com inferiores e desprestigiados socialmente, a exemplo do lixeiro, pedreiro, faxineiro, coveiro, entre outros.

Observemos a posição discursiva dos sujeitos-leitores, os quais muito evidenciam a questão apresentada anteriormente.

"***Vocês, meus filhos, têm direito de estudar. Naquele tempo não tive isso. Todos os meus filhos sabem assinar o nome e eu sei o quê? Estou aprendendo aos 66 anos. Não sabia nem a letra do O***". (Maria Pureza, 66 anos)

"***Foi trabalhando lá que desenvolvi meus estudos. A gente vai trabalhando e aprendendo. Foram vinte e poucos anos na secretaria do colégio CEDBC – Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro".*** (Edite Soares, 66 anos).

"***Formei-me em magistério e continuo trabalhando até hoje após aposentar-me. Dou curso de confeitaria e trabalho no meu próprio salão de beleza.[...] Eu li bastante. É que tinha que passar para os alunos. Depois que aposentei, relaxei um pouco..."*** (Glória, 65 anos).

"Estudei na roça. Entrei com 10 aproximadamente. Estudei mais de cinco anos [...] O tempo passava a gente trabalhando na roça. Roça de milho, feijão, mamona entre outros. Depois vendia e comprava roupa, calçado". (Maura, 71 anos).

"Aprendi a ler com minha patroa [...] Eu só assinei no tempo da eleição pra poder saber votar. Só entrava na escola quando era tempo de eleição". (Alaíde, 71 anos).

"***Já pensei: Meu Deus se eu soubesse ler para ter um emprego melhor. Se tivesse leitura nem sei se estaria aqui. Fiquei sendo apenas dona de casa, cuidando de casa, filho e marido. A leitura pra mim é tudo na vida. Só que não estudei, mas acho a coisa mais linda do mundo estudar. Estudar, conversar, aprender."*** (Nilza, 65 anos)

"***Se tivesse estudado gostaria de ser atriz, mas não estudei. Atriz ou jornalista. Mas não tive a oportunidade"***. (Nilza, 65 anos)

"Trabalhei em casa de família em São Paulo. Primeiro em casa de família". (Jacira Rosa, 66 anos)

"Vendi a propriedade a qual me garantiu vir para a cidade. De que adiantaria uma fazendinha com vacas, vinte ou trinta e as filhas analfabetas? Para mim é uma honra ter as filhas formadas.

[...]

Eu não pude continuar estudando porque era empregado e não podia sair. Trabalhei desde menino." (Ataíde Cosme, 67 anos).

"***Eu chorava para aprender e meu pai não deixava. Tinha uma memória ótima. Tinha loucura para aprender, mas não tinha condições. O marido também não deixava.***

[...]

Tive que me virar para sustentar os filhos. Lavei roupa vinte e três anos." ***(***Antônia, 76 anos)

Os fios condutores das falas dos sujeitos-leitores impressionam pela "veracidade", autenticidade, espontaneidade das reflexões trazidas quanto às suas vidas e suas histórias de leitura, seus sonhos de inserção no mercado de trabalho através da leitura, ou seja, de uma profissão que lhes proporcionassem maior qualidade de vida, melhores posições sociais, maior inserção social, usufrutos de direitos como cidadãos.

Eles lêem suas próprias vidas, estabelecendo um paralelo entre o que são, por não terem tido acesso a um grau de letramento que lhes permitisse outra posição social/poder aquisitivo melhor, informando que se tivessem "leitura" nem saberiam se estariam ali conversando com a pesquisadora. Por outro lado, o desejo de não deixar os filhos vivenciarem a mesma situação é marca na maioria das narrativas, chegando inclusive a questionar o que valeria os bens materiais sem os culturais, ou seja, continuar com renda e ter os filhos analfabetos, não valeria a pena.

Os sonhos das profissões também são marcas nos discursos dos sujeitos-leitores, os quais analisam a posição que ocupam socialmente, estabelecendo uma relação direta entre aquilo que são e o não-estudo, deixando explícito que se tivessem tido a chance de estudarem, estariam em diferente situação no mercado de trabalho e, conseqüentemente com um prestígio social que na condição atual não possuem.

Outro aspecto bastante relevante nas falas de cada sujeito-leitor, diz respeito ao tipo de trabalho que exercem. Todos exercem as profissões menos valorizadas, mais braçais e mais exploradas. (agricultor, lavadeira, empregada doméstica, funcionária pública). As duas entrevistadas que se destacam em relação às demais são D. Glória, 65 anos e D. Terezinha Lapa, 67, anos, formadas em magistério. Após aposentarem-se, exerceram outra profissão de maior renda e destaque social, trazendo neste exemplo particular de duas pessoas, o diferencial na tríade leitura, letramento e mercado de trabalho, o que infelizmente não aconteceu com os demais, deixando à mostra que a

questão da leitura não é apenas de gosto ou prazer, mas uma questão socioeconômica e política, que se caracterizou como forte instrumento social de conquistas e avanços pessoais e coletivos. É certo que ter oficialmente o "diploma" já é um dado que as diferenciam das demais idosas da pesquisa.

É evidente também que há outros exemplos no Brasil de hoje, de profissionais com alta proficiência em leitura, cujo grau de letramento é considerado elevado, e que não conseguiram uma inserção no mercado de trabalho que lhes permitisse assegurar um lugar na pirâmide social a partir do seu saber escolarizado e acadêmico. Entretanto, ao hipotizarmos as reais chances entre estes e os sujeitos-leitores que deixaram suas histórias aqui registradas, é quase certo que seriam inúmeras as chances de quem se encontra numa posição de letramento elevada, em detrimento dos demais, haja vista que as exigências dos profissionais para o mercado de trabalho devem assegurar um perfil que prioritariamente tenha alto nível de habilidade em leitura, escrita, tomada de decisões, iniciativa, autonomia, criatividade entre outros aspectos exigidos.

Não basta ser leitor de/do mundo na sociedade capitalista, é preciso utilizar as múltiplas inteligências e linguagens, os deciframentos dos inúmeros códigos da modernidade e estar permanentemente atualizados.

Os leitores desta pesquisa leram a si, o mundo, observando inclusive, que eles não têm o perfil exigido pelo mercado de trabalho. Demonstraram que são leitores ativos, dinâmicos, inclusive para situarem-se num lugar social que não gostariam de estar, caso as suas chances de acesso ao conhecimento tivessem sido outras. Assim, afirma a senhora Nilza:

"Eu não chego aí não (referência à comadre que é professora). Estou no fim do degrau. Se eu fosse mais nova, eu iria aprender mesmo. Meu sonho é aprender inglês. Minha netinha até tenta me ensinar, mas não dá mais com essa idade que estou. Sou apaixonada por inglês. Não tive oportunidade de estudar e aprender. Só estudei o 1º ano. A leitura para mim é coisa mais importante da vida." (Nilza, 65 anos)

O sonho e a paixão pelo inglês, sinalizados por Nilza, apontam para a questão do acesso ao saber ser desigual como oficialmente os dados revelam em relação a evasão e ao não acesso à escola. Outro dado significativo, diz respeito a sua análise acerca da possibilidade de não mais poder aprender por "ser velha", o que ratifica os estigmas

sobre o aprendizado na 3ª idade, presentes nos vários discursos, em diferentes instâncias sociais. Ela mesma rotula-se indiretamente de "incapaz", apenas porque a sua idade cronológica é de 65 anos.

Com esta afirmação, encerramos mais um ciclo do nosso diálogo, deixando que os sujeitos possam construir todos os sentidos possíveis desta narrativa que sintetiza, de forma singular e emocionante, a leitura da própria condição humana de limitação e ao mesmo tempo de possibilidades que se (re)novem a cada acontecimento. Como afirma Michel Pêcheux (1999), "um acontecimento é uma cisão, uma ruptura, daí ser um elemento descontínuo, não previsto." A leitura como acontecimento torna-se visível pela linguagem, inscreve-se, fica absorvida. Foi o que pudemos constatar com as leituras de/do mundo dos sujeitos-leitores que horas a fio, teceram textos, emocionaram-se fabularam, afetaram e foram afetados com os diálogos tão marcantes e tão repletos de ensinamentos. Continuemos, pois, tecendo os fios dessa pesquisa que se (des)vela a todos nós a cada análise e (re)leitura das entrevistas.

10. Leitura e participação social: as condições sociais da leitura e a inserção dos leitores da 3ª idade no mundo letrado.

> *"A leitura é condição de inserção social, de modo que a questão que se coloca, do ponto de vista da sociedade democrática, é a de garantia de acesso à cultura escrita e à participação nos diferentes espaços sociais" (Luiz Percival Leme Brito, 2001).*

A epígrafe acima, de autoria de Luiz Percival (2001), salienta, de forma producente e sobremaneira coerente, a condição da inserção social do sujeito-leitor a partir do ato de ler, não apenas do ponto de vista do gosto, prazer e/ou fruição, mas da efetiva participação nos diversos espaços sociais, de forma que o acesso à leitura seja uma garantia, de fato, democrática e menos desigual a cada política de mobilização e de organização, que deverá constituir-se no que Gramsci caracteriza como ação "contra-hegemônica", que implica aguda consciência de classe, de movimentos sociais, de ação

conjunta de educadores, de forma a trazer, no bojo das políticas públicas educacionais, a leitura/escrita como ação fundante do ato educativo.

Segundo Haquira Osakabe (1978), há uma clara distinção entre o mundo da escrita e ou da oralidade, no tocante à sua organização, uma vez que, na sociedade industrial, a leitura é, do ponto de vista da reprodução e otimização do sistema, uma necessidade pragmática – o analfabeto é menos produtivo e mais dependente – uma forma de inculcação ideológica, haja vista que o texto consentido e promovido, de fato, é aquele que reproduz os valores ideológicos hegemônicos.

Perguntamos então: Qual a inserção do sujeito-leitor da 3ª idade no mundo letrado e quais condições lhes são dadas para tal acontecimento?

Do ponto de vista social, tendo como referência a classe de prestígio, ainda que incluído na cidade das imagens, sons, cores, letras, "*outdoors*", cercado de palavras por todos os lados, o analfabeto – aquele que não detém o domínio do código escrito – continua excluído do mundo da escrita, continua dependente, portanto, mais facilmente manipulado.

O mundo da escrita caracteriza-se por marcas próprias, territórios marcados por formas de discurso e referências específicas.

Segundo Jorge Werthein[33] (2002), estamos com um pé no século XXI e outro no XIX, se considerarmos que questões como estas Que ônibus é este? Para onde vai? Qual o nome desta rua? O troco está certo? Que remédio é este, como tomá-lo? são algumas facetas do drama de uma parte da humanidade, sem convivência tanto com a cartilha quanto com o computador, mesmo com a visão renovada da alfabetização para todos a qual todas têm deixado o olhar simplista de "reduzir as taxas de analfabetismo" para pensar e defender a criação de ambientes e sociedades letradas, em que o domínio das diversas linguagens, inclusive a do computador, se cultive e se reforce pelo contexto em que são utilizados.

Antes, a alfabetização estava ligada a um período determinado da vida de uma pessoa, ao passo que hoje ela é entendida como um processo de aprendizagem que dura toda a sua existência e se aperfeiçoa ao longo dela. Neste sentido, educação regular se

[33] Jorge Werthein é representante da UNESCO no Brasil.

entrelaça com educação continuada que, ao nosso ver, acrescentaria ainda, que se entrelaça aos saberes/dizeres da 3ª idade, que se vinculam de forma estrita com a participação social, sobretudo se pensarmos nas manifestações textuais da 3ª idade, a partir da premissa freiriana (1985) que afirma que "o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo".

É evidente, portanto, que o mundo letrado exclui o sujeito-leitor que não domina o código escrito, desconsiderado inclusive que seja de fato um leitor, embora, saibamos que as condições de acesso ao mundo letrado devem acontecer para todos indistintamente, fazendo com que questões como as trazidas por Jorge Werthein (2001), citadas anteriormente não mais fizessem parte do nosso contexto social. No entanto, em se tratando da 3ª idade, fica mais evidencianda, ainda, a exclusão, o esquecimento, a marginalização, destes leitores, em especial, os quais ao longo do nosso trabalho de pesquisa (des)velaram suas histórias de leitura e suas vidas, trazendo-nos uma constante interação com suas manifestações textuais.

É nessa leitura, que acreditamos. Na que nos move ao encontro do conhecido, desconhecido, do dócil, do incômodo, e que nos enriquece e nos transforma de algum modo. Para tanto, se faz necessário ler tudo o que nos rodeia através do sentido, táctil, olfativo, visual, auditivo entre outros, deixando vir à tona as memórias e experiências passadas que fazem parte do percurso do leitor, conforme estamos delineando ao longo deste capítulo, fazendo, de alguma forma, o que nos assinala Paulo Freire (1985, p. 12) "a leitura da palavramundo".

O nosso interesse pela leitura dos idosos deixa marcado que não apenas o texto escrito deve ser confrontado com o ato de ler e privilegiado, mas as muitas linguagens postas no mundo, embora saibamos que a não-leitura do texto escrito traz dependências de diversas ordens: pessoais, coletivas, socioeconômicas, com práticas claramente políticas que mantêm excluídos na população, inúmeros sujeitos-leitores, seja negando suas práticas leitoras, seja reafirmando comportamento culturais classistas, herméticos, selecionados, desprestigiando, assim, inúmeros outras leituras, inclusive a dos idosos, cujas vozes continuam de certo modo apagadas, tênues, nas diversas instâncias sociais.

> A compreensão do meu ato de ler o mundo em particular em que me movia é absolutamente significativamente [...] re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida quando ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1985, p. 12).

Observemos o que nos afirmam os sujeitos-leitores da 3ª idade no tocante à leitura e participação social, a partir das suas leituras do/de mundo, analisando atentamente o contexto e a realidade na qual estão inseridos. Assim afirma Chartier, 1990:

> Um leitor concreto particularizado e singularizado na sua variabilidade histórica e social, que tanto está inscrito em textos como os re-escreve na medida em que deles se apropria e que os interpreta de acordo com seus sistemas de referências, suas disposições e visões de mundo. (CHARTIER, 1990,p. 45)

É, nesse sentido, que os sujeitos leitores da 3ª idade colocam-se como leitores concretos, singular que, a partir de suas crenças e visão de mundo, lêem o outro, lêem sua cidade, lêem a si e os fatos circundantes no seu contexto, quer rural ou urbano.

Assim se pronunciam os nossos leitores da 3ª idade:

"***Gosto de assistir novelas. Desde que morava na roça, assistia pelo rádio, antigamente, quando a gente ainda não tinha televisão. Assistia no radinho de pilha as novelas da rádio Petrolina. Tinha Tia Leninha, tinha umas novelas bonitinhas.***

A gente aprende porque tem várias cenas das novelas que são feitas pela realidade. O mal, por exemplo, mostra na televisão e têm na realidade do mesmo jeito pessoas que desejam e fazem o mal. Xingamentos, brigas..." (Maria Pureza, 66 anos).

"Já faço meu nome em qualquer lugar que chego. Não vou mais 'botar o dedão'(Risos). Voto em toda eleição. Graças a Deus! Sempre que vi o povo ler tinha vontade de aprender a ler". (Maria Pureza, 66 anos).

"É preciso muita coragem para mudar. Eu observo esta terra em frente,(aqui neste bairro da Caeira). Deveria desapropriar e fazer usina, plantar cana, banana, qualquer coisa pra gerar emprego e renda. Fazer doce, pão, ou engenho para fazer rapadura.

Não faltaria trabalho para o povo [...] Se tivesse um governo, um prefeito que tivesse 'a cabeça', aí sim". (Maria Pureza, 66 anos).

"Só se ouve falar em roubo. O Rio de Janeiro está um castigo. Está de dar dó[...] a violência está demais". (Maria Pureza, 66 anos).

"Passeie no Rio de Janeiro. Fomos para praia... maravilhoso. Fui no Cristo [...] Todo lugar que você anda no Rio de Janeiro o Cristo está lhe acompanhando. Imagine!Ver o Cristo." (Maura, 71 anos)

"Todos os dias, durante o dia, leio um pouquinho, mas leio mais à noite. [...]. Leio a revista da Canção Nova que fala sobre Deus, sobre o evangelhos e conta os testemunhos das pessoas". (Edite, 66 anos).

"***Fui escrever pela primeira vez para tirar do meu título e identidade aquele nome ANALFABETO. Eu disse: Ai meu Deus!".(***Antônia da Silva, 76 anos).

A partir das leituras realizadas pelos leitores da 3ª idade, percebemos que a leitura do seu contexto, da sua cidade e de sua própria história de leitura e de vida são marcadas nas falas de Maria Pureza, 66 anos e Edite, 66 anos. A participação social pela leitura é evidenciada ao tratar do direito ao voto, ao analisar a cidade de Jacobina quanto ao desemprego, sugerido a geração do mesmo, ao tempo em que traz o exemplo do Rio de Janeiro quanto à violência/roubo, confrontando o micro e o macro, do local ao global, trazendo como referência o aprendizado veiculado pelo meio televisivo, desde a época em que ouvia novelas no rádio, à contemporaneidade, quando, ao falar das cidades, confronta Jacobina-BA vs Rio de Janeiro-RJ para ilustrar a questão da violência, do desemprego e da administração pública. Faz, em sua fala, uma afirmação quanto à geração de desemprego, dizendo ser através da "coragem para mudar" que o governo e o prefeito poderiam articular a geração de emprego e renda. Na sua análise, é preciso ter "cabeça" para fazê-lo, ou seja, inteligência, articulação/vontade política.

Utiliza seus conhecimentos prévios ou leitura de mundo para, sabiamente, a nosso ver, ler o explícito e o implícito das novelas televisivas, dos telejornais, das cidades, lançando "olhares" múltiplos aos fatos cotidianos, construindo sentidos.

Segundo Roger Chartier (2001), a partir da micro-história e de uma série de traços, do que é compartilhado num campo comum de experiência, pode fazer sentido e guardar semelhanças, por exemplo, um grego do século VI a.C. um africano, ou nós mesmos [...] Porque a história tomou consciência de sua dimensão narrativa, a história que utiliza as figuras e os procedimentos da narração, numa dimensão reflexiva da mesma.

É, a partir desta perspectiva historiográfica, que Chartier (2001) acredita estarmos vivenciando uma grande tensão própria da contemporaneidade que é a afirmação,

absolutamente legítima por parte de indivíduos ou de comunidades, de suas identidades, e, por outro lado, a necessidade de manter uma distância em relação à história – memória produzida por esta identidade. Somente na perspectiva desta nova abordagem historiográfica, a História poderá ser considerada uma disciplina crítica capaz de revelar os mitos ou, no pior dos casos, as falsificações. Pode observar fenômenos que respondem a interações entre indivíduos, famílias, comunidades ou ao modo de atuar com a singularidade dos indivíduos, dentro de modelos ou crenças compartilhadas.

As micro histórias trazidas ao público, colocadas de formas acessíveis, contribuem, no nosso entendimento para fazer como que os saberes da 3ª idade sejam publicados, conhecidos, partilhados como parte dos saberes emergentes que, de uma forma ou de outra, ainda são marginalizados e excluídos, sobretudo, nas instituições escolares e meios acadêmicos em geral.

> Os homens e mulheres da 3ª idade são outra classe que raramente é citada nos conteúdos culturais apresentados pelas instituições escolares. Pouquíssimas vezes os alunos têm oportunidade de refletir sobre o significado desta etapa evolutiva sobre as condições de vida das pessoas quando deixam de ter direito ao trabalho; o que contribui para a segregação desta importante classe. (SANTOMÉ, 1998. p. 146).

Concordamos com o autor Jurjo Torres Santomé e buscamos com a nossa pesquisa evidenciar/publicizar e contribuir para que as "polifonias de vozes" (mesmo sendo redundantes) destes sujeitos-leitores façam coro em diversas instâncias sociais, recebendo a valorização a que têm direito, sendo, de fato, incluídos nas micro e macro políticas públicas.

Continuemos a nos enrendar nas leituras realizadas pelos nossos sujeitos-leitores da 3ª idade que afirmam:

"***Se meus pais tivessem condições eu iria estudar para veterinário. Iria lutar com gado, animal. Eu tenho prática".(***Ataíde Cosme, 67 anos).

"Na cidade eu ia conversar com o promotor. Ia carregar gado com ele. Na roça só conversava coisa da roça mesmo. Na conversa com o povo da cidade eu ia gravando as palavras. Aí a gente vai 'pegando' (aprendendo) qualquer coisa". (Ataíde Cosme, 67 anos).

"O mandacaru quando flora na seca é sinal de chuva no sertão. A chuva esta próxima".

"Ao observar a roça vs cidade, percebo que na cidade a gente tem tudo dentro de casa. Pra lavar, cozinhar, ir ao banheiro. Na roça não tinha essa facilidade, tudo era nos matos. Hoje tem facilidade. Não se passa ferro com ferro de brasa, não se lava roupa no rio, não se queima mais lenha.

Quando morava na roça escutava rádio, não tinha televisão. Quando vou a roça acho ruim, pois me acostumei com a vida da cidade." (Nilza, 66 anos).

"***Tudo que tem leitura eu gostaria de apreciar. Assisto jornais, Malhação, novelas. Tudo que assisto acho que a maioria, acontece na realidade. Tem intrigas, violência, tem tudo."*** (Nilza, 66 anos).

"Minha vontade de estudar era desde nova, mas não tive oportunidade. Casei nova e tive vários filhos, todo ano tinha um.

Eu trabalhava na fazenda e ganhava 500 réis, naquela época; hoje é R$ 0,50 centavos.

Eu guardava o dinheiro e quando vinha para a cidade comprava esmalte, batom e brinco." (Nilza, 66 anos).

"Fiz História da Arte, Cultura do Nordeste coma a professora Glaí em Salvador. Fiz magistério e quando fui fazer o concurso público passei entre os primeiros colocados, o que me fez ficar na sede. (cidade)." (D. Glória, 65 anos).

"Eu sempre ensinei Educação Integrada. A turma era da 'pesada', mas dominei tudo, nem chagava ao conhecimento da direção. Resolvia tudo com carinho, sentado na carteira com ele (aluno). Me orgulho de tê-los feito aprender. Muitos ao me encontrar agradecem muito, dizendo que devem a mim o que sabem. Primeiro agradeça a Deus que lhe deu inteligência e boa vontade para aprender [...] Muitos não queriam nada mesmo; mas eu consegui com a ajuda divina". (D. Glória, 65 anos).

"Antigamente tinha um lugar chamado Conceição do Coité que tinha o baile dos negros, o baile dos morenos e o baile dos brancos. Era separado. Não ia todo mundo junto. Eu chegando lá, morena, mas era professora entrei no baile dos brancos. Tinha um negro também que era médico e entrou no baile dos brancos. Era um médico. A cor da pele já mudava. A condição financeira e cultural. [...] a cultura. A

comunicação ajudava em tudo. Não era todo mundo que podia estudar, não. Eu mesma, estudei na Sacramentina (Senhor do Bonfim) e meus pais pagavam 7 mil por ano. Ficava interna." (Terezinha Lapa, 67 anos)

"É através da evolução de sua cultura e de sua leitura, que hoje a mulher está aí, livre daquele carrancismo besta. A mulher não podia votar antigamente. Hoje pode ser prefeita, presidente [...] tem sua liberdade".(Terezinha Lapa, 67 anos).

"A medicina está mudada. Como a leitura proporcionou este avanço ao médicos e estudiosos. Através da leitura a mulher aprende a cuidar de um nenê. Antigamente tinha o 'mal de 7 dias' quando tinha sete dias a criança morria porque a mãe não tinha conhecimento de como limpar o xixi dela, o seio (da mãe). Era a higiene. A falta de higiene. Não limpava o umbigo; no lugar botava o saco do cachimbo.A criança pegava tétano e morria. Hoje com a leitura, já se sabe fazer a higiene.A mulher pra ler, só perto de casar. Tudo era pecado. Era ignorância." (Terezinha Lapa, 67 anos).

"Ele lia para mim. Ele ia ao cinema e quando chagava me contava. Eu gostava mais que ele fosse pra ouvir a história ao invés de assistir.

Ele lia alto para eu escutar.

[...]

Minha avó contava histórias para a gente quando tinha lua cheia na roça. Cantava, cantava... (risos) Os vizinhos vinham tudo lá para casa para escutar ela contar histórias." (Alaíde, 71anos).

"A leitura faz falta. (Fiquei viúva duas vezes). Às vezes, a gente está sozinho, pega um livro, uma Bíblia mesmo, ou outra coisa; vai ler e o tempo passa que a gente nem percebe." (Alaíde, 71anos).

Os discursos dos sujeitos-leitores são atravessados por diferentes formações discursivas que formam a tessitura do perfil dos leitores da 3ª idade, que nos fazem interagir de forma dialógica, buscando os "fios condutores" dos seus discursos explícitos e/ou implícitos e subentendidos.

É marcante como a leitura, como instrumento da participação social, emerge nos trechos/narrativas de Terezinha Lapa, 67 anos, D. Glória, 65 anos, Alaíde, 71 anos, ao trazer em um recorte social de uma época, num contexto outro, que definia o lugar do sujeito – posição social, a partir do seu grau de letramento. O exemplo do baile de

negros, morenos e brancos sinaliza, de forma contundente, como a segregação vai tomando outros contornos. Quando o sujeito-leitor informa ser médico e/ou ser professora. Poderiam entrar no baile de branco, não mais observando a cor da pele – que era o critério primeiro – mas a cor modificava, ganhava outro sentido, deixava de ser o critério-mor para o acesso ao baile. Era a condição de sujeito-letrado que dava a senha da sua participação social em instâncias territorializadas, demarcadas.

O fato de trazer o papel da mulher, o avanço da medicina, a importância da leitura como função pragmática, social e também funcional, fica explicitado na narrativa de Terezinha Lapa, 67 anos, ao falar da morte da criança aos sete dias de nascido, da condição feminina na sociedade, como a ocupação de cargos políticos, voto, direito à liberdade, entre outros aspectos.

A marca da leitura como interação também é transversalizada em todas as narrativas citadas, em que o texto é, como afirma Bakhtim (2002), "a ponte entre o eu e o outro", de forma que, sem dialogismo, não há leitura.

> Todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga: existe relacionado a ciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regidas por essas normas [...] jurídicas, estéticas, que diferem pelo grau de coação que exercem, pela extensão de sua escala social. (BAKHTIM, 2002, p. 91).

São as normas sociais, portanto, que vão definindo as representações dos papéis sociais de cada sujeito em diversas instâncias da sociedade, sendo, de fato, coercitivas, de acordo com sua extensão social e seus cidadãos que vão (re) formulando-as por força das demandas sociais.

A funcionalidade da leitura também é bastante explicitada, nas narrativas trazidas à lume nesta categoria, delineando o seu caráter pragmático, como força-motriz pra solucionar problemas do cotidiano, estalebecer vínculos trabalhistas, interagir e partilhar com o outro, saberes práticos que os sujeitos-leitores citam possuir em relação aos seus conhecimentos vividos e experienciados, como nos revelaram Ataíde Cosme, 67 anos, Alaíde, 71 anos, Maria Pureza, 66 anos.

Há, como ponto central nas narrativas analisadas, a importância da leitura como ato escolar, em que os sujeitos-leitores se projetam, informando que os seus desejos de estudar/ler lhes foram negados devido às condições socioeconômicas de seus pais. Terezinha Lapa, 67 anos, nos afirma, em suas falas, o quanto era difícil e caro estudar na

época em que eles (sujeitos-leitores da 3ª idade) eram crianças e jovens. Ela inclusive informa que os pais pagaram a quantia de 7 mil (naquela época) por um ano de estudo no colégio Sacramentina em Senhor do Bonfim/BA.

As histórias de leitura da 3ª idade jacobinense trazem traços que podem ser visíveis e ampliados para outros leitores em diferentes épocas e contextos, os quais serão ressignificados pelos interlocutores que dialogaram com suas histórias aqui registradas.

Acreditamos que a afirmativa de Roger Chartier (2001) ratifique o que explicitamos, tomando como base a micro história.

Podemos dizer que, no mundo historiográfico recente, a micro história foi uma das inovações mais importantes, uma vez que tentou tornar visível uma série de fatos ocultados no curso das investigações da história clássica [...] É uma maneira de observar o que oferece uma riqueza particular. (CHARTIER, 2001, p. 167, 168).

Este foi um dos nossos objetivos centrais perseguidos ao longo da nossa pesquisa trazer as narrativas/fabulações dos leitores da 3ª idade, para delinear, através de suas histórias de vida, suas histórias de leitura e as memórias que se cruzavam em todo o discurso dos sujeitos-leitores, ora individual, ora coletiva/social e oficial, trazendo diferentes efeitos de sentido, numa riqueza de particularidades que foram sendo pulverizadas a cada categoria analisada a partir das leitura/releituras das entrevistas, dos círculos de leitura, das conversas informais, da observações-participantes neste acervo plural. Tentaremos traçar o perfil dos leitores da 3ª idade (des)velados no curso da itinerância em campo.

10.1. Perfil dos leitores da 3ª idade jacobinense: entre memórias, vozes, pausas e silêncios – (des)velamentos emergentes.

> *"Assim como o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela sua incompletude".(Eni Orlandi, 2002).*

Considerando que os (des)velamentos das leituras dos sujeitos da 3ª idade enquanto seres de linguagem jamais serão esgotados, dada a incompletude da linguagem e dos leitores, os textos servirão sempre de objeto de interação, análise, diálogo

constante, provocando sentidos diversos e, ao mesmo tempo, uno e singulares, em diferentes leitores, a partir de diversas recepções advindas do ato de ler.

A primeira percepção relevante no perfil dos sujeitos-leitores foi o que atribuímos como eventos de letramento. Todos os entrevistados, em algum momento de suas narrativas/fabulações, relataram a importância das cantigas de roda na época da escola. Fora dela, nos trabalhos realizados, como elemento de interação e lazer, nas vozes dos avós, contação de histórias do netos, trazendo, assim, um entrelace com seus anos de meninice, idade adulta e 3ª idade. Eis alguns excertos ratificando nossa explicação.

"Lembro da minha avó, ela gostava de contar histórias. Isso aí eu tenho saudade". (Alaíde, 71 anos).

"Eles cantavam roda (avós) e a gente ficava lá. Eu tinha 07/08 anos. Lembro de uma roda assim: 'Leva eu minha saudade que eu também quero ir..." (Nilza, 66 anos).

"Quando era jovem sabia tudo. A gente aprendia tantos versos. Não tinha quem 'batesse' em mim na roda. Ficava cantando na roça se não, não aprendia." (Antônia Silva, 76 anos).

"Bonitas as cantigas de roda. Eu cantava roda, brincava de boneca até catorze anos. Como exemplo eu lembro minha Zabelê, minha sabiá, toda meia noite, mas se você duvida eu vou sonhar pra você ver. Era bom demais!!" (Terezinha Lapa, 67 anos).

"Cantigas de Rei no dia 06 de agosto com as mulheres acompanhando. Missa, aniversário, casamento, outras...". (Ataíde Cosme, 67 anos).

"Nós cantávamos demais. Exemplo: Chora bananeira, bananeira chora, chora bananeira que amanhã eu vou embora [...]

O dia passava ligeiro, porque a gente apanhava café cantando roda e dizendo versos." (Maria Pureza, 66 anos).

As Cantigas de roda, os reisados marcavam o aprendizado da leitura através da forma mnemônica passada de geração a geração, através da oralidade, marcando aquela gente e aquele povo em cada região, de forma que a socialização/interação era essencial ao convívio entre as comunidades, trazendo a marca do lazer *versus* trabalho, como forma de melhor agüentar a carga árdua do trabalho braçal em campo, dando mostras de que as raízes da cultura negra aí se incorporavam como também, registram a história

factual/oficial em relação aos escravos, os quais utilizavam o canto nos afazeres diários em campo.

O canto é marca também de resistência, uma nova existência que se institui no canto e na leitura corporal através da dança, a qual, também, é bastante citada pelos entrevistados.

O segundo evento de letramento é marcado pala religião como instrumento de socialização da leitura, participação social e interação dialógica entre os pares daquele bairro, comunidade e/ou Igreja. A maioria dos entrevistados sinalizam a leitura da Bíblia, os cânticos, as rezas, como principais gêneros discursivos que permeiam o cotidiano dos idosos. Além desse evento, observamos que o gênero textual receitas culinárias é bastante utilizado pelos idosos que freqüentam o Centro de Convivência dos Idosos, numa constante troca de receitas e saberes da gastronomia, os quais são saboreados todas as tardes na hora do lanche coletivo.

O terceiro evento de letramento dá-se através das apropriações das leituras televisivas, tendo como escolha da maioria dos entrevistados, os programas religiosos, novelas e telejornais. Segundo os leitores da 3ª idade, a televisão traz a realidade pra seus programas e nela se baseiam para compor os diversos quadros televisivos. As inferências e hipóteses realizadas vão desde a análise dos personagens das novelas, associando-os às pessoas da realidade não-ficcional, à leitura das cidades e dos valores veiculados pela televisão. Censuram em seus discursos, certas atitudes, relacionamentos dos personagens, fazendo comparações a casos conhecidos ou sabidos e que fazem parte do cotidiano de sua cidade, (Jacobina).

Dentre os dez sujeitos da pesquisa, apenas dois têm um grau de escolaridade de maior destaque – 2º grau (formadas em magistério) os demais conseguem escrever seus nomes, mas não dominam, no geral, o código escrito, conforme narram, informando a importância da leitura/escritura. Ao mesmo tempo, dizem do não-acesso às mesmas, em virtude das histórias pessoais de cada um e de seus familiares, trazendo um recorte da situação socioeconômica de seus familiares, conforme atestam as entrevistas, as quais se encontram na íntegra nos anexos.

As manifestações textuais registradas trazem leituras ricas e diversificadas acerca da vida pessoal de cada um, das cidades, dos fatos históricos, dos acontecimentos

sociais, apropriando-se do grande texto social para tecerem suas leituras na premissa freiriana (1987) da "palavramundo", utilizando para tal o conhecimento intuitivo através da gramática internalizada, dos conhecimentos prévios, da intencionalidade no jogo discursivo, estabelecendo intertextualidades, conforme explicitado em inúmeros excertos, ao longo de cada categoria.

A fusão dos eventos de letramento e leitura vai desde suas memórias pessoais aos ambientes de interação da cantiga de roda, do círculo de leitura, dos encontros religiosos, das leituras televisivas à materialidade do texto escrito, em destaque a Bíblia e periódicos religiosos, livros de reza e receitas, - os quais fazem parte das ambiências de leitura dos idoso jacobinenses.

> Quando se estabelecem no mundo das escolas, da universidade a leitura torna uma prática intelectual [...] A leitura do mundo escolástico é uma leitura que busca o deciframento, a compreensão. Tudo mudou neste momento é esta mudança de um modelo monástico de escrita para um modelo; escolástico de leitura. (CHARTIER, 2001, p.39,40).

A leitura, transcendendo ao ato escolar e sendo ato cultural como uma necessidade na vida diária de cada leitor, quer conscientemente, quer inconscientemente, faz-se presente nas histórias dos idosos jacobinense.

As histórias de leituras na vida, mais do que na escola, são percebidas através das ambiências de leitura e práticas leitoras vivenciadas pela 3ª idade no campo e na cidade, na infância, adolescência e na 3ª idade proporcionada, neste último estágio de desenvolvimento, pelo Centro de Convivência de Idosos do qual participam assiduamente todos os dias da semana num turno a escolha dos mesmos, geralmente à tarde.

É nesta relação de escuta, falares, saberes que vão constituindo-se sujeitos, cujo sentimento de identidade e alteridade se alternam na dinâmica da convivência. Segundo Eni Orlandi (2002), "ao falar o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras dos outros, o que nesta aparente contradição resulta numa relação dinâmica e particular entre identidade e alteridade, numa ambigüidade que separa e ao mesmo tempo integra, demarcando o sujeito em sua relação com o outro."

Verdadeiramente, o sujeito se constitui na relação com o outro, (re)elaborando conceitos, construindo sua identidade nesta pluralidade que une e separa, que nos mostra cindido e singular, reconhecendo-nos múltiplos e uno, diferentes e iguais em muitos aspectos que nos constitui sujeitos históricos e, portanto, sociais.

Outro perfil destacado dos sujeitos-leitores diz respeito às suas capacidades de realizar hipóteses, inferências, formular perguntas, encontrar respostas, segundo Frank Smith (1989), "todas as pessoas fazem previsões, incluindo as crianças – Nossas vidas seriam impossíveis, se não tivéssemos qualquer expectativa sobre o que o dia trará." Faz previsões, hipótese, indaga, estamos, pois, realizando constantemente essas estratégias de leitura quer dominemos o código escrito ou não. Seja lendo a manhã ao acordarmos, seja lendo o pôr-do-sol, as cantigas de roda, o labor diário da roça. É um esforço ativo de construção que o leitor estabelece ao ler, construindo os sentidos possíveis.

Se retornarmos a cada categoria analisada, encontraremos esta interlocução de leituras a cada texto produzido a partir dos questionamentos do pesquisador e das memórias que eram evocadas e desencadeadas por alguma lembrança e pelas fabulações elaboradas.

Os leitores mostraram, através de suas histórias de leitura, como percebem o mundo, quais são seus sonhos e fantasias, seus desejos e descrenças, ao considerarem-se "velhos" para realizarem muitos dos seus objetivos, o que é bastante sinalizado em suas falas, referindo-se sempre à idade como uma limitação imposta a muitos sonhos e desejos, os quais não darão mais tempo realizar, segundo eles, uma vez que já estão mais no final do que no início de suas trajetórias.

Uma descoberta considerada bastante rica foi a dos estereótipos narrativos presentes nas entrevistas (cômicos, trágicos, irônicos, racionais etc.) trazidos por André Gattaz (1998) os quais foram delineando outros aspectos dos sujeitos-leitores no jogo discursivo dos (des)velamentos do perfil do leitores da 3ª idade, os quais verificamos trazerem uma adequação da história de vida aos estereótipos narrativos encontrados.

O primeiro diz respeito à **mulher trabalhadora** presente, praticamente, em todas as narrativas ao falarem de suas vidas no campo, do sacrifício para criarem os filhos, dos maridos alcoólatras, do desencanto do casamento, tendo sempre como temática central o trabalho de cada uma delas como referência do lar para sustentação dos filhos, o que

pode ser observado com facilidade ao lerem os trechos extraídos das entrevistas, os quais figuram em cada categoria apresentada neste capítulo.

O segundo é o **trágico**, cujas histórias marcam o sofrimento atrás de suas vidas, evidenciando, assim, que o sujeito-leitor estabelece uma relação entre a história de vida, a identidade e a trajetória da sua vida, com elementos que se interligam sob as formas mais inesperadas. A narrativa mais marcante do estereótipo trágico foi a leitora Antônia Silva, 76 anos que, num trecho de sua entrevista, afirma:

"De 76 anos eu não sei o que é paz na minha vida. Nunca tive.

Meu sofrimento é um romance. Se for fazer um livro é um romance".

O terceiro foi o **cômico**, marcado pelo discurso entremeado de risos, piadas, ditos, contrastes, os quais foram mais presentes em três sujeitos-leitores: Terezinha Lapa, 67 anos, Ataíde Cosme, 67 anos e Maria Pureza, 66 anos. As entrevistas tinham o tom da leveza, do riso, que sempre intercalava as falas e as frases de efeito inusitados, das digressões cometidas pelos entrevistados a ponto de abandonar o tópico da conversação e não mais voltar a ele, a não ser pela condução discreta do pesquisador ao questionar novamente sobre o que haviam deixado de lado, buscando, assim, ouvi-los sem cercear as vozes, ao tempo em que cabia ao pesquisador, o senso do parâmetro de referências do que estava buscando a fim de não ficarem "perdidos" os fios do texto e os objetivos da pesquisa.

Quanto às manifestações textuais produzidas ao longo do percurso em campo, observamos que, num primeiro plano, as memórias pessoais são evidenciadas, ficando em seguida as histórias de leitura no sentido "*latu sensu*" de todos os textos e não apenas do escrito, num entrelace entre histórias de vida/histórias de leituras como já havíamos problematizado no projeto de pesquisa, por entendermos que eles se imbricariam . Falam a partir de si mesmos e suas memórias cruzam entre a coletiva, oficial e pessoal com determinações discursivas no jogo da linguagem.

Para Michel Pêcheux (1983), "os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes."

Os sujeitos-leitores colocam–se, ativamente no ato de ler, numa posição de não linearidade em frente aos textos lidos, confrontando-os com seus saberes e crenças.

Há uma profunda identificação entre suas histórias de vida/ histórias de leitura. Os eixos paradigmáticos de suas histórias de leitura são a educação não-formal, para a maioria dos participantes da pesquisa, cujas ambiências de leitura são praticamente as mesmas: zona rural, contato restrito e breve com o ambiente escolar, as casas dos avós e amigos, os campos e encontros diversos.

Nestas ambiências foram formando-se leitores de/do mundo, de forma particular, singular, e, ao mesmo tempo, comum a todos os outros sujeitos, com diferentes sentidos para cada um deles. E continuam a tecer leituras na vida, poetizando a existência com o vigor das cantigas, as alegrias das danças e a leveza da alma, diante do peso dos anos, que arqueia os ombros e enruga o corpo, trazendo o verso/reverso da vida, entrelaçada nos fios dos anos cronológicos, entre memórias, silêncios, vozes, pausas e esquecimentos.

Encerramos o capítulo final, com a seguinte afirmação de Eni Orlandi (2002):

> Com efeito, a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras [...]. O silêncio é contínuo e há sempre ainda sentidos a dizer. (PULCCINELLI, 2002, p. 72, 73).

Somos sabedores de que o silêncio instalado é apenas uma pausa necessária, para voltarmos ao começo do ciclo e realizarmos outras leituras possíveis.

11. Conclusões

Este trabalho elegeu como objeto de estudo as histórias de leitura na 3ª idade, por entender a importância e significação dos idosos na nossa sociedade e em nossas vidas. Privilegiamos o lugar das memórias, das fabulações, da escuta, das narrativas, para empreendermos uma itinerênacia que nos permitisse o estudo sistematizado acerca da 3ª idade em relação às suas memórias e fabulações. Não no sentido de uma análise física, mas existencial, social e, portanto, coletiva.

Falar de velhice assusta, não é um tema, para muitos, dotado de beleza, riqueza, mas sim triste, sem apelo político, sem visibilidade social e/ou intelectual. Há sempre uma associação óbvia – quando falamos em velhice – com a morte, com a solidão, a exclusão, a tristeza, a não-produtividade a senilidade.

Há, praticamente vinte anos, a falta de interesse das ciências sociais e da Antropologia em particular, pelos estudos da velhice e dos processos de envelhecimento era plausível. Hoje, na sociedade contemporânea, a evidência dada à 3ª idade, se configura, em especial, ao cuidado com o corpo em busca da juventude tardia, de forma a retardar, ao máximo, possível as rugas, o arqueamento dos ombros, os cabelos brancos, a flacidez que teima em aparecer em cada parte do corpo físico. A 3ª idade, portanto, é um "rico filão" para os tratamentos estéticos e para as descobertas e avanços da medicina, sobretudo, no campo da geriatria. A melhoria nas condições de vida da população também contribuiu, de forma significativa, para elevar a expectativa de vida dos brasileiros que deverá atingir em 2050 a média de 81 anos, segundo os dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registrados no censo de 2000.

Se consideramos que em janeiro de 2004, ultrapassamos os 180 milhões de habitantes, conforme dados divulgados em toda a imprensa falada e escrita, os resultados das conclusões da revisão de 2004, do projeto da População, realizada pelo IBGE - Censo 2000. Se considerarmos ainda, que a expectativa de vida mencionada aumentou dezessete anos entre 1940 e 1980, é mais do que premente que estudos/pesquisas acerca da 3ª idade devem ser cada vez mais ampliados e que as políticas públicas para o idoso, de fato, sejam efetivas e assegurem-lhes direitos até então, apenas idealizados. É claro que a importância do nosso estudo não é apenas por

esses fatos, dados estatísticos, mas pela grandeza de registrarmos as histórias de leitura de uma categoria, que, embora tenha conseguido avanço em relação a sua inserção social com maior participação em vários contextos e espaços da sociedade, continuam marcados por discursos cristalizados sobre sua utilidade na sociedade, bem como seu valor na mesma.

Neste contexto atual, tem-se um ganho histórico para a categoria dos idosos que foi a aprovação do Estatuto do Idoso por unanimidade na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, fundamentado pela Lei de nº10.741 foi publicada no Diário Oficial da União de 01/10/2003 pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Por outro lado, questionamos, na primeira parte desta pesquisa no subtema velhice/3ª idade; mapeando a temática, que nos causa profundo estranhamento, indignação, que uma sociedade em que os discursos são pulverizados e visibilizados acerca da pedagogia do cuidado, da alteridade, do respeito às diferenças, necessite de uma lei, que normatize e puna quem desrespeite o idoso numa fila de banco, num ônibus, que o constranja em qualquer espaço público, que o maltrate, inclusive por seus próprios familiares. É um grande contra-senso, haja vista que estas ações já deveriam, ao nosso ver, fazer parte das condutas humanas, dos atos de amigos, familiares, desconhecidos, crianças, jovens, enfim, de todo cidadão.

Entendemos a necessidade de garantir/assegurar os direitos dos idosos quanto à previdência social, profissionalização e trabalho, saúde, educação, entre tantos outros que rezam no referido estatuto. Mas, ao ler que se constitui crime as ações citadas, pareceu-nos estarmos numa sociedade da barbárie, cujos avanços não parecem ter sido incorporado como valores, respeito, empatia. Até quando presenciaremos atos agressivos contra idosos, crianças, jovens ou qualquer cidadão? Parece-nos que as minorias ainda terão muito a lutar pra garantirem seus direitos.

Por outro lado, se formos analisar a própria representação da velhice na sociedade capitalista, percebemos que distintamente da sociedade oriental, nas sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas, a situação dos idosos é diferenciada, haja vista a necessidade de consumo em que tudo é efêmero, descartalizado, incentivando o culto ao belo, ao estético padronizado, ao hegemônico, ao novo, em contrapartida com a sapiência dos idosos, das memórias, dos saberes das minorias, das experiências

cultivadas pela longevidade de quem muito contribuiu e contribui para a formação dos seus familiares, seus pares profissionais, seus amigos e comunidade em geral.

Esse modo de agir e pensar atinge fortemente os idosos que se vêem à margem do processo, discriminados, com adjetivos pejorativos que os caracterizam, "gagá", "vovô", "coroa", entre outros.

No contraponto dessa mesma conjuntura social, vale salientarmos que milhares de jovens não terão o privilégio de chegarem à velhice, pois, segundo sinalizam as estatísticas atuais, os jovens têm estado em 1º lugar nas mortes por acidentes de trânsito em virtude do mau uso de sua liberdade e livre arbítrio. As últimas pesquisas da Comunidade Médica Americana – CMA, Universidade de Columbia (Nova Yorque) e Ministério da Saúde (2003), expõem a fragilidade e o panorama em que o adolescente vive em seu dia-a-dia. Nos Jovens de 10 a 24 anos, o índice de mortes em acidente de carro é de 31%, 64% por cigarro, 47% álcool e drogas, 33% por sexo inseguro. Os dados revelam o paradoxo que afirmamos quanto ao aumento da expectativa da vida, haja vista que poucos jovens gozarão dos benefícios do envelhecimento saudável, se os índices continuarem tão elevados.

Segundo Rubem Alves (2001), velhice é quando se percebe que não existe, no, futuro, nenhum evento portentoso porque esperar como início de felicidade. E é exatamente por isso, que os jovens devem aprender com os velhos que é preciso viver cada dia como se fosse o último no que acrescentaríamos, sem desperdício, sem futilidades, saboreando a existência como constante celebração.

Na nossa pesquisa, evidenciou-se, a partir da problemática anunciada, buscar desvelar as histórias de leitura na 3ª idade e o cruzamento das memórias oficial, pessoal, coletiva, os significados da leitura como forma de não assujeitamento e/ ou apagamento das vozes destes leitores.

O (des)velamento foi configurando-se a partir da "interpretação densa", como afirma Clifford Geertz (1998), numa pesquisa do tipo etnográfico que priorizou os saberes locais, a "polifonia das vozes", as narrativas dos sujeitos-leitores, tomando como referencial para análise das manifestações textuais e narrativas emergentes, a Análise do Discurso, que enfatiza a língua em curso no dinamismo das formações discursivas em que, operando com a linguagem o sujeito ocupa diferentes " lugares/posições" e realiza

processos discursivos cuja origem não está nele, enquanto origem, mas num "já dito", que compõe o discurso e que, ao falar, o sujeito é ao mesmo tempo uno e múltiplo, suas palavras são também revestidas de outras palavras alheias, numa "bricolagem de sentidos" que se instauram e são também instituintes e moventes.

O papel da linguagem na socialização das narrativas, a multiplicidade das vozes, a filiação dos sentidos e a interação foram outras marcas das leituras realizadas pelos idosos, cuja valorização dos textos plurais por seus pares e por suas histórias de vida, ganharam destaque no curso dos acontecimentos.

Quanto à escolha dos gêneros textuais, tivemos como escolha quase unânime as cantigas de roda, adivinhações, contos populares, receitas culinárias, a leitura bíblica, as músicas de forró, lendas/mitos, provérbios, os quais foram (res)significados numa (re)leitura que permitiu a construção de sentidos diversos, ancorando os textos no contexto atual, numa troca enriquecedora.

A literatura de cordel também foi bastante utilizada nas atividades do Círculo de Leitura e apresentações diversas no Centro de Convivência do Idoso. Elaboraram coletâneas, as quais eram apresentadas, de forma cênica, numa fusão com outras linguagens, conforme explicitamos no item Prática leitora – A leitura no círculo – saberes partilhados. Todos esses gêneros e práticas leitoras foram as principais responsáveis pela formação leitora dos sujeitos da pesquisa.

O resultado da nossa pesquisa aponta para uma possível contribuição das histórias de leitura dos idosos para a nova pedagogia da leitura, que requer leitores includentes e participativos, evidenciando, nesse bojo, o recurso narrativo como meio eficaz para a formação do leitor/produtor de textos, pelo seu caráter dinâmico, memorialista, cujas histórias de vida vão sendo tecidas num entrelace simultâneo às suas histórias de leitura.

Com este recurso narrativo, a escola estaria trazendo para o centro do processo pedagógico a vida e histórias dos sujeitos que cotidianamente se constroem e (re)constroem enquanto seres de linguagem e, portanto, produtores de textos. Nessa incursão por suas memórias, as tensões, inventividade, desejos, singularidades, subjetividades, vão sendo materializadas e demarcadas num processo de leitor-autor que não mais aceita o discurso do autor, mas constrói o seu próprio discurso, tecido a partir da interação com o outro, sem copiá-lo, repeti-lo, trazendo, sim, a marca e o estilo do

autor/leitor/produtor de texto, que através das suas leituras/escritas ampliam as suas comunicações com o mundo, participando cada vez mais socialmente, uma vez que sua inserção social vai paulatinamente ganhando novos contornos e novas dimensões.

O enriquecimento dos estudos relativos ao leitor e sua formação também se fizeram significativos neste trabalho de pesquisa, a partir das categorias emergentes das entrevistas, as quais trouxeram a ampliação das ambiências de leitura na formação do leitor e as práticas leitoras vivenciadas pela 3ª idade, que estão praticamente fora da escola e que nos mostraram serem ricas e diversificadas, transcendendo ao que tem tradicionalmente marcado as aulas de leitura nas escolas.

As práticas leitoras e os eventos de letramento explicitados nas categorias de análise e no perfil do leitor da 3ª idade sinalizaram que a leitura é parte integrante da vida do ser humano – mesmo inconscientemente – e que os sujeitos-leitores lêem a partir de outras linguagens e para além da travessia lar-escola. Isso ficou registrado nos dados desta pesquisa. Até porque, os nossos leitores da 3ª idade liam não apenas o texto escrito, já que tomamos como leitor o leitor de/do mundo, por isso também, a escolha de leitores que, de fato, não decodificavam o código escrito e que ou indicaram estar aprendendo agora na 3ª idade, ou não mais realizarem este desejo, por considerarem ser muito tarde para aprender, o que reforça os mitos, crenças e estigmas em relação ao idoso e seus processos de aprendizagem na velhice.

Os resultados da pesquisa sinalizaram, através das entrevistas, observações participantes e práticas leitoras realizadas, que a relação entre leitura/manifestação textuais da 3ª idade fica restrita aos seus pares no Centro de Convivência com o Idoso em encontros com jovens em escolas da comunidade, por ocasião da comemoração do dia dos avós e dos idosos, não sendo esta uma prática recorrente.

O convívio com o ambiente escolar fica restrito a convites esporádicos, inclusive na universidade a qual tem proporcionado anualmente cursos de extensão que contemplam a categoria 3ª idade, através da disciplina Estágio Supervisionado do Curso de Letras, os quais participaram dos colóquios de avaliação do Estágio e na Mesa-Redonda em que fizeram parte o grupo do Movimento de Mulheres de Jacobina, os idosos, entre outros informaram em seus depoimentos que: “O povo precisa da faculdade

e também precisa aprender com ela, como tem acontecido com os cursos que são dados. A faculdade tem que aproximar mais do povo. Ninguém nunca é Dr. em tudo".

Os depoimentos caracterizam, por si só, a representação que estes grupos têm da universidade e como analisam a forma em que seus saberes são vistos pelas academias e Instituições Escolares. Este trabalho sinalizou, portanto, que a relação entre as produções textuais da 3ª idade e as Academias e Instituições Escolares precisam ser revistas, redimensionadas, a partir da construção curricular e da relação que estabelecem com o saber, seja ele considerado acadêmico, científico, ordinário/vulgar e/ou empírico como queiram qualificá-lo. O importante é que, nestes espaços plurais, por excelência, a circularidade do saber literalmente exista de forma fecunda.

Acreditamos que o paradigma emergente traduza nossas crenças, nossas compreensões e nossas esperanças a respeito do que poderia ser um modelo novo para a educação, que busque novos ambientes de aprendizagem mais adequados às necessidades de crianças, jovens e idosos.

Vale ressaltar ainda, que realizamos no dia 20.10.04, no Auditório do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, o Colóquio entre Idosos e jovens jacobinense para socializar os resultados da pesquisa aos sujeitos-leitores envolvidos, de forma que eles pudessem de fato "autorizarem" a publicação dos seus nomes, seus dizeres, a partir da interlocução transparente entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

O colóquio contou também com a participação de estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Yolanda – Jacobina BA, que, no momento estudavam as políticas públicas para idosos, contribuindo assim, para enriquecer o encontro.

Neste mesmo encontro, contamos com a participação do NEO – Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia, no qual a pesquisa está vinculada, além da Direção do Campus IV e colegas do Departamento de Ciências Humanas – DCH/IV – UNEB/Jacobina, a fim de que o diálogo se ampliasse, e o sentido da pesquisa fosse, de fato, consolidado com a socialização ampla do trabalho de investigação e suas contribuições para a comunidade.

Outro aspecto que buscamos desconstruir, a cada encontro com os sujeitos-leitores foi acerca da auto-imagem negativa que tinham de si mesmos.

As representações sociais dos idosos, a partir do olhar do outro, da expectativa do outro, e o olhar sobre si mesmo, tendo como referencial o outro, deixa cristalizado e enraizado os estereótipos, crenças, estigmas, os quais foram materializados nas narrativas. O principal estereótipo advém da crença de que só é leitor quem sabe ler fluentemente o texto escrito - leitura no sentido *strictu sensu*. Eles afirmavam, antes mesmo de iniciarem as entrevistas e atividades diversas, que não sabiam ler, não acertariam produzir as atividades solicitadas e que desculpassem a eles por não "falarem direito" ou não saberem dizer com bonitas palavras suas histórias, o que as consideravam, na maioria das vezes, simples, sem atrativos, sem graça, como eles mesmos, já velhos, cansados, desvalorizados.

Projetavam, nas suas falas/narrativas, o discurso excludente e preconceituoso, que ressaltava: as vozes machistas, preconceituosas, vozes do conformismo, da submissão, do desencanto, da desvalorização, confirmando a cristalização dos gêneros discursivos que atravessam os textos, conforme é perceptível nas entrevistas e excertos extraídos para análise, embora nosso interesse, ao analisarmos as categorias, não fora o levantamento das vozes, por isso, não o fizemos naquele capítulo, e sim, de forma panorâmica ao reconstruirmos o percurso da pesquisa e seus resultados. Sabemos que este aspecto poderá ser desdobrado em uma outra pesquisa, dada a riqueza desta "polifonia" nas entrevistas realizadas.

O sentido pragmático da leitura, ao ser transformado e (re)visitado pelos sujeitos-leitores, sinalizou também uma contribuição no que diz respeito ao par leitura/função social, porque os resultados trazidos por este grupo, em particular, revelaram que a leitura passa a ganhar outro "status", quando não didatizada e escolarizada com regras e questões prévias, cuja atenção é dada ao texto em si e aos sentidos atribuídos pelos leitores num dado contexto, numa dada situação em sua comunidade de leitores.

O canto do trabalhador, os versos e a literatura de cordel dão um outro sentido ao trabalho, o qual é proporcionado pela leitura. A própria convivência no Centro dos Idosos tem, para cada um deles em particular, sentido de valorização, alegria, partilha, utilidade, o (re)moçar, o cuidado, o carinho, a escuta, e, acima de tudo, a fuga da solidão que tanto amedronta e incomoda a todos os idosos.

Em seus depoimentos, afirmaram que, ao avaliarem a vida que tinham antes, quando moravam na roça e trabalhavam braçalmente, sentem-se felizes e realizados, pois têm suas aposentadorias, suas liberdades, passeiam, divertem-se.

No perfil de leitor da 3ª idade, percebemos que a relação com a leitura é diversificada e marcadamente realizada através da oralidade, de práticas leitoras como círculo e/ou roda de leitura, cantos, literatura oral e popular, cantigas de rodas, poesias, músicas. O contato com o material escrito vem dos materiais da sala de aula no Centro de Convivência, dos Cursos de Extensão dados pela Universidade neste caso, UNEB – Campus IV/Jacobina, aos idosos do Centro de Convivência, da contação de histórias, entre outros, o que é um exemplo vivo de como a escola poderia dinamizar o ensino da leitura, considerando esse acervo plural e não-escolarizado, cuja riqueza fica relegada, fora do âmbito escolar.

A leitura do corpo, da cidade explora sensações, análises visuais, comportamentais, espaciais, de forma a proporcionar a experiência com o lúdico em sala de aula e fora dela.

É, nessa articulação com as várias linguagens, que o lúdico, o simbólico e o metafórico têm muito a contribuir para o ativamento de diversas competências e habilidades, considerando que os idosos, por sua própria idade, tendem a começar a apresentar falhas, lapsos de memória, esquecimento.

Atividades que articulam diversas linguagens ativam e desencadeiam o funcionamento do neocórtex, que "basta uma pequena parte dele para modular ou alterar as estruturas inferiores", conforme assinala Joseph Pearce (2000, p. 192).

Ao fazer usos das metáforas e do lúdico, o idoso é ele mesmo a ação, ativando a memória de forma significativa, relacionando-a a fatos ao seu redor, à sua vida, realizando aprendizagens fecundas. Para tal, a escuta do outro é fundamental.

Os fios condutores que marcaram ainda o perfil dos idosos têm sua gênese nas histórias de vida dos sujeitos participantes da pesquisa que são comuns nos seguintes pontos: morte de filhos, viuvez, dificuldades no casamento, casamento ainda muito novas, não-acesso à escola por longo tempo, exceto duas delas, no universo de 10 sujeitos. Os eventos de letramento (espaço religioso, espaço da zona rural, espaço da escola temporário).

A emergência das dores/perdas que fluem na narrativa traz um fluxo de acontecimentos, os quais necessitam não apenas da escuta sensível do pesquisador, mas a sutileza de retornar ao tópico cuja digressão fez desviar, sem abandonar os objetivos da pesquisa, ao tempo em que, busca com a clareza da objetivação que pretende, não cercear as vozes do outro.

Percebemos, conforme sinaliza Roger Chartier (2001), quando uma pessoa fala de si mesma pensa sempre que é absolutamente singular e livre, mas os sociólogos, historiadores, sabem que é relativa esta singularidade e que a compartilhamos com outros que têm as mesmas propriedades sociais.

É, neste universo fecundo, que as memórias discursivas se materializam e se imbricam, projetando se enquanto individualidade e como sujeito sóciohistórico que se projeta.

Sem dúvida, o toque pessoal que é acrescentado por cada um – leitores e pesquisador – adiciona a todas as determinações e/ou trajetórias compartilhadas, o nosso estilo de fazer. Neste sentido, o que nos afirma Edgar Morin (1996), é relevante: "fazer ciência com sapiência"; no que acrescentaríamos: o rigor, a empatia e a poesia devem caminhar juntos na vida e na pesquisa. Caso contrário, não faria sentido algum, uma vez que o que nos move ao encontro com o outro é sempre inusitado, enriquecedor, dinâmico, tenso, mas extremamente produtivo – a razão de ser de um educador pesquisador.

Foi com este objetivo precípuo de unir ciência e poesia, que nos aventuramos pelos labirintos da pesquisa a fim de trazer mais uma contribuição que, mesmo incipiente, buscou revelar o quanto às histórias de leitura dos idosos jacobinense sendo parte integrante dos saberes emergentes, de fato, consolidam a nova pedagogia da leitura, como ato cultural que permeia a relação humana, como condição primeira de, permanentemente, está interagindo, inferindo, interferindo no mundo, afetando e sendo afetados.

O resultado desta pesquisa permitiu uma análise representativa do universo pesquisado, sua abrangência e relação com a formação do leitor ativo e includente, como indícios de uma pedagogia de leitura que prioriza os saberes locais, as diversas manifestações textuais e o entrelace crianças/idosos através das narrativas/fabulações,

como contribuições de sujeitos que partilhando, produzem textos tecendo com os fios da inventividade das memórias, enredos fascinantes.

12. Referências

ACHARD, Pierre. et all. *Papel da Memória.* (Tradução e Introdução) José Horta Nunes. Campinas: SP: Pontes, 1999.

ACOSTA, Mata Margarita, SERVIN, Mercedes de Agüero. La educacion de adultos uma perspectiva de gênero. In: *Revista latino-americana de estudos educativos.* Volume XXVI, nº 03, México, 1996. (Revista trimestral de educación).

ALVES, Nilda GARCIA, Regina Leite (orgs.) *O sentido da escola*. 3 ed RJ: DPPA, 2001.

ALVES, Nilda. A formação de profissionais do ensino e a nova LDB. In: *ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação*, Ano 7, nº13, p. 49, 1988.

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo*: a estética do envelhecer. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

ANDRÉ, Marli (org.) *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

ANDRÉ, Marli Eliza D. *A Etnografia na prática escolar*. 7ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

ANDRÉ, Marli Eliza, LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. 6 ed. São Paulo: EPU, 2001.

ARIÉS, Philipe. *Uma história da velhice?* Comunicações. Paris; Seuil, 1983.

ARIÉS, Philipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Miguel. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. In: *Educação & Sociedade*. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação. Ano XX, nº68, dezembro de 1999.

BAKHTIM, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa.*Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org) *Velhice ou 3ª idade?*: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993.

BARTHES, Roland. A Leitura. In: *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BELO, Isolda. *Lacunas do óbvio*: conteúdo sociopolítico do processo de envelhecimento e da institucionalização do idoso. Recife, UFPE, 1990 (Tese de Mestrado em Sociologia).

BOFF, Leonardo. *Princípios da* compaixão *e cuidado*. São Paulo: Vozes, 2000.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOSI, Ecléa . *Memória e Sociedade:* lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz,

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

BOVER, Jairo. Jovem: emoção x risco. In: *Boletim Informativo*. Congresso de Pais, 2004. Salvador - Bahia.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire*. SP: Nova Cultural, Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante.* São Paulo: Perspectivas, 1990.

BRISSAC, Nelson. Olhar do estrangeiro. In: *O olhar*. São Paulo: Brasiliense,1983.

BRITO. Percival Leme. Leitura e participação social. In: *Língua Portuguesa*. Ano I, número 02, junho de 2001.

BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: novas* perspectivas. S. Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras: 1994.

CANDAU, Vera Maria (org). *A didática em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano :* as artes do fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

CASTORIADIS, C. A *instituição imaginaria da sociedade*. (Tradução de Guy Reuynaud.) 2ª ed. Petrópolis, RJ: Paz e Terras, 1992.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*: leitores, autores e bibliotecas entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: *História da vida privada*: da Renascença ao século das luzes 3. SP: Cia. das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*: conversas de Chartier com

Carlos Aguirre Anaya, Jesnís Anaya, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CNOPP, Janette Monteiro de. *Produção de textos em cooperação por pessoas da 3ª idade*.(1999). Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo. In: www. banco de teses e dissertações *(www.periodicos.capes.br)* Consulta realizada em 24. 11.2003.

DARNTON Robert. (org*.) O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa.* Rio de Janeiro: Graal, 1985

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura, e revolução. São Paulo: Cia.das Letras, 1990.

DAUSTER, Tânia.et all. Nasce um leitor.In: DAUSTER, Tânia.*Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: FBN/PROLER, 1994. (Ler e Pensar).

DEBERT, Guita Grin. *A invenção da velhice*: socialização e processos de representação do envelhecimento. São Paulo: editora da USP,1999.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representação da velhice. In: *Ciência Hoje*. 08 julho 1988.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Ática, 1995.

Departamento de Letras. Rio de Janeiro, 1992.

DURANTE, Marta. *Alfabetização de Adultos*: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. *O método Paulo Freire*: princípios e práticas de uma concepção popular de educação. (Parte da dissertação de Mestrado defendida na USP em 1999). Disponível em www.paulofreire.org/ EJA,em 11.10.03 .

FERREIRA, Berta Well. Reflexões sobre a análise de "histórias de vida". In: *Revista de Educação*. Ano XXV, nº 46, março 2002. Porto Alegre. PUC. RS.

FIORIN, J. Luiz. Teoria e Metodologia nos estudos discursivos de tradição francesa. In: *Análise do discurso*: percursos teóricos e metodológicos. Brasília/UNB, Plano, 2002.

FISH, Stanley. Como reconhecer um poema ao lê-lo.In: *PALAVRA*.1992

FRANCO, Celso (org.). *Avaliação, ciclos e promoção na educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1976.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. Educação e participação comunitária. In: *Novas perspectivas críticas em educação.* (CASTELLS, at all.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FUNK, Terezinha Irene. *Alfabetização de adultos*: relato de uma experiência construtivista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir. Leitura e Classe trabalhadora. In: *Educação, Leitura e Participação*. 13º Congresso de Leitura do Brasil. COLE. SME, São Paulo/Campinas, julho de 2001.

GALEFFI, Dante. *Pedagogia da diferença pensada como diferença*: Notas implicadas 2. In: Á*gere* – Revista da Educação e Cultura, vol. 5, nº 05,UFBA.Salvador: Quarteto, 2002.

GALLO, Sílvio. Disciplina e transversalidade. In: *Linguagem, espaço e tempo no ensinar e aprender*. CANDAU.Vera Maria (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GATTAZ, André C. A busca da identidade nas historias de vida. In: *International Oral History Conference* – Proceedings. Rio de Janeiro: junho/ 1998. Disponível em www.usinadolivro.com/gattaz.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GENTILI, Pablo.(org). *Pedagogia da exclusão*. Rio de Janeiro: Vozes,1995.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais*: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Oralidade, afeto e cidadania. In: YUNES, Eliana (org). *Pensar a leitu*ra – complexidade. Rio de Janeiro; Loyola, PUC –Rio 2002, p.61-62.

HALBWACHS, M. (1950). *La memóire collective*. Paris: Presses, Universitaires de France.

HARVEY, David. *The Condition of postmodernity*: na inquiry into the origin of cultural change. Oxford, Nova York: Blackwell, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I.11.ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ISER, Wolfang. *O ato da leitura*. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 01. 1996

KATO, Mary A. *No mundo da escrita*. Rio de Janeiro: Àtica, 1987.

KINCHELOE, Joe. L. *A formação do professor como compromisso político*: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* 4 ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP,1996.

LÉVY, Pierre. *O universal sem totalidade, essência da cybercultura.* Disponível em: www.homepage.Pierrelévy. Acessado em: 28/12/2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Saber, saber ser, saber fazer: o conteúdo do fazer pedagógico. In: *ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação*, Ano 1, nº04, p. 40, 1982.

LIMA, Costa Luiz. *A Literatura e o leitor* - textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAINGUEANEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso.* Campinas: UNICAMP, 1989.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*.(tradução Pedro Maia Soares) São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIANI, Bethânia. *Memória, esquecimento e acontecimento*.Tese de Doutorado. UFRJ, apresentada no Congresso da ABRALIN, 1997.

MARTINS, M ª Helena (org.) *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.

MAURMANN, Eulália Alves Correia. *Revolução de problemas dedutivos de três termos*: um estudo com adultos emprocesso de alfabetização. (1999 In: www banco de teses e dissertações. *(www.periodicos.capes.br*) consulta realizada em 24.11.2003.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário* - pedagogia do consenso para o novo milênio.(tradução Márcia Moraes & Robert Costa.) Porto Alegre; Artes Médicas, 2000.

MITRULIS, Eleny; SÁ, Elba Siqueira de. Trajetórias e desafios dos ciclos no país. In: *Revista de estudos avançados da USP*, nº 15, maio/agosto 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários á educação do futuro*. São Paulo: Cortez, DF: UNESCO, 2001.

MOTTA, Alda Brito da. "*Não ta morto quem peleia": a pedagogia inesperada nos grupos de idosos*. Salvador. 1999. Tese de Doutorado da Universidade Federal da Bahia. (Prof. Dr. Rogério Cunha de Campos-UFMG-Orientador)

NÓBREGA, Nanci. In: *A caverna, o monstro e o medo*.Rio de Janeiro: PROLER/FBN, 1995. Col. Ler e Fazer,4 (Fragmentos)

NOGUEIRA, Claudiana da Silva. A intertextualidade no discurso jornalístico sobre a velhice. In: *Análise do discurso*: percursos teóricos e metodológicos. SILVA, Denize Elena Garcia Vieira, Josênia Antunes (orgs.) Brasília: UNB, Oficina Editorial do Instituto de Letras; Plano, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: *princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 5.ed. Campinas, São Paulo; Editora da UNICAMP, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo os sentidos, In: *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: SP, Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez, Editora da UNICAMP, 1993.

PAIM, Paulo. *Estatuto do Idoso*. Lei nº 10.741 de 2003. Disponível em www.interlegis.gov.br/comunidade . Acessado em 10/10/2003.

PAIVA, Vanilda. O mundo em mudança: deslocamento temático no final do século e convivência com a incerteza. In: *Contemporaneidade e Educação*. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Ano IV nº 06 2º semestre, 1999.

PASSOS, Laurizet Ferragut. O projeto pedagógico e as práticas diferenciadas: o sentido da troca e da colaboração. In: *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. (Marli André org.) Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.

PEARCE, Joseph Clinton. *O fim da evolução*: reivindicando a nossa inteligência em todo o seu potencial. São Paulo: Cultrix, 2002.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas, UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX., Michel. A análise do discurso: três épocas.In: GADET, F. HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas, UNICAMP, 1997.

PERRENOUD, Phillipe. *Pedagogia diferenciada:* das intenções à ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PERRENOUD, Phillipe. *Pedagogia na escola das diferenças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença* (Tradução Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin. *A Educação e a complexibilidade do ser e do saber.* Petrópolis, Vozes, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JACOBINA. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina. Relatório Final. Nov. 1999. Jacobina / BA.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

RIVERO, Sérgio.*O espaço da leitura*: mais do que a palavra biblioteca.Fundação Biblioteca Nacional, PROLER, Casa da Leitura.[1995?].

ROCHA, Sueli. *A alfabetização como elemento de inclusão*. Disponível em www.paulofreire.gov.br . Data de acesso 08.03.2003

RODRIGUES, Zita Ana Lago. Os Paradigmas do conhecimento, da ciência e do saber e a educação para a complexidade: um debate contemporâneo. In: *Temas em Educação II. Livro das Jornadas 2003*. São Paulo: Futuro Congressos de Eventos, LTDA.

SANTANA, Carla da Silva. Temporalidade e velhice: relatos do resgate e da descoberta do tempo. (1999). Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo. In: WWW. Banco de teses e dissertações. *(WWW.periodicos.capes.br*). Consulta realizada em 24.11.2003

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências*. Porto Afrontamento, 1987.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: para além da curvatura da vara. In: *ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação*, Ano 1, nº03, p.56, 1982.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 35 ed. Revista e ampliada. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação. *II Congresso Brasileiro de História da Educação*. (Programação).UFRN, 2002.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. A condição do homem contemporâneo: educar rompendo os limites espaciais e temporais. In: A*rte da Escrita*. Revista do Curso de Letras. Universidade do Estado da Bahia. UNEB – Campus IV. Ano I, nº 02, 1º semestre de 2003.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *Histórias de Leitura dos alunos da Nossa Escola Ideal*. Trabalho monográfico apresentado a UESB, 1998. Especialização em Leitura: Teoria e prática.

SILVA, Denize Elena et all. (orgs.) *Análise do Discurso*: percursos teóricos e metodológicos. Brasília / UNB, Plano, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos:* reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu, MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.) *Territórios contestados*: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVESTRE, Maria Cristina de Magalhães. Alfabetização de jovens e adultos: uma proposta para a identificação do repertorio de leitura (2001). In: www. banco de teses e dissertações. *(www.periodicos.capes.br*). Consulta realizada em 24.11.2003.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. Pós-modernidade e exclusão. In: *Jornal A Razão*. 30/05/2002.

SISTO, Celso. *Leitura e oralidade*.Vitória da Conquista: PROLER, 1992.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura*: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte : Autêntica, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino. *Cartografia histórica*: trilhas e trajetórias da formação de professores. Salvador: UFBA/FACED. Programa de Pós-graduação em Educação, Janeiro de 2004. In: *História de vida e prática docente*: desenvolvimento pessoal e profissional na formação. (Tese de Doutorado). Orientador Prof. Dr. Roberto S. Macedo. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino. *História de vida e prática docente: desenvolvimento pessoal e profissional na formação.* (Tese de Doutorado). Orientador Prof. Dr. Roberto S. Macedo. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2004.

TEIXEIRA, Maria Luiza Couto. *A lição*do amanhecer: leitores numa escola da 3ª idade (1999). In: www.banco de teses e dissertaçãoes. *(www.periodicos.capes.br*) consulta realizada em 24.11.2003.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória:* questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: Projeto História, São Paulo. Abril de 1997.

WERTHEIN, Jorge. *Vencendo a cegueira*. Disponível em www.cvl-clubevirtualdelinguagem. 2002.

WEXLER, Philip. *Social analysis of education*: after the new sociology. London: New York, 1995.

YUNES, Eliana.In: *Ora, Direis, leitura*! Jornal A Tarde 23.10.98.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997 (Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich).

13. Anexos

13.1 Anexo 01- Questionário do colégio GICOITA – Ginásio da Comunidade de Itapeipu.

QUESTIONÁRIO – I

1. Em que ano o colégio GICOITA foi fundado?

_____

2. Informe o total de alunos nos seguintes anos :

1973_____ 1974_____

1975_____1976_____1977_____1978_____1979_____

1980 a 1983 _____.

3. Indique o número de docentes nos anos acima citados e a formação de cada um:

Magistério - quantos? Nível superior - quantos? Segundo grau – outros cursos, quantos?Segundo grau incompleto? Quantos?_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

4. O colégio possui biblioteca?_____Em que ano foi implantada?_____A biblioteca possui nome?_____qual?_____Você considera o acervo :

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Insuficiente Quantos títulos tem na biblioteca?_____

5. Quantos funcionários técnico- administrativos havia no colégio na década de 70? _____Qual a formação dos mesmos?_____

6. O colégio atende primeiro e segundos graus?_____Quais as séries atendidas pelo colégio?_____.

7. Qual o quadro atual de alunos no ano de 2003?_____e de professores?_____Qual a formação de cada docente?_____.

8. Quanto à Infraestrutura do colégio, você considera :

( ) Ótima ( ) Boa ( ) Regular ( ) Insuficiente

9. Quantas salas de aulas o colégio possui?_____Possui cantina?
_____Quantas?_____
Quantos sanitários?_____ Possui quadra esportiva? _____Quantas? _____Sala de professores?_____Quantas?_____Secretaria? _____Quantidade? _____
Possui sala de Coordenação?_____Quantas?_____ Possui sala da diretoria? _____
10 Quais os turnos de funcionamento do colégio?_____Possui vice-diretor?_____Quantos?_____

11. Você considera o nível de aprendizagem dos alunos:
( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Insuficiente
Justifique_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

12. Os alunos usam a biblioteca regularmente?_____Quantas vezes por semana?____Costumam usar para: ( ) pesquisa ( ) leituras diversas ( ) empréstimo de livros.

13. Você considera o nível do corpo docente:
( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Insuficiente
Justifique_____
_____
_____
_____

14.Qual a última atualização do corpo docente? _____Qual o número de professores com distorção em relação a sua formação e disciplina que leciona?_____

Muito obrigada pela valiosa colaboração!!!!!Fico na responsabilidade de enviar o capítulo escrito para que confirmem os dados fornecidos. Jacobina, 11.04.03

13.2 Anexo 02 - Avaliação Docente.

Querido aluno,

Avaliar é fundamental na prática pedagógica e nas atividades em geral, por isso, faz-se necessária a avaliação da docente, observando de forma autêntica e sincera os pontos a serem melhorados, bem como os aspectos considerados satisfatórios e dignos de um trabalho qualificado.

Não precisa se identificar (opcional)

1. Quanto à assiduidade, considero:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

2. Quanto à pontualidade, considero:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

2.1. Quanto ao relacionamento interpessoal:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

3. Quanto à segurança dos conteúdos trabalhados:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

4. Quanto ao uso de recursos variados para trabalhar os conteúdos:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

5. Adequação dos instrumentos de avaliação à ementa da disciplina considero:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

6. Bibliografia apresentada considero:

Ótima ( ) Bom ( ) Regular ( )

7. Contextualização dos conteúdos à prática considero:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

8. Contribuições da docente numa abordagem crítica e contextualizada dos conteúdos, incentivando a pesquisa e ou estudo crítico, considero:

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( )

Justificativa para cada nota atribuída.

1._____

2._____

3._____

4._____

5._____

6._____

7._____

8._____

9. Sugestões/ Críticas para melhorar o trabalho.

_____

_____

_____

_____

_____

13.3 Anexo 03 – Entrevista semi-estruturada – Pesquisa de Campo –UFBA / FACED / UNEB / Campus IV.

1. **Identificação:**

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

2. Dados Socioculturais:

a) Mora Sozinho(a)? ( )Sim ( )Não Com quem?_____

b) É: viúvo(a)( ) casado(a)( ) separado(a)( ) solteiro(a)( ).

c) Trabalha? ( )Sim ( )Não; É remunerado(a)? ( )Sim ( )Não; O salário é: 01 salário mínimo ( ), 02 a 03 salários mínimos( ), 04 salários mínimos ( ) ou mais de 05 salários mínimos ( ).

d) Possui casa própria? ( )Sim ( )Não.

e) Qual religião? Católica ( ) Protestante( ) Espírita( ) Outra ( )_____.

f) Costuma freqüentar Missas? ( )Sim ( )Não; Quantas vezes na semana? 1( ) 2( ) mais de 3( ).

g) Freqüenta algum culto evangélico? ( )Sim ( )Não; Quantas vezes na semana? 1( ) 2( ) mais de 3( ).

h) Já é avó/avô? ( )Sim ( )Não

i) Quantos netos? 1( ) 2( ) 3( ) mais de 3( ).

j) É aposentado(a)? ( )Sim ( )Não.

l) Quanto recebe de aposentadoria?1salário( ) 2 salários( ) 3 a 4 salários( ).

m) Costuma realizar quais atividades de lazer?

Cantar( ), Dançar( ), Costurar( ), Bordar( ), Conversar com os amigos em reuniões de grupo ( ), Ler ( ), Cozinhar( ), Plantar e molhar plantas ( ), Cuidar dos animais( ), Passear ( ) ou outros( )_____.

n) Participa de algum grupo ou Centro de Convivência para idosos? ( )Sim ( )Não. Qual?_____.

3. Aspectos educacionais:

a) Sabe ler sozinho(a)? ( )Sim ( )Não.

b) Sabe ler quando ajudada? ( )Sim ( )Não.

c) Sabe escrever bilhete, recados e textos? ( )Sim ( )Não.

d) Sabe escrever seu nome? ( )Sim ( )Não.

e) O que mais gosta de escrever?

R:_____.

f) O que mais gosta de ler?

Revistas ( ), Livros ( ), Bíblia ( ), Revista em quadrinhos ( ), Orações ( ), jornais ( ) ou outros ( ).

g) O que sente quando vem às aulas?

R:_____

h) Qual o significado de aprender a ler e escrever? Por quê?

R:_____

_____

i) As atividades realizadas em sala de aula são:

Agradáveis ( ), Difíceis ( ), Fáceis ( ), Interessantes ( ), Desafiantes ( ), Confusas ( ).

j) Você responde suas atividades escolares sozinho(a)? ( )Sim ( )Não ( ) Às vezes.

l) Quem ensina você a realizar as atividades quando tem dúvidas?

A professora ( ) Os colegas ( ) Outros ( )_____.

m) O que mais gosta de fazer na aula?

Ler ( ), Escrever ( ), Contar estórias e "causos" ( ), Cantar( ), Fazer exercícios ( ), Ouvir as explicações da professora ( ).

n) Como são as aulas da professora?

Difíceis ( ), Fáceis ( ), Alegres ( ), Movimentadas ( ) ou Cansativas ( ).

o) Quais atividades a professora costuma realizar?

1. Exercícios no caderno e em folhas de ofício ( ),
2. Exercícios no livro ( ),
3. Exercícios no quadro ( ),
4. Leituras ( ),
5. Produção de textos ( ),
6. Cantar músicas( ),
7. Explicações no quadro ( ),
8. Atividades de dança, canto, poesia ( ).

p) Por que você resolveu estudar na idade adulta?

R:_____

q) Quanto tempo tem que você começou a estudar?

3 meses( ), 6 meses( ), 1 ano ( ), 2 anos ( ) ou mais de 2 anos ( ).

r) Aceita que coloque sua história de leitura na pesquisa com seu nome?

( )Sim ( )Não .

Assinatura:_____

Jacobina,_____/_____/2003.

13.4 Anexo 04 – Apresentação de projeto de pesquisa aos idosos – Auditório do Campus IV / UNEB.

13.5 Anexo 05 – História de Rose

História de Rose

No primeiro dia de aula, nosso professor se apresentou aos alunos e nos desafiou que nos apresentássemos a alguém que não conhecêssemos ainda.

Eu fiquei em pé para olhar ao redor quando uma mão suave tocou meu ombro.

Olhei para trás e vi uma pequena senhora, velhinha e enrugada, sorrindo radiante para mim.

Um sorriso lindo que iluminava todo o seu ser.

Ela disse:

- “Ei, bonitão”.

- Meu nome é Rose.

- Eu tenho oitenta e sete anos de idade.

- “Posso te dar um abraço?”.

Eu ri, e respondi entusiasticamente:

- "É claro que pode!", e ela me deu um gigantesco apertão.

Não resisti e perguntei-lhe:

- "Por que você está na faculdade em tão tenra e inocente idade?", e ela respondeu brincalhona:

- "Estou aqui para encontrar um marido rico, casar, ter um casal de filhos, e então me aposentar e viajar”.

- "Está brincando", eu disse.

Eu estava curioso em saber o que a havia motivado a entrar neste desafio com a sua idade, e ela disse:

- "Eu sempre sonhei em ter um estudo universitário, e agora estou tendo um!”.

Após a aula, nós caminhamos para o prédio da união dos estudantes, e dividimos um milkshake de chocolate.

Nos tornamos amigos instantaneamente.

Todos os dias nos próximos três meses nós teríamos aula juntos e falaríamos sem parar.

Eu ficava sempre extasiado, ouvindo aquela "máquina do tempo" compartilhar sua experiência e sabedoria comigo.

No decurso de um ano, Rose tornou-se um ícone no campus universitário, e fazia amigos facilmente, aonde quer que fosse.

Ela adorava vestir-se bem, e revelava-se na atenção que lhe davam os outros estudantes.

Ela estava curtindo a vida!

No fim do semestre, nós convidamos Rose para falar no nosso banquete de futebol.

Jamais esquecerei o que ela nos ensinou.

Ela foi apresentada e se aproximou do podium.

Quando ela começou a ler a sua fala, já preparada, deixou cair três, das cinco folhas no chão.

Frustrada e um pouco embaraçada, ela pegou o microfone e disse simplesmente:

- “Desculpem-me, eu estou tão nervosa! Eu não conseguirei colocar meus papéis em ordem de novo, então me deixem apenas falar para vocês sobre aquilo que eu sei”.

Enquanto nós ríamos, ela limpou sua garganta e começou:

- "Nós não paramos de jogar porque ficamos velhos; nós nos tornamos velhos porque paramos de jogar. Existem somente quatro segredos para continuarmos jovens, felizes e conseguir o sucesso.

Primeiro você precisa rir e encontrar humor em cada dia.

Segundo, você precisa ter um sonho. Quando você perde seus sonhos, você morre.

Nós temos tantas pessoas caminhando por aí que estão mortas e nem desconfiam!

Terceiro, há uma enorme diferença entre envelhecer e crescer.

Se você tem dezenove anos de idade e ficar deitado na cama por um ano inteiro, sem fazer nada de produtivo, você ficará com vinte anos.

Se eu tenho oitenta e sete anos e ficar na cama por um ano e não fizer coisa alguma, eu ficarei com oitenta e oito anos.

Qualquer um, mais cedo ou mais tarde ficará mais velho.

Isso não exige talento nem habilidade, é uma conseqüência natural da vida.

A idéia é crescer através das oportunidades.

E por último, não tenha remorsos.

Os velhos geralmente não se arrependem por aquilo que fizeram, mas sim por aquelas coisas que deixaram de fazer.

As únicas pessoas que tem medo da morte são aquelas que tem remorsos".

Ela concluiu seu discurso cantando corajosamente "A Rosa".

Ela desafiou a cada um de nós a estudar poesia e vivê-la em nossa vida diária.

No fim do ano Rose terminou o último ano da faculdade que começara há tantos anos atrás.

Uma semana depois da formatura, Rose morreu tranqüilamente em seu sono.

Mais de dois mil alunos da faculdade foram ao seu funeral, em tributo à maravilhosa mulher que ensinou, através de seu exemplo, que nunca é tarde demais para ser tudo aquilo que você pode provavelmente ser, se realmente desejar.

Quando você terminar de ler isto, envie esta palavra de conselho para seus amigos e familiares.

Eles realmente apreciarão!

Estas palavras têm sido divulgadas por amor, em memória de "Rose".

Uma grande mulher.

Na verdade, um grande ser humano.

"LEMBRE-SE: ENVELHECER É INEVITÁVEL, MAS CRESCER É OPCIONAL!"

Entrevistas dos sujeitos-leitores

Entrevista com D. Alaíde 08/07/2004 (Realizada do Centro de Convivência do Idoso)

Ana Lúcia: - História de Leitura na 3 ª idade: memórias individuais e coletivas. Entrevista com Alaíde Santos de Souza, 71 anos, na Casa de Convivência do Idoso, para que a gente possa saber dela um pouco da sua vida, de leitura e com ela aprendeu bastante na vida.

Dona Alaíde: - É pra mim responder?

A.: - Quando começar. É... a gente, no nosso trabalho, a gente... é, tá conversando com um pouco, exatamente, sobre a vida de cada um, suas histórias, suas memórias, são suas lembranças e... do que viveu, do que estudou, do que leu, pra gente conta isso, não É? Na nossa... no nosso trabalho final. Então a gente gostaria de saber de você, se você é... quando... dos... do período de sua infância, você viveu na cidade ou viveu na roça, no inicio, assim?

D.A.: - Vivi na roça.

A.: - Foi?

D.A.: - Foi.

A.: - Nasceu na roça?

D.A.: - Nasci na roça, em Pindobaçu, depois foi criada, aqui em, cima no Angico. É pra Curralinho pra esses lado aí.

A.: - Sei.

D.A.: - Acabei de me criar no Curralinho, e daí me casei com um rapaz daqui.

A.: - Foi?

D.A.: - E daqui, eu vim morar aqui.

A.: - Depois é que veio pra Jacobina, né?

D.A.: - É. pêra aí, que vim pra Jacobina.

A.: - Anram.

D.A.: - Da roça eu vim pra Jacobina. O que é que foi mais? (risos)

A.: - Mas, me diga uma coisa, em... quer dizer que viveu na roça até uma... a idade de mocinha?

D.A.: - É. Até a idade de 16, 17 anos mais ou menos.

A.: - E quantos irmãos tinha? Era você e mais quantos?

D.A.: - Irmão eu tenho bastante, se eu for (risos) te contar.

A.: - É de uma família grande?

D.A.: - Huu. A família era... é grande, né? Eu num... num vou falar... citar os nome porque (risos) eu não to lembrando, agora de quantos que já morreram, uns.

A.: - Hum.

D.A.: - Eu não vou citar os nomes tudo, mas uns oito ou nove já era.

A.: - Irmãos, né?

D.A.: - É.

A.: - E de mulheres a... tinha quantos?

D.A.: - Tinha três, viva. Que era eu e Detinha, e Valdeli. É três.

A.: - Três mulheres. E qual foi, assim, você foi... quais foram... a idade que você foi pra escola lá na roça?

D.A.: - Eu, 11, 16, 17 anos. Era mais ou menos 16, 17. Eu vim aqui pra cidade pra ca... pra casa de minha patroa. A patroa nossa, lá da fazenda, que era dona da fazenda. Vim passar uns dia com ela, porque a empregada dela estava doente. Ai eu vim pra ajudar ela, daí tinha aquela escola aqui na cidade, mas não tinha luz direito. Uma hora era de candi... daquele candeeiro, como é que chama de...

A.: - (não entendi)

D.A.: - Grande.

A.: - Ah, sim.

D.A.: - Outra hora, não tinha, e... malmente eu assinava o nome.

A.: - Sim.

D.A.: - Ai aprendi com me... é... só... só votava com 18 ano, né? Com 18 ano eu graças a Deus já assinava o meu nome, já vinha votar e tudo. É isso.

A.: - A senhora começou a... a aprender lá, com ela.

D.A.: - E a deprende, né? E... é. Aprendi fa... com a minha patroa.

A.: - E aí com a sua patroa...

D.A.: - É, eu vinha aqui. Vinha e eu, aqui em Jacobina.

A.: - Veio aqui pra Jacobina e ai foi te ensinar as primeiras letras, o alfabeto.

D.A.: - Aí tinha escola, tinha aula de noite.

A.: - Ah, você ia pra aula...

D.A.: - E é noturna.

A.: - Ah, você ia pra aula noturna. Certo.

D.A.: - É, aqui eu não tinha todo dia aula, que foram 6 meses, só, de aula.

A.: - Ah, era?

D.A.: - Que tinha naquele tempo.

A.: - Era mesmo?

D.A.: - Era. Então um dia tinha e outro dia não tinha aula, porque não tinha luz.

A.: - Ah, entendi, porque na época não havia eletricidade.

D.A.: - Num. É... era...

A.: - Vocês ia pra escola era com lampião?

D.A.: - É, isto.

A.: - Não é?

D.A.: - Tinha mas é pouca é... tinha luz, mas era, assim, logo cedo. Sabe como é que é?

A.: - Ah, era na época que existia luz a motor e depois desligavam nesse horário.

D.A.: - Isto.

A.: - Não é isso?

D.A.: - Isto. Isto.

A.: - Ah, então ficou com dificuldade pra estudar a noite?

D.A.: - Tive.

A.: - Não é?

D.A.: - Tive.

A.: - Mas depois que aprendeu a ler, que você falou, começou a votar num... num estudou mais. Parou?

D.A.: - Ah, eu sempre quando é... Época de... ai eu casei.

A.: - Ah!

D.A.: - Casei vim morar aqui. Não... daí eu não fui mais estudar. E de... Levou 6 ano de casado, o marido morreu. Fiquei viúva.

A.: - Ah! Ficou viúva.

D.A.: - Então, nem terminou a aula, eu só assinei né tempo de eleição pra pode saber... treinar.

A.: - Se. Só vota? Era?

D.A.: - É. Treinar as mão.

A.: - Era, mesmo? Precisava treinar pra votar, interessante.

D.A.: - É. Era pra pode vota.

A.: - Quer dizer o objetivo, era um objetivo, já mesmo eleitoreiro, de você ir lá e saber votar porá um candidato.

D.A.: - Isto.

A.: - Não era um trabalho de leitura de escrita de... de educação continuada, não?

D.A.: - Não, não.

A.: - Isso aqui na cidade de Jacobina?

D.A.: - Aqui. Jacobina. E a depois...

A.: - Mais ou menos nos anos quantos lembra?

D.A.: - Hã?

A.: - Mais ou menos no anos quanto, na década de quanto isso?

D.A.: - Cinqüenta... Eu casei em 52, foi?

A.: - Então, assim...

D.A.: - Foi 50 mais ou menos. Mais ou menos, eu suponho, assim.

A.: - Sei. Sim (não entendi)

D.A.: - Que eu tenho setenta e... e... dois ano.

A.: - Tá com 72 já, né?

D.A.: - É.

Ingrid: - Vai precisar mudar.

D.A.: - Então, eu tinha... numa época de se... cinqüenta mais ou menos, ou 49. Por ai, assim, né?

A.: - É, por ai, hanram, exatamente nesse período.

D.A.: - É.

A.: - Então ai como (não entendi) como... com sua entrada no mundo de... na... no casamento, não é? Você foi tendo muitas responsabilidades, foi tendo filho, enfim, parou de estudar, então.

D.A.: - É, só entrava na escola, só quando era mesmo tempo pra... de eleição.

A.: - Então, isso quer dizer que existe um, então, momento que a escola chamava todo mundo, na época de eleição de novo?

D.A.: - Chamava.

A.: - E lá, além de treina, pra votar e tudo. Liam, faziam leituras de livros, de poesia, de que tinha e de algum romance ou não.

D.A.: - É que naquele tempo de cartilha.

A.: - Ah!

D.A.: - Que tinha tempo de cartilha. Premero tinha que saber o ABC, primeiro. (risos)

A.: - Sim.

D.A.: - Pra depois do ABC então vem a cartilha, eu nunca fui estu... na matemática... na... é na matemática que eu... só meia ruim, que era melhor. Mas assim, nego, de... de português, eu nunca fui, eu nunca acompanhei as outras. Eu tinha tanta vontade de aprender a ler.

A.: - Sim.

D.A.: - Agora já acabou. Já terminei.

A.: - Sua vontade acabou? Não acredito!

D.A.: - Hã?

A.: - Acabou sua vontade Alaíde, mas enquanto há vida, tem que ter vontade.

D.A.: - Mas eu acabei a vonta... aquela... a..., essa, ansiedade que eu tinha de aprender a leitura.

A.: - Sim.

D.A.: - Parece que acabou-se.

A.: - Foi. Por que?

D.A.: - Não sei.

A.: - Será qual motivo, Alaíde?

D.A.: - Não sei. Depois foi quando vieram, botaram aí na... aí eu casa... aí eu fui embora.

A.: - Certo.

D.A.: - E... e 59 eu fui o para... pra São Paulo.

A.: - Ah! Por isso tem esse sutaquezinho também?

D.A.: - É. aí eu fui pra.. o primeiro... terminou o outro casamento, que morreu fiquei viúva e tal. Fiquei viúva.

A.: - Ah, sim. Certo.

D.A.: - Da escola...

A.: - Achou um outro amor?

D.A.: - Não e outro... Fui pra lá pa... pa... pra São Paulo. São Paulo fui pro Paraná.

A.: - Foi? Viajada, né?

D.A.: - No Paraná foi que eu me casei outra vez.

A.: - E achou um novo amor.

D.A.: - É.

A.: - Casou novamente.

D.A.: - É. Casei.

A.: - Teve filho desse segundo casamento, não?

D.A.: - Não.

A.: - Não, né?

D.A.: - Não, só do primeiro.

A.: - Quantos filhos você tem?

D.A.: - Tenho duas meninas. Pena que eu sou mãe de 4 filhos, mas dois faleceu e essas duas são vivas. (...)

A.: - Você tem netos?

D.A.: - Tenho bisneto já.

A.: - Olha que maravilha!

D.A.: - Já tem uns 10 anos.

A.: - Já tem neto e bisneto, temos duas gerações aí pra contar histórias, hem?

D.A.: - É. e a depois eu cheguei aqui, minha cabeça tá... Eu tô meia... meia surda não sabe? Um barulho na cabeça que eu não guento. O barulho, na cabeça. Aí eu, digo, eu ficar sem fazer nada, aí eu... minha pensão, então eu não posso trabalhar por isso, por aquilo outro. Então, veio a pensão, quer dizer que eu vivo da minha pensão.

A.: - E me diga uma coisa, mas o seu segundo marido, também, morreu?

D.A.: - Mo... morreu, eu tô... (risos)

A.: - Foi? E hoje ficou viúva duas vezes Alaíde? E você ri, Alaíde? Alaíde, foi mesmo?

D.A.: - Foi!

A.: - Viúva por duas vezes?

D.A.: - É, por duas vezes.

A.: - Dois companheiros?

D.A.: - É dois companheiro bom? Fiquei sempre só (risos). Sem nenhum (risos).

A.: - Novamente ficou só, não é?

D.A.: - Então?

A.: - Mas valeu a pena, não é Alaíde?

D.A.: - Valeu. Graças a Deus, tenho bom... Se o primeiro era bom, o... o derradeiro era melhor ainda, porque tinha mais estudo, tinha mais...

A.: - Certo.

D.A.: - Uma banca de... de gente mais civilizado. (risos)

Ingrid: Parece que era mais bonito. (risos)

A.: - Era, Alaíde? Você achava mais bonito.

D.A.: - Não, de bom, quer dizer que é, quase igual.

A.: - Era, Ala... a

D.A.: - Mas muito caprichoso, assim...

A.: - Sim.

D.A.: - Limpos, era muito limpos, mesmo, era.

A.: - Em... então, foi ótimo, porque você teve outra convivência, né? E viveu quantos anos (não entendi)

D.A.: - Com esse derradeiro, eu nem me lembro, mais.

A.: - Foi?

D.A.: - ... Sessenta... aí, eu esqueci. Tô... tô... oí, esqueço tudo na minha cabeça, sempre. Na mesma da hora que eu tô sabendo, na mesma da hora já não sei mais.

A.: - Lembra. Tá lembrando e esquecendo, né?

D.A.: - É, esquecendo. É por isso que eu entrei aqui.

A.: - Sim, me conte.

D.A.: - Foi por causa disso, mesmo.

A.: - Centro de Convivência.

D.A.: - Eu, digo, eu vou ficar louca, ou então vou perder o juízo de tudo, porque eu não sei mais o que tô fazendo. Aí foi por isso que eu entrei aqui.

A.: - Aí veio pro Centro de Convivência.

D.A.: - É.

A.: - Ficar com outras pessoas, você começar a conversar, fazer uma série de outras atividades, o que é que mais gosta de fazer?

D.A.: - É, que disse que tinha aulas de Yoga. A única coisa que eu sei mais fazer, que eu tinha vontade é aprender a leitura. Eu digo, pelo menos eu num... num... paro assim, pelo menos pa... né?

A.: - (...) tentar, é. não pode deixar os sonhos sem realizar.

D.A.: - Então.

A.: - E aí, aí vem, estuda aí de tarde, faz as suas atividades, lê, produz textos pra professora, né?

D.A.: - É.

A.: - O que, que você mais gosta de fazer, nas aulas?

D.A.: - Na... aqui?

A.: - Sim, nas aulas da professora sua.

D.A.: - Ah, eu gosto de tudo. Tudo que ela passa é... Uma professora muito boazinha, desde o tempo da outra, que eu esqueci o nome da outra. (risos) Quando eu entrei aqui era outra professora. Todas duas foram muito boa, muito paciente com a gente e tudo. É, eu gosto bastante daqui. No dia que tá fechado aqui pra... pra mim é... tá faltando uma coisa.

A.: - É. já acostumou, também, com as pessoas, né?

D.A.: - É, já acostumei aqui, vem as meninas e tal. Lá em casa, não gosto de estar nas casas dos outros e eu dentro de casa, só dentro de casa sem fazer nada, você sabe que é chato, né?

A.: - Ninguém gosta.

D.A.: - E eu então...

I.: - A senhora mora sozinha?

D.A.: - Não, eu moro com a neta e esse bisneto. É, mora comigo, mas mesmo assim, eu fico sozinha dentro de casa que ele sai ou qualquer coisa, (não entendi), criança faz um sofrimento da gente, né?

A.: - Atrapalha as suas atividades. É, nos deixa ficar um pouco nervosas, não é?

D.A.: - É.

A.: - E aí, eu soube, por isso que a gente só tá conseguindo fazer a entrevista com você hoje, não é?

D.A.: - Hã.

A.: - A gente soube que você viajou pra São Paulo, exatamente, porque teve um problema no coração, né? Foi, parece, fazer tratamento.

D.A.: - Então, fez dois anos agora no mês de julho...

A.: - Engraçado que eu já tava escrevendo o capítulo, eu tinha botado, faltou uma entrevista... uma entrevistada, porque está doente, não podemos conversar com ela e agora vou ter que mudar de novo, porque a gente veio hoje e olha aí.

D.A.: - E então, se eu me detenho mais, não tinha mais coisa.

A.: - Você aqui de volta, saudável e bonita, né? Então que ótimo.

D.A.: - Então.

A.: - Voltou e deu certo o tratamento, fez, não tá mais doente.

D.A.: - É, tô fazendo tratamento, que... tô... agora mesmo no mês de... outubro... no... outubro, agora eu tenho que ir pra São Paulo.

A.: - Fazer exame?

D.A.: - E no dia 3 de... de novembro vo... é... a... já tá marcada.

A.: - Sim.

D.A.: - A consulta, pra mim fazer o re... o...

A.: - A revisão?

D.A.: - A revisão, outra vez, que ne 6 em 6, no ano eu vou duas vez, no ano.

A.: - Sei.

D.A.: - Já tá me enjoando viagar, assim, que eu não tinha problema de viajar, não sentia enjôo, não sentia nada. Agora, que tá começando.

A.: - Sei.

D.A.: - Já tenho enjôo.

A.: - Que a viajem não é longa, também, né?

D.A.: - É longa, três dias.

A.: - É. Você vai de ônibus, não é, isso?

D.A.: - Por que? Elas querem que eu vá de avião, não é? de avião, eu vou daqui pra Salvador. Eu não tenho conhecimento de nada, lá em Salvador. É... O dinheirinho, você sabe a gente pobre como é que é. É... é pouco, né? Eu vivo da pensão.

A.: - Certo.

D.A.: - Pra (...) leva dia pra chega lá, pra chega em Salvador pagar o ônibus, uma... a passagem daqui pra lá tá 30, 40 reais, né?

A.: - Tá, isso.

D.A.: - É mais ou menos isso. Chega lá, ainda poder pegar o avião, pra...

A.: - Depois pegar o avião pra São Paulo.

D.A.: - Pra inda, pra...

A.: - Assim, pra você seria confortável, não ficar... né?

D.A.: - É, mas...

A.: - Mas aí já pesa o lado financeiro.

D.A.: - É. (não entendi) Já pesa financeiro.

A.: - Nunca andou, então, de avião?

D.A.: - Já.

A.: - Já, né? Gostou?

D.A.: - Adorei. (risos)

A.: - Não sentiu medo, gostou muito, não é?

D.A.: - Não. Como?

A.: - Não sentiu medo, achou ótimo (não entendi)

D.A.: - Não, não. Achei bom, ótimo... é ótimo

A.: - Rápido (não entendi)

D.A.: - Foi do... esse derradeiro marido, que... ele trabalhava no Mato Grosso, daí ele, meio, que trabalhou lá... trabalhava lá. Eu fiquei lá quase... um ano, pode bem dizer, que eu fui ne janeiro, quando foi em dezembro que pra cá. Pa... pra... pro Paraná, né?

A.: - Sei.

D.A.: - Que nóis morava no Paraná

A.: - Morava no Paraná. Você teve... ficou no Mato Grosso?

D.A.: - É.

A.: - Um tempo?

D.A.: - É.

A.: - E aí (barulho de moto) você foi de avião? Né?

D.A.: - Isto. Me lembro que eu fui de avião e voltei.

A.: - Como era o nome dele Alaíde?

D.A.: - Orias.

A.: - Orias? Diferente, né? (risos) Orias, seu Orides.

D.A.: - Orias e o premero chamava Dário.

A.: - Dário o primeiro, né?

D.A.: - É. Dário o primeiro.

A.: - Da época, que vo... de sua infância, que morou na roça, quais eram as brincadeiras, Alíde, que vocês mais gostavam de brincar, naquela época?

D.A.: - Eu era muito presa, porque eu sou a primeira.

A.: - Ah!

D.A.: - Meus pais não deixava eu...

A.: - Sair.

D.A.: - An... sair, muito, né? Mas assim mesmo com os outros, assim, mesmo, em redor da casa, assim, né... é... O que mais eu gostava era roda, que naquele tempo brincava muita roda, né? É, assim, de roda.

A.: - Ainda lembra de alguma cantiga daquela época?

D.A.: - Não, eu... (risos) Tem vez que eu de todas, tem ou... me esqueço.

A.: - Sei. Tem momentos que lembra de todas elas e tem momentos que esquece todas elas, né?

D.A.: - É. É porque...

A.: - Se ouvir uma pessoa cantando relembra?

D.A.: - É, aí eu relembro. É, isso, verdade.

A.: - E, assim, você, percebe se hoje, seus netos, canta alguma cantiga de sua época ou se as brincadeiras, hoje, são diferentes?

D.A.: - Ah, é bem diferente! Nem as filha num canta mais. Num canta de jeito nenhum. Nem as filha que são mais velha, que é de cinqüenta e... Uma de 54 a outra de 56 parece, num tô bem a paz. Mas nem elas num... num canta mais. (não entendi) essas... tá usando agora. Só isso aí.

A.: - Mas você ne... ne... quando depois ficou mocinha, costumava, assim, ir em baile, festas, um forrozinho ou nunca foi chegada a dançar?

D.A.: - Eu não sabia. (não entendi) você falando, que meus pais não deixava eu sair?

A.: - Sim.

D.A.: - Nem... A mamãe era uma que não gostava de sair. E eu era... Tendo filho, todo ano tinha filho pequeno e então quer dizer que... ela também já não saía e... pra deixar. Eu só ia numa missa.

A.: - Era?

D.A.: - Mas a minha avó.

A.: - Sim.

D.A.: - Nos mato. (não entendi) segura. Nóis ía arranca folha no coqueiro.

A.: - Certo.

D.A.: - Que hoje em dia tem estrada e aquele tempo nóis ía de a pé. Era criança, no tempo de oito ano, assim, nóis ia de a pé, eu ía mais a minha avó.

A.: - E gostava de ir a missa?

D.A.: - Ai, eu gostava, toda vida, até hoje. (risos) Isso.

A.: - Até hoje (não entendi) né?

D.A.: - E sou gamada por essa religião.

A.: - Você é católica?

D.A.: - Sou, graças a Deus.

A.: - Mas é uma católica que freqüenta, que acompanha a missa, né?

D.A.: - Eu freqüento, sim. Mesmo assim, eu tenho aquele prazer de pegar o ônibus, que eu não gosto de ônibus.

A.: - Sei.

D.A.: - De hora marcada. De vontade eu gosto de sair logo, mas

A.: - Sim

D.A.: - Mas por causa disso, quando dá pra ir, eu não deixo de ir na igreja. Segunda-feira, mesmo, eu já fui, porque eu moro perto da igreja... da Igreja da Conceição.

A.: - Certo. Você mora aqui na Missão, é?

D.A.: - É, na rua... agora esqueci.

A.: - São João.

D.A.: - São João, isto. Eu moro ali pertinho, né? Então eu vou. No domingo mesmo, eu fui lá embaixo. Aí eu não vou na sexta-feira, que tem telça, tem hoje... teve missa. Eu não fui porque eu não agüento, não dá. Dá, dá, o pior é não guenta, é porque...

A.: - Sei, você...

D.A.: - Se eu quiser ficar mais uns dia viva.

A.: - Você... é... cansa mais, se sente mais desgastada, não é? Então você se poupa.

D.A.: - É... não é que é mais desgastada, é porque da... da doença, minha que eu não posso caminhar.

A.: - Então, é isso que eu digo, pra pode se poupar mais, não é isso?

D.A.: - É, é. Isto.

A.: - E a... Me diga uma coisa Alaíde, quando você vai pra missa quando o padre explica que ele... que ele explica. O que, que mais você gosta? O que, que mais você tira como lição de vida e aprendizado? Você aprende o que, nas missas?

D.A.: - Nas missas?

A.: - Sim.

D.A.: - Nas missas, eu a... eu adoro de ver eles rezando, sabe? A missa que tem... cantarem, é... as festinhas que tem também, a... eu sou do coração de Jesus, é... reunião do coração de Jesus, a gente vai e assim vou fazendo o que posso. (risos)

A.: - E cada vez que você vai, assim, que lição você traz pra sua vida? O que você aprende toda vez que vai?

D.A.: - O... oí, muitas não. Muitas não dá pra mim aprender porque toda vida eu sou rudas, assim, sem... aprender, sem eu guarda as coisas, né? Mas alguma coisa a gente guarda.

A.: - É claro.

D.A.: - Guarda.

A.: - Sempre alguma coisa a gente aprende.

D.A.: - É, menos alguma coisa lá, aprende a mais.

A.: - Não é?

D.A.: - É.

A.: - Então, se ele discuti sobre a caridade, sobre o perdão, se dali reflete, sempre traz uma lição.

D.A.: - É, isso aí a gente já... já sabe, já tudo, eles mesmo é... Tem coisa da gente ir, tudo. Tem reunião, tem tudo isso, eles fala. Quer dizer que já é uma grande coisa.

A.: - E me diga uma coisa, quais são, assim, os fatos de sua vida, que você assim... de... desde da infância, da mocidade, que você lembra assim com mais saudade e sente falta, tem alguma época sua que lhe marcou muito, que você assim, que gostaria de... de ter novamente ou gosta de relembrar?

D.A.: - Olha, eu acho, que, o que passou, já passou. Eu só tenho de hoje pra... de hoje pra amanhã. É a lembrança que eu tenho, mas esse negócio de lembra... de... de eu lembrar que se passou de... NUTH. Ah, não presta, não.

A.: - Não guarda, não.

D.A.: - Não.

A.: - Não. (não entendi)

D.A.: - Não. Eu vivi muito bem com meu marido, graças a deus, nois tinha um restaurante, ele era um bom... Tudo isso enfeitava.

A.: - Passear.

D.A.: - Mas, nada assim, pra dizer assim, se eu tivesse outro ai... Mas! Eu não ligo, não.

A.: - Você prefere que as coisas aconteçam, pra você viver?

D.A.: - É.

A.: - Aquela experiência, né?

D.A.: - Isso.

A.: - E assim, tirar o maior proveito dela, restante do que a senhora pensava.

D.A.: - Isso.

A.: - Mas, se amanhã um novo dia, tem muita coisa pra aprender, você vai lá e faz tudo.

D.A.: - É.

A.: - Não é isso?

D.A.: - É verdade. (risos)

A.: - Então o... a... o melhor da vida é viver a vida.

D.A.: - Isso.

A.: - né? Com maior gás, com tudo de bom. E você, assim, é já teve pessoas, assim, de sua convivência. Os seus dois maridos, eles gostavam assim, de ler, eles liam? Gostavam de assistir televisão? Como era?

D.A.: - Todos dois.

A.: - Hã?

D.A.: - Ai, todos dois tinha leitura, quer dizer que eles liam livro.

A.: - Sim.

D.A.: - Esse mesmo, o derradeiro, sabia ler mais. Quer dizer que ele ia pro ma... ele queria aprende trabalha, assim, no mato. Ele foi, a ultima vez Ele morreu lá no Mato Grosso.

I.: - E então, quer dizer que...

D.A.: - Ele levava os jornal, levava... coisa... ali um... um caderno.

A.: - Sei

D.A.: - Qualquer coisa, assim, de ler, essas coisa, ele disse que a hora que ele tivesse em casa, a hora que ele chegasse do serviço, ele lia pra mim.

A.: - E... ele... ele... vocês do... ele lia pra você comentava, o que lia? Como é?

D.A.: - Comentava, sim. Ele ia no cinema, que eu não ia... se eu não ia e ele fosse, quando ele chegava me contava e eu gostava mais que ele fosse...

A.: - Pra ouvir a história.

D.A.: - Pra ouvir a história, do que eu vê.

A.: - Era?

D.A.: - Era.

A.: - Ah, você gostava, então, de mais ouvir a história, do que...

D.A.: - Era, era, era.

A.: - Ouvindo dele. Aí conversavam sobre aquela história que ele contou do cinema?

D.A.: - Isso.

A.: - Aí quando ele lia o jornal ou qualquer outra revista que ele comentava, com você também, o que lia e vocês trocavam idéias sobre o que liam.

D.A.: - Era, trocava sim.

A.: - Os assuntos.

D.A.: - Era muito bom, esse derradeiro marido, ele... ele lia alto, assim, pra mim escutar.

A.: - Hum... Você era leitora de ouvido. Ouvia, né?

D.A.: - É, isto. Isto.

A.: - Você, assim, pe... pega um livro, um jornal pra lê ou você não, não lê assim?

D.A.: - Eu... alguma coisa eu leio, mas, agora, o nome é muito grande eu num...

A.: - Não lê. Então sempre leu, mais, a partir do que os outros lêem pra você ouvir?

D.A.: - É.

A.: - Não é?

D.A.: - É.

A.: - E que histórias, assim, que você ouviu de leituras, que as pessoas já contaram e que você, também, de qualquer sorte, o... é conviveu ou com pai ou com mãe, com as pessoas que convivia com você, né? Participaram. Tem alguma história, assim, que você ouviu, que você sabe conta e que você aprendeu, alguma coisa que lhe deixou... Assim, foi uma marca na sua vida? Ou não teve uma história, assim, marcante? Nenhuma história?

D.A.: - Se tenho eu não lembro. Que me marcasse, assim, não. Só... da... é coisa de antigo, né? Da minha avó... Ela gostava muito de canta história, de fala história de... de... quando ela... eu... isso aí eu tenho saudade.

A.: - Sei.

D.A.: - Eu tenho falta.

A.: - Sente falta.

D.A.: - É, porque ela que...

A.: - Que era contadora de história.

D.A.: - Cantava, cantava, precisava de vê, pra gente, dia de... de assim, de lua cheia, ma roça, que a luz só durava (risos) quando tem lua mesmo.

A.: - A lua cheia.

D.A.: - É, ela vinha, os vizinhos vinha tudo lá pra casa, escutava ela canta história... conta história.

A.: - Que beleza! Ai fazia aquela roda...

D.A.: - É.

A.: - Todo mundo ouvia a contação de histórias dela?

D.A.: - É, era. Só isso.

A.: - Mas que cada história linda que sai aqui, né?

D.A.: - É, é cada história bonita.

A.: - Todo mundo comenta depois, conversa sobre as histórias.

D.A.: - É, mas eu (risos) não aprendi.

A.: - Não lembra de nenhuma?

D.A.: - Não, não lembro.

A.: - De que falava.

D.A.: - Mesmo assim, esse negoço de rezado. Reza mão, essas coisa. Eu não aprendi, muita reza, nem... Só o Pai Nosso e acabo, e eu não sei o que reza um... se eu visse, eu já (não entendi) Ave Maria, Salve Rainha... A Salve Rainha, eu tenho, inclu... tenho o livrinho, então , que tem, que eu... já...

A.: - (não entendi)

D.A.: - Já leio e já sei.

A.: - Já sabe, né?

D.A.: - É. O Crêm Deus padi (risos) pela cabeça?

A.: - Sabe não.

D.A.: - Tudo é o livro, que eu já... que eu leio, então...

A.: - Já sabe ler.

D.A.: - Eu já entendo, já sa... eu já sei, é.

A.: - Já consegue ler sozinha, lendo, pelo livrinho, não é?

D.A.: - É, isto.

A.: - Mas você falou ai da prece, dessas rezas, ai tentou aprender de cabeça, mas eu lhe pergunto, o mais importante da reza, é aquela reza que sai do coração ou e é a reza decora e aprende? Pra você qual é... qual é a mais importante?

D.A.: - Eu acho que a mais importante é a do coração. (risos)

A.: - Então não pode ser, que eu não sei de cor uma, o importante é que eu possa conversar com Deus na minha oração, dizendo do meu coração.

D.A.: - É.

A.: - Que já é uma prece, né?

D.A.: - É.

A.: - Essa é a verdadeira prece.

D.A.: - É. As vezes eu num... eu não acompanho muito o que foi, eu fico rezando aqui por dentro.

A.: - Tá vendo. Então internamente a senhora tá orando.

D.A.: - É, é.

A.: - Dizendo a ele, conversando, dizendo com as suas palavras, com sua fraqueza, não é?

D.A.: - É, isso.

A.: - Que essa é, Jesus sempre (não entendi), né? Que não é pra dizer (não entendi).

D.A.: - E, então.

A.: - Pra dizer da... daquilo que se sente.

D.A.: - A pois é, isto aí

A.: - Não é?

D.A.: - Eu gosto muito... Ou, se eu não sei de outro, assim eu... se eu vê a coisa assim, eu vô...

A.: - Mas sente, tem sede de sentimento, tem... né?

D.A.: - É.

A.: - Uma vontade que vem, que você faz e que ela (não entendi). Me diga uma coisa, depois que...

D.A.: - E que hora que é que essa? Se não eu perco meu ônibus.

A.: - É? É agora o seu ônibus?

D.A.: - É 5 hora já?

A.: - É. É o ônibus de 6 horas?

D.A.: - É, 5 e 47 aqui perto.

A.: - Ah, então a gente vai rapidinho. Você gosta de assistir televisão?

D.A.: - A televisão?

A.: - Sim. Você costuma assisti?

D.A.: - Ah! Eu não tenho pra onde sair as vezes, assim, eu assisto, assim, as novelas, quando as novelas... Agora, mesmo ta passando uma novelinhazinha boazinha, até. Engraçada (risos).Então só isso eu gosto. Eu gosto de ouvir rádio, eu gosto de vê notícia.

A.: - Sim.

D.A.: - Mesmo porque, eu não tenho jornal pra ler, eu não sei ler.

A.: - Pra se informa, ouve a notícia do rádio.

D.A.: - É, a notícia do rádio, gosto.

Simone (longe): - Vai perder o ônibus!

D.A.: - Toda de manhã eu... A hora que eu levanto, até meio dia, até uma hora. Antes de eu vim pr'aqui eu corro pro rádio.

A.: - Já se mantem informada, né?

D.A.: - É.

A.: - Certo. E que, que ce... é... dessas... dessas... coisas, quando a senhora assiste televisão os programas, chega a assistir mais novelas, não assiste, jornal, não?

D.A.: - Assiste o que?

A.: - Jornal, assiste, assim pela televisão?

D.A.: - Ah, eu gosto muito de jornal pra saber notícias.

A.: - Assim, a senhora fica, por dentro do que acontece, né?

D.A.: - É. Tem gente que, ai que não! Porque eu tô sabendo. Por isso, nois não tamo sabendo de nada, se eu não sei lê um jornal, eu não tenho todo dia um jornal pra mim lê, ou a pessoa lê um jornal pra mim, vê. Eu, o que eu tenho é da... do... da televisão, que eles fala que até dos Estados Unidos, que num existia gente que sabia de nada, né?

A.: - Pois é, e hoje a gente fica sabendo de tudo isso, né?

D.A.: - E hoje a gente sabe de tudo, porque que passa lá, de manhã ou de noite a gente vai assisti o jornal, ai já sabe.

A.: - Impressionante, né, como esse mundo global, e tudo, né, ao mesmo tempo interligado. Muito bem. E você, assim se... sente hoje, falta de não ter lido muito? Sente falta da leitura na sua vida?

D.A.: - Eu tenho falta, da leitura eu tenho falta, sim. Tenho.

A.: - Você acha que a sua vida poderia ser diferente se você tivesse tido mais estudo, mais leitura?

D.A.: - Ah, se eu tivesse mais estudo era melhor, néra? Por eu já tinha uma coisa assim pra lê, já lia melhor, néra? Se fosse possível até pra ensinar, ai... graças a Deus, eu ia voltar pra ensinar quem não soubesse, né?

A.: - É. Então a partir do seu conhecimento, você já ia passando pra...

D.A.: - É. Né?

A.: - Você acha que é importante.

D.A.: - Faz falta, sim. Faz sim. Às vezes assim, agente tá sozinho pega um livro, uma bíblia mesmo, uma coisa ou outra, vai lê, aqui o tempo se passa que a gente não vê. Né verdade?

A.: - É. O livro é sempre um grande companheiro, né?

D.A.: - É.

A.: - A gente nunca tá só se tem um bom livro (não entendi). Mas ai você lê de outra foram, né? Relê vendo televisão, jornal, ouvindo rádio, né?

D.A.: - É.

A.: - Encontra outras formas de também, ficar interagindo e informada, né isso?

D.A.: - É.

Simone: - Quem tá ai, é Alaíde, é?

A.: - É.

Simone: - O ônibus tá perto de passar e ela não pode andar de pé, não.

A.: - É, ela tá me dizendo, tô terminando.

D.A.: - Você vai pra lá? Pra cidade?

Ingrid: - Ela tá de carro.

A.: - Eu tô de carro, se quiser eu lhe deixo lá em cima.

D.A.: - É, você me deixa lá(risos). Lá na rua do morro. Você vai pro... pro... por onde é que cê vai?

A.: - Não, eu posso lhe... lhe... e por lá a senhora me dizendo onde é que entra, eu acerto.

D.A.: - É. É porque eu não posso andar, se não (não entendi).

A.: - Então se ir agora, é... é... que a... acho que já, né Ingrid? Já conseguiu saber mais, assim, que a gente gostaria, mesmo. È isso que a gente (não entendi). A pergunta era essa mesmo, sobre a necessidade de contato com os livros, a leitura. Se ela sente falta, né? A importância (não entendi). Pois é, a gente agradece sua participação no nosso projeto, sua entrevista, viu?

D.A.: - Muito obrigada. (risos)

A.: - Saber um pouco de sua história, pra mim...

D.A.: - É um pouco, ainda tem muito...

A.: - Tem muita coisa, é?

D.A.: - De quando a gente brincava no mato. (risos)

A.: - Quanta coisa boni...

D.A.: - Briga na roça, que na roça... Mãe que a... falava que não era pra gente sair no sol. A gente... eu... saia porque... é claro, criança é criança, né? Não vai saber...

A.: - Criança sempre desobedece.

D.A.: - Não é? (risos) Eu adorava sair de casa.

A.: - Essas... essas brincadeira, né?

D.A.: - Isso. É , só se for outra vez.

A.: - Agradeço, viu Alaíde? Se a gente se encontrar mais, a gente conversa mais, ai... né?

D.A.: - Se encontrar, a gente conversa mais. Ai vem mais cedo, já tá sabendo que eu tenho horáro. (risos)

A.: - Pois é, é. Que a gente teve que tirar a foto das outras pessoas. Foi lá e voltou, foi lá e voltou, ai mais um pouco nesse.

D.A.: - Isso.

A.: - Viu?

D.A.: - Tá bom.

A.: - E também não esperava lhe encontrar aqui, mas já foi ótimo, que já tá sabendo que tá de volta. Viu?

D.A.: - Tá, tudo de bom.

A.: - Saúde, sucesso, viu?

D.A.: - Certo.

A.: - Jesus abençoe a senhora.

D.A.: - Que dizer que eu, esse ano eu não vou voltar, lá em São Paulo pra vê isso.

D.A.: - Então? Mas não tô bem, graças a Deus!

A.: - Que bom!

D.A.: - O marca-passo tá bom. Lá, em Salvador, eles não querem... Já liguei pra marca minha consulta aqui, pra vê se eles me atendem aqui.

A.: - Aqui ou lá?

D.A.: - Em Salvador num... não querem. Que diz que não tem, não sei o que é... do INCOL, eu.

A.: - Ah!

D.A.: - Faço tratamento no INCOL.

A.: - No INCOL, sei.

D.A.: - E eles diz que não querem pegar essa responsabilidade (risos) Os daqui não querem pegar...

A.: - Daqui não querem responsabilidade. E outro, como é?

D.A.: - Novo, dos mais novo o marca-passo.

A.: - Ah! Porque o seu é um dos mais novo, entendi.

D.A.: - Sabe, né? Pois o meu que ele colocou, o velho por um mais novo, então...

A.: - Então eles não querem...

Entrevista com Antônia da Silva Santos (76 anos) em 09/10/2003(Realizada do Centro de Convivência do Idoso)

I.: - Pra saber assim... como foi mais assim... as... as histórias de vida da senhora, falar mais sobre história de vida e também sobre a história de leitura. O que a senhora sabe, se aprendeu a ler, se não aprendeu, porque não aprendeu, essas coisas.

A.: - É... a leitura eu num... não apren... tudo que bota no quadro eu faço, agora. O negócio meu é só... é... pra leitura.

I.: - Então a senhora tá aprendendo a ler agora?

A.: - Agora. Eu nunca fui nê escola não. Meu pai nunca me deu... meu pai dava era roça. Prantar, trabalho em roça e nunca deu divertimento a gente. Aí, eu... eu aprendi sinar o nome, porque já tem 3 mês que eu aprendi sinar o nome, mas daí pra cá... eu ainda tinha memória melhor, mas daí pra cá o meu sofrimento foi demais, minha memória hoje não dá pra nada. Eu tô aqui na verdade só pró... se daqui a pouco fô viva, eu tô aqui só pra passa tempo, pra me distrai, mas não que eu vô aprender mais nada.

I.: - Então, a senhora acha que não vai aprender?

A.: - Não, não aprende nada minha cabeça não dá não. Ela me diz o nome, aquele troço. Eu soletro o nome e na mesma dá hora me procure que eu não sei.

I.: - Então, a senhora ta sentindo dificuldade pra aprender?

A.: - Dificuldade grande demais, demais.

I.: - Que esquece. Então a única coisa que a senhora sabe é assinar seu nome?

A.: - Assina meu nome, alguma coisa com... tudo que ela bota no quadro, eu faço tudinho no caderno. Agora, na hora da leitura pa... pa... pra desilusão, foi que eu... que eu tenho muita dificuldade.

I.: - E como foi assim... porque que a senhora não estudou quando a senhora era jovem?

A.: - Porque meu pai não deixou. Nois morava na... na roça. E ele disse que não ia bota fia na escola, não tinha filha pra namo... pra escrever pra namorado (risos). Eu me casei com 19 ano, não sabia nada, se ele não botava a gente na escola. A escola da gente era o cabo da enxada.

I.: - E a senhora teve filhos?

A.: - Tive. Tive onze.

I.: - E a senhora... E eles estudaram?

A.: - Ah?

I.: - Eles estudaram?

A.: - Alguns meu... meus menino estudô. Tudo não tem nem... tudo sabe um pouco. Formei duas e os outro sabe um pouco. Uma dificuldade grande, que naquele tempo era uma dificuldade sem... sem a gente ter condições, mas Deus me ajudou que tudo sabe. Não tem nenhum burro. Pouco, mais sabe. E não tão tudo formado porque não quisero, porque assim como eu formei duas... era... ainda foi quando tinha auxiliar de escritório, né? Que agora não tá valendo mais de nada. Mas as outra não quis. Tem uma casou com 17 ano, só fez a 5ª do primário. O marido não deixou estuda, mas sabe, né? Mais um pouco. Pior de tudo é eu que não sei nada.

I.: - Já faz uma diferença.

A.: - É.

I.: - Então, a senhora não chegou a freqüentar nem uma escola quando era mais jovem...

A.: - Não. Só tive... nunca. Dos ano... que eu fui escrever primeira vez, pra pôde escrever meu nome. Pra pôde tira o título, minha identidade. Eu tirei minha identidade com aquele nome analfabeto, eu digo o meu deus! Eu vou aprender menos sinar meu nome pra...pré eu tirar esse nome analfabeto da minha carteira. Aí, tem 3 mês. Eu aprendi sinar o nome.

I.: - É... E assim sobre a história de vida da senhora, o que a senhora tem pra contar?

A.: - Da minha vida?Nada.

I.: - Sim.(risos). Que a querá... quiser contar.

A.: - Se eu for contar minha fia! Humm...Ainda essa semana mesmo eu tô aqui doente. Essa semana... é que eu tenho 4 filho home. Eu tô aqui doente. Eu tive onze. Morreram 4 homem. Morreram... morreu um com 16 anos e 6 mês. Morreu um com 9 mês. Morreu um com 5 ano e morreu um já pegando os 30.

I.: - De doença?

A.: - É, foi. E os outro sete tá ai, me dando um trabalho, me dando um trabalho. Ne cachaça. Outros com mulher. Sai dentro de casa, larga a mulher e vai pra rua atrás das vagabundas que não presta, como tem um agora. Esse mesmo, segunda-feira saiu segunda umas 9 horas. Deu a noite e nada, amanheceu o dia e nada. Deu a ho... trabalha na faculdade esse. Eu acho que você deve conhecer Francisco. Um moreninho miudinho.

I.: - Ah! Sei quem é.

A.: - Pois é aquele que quase me mata essa semana. Ne bebida. Eu digo oxênte. Esperava mais... Olhe, eu vim praqui ontem, ontem não, atontem terça-feira. Só vim pra vim chorar. Chorei a tarde todinha, entrou pela... noite e nada. Eu só esperava era... como da... eu já fui assaltada umas duas vezes. O que é que a gente espera hoje? Só espera qual... que eu criei, já tem 52 ano e ele não é mais nenê. Mas se engraçou com uma sujeita ai, que veio dos quinto dos inferno, eu digo é assim, porque o que presta não vem praqui não. É tão boa que nem no brega ninguém que mais ela. Onde ela ficava a mulher expulsou. Então, ela foi no sertão. Tem gente que diz: “Eu não acredito em bruxaria”. Eu não acredito, mas existe. Ela foi pro sertão, lá ela enlinhô ele dum jeito que ele já saiu até de dentro de casa. Diz que tomou ódio de casa, tomou ódio dos fio, tomou ódio da mulé. Tudo por... por causa, da infeliz. E a de lá dá deboche a mã... a mulher dele. E sustenta atrás, quando ela sumiu, agora já tornou chega. Ela telefonava,

porque ela trabalha de noite no Hospital Regional. Ela telefonava meia noite pra ela esculhambando. Aí contava tudo, mas eu não queria que soubesse. Quase ninguém conhece. Ele foi lá segunda-feira, digo, terça-feira de noite. Onze hora, ele apareceu onze hora da noite na terça. Chegou em casa, quando acaba, botou os papel lá e tornou a descer. Os filho vinha e disse que ele tava sentado mais ela lá no jardim da Serrinha. Mas eu mesmo não conheço a cara. E ai tudo é contrariedade. Tem um que bebe. Tem um que tava sumido 18 ano. Quando apareceu a... aquela vida sofrida, dentro de casa. Me esculhamba. Me man... se toma uma, fica maluco. Chega dentro de casa, eu não posso dizer nem, vai toma banho? Ou vai comer? Ou vai jantar? Ou vai tomar café? Ah! Tudo serve de briga. E se dana, me xinga . Ele cai ne mim e me xinga todinha.

I.: - Meu Deus!

A.: - Na terça-feira mesmo de noite. Pegaram uma briga os dois. Luciano mais ele. O que quê Luciano foi aqui na (não entendi) que tinha me xingado. Ele disse que era mentira dele. Quando ele se foi tava todo mundo chiando, só não foi aos tapas porque nois mais a mulher dele não deixou. Aquilo pra mim olhe, eu tô morta, tô acabada até hoje. Tô aqui mais... tô assim toda . Essa noite mesmo eu não dormi com dor de cabeça. Como é que uma pessoa tem uma cabeça dessa?

I.: - Então quando a senhora vem pra cá fica melhor porque a senhora foge de seus problemas?

A.: - Aqui... é. Aqui eu tô aqui, porque eu tô entendida aqui, né? Que sai as... as coisas da minha cabeça. Mas na hora que eu chego em casa que piso os pé no batente já vem a contrariedade. É com tudo. Um se preocupa com alguma coisa, outro já é outro problema. Outro ali, já é outro pobrema e ali tudo vem pra minha cabeça. Qual é a cabeça que agüenta?

I.: - Verdade.

A.: - Né? Minha fia meu sofrimento... meu sofrimento é um romance, se for fazer um livro é um romance. Porque se... muitas pessoas dizer tenho paz, me procure qual a idade que eu tô. De 76 ano, não sei o que é paz na minha vida, nunca tive nunca. Nunca tive. Eu tinha um marido, ele morreu faltava 6 dia pra 30 ano, foi...foi quase 30 de sofrimento com cachaça, mulher e jogo. Hoje é os filho. Eles devia dizer assim, minha mãe sofreu tanto com meu pai, mas não. Tão pior que ele.

I.: - Todos na bebida?

A.: - Bebida. Umas bebida que parece que é endiabrada, parece que é demônio. Porque quando bebe esculhamba todo mundo, quer quebrar tudo. E assim. Luciano mesmo dentro de casa se ele começa a se alterar, o outro fala nele, ele arrebenta tudinho, hoje ele já quebrou varias vazi... coisa. E é tudo. Sei não e outros problema ai com outros. Outro dali mais ali. E assim vai levando e a mente falecendo.

I.: - A senhora mora com eles. Com seus filhos?

A.: - Não eu moro na minha casa. Ele é que tá comigo. Agora eu tenho duas neta. Tem uma que a minha menina tá em São Paulo. Ela veio com 2 ano, tá... vai fazer 10 ano domingo. E tem a outra que a mãe ta morando... tem a casinha dela é pegada com a minha, mas com esse trabalho que fez o concurso, botaram pra viajar pra... pra Canavieira. Aí ela, ela alugou uma casa na... na Jacobina III. Foi a perdição que lá a menina 15 ano arranjou uma gravidez. Que essa quase fui eu que criei também. Tá em casa comigo, porque fica mais perto pra ir pro médico e pro colégio. Tá indo pra ir, porque já tá perdida mesmo. Mas tudo é sofrimento. É com neto e é com tudo. É uns neto assim... tudo rebelde com a gente. E eu já a pouco tempo eu digo: Ó Quando eu tinha a minha avó e meu avô, eu caminhava léguas na Semana Santa pra ir tomar a bença. Respeitava na... maior coisa do mundo, minha vó é minha mãe, naquele tempo também a criação era outra. Hoje o povo vai ficando... cada dia... vai passando a geração, vai ficando pior. E então, se me procurar o que é paz, eu digo que não sei. Nunca vi.

I.: - E a senhora tem assim... lembranças... Quais foram os fatos que marcaram mais a vida da senhora? De coisas ou boa ou ruins que influenciaram muito na sua vida.

A.: - Que... mais ou menos se eu me alembro de alguma coisa?

I.: - Sim, de que a senhora lembra? Um fato que toda vez que a senhora lembra, lhe trás alguma emoção. Que a senhora...

A.: - Não lembro.

I.: - Não sabe contar uma única?(risos)

A.: - (risos) Porque... uma já começou no tempo quando eu comecei...eu fui noiva de um rapaz, já ele... mas isso ai já fui eu porque eu toda vida fui de juízo, quando eu namorei com esse rapaz foi bem 3 mês, era que o namoro daqueles tempo era diferente. Aí depois

também quando o... eu não quis também a... só por causa que ele disse... a família disse assim, até de junto de mim, se Tônha casar com Manuel não dou 8 dia pra eles briga. E eu ouvi essa palavra. Aí, como é que eu vou casar e já com 8 dia briga? Oxé! Eu não vou querer não. Eu peguei e terminei, mas ele ficou nos meu calo. Aí arranjei esse outro e casei, mas esse eu casei... Ele passou 30 dia no meu calo. Eu tinha um ódio dele, um ódio, que se eu visse ele lá, eu corria as légua. Meu pai não queria, ninguém queria. Eu trabalhava numa casa lá de uns crente, eu tinha dese... dezoito ano. E eles me dava conselho e já conheciam ele. Ele foi nos meu calo e eu lhe não, não. Um dia ele mandou um negocio pra mim e eu era boba peguei e desse negocio que eu peguei enlouqueci por ele. Mas ai foi coisa que ele... mandou fazer pra mim, que quando eu brigava mais ele, eu dizia: eu não gosto de tu, porque eu casei com tu por causa do feitiço. Porque tu me enfeitiçou que eu não queria ver tua cara. E foi mesmo. E uma criatura mesmo já me disse. Apareceu um velhinho, lá numa vendinha que eu tava e ele olhou pra mim assim. Olhou, olhou e me disse assim: Como a senhora é sofrida! A senhora... com esse marido que a senhora casou, não era pra ser seu marido não. Casou porque fizeram casar a pulso. Não foi porque alguém boliu com a senhora ou fez mal à senhora. É porque fizeram o mal pra senhora casar com ele.

I.: - Porque a senhora não queria.

A.: - Não queria não. E pensar no negócio que ele mandou pra mim parece que o demônio vinha ali dentro. Aí, foi nada não. Olhe, meu pai era muito carrasco e eu fugia mais ele. Do jeito que meu pai não queria porque não podia nem olha pra um assim que nego já tava se urinando de medo. Me casei com ele e vivi assim quase 30 ano faltava 6 dia, tudo de sofrimento, ne jogo, cachaça, rapariga, tudo. Chegava dentro de casa me esculhambava, me mandava ir pra aquele lugar. Me dava home. Quebrava as panelas cheia de comida. As crianças ficava tudo com fome e o... quando eu alembro disso, dessas coisa, eu acordo de noite chorando. Porque...meu Deus, como uma pessoa dessa merece viver? Aí, me alembro disso, me alembro das ingratidão, meu pai me batia. Ele era um carrasco, mas me batia de jeito Tudo isso era revolta pra mim. Quando eu começo a me relembra daquelas coisa tudo, aí isso me faz chora. Não tem uma coisa ne mim pra eu dizer, eu fiu feliz com essa coisa que eu tou contando aqui. Não tenho nada E foi uma pessoa que nasceu, que não teve felicidade foi eu.

I.: - Ah! Então realmente o que marcou pra senhora foi isso.

A.: - Um castigo. Quando a pessoa nasce, já nasce com aquele traço de sofrê, né? A minha marcação toda é essa, sofria demais. Ele ói. Ele bota uma carga de Gerusa trabalha de (não entendi), podia ser uma hora dessa. Vá em tal lugar busca o carro de batata. Quatro légua. Uma hora dessa. Nessa estrada, saia do barro ia tomava a estrada podia passa o bom ou o ruim. Tinha dia da gente chega lá meia noite. Quando voltava de lá pra cá, chegava em casa com os pau de fogo. Botava tudinho em uma macambira, a tara de pau e o fogo botava no meio, pra quando acaba volta. Tudo isso mule! Eu já sofri na vida. Na estrada, a gente vinha na estrada, até a onça atravessa. Louvado seja Deus, a onça vai come a gente hoje. Aquela bichona preta chega brilhava no sol. Tudo eu passei na minha vida. É quando eu alembro desses passado assim, que começo, eu não tenho apetite pra nada. E no dia que você me vê alegre sorrindo pode dizer que é sinal de tristeza. É isso ai.

I.: - E... assim... da infância da senhora, quando a senhora era criança, a senhora lembra alguma coisa?

A.: - Da infância? Eu desde a infância que eu... não sei, só lembro quando eu... alembro assim da gente quando era criança brincava muito e alembro assim... de uma coisa, só tem uma coisa de quando eu era criança que eu me lembro. Tinha um gato lá em casa. Meu pai tinha uma raiva de gato! E as vez ele pegava... mandava. Me obrigava mata esse gato e joga no mato. Isso eu me alembro como com... parece que foi ontem. Eu chegava lá, com a maior pena do mundo que eu não gosto de judiar bicho nenhum. Batia no gato deixava lá . Com a mesma hora o gato voltava. E tornava ir mandar. O meu Deus do céu! Eu não tenho coração pra matar esse bichinho aqui. Xeu vê outra coisa aqui. Alembro do tempo da Revolta. Eu era desse tamainho, no tempo dos revoltosos. Tempo de Lampião e o Corisco Diabo Loiro. Eu nasci na primeira revolta, que teve. Ne ... 15 de novembro de 26. E eu era desse tamainho. Se eu te disser. Eu tinha dois ano e eu alembro como hoje, como quando eles vinha a turma, a tropa toda. Mamãe ia, nois ia catar umbu assim perto, ai quando eles vinha na ladeira assim, corria se escondia e eu tô vendo, parece que eu tô vendo e tudo foi hoje. Era... é algumas coisa que eu alembro,mas coisa do passado de agora eu não lembro nada.

I.: - E o que foi que fez a senhora decidir, já que a senhora quando era mais jovem, não teve oportunidade de estudar. Agora o que foi que lhe incentivou a estudar, a buscar aqui no centro?

A.: - Aqui a .... o que me ativou foi aqui os idosos, porque...

I.: - A convivência do pessoal aqui?

A.: - É. Porque quando vim pra aqui cada um tinha uma coisa, o que borda, borda. O que faz crochê faz. O que faz outra coisa faz, agora os que não queria... vim pra escola, vem pra escola.

I.: - Ah! Então a senhora não quer bordar, não quer costurar, não que nada só a escola?

A.: - É.

I.: - E lá a senhora é... A professora passa o que pra estudar?

A.: - Passa assim... ela faz no quadro. Ela vai botando... tem hora que ela bota coisa pesada pra gente fazer. Vai fazendo aqueles nome pela cabeça da gente mesmo. Ai a gente... guarda no dia a gente procura ela. Aí ela vai quebra a cabeça e vai dizendo.

I.: - E a senhora já consegue ler alguma coisa assim?

A.: - Nada. Agora só tem uma coisa... dois nome que se eu vê no São Paulo, no Salvador... é o nome Bahia e Jacobina. Esses nome...

I.: - Por onde passar?

A.: - É. Se eu vê esses nome no lugar que eu for, tiver uma palavra com o nome Jacobina, já sei. Bahia. Agora. Não. As letras eu conheço tudo ói, não tem letra que eu não conheça, agora pra ajuntar e fazer o nome é o que me atrapalha minha cabeça não dá. Eu digo ó pró não aperte meu juízo hoje não viu. Minha cabeça tá tão sofrida com tanto sofrimento que não dá.

I.: - E a senhora não sente assim... quando a senhora era jovem não sentiu dificuldade?

A.: - Quando eu era jovem?

I.: - Por não saber?

A.: - Não. Eu tinha uma memória ótima. Tinha uma memória... eu chorava pra aprender e meu pai não deixava. Eu me casei com 19 ano, onde foi com 19? Quando eu tava grávida do primeiro filho, eu casei em fevereiro, xêu vê... foi em fevereiro?

Professora de Educação Física: - Gente!

A.: - Em janeiro a gente foi embora...

Professora de Educação Física: - Vocês morrem... opa! Boa tarde.

A.: - Boa tarde. Para Paraná. Eu tive o primeiro filho dentro das matas do Paraná. Eu já sofri nesse mundo! O segundo filho eu já tive lá morreu lá. O terceiro eu tive lá. Ai, que eu já sofri nesse mundo! Agora eu tinha uma loucura, loucura para aprender, mas não tinha condições, no lugar que a gente tava não dava pra... ai comecei já cria filho também, não me inteirissei mais.

I.: - E também o seu marido lhe impedia de estudar?

A.: - Ah?

I.: - É seu marido lhe impedia de estudar?

A.: - Não. Ele brigava, ele brigava. Ele nem estudava, nem deixava ninguém. Num deixava não... num deixava não.

I.: - Nem a seus filhos?

A.: - Hum?

I.: - Nem a seus filhos ele deixava?

A.: - A estuda? Deixava, mas não dava nada. Olhe, pra te dizer, que ele nunca deu nada, pro caçula ele deu, um dia, um caderno. Mas eu que tinha que me virá. Lava roupa, ói eu lavava domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Eu lavava roupa. Vinte e três ano.

I.: - Pra poder bota seus filhos na escola?

A.: - Pra poder bota na escola. Vinte e três ano não é vinte e três dias.

I.: - É verdade.

A.: - Viu? Mas eu fui perdendo o gosto, fui sofrendo demais. Criando fio. Como é que eu podia ir pra escola. Do mesmo jeito. A minha escola foi cabo de enxada, que quase me mato no cabo de enxada. Todo trabalho pesado de roça ele me botava.

I.: - Quem? Seu pai? Ou o...

A.: - Meu pai. Quando eu me casei que fui pro Paraná, fui trabalha na roça também. Pranta algodão, pranta aquelas coisa que pranta pra lá. Depois, não dava certo num canto já ia pra outro, até que tornemo volta. Aí, fui cria filho e o meu destino foi lava roupa pra cria os filhos. E se o marido me deixava... tinha uma menina que eu tive sem ser essa que mora, que tá trabalhando na Canavieira. Eu quase morro de fome dela. Ele foi embora, trabalha fora, sumiu. E eu fiquei, tive a menina, quase que morro, com os fio todo de fome. Me deixou outro de resguardo, desse que morreu com quase trinta ano, me

deixou com quase dezoito dia de parido, me acabando de fome também com os fios. Minha vida é um romance. Compadre Lino tava aqui disse: É Tônha, de nois dois não sei que é que sofre mais. Eu digo: Deus lhe livre se o senhô sofre ao menos um quarto de mim.

I.: - Agora, é... e dos... assim da... dos fatos que aconteceram... A senhora mora aqui em Jacobina há muito tempo?

A.: - Eu cheguei aqui em 52.

I.: - No ano de 52? E não foi mora em outro lugar?

A.: - Não. Daí mesmo, a gente...

I.: - A senhora é daqui de Jacobina?

A.: - Não. Eu sou de lá de Campo Formoso. Ainda pra lá, embrenhado nas caatinga. Nego doido. Aí depois, vinhemo pra Campo Formoso. Eu já tava assim de meus... 13 ano. Depois que sai de Campo Formoso. Aí depois que eu fui pra Paraná que voltei, cheguei em Campo Formoso, meu pai não tava mais, ele já tava morando aqui em Jacobina. cheguei aqui em 52. eu vi coisa, eu nem estudei. O terceiro menino eu tive lá também, que é esse que trabalha na faculdade que eu contava.

I.: - Seu Francisco.

A.: - É Francisco. Aquele menino é um menino bom, mas essa... o segundo foi o que virou a cabeça, virou a cabeça, virou a cabeça por essa sujeita e o que tá me acabando é isso.

I.: - Ele tava tentando fazer vestibular, né?

A.: - É. Ele também só fez a... a 5ª série. Mas olhe lá que quem se forma hoje sabe o que ele sabe.

I.: - Ai eu não sei.

A.: - Olhe lá, se sabe. Que nem disse...

I.: - É. Ele tava tentando fazer o vestibular, eu achei interessante que... num... eu não pensava que o pessoal de lá resolvesse fazer. Aí ele disse... não, é o que que vai fazer? O senhor tá aqui de fiscal? Ele disse: não, eu vim fazer o... o... (risos) eu sou candidato a aluno. Ah! Sim, interessante. Eu disse tá bom pode entrar, que eu fui fiscal no dia, né?

A.: - É.

I.: - Aí ele pegou e entrou todo satisfeito, foi lá fazer a prova dele. Mas, infelizmente, parece que ele não passou.

A.: - Passou não?

I.: - Não. Parece que não.

A.: - Pois é. Ele vai sempre em Feira, quando tem... sai, que vão fazer curso lá. Ele vai também. Ele sempre vai, pra essas coisas. Mas ele é sabido ele não é besta não. (risos)

I.: - E a senhora sentiu dificuldades por não saber ler?

A.: - Eu?

I.: - Assim... a senhora precisou ler alguma coisa durante a sua vida só que... por não saber a senhora passou por algum problema?

A.: - Não. Meu problema só foi esse que eu lhe falei.

I.: - Como a senhora vivia na roça então não precisou tanto da leitura.

A.: - É. Na roça não tinha escola. Pra estudar tinha que vim pra rua, meu pai deixava? Era ruim! Meu pai era aquele do tempo do carrancismo.

I.: - E no tempo que... depois de casada, pra ensinar seus filhos, também não? Ou eles aprendiam só na escola e não lhe procuravam?

A.: - Quem os menino?

I.: - Sim.

A.: - Não. Era tudo na escola.

I.: - Então não procuravam a senhora. Não precisavam, "Ah! Me ensine aqui"?

A.: - Não. Eu num... num tinha tempo minha fia. Eu não tinha tempo. Minha vida era vida de doido. Olhe, quando eu não lavava roupa, lavava nos depósito de sinzal de mamona. Misturando saco de mamona o dia todinho. E os maiozinho ficava com os menor. E eu tinha que trabalha.

I.: - Sei. Ah! Sim. Então a senhora não teve nem um contato com livros, essas coisas. Mas aqui a senhora tem?

A.: - Tem com livro tenho.

I.: - E que tipo de livro é que lê? Livro de história?

A.: - Nem sei que livro é. Os livro da 1ª assim... da escola, né?

I.: - É de... como é? ABC?

A.: - Não. Não é ABC não é livro mesmo.

I.: - E a senhora gosta de ouvi... gosta de história assim... as pessoas le... contam a história? A senhora sabe contar alguma história?

A.: - (risos) Não de cabeça tá duro. (risos) Tá duro eu contar porque não me... me... minha mente não ajuda.

I.: - Mas quando a senhora era mais jovem... é que a senhora morava na roça?

A.: - É.

I.: - Que o pessoal da roça sabe um monte, né?

A.: - Olhe, quando eu era jovem, eu sabia tudo. Velso não tinha quem... que me batesse. Roda era tudo sabia. Muitas coisas que eu sabia hoje eu esqueci mais. Oi, eu mais minhas irmãs a gente aprendia tanto verso. Hoje é... poucos que eu sei.

I.: - E a senhora aprendia como? As pessoas chegavam e contavam pra senhora e a senhora ouvia?

A.: - Ficava cantando na roça, senão, não aprendia.

I.: - Ah! Sim. Porque um passava pro outro, cantando.

(defeito da fita)

A.: - ...Porque o jeito que faz em roda não é assim?

I.: - É.

A.: - Pois é. Aí... aí vai aprendendo.

I.: - E as brincadeiras quando a senhora era criança, que tipo de brincadeira que a senhora fazia?

A.: - As brincadeiras que a gente brincava era só de boneca. Só de boneca. As brincadeiras daquele tempo era essa. Não tinha outras brincadeira que tem hoje. Que hoje tem várias brincadeira, né? E os daquele tempo não, as brincadeiras de menino era só de brincar de boneca (risos)

I.: - É... a senhora gosta de música?

A.: - Eu gosto, mas não é todas não.

I.: - Que tipo de música a senhora mais gosta?

A.: - Eu? Gosta muito de Amado Batista. Zezé de Camargo e Luciano eu também gosto.

I.: - E a senhora sabe cantar?

A.: - Não. (risos) Aí pra mim decora minha fia é duro. (risos) Gosto de ouvir mais pra...

I.: - Mas quando ta tocando a senhora aí vai cantando.

A.: - É. Pois é. Mas pra decorar eu não sei não. A pró já botou e nunca saiu. Faz tanta música no quadro. Música de um bucado de cantor, ela bota a gente pra fazer lá.

I.: - E o que a senhora gosta mais aqui da escola daqui?

A.: - Aqui? Eu gosto de tudo.

I.: - Assim... o que é que eles costumam fazer mais? A professora faz na sala o que?

A.: - Ah! Ela ensina.

I.: - Música. Ela... poema. Se ela trás. Histórias...

A.: - Ah! Ela conta muita coisa. História é.

I.: - Textos. A senhora gosta mais de que? A senhora não sabe assim, o que ela faz que a senhora gosta mais? Que diverte mais a senhora para poder estudar, essas coisas.

A.: - Da do que ela conta?

I.: - Sim.

A.: - Agora é ruim de eu dizer. (risos) Porque aqui não entra na minha mente não. Tem hora que eu... eu aprendo, assim, algumas coisa, quando demora some tudo. Tem jeito não.

I.: - E a senhora costuma assistir televisão?

A.: - Assisto, mas nenhuma dessas novela de agora eu não gosto. Não assisto não.

I.: - E a senhora não gosta por que?

A.: - Ô novelas enjoadas! A novela que eu gostei muito foi aquela de... Oi quando era de premero eu decorava uma novela todinha. Eu assistia do começo ao fim até terminar e eu contava ela todinha. A novela. Hoje me pergunte que eu não sei mais que diaxo é. Eu também não assisto mais. Eu decorava as novelas. Aquela de... Antônio Fagundo é?

I.: - Antônio Fagundes?

A.: - Sim.

I.: - Qual delas?

A.: - Aquele... aquele que... do Rei do Gado.

I.: - "O Rei do Gado"? Ah! A senhora gostava daquela.

A.: - Daquela eu gostava. E onde tinha aquele menino que cantava é... Do Rei do Gado Trabalhava... Como é? Aquele grandão do chapeuzão.

I.: - Ah! Já sei, Sérgio Reis.

A.: - Sérgio Reis mais aquele que cha... Zé, que canta... chama... né? Que tocava viola os dois.

I.: - Arrã. Eu esqueci o nome dele.

A.: - Também lembro? Zé Trovão (risos).

I.: - É, é. Ele participou daquela outra novela.

A.: - Após. Mas essas eu adorei.

I.: - "Ana Raio e Zé Trovão".

A.: - Aquela novela foi boa demais. Mas daí pra cá, cabou novela pra mim.

I.: - E programa de televisão assim... sem ser novela... gosta?

A.: - O programa de televisão só gosto do jornal. Oi eu não gosto da Xuxa, não gosto de nada, óia pedi o gosto de tudo.

I.: - Sílvio Santos não?

A.: - Sílvio Santos as vez eu assisto, Gugu é a coisa mais difícil, Ratinho também é difícil eu assistir. Agora, da igreja é que eu gosto...

(Professora de Ed. Física: Cadê os home pra pegar o som? Aqui não tem home não?) ...da igreja eu gosto muito, das música da igreja...

(Professora de Ed. Física: Oxente? É a reunião dos namorados, pra paquera, ela veio bonita. Mas não tem home aqui)... agora mesmo eu comprei o CD do Divino Espírito Santo. Agora eu fico feliz, que eu boto...passo o CD todinho, que as música tudo são bonita. Mas não decoro nem uma de cabeça. Não dá. (risos)

I.: - E a senhora faz parte de algum grupo da igreja?

A.: - Faço. Eu sou do apostolado.

I.: - É da onde assim...?

A.: - Postolado de oração, aquele que usa fita vermelha.

I.: - Ah! Sim.

A.: - Já tem mais de 20 ano que esse... oração.

I.: - Agora pra gente... participar desse... grupo de apostolado, é como, que faz?

A.: - Pra pegar a fita. Pega a fita e aí, elas explica tudo que vai fazer, que tudo tem trabalho, né? Tudo faz um trabalho, tem visita de doente, tem várias coisa pra faze.

I.: - Ah! Então tem que ir visitar as pessoas...

A.: - Tem.

I.: - É... Participar, se comprometer com as coisas da igreja...

A.: - Como as coisas da igreja, também...

I.: - E também, tem que ta todo domingo na... nas missas?

A.: - Todo... Tem umas... tem toda primeira sexta-feira do mês.

I.: - Toda...

A.: - Toda primeira sexta-feira do mês, é a missa do apostolado.

I.: - Ai tem que ta lá?

A.: - Ai todos os apostolados tem que ta na igreja. A igreja tem que ficar cheia. No primeiro domingo de...

I.: - É lá na Matriz?

A.: - É. No primeiro domingo, também, pela manhã, é a missa de novena que pertence ao apostolado. Ai agora tem a festa. Tem o... o que a gente contribui com as coisa. Tem agora mesmo a gente tá com um trabalho pra fazer. Agora é pra festa de coração de Jesus, agora em novembro. Ela botou a gente pra fazer... combino o que nos ia fazer. Se era melhor fazer uma coisa assim pra sai tirando um real ou fazer a feira do cacareco. Sai pedindo assim, roupa usada que a pessoa não veste mais e que as vez tá perdida. Panela, essas coisas que não usa mais, tiver pra um canto, pra a gente tirar pra botar na feira do cacareco. Ai todo mundo concordou pra tirar o dinheiro pra festa. Do coração de Jesus, que é em novembro, mas ainda num... não marcou o dia ainda, vai marcar ainda. E vai marcar também o dia da feira. Agora eu... É porque tem muitas feira do cacareco, as que presta pras pessoas que já fizeram... as pessoas que nós já tinha pedido, que tinha que me dá, tudinho já deram. Não arranjei quase nada.

I.: - É já achou...já procurou pra outras festa e ficou agora pra essa sem.

A.: - Fica agora pra essa e não tava, mas um me deu assim um pouquinho, outro dia um pouquinho, não foi um tanto de coisa. Teve minha comadre ne... também disse que...se... amanhã pegava de tarde um tantinho de coisa, mas tudo já pega. Ai pega tudinho. Agora seu Antônio, você conhece do Rancho Catarinense?

I.: - Seu Antônio?

A.: - Ali do... do... daquele hotel lá em cima.

I.: - Não.

A.: - Rancho Catarinense?

I.: - Não. Não conheço.

A.: - Ele mesmo, tava (não entendi), mas ele disse que quando foi na semana passada a feira, da semana passada, foi a feira das professora do cacareco. Mas tudo de bom! Ele disse que deu. Levaram coisa de lá... que não foi mole. (não entendi) Zinho, também, disse que deu um bocado! Que eu disse... Hãm? Eles iam me dá e dero a elas.

I.: - O povo participa muito dessas feiras?

A.: - Participa muito.

I.: - Consegue arrecadar algum dinheiro pra igreja?

A.: - Consegue, porque tem vez que as feira do cacareco, as vez vende tudo. Se é tudo de um real. Olhe, tem roupa boa, coisa boa e é tudo um real. Ai acabou.

I.: - É que... é que as pessoas doam mas não são coisas ruins.

A.: - Não é aquelas roupas que não querem usar mais e vai deixano, que não quer. Não é dizer que é pano velho que não presta mais não. Quem vai pegar um pano velho, rasgado. É, né? É assim... é... as coisa... é coisa de cabelo de criança, cadeira, é... prato, tudo que a pessoa não quiser, bota assim pra lá e não quiser usar.

I.: - E vende lá perto da Matriz?

A.: - Hum?

I.: - É lá perto da Matriz que faz a feira?

A.: - Que faz a feira? Faz ali na feira mesmo.

I.: - Ah! Na feira.

A.: - É. Não sabe onde é a panela do povo?

I.: - Sei.

A.: - Do lado. É do lado de cá.

I.: - Ah! Já sei.

A.: - Que tem aquela outra panela de lá, que chama... da Pastoral da Solidariedade, faz ali a... a.... Pede a barraca ao prefeito, ai arma e bota as banca.

I.: - Ah, sim.

A.: - Vende é muito ali.

I.: - E dessa campanha que tá tendo agora na igreja a senhora sabe alguma coisa?

A.: - Sei. A campanha... do quilo?

I.: - Eu não sei, é...

A.: - Tem a campanha do quilo. Tem o apostolado quando é... vai...

I.: - Não, que é pra dia 19 a gente leva...

A.: - É, 19. É... é isso mesmo. É... eles pede roupa, pe... pede coisa, comida, cama, colchão que não usa mais, tá pra lá. Essas coisas assim de casa que tá pra lá e não querem mais. Diz que agora é... o padre agora é que diz, televisão que não que dá pro padre. (risos) Mas é que ele faz graça, né?

I.: - (risos) É.

A.: - agora eu, não sei quantas pessoas fui pegar, passei foi vergonha, todas pessoas que eu já pedi, tudo já dero, os conhecidos.

I.: - E como era a cidade que a senhora... a senhora nasceu? Que a senhora se criou na verdade?

A.: - Olha, a cidade que... o lugar que eu criei até a idade assim de 8 ano, era arredado de gente uma légua. Só tinha a casa da gente.

I.: - Ah, então só tinha a família da senhora lá perto ai...

A.: - Só tinha nossa casa. Arredado de... de gente era uma légua. Tinha vez, ói, meu pai saia, ia pra Campo Formoso, (não entendi) fazendo farinha, e eu com 8 ano (não entendi) me deixava, eu, um mês, com as crianças tudo pequena. A casa era porta de pau. Carregava água com quase 1 km. Botava... o peso era tão grande que pra me ajuda, com meia lata d'água, eu botava encima de um pau, de um poço, pra pode me ajuda. Ai eu cuidava dessas criança um mês, um mês! Passava uma vida que só Jesus Cristo. Agora, eu só fui feliz quando eu nasci, por que? Eu nasci... no ano que eu nasci, foi um ano de fartura. As roças vivia nas ruma de abóbora ou de melancia, o mato cobria a... a cerca. Meu pai era caçador, carne tinha ai pros bicho come, tinha dia que era bom. Foi a única coisa que tive... que eu fui feliz na vida, foi quando eu nasci. Que eu nasci encima da fartura, é por isso que eu não tenho nada em minhas mão. Tudo que eu vejo, eu pego... e, dô. Fico sem nada e dô. E só a única coisa boa pra mim nesse tempo foi isso. Longe era caatinga, dentro das...da caatinga ele criou a gente. Longe de Campo Formoso oito léguas. Era longe!

I.: - era longe mesmo!

A.: - Longe...

I.: - Agora é a senhora... quando a senhora era adolescente a senhora também morou lá?

A.: - Ah?

I.: - quando a senhora já era mais... mais velha... se ficou lá?

A.: - não. Quando a gente foi ficando já mocinha mudou já pra... o lugar que a gente ia, que morava... a... uma légua, né? Já era um arraialzinho que tinha um terreno que a gente morou pra baixo. Ai eu já tinha meus 15 ano. Ai depois disso ai, depois a gente foi pra Capim Grosso, Zepete, por ai, a gente fazia feira em Campo Formoso. Ai eu fui me criando lá, fiquei com meus avôs também. Ai, eu tive também... uma vez quando... eu tinha era assim mais ou menos 8 anos, tive um problema de ferida dentro da boca, quase morro! Faltou nada pra eu morrer. Eu digo, ô Deus pra que Deus não me levou? Por que se eu... se eu tivesse esse destino de sofre tanto, devia ter me tirado. Minha mãe fez uma promessa pra Santo Antônio. Se eu ficasse boa... e eu tinha que vim pagar essa promessa em Campo Formoso. Eu vim pagar eu já tinha 17 ano, mas eu fiquei sã e no dia que fui em Campo Formoso, eu fui paguei a promessa.

I.: - Ah, então ela era devota de Santo Antônio?

A.: - Eu? Eu não.

I.: - É por isso que o nome da senhora é Antônia?

A.: - É.

I.: - Ah... E a senhora tinha irmãos?

A.: - Se eu tinha irmão? Tinha...

I.: - Sim. Se tem irmãos ainda?

A.: - Ainda tenho. De cinco irmão homem, só tenho agora Zaú.

I.: - Então os nomes dos seus irmãos são todos assim... bíblicos?

A.: - É?

I.: - Santos?

A.: - É. Este chama Zaú. Esse é da bíblia mesmo, né?

I.: - É.

A.: - É... João, Pedro, deixa eu vê como é o outro... Antônio. O outro era... Como era o outro meu Deus? (não entendi) Francisco de Assis não é o meu não , o meu, o nome é Francisco da Silva. E os nome quase todo é da bíblia o nome. Agora os da mulher é Rosa... Rosário, Maria, é... Marlene, tem uma que chama Antônia, Júlia e outra... tem ou... e Maria, que chamava Maria e ainda dava o apelido de Duzinha, chega vinha na

careira... (Risos) E os meu é Luciano, Francisco, João, Marcos... só Jailton, que Jailton eu não sei se tem não , que o Jailton era perdido. Mas Raimundo, tem Raimundo é... Diz que é da bíblia também né? São Raimundo.

I.: - É.

A.:- Tudo... Agora as mulher é só Railda, Nair, tem Maria Aparecida. Só tenho essas.

I.: - O seu...seu pai trabalhava de que? O que ele fazia?

A.: - De roça.

I.: - Ah, ele tinha roça.

A.:- De roça, depois ele virou matador, ele matava bode, matava porco, isso que nós criava, né? Essas coisa.

I.: - No matadouro?

A.:- Matava... matava muita caça, matava bode, matava gado, matava tudo.

I.: - Pra vender na cidade?

A.:- Era. E depois ele deixou de matar, mas ele até quando ele foi embora pra Bom Jesus da Lapa, lá mesmo ele morreu, que ele...ele matava.

I.: - E a senhora sente algum incentivo do pessoal daqui para que a senhora continue estudando?

A.:- Se eu sinto o quê ?

I.: - Algum incentivo, se as pessoas lhe impulsionam a...a estudar, dizem vá em frente, estuda mesmo, mesmo a senhora sentindo dificuldade...

A.:- Tem. Ainda agora... Já fez, já fez, ela mesma já diz, a pró. Vá tentando. Vá tentando que você aprende. Eu digo, eu não aprendo pró que a minha memória não dá mais, pelejo. A senhora tá me ensinando aqui, na mesma da hora me procure que eu não sei.

I.: - Já esqueceu ?

A.:- Tenho dificuldade, que eu tenho uma dificuldade grande na minha cabeça.

I.: - Não será porque enquanto a senhora estuda, a senhora também fica pensando em seus problemas?

A.:- Eu acho é mais. Eu acho que problema demais tira a memória da gente.

I.: - Aí, cria complicações também, né?

A.:- Ói, tem dia, que eu tô na igreja e faz vergonha, eu choro a igreja... a ... as... a hora da missa todinha. Mas tô na missa, tô rezando pra eles, fico pensando, recordando aquele... os passado de sofrimento que já sofri e agora. Eu já sofri até fome. Eu já passei tanta fome na vida, ai isso tudo me mete na cabeça, aí eu fico assim. Criei meus filho tão bem criado todo mundo tá ai de prova, que não sabe como eu criei meus fio tão educado, que eu educo meus filho quando eles era menino, eles não xingava nem cão na minha vista. E agora depois de tudo já velho, pai de filho, tudo, se revolta. Vira assim uma revolta. Logo, deram pra beber e tudo, se revolta, num... não vão numa igreja, não vão em nada, só vão na escola do mundo. Como é que pode? Só quem é devota mesmo é eu.

I.: - E a senhora sente saudade de alguma coisa na sua vida?

A.:- Se eu sinto?

I.: - Alguma coisa que já passou a senhora sente falta, essas coisas.

A.:- Não tenho nem uma. nem na minha mocidade eu tinha coisa pra dizer, home! Eu sinto uma coisa daquele tempo, não. Eu não tenho saudade de nada.

I.: - A senhora costumava ir nas festas?

A.:- Festa. Só aqui quando faz.

I.: - Então só agora é que a senhora participa.

A.:- Só. E nunca dancei não. Nunca no tempo que eu fui moça, me casei com 19 e nunca dancei. Depois que a minha... No casamento da minha irmã caçula, porque ele boto eu pra dançar com um amigo dele, que ele não deixava.

I.: - Quem? Seu pai ou...

A.:- Meu marido.

I.: - Ah, seu marido!

E meu pai deixava? Meu pai não levava a gente, se fosse pra festa ele escondia a gente pra lá. Deixava a gente na cozinha. E também eu era assim, se um viesse me tirar pra dançar, eu dançava nada!depois me agarrava quando pra ir dançar... (risos) Eu digo Oxê, eu é que não vou dançar com um homem, me pra ir dançar, eu que vou não.

I.: - A senhora não ia?

A.: - Ia nada!

I.: – Então as coisas hoje são bem diferente, né?

A.: - É diferente. Hoje elas é que estão agarrando eles. (risos)

I.: - O pior é que é. (risos)

A.: - Não é não? Elas não tem mais medo de homem não. Elas vivem se entregado. E ai eu digo a elas assim, ói, a minha cabeça tá aqui. Eu ainda não aprendi muita coisa, mas eu queria ser uma moça hoje pra ver se eu não era a mesma coisa. Porque é minha ... meu jeito esmo que é assim toda a vida. Olhe, eu fui moça, ninguém nunca falou de mim, me casei e nunca ninguém me falou de mim, fui casada nunca ninguém falou de mim, fiquei viúva até hoje, tem vinte sete ano que meu marido morreu, nunca! Nego... Sempre me dá valo, mas nunca me falaram, porque eu nunca dei meu direito a ninguém. Já sofri que só (não entendi), mas nunca dei meu direito. Vou pra aqui, vou pra acolá, vou pra ali... ói, depois que ele morreu, já fui... ô, Salvador é lindo e eu não conhecia. Foi a melhor viagem em Salvador. Já fui em Belo Horizonte.

I.: - Depois que entrou aqui?

I: - Hum?

I.: - Foi depois que entrou aqui, que a senhora foi pra Salvador?

A.: - Sim. Depois que eu To aqui em Jacobina mesmo, depois que eu estou aqui num... Ia assim, quando ia pro médico, já passei 13 ano na companhia de Doutor Juarez, Juiz de Menor, que morou aqui, era meus grande amigo. Quando eles foram embora, eu fui com eles, depois eu já fui lá passei 13 dia com eles e... e assim, mas... Já fui em Governador Valadares cinco vez, já fui em São Paulo, já fui ne...ói aqui perto (não entendi). Passeio que a gente faz por aqui perto tudo eu vou.

I.: - Então a senhora é bem viajada? Conheceu um...

A.: - No tempo dele minha fia , eu si era de casa pra o rio, lavava roupa e ir pra dentro de casa. Quando eu ia para a igreja ele dizia que eu era amigada com os padre.

I.: - Com os padres? Nossa!

A.: - Dizia. E só ia dia de domingo. Isso mesmo quando eu no sábado não ia na missa porque eu lavava de domingo a domingo. Minha mãe disse ói você tem que tira pelo menos o domingo pra ir para a missa. Aí eu fui naquela...naquilo, hoje Graças a Deus meu Pai! To dentro da igreja não tem quem me faça sair de dentro, só Deus se me derrubar, Deus é quem me leva . E tudo que se faz... participa da missa da... na igreja eu tô.

I.: - Então hoje a senhora se envolve com a...

A.: - Com a igreja.

I.: - Com a igreja e com o Centro de Convivência, né?

A.: - O Centro de Convivência.

I.:- Aí a senhora vem pracá e se diverte mais.

A.: - Venho pracá e tá bom. Aqui, quando eu tô aqui, mas quando eu chego em casa seis hora....

Simone: – Tu não merendou ainda não. Não tá com fome não?

I.: - Tá então a gente (risos)...

A.:- Quando eu chego, saio daqui ói, eu chego lá não dá tempo nem de eu tomar banho. Eu tomo nas carreiras, Vupu-vupu aí eu pra missa, que tem a Semana da Unidade, né ? Tem missa a semana toda, ainda não perdi nem uma até hoje.

A.: - Então deixa a senhora ir merendar e outra hora a gente continua nossa entrevista, né?

Simone: – Ainda não terminou não?

I.: - Sempre tem mais alguma coisa pra perguntar, né? Aí com isso, mas deixa a senhora ir comer e outro dia...

ENTREVISTA – 29/07/2003 (Realizada na casa da professora Ana Lúcia Gomes)

(1º fita)

Ana Lúcia: - Entrevista com Ataíde Cosme da Silva 67 anos, para o projeto "Histórias de Leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas."

Ingrid: - Então ...é...assim..., o que o senhor pode falar... pra gente. Sobre... assim... a história de vida do senhor, alguma coisa assim que...

Ataíde Cosme: -...Que já passou comigo?

I.: - ...O que, que o senhor já passou?Tudo isso.

A.C.: - Ah! Já passamos muitas coisas, agora coisa de roça...sou do campo, certo?... eu adoro o campo... Por final, eu trabalho nisso, nesses negócios, fiscalizar né? Uma vez é... é Juiz de paz é que vai fiscalizar... (não entendi)... corredor, saberam que ia fechar aquele corredor, não pode que é antigo. Eles dão (não entendi). E várias coisa certo? E do campo eu sei contar muitas coisas.

I.: - Então conta ai alguma coisa do campo pra gente.(risos)

A.C.: - Do campo, eu aboiei de vaqueiro.Tomava conta de ...

I .: - O senhor é vaqueiro?...

A.C.: -É, Tomava conta de uma fazenda, administrador da fazenda.Toda cinco hora, que cinco hora, quatro hora da manhã eu to lá. Se não soubesse tirar com as duas mão o leite não trazia.(risos)

A.C.: -...Vaca do peito pequeno, ó...e ta soltando certo? Se não se perde aqui não sai. Agora cês conhece quem sabe tirar o leite, bota o balde aqui dentro das perna...

I.: - Eu já fui...eu já fui tentar tirar o leite da vaca,mas eu fui um desastre, (risos) porque eu comecei a puxar assim, ai eu... queria me assusta...

A.C.: - ...É, mas é...suspende esses dois dedos assim e faz isso assim ou então esse daqui, esse dedo vinha pra qui. Quando cansa... Agora pra tirar assim não produz, só vaca do peito muito pequeno, ou então de cabra, cabra já tem o peito comprido não é ?...Agente coloca o pé aqui, ela suspende a perna sabe, e hoje tem uma raça de cabra que é boa de leite. Antigamente uma cabra só dava um litro de leite quando dois. Hoje são três, quatro litro. Chama Sianinha uma miudinha da barriguinha que fica durinha. Mas é raça mesmo... e é um bom (não entendi) é bom pra mim... E eu tinha amor pela roça. Cavalo bom, de campo. Brincava argolinha, sabe como é argolinha?

I.: -Não.

A.C.: - Argolinha, você trás uns pregos e bota uma vara assim, pra vim correndo e enfia num apegador...

I.: - Ah! Sim...

A.C.: - ... Uma argola cê assim e empurra assim pra ver se acerta.

I.: -... É aquela corrida que vai com o cavalo...

A.C.: - É... então outra, tem uma... como um morango seguro aqui assim pra trás. Aqui cê pega com uma vara. Quando cê vim com velocidade, joga ela pra cima e pega lá. É a prática que eu tenho ou então pega a garrafa no chão uma coisa... cê bota a garrafa, sabe aqui vai pega, quem não sabe cai. Bota uma garrafa de madeira. Mas rente, porque se pegar aqui, não pega a garrafa, bota a mão baixa, ele tem que ir por aqui ó. Pra cá (risos) eu já tenho a prática. Viajava sempre...pelo campo tinha muito, porque eu pegava o boi de carro. O boi... aquele seis boi. Eu chamo boi do coice, aquele cê domina. Eu bato o pé aqui, ele para... se você cai por debaixo do carro só é grita, ele pára, se não a roda passa por cima e quebra tudo. Ladera pra descê. E tudo isso eu gostava. Andava assim eu me

adivertia.Tava plantando ai chegou o (não entendi).Boi mandava pastar, pastava por final. E do campo mesmo, eu me adivertia muito.

I.: - E o senhor... assim... as terras em que o senhor trabalhava, já não tem mais né ?

A.C.: -Não, não. Mas eu adoro a propriedade que eu não tenho mais, a propriedade me garantiu que ainda vendi e vim para cidade mas também estou muito satisfeito, porque seria muito melhor o que eu fiz, do que ter uma fazendinha com vinte vaca ou trinta ou quarenta e as fia analfabeta, não é ? Pra mim é uma honra na vida, porque todo lugar que as pessoas me encontra diz suas filha é uma maravilha, pra mim era ruim se elas dissesse suas filha é ruim, né? Não dizia nada mas ficava triste, né? Então é um prazer, porque todas são obediente. Tem os meu netinhos que eu quero bem, quero bem.

I.: - E o senhor assim... como é que o senhor estudou ? O senhor chegou à ir na escola, freqüentar, tudo isso...

A.C.: - Não, não tive tempo. Meus pais não teve condição. Não é que não teve condição, na época eles não tinha escola. Nem em fazenda, agora você sabe tem fazenda, bota a professora na fazenda ali no lugar que tem muita gente. Ou então um predinho, né? Município, bota a prefeitura. Antigamente não tinha. O que eu sei eu aprendi... o que eu sei, escrever fazer uma conta, foi 45 dias só, de aula que eu fiz. A fazenda que eu trabalhava era, não é como hoje que tem vaca mansa. É vaca mineira, é vaca brava, era tudo a mesma coisa. Não tinha como tira leite, não tinha bota... de borracha. Tudo na lama aí. Só que a lama, de gado, por causa da urina não pega frieira. E, é quente por causa do calor do animal, né? Levantar 4 horas da manhã, cobertura quando era tempo quente, certo? (um som não identificado) Era um clima bom não existe... essa... E na escola tinha uma professora que tinha um.... uma escola em Cachoeira Grande. Ela tinha uma escola, mas era longe e eu não tinha tempo de ir, que eu era empregado. Eu trabalhava até de noite. Aí, mas tinha um pessoal de Cachoeira Grande, essa professora tinha uma farmácia. Ela tomava conta numa farmácia de Dr. Antonio Veloso. É...em Itapeipu. E a noite vinha três moça e um rapaz pra ela dá o curso das 7 às 9...

I.: – Na cidade?

A.C.: - ... É. Na PAVERME. Das 7 às 9. E eu pegava, os trabalhos, mas a maioria dos dia só pegava... que eu não tinha tempo, mas 7 horas eu não tava pronto. Eu tava fazendo qualquer coisa. Aí, eu pegava de 8 às 9, só uma hora de aula. Foi nesse período assim de

duas horas de aula, uma hora, em 45 dias acabou tudo. Eu aprendi a escrever meu nome...

I.: – Aí, tudo o que o senhor aprendeu foi nesse período?

A.C.: – Nesse período... certo... Eu não pude continuar mais estudando porque... Em outro lugar, porque não podia sair que era empregado. Desde menino. Menino, era eu que carregava leite... na fazenda. E eu fui jóquei de cavalo. Corria corrida de cavalo. E eu fui crescendo e fui fazer outras atividades. Até que com 16 anos eu tomei conta da fazenda. (não entendi) quem dominava era eu. Roça e tudo (não entendi) limpar tanque, depois o carro, depois o que tem saído assim, botava o carro. Coro seco. Amarrava uma corda aqui. Enchia de lama. Chegava lá, o próprio boi derramava, virava e tornava a derramar pra nois bois encher, era bonzinho o trabalho (risos). Os caras ia enchendo com a pá e eu carregando. É por isso que de roça eu sei contar tudo. Depois... tinha uma vaca que tava... não pode nascer, o bezerro ta enganchado. Precisou chamar uma pessoa, que quando foi tirar o bezerro já tinha morrido. Esse foi um caso, uma vez é? É como gente também, se não correr pra dá assistência... deu a hora de nascer e... (não entendi) se não tirar... perdeu, que o bezerro, ele cria, no focinhozinho dele, aqui.

I.: – O senhor viu só uma vez?

A.C.: – Hum?

I.: – O senhor, só foi uma vez que o senhor viu?

A.C.: – Vi, só...

I.: – E já aprendeu!?

A.C.: – Aprendi. O bezerro nasce assim, ó. Aqui é o focinhozinho dele. Aqui é as juntinha, né? Das mão. Nasce as duas mão juntinha aqui. E vem com a cabeça aqui em cima, se quando a vaca dilata, atrapalha o bezerro. Ele por ali agoniado, se vê assim, ó. Só uma mão de fora, tá enganchado. A cabeça dele virou, aí tem que pegar, lançar, meter a mão, mas a vaca espreme, quando ela tá com força não tem homem, nem duas pessoas segura. Quando a pouco ela, olha assim, espreme e aperta. A gente vai com cuidado, quando ela acaba as forças a gente faz tudo. Agente conhece quando tá morto. Boto o dedo assim na boca, vê a língua, se ele meche com a língua, ou então aperta também. Quando bota que não vê movimento, já tá morto. Aí, desenrola ele, tira, bota lá. Fiz muito isso (não entendi), mas depois aprendi pelo campo mesmo... Eu vi na televisão.

I.: – Ah, então, o senhor assistiu foi na televisão, como é que fazia? (risos)

A.C.: - É... é...não.Eu aprendi antes da televisão.Nesse tempo não tinha televisão,nem nada não...

I.: - Ah,sim!

A.C.: - Mas,agora já sei muitas coisas. De pranta, como é que pranta, como é que trata dos animais com medicamento.Tirar sangue... quando vem pra exposição tem que tirar sangue.Que tem uma doença que...que ataca na vaca... no útero. Seca a... a... o útero. E a vaca não pega fio.E se o boi usar... a doença pega nele, chama-se Bucerosa. Se tiver Bucerosa num vai... tem que tirar o sangue, né? Pra vê. Tem a veia de tirar. Tudo eu fazia. Alguma coisa,eu vi na televisão o seguinte, a vaca tá com muita dor ela só tira o bezerro quando ela... já perdeu as força, sem movimento. Quando você empurrar lá, pra virar o bezerro, ver como é que tá. Ela espreme. Aperta mesmo a mão da gente,mas você coloca um varão.Um pau roliço assim, um tipo de varão (não entendi) ela tá deitada, você passa, duas pessoas, uma pega de um lado outro de outro, faz assim no lombo. Pega na juntinha do lombo,ó. Fica ardida e agente faz tudo lá dentro e ela não pode espremer... tendeu ? Aí, você desenrolou o bezerro quando ela espremeu, só é bota a mão aqui por cima e ele vem certinho...certinho...se tá enganchado não dá aí morre.

I.: - E assim, sobre o trabalho do senhor como Juiz de Paz, o que ,que o senhor fazia ?

A.C.: - Juiz de Paz é isso que eu estou lhe falando,no dia do casamento, celebrar o casamento. Sem ele não tem casamento, porque, quando o escrivão... ta os noivo aqui sentado, né ? Você é o escrivão, uma hipótese. Ele...ele... preenche toda folha de risco e aí tem que botar nome de pai, a idade da pessoa, tal, nas folha. Antigamente era duas folha, uma de um lado, uma de outro. Era uma dela e... dos pais da moça e do rapaz, mas hoje já é outro modelo, numa folha só coloca. Aí ele... pega a habilitação que tem o nome,aí espera... tá aberto a audiência... eu chego... todo mundo se levanta... eles se levanta... repita o seu nome, primeiro o homem. Antônio de José da Silva, é de sua livre espontânea vontade casar com dona Maria de Jesus ? É você e diz sim.E falta você. Você responde que sim, se disser que não, ai não tem casamento. Que é de sua livre espontânea vontade. Agora o resto eu sei de cor.

I.: - Como é que fala ?

A.C.: - Aí de cor... mediante o que vós acabaram de dizer. Eu Ataíde Cosme da Silva , Juiz de Paz em exercício. Em nome da lei vos declaro casados. Pronto, aí pronto...(risos) Aí, assina o rapaz, quem pega o final... a... a moça tem que pegar o nome do dele. Se ela for Maria de Jesus Sampaio e ele José Antônio da Silva, ela tem que pegar Silva, final do nome dele, troca o nome. Ela vai dizer como é que quer se é Sampaio, se é Silva... certo?... Aí pronto, ai assina o noivo, assina a noiva, assina os testemunhos . Depois dos testemunho, eu assino. Depois o escrivão (não entendi) Tem comunhão, separado. Tem comunhão de bens, parcial de bens. E tem comunhão com separação de bens.

I.: - E tinha mais assim, como? Mais separação...?(risos)

A.C.: - É porque separação, só via... uma vez,é um cara rico.Se engraça com uma moça pobre. A família dele aceita casar com pobre, mas não que, né ? Aí, coloca, separação de bens. Seus pais às vezes não tem aquele não tem aquele entendimento... porque se não a... se você acha que minha fia merece se casar com você... então você não quer. Não tem amizade a ela, só quer os bens, né ? Então... Mas muitos aceita separação de bens. Essa só vai ter direito depois de... Aquilo que ele já tem é dele e adquirido depois do casamento, pra frente, é dividido. Mas hoje já tem outro...outro... A vez já se modifica, hoje tanto faz ser casado como não. Tanto faz ser casado no civil como... como amigado.Tem o mesmo direito. Mesmo que não tenha filho mas o tempo, certo? Mas o casamento civil só é bom por isso, uma parte. Numa parte, nos indica. Que uma vez as pessoa se larga e fica casado,não pode se casar nem a mulher, nem o homem. Quem fosse não consegue, porque antigamente era cinco ano, parece que hoje... negocia. Negóciou, pronto (não entendi) porque se ele for casado no civil, ele não pode vender nada de... de imóvel sem a assinatura da mulher. Se ela não assinar fica difícil e ninguém pode separar (risos) a vantagem só é essa, né? Que muito joga fora, aproveita de quem tem...às vezes a mulher é bobinha e ele... vai vendendo,vendendo, pensar que não , já vendeu tudo.

I.: - É mesmo... agora, da onde foi que surgiu assim, porque o senhor trabalhava na roça né?...

A.C.: -Trabalhava na roça...

I.: - ... Aí como foi que o senhor começou... pra entrar nesse trabalho?

A.C.: - Foi um escrivão...foi um escrivão muito meu amigo. E ele me chamou.. pra trabalhar com ele. Eu digo: ô, rapaz não posso não que eu não tenho cultura. Então... Ele disse: não, o que você vai fazendo você... você... E o irmão dele era promotor, né? Você compra gado pra... sabe comprar mais que o promotor. Ele te chama para comprar, escolher a boiada que ele vai vender, o pasto máquina, tudo. Não tem prática? E digo: ô rapaz não quero não. Por que? Talvez vá atrapalhar meu trabalho. Ele disse: não, casamento é a noite, ele escolhe o dia e diga se ta bom, não impata não. Umas 4 horas em diante, chega o dia você... tá bom, ele me chamou. Eu digo: eu vou ver. Quando foi com oito dia ele tornou a chamar, aí depois eu pensei, ele ta... ta com boa vontade porque senão ele só chamava uma vez. Mas chamou as duas... eu digo assim, certo? Mas quem entrava de Juiz de Paz não tinha documento é político, você sabe como é, né? Por mais que você trabalhe para o político. O puxa-saco do político, aquele que puxa o saco. Ele diz oxênte, fulano votou nê outro partido, ele bota pra fora.

I.: - É...

A.C.: - Você votou no outro, pra você vê. Passava lá, é dois ano. Aí botava. Eu só vou se eu receber o... o documento... provando o que eu vou fazer. Aí vem no Diário Oficial de Salvador, aí teve um cerimonial, né? Tomei posse. Pra tomar posse, na época eu não tinha todos os documentos. Só tinha a identidade, CPF, é... casado. Eu, que já era casado, certidão de casamento. Atestado de saúde fui pegar... tinha que pegar a profissional, tem que pegar aquele outro documento é... certidão de não sei de que lá... revista sei que lá... eu... tenho tudo. Ai eu tirei tudo. Tome aqui o Juiz me deu a função, eu tirei os documentos, já tô com 26 anos, vou fazer em setembro. Entrei no dia 23 de setembro de 78. Agora em setembro completa 25 ano.

I.: - E o senhor... o senhor não parou, não?O senhor ainda trabalha de Juiz de Paz,ainda?

A.C.: - Continuo. O escrivão se aposentou. O cartório ta aqui em jacobina, mas que... vai voltar pra Itapeipu (não entendi) que cartório não pode acabar, é onde fica todos os documento.Aí, você vai pegar a 2ª via... qualquer documento você pode tirar várias.Tá no livro constando, a idade, quando foi que você foi registrado. Aí, eu procurei que ano, vai no livro... livro tal. Ta lá que...

I.: - Então o senhor foi esperto em (risos) botar assim,pra... tirar a documentação.Tudo certo...

A.C.: - É... é... Aí eu tô certo, tenho documento,tenho tudo. Eu tenho um documento assinado tribunal da Justiça de Paz... só não tenho remuneração, que não ganho do estado, mas as vezes eu não ganhava, na frete (não entendi). Tô trabaiando,me pediram até uma certidão e... posse... a moça foi dá uma busca no livro pra me entregar, no cartório, as coisa que eu tenho no livro...Aí, eu continuo,no campo, tendeu? Casamento eu não faço mais desse tipo, que o cartório era de Itapeipu e aqui já era área da comarca.Nós trabalhava no município de Itapeipu, agora no campo eu trabalho. De Jacobina abaixo, Junco, Capim...Capim Grosso não, que não é cidade. É,não pertence a Jacobina.Caldeirão Grande, Paraíso, Palmeirinha, (não entendi), neste a filha de (não entendi), aqui veio pergunta... Pra mim resolver em outro município, é uma complicação. Porque (não entendi).

I.: - Assim... é assim, com as dificuldades que o senhor passou pra poder estudar, né? Essas coisas,mas assim, como é? Do que o senhor aprendeu, como é que foi esse negócio assim, serviu pra...para vida do senhor, fez alguma diferença, assim, o pouquinho que o senhor aprendeu, essas coisas...

A.C.: - Serviu... não... serviu. Sabe porque é? Porque a gente... a gente ganha experiência com a própria pessoa, tendeu?

I: - E também com a vida, né?

A.C.: - É. Com a vida. Porque às vezes você se dedica naquilo. Se eu vou conversar com um formado. Eu pego muitas palavras dele. Tendeu?

I: - É bem esperto! (risos)

A.C.: - É, a gente vai descobrindo as coisas, aí... tendeu? Hoje... como é que diz? As leis se modifica. Hoje daqui a outro dia é diferente, vô chegando, vô chegando, então vô chegando lá.

I: - Então o senhor não teve dificuldades?

A.C.: - Não.

I: - Mas o senhor sabe ler, assim... seguindo a mente ou é só escrever, alguma coisa assim...

A.C.: - Não, não leio... muito... muito pouco, entendeu?...

I: - Muito pouco?...

A.C.: - É ... motivo, não teve, não tenho. Nunca de... depois disso aí, eu nunca mais peguei assim... só um jornalzinho, assim, tal. Mas, muito, muito pouco mesmo. Agora prática assim... pelo campo. Eu tenho, certo?

I: - Aí, já deu pra perceber que o senhor entende mesmo.

A.C.: - É exato, do campo entendo. Quando pensar que não, uma garrotada, né? Posição. Rapaz, criança. Atender eu sei. Conheço, de cavalo, de gado. Sei escolher o boi, reprodutor. Que raça que é. (não entendi) qual que é é mais de origem. A raça de vaca, Pequipi, é... Buserá, Holandês. É pretinha. Geos. E tem várias... várias raças. Tudo conheço. Uma vez, sempre que é posição, os cara me chama. Os fazendero me chama pra escolhe, eu digo: ô, rapaz tu não é fazendero. Não tu é que sabe escolhe, escolha. Quando trás o documento eu digo: rapaz (não entendi) todo pra vender, mas esse tem mais raça porque, já foi cruzado com vaca tal, que já tem uma origem melhor. E todos os boi hoje, que vai pra exposição tem registro como gente. Tudo registrado. É... se não, não passa. O cavalo Machador, esse que, tem o passo assim para trás é... chama-se Machador. O Ingreis, é para corrida. Tem velocidade. O Quarto-de-milha também, mas não tem rojão. O Parceiro é outra... outra raça. Aí, eu conheço tudo. De campo assim eu sei contar muita coisa. Como é que pode plantar lavoura, como é que faz com os animais...

I: - E o senhor, tem algum tipo de leitura, assim para campo?

A.C.: - Como?

I: - Assim, se o senhor tem alguma coisa, que o senhor gosta de ler é... procura saber... tipo assim... que algum livro, revista, o que é que o senhor gosta mais?

A.C.: - Ah! Eu gosto... ontem mesmo eu peguei no jornal, não, na revista de exposição de animais.

I: - Tudo relacionado a... a campo?

A.C.: - É... é o campo, ai eu vou ver a raça e lá explica tudo. A raça como é. E tal. O valor do animal. Teve uma exposição lá em Salvador, ontem eu peguei no jornal Pitangueira, viu? Que tipo de raça é, quando... Pitangueira é uma raça nova e tal. Leiteira. Aí marca tudo. Tem gente que num... eu gosto muito de ver, essas coisas assim... de campo ou lavoura também que a gente sabe, também. Atear a pranta, como é a maneira de cultivar, certo? Como é que aprica? Pranto. Como é que prepara a terra?

Tudo isso eu gosto de ler são práticas muito interessantes. Como é que se faz a muda? Entendeu? De laranja, banana... como é que enxerta?...

I: - E tem diferença, é? (risos)

A.C.: - Tem... tem diferença...

I: - Pra mim tudo é planta e plantação... (risos)

A.C.: - ... Cada... cada pranta, tem a primeira e tem a segunda, então tem... tem diferença. Como é que dá Barriguera? Tem que prantar. Como é que faz? O enxerto. Vai prantar uma prantinha de laranja. Cê compra aqueles pezinho, né? E a pêra é outro tipo. Você pranta limão. Esse limãozão aí. Que é até ruim pra suco. Quando ele tiver segurado, você vai fazer o enxerto. Serra aquela gaia, abre assim. Pega outra gaia da laranja coloca aqui. Bota o esparadrapo e deixa ela fermentar. E deixa ela, que quando sair aquele óio que vai sair chama-se ladrão. Da parte que tem o limão. Cê vai rancando tudo, vai rancando tudo, vai rancando, vai rancando quando ele pegou ele subiu, no pé de limão dá laranja. Faz uma parte de um outra de outra se quiser. Se não, faz dos dois enxertada um com o outro.

I: - Assim, no tempo que o senhor estudou o que é que o senhor mais gostava, assim de noite. Qual o interesse, mais do senhor aprender foi por que?... Assim, de insistir, né? Pra poder, pegar e ir pra noite, já que o senhor trabalhava durante a manhã...

A.C.: - É...

I: - Aliás, todo o dia, né?...

A.C.: - ... Como o tempo era tão curto, que não dava nem pra eu... eu aumentar a escola...

I: - ... Aproveitar...

A.C.: - Porque ela passava lição. Quando passava (não entendi). Estudar... o caderno qualquer coisa. Eu não tinha tempo. Amanhecia o dia 5 hora, o frio, depois o trabalho...

I: - Então era só durante a aula...

A.C.: - É...é.Era só durante a aula.Eu não pegava num livro facilmente pra ler assim... porque não tinha tempo.

I: - E as outras pessoas que iam também,era do mesmo jeito? Da roça?

A.C.: - Não as outras tratava de outra atividade.É, como era?... Eles ia pra escola de dia e a noite tomava curso, eles se desenvolveram mais.Uma colega minha bem aqui, ela era

colega durante o período, 41. E outros foram embora pra São Paulo... desenvolveram mais. Como tinha um, ele era meu amigo, mas família pobre assim... não tinha... Eu já tinha 16 ano e ele tinha 18... Eu,ô rapaz fala com a professora que eu quero aprender... tô loco pra aprender, não sei ler...nada... Quando eu vejo os outros lendo uma revista eu... ia aprender pra ser caminhonero...

I: - Um caminhoneiro?!

A.C.: - É eu falei com a professora... ai eu, Ivone chama seu Zé, vá chamar ele.Chamo ele. Seu (não entendi), eu não li... toda... é... ABC não.Ela boto logo nas...

I: - Nas frases?

A.C.: - É, ela boto logo num... num...é... no outro caderno, como é que da o nome? É...agora eu esqueci. Que o ABC é um livrinho pequeno assim...Ela me deu outro livro que já tinha as coisa.

I:- Ah! Caderno de caligrafia...

A.C.: - É... já tinha a caderneta, já tinha a... a...(não entendi) que era pra pessoa... pronunciar a palavra.Era mais fácil,ele tá vendo... o... animal que você quiser...

I: - Ah! Sei, ele é ilustrativo. Ele tem a fotografiazinha e o nome.

A.C.: - O gato e tal… É, como é que dá o nome? É... é, exato. Já tem o nome. E você ia se praticando. Porque no ABC não tinha...

I: - Aí, ficava mais fácil , também...

A.C.: - … Não tinha, ficava mais difícil, né ?

I: - Humm…

A.C.: - Aí…eu chamei esse rapaz, ele foi. E ele... ele só estudou 45 dias também, junto comigo. Aí foi...

I: - Então, todo mundo só foi nesse curso?

A.C.: - Aí, depois ele foi pra escola. Outra escola, fora. E que ele fosse (não entendi), qualquer coisa, foi embora pro Rio de Janeiro. Lá... mas foi pouco tempo .Foi... tempo que pegou de escola, não foi nem um ano, só. Ele foi embora. E foi escrever pra professora. Tava dizendo a ela que tava feliz, já... já tinha tirado carteira de motorista. Prendeu... foi trabalhar na oficina e da oficina ele aprendeu a dirigir. Quando ele foi embora, ele nunca mais deu notícia, nada.

I: - É assim. E o senhor nunca teve vontade de ir também, não?

A.C.: - Como? De sair?

I: - Sim, como esse.

A.C.: - Já tive vontade. Não de...de ir pra capital, essas capital. Eu tenho vontade de ir pro estado de Minas, porque Minas era a terra do gado. Uberaba, Uberlândia...

I: - O senhor gosta de gado mesmo hem?

A.C.: - É… Aí meu negócio era esse. Se eu ti... se eu tivesse estudado, eu tinha estudado. Se eu tivesse um... pouco mais ou menos desenvolvimento. Meus pais tivesse condição. Eu ia estudar pra ser veterinário. Eu ia lutar com gado, com animal. Veterinário é que cuida de animais... Que tem veterinário que tem a formação e as vezes não sabe nem fazer nada. Que um dia se encontrado com um colega meu. Eu fui assistindo. Ele mora em Itapetinga. Meu território é de Itapetinga. E ele, prendero com garrote, numa pista assim um 6 metro. E os cavalo em sela. Cada qual selava o seu cavalo. Tinha uns que não sabia selar. Veterinário. Vamo laçar, quem disse? Laça é como? Eu primeiro ajudei a laçar. Aí eles me chamaro. Lace aí. Laçava com velocidade. Botava eles pra correr, CHAP. Sem pegar na oreá, só nas ponta. Não sabia laçar. Esse rapaz tirou o primeiro lugar. Ele tinha um papel, mas não tinha a prática, nem nada.

I: - É...não tinha a prática do dia-a-dia,né?

A.C.: - Do dia-a-dia. E esse já foi criado em fazenda. O pai dele era fazendero. Boiadero. E já fosse criado, já tinha o caminho pra ele seguir. Como eu se soubesse receitar, isso eu aprendia rápido. Que eu já tinha a prática, já sabia como é que faz... Derrubar o gado oxé, eu... sei... lidar com isso. E mato. Ia com uma boiada pra Feira de Santana. Sei de tudo isso...

I: - Agora, o senhor saia d'aqui com uma boiada...

A.C.: - Com uma boiada. Era 8 dia de viagem. Nesse tempo não tinha caminhão daquele de carregar gado. Caminhão onde a boiada é criada, né?

I: - O senhor ia sozinho?

A.C.: - Não! Seis, sete pessoas. Um na guia. Que dividia a boiada isso tudo. E tudo era aberto. Primeiro dia, se o boi fosse embora, o cara... da boiada... Tinha o chefe. Diz: Fulano, você vai pega o boi. Dormia até no mato! Um dia o boi foi embora e... Botei o rastro assim. Ajeitei o cavalo. Deus me avisto, num vi, vi o cavalo. Quando derru... derrubei. Porque se for o cavalo eu fico... tem que parar em cima. Se não levanta, ele cai

levanta. Tendeu? Derrubou, caiu em cima, pegou ele, botou a mão aqui. Aí, se bate não levanta. Com a mão no pescoço. No que, ce laça, marra, já tava escurecendo, mas eu vou e fui dormir no mato. Dormir não, sentei, mas o sono não senti. No outro dia o boi amanheceu zangado, virando o cão. Bota uma gaze assim pra ele não enxergar nada. Agora pra tirar a corda é que é difícil. Porque senão a corda pega na careta, ele enxerga de lado. Aí, tira a corda da cabeça, amarrei uma no pescoço. Passa uma, chama-se ligeiro. Divagazinho, só pra... soltar e pegar o pano. O trio acompanha a boiada. Agora dois em diante, acabou. O gado tria na estrada. Ele vai embora. Hoje, não. Descarregou um caminhão aqui, quando é de noite no Pernambuco de tardizinha, pra mais tarde. E nem, nem, nem perto...

I: - Bem mais longe.

A.C.: - É. Eu já levei pra Pernambuco. De caminhão. Cavalo pra Paraíba. Pernambuco conheço um montão de cidade. Levei dois caminhões.

I: - Agora, o senhor vendia lá... em Feira de Santana?

A.C.: - Xi! Ao, nois vendia... Nós fomo pra Pernambuco, nois... quando chegamo lá, uma seca. Só vendemo dois cavalo. Aí, trocamo por ração por dois meses. Os animais. O mesmo veneno. Pequeno... é, Famandaroba, Filadélfia, Cansanção, Monte Santo, Queimado... e Capim Grosso. Pedra Alta e Capim Grosso fizemo reta. Por exemplo, só deu pra paga o frete e pronto. Mas gado, esse gado que nois levava pra Feira, já era negócio. Gado gordo. Chegava lá, prendia e vendia o gado. Quando a gente chegava lá o fazendeiro já tava. Ia lá, deixava a boiada e vinha me embora...

I: - Lá em Feira tem até um... como assim? Um boizão, bem grandão assim, quando vai chegando assim, um boi bem grande!

A.C.: - É Feira tem...

I: - E assim... quais são os fatos da sua vida que o senhor sente mais saudade?... De tudo que passou.

A.C.: - É do campo mesmo.

I: - É o que eu percebi, foi do campo.

A.C.: - O campo é bom demais.

I: - O senhor gostava tanto, né? Agora o senhor começou desde pequeno, desde menino?

A.C.: - Desde menino.

I: - O senhor nasceu lá na... na fazenda?

A.C.: - Não, era vizinho. Manhecia, trabalhava na fazenda lá perto de casa. Agora com 16 anos é que eu tomei conta, que minha mãe não deixava ninguém viver em casa de vizinho. Viam, trabalhava, a fazenda era perto.

I: - Ah! O senhor trabalhava numa fazenda de uma outra pessoa?

A.C.: - De outra pessoa...

I: - Aí, ia...

A.C.: - Nós morava, nós tinha uma rocinha com os terreninho, vaquinha de leite. Trabalhava todo mundo aí pronto. Trabalhava todo mundo fora.

I: - Aí, ia...

A.C.: - Meu pai era fazedor de cerca e eu carregando madeira. Meu pai trabalhava no chavamento a 42 ano, no tempo da mineração.

I: - Seu pai trabalhava de que?

A.C.: - Numa chave, cortando madeira e fazendo cerca.

I: - Ah! Também... também, ele trabalhava na mesma coisa assim, com roça...

A.C.: - E, eu carregando a madeira depois e botando, e fazia assim. Puxava varão, rolo de arame (não entendi), cavava buraco, puxava (não entendi). Não tinha cavadeira naquele tempo, pegava no cavalo (não entendi) pegando com capim. Serrava um pouco, tirando a terra. Hoje não se for na cavadeira, pa, pa, pa, pa, pronto. É facinho assim...

I: - Agora é muito fácil. E prático, né? E... assim da onde foi que surgiu nesse negócio assim... o... porque o senhor morava numa roça né? Aí, depois o senhor veio pra... pra cidade ou... Por que sua filha... o senhor mesmo diz, né? Seu orgulho porque estudaram...

A.C.: - Não, sim... é... é... exato, é... é... eu estudava em Itapeipu...

I: - O senhor morava na roça ou na cidade?

A.C.: - É... quando eu me casei, fui pra Itapeipu...

I: - Sim... na cidade.

A.C.: - Mas tinha roça, é. Continuamo trabalhando na roça. Com minha mulher trabalhando aqui na roça, na roça. Aí, já fui plantar como? Mandioca e feijão e milho.

I: - Quantos filhos o senhor tem?

A.C.: - Três.

I: - Ana e...

A.C.: - É. Duas Ana e Ovídio.

I: - A são duas Ana?

A.C.: - É... Ana Margarete e Ana Lúcia.

I: - E por que o senhor gosta tanto desse nome Ana?

A.C.: - Porque minha... mãe chamava Ana Josefa, minha sogra Josefa. Tendeu? Josefa Gomes São Paulo. A minha mulher, Maria Gomes da Silva. Era Maria Gomes São Paulo, agora passou pra ser Silva porque eu também sou Silva. E minha vó, bisavó chamava Virgínia. Meu pai Manuel Cosme da Silva. Meu avô Manuel Cosme da Silva. Minha Mãe Ana Josefa de Jesus. Minha... meu bisavô chamava... era Cospinho Pereira de Matos. Minha avó... minha bisavó era... Eugenia Pereira de Matos. Aí, eu achei bonito esse nome assim da família da gente. Meu sogro chamava Ovídio Gomes de São Paulo. Aí, eu botei Ovídio. Que era bom pra mim, ele. Era calmo, bom. Muito fechado, mas não tinha nada... de qualidade correta. Ele tinha a fazenda, tinha o carro de boi. Todos os fio trabalhava na casa de farinha, e... todo mundo usava o carro de boi. Pra levar os filho, fazer o seu serviço, (não entendi), pegava o carro essa semana, o meu carregava. Não custava nada, pra ninguém. O outro tarefava, trazia mandioca de volta no carro de boi. Acabava numa semana, um mês o carro de boi direto aqui. Não cobrava mais. É tudo da fazenda. Era muito bom pra mim. Aí, eu achei de bota o nome de Ovídio. E ele também graças à Deus... (não entendi).

I: - Mas o senhor viu em algum lugar esses nomes ou foi alguém que disse "Ah! Tem esse nome aqui".

A.C.: - Não. Lugar.

I: - O senhor viu em algum lugar.

A.C.: - Não. Eu vi o nome pronto dele. Eu mesmo gravei. Meu sogro.

I: - Não. Eu to dizendo assim o...

A.C.: - De Ovídio?

I: - Não. Ana assim...

A.C.: - Oh! Que não. Eu via... propriamente eu vi várias Ana.

I: - Tinha muita?

A.C.: - Muita Ana. Ana Margarete, Ana Lúcia, Ana Regina né? Eu achei que devia botar o nome dela esse mesmo.

I: - Não. É porque lá em Água Branca tem muita Maria. É um montão de Maria. É Maria disso, Maria daquilo...

A.C.: - É eu nasci no nordeste e na fazenda...

I: -... Aí, minha vó é Maria José. Aí tem Maria José, Maria Lúcia, Maria um negócio lá, Maria isso. É tanta Maria, que eu perdi a conta.

A.C.: - É que eu também, eu nasci na Fazenda Água Branca. Onde nós morava chegava Água branca.

I: - Eu tô falando é de uma cidade, ela fica lá em Alagoas.

A.C.: - Sim. Certo. Não realmente, esse povo mais velho tem esse negócio mesmo. Tem dois nome só, por que José Nilton. Nilton é nome próprio, né? Zé Antônio é dois nome. Eu acho que é. E aí depois da idade já vem isso. Antigamente, tinha um... um livro do pensamento. Quando o menino nascia, já olhava que data foi hoje. Bastião, Gerônimo, esses nome assim. Por isso que o povo do Norte... oi, o povo do Norte ô é José, Bastião, esse povo. Pode reparar que o povo do Norte. Todos os nome é assim. É Pedro, é Antonio.

I: - Livro de Pensamento?

A.C.: - É.

I: - É só... é só nome?

A.C.: - Era que in... insinava assim, as coisas. Tendeu? Mas hoje..., o povo botava o nome do filho pela aquela data que nasceu, ia no livro e olhava que nomizinho. Mas hoje não, você bota o nome que você quer.

I: - Não. Porque também, tinha muita coisa assim... coisa da Bíblia, né? Eles gostava muito de botar nome bíblico.

A.C.: - É exato.

I: - Aí por isso.

A.C.: - É por isso. Ou então um nome assim parecido da família, pra; daqueles nome... porque tem muita família que botar (não entendi) do pai.

I: - Fulano bi... é... neto.

A.C.: - É.

I: - Bisteno.

A.C.: - É bisneto, é.

I: - É filho...

A.C.: - Exato é.

I: - Assim...

A.C.: - Exato, porque o sobrenome é... esse é que claro que tem, né?

I: - É.

A.C.: - Mas as vez bota o nome parecido. Que as vez o cara, como teve lá em Itapeipu, ele até morreu esse mano véi. Emanoel Cedraz. O apelido dele chama Cedraz Filho. Já é filho precisava ele bota (risos). Mas tem muitos que a... que coloca assim.

A.L.: – Estamos mais ou menos onde aí?

I: - A gente ta conversando aqui sobre...

A.L.: – A história dele.

I: - É, a história de vidas, essas coisas.

A.L.: – Eu queria que ele no... nos contasse também assim... se na época que foi pra escola. O que era que mais gostava de fazer lá nas aulas. Se as professoras incentivam a ler e que tipo de livro elas... mandavam ler?

A.C.: - Ah! A primeira que eu li, foi a cartilha.

A.L.: – Ah!

A.C.: - Que do ABC não tem... Demorava a gente aprender, eu já com 16 ano. 14 ano pra 16. Tendeu? E... as... era a professora que colocava a cartilha, porque a cartilha já tem o nome da... das coisa. Como borboleta, um... um gato. E pronunciar as palavras mais fácil, né? E o ABC não tinha, só aquelas letrinha miúda a, b, c. Era cantar, menino sorria. E depois e... e... era da tabuada, eu gostava, porque os menino contava, outros contava no dedo se perdia. Tanto vez tanto, aí tinha aquele que não acertava, bolo.

A.L.: – E das histórias que... que... que tinha assim na cartilha e de... depois da cartilha que... que foi lido e apren... que aprendeu a ler a partir da cartilha, essas histórias, que tinha as imagens, né? Junto pra ajudar a perceber.

A.C.: - Tinha muitas histórias que eu, até, já, me esqueci hoje...

(risos)

A.C.: - As histórias de... de menino, bem novinho que calçava bota. Aqueles menino bem traquino, né? Mas que eu não gravei. Muitos anos que... O meu tempo foi pouco também.

A.L.: – O tempo que passou na escola não é?

A.C.: - Na escola. Só que... 45 dia. Eu pegava de... das 7 às 9, mas tinha dia que 7 hora eu não tava pronto ainda. Tendeu? Não tinha tomado... tava lá luta na fazenda. E foi uma escola na fazenda que eu aprendi.

A.L.: – E... e... e da... da... depois que se mudou da roça, que veio morar aqui em Jacobina, morou em Itapeipu...

A.C.: - Foi vinte e cinco ano.

A.L.: – Né? Vinte cinco anos em Itapeipu. Qua... quais foram as mudanças que... o senhor percebeu mais, em... quando volta pra sua... sua cidade, sua terra. Ou assim... em relação a educação, acha que melhorou?

A.C.: - Ah! Melhorou.

A.L.: – Colégio...

A.C.: - Melhorou.

A.L.: – ... Como era a cidade antes? Como é hoje?

A.C.: - Porque eu já morava na cidade. Que na roça só conversava com gente da roça. Não sabia nada. A vez era analfabeto. Só sabia conversar coisa da roça mesmo, que eu sabia. Não tinha outro... outro objetivo. Na cidade sentava lá e ia conversar com o promotor. Ia carregar gado mais ele. Ali na história, ele conversava no caminho comigo. E aí eu ia gravando as palavras. Tirava com padrinho Ricardo na loja. Nois e a gente arrumava o nome. Que era escrivão. E aí a gente vai pegando qualquer coisa, né?

A.L.: – E... e hoje, quando o senhor volta lá em Itapeipu, o que é que o senhor vê de diferente em relação ao que tinha naquela época, o que tem hoje. Como é que tá a cidade hoje?

A.C.: - Ah, hoje tá muito diferente.

A.L.: – Hum. O que mais assim tá... o que o senhor vê de mais diferente? Que...

A.C.: - Eu acho diferente porque...

A.L.: – O que até lhe lembra alguns fatos?

A.C.: - Porque lá... você lá... você ia no correio. Tendeu? Tinha o correio. Tinha a coletoria. Você via o movimento do povo. A história batend... Máquina não tinha naquele tempo. Era na caneta. Tendeu? Chegava clube no salão, que tinha, aqueles... pessoal ia jogar biriba qualquer coisa, ia conversar assuntos. Sobre política, sobre qualquer coisa e tal. E eu ficava por ali. Ficava observando. Hoje, Itapeipu ficou velho, aí não tem mais cartório, não tem nada. Só sai aquele povo... lá... novo. Só conversa umas coisa que eu não deve pra ouvi

A.L.: – Me diga uma coisa e... e nessa época em que o senhor fala aí. Como era? Que tinha coletoria, que tinha é... é... cartório, que as pessoas escreviam, que não tinha máquina de escrever. Tem mais ou menos quantos anos isso?

A.C.: - Ah! Isso tem mais de ano.

A.L.: – Mais de...

A.C.: - Isso foi nessa faixa de... deixa eu ver...

A.L.: – Que ainda não escrevia... não datilografava, num... Lá não tinha ainda máquina de datilografar.

A.C.: - É... Que ano? Deixa eu ver mais ou menos. É muitos... muito ano daqui pra lá porque passei 25 ano. Era na época de...

A.L.: – Na década de...

A.C.: - De 62.

A.L.: – Ah!

A.C.: - Em diante, 62 até...

A.L.: – Nessa época o senhor percebia se lá em Itapeipu tinha biblioteca. Se... se as professoras é... incentivava o aluno, os alunos a lerem. Levava. Se na biblioteca tinha um lugar assim, que lia e tinha livro ou não tinha isso assim.

A.C.: - Não, não.

A.L.: – E hoje voltando lá, o senhor já vê se...

A.C.: -... Já tem, isso aí já tem a diferença, hoje. No... Tem o ginásio, já tem um ginásinho lá. Hotel. A organização é outra. Tendeu?

A.L.: – E assim... é... qual da... da época do senhor é... é... era digamos... adolescente, que brincava. Quais era out... as brincadeiras naquela época que o senhor mais...

A.C.: - Lá que eu ia pra Itapeipu?

A.L.: – Mais freqüentes, sim... Ainda é... são brincadeiras que ainda existem hoje ou são diferentes das brincadeiras de hoje? Como é que se organizavam pra fazer as brincadeiras?

A.C.: - Não. Lá nós brincava... era de... o pescado. Nos olhos d'água, naqueles tanque ali. Mais eu gostava mais era de pescar. Menino ia jogar bola também. Jogava bola. Brinca... brincava de bola. E (não entendi) a história é assim mesmo. Não tinha o que.

A.L.: – E não tinha o... assim, vocês faziam mesmo os brinquedos pra brincar? (não entendi) Naquela época brincavam de gude. De... de... de pipa. Tinha essas brincadeiras na... naquela época?

A.C.: - Era de pião. É. Brincava de pião. De gude não. Que a gente fazia umas linha. Um quadro. Botava o pião. Aí tirava aquele pião com um (não entendi) né? Brincava de pião e jogava castanha também. Fazia a coisa de pé agachado. Uma de um, outra de outro, com uma maia com tantos metro pra ver quem derrubava.

A.L.: – Ah! Tinha que atirar com as castanhas?

A.C.: - É. Fazia um buraco também (não entendi) chutava, cê jogava longe, quando ce acerta é que ele faz um buraco. Caía na sua mão assim. Eu não entendo dessas coisas.

A.L.: – O senhor, analisando hoje, o tempo que... o tempo que passou na escola, o tempo que né? Que chegou já... já ta na... com seus 67 anos. Analisando hoje, aquela época e a época atual. Qual é assim, a necessidade que o senhor tem em relação à leitura? O senhor acha que... que a leitura lhe faz falta em sua vida profissional, pessoal?

A.C.: – Não. A leitura é tudo. A leitura é que... tendeu? A criança pega... pega o livro pra ler, ele ta dedicando naquele livro não ta olhando pra outras coisa que ta passando.

A.L.: – Por exemplo, outras coisas?

A.C.: – É... é... exato.

A.L.: – Que outras coisas seriam?

A.C.: – Hoje já mudou, modificou outras coisas que naquele tempo não tinha. Hoje já tem. Umas brincadeiras muito diferentes (não entendi) a professora sabe explicar, as outras eram tudo leiga não sabia nada, sabia sim...

A.L.: – Eram leigas e sabiam menos que a de hoje?

A.C.: – É... é. Exato. É que hoje é tudo mais desenvolvido. Tendeu? Até as próprias crianças já sabe até ensinar a outra. Aqueles mais desenvolvido. Não é?

A.L.: – Se fosse assim pra... pra ler, pra... pra ler livros ou revistas, o que o senhor escolheria? Qual é o seu gosto? Gosta mais de ler o que? Se pegasse para folhear e ler. O que é que mais gosta de ler? Cartas, livros, revistas... revistas que falam de que? Qual a que o senhor mais gosta?

A.C.: – É, a... a revista que eu gosto de ler. Eu gosto de ler, que eu pego umas que tenha pasto, jornais. Eu só gosto de cultura, pecuária, é só. Porque eu já sei o início daquilo. Então eu já pego mais coisas, certo? O gado de raça, como eu li ontem. Raças que tem que alguém não conhece. E eu já conhecia várias e hoje eu já conheço mais do que... ver o tipo de raça mais nova. É como a pitanguera, ninguém conhecia. O touro de raça, o PO, o PC. O PO tem mais orelha. O Holandês. O Indo-Brasil que é uma raça do mais graúdo. O Userá. É gado de peso e graúdo. Tem o (não entendi). Tem o Quativi. Não é leiteiro, mas é pesado. Tem boi que dá até 300 kg. Com 600 kg, 40 arroba.

A.L.: – E dos programas de televisão que o senhor assiste hoje, na atualidade. Quais são os programas que o senhor mais gosta de assistir e o que é que eles lhe ensina? O senhor acha útil por que o senhor aprende o quê? O que é que ele faz refletir em sua vida?

A.C.: – Prontamente o que eu acho. Que eu gosto de ver assim é agricultura. Como é que pranta? Como é que aduba a terra. Como é que enxerta, certo? Mesmo porque na televisão tem muitas... e outras coisas. As prantas que a gente não conhece. Que conhece aquilo. Pra que ela serve.

A.L.: – Então qual é o programa que o senhor mais gosta de assistir? É que fale sobre... será aquele Globo Rural?

A.C.: – É aquele que... sobre... É o Globo Rural, assim. Globo Rural, Rede Vida. Ensina muitas coisa boa. A religião, essas coisa boa assim.

A.L.: – E, quando o senhor assiste, quais são assim as reflexões que o senhor faz? O quê que tira de proveito para a sua vida?

A.C.: – Ah! Muito que eu aprendo. Muitas coisas, as vez eu não uso que eu não tenho a condição de usar aquilo, mas que... sei como é a maneira de agir.

A.L.: – O que por exemplo?

A.C.: – Ora, a própria lavoura. Como é que pranta. Qual é a lavoura que produz mais. Como é a maneira delas produzirem mais. Qual é... de primeira qualidade. Como é que usa (bate na mesa demonstrando).

A.L.: - Quais são assim… em relação a leitura e cálculo, conta. O que é que o senhor mais gosta de fazer? Se for assim... pro senhor pegar pra fazer. O senhor gosta de fazer o que? Ler ou fazer conta, calcular ou o que é?

A.C.: – Não. É fazer conta tudo. É.

A.L.: – O que é que o senhor sente mais prazer em fazer?

A.C.: – É a… a conta mesmo. É uma das mais necessárias. Tendeu? Que em todo setor cai. A matemática.

A.L.: – Depois que o senhor, assim, aprendeu a ler. O senhor costumava a... ler outros livros e revistas ou aprendeu a ler, mas nunca mais pegou nada pra ler.

A.C.: – Não nunca mais me dediquei, sempre... sempre na minha época eu não lia porque eu não tinha tempo. E mesmo uma vez tinha de... quando eu vim pra Itapeipu tinha tempo de ler. Mas não cuidava daquilo.

A.L.: – E se quisesse ler, tinha facilidade de encontrar algum livro ou revista pra ler, lá em Itapeipu?

A.C.: – É uma revista… pode ler alguma revista. Que na revista a gente colhe muitas coisa boa.

A.L.: – O senhor ler a Bíblia ou tem um livro que o senhor pega pra ler?

A.C.: – Eu num… não leio muito a Bíblia porque... só as parte de có. Porque a letra é muito miúda. E eu, quando vou ler, eu leio as duas parte. Que até impata a vista e eu não tenho óculos pra ver, porque... cansa a vista. Quando eu vou ler uma coisa, eu vou separando. Aquela revista que eu... eu já dei uma olhada. Eu leio uma parte, canso, depois eu marco o lugar e quando é outro dia eu leio a outra parte, né? Que a letra é muito miudinha, aí impata (não entendi).

A.L.: – Mas acha... difi... uma linguagem difícil de entender ou acha que...

A.C.: – Não eu acho pela pronúncia da palavra vai... vai descobrindo até... a evolução que tinha antigamente. Hoje já é outra coisa. Já mudou várias coisas, não é?

A.L.: – Da sua infância e da dessa... dessa... desse momento atual, quais são as... os fatos que o senhor mais guarda na memória? Que pro senhor foi significativo?

A.C.: – Bom, práticamente o desenvolvimento é a prática, né? Que apareceu muitas coisas moderna. Mesmo, a leitura mesmo. Que não tinha antigamente.

A.L.: – E, assim, de… de sua vida, da… de… da sua vida, da infância, da adolescência, das brincadeiras, depois que chegaram a mocidade. Qual foi? Quais foram, assim, os fatos as lembranças que... eu ainda guarda, assim, na memória. Que... que fazem o senhor recordar da... daqueles momento vividos. É de amigos. É de parte da história que aconteceu, que mudou o rumo do país? O que... o que mais lhe... lhe deixou marcado e que o senhor lembra?

A.C.: – Ah! Deixou mesmo, isso que eu tô falando. Sobre agricultura. Naquele tempo não tinha uma pessoa que... que indicasse como é a lavoura, né? Tem gente que cuidava. Que plantava lá banana a torto e a direito e tal. Não sabia (não entendi). Hoje já tem. E ta na televisão. O jornal. Ora, vem de Juazeiro. São Francisco, certo? Sai tudo, sai o peixe. Ali é o gado. É fazenda (não entendi). Tem animais, como é? E tal. A raça e tudo. A gente vai pegar, ler e ver como é. Tudo é bom.

I:- Antes tinha... o senhor contava assim com... assim com meio de comunicação, por exemplo, porque agora tem mais, né? E antes é... porque o senhor morava na roça. Tinha é... algum contato, assim.

A.C.: – Não. Algum contato eu tinha, é quando eu... quando eu encontrava com um amigo...

I:- Se recebia revista...

A.C.: – ... Que morava num lugar mais desenvolvido. E disse: Rapaz, eu fui em tal lugar. Eu peguei uma exposição e tal. Mas a exposição, ninguém falava naquela época. Feira de Santana, outro lugar, era minas Gerais. Não chegava pra mim.

A.L.: – Ma…, mas na sua... na sua... na cidade que morava, assim, costumava ouvir rádio, pra saber as notícias as... que tava acontecendo?

A.C.: – Não.

A.L.: – Não.

A.C.: – Não. Na minha infância, não. Não existia.

A.L.: – Não havia rádio?

A.C.: – Não. Vi um radinho, muito... muito tempo, quando eu vim prontamente pra Itapeipu.

A.L.: – E… e das coisas…

A.C.: – De 60 pra cá.

A.L.: – É por exemplo, do que ta acontecendo hoje, do país em relação a emprego. Em relação a economia, política. O que... o que é eu o senhor acha que precisa melhorar, o que é que o senhor acha que é preciso melhorar, o quê que o senhor ta achando que não ta bom no país da gente.

A.C.: – Bom. O que precisa melhorar é a política, porque... política é o seguinte; você olha tantas coisas que tem necessidade da política e o político não faz, certo? Ele não olha pra... pra progresso, pra fazer alguma coisa de bom pro pobre, um emprego, até na nossa cidade mesmo. Eles só querem da emprego a quem já tem. Tendeu? Não olha pra fazer um. Vamo fazer aqui um... uma fábrica de... de extrato de tomate, qualquer coisa que serve tomate adoidado, vamo aproveitar isso, dá trabalho aos pobres, ta cheio de serviço, fazer... manual, né? Que os pobres tão morrendo de fome. Vai dá a... uma cesta básica e come numa semana. E no dia-a-dia o que ta ganhando ali ta... tendeu? Vamo abrir aguada nesses meio seco aí. Vamo botar uma parte toda de trabalho manual, pra dá emprego ao povo.

A.L.: – Então pro senhor é, assim, o que ta mais... difícil é o desemprego e a falta de oportunidade para todos.

A.C.: – É, é exato, perfeitamente.Você...o povo fala da reforma, eu sou contra, por o que tão fazendo. Isso é um absurdo! Os sem terra é... tem gente dentro ali que tem fazenda. Por... você tem sua fazenda, é, você tem sua fazenda. Você é caprichosa, faz uma série de benefícios, cria todo tipo de raça . Vaca é aqui, uma boiada aqui. Tem seu trator pra seu... desenvolver sua fazenda. Abre poço, faz uma barraguezinha pra ter as sua coisa que você gosta. A fazenda é organizada. Os sem terra se acampa quebra a cancela, pega trator, quer ir pra dentro dos benefícios de terra, por que não vai pro mato lá, armar uma barraca lá no mato. Diz, eu vou trabalhar pra tá lá.

A.L.: – Mas sem terra? Sem ter a terra?

A.C.: – Mas eles não querem ir pro campo. Eles sonham invadi, querem invadi o que já tá feito. Num tá vendo os sem terra como é . Que tão matando gente.

A.L.: – Sim, mas eles querem encontrar a terra fazer isso que o senhor tá dizendo.

A.C.: – Mas, ele não querem dizendo que vão invadir não querem. Eles querem entrar nas coisa beneficiada.

A.L.: – Procuram as terras que não vê...

A.C.: – Ah! Eu quero...eu mesmo se tivesse aqui. Eu queria, dentro da minha possibilidade, essa terra aqui é sua, cê vai pagando parcelado, cê vai é produzindo. Fazer sua roça, pra criar suas galinha, seu aipim, sem arado, tudo. O senhor vai pagar parcelado. È essa que é reforma, não é tomar a terra dos outros, não. Que ninguém tem terra pra lhe dá, certo? Mas tem terra aí, que o fazendeiro tem 2000 tarefa de terra, só tem 200 produtiva, a outra é do campo aí. Como eu conheço lá em Itapeipu (não entendi) fulano é rico, uma pessoa que não tem nem 200 tarefa de capim.

A.L.: – E nem bota ninguém lá pra...

A.C.: – Nem bota pra dentro. Nem arrenda nem faz nada. Pronto. Tendeu?

A.L.: – Então nesse...

A.C.: – O pobre que trabaia, mas não tem. Eu mesmo se achasse um pedaço de terra. Não, muito. Que eu vi... pra entrar pra trabaia. Eu queria trabaia. Criava uma vaca, pranta um pé...de...de... pranta uma fruta. Fazer um ranchinho lá dentro e mora lá dentro, pra trabaia. Só que adoro roça, mas não tenho condição pra comprar. O rico não arrenda. Tendeu? Nem pranta, nem ele colhe e nem a gente.

I: - Nem deixa os outro.

A.C.: – É. Tendeu?

A.L.: – Me diga uma coisa, em relação é...é que o senhor aí analisou co...como é que ta mesmo agora...

A.C.: – A situação.

A.L.: – A situação atual. E...e como de... da época que... da sua época de jovem, pra... pra hoje a... a... assim hoje na maturidade. O que é o senhor acha que houve de melhora e qual foi, assim, o fato que marcou a vida do senhor. Que o senhor lembra de aconte... de um acontecimento que foi marcante pra história do país ou do mundo. E que... assim, lhe faz lembrar de... de refletir, assim o próprio país.

A.C.: – Bom. Uma vez, entrou um governador (não entendi) que fez... ajudou muitas coisa, mas outro como esse... Porque hoje vê, antigamente, cê não ouvia falar nessa evolução, nessas coisa de briga, que queria invadi coisa dos outro. O cara tinha um ranchinho dentro de casa ali, morava dentro da propriedade dos outro, fazia uma casinha de palha. Ali ele ia trabalhando, dividia a semana, o ganho pra comprar um quilo de açúcar, mas ali passava o que tinha,um pezinho de mandioca, fazia a farinha dele, tinha

um aipim, tinha uma abóbora e ia vivendo daquilo com sua família sem aborrecer ninguém. Hoje já é muito diferente, o cara quer... Se o patrão dá um pedaço de terra, ele quer tomar. o patrão não quer dá mais terra pra ninguém bota roça porque o cara as vez não quer trabaia, se apudera tantos mês ali dentro já tem o direito.

I: – Só passou 6 meses.

A.C.: – É, é, ai já pensou de fazer mal aos outros e aí ficou muito difícil, porque o pobre não pode comprar a terra pra trabaia. Os outros não arrenda. Tendeu?

A.L.: – E sem oportunidade da terra, não tem como produzir.

A.C.: – Não tem como produzir.

A.L.: – Não é possível se nessa situação atual...

A.C.: – É. Aí fica difícil pro pobre. Antigamente não tinha, você não via esses negócio de sem terra. Não, hoje...tem muita gente envolvido que tem.

A.L.: – Envolvido no movimento dos sem terra?

A.C.: – Do movimento. Tem. Que tem terra e tem tudo e vai lá pra podê adquirir, pra vender aquele imóvel que eles recebem pra dá pra outro.

A.L.: – Então, é...é...assim como tem muita gente que precisa, o senhor acha que tem outras pessoas envolvidas que acabam é... deixando com que o movimento fique...

A.C.: – Em greve.

A.L.: – A imagem do movimento acabe sendo, também, de certa forma maculado...

A.C.: – É, que nem uma greve aquilo.

A.L.: – Por que nem todo mundo vai acreditar que o movimento sem terra é, que realmente esse trabalho. Que a maioria quer.

A.C.: – É.

A.L.: – Mas o senhor acredita que...

A.C.: – Como é a maneira como eu vi em Santa Luzia ali. Eu viajando pra Queimado, muita gente antigamente fazia aquelas casa do governo. O governo financiava. Você tem quanto filho. Não, se tem condição de quantas tarefas? Dizia: 80 tarefa. Aquele fazia a casa, dava certo. Vá trabaia cê tem dois ano de garenha pra pagar a primeira pacela. Quê dizer que daqui a dois ano cê ia produzir a mão de obra, fica aquela rocinha dele todo... (não entendi) você podia paga um arrado ou um cachorro pra fazer aquilo. Toma um arrado de boi, um burro (não entendi). e esse dele beneficiário pagava mais 80,

comprava uma alejadinha e passava por cento e tanto. Desenvolvero. Mas é que eles entrava pra trabaia e cuida mesmo, não é querer passar aquele negócio pra outro, pra pegar meu dinheiro e... e gasta fazendo mordomia, só assim trabaia. Eu obervei muito isso, mas depois caiu esse projeto poque muitos pagava, outro não pagava. Um produzia outro não produzia. Aí ficou o negócio de malandragem.

A.L.: – Me diga uma coisa, no... no...na sua época de juventude é... quais eram a... as festividades, que o senhor ia. É... com... Qual era a música daquele momento? O que é que o senhor...

A.C.: – Gostava na música? Ah! Eu gostava de festa. Não perdia uma festa boa, não. Em Itapeipu. Que via aqui o... o...a banda daqui pra Itapeipu, de Riachão, Miguel Calmon. Eu não perdia uma. Me preparava pra aquela festa de São João. Tudo era de terno e gravata, se não tiver... tinha gente daqui de jacobina Artur de Iazinha, vinha outro que era rico. Não, paga algum... zero valor, mas quero entrar, não entra, aqui tem ordem. Amado ontem que botou essa ordem. Você quer um paletó? Lá em casa tem e gravata tem...

A.L.: – Ah! Só entrava com a roupa que era...

A.C.: – Era todos iguais.

A.L.: – Isso na festa de São João?

A.C.: – (não entendi) festa. Seresta essas coisa.

A.L.: – E quais eram as músicas mais tocadas na sua época? O Senhor ainda lembra?

A.C.: – Era seresta.

A.L.: – Seresta?

I: - E os cantores, assim, também ?

A.C.: – Tinha cantores também.

I: - Cantores de Forró? Daqui?

A.C.: – Era seresta.

A.L.: – Que ainda hoje canta?

A.C.: – Lá ia sanfonero. Tinha um palco, lá, tudo. Hoje canta, tem também, mas as música que a gente cantava era forró de São João. Que é essas músicas que nois cantamo aqui de brincadeira. Aquelas que já existia. Essa música velha. De seresta. Essa música nova hoje, que aparece aqui hoje, não tinha.

A.L.: – Quais eram naquela época as músicas mais tocadas e as mais da famosas, assim.

A.C.: – As músicas de Nelson Gonçalves, certo? Violão, (não entendi) e vários lá. Seresta, quando começa um vai chegando outro, né?

A.L.: – E qual era o cantor daquela época além de Nelson Gonçalves. Quem mais, assim na época (não entendi).

A.C.: – Os mais conhecidos era Roberto Carlos, Nelson Gonçalves. Que era os mais conhecido.

A.L.: – E... e.

A.C.: – Jeri Adriano.

A.L.: – Ah! Jeri Adriano, também.

A.C.: É. Antônio Marcos. Tem música dele que eu sei... de cor, sei.

A.L.: – Qual é a de Antônio Marcos que o senhor mais gosta?

A.C.: – É. Hoje estou tão triste, Precisava tanto conversar com Deus. Eu acho a letra bonita. Fala dos meu problema, talvez eu confessar todos os segredo meu, saber da vida, procurei porque ninguém me respondeu, se a felicidade existe realmente ou é um sonho meu.

A.L.: – O senhor acha a letra muito...

A.C.: – Bonita.

A.L.: – Bonita. O que é que essa letra...

(fita 2)

Ana Lúcia: - Falando que... é... na... no... de uma música de Jeri Adriano. Não, Antônio Marcos...

Ataíde Cosme: - É, Antônio Marcos e Jeri Adriano.

A.L.: – Né? Que gostava...

A.C.: - Que a de Jeri Adriano é Vamos viver essa noite, a noite mais linda do mundo, felicidade não existe, o que existe é momentos felizes. Quem não tem a ver... Toda felicidade. Cê tá aqui, depois, vem uma coisa lhe contrariar, naquele momento. Cê tira daquela música. Porque a música, eu acho que é a melhor coisa. Quem não gosta da música, não gosta de Jesus, porque cê tando ouvindo a música, cê tira tudo... Coisa ruim da memória, só tá ouvindo...

Ingrid: - Até cantando, né?

A.C.: - É, até cantando. Cê não tá ouvindo palavrão de alguém. Tendeu? E aí cê não tá ouvindo aquilo, e se cantar tira tudo da cabeça. Só ligado naquilo.

A.L.: – E... e me diga aí, quando o senhor falou da... desses cantores, mas o senhor se lembra nessa época dessa (não entendi) das festas, dessa época do senhor... de que tinha forró...

A.C.: - É

A.L.: – ... E teve algum... alguma banda, alguma orquestra que era famosa na época, que até hoje ou... não mais, estão fazendo sucesso?

A.C.: - Tinha... tinha. A 2 de Janeiro mesmo que era boa, que era conhecida aqui. Tinha... que ia tocar, também, outras duas era que ia tocar lá em Itapeipu. Cacique.

A.L.: – Hum! Aquele conjunto.

A.C.: - É o conjunto, que tem o outro que saiu. É... cajueiro. É... debaixo dos caracóis, essa música saiu lá, eles tocava. E depois os Cantinhoabes de Sergipe. Bispão de Feira de Santana (não entendi).

A.L.: – Mais ou menos em que década , eles faziam sucessos esses Caciques?

A.C.: – Esses aí, era na base, deixa eu ver... 58. Essa faixa dos 55 a... até 60,62 até 65 pra 90 depois foi caindo ai eles não foram mais. Não foram crescendo também. Mais os sanfonero, era Curitiba, que era muito famoso daqui. E tinha um... uma banda muito famosa de Miguel Calmon chamada Carrapicho, que tocava...

A.L.: – E de cantor...

A.C.: – Itapeipu criou uma banda.

A.L.: – Foi?

A.C.: – Foi. Foi a banda de Jacobina tocar em Itapeipu e Itapeipu ganhou. Foram de carro de boi. Vieram praqui de carro de boi. Não tinha transporte, não, naquele tempo. O carro de boi pegava... todo fazendeiro de lá tinha um carro de boi, vinha pegar mercadoria.

A.L.: – Aqui em Jacobina?

A.C.: – Em Jacobina. Trazia mamona, coisas pra vender aqui e voltava carregando mercadoria.

A.L.: – E essa banda de Jacobina, era uma banda que tocava músicas de serestas de...de...ou era uma...

A.C.: – É. Tocava músicas de micareta.

A.L.: – Ah! Micareta ?

A.C.: – É. Forró. Toda música.

A.L.: – Era formado por pessoas de lá de Itapeipu mesmo?

A.C.: – Era. Seu Argenário. E o professor chamava Brasilino. Professor Brasilino que ensinava tudo.

A.L.: – Que... que ensinou...

A.C.: – Ensinava música a gente, lá em Itapeipu. Quem quisesse aprender, aí Anadison tocava saxofone, mas vê que é tão velho, que eu não lembro de Licinho, é... Argel. Era dois irmão, Argel e Argenário Zesário.

A.L.: – Isso na década de 58?

A.C.: – É, 58 mais ou menos. Nessa época.

A.L.: – E, da, e... o senhor ouvindo as músicas de hoje. O senhor sente diferença em relação ao...a... essas músicas que o senhor tá lembrando ai?...

A.C.: – Não. As mais velha é melhor que algumas dessas de hoje. Essas músicas de hoje as melhores que tem era as que saia antiga, lá dessa época. Eu sei outras mais novas, certo? Mas é de Roberto Carlos, esses cantores que (não entendi).

I.: - O senhor chegou a escutar aquele... como é? Aquele cara que tocava, que era bem conhecido e tocava no...no arcodeon. Não sei, assim... daquela época, as pessoas sempre falam dele.

A.L.: – Na época de São João,o senhor... o senhor ouvia muito o forró de Luiz Gonzaga?

A.C.: - Ah! Ouvia. Luiz Gonzaga, eu ouvia. Luiz Gonzaga, eu gostava de baião. Luiz Gonzaga, o rei do baião .Conheço música dele (não entendi) eu gosto.

A.L.: – Naquela época, o que tocou muito dele?

A.C.: – Xeu vê... Mandacaru. E outras, e outras de Luiz Gonzaga. Quando morreu o gado dele todo ele cantou uma. A falta d'água , perdi meu gado, morreu de sede meu alazão. Tocou um cavalo que ele tinha, aí ele foi morto.

A.L.: – E retrato,né?

A.C.: –É, retrato. Ele foi vendendo, vendendo e foi embora num pau-de-arara. Tendeu? Levou um papagaio dele, um gato.

I.: - Eu tenho uma tia que toda vez que ela escuta essa música, ela chora.

A.C.: – Ah! Essa música é tradicional.

I.: - É que é a história da vida dela.

A.C.: – É... é.História de Luiz Gonzaga, o rei do baião.

A.L.: – E, ele canta, mas quem faz o poema é Patativa do Assaré. E... e...

A.C.: – É. E...e (não entendi) também era de lá. (não entendi).

A.L.: – Isso. Que toca, mas também comove.

A.C.: – É.

A.L.: – Se o senhor não vivesse aqui no nordeste, o senhor é... teria vontade de viver em que outra região? Ou o senhor não trocaria o nordeste por outra?

A.C.: – Não.O nordeste... de outra vez se eu tivesse uma condição, ficaria por aqui mesmo. Tinha uma fazenda e pronto.Eu viveria por aqui. Agora passeando também, tinha. Eu tenho vontade de ir é pro Pantanal, essa... meio de... Rio grande do Sul. São Paulo não. São Paulo não que é de fábrica. Só se fosse pro interior, aquelas fazenda bonita que tem no interior. Mas não na capital. Minas Gerais que eu tenho vontade de ir. Que é a terra produtora de gado. Uberaba... Itapetininga...

A.L.: – E aqui no nordeste embora... na época da seca, os gados nordestinos sofrem, de viver de acordo com a seca. Mas assim o senhor gosta do nordeste, acha também que o nordeste tem muita beleza.

I.: - E também, é a seca, né?

A.C.: – Tem... tem. É que o pessoal do nordeste... todo o pessoal do nordeste... se não existisse seca, como hoje já tá melhorando por causa das barragem. E o além de ser inteligente, são todos trabaiador. Ou em pecuária ou em lavoura. Eu já andei em Pernambuco, vi a fábrica que tinha de algodão, ne fazenda, maquináro. O cara (não entendi) de milho. O algodão lá saia e o caroço pro lado, já preparado pra ração. A ração de algodão. E usavam só a lã. Cada um maquináro largado ai. Poá causa da seca foi acabando. Eu fui numa fazenda e vi o maquináro, oxé, como daqui lá na fazenda de... detrais daquela... tudo largado ali. E a seca foi acabando, 2 ano, 3 ano de seca e não tinha como, não é? Não tem como viver daquilo.

I.: - Na década de 60 sei que teve uma década... uma seca...

A.C.: – Foi em 61.

I.: - Muito... muito dura, mesmo. O senhor teve algum problema aqui, com o senhor ou teve algum conhecimento?

A.C.: – É, aqui teve. Teve também aqui de... Mas aqui, sempre os terreno daqui, sempre passa dois ano de seca e não morre bicho nenhum. Hoje o pessoal tá mais se dedicando porque ninguém dava ração. Hoje cê pranta o milho e faz fio. Cava o chão, tendeu/ Pega o milho com espiga, com tudo. Se quiser pode dar pros filho. O milho já dá... (não entendi) e faz os fio. Cava aqui, um varete todo em volta, enrosca assim, pega o prato corta, coloca tudo, só não pode botar é molhado, ta enxutinho, corto, boto ele todo arrumado, ai depois cobre o prasco e não deixa entra lugar de entra água e faz aquela trinchera como uma cova de defunto, aqui.Pronto, a água vem dali, bate, encaixa ali e não molha nada. Ce tem comida arnazenada pra suas 50ou 100 cabeça de gado que cria num ano. Tiver seca de um ano, cê tem comida guardada, certo? (não entendi) não morre nada.

A.L.: – E no frio coloca- se também (não entendi) ou só milho?

A.C.: – Não, só milho.

A.L.: – Só milho?

A.C.: – É. Milho, capim elefante. Milho com pé com tudo. E o capim elefante, aquele capim que coça.

A.L.: – Quando o senhor é... vivia com sua mãe, que ainda era... ainda era menino. O senhor tem lembrança assim... se sua mãe lhe contava história assim... lhe contava, assim, alguma história, algum causo. Da região ou... ou.

A.C.: – Contava.

A.L.: – Contava, assim. E... e, que tipo de história?

A.C.: – Contava e o meu pai também contava.

A.L.: – Naquela época, contava...

A.C.: – Teve uma seca, meu pai pro sul em 32. Eu não era nascido. Andira é que era. Minha mãe ficou esse tempo todo de pé. Não tinha carro ali certo. Mas o... pai de... Julieta, uma turma de gente. Tinha... tinha chuva, nois tinha dinheiro. Não tinha renda de nada ali. Só tinha lavoura. Da lavoura tinha o que comer, ali (não entendi) uma batata. Meu pai foi pro sul e passou 6 meses. Pensou de vim embora, começou o tempo bom e votou pra casa.

A.L.: – E ele foi pra que cidade no sul ou foi pra roça?

A.C.: – Ele foi pra roça. Parece que foi aqui pra o sul da Bahia. De Itabuna de... para roça, para fazenda.

A.L.: – Na época que o senhor era menino. É... e tinha, tinha também é... aquelas brincadeiras de cantiga de roda, de folclore. Brincavam muito... desse...

A.C.: – Brincava. Um pegava um, uma cama daquele que quando terminava aquela parte, eu ia chamar o outro. Fazia a roda.

A.L.: – E as cantigas de roda, o senhor vê hoje as crianças brincando ou as brincadeiras já, hoje, estão diferentes dessas...

A.C.: – Tão diferente.

A.L.: – Brincadeiras. O senhor, hoje, que já tem netos, vê seus netos brincando de roda, de pipa, de pião, de... dessas brincadeiras.

A.C.: – De pipa, esses negócio, tinha sim. Tinha (não entendi) nois chamava de raia. Fazia com (não entendi).

A.L.: – E hoje, o senhor não vê os seus netos brincando com esse tipo de brincadeira?

A.C.: – Não, vejo. Outras brincadeiras que nós brincava também, como é... nós brincava lá mas não tinha ninguém pra comprar, era com couro de osso de mocotó. Fazia o boi. Aquele ossinho que eles tiram assim. E (não entendi) tinha um bodinho velho, um bodinho pra brincar.

A.L.: – Aqui agora não tem mais?

A.C.: – É. A coisa já modificou mais, que antigamente não tinha. A gente brincava de maracujá. Separava limão, maracujá, tudo de fruta assim pequena.

A.L.: – Pra fazer a brincadeira?

A.C.: – É a brincadeira. E cavalo de pau, os menino brincava muito também.

A.L.: – E me diga uma coisa. É... relembrando aí o que o senhor já falou dos seus pais, da época que... que foi criança, que morou lá na Água Branca, depois foi pra Itapeipu, casou já com seus 20 anos, já... já...

A.C.: – 26.

A.L.: – 26?

A.C.: – E sua mãe com 22.

A.L.: – Saiu de casa somente quando casou?...

A.C.: – Foi.

A.L.: – Ou os seus pais não...

A.C.: – Antes de eu sai, eu tinha vontade de sair. Não sai por causa dos meus pais.

A.L.: – Eles lhe proibiram?

A.C.: – Não, era porque, eu é que dava o sustento. A minha mãe trabalhava, trabalhava também, todo mundo. Minhas irmã trabalhava todo caminho, nois fazia roça pra nois, tudo bom de cara. Eu não vô...

I.: - O senhor era o filho mais velho?

A.C.: – Não. O mais velho era mulé. Era Andira, sou o segundo.

I.: - Mais alguém…

A.C.: – É o homem mais velho. Só tinha dois homem. Só é dois homem, eu e outro.

A.L.: – Qua… quais foram pro senhor as li... a lição que mais o senhor guarda até hoje de ensinamento de seus pais, que... que pro senhor foi que marcou sua vida, que...

A.C.: – Ah! Meus pais… meus pais, o seguinte, me ensinaram, a todos nós sempre não mexer com velho, nem bolir em coisa de ninguém. Se o menino chagasse com um brinquedo ou uma lata veia. Da... da vizinha, que... namorada eu tinha uma fila de casa, tudo de família, tudo parente. Casa de farinha da comunidade. Todo mundo que fazia farinha pagava mais barato.

A.L.: – Isso lá na Água Branca?

A.C.: – É. Perto lá de casa. Se nois ajudasse o povo que tarefava. Com carroça de pau assim, manual. Cantando batuque. Os mais baixo botava uns seco, outros lá. Só que não queriam papo. Aí, eu (não entendi) terra...

A.L.: – Trabalhava cantando?

A.C.: – Cantando. Eu… podia…Tinha uns seis caras aqui de manhã. Tinha Zé Galo, pai de (não entendi). Tocava todo final de semana. Ele fazia a melhor carraspada (não entendi) de galinha puxa. E ele vinha toda sexta-feira. E nois é quem ralava toda a mandioca e mexia tudo.

A.L.: – Então, sempre trabalhava pra ajudar os pais?

A.C.: – Como é?

A.L.: – Sempre trabalhava?

A.C.: – Sempre trabalhava pra ajudar os pais. Todo mundo ia (não entendi). Cada qual. Outro prantava a maiada de fumo ia pra casa a noite. A noite ia pra lá pra casa. No outro dia, fazer 3, 4 bola de fumo (não entendi). Contava história até 9 horas da noite e tal. Ia embora. Na outra semana, quando pensar que não, vamo pra casa de fulano de mãe véa. Depois chegou (não entendi), depois seu Nê. Tudo ali. Nois tinha uma roça que trabalhava no mato. Vinha 10, nois aprontava um mocotó, matava um frango, que galinha tinha aí.

A.L.: – Ah! Fazia mutirão?

A.C.: – Fazia mutirão. Pra semana vamo limpar a roça de fulano. Ninguém paga dinheiro pra ninguém.

A.L.: – E antigamente chamava mutirão mesmo ou chamava...

A.C.: – Era mutirão mesmo. Era digitoro.

A.L.: – Ah! Digitório.

A.C.: – É. Limpar o tanque.Quando secava a água da gente bebe, todo mundo ajudava. Era a pé. Era daqueles cestinhos, balainho. E... e a vez não tinha, só tem aquela funda, fazia aquela estaca de barro. Cada qual com baldinho de barro, jogava pra um, jogava pra outro, jogava fora. Ali era uma brincadeira.

A.L.: – Então... assim... é... pelo que o senhor me contou, além da solidariedade, todo mundo ajudava todo mundo.

A.C.: – Todo mundo.

A.L.: – É, quando (não entendi)...

A.C.: – É, exato.

A.L.: – ...Mas ao mesmo tempo é... assim... o que colhiam, trocavam entre si?

A.C.: – Não

A.L.: – Ou vendia uma para outra ou como era?

A.C.: – Ou vendia. Os produto vendia, mas todo mundo tinha as coisa. Quem não tinha uma vaca, o outro tinha. Nois tinha umas 5 vaca tirava, tirava 10 litro de leite. Todo mundo que não tinha vaca e outro. A maioria no rancho tinha. Quem não tinha, queria leite tirava. A banana, perdia lá os mamão e o vizinho falava to perdendo tudo. Tudo, ninguém vendia nada, não.

A.L.: – E de qualquer sorte, cuidava do vizinho (não entendi)

A.C.: – Cuidava do vizinho, leva pra fulano, é.

A.L.: – Ai, mandava. Digamos o que você não tinham, vocês iam pedir

A.C.: – Ia pedir. Mãe levava... porque o jeguinho... tinha um pessoal e ela levava pra feira pra trazer uma lata de querosene. E tanta delícia. Tanta aquela latinha, delícia. E levava cheia de fruta e leite pra dá ao povo. (não entendi) E vinha gente pra ajudar nois tarefar, pra levar beju.

A.L.: – Quando juntava pra limpar, como o senhor falou, que limpavam o tanque com aquele...

A.C.: – Balainho.

A.L.: – Com os balaios, quer dizer... é... é... tirar a sujeira e...

A.C.: – A lama.

A.L.: – É a lama

A.C.: – (não entendi)

A.L.: – E (não entendi). É... o senhor disse que... que era uma verdadeira festa (não entendi).

A.C.: – Era uma festa era. Juntava 10, 12, 15 pessoas.

A.L.: – E todo mundo trabalhava e era mesmo tempo uma brincadeira. O trabalho...

A.C.: – Brincadeira. É.

A.L.: – Não era uma coisa enfadonha, fazia que nem notava. Quais músicas eram que gostavam de cantar enquanto trabalhavam?

A.C.: – Logo, propriamente, na limpação do tanque não cantava música, só quando era pra fazer a roçagem, que era de junto, cantava. Era bom. Um (não entendi). Era muita música e tinha gente... no batuque, tinha outro (não entendi). No pilão também, precisava de 4 para pisar o café. Você tinha que dar uma pancada, o outro tirava e você (imita o som do pilão). Mas era bonito rapaz! Agora.

A.L.: – Ah! Todo mundo (não entendi) era bonito. Eles cantavam.

A.C.: – Cantavam, soprando café e tudo.

A.L.: – Eram assim como um grupo de roda, quadrilha, era tudo?

A.C.: – Era mais ou menos como grupo de roda. Um fazia... um falava outro respondia.

A.L.: – Como trova?

A.C.: – É como trova, né?

A.L.: – Mas o senhor não lembra nenhum?

A.C.: – Não lembro mais.

A.L.: – E... e me diga uma coisa. É... e quando se juntaram fazendo o (não entendi). Todos... todos trabalhavam junto, todos os outros irmãos, todos os meninos de... todos os filhos dos outros também. Então, não tinha escola ali por perto, ninguém ia pra aula?

A.C.: – Não.

A.L.: – Ninguém estudava?

A.C.: – Ninguém estudava.

A.L.: – Seus irmãos também não estudaram, não?

A.C.: – Meus irmãos foram pra Cachoeira Grande, estudar. Neidinha, Zefinha e Joãozinho e Juaninha. Agora eu já trabalhava, eu já tomava conta de fazenda, não podia ir.

A.L.: – Então os outros irmãos seus, ele botou na escola?

A.C.: – Já foi na escola. Já tinha escola em Cachoeira Grande.

A.L.: – E Cachoeira Grande ficava a quantos quilômetros?

A.C.: – Meia légua.

A.L.: – Meia légua? De...?

A.C.: – De... de...

A.L.: – Da roça de Água Branca. Então lá já tinha escola?

A.C.: – Já tinha escola.

A.L.: – E todo... e eles aprenderam ler. E gostavam de ler, traziam histórias que contavam de noite.

A.C.: – Trazia... trazia... trazia livro. História contava lá, lia as coisas.

A.L.: – Nesse... nessa época que... que eles estudavam lá em Cachoeira Grande o senhor notava se... se assim... se um gosto especial mais, assim, pra contar histórias ou era pra declamar poesia. Iam, assim, vendo seus irmãos, quando estudavam , demonstravam um gosto e... de contar essas coisas. Contavam?

A.C.: – Contava pra outro. Contava história.

A.L.: – Da escola.

A.C.: – É. Da escola, como era as brincadeiras deles lá. Tinha catecismo, tinha reza, tudo de reza.

I.: – Agora. Quem é que ensinava, assim, tudo de reza pro senhor? Ou vocês decoravam?

A.C.: – A professora. E minha mãe rezava também. Minha mãe tempo de... de... Era tempo de Semana Santa ela rezava, a noite em casa e tinha o acompanhamento de por todo assim,. Minha mãe rezava lá e acompanhava todo mundo rezando. Sempre tinha...

I.: – Lá tinha livros, assim, de rezado, sei lá?

A.C.: – É, tinha o livro de rezas. Tinha o catecismo.

I.: – O catecismo.

A.C.: – As moças rezava...

A.L.: – Além das rezas que faziam nas casas é... na sua... na sua região quando senhor, também, era rapaz ou menino existia aquela festa dos reis?

A.C.: – Existia.

A.L.: – De ir cantar?

A.C.: – É. No dia 6 de agosto (não entendi) Todo homem ceava na casa do rei. E as mulher acompanhava.

A.L.: – E todo mundo dava o que tinha condições...

A.C.: – É. E dava um presente ali. E tinha um... um palhaço e a... Tendeu? Ai cê guardava uma coisa pra da ele, ou em dinheiro ou qualquê coisa, um frango, uma galinha um negocinho.

A.L.: – O pessoal do reisado?

A.C.: – É. Ia juntando. Tá certo? Depois eles fazia uma festa na data no seminário do rei, fazia assim...

A.L.: – E sempre

A.C.: – ... O povo era muito católico lá, todo mundo rezava, ensinava a gente a reza. Ó, lá em casa menino tinha que aprender a reza, minha mãe ensinava.

A.L.: – Por sinal, sua mãe era católica, né? E seu pai também sempre trabalhou foi de roça, então o senhor ficava é com sua mãe, não é?

A.C.: – De roça. É. Meu pai trabaiou foi 42 ano numa fazenda nessas... 42 ano. Fazia cerca (não entendi), toda cerca foi meu pai que fez. Ainda tem cerca feita por ele. (não entendi) derrubava a madeira, lascava cada gaiona desse tamanho, gaiona não, era maçaranduba. Eu mesmo que era pequeno botava assim, aquelas cunha de terra, aqui

(faz o jeito) tava seguro. A marreta era um pau que não tinha um gancho e não lascava pra bater, suspendia o maior peso pra bater naquela coisa, até rachar. Eu fui crescendo, fui trabaiando puxando, que era menino nesse tempo não trabaiava. E eu fui pegando e fazendo qualquer coisa. Carregava um leite. Saia de boi.

I.: – E agora, assim, na adolescência do senhor é... o senhor estava conversando nesse instante falando das namoradas e eu fiquei com curiosidade é... o senhor escreveu muita carta de amor? (risos)

A.C.: – Não era muito de escrever não. Queria vê catar o nome. (risos)

A.L.: – E não mandava um bilhetinho?

A.C.: – É, manda um bilhetinho. De vez em quando mandava um bilhetinho.

I.: – E era o senhor que escrevia ou pedia ajuda alguém?

A.C.: – Eu mesmo escrevia. Tendeu? Mandava de vez em quando. Namorava...

A.L.: – Mas os...

A.C.: – ... porque a gente...

A.L.: – ... namoros escondidos?

A.C.: – ... morava na roça, mas tinha Cachoeira Grande que tinha um rio. A gente ia sempre de tarde. Pra tomar um banho de rio, da banho em cavalo, botar (não entendi) pra nada. E lá ficava, jogando sinuca e tal. Uma namoradinha por aqui. Toda semana, a gente ia duas vezes por semana, agora, no domingo é que ficava até mais tarde. Tinha o ceguinho e aí fazia matinê a tarde, arrecadava um dinheiro pra ele de 3 horas até...

(muda o lado da fita)

A.L.: – Então tinha um horário, né?

A.C.: – É, tinha aquele horáro.

A.L.: – Sempre de 6 as 9 o horário as moças podia ficar até aquele horário.

A.C.: – É. Os pais num...

A.L.: – Mas naquela época também não tinha eletricidade, não?

A.C.: – Tinha não.

A.L.: – Era tudo no fifó, na lamparina.

A.C.: – É. Tinha aqueles tipos de fifós que (não entendi).

A.L.: – então, assim, o... o... a diversão daquela época para moças e rapazes era ir as festas e reisados?

A.C.: – Tinha festa direto. Tinha aniversário, missa, tinha casamento, tinha a festa do casamento.

A.L.: – E essas eram as diversões...

A.C.: – Batizado, esses negócio. Tinha aniversário sempre e convidavam a gente ia. Eu levava meus... minhas irmã pra festa e minhas umas amigas. Os véi só dechava se eu levasse.

A.L.: – O senhor então, é o segundo filho de uma família de quantos?

A.C.: – De 6. Dois home e...

A.L.: – Vivos. Todos irmãos vivos? Todos casados?

A.C.: – Casados. Minhas irmãs me ajudava, quando era final... quando era São João todo mundo tinha sua prata. Comprar roupa, sapato e tudo mais. Trabaiava...

A.L.: – A prata era o dinheiro?

A.C.: – É. Meus pais compravam também pra eles (não entendi).

A.L.: – Se arrumavam também pra ir pro...

A.C.: – É. Quando se casaram a cada qual ele deu uma vaca.

A.L.: – Foi?

A.C.: – A Zumira e a Zefinha comprô uma máquina e ainda tem. No dia que sua mãe comprou aquela maquina. O vei Ovídio deu o dinheiro 10 conto na época. 71.

A.L.: – Nessas festas de São João que o público ia, todo mundo com suas roupa, era costume batizar o...

A.C.: – Batizava. Um monte de fogueira, batizava.

A.L.: – ... E o senhor tem... tem afilhados assim...

A.C.: – Tenho vários afilhado.

A.L.: – ... Que na época fazia como o padre falava?

A.C.: – É. Saltava pra lá, saltava pra cá. E um botava tição saltava.

A.L.: – Pra batizar os meninos de lá.

A.C.: – É. Fazia São João mandou três vezes pro lado de lá. E de Crisma também, não vinha um padre para... Crisma. Tenho muito batizado de Crisma. Valdilei, Benério, Maminho, tem um de compadre Almo, mora em Feira de Santana, telefona.

A.L.: – E lá em Itapeipu, nessa época, que não existia um padre que morasse lá, tinha missa, assim, de quanto em quanto tempo? Demorava de ter missa, das pessoas receber um padre lá?

A.C.: – Rapaz! Missa demorava, parece que era... era em dois em dois meses. O padre Alfredo fazia, parece que era de mês em mês. Ia de burro. Depois é que foi de carro.

A.L.: – Padre Alfredo chegou a rezar missa em Itapeipu?

A.C.: – Rezava. Dali ele ia pra outro. Ele celebrava lá, dali já ia pra outro... Itaitu, que olha até (não entendi) que mande. Capim Grosso pra lá e ele ia rezar missa no lombo de burro, aqui castiga com Sertão também. Andava de burro 50 ano. Trabaio 50 ano no lombo de burro. Pra fazer a feira e farofa. No sertão, o padre faz uma obra muito boa.

I.: – Quando eu vim morar aqui foi quando ele morreu. Morar aqui em Jacobina.

A.C.: – Agora teve um de Santa Catarina que se hospedava lá em casa. Que lá em Itapeipu 5 pessoas dava hospedagem ao padre. Essa semana ele tá na tua casa, esse mês na outra também. E o padre sempre fez permuta, padre. Ele chegou numa festa de São João de tarde, pra dormir, certo? Ele chegou pra celebrar a missa de 2 horas da tarde, almoçava lá, chegou 11 hora. E tinha um estagiante, chamava padre Osmário, Santa Catarina. Um chamava Vitor. E jogava sinuca e... tinha um cara, aí chegou lá, ele tinha uma casa grande com um quintal enorme. Fruteira, tinha tudo. Goiaba, pêra, abacate, a romã, mamão, pinha, limão. Ele chegou tinha uma arêa assim... bandeira tinha... que era São João e a gente (não entendi) tinha a festa da padroeira de lá dia 25. vigário o senhor vai dá licença que tem bebida aqui. Ele disse: que bebida cê tem aí? Que a vez a gente ajunta, todo São João a gente levava a bebida e o povo que ia na casa da gente. Acendia a fogueira. Fazer a fogueira assim na frente. Muitos querendo Bacardi, Serra Grande. Aí o estagiário dele disse eu quero Bacardi. Ele disse: Tem limão. Tem. Olhou perto, eu vou tomar uma Serra Grande também mais você. Tomou duas. Ó a bebida não pode-se beber muito.

I.: – O padre? Bebeu? (risos)

A.C.: – Bebeu. Duas Serra Grande com limão. Não é pecado. Pecado é aquele que vive só. Que se entrega ao álcool. Briga com a mulher quando chega em casa bebo. Não bota comida em casa e quer que ela dê comida. Esse não pode. Agora, outro que bebe por maldade, fazer... desenrolar, fazer mal aos outros, tomar os outros com a mulher dos

outros. Mas eu sou padre, eu vou almoçar, tomei duas. Vou rezar... vou descansar o almoço, vou celebrar a missa 2 hora da tarde. O que eu sei dizer é tudo decorado. Vou falar dos texto, pronto não é pecado. Pecado é...

A.L.: – (não entendi)

A.C.: – Sim, ai me disse outra coisa.

A.L.: – Na casa das...

A.C.: – Das... Jandira...

A.L.: – Hospedado?

A.C.: – Hospedado. Esse mês na casa... de Jandira, outro mês na casa de Delson, o outro Nê, Dora e Dona Davina. Napoleão falava: Vamo dá comida ao padre. É um dia de ser o melhor Hospitaleiro (não entendi) ele respondia...

A.L.: – O senhor já hospedou também em sua casa?

A.C.: – ... Que o padre não tinha maldade nenhuma, né?

A.L.: – O padre já tinha dormido?

A.C.: – É. Lá em casa, já. Não tô lhe contando o caso? Que ele bebeu pinga lá.

A.L.: – Ah! Foi lá...

A.C.: – Ele dormiu lá em casa, depois da celebração. Ele disse olhe... porque o padre veio pra aqui. Pra sua casa. O padre quer comer aquele tipo de comida que cê come. Não basta um rico compra uma coisa porque é pra agradar o padre, que vê um... ou que seja um escrivão, ou que seja um... um político, que seje um deputado, que seje um promotor. Não. Quero comer aquela comida de cê tem costume. Cê fez espero para mim? Não vigaro. A gente cria galinha. Aqui não tem geladeira, porque não tem luz, certo? A luz é de motor e assim é rápido não dá pra ter geladeira, acaba o gás, mas...

A.L.: – Que a luz só servia a...?

A.C.: – ... Agente mata um boi aqui no (não entendi) a gente compra carne, tem carne pra fazer um bife, cria um frango. Num tem espero. É tudo lá da roça o que a gente tem, pro senhô. Vigaro. Aí ta bom! Eu quero comer aquele tipo de comida que cê come. Aquele feijãozinho com carne. Aquele que eu adoro! Não vá fazer despesa porque vem um padre pra aqui não. O padre é uma pessoa igual a você. E eu gostei quando eu cheguei na sua casa, eu vi uma coisa que eu adorei. O que foi vigaro? Que casa grande! Tudo o senhor tem aqui e quando você me recebeu... eu disse: Eu venho lhe ocupa...

Pode entrar seu vigaro que a casa é nossa. E... ele... nas outras casa que eu vou... diz entre seu vigaro que a casa é minha. Aí, eu já fico triste... (risos) eu digo que a casa é nossa. Várias pessoas, é poucas pessoas que diz isso. Pode entrar seu vigaro que essa casa é minha. Volto atrás, a casa é nossa. E realmente, não é só minha com a minha família não, o meu amigo também pode ta... lá na casa que é nossa. Tendeu? Aí veio, gostou e conversou muito comigo, contou muita história. Tendeu? Da vida, eu também contei, também, história de campo a ele, qualquer coisa da família. Procurou sobre a roça. Viu o bolo de fumo, o que é isso? O rapaz como é que faz isso? Eu disse a ele como é que fazia. Que munta e outro vira, boto outro, tal e tal. Aí ficou muito satisfeito. O que eu colhia também. A lavoura. Ele viu um pé de mangaroa, não tem aqueles mangaroa nascendo? Um pé de... de chuchu que durou 8 ano. Na roça...

A.L.: – E mangaro é chuchu, é?

A.C.: – ... Ó, não sou bem certo (não entendi). O japonês me ensinou. Eu disse: olhe, pro pé de chuchu dura, você não molhe jogando água assim. Se você joga chuveirinho, você fura uma lata de prego e bota água aqui, que ele vai criar uma batata aqui em cima. Aquela batata, que você molhando do lado a batata, estrume. Sem terra, boa terra estrume de galinha. De galinha quando ele vira terra. Que de gado coisa queima, ou de gato também quando ele fica, você armazena ele e deixa ele cura ali. Que ele adura. Quando aquela... aquele vergalhão, aquela... quando coisa aquele cipó que seca, você arranque aquele, que ela afoió todinha seco, que vai nascer um grosso e pranto o chuchu, lá em casa tinha. A mulher vendia e ficava chuchu. Agora pegava! Adurou 8 ano. O mangaro é (não entendi) nos comia o mangaro. Tinha fava que vinha da roça. Tinha um feijãozinho de corda, tinha um aipim, tinha batata, tinha abóbora. Não faltava nada.

A.L.: – Agricultura de subsistência, né?

I.: – Então era bom também, porque o senhor aprendia, assim, as pessoas ensinavam alguma coisa e já usava.

A.C.: – É, exato é. E Jane... Jane de Marialda, ta em Brasília só que tem uma chácara só de verdura. O cara que trabaia com uma coisa, disse que tudo cê pode usa. Cria galinha, ovos cê pode usa. Pode mata um frango final de semana. A mandioca tá aí. Ele fezi... ele fez uma casinha de farinha daqueles com um rouzinho fabricava farinha, carroça aqui é da comunidade, é pra nois aqui. Se alguém tivé, vizinho precisando de uma farinha pode

dá. As coisa de tudo. Tudo da roça tinha, tudo. Ali a cha... chama-se a roça da comunidade.

A.L.: – Comunidade?

A.C.: – É. E todo mundo ali é da região. Faz uma roça ali e todo mundo tem que olha. Cela, lava...

A.L.: – O senhor falou que... é... que sempre plantou fumo, né?

A.C.: – É.

A.L.: – E naquela época o fumo tava em... frota produção, é... o... dava mais dinheiro, hoje num... não dá mais não? Hoje...

A.C.: – Dava... dava mais dinheiro. Hoje não. O fumo dava bem no tempo antigo. Eu não ganhava dinheiro porque... a dispesa. Não precisava vender fumo. Que eu fazia era, comprar o fumo quando tinha dinheiro e vendia pro senhor que já mandei um recado pra ele. E disse, Ave-Maria, quer que eu vá lá. De Irecê. Tá em Irecê. Chama Irineu Livoro. Caminhei na roça dele, logo Zumira conhece. Eu tenho lembrança dele também. É um grande fazendeiro. E ele passava 8 dia lá em casa. Vinha de carroça de burro, carregava lá em casa. Comprava pra ele e vendia nas casas, pra ele tinha lucro, porque de vende onde mora...

A.L.: – Nessa época que o fumo era, né? Era mais vendido, tava em voga aqui no nordeste. A compra e venda de fumo era destaque, né? Tinha muitos fazendeiros...

A.C.: – Tinha muito.

A.L.: – ... Muito agricultor. Produzia muito.

A.C.: – Produzia.

A.L.: – Que época foi essa, que o fumo...

A.C.: – Deu... Deu dinheiro? Foi a época de 50. 50 e tanto é... época de saca de fumo deposito de fumo em Cachoeira Grande. Valério...

A.L.: – Mas ele ficou... ele ficou até que tempo depois quando começou a... a...

A.C.: – Não, até agora.

A.L.: – Até hoje?

A.C.: – É. Até hoje. De dois ano pra cá é que caiu a produção. Daqui que... que muitos lugares não lavrava, certo? Hoje tem acre, tem vários e vários lugares que lavra de fumo.

Que antigamente eles ia compra fora. Tinha Feira de Santana, Geraldo Nunes, é... Santo Estevão é... Utinga...

A.L.: – Pois é. Essa região toda ainda produz muito fumo ou...

A.C.: – Produz.

A.L.: – ... Ou não mais?

A.C.: – Produz. Os Maratá que é uma fábrica que... que cata... a... por mês vinte mil quilo. Produção, vende os pacotinho. Que eles vinha comprar aqui, mas lá já lavra muito. Tão comprando lá.

A.L.: – To... todos os agricultores da sua época eles continuam?...

A.C.: – Não.

A.L.: – ... Com o fumo ou é outra atividade?

A.C.: – Não. Lá já mudaro de outro. Outro ramo de... Bom, continuaram até pouco tempo, uns 2 ano atrás. Aí já deixaro para trás, tem luga lá...

A.L.: – Lá de 50 até agora dois...

A.C.: – Dois ano, a produção caiu. É muito pouco não dá renda suficiente. Os outro cortado de pano, tão vindo e aqui não tem mais saída. O têxtil é muito barato, não compensa o...

A.L.: – Toda a produção...

A.C.: – A produção tem muita despesa. Com mulher pra trabaia e...

A.L.: – Então por que barateou?

A.C.: – Barateou demais. Mas já ganhei muito dinheiro. Eu mesmo quando cheguei em Itapeipu fazia rota mais Nalvo. Além dele comprar, prantava...

A.L.: – De sociedade?

A.C.: – Dez tarefa. Sociedade.

A.L.: – Sociedade.

A.C.: – Mas ele botava os irmão, Roberto, eu, Isaque, Nina e Alberto e ele. E ele não pegava em uma folha. E dividia o dinheiro aí (bate na mesa). Quem trabaia na casa dos outro tinha que amanhece o dia... E ele comprava muito. Zé de Arcúlano pegava o dinheiro comprava de gado e nois não via. Depois ia vende, marcava quantos quilo? Ia vende aquela produção de compra, dava segunda. Só vendia quando fosse segunda e nois continuava. Mas depois a gente viu que não vai dá...

A.L.: – A primeira produção era melhor que a outra?

A.C.: – É. Na outra roça nois produzia, Zé de Arcúlano só queria esse. Não queria fumo de corda que era de outra região, não dava bom.

A.L.: – De outra região não. Queria o de lá.

A.C.: – Não. Por causa da terra. E ele vendia novo e ele dava o dinheiro a ele e ele ia marcando todo tipo de fumo. O de vocês tal. Dava outra mercadoria.

A.L.: – E não dividia entre vocês?

A.C.: – Não. Dividia a outra mercadoria, mas quando ia vender a outra mercadoria, era a segunda.

A.L.: – Ah!

A.C.: – E ele pegou aquele dinheiro, movimentava com o dinheiro e nois num... só tinha a parte... e não... não tinha parte do dinheiro, não recebia dinheiro pra... pra aumentar nossa... roça. Quando dividia tudo, só tinha o dinheiro da feira da semana. Ia dividir comprava pouca coisa pra nois. Dividir pra muitos. E o trabaio, eu trabaiava tomava conta do depósito não era só uma extensão de meia, roça não. Eu morava lá, mas ele...

A.L.: – Toda a lavoura?

A.C.: – Tinha que pegar tudo. Fazer tudo. Manhecia o dia de 5 a 5. Eu quando chegava... é... de Feira de Santana, Santo Estêvão, ele vinha pra embalar aquela carinha pretinha assim, daquela borboleta que tinha grandona. Eles vinha só saia de noite por causa do...do imposto pra passa de noite no posto. E nois vinha embalar 500 quilo de fumo. De noite, tava deitado, 7 hora da noite, pegando no sono. E tem que ir. Um diz: - Eu não vô. Ai eu tinha de ir. Mas eu tenho que embala. Esse era um problema. Só teve saco quando ele... só teve saco Ana Lúcia quando eu voltei pra cá. Na volta ele me deu 4.700 de lucro. Feijão, nois batemo 350 saca. O que foi da minha roça quando eu vim, cá minha parte. Queria ele... cabô. Quando eu... quando a gente fazia, ia faze conta, eu tinha 50 conto de saldo. E eu trabaiando de dia a noite cansado, carregando...

A.L.: – A lavoura nunca deu dinheiro na verdade.

A.C.: – É. (não entendi). Trabaei demais e num. Trabaiava muito, que na roça de fumo manhecia o dia de 5 as 6 e pegando peso, bola de fumo. Tinha que muda 40, 50 bola de luga, todo dia.

A.L.: – Sem falar no cheiro forte.

A.C.: – E o chero forte. Era no leite.

A.L.: – Ficava muito doente.

A.C.: – Tomava leite e... cedinho eu levantava mais cedo, quem tirava o leite primero era eu. Tirava tomava logo uma canecada com mel, logo era com café... forte.

A.L.: – Não sentia dores de cabeça não? Nem nada?

A.C.: – Não. Eu já era acostumado. Não. Ai já acostumo.

A.L.: – Mas se... examinou?

A.C.: – Os que fumava, eles se arrombava. Além de tudo fuma.

A.L.: – Tem mais alguma pergunta Ingrid?

I. : - Não. Já deu pra pegar bem muita coisa. (risos)

A.C.: – Mesmo assim a gente gostava. Era divertido. Tinha muita mulé trabaiano. Na roça trabaiava 10 mulé e home também.

A.L.: – Mulheres e homens trabalhava também?

A.C.: – E oiando e quebrando.

A.L.: – E…e elas ganhavam por dia?

A.C.: – Por dia. Três conto por dia.

A.L.: – Três?

A.C.: – É. Mais a dispesa.

A.L.: – O outro dinheiro era de…de…

A.C.: – É. Nois tomava café e janta. E almoço.

A.L.: – Mas recebiam café e os outros...

A.C.: – É. Aquelas muie comia! Viu! ?

A.L.: – Mas que os trabalhador que contratava?

A.C.: – Era uns… Oxé! O leite é… era 10 litro de leite. As mulé tomava um cuscuz com leite, rapaz. Cada uma um pratão. E cada que ia partindo.

A.L.: – Mas elas viam a pé trabalha na roça?

A.C.: – A pé. Quando era de tarde...

A.L.: – Elas viam de Paraíso para as roças?

A.C.: – É. Mas (não entendi) tem... quando... sempre todo dia agente fadava lá com o caminhoneiro, quando era de tardinha alguém dizia leva as muié, lá.

A.L.: – Pegava carona.

A.C.: – É. Pegava carona.

A.L.: – Mas assim quantas léguas? Pra vim...

A.C.: – Meia légua.

A.L.: – Meia lé...

A.C.: – Não. Não dava meia légua, não.

A.L.: – De lá da roça, perto do Paraíso?

A.C.: – É, pra lá era... Um tantinho de povo do Paraíso. Mas mesmo assim quando elas viam levava um cesto e um saco de licuri na cabeça ainda.

A.L.: – Então, por isso que tinham tanta fome, né?

A.C.: – É.

A.L.: – Trabalham muito. Porque quebra o fumo. Vai pra roça...

A.C.: – Vai pendura de meio dia pra tarde, bota naquela gainha, moinho por moinho do saco. Foinha por foinha tira do saco. E eu na corda.

A.L.: – Como é que chama ali?É selva?

A.C.: – É Selva.

A.L.: – Vai pendurando pra depois o sol bater e secar…

A.C.: – É. Vai bater aquela gainha, um moi pra aqui…

A.L.: – Uma pra lá.

A.C.: – É.

A.L.: – Pra ir depois fazendo aquela... pilão.

A.C.: – Pilão é pequeno assim. E quando era a lavagem do feijão, arrancava o feijão, arrumava, botava no terreiro (não entendi).

A.L.: – Mas todas essas vivências suas e tudo aí que o senhor nos contou, se fosse pra voltar a fazer lavoura de fumo, tudo o senhor faria novamente...

A.C.: – Faria.

A.L.: – Ou não queria mais...

A.C.: – Faria.

A.L.: – E, ia tentar outra coisa?

A.C.: – Faria.

A.L.: – Gostava de estudar?

A.C.: – Gostava.

A.L.: – Mesmo sendo o tempo, que o senhor achava, pouco?

A.C.: – É. Gostava.

A.L.: – Até hoje ainda lhe dá... é... o senhor tem contato com as outras trabalhadeiras e...

A.C.: – Tenho. Elas tão trabalhando em Itapiramutá.

A.L.: – E conhece todas elas? Todas estão vivas?

A.C.: – As minhas colegas agora trabalham lá. E, cabou a lavoura e... Mandioca que lavrava também levava. Ganhava e fazia o biju. Trazia um pouco de biju. Farinha me dava.

A.L.: – E podia leva...

A.C.: – É. Nois podia acha… feijão. Todas recebia. Todas... ai dava o feijão pra elas leva.

I.: - Aqui tinha uma fábrica, mas era de mamona, né?

A.C.: – Mandioca, leite, carroçaria.

A.L.: – Aqui, era mamona.

I.: - Era mamona...

A.C.: – Mamona. Só que nem todo mundo usava mamona. E a casa de farinha é boa, porque todo mundo... come a menina, menino, até os pais...

A.L.: – A gravação. (não entendi).OK.

A.C.: – (não entendi) as outras tão trabaiando pros outro em Itapiramutá, panhando café, na safra vão todo mundo pra lá.

A.L.: – Ah! Mudou como acabou o fumo.

A.C.: – a maioria deles. É vão pra lá. Aquele (não entendi).

A.L.: – Sai daqui da...da...

A.C.: – Pra vim pra aqui, lá pra...

A.L.: – Pra Paraíso?

A.C.: – É. Umas 10 mulhe pra lá.

A.L.: – Itapiramutá.

A.C.: – É. Já tem gente morando lá.

A.L.: – Daquela época?

A.C.: – É, daquela época.

A.L.: – Mas todas são vivas até hoje?

A.C.: – Todas são vivas. Umas já se aposentaram, porque são mais velha. Já tem delas que mora aqui também e pronto.

A.L.: – Então agente agradece a entrevista vamos convida-lo certamente em outra oportunidade pra gente...

A.C.: – Fazia de tudo. Mas tem uma coisa que agente gosta mais. É mais fácil agente faze. É mais adivirtido.

A.L.: – O trabalho, né?

A.C.: – É. Quando eu vou visitar meu irmão, ele conta história e tal. Madeireira e tal. Ele é que estudava.

A.L.: – Que seu irmão trabalhava na roça.

A.C.: – (não entendi) o passarinho cantando.

A.L.: – E seu irmão continua trabalhando na lavoura?

A.C.: – Continua. É.

A.L.: – Mas não planta pra comer, né?

A.C.: – Não. Planta bem pouco agora. Só pra dá um pouquinho. Mas pranta, feijão e milho, mandioca. Criou uma vaquinha, ali tira um leitinho, tem a feirinha dele, que ele vende por semana (não entendi) ai vende na feira...

I.: - (não entendi)

A.L.: – (não entendi)

A.C.: – E a mulher trabalha na prefeitura fazendo merenda, no Paraíso.

A.L.: – No Paraíso?

A.C.: – É, e as menina estuda. E os filho tão tudo pra São Paulo. Só tem um co ele Todo mundo foi embora.

A.L.: – Tem mais alguma pergunta?

I.: - Não. Eu só perguntei se todos são iguais na vida, assim, do meio da roça, essas coisas.

A.C.: – Todos não.

I.: - Se tem algum na cidade?

A.C.: – Meus irmão tem. Dois em São Paulo. Duas em São Paulo. E o resto em São Paulo, já tão aposentado.

I.: - É que o senhor disse que eles tiveram acesso a estudo, né?

A.C.: – É, exato.

I.: - Aí, eu queria saber se eles tava lá mesmo,vivendo?

A.C.: – É. Foram pra São Paulo, se casou... a caçula se casou com um já casado. Só produziu um filho, uma filha e ele morreu, mas deixou a mesada dela. Ela se aposentou também numa firma onde trabaiou e vei mora a filha dela. A outra é aposentada, mora mais a filha, também é mais velha. E aqui mora outro, só tem uma fia também. É aposentada ela e o marido...

A.L.: – Morava em São Paulo veio embora.

A.C.: – Morava em São Paulo também. Morava há 17 ano lá...

Entrevista com Dona Edite no dia 08/07/2004 (Realizada no Centro de convivência do Idoso)

Ingrid: - ... memórias individuais e coletivas. Entrevista com Edite Sousa dos Santos. Então, aqui a gente já vai começar. É... queria primeiro, explicar a senhora... A senhora sabe como é que, é, né? É, assim, é um trabalho de pesquisa, no qual a gente tá colhendo, assim, as histórias de leitura. Aí, a senhora conta, o que, que a senhora quiser contar assim, a respeito do que a senhora estudou, se a senhora estudou. Ai é um trabalho da professora Ana Lúcia com... querendo saber, tudo isso sobre a leitura, alguma coisa da sua vida também, que é uma conversa, né?

Edite: - Eu entendo.

I.: - Aí agora, primeiro, para começar, queria perguntar a senhora, saber, o que é o significado da leitura na sua vida?

E.: - Bom, pra mim é muito importante, né? Apesar de eu ter estudado muito pouco, porque eu só fiz até o... a 5ª... o... a 5ª série, né? E na época eu morava também lá na roça, então eu... eu vi tudo, não foi muito, assim... não teve assim, muita... muito profundidade, né? Como um estudo assim, um pouco fraco. Mas, pra mim foi muito proveitoso esse estudo. Esse pouco mesmo, que eu aprendi pra mim foi muito proveitoso

esse estudo. Esse pouco mesmo, que eu aprendi pra mim tem sido ótimo, né? Porque, graças a Deus, eu, aprendi fazer uma carta, aprendi lê outra, né? Apren... Graças a Deus, sei mais ou menos, assim, um pouquinho de Português. Não sei muito, mas sei pouquinho e pra mim foi muito bom. Foi muito proveitoso.

I.: - E a senhora morava na roça?

E.: - Morava na roça.

I.: - Aí, a senhora veio pra Jacobina quando?

E.: - Logo quando eu vim pra Jacobina eu já tinha... 18 anos, foi quando eu me casei. Aliás, eu já tinha mais de 18 ano, porque eu fui pra... eu fui pra São Paulo com 18 ano. Eu não vim pr'aqui pra Jacobina, fui pra São Paulo com 18 anos. Então, lá, em São Paulo, eu me casei, aí voltei pr'aqui, quando voltei pr'aqui já tinha 21 anos. Quando vim pra Jacobina.

I.: - E a senhora veio morar aqui em jacobina por que?

E.: - É porque, eu... fiquei desempregada em São Paulo, meu marido também trabalhava lá, na época, ficou desempregado também, aí viemos embora.

I.: - Mas a senhora tinha familiares aqui, em Jacobina?

E.: - Tinha. Eu não. Ele tinha, minha... minha família é de Miguel Calmon.

I.: - Ah, sim. Aí ele vinha, aí então, por isso que a senhora veio pra cá.

E.: - É.

I.: - Então a senhora morava na roça, mas era na roça lá perto de Miguel Calmon?

E.: - Era, uma fazenda chamada Campestre, perto de Miguel Calmon. Aí ele morava, a família dele era daqui. (não entendi)

I.: - Então é... quer dizer que a senhora foi alfabetizada, a senhora num faz parte do grupo de estudo aqui? Daqui do Centro de Convivência?

E.: - Não.

I.: - É... A senhora sabe assim... lembra de alguma história, que naquela época, se a senhora estudava, que a professora costumava utilizar? Assim, dentro da sala... assim, tipo de mu... músicas, poemas, essas coisas.

E.: - Usava muito, mas eu não me recordo, que a minha professora, a minha primeira professora, ela era de Miguel Calmon também. Ela chamava Cesarina e ela qua...

brincava muito, assim, com a gente. A... a... naquela época, a gente recitava muito, fazia dramatização. Ai, mas eu não me recordo, assim, direito sabe? Porque tem muitos anos

I.: - Ah, a senhora, então, não lembra de nem um... nem uma... nem um poema, nem um... das declamações que fazia?

E.: - Não, eu até que me recordava... me lembrava de uns, né? Mas agora no momento, eu num... não tô lembrando não.

I.: - Ah, esqueceu. (risos)

E.: - Esqueci, é (risos) É porque é assim, muita poesia, não é? Que a gente aprendia.

I.: - Hunrum. E assim, que tipo de livro é, que a senhora costuma lê?

E.: - O meu livro predi... predileto, que sempre leio é a Bíblia.

I.: - A Bíblia, por que é que a senhora lê mais a Bíblia?

E.: - É porque eu sou católica e eu gosto muito de lê a Bíblia.

I.: - Engraçado, que eu tava pensando que a senhora era evangélica.

E.: - Não. (risos)

I.: - Aí eu disse, será... que eu fiquei pensando, será que tem algum, evangélico nessa pesquisa? Aí, eu disse, parece que é Dona Edite. (risos)

E.: - Não, eu sou católica carismática.

I.: - Ah, sim. É aí que a senhora faz parte lá do grupo.

E.: - Então nós carismáticos... É, a gente carismático, a gente senta e fica lendo a Bíblia. E eu gosto muito de ler, principalmente na hora que eu vou deitar.

I.: - Então, a senhora lê, todo... todo dia na hora que vai deitar?

E.: - Todos os dias, durante o dia, quando eu tô em casa, às vez eu leio também, mas o... é, eu leio mais a noite, que a vez, quando vai... Tem os neto que mora comigo, né? Dorme comigo. Eles não dormi, eu fico sozinha e aproveito, e eu já vou lendo e já vou... assim, meditando alguma coisa, né?

I.: - Ah, é... não sei se foi Simone. Parece que foi Simone que me disse, que a senhora tem uma filha que... Que um dia a gente, queria marca entrevista e não dava, porque a senhora tinha que ficava com seus netos.

E.: - É, é isso, mesmo.

I.: - É que eles mora com a senhora?

E.: - Ela mora... ela não mora mesmo, dentro de casa, mas ela traba... mora vizinho, perto sabe? E ela trabalha no hospital, então, coincidia que no dia de quinta-feira, é o dia que ela trabalhava o dia todo. Aí, a menina contaram que era... que ela tava de féria e não tinha com quem ficar, que o pai também trabalha. Agora, esse dia, não, que ela (não entendi)

I.: - Ah, e fora a... fora a Bíblia, que livro assim, é que a senhora costuma lê? Fora a Bíblia. Alguma revista?

E.: - Não eu já sei. Eu leio assim revista da Canção Nova. E...

I.: - Como é que a senhora consegue revista da Canção Nova? Não sei.

E.: - É, quando a gente é... é... fica sócio.

I.: - Ah, sim, fica sócio. Fica sócio pra poder receber?

E.: - Pra poder receber, né? Da aquela contribuição.Mesmo, uma contribuiçãozinha pouca mais, vem todos os meses, recebo revista.

I.: - E nessas revistas, é... que coisa que costuma aparecer. Essa revista é sobre o que, que eles falam, nas revistas?

E.: - Falam mais sobre Deus mesmo, né? Sobre o Evangelho, falam contam... é... Como é que se diz meu Deus? Eles contam testemunhos de pessoas, né? Que dão testemunho, que a vida era, alcoólico, outros era drogado e através da Canção Nova eles, se transformaram, né? Esse tipo de coisa assim.

I.: - E qual a parte da revista que a senhora, mais gosta, assim. É dessas mesmo?

E.: - Testemunho. Eu gosto muito dos testemunhos, que a gente aprende muito, né? A gente lendo os testemunho, a gente aprende muito. A gente que tem família, às vezes passa até aquilo pra um neto, né? Pra um filho. Fala pra eles que aconteceu, isso assim, assim. O que é pra... A transformação, né, das pessoas.

I.: - É que a senhora vê, que ali na revista são fatos reais, a senhora faz ligação?

E.: - São fatos reais é, com certeza.

I.: - Faz alguma ligação com a vida da senhora.

E.: - É, com a vida gente, com filho da gente, com os neto da gente.

I.: - Mas aí, explica pra eles, olha é assim. (risos)

E.: - (risos) É. Olhe fulano era assim, assim e melhorou através da Canção Nova, através de... Se é de religião, cura. Mas que a pessoa tenha uma religião, que geralmente

os jovens de hoje não tem religião. As vezes vão na igreja, quando acontece, mas não tem assim, uma religião.

I.: - A senhora não... Ei, vamo na igreja? A senhora não chama, não?

E.: - Chamo. Chamo muito, mas é... é difícil pra se levar.

I.: - Qual a idade de seus netos?

E.: - Uma eu tenho de... dese... A primeira, eu tenho de dezoito, uma de dezoito. Tenho um com 11, que mora praticamente comigo, que esse eu tento levar, ele vai, quando vai, só vai o dia de... game, que tem brincadeira, assim na igreja, aí ele vai pra brincar. (risos) É, e tem uma mocinha com 15.

I.: - Então a maioria é adolescente, né?

E.: - É. Só tem a menorzinha, tem 7 ano.

I.: - Ah, sim.

E.: - Essa que eu olho, quando a mãe, vai trabalhar.

I.: - E um fato, assim, que tenha marcado a vida da senhora, que a senhora se lembre? Assim, uma coisa que a senhora acabe lembrando e ache muito... ou que sente saudade ou que acha que foi muito triste. A senhora tem alguma coisa, que a senhora lembra, assim?

E.: - Não. Que eu... que eu às vezes, eu me recordo, que eu... fico, um pouco, triste, é na minha época, na minha adolescência, que eu perdi meu pai com 7 anos.

I.: - Com 7? Nossa!

E.: - Então, num... Passou muito tempo, a minha mãe se casou de novo, né? Aí, eu tinha um padrasto, e o padrasto ciumava muito de mim, e sabe, a gente quando é ado... adolescente, a gente que passear, a gente quer dançar, a gente quer namorar, né? E ele ficava sempre no meu calo. (risos) Sempre assim, nos meus calos. Atrás de mim, parecia uma sombra. Então era... eu não tinha liberdade pra ir numa festa. Pra mim ir numa festa tinha que ir escondido. (risos) Assim, pra namorar, às vez, era eu na frente, ele atrás de mim, me seguindo. Então, isso, assim, me marcava muito né? Me marcava muito e eu tenho... não tenho saudade dessa época, não. Tenho, assim, até... até trauma. Chego ter... até hoje, fiquei com trauma, assim. Mas, e... o trauma, o... e assim, o... a... a minha vida, a maior parte da minha vida foi assim, que trabalhar na roça, sabe como é, né? Trabalhava na roça, que não tinha, quase liberdade. Mas, graças a Deus que eu fui pra

São Paulo com meu irmão. Meu irmão casou, veio casar aqui, ele morava lá, veio casar aqui em Miguel Calmon. Eu fui com ele, aí lá graças a Deus comecei a trabalha e aí a minha vida foi outra. Aí, já tinha mais, assim liberdade, já saia, já... Foi quando eu me casei também, voltei pr'aqui aí meu marido, não era muito de pegar no meu pé. Ai graças a Deus.

I.: - Então deu sorte no casamento. (Risos)

E.: - É (risos). Não dei muito... muita sorte assim com ele, que apesar de tudo, ele bebia muito, sabe? Ele bebia muito, então quando ele bebia umas e outras, ele ficava, assim, meio agressivo. Mas diante disso, também, comecei a trabalhar. Eu trabalhei, ali no colégio Deocleciano vinte... vinte anos, mais de vinte anos. Então é... assim que comecei a trabalhar, aí pra mim melhorou a minha vida.

I.: - A senhora trabalhava de que no Deocleciano?

E.: - Eu trabalhava... trabalhava assim com cadernetas. Pra... Entregando cadernetas ao professor, separando as cadernetas, assim.

I.: - Ah, na secretaria?

E.: - Na secretaria.

I.: - Ah, que também a senhora estudou e pensei que a senhora era professora.

E.: - Não, não.

I.: - Trabalhava na secretaria.

E.: - E, foi lá mesmo, trabalhando lá, que eu desenvolvi, mais, meus estudos. Sabe que a gente vai trabalhando vai aprendendo, não é?

I.: - Ah, no contato com as pessoas, assim.

E.: - Com as pessoas, né?

I.: - Aparecia gente que estudava, aparecia gente que não estudava.

E.: - Pois é, e se a... também, a gente ali, trabalha... mesmo no trabalho, a gente trabalhando com aquelas... com aqueles diários. E tendo que fazer às vezes... O meu marido trabalhava tam... lá também. Às vezes eu ia ajudar ele fazer, assim, uma transferência, né? ele ia me... me orientando, eu fui pegando, assim, muitas coisa, eu aprendi lá, através do trabalho.

Ana Lúcia: - Fazendo as transferência do COMUJA, né?

E.: - É. Do Deocleciano... Deocleciano.

A.: - Foram muitos anos, não foi, trabalhando lá?

E.: - Vinte e poucos anos.

A.: - Foi?

E.: - Foi.

A.: - Então foi (não entendi) anos.

E.: - E aí é que vai aprendendo, né?

A.: - É.

E.: - A gente vai aprendendo a...

A.: - A gente vai fazendo o possível (não entendi)

E.: - Vai aprendendo é. E a gente vai... Quando a gente tem ao trabalho, a gente vai se dedicando, cada vez mais, né?

A.: - E quando foi que você descobriu o Centro de Convivência em sua vida?

E.: - Tem uns 3 anos.

A.: - É?

E.: - É. Uns 3? Acho que já tem, é já tenho 3 anos. Foi logo no início, quando eu entrei aqui tinha pouca gente. Acho que eu (não entendi) Pó... podia ter umas 8, 10 pessoas aqui. Foi logo no início.

A.: - O que é que você mais gosta de fazer aqui? Quando vem aqui?

E.: - Eu gosto de bordar. (risos)

A.: - É?

E.: - É. Eu gosto de borda, além de bater papo (risos). Que é gostoso. Mas eu gosto, assim, de fazer um bordado. Vagonite.

A.: - É.

I.: - Então, é por isso que prefere bordar aqui.

E.: - É, eu gosto de fazer Vagonite, que eu aprendi, justamente, aprendi aqui, também. Vagonite, Ponto de Cruz, aprendi aqui (não entendi).

A.: - Mas, também, participa lá das aulas da professora ou não?

E.: - Não, não. Lá somente as pessoas que é analfabeto, mesmo, né? Que não...

A.: - Que vão começar, que o sonho, já é lê? Chega em casa consegue ler uma história.

E.: - Pois é, mas eu graças a Deus não precisei isso não. (risos)

A.: - Você já... já completou a caminhada, né? Costuma assistir tv?

E.: - Costumo.

A.: - Quais são os programas que você mais gosta?

E.: - Meus programas já tava falando aqui. Meus programa... Eu assisto... Bom, quando os filho tá em casa, aí, porque, eu não tenho outro jeito. Aí, eu tenho que assistir uma novela com eles, né? Mas eu não gosto muito, não. Filme também, eu não gosto, porque eu não entendo. Então eu assisto sempre a Canção Nova. É o canal, né?

A.: - A Canção Nova é... é na Rede Vida ou não?

E.: - Não. Tem a Rede Vida e tem a Canção Nova.

A.: - E tem, mais, essa.

E.: - É. Que é do...

A.: - Do Pastor?

E.: - Carismáticos.

A.: - Ah, carismáticos. Você é católica?

E.: - Sou.

A.: - E costuma lê a Bíblia assim em casa?

E.: - Costumo, costumo. Acabei de fala pra ela. Gosto muito de lê a Bíblia, é o meu livro predileto.

A.: - Ah, pra você (não entendi). E além da Bíblia, que outros livros, assim, você desde mocinhas, lia, gostava?

E.: - Bom, antes deu conhecer assim a... Porque, antes deu conhecer o grupo carismático, que era... Toda vida fui católica, mas não lia muito a Bíblia, né? Então, eu gostava de ler, muito, assim, essas revistas. Era Veja, era aquela... Uma outra meu Deus, tem a Veja tem...

A.: - Istoé?

E.: - Não.

I.: - A Caras? (risos)

E.: - Aquela... aquela que eu lia mais era a Veja mesmo, né? E além da Veja... da Veja tinha uma outra meu Deus do céu, que eu gostava muito de lê.

A.: - Cláudia?

E.: - Não.

A.: - Capricho?

E.: - Capricho. Era gostava muito de lê. (risos) Nas historinha, assim, engraçadinha, né? Também gostava de ler.

A.: - Servia também pra... pra... uma leitura, mais prazerosa.

E.: - É.

A.: - Que é um... um (não entendi) mais diferente (não entendi)

E.:- É, com certeza, é.

A.: - E aí você pega uma história numa revista Capricho, e você vai ler, pra reler (não entendi)

E.: - É. É gostava muito de lê a Capricho.

A.: - E... e na... na escola, assim, quais... quais eram os livros que você, mais gostava? Sua professora costumava incentivar vocês a lerem, a declamar poesia, ou isso tudo não fez parte da sua história?

E.: - Não, fez. Porque como eu falei pra ela, eu aprendi a ler na roça, que eu me criei na roça até a minha idade de dezoito anos, eu morava na roça. Então a gente... A professora da gente, ela era lá de Miguel Calmon e ela gostava muito de, assim, de dramatização, de... a gente fazia drama, essas coisa, né? E, a gen... Eu aprendi muito, mas no momento, até tava falando pra ela, não me recordo, nem uma assim que eu...

A.: - Nem um livro que tenha marcado sua vida, um romance, não?

E.: - Não. O livro que marcou minha vida foi matemática, que eu nunca gostei. (risos)

A.: - Mas uma história um livro, não? Não ficou marcado, nem romance, nada? Nem uma poesia, assim, que declamasse, que você se lembra, ai, de alguma coisa assim?

E.: - Tinha poesia... tinha aquelas poesia bobinha, assim, de criança, né? Como aquela que dizia... Ai meus Deus...

A.: - Das mães? Quando chegava perto do dia das mães é que tinha, né?

E.: - No dia das mães, é?

A.: - Que elas também ensinavam.

E.: - É... Às vezes me recordo. Agora. Às vezes até eu lembro, alembro assim, né? Quando eu tô em casa. E às vez até eu lembro de alguma poesia que... que a gente gostava muito de recitar, mas agora eu num.

A.: - Não tá recordando.

E.: - Não me recordo, não. (risos)

A.: - O... o... Me diga uma coisa. A escola que você estudava tinha biblioteca? Vocês costumava ir na biblioteca pra pegar livro pra levar pra casa pra ler?

E.: - Não, não tinha. Não tinha nada, que escola de roça, na... aquele muito tempo, né? Muitos anos atrás, não tinha livro.

A.: - Então assim, todos os livro, tudo que via, era... trazido pela própria professora, né?

E.: - Professora ou então a gente comprava.

A.: - Ou vocês compravam. Mas ela costumava incentivar você a ler? Gostava de ler com vocês em sala?

E.: - Incentivava, incentivava. Principalmente essa minha primeira professora. Ela gostava... ela incentivava muita gente a ler. Ela era como professora, meio rigorosa sabe? Ensinava muito.

I.: - A escola era na roça ou...

E.: - Era na roça.

A.: - Então to... todos que moravam perto, vem, né?

E.: - Vinha, é. Tinha o prédio vinha. Lá, hoje, eu acho que ainda tem.

A.: - Onde é?

E.: - Campestre.

A.: - Onde fica mais ou menos, perto de onde?

E.: - Fica perto... Tem Miguel Calmon...

A.: - Depois de Miguel Calmon?

E.: - É depois de Miguel Calmon.

A.: - Então é município de Miguel Calmon?

E.: - É município de Miguel Calmon.

A.: - Certo. Mas até hoje tem, né? A escola.

E.: - Até hoje tem. Ainda... Tem muitos anos, que eu não ia lá. Agora a minha filha veio do Rio a uns seis meses atrás, aí nós fomo lá. Até tiramos... Nem conheci, mais, né? Muito diferente, mudou muita coisa.

A.: - Tá bem maior ou já tá com muito mais habitante?

E.: - É, tá. Tá, assim, tá um pouco maior, né? Que na... na minha época não tinha água encanada, não tinha energia, uma televisão. Não tinha nada. Hoje o povo tá tudo civilizado. (risos) Tem televisão, tem água encanada, tem luz, tem tudo, né?

A.: - Lá no município já tem tudo isso?

E.: - Já tem tudo isso.

A.: - Tem serviço de telefonia?

E.: - Tem, tem. Tem, que andando por lá, eu vi os postos telefônicos de orelhões, por lá assim.

A.: - É... é... assim, na sua vida profissional des... desde que você foi trabalha no Deocleciano, você sentiu que a leitura tinha, uma importância fundamental na sua vida? Que pra fazer seu serviço dependia de você, ler cada vez mais?

E.: - Com certeza, com certeza.

A.: - Então a leitura sempre foi importante pra você.

E.: - Foi, sempre foi importante. A gen... a... Eu dou graças a Deus, esse pouco que eu sei, mas gostaria de saber muito mais... saber muito mais ainda.

A.: - Desses programas que você falou, cê se... Assite televisão, mas o que mais gosta, é Canção Nova, né?

E.: - É.

A.: - E... de... além de Canção Nova, você assisti, assim, jornal ou...

E.: - Jornal, também, eu gosto muito é.

A.: - Desses que você assiste, assim, quais as lições ou os conhecimentos que você tira? Que é que você aprende com esses programas que você assiste? Que faz na sua vida pessoal ou profissional?

E.: - Bom, da... da Canção Nova, tô falando que é um problema... um programa, assim, de... de igreja, né? Eu a... a gente aprende muito, né? A gente aprende muito, assim, a valorizar os nossos irmãos, né? A valorizar o nosso próximo. A gente aprende muito com... com esses programas e no jornal também, a gente às vez aprende alguma coisa, mas tem coisas que às vez deixa a gente até mais triste, né? Teve um dia, pra você vê, os jornal hoje em dia num... num ensina, ele... bom ensina de uma... de uma maneira ele ensina, porque a pessoa que tem a cabeça feita, às vezes... com... assistindo o jornal, você aprende, assim, a não ser agressivo, né? Porque vê, que a agressividade não leva a nada, né? você aprende a chama a seu filho, seu neto a atenção e explicar a ele o... qual é o motivo, porque tá acontecendo isso e isso que você vê no jornal, né? Tá passando,

assim, essa... o tipo de coisa, que prejudica os jovens. Então, tudo isso, acho que é aprendizagem pra gente, né?

A.: - Então o jornal, nesse sentido, faz... trás essas reflexões? Né?

E.: - Com certeza. Eu acho.

A.: - Me diga uma coisa, é... como é os seus netos? Você costuma lê com eles, contar histórias, cantar, lembrar algumas canções?

E.: - Com os pequeno sim, mas com os grande não. (risos) Os pequenos ainda tá assim é... Não, dá mais atenção a gente, que eles mesmo já vão ficando mocinha, rapazinho, já não querem mais, não é? Eu... Às vezes, até eles ficam lá em casa, tem vez que a gente até lê, a... é... quando eles começam a vê, tem uma história engraçada que eles querem, a vez a gente lê. Principalmente a... a... uma neta de 15 anos que eu tenho, não é? Ela as vez até copia, assim, alguma coisa pra mim, quando eu quero, né? Uma poesia que eu acho bonita, às vez que eu acho bonita, fala sobre a igreja e tudo.

A.: - Sei.

E.: - Às vez até copia pra mim. E tem o... o meu neto também, ainda... um... um... Tem um ano atrás ele copiou também umas... Era tipo uma poesia, assim, não sei. \muito bonita, que até eu trouxa pr'aqui. As menina gostavam, que me pediram copia pra... pra quando todo mundo ai. (risos)

A.: - Falava de que Edite?

E.: - Falava sobre amor, sobre é... Falava, assim, uma porção de coisa. Eu não me recordo, mas principalmente sobre o amor, né? Sobre a... a vida pessoal da gente. Essas coisas.

A.: - Era como uma mensagem, assim, né?

E.: - É.

A.: - É... você na época, é... desde criança até, né? O Tanto que você estudou, foi um tempo longo? Quando chegou depois que se saiu da roça, foi que estudou na cidade ou não estudou mais?

E.: - Não, eu não estudei mais.

A.: - Não estudou mais. Estudou até que série?

E.: - Até a 5ª.

A.: - Até a 5ª ? Ai, que pena, que continuo, não?

E.: - Não. Até a 5ª, mas naquela época, a 5ª na... na roça era, assim, num... não era muito... Que, ai ficava, assim, repetia, né? Estudava 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª. Na 5ª parava ali, era... Fazia repetir.

A.: - Quando não tinha mais ficava repetindo, né?

E.: - Não tinha mais... não tinha, é. Ai tinha que repetir. Ou abandonava o estudo ou tinha que repetir tudo de novo.

A.: - Certo.

E.: - Então...

A.: - Nesse período da... da... dentro da escola, né? Em sua convivência com os livros, com os colegas, com os professores, que é que você lembra com mais saudade da escola? Por exemplo, você viveu na escola (não entendi). Você lembrando, assim, o que mais gostava na escola?

E.: - Eu gostava das festinhas que a gente fazia (risos). Tinha umas festinhas que era muito gostosas. Tinha, assim, da... da amizade... do conhecimento que nós tomamos, também com... com as professoras, que as professoras não era de lá, né? A minha professora, a primeira, a que eu falei era de Miguel Calmon. A segunda, já foi de Bonfim. E ai a gente, tomava, assim, amizade. Minhas professoras. E eu gostava, gostava do... do jeito delas, como elas tratava a gente também. Principalmente a de bonfim, era uma pessoa muito educada, muito paciente e inclusive, eu passei uma porção de tempo, ela morava sozinha, ela era uma moça solteira e ai eu ia. Ela não tinha com quem dormir, eu ia dormir com ela. Passava, assim, a maior parte do meu tempo lá com ela. Ai eu, tenho saudades desse tempo. (risos)

A.: - E me diga uma coisa, assim, nas salas de aulas que você estudou, lá na escola, tinha mais, meninos ou meninas?

E.: - Eu acho que era dividido.

A.: - Era?

E.: - Era.

A.: - Tinha mais ou menos quantos?

E.: - Tinham... Não me lembro, não.

A.: - Mas...

E.: - Parece que tinha uns 30. Uns 25 a 30 alunos.

A.: - E na hora do recrio, quais eram as brincadeiras que vocês mais gostavam? E brincavam também (não entendi).

E.: - A gente brincava muito era de roda. (risos)

A.: - Cantigas de roda.

E.: - Roda. Atirei o pau no gato. (risos)

A.: - Sei.

E.: - Na época era essas brincadeiras.

A.: - Essas. Quais as cantigas de roda, que você cantava, que ainda lembra hoje? Além de atirei o pau no gato. Que outras é que você se lembra?

E.: - Can... Umas músicas que dizia verso, né? É muito verso. Era... Vê se eu lembro de uma meu Deus. (risos) As vez, tem vez que a... gente vai aqui fazer passeio, as vez a gente canta muito aquelas música... aquelas rodas antigas sabe?

A.: - Ah!

E.: - E... não tô lembrada agora não. Tinha que fala eu, eu morava na areia, sereia. Me mudei para o sertão, sereia. Me mudei para o sertão, sereia. Aprendi a namorar, sereia. Com aperto de mão, oh sereia. A gente cantava muito essa.

A.: - Era fazendo verso?

E.: - Ai vai dizendo o verso, é.(risos)

A.: - E… e além da... além, assim, das cantigas de roda, tinha uma outra brincadeira que vocês mais gostavam de fazer?

E.: - E, a gente…

A.: - Ou geralmente não, só brincavam mais de roda?

E.: - Brincava mais de roda, mas tinha outras brincadeiras. A gente brincava mais de esconde- esconde, de anel, também, a gente brincava direto.

A.: - Ah, anel.

E.: - Aquele anel, era o anelzinho, brincava muito também.

A.: - Você… a… assim, lembrando desse tempo, lembrando agora dos seus netos, da escola dessa época, com sua escola. Você percebe se os seus netos brincavam dessas brincadeiras, ou se elas hoje desapareceram. Eles quase não falam que brincam na escola?

E.: - Não, as brincadeiras deles, hoje, são completamente diferente da gente, né? Hoje em dia, quando eles vão, assim, pra escola, já tão na idade de seus 12, 14 ano, já vão pensando em namorar. Já vão com outros tipos de brincadeiras completamente. É... Nunca como a... a gente... Aquela brincadeira, assim, sem malicia, né? Brincadeira sadia. Hoje não, hoje aquela brincadeira... Eles já querem namorar, já querem se agarrar. É bem diferente.

A.: - Assim, pelos próprios netos seus, você num... num percebe, eles chegarem contando que brincaram de roda?

E.: - Não, não.

A.: - Não?

E.: - Não.

A.: - As brincadeiras que eles... que eles contam não são essas?

E.: - Não, não. De maneira nem uma.

A.: - Na escola, o que brinca, o que faz? (não entendi)

E.: - A não ser, a pequenininha que... de 7 anos, que as vez, né? Já brinca assim, já tem mais, essas brincadeira, assim, parecida, não é?

A.: - Sei.

E.: - Mas quando eles vão dando de 10, 11 anos em diante, já não brincam, mais não.

A.: - (Não entendi).

E.: - Com certeza e muito.

A.: - Quando você saiu da roça pra vim pra Jacobina pra mora aqui, você veio (não entendi). Saiu de lá (não entendi) já veio morar em Jacobina?

E.: - Não. Quando eu saí de lá, fui pra São Paulo.

A.: - Ah! Primeiro você foi pra São Paulo?

E.: - Fui pra São Paulo. Eu saí com 18 de... de... da roça. Fui pra São Paulo, passei 3 anos em São Paulo. De lá foi que eu vim pra Jacobina, ai vim pr'aqui.

A.: - Certo. Lá em São Paulo, trabalhou, assim, qual foi a sua experiência de trabalho em São Paulo?

E.: - Pra mim foi boa, né? Eu trabalhava numa fabrica de tecelagem. Era um pouco cansativo, né? Que a gente tinha que levantar muito cedo. Naquela época, os transporte

era muito... era muita gente, né? A gente pegava aqueles ônibus lotados ou então trem lotados. E... Mas eu gostava de trabalhar.

A.: - Então você trabalhava nessa parte de tecelagem?

E.: - Tecelagem, é.

A.: - E co... e, assim de... dessa experiência, você percebeu assim, a importância de lê, de saber, de se comunicar? Percebeu o quanto a leitura tava presente em tudo, mesmo, no seu trabalho?

E.: - Em tudo, em tudo, é. Percebi sim.

A.: - Inclusive na cidade grande. Você sair de uma roça,vir pra São Paulo. Quais foram as principais diferenças que você notou de um lugar pra outro? Que dificuldades você sentiu mais, vindo do interior?

E.: - Bom, a gente sente a... Primeiro o conhecimento, né? Porque, que a gente chega num lugar desconhecido, sem conhecer ninguém. E a gente já acha dificuldade, mas depois com o tempo a gente vai trabalhando, vai pegando amizade, pegando conhecimento, então com pouco tempo a gente quase que não sente, assim, dificuldade, sabe? Eu mesmo... Bom, em primeiro lugar, quando eu fui pra lá, já tinha uma prima minha que trabalhava lá, nessa fábrica.

A.: - Sim.

E.: - Inclusive, foi ela que arrumou pra mim. Então atra... através dela, comecei a trabalha e ai fomo... nós fomos fazendo amigo, amizade. E graças a Deus, sai da fábrica, que a fábrica faliu. Se não eu acho que estaria lá até hoje.(risos) Ficou-se o caro.

A.: - Ah! E ai depois foi que veio realmente pra Jacobina.

E.: - Depois daí, eu me casei lá no mês de outubro e vim pra Jacobina.

A.: - Quantos filhos tem?

E.: - Tenho 6.

A.: - Seis? Todos casados hoje?

E.: - É, é. Todos casados.

A.: - Todos casados. E netos já tem quantos?

E.: - Netos, tenho 7 e véspera de 8.

A.: - É mesmo? Já vem mais um, agora? (risos) Já sabe o que é, se é menino ou menina?

E.: - Não.

A.: - Não?

E.: - São 3 meses só, ainda num... ainda não deu pra vê, não.

A.: - Ah, ainda não fez a ultra-som, não deu, não é? Também é gente já, a família se... crescendo a cada dia, não é?

E.: - Com certeza. Tenho um filho que estudou, que graças a Deus, é, se formou em Letras.

A.: - Foi?

E.: - Hoje ele a... ele a... Trabalha em Salvador. E ai, tem escritório em Salvador, tem escritório em Ilhéus.

A.: - Que Ótimo!

E.: - Ele se formou em Ilhéus. E graças a Deus tão todos... tão todos formados. Tem uma que vai forma em Técnica de Enfermagem agora. Aliás, ela já... já se forma agora mês quem vem, nê? Tem uma outra também que é formada em Auxiliar de... de Enfermagem. Trabalha no Hospital. E...

A.: - Aqui em Jacobina?

E.: - Aqui em Jacobina, né? Aliás... a... quase que num só dá... todas pra enfermeira (risos). Que tem essas que já trabalha, né? É, tem essas que trabalha e tem 2 que tão estudando técnico, mas já se forma esse mês e outro forma o não que vem, se Deus quiser.

A.: - Ok. E me diga uma coisa, é... Quais são as mudanças que você percebe, assim, da... da roça para a cidade, que você chegou, em Jacobina, de onde você morou pra cidade de Jacobina. Onde você preferia morar? O que, que você acha de bom né um ou no outro?

E.: - Na roça, agente acha bom o sossego, né? Na época que eu morei, agora não sei se continua. Muito sossegado, muito tranqüilo. Pra a gente sai assim, sem medo, né? E no... na... já na... aqui na cidade é diferente, né? A gente anda, principalmente na época de hoje, a gente já anda assim com me... Tem medo de sair de casa a noite, tem medo de ser agredido na rua. Então essa é uma diferença enorme, né? Pra... pra época de hoje, que na época que eu vim morar aqui também, não era assim. Jacobina era uma cidade calma, uma cidade que não era agressiva. As vez a gente sai, assim, num... num voltou... voltava tarde da noite, não tinha medo. Hoje em dia a gente tem medo, né? Sair até de dia, agente tem medo.

(mudança no lado da fita)

E.: - Eu prefiro a cidade.

A.: - É? Por que, me diga?

E.: - Eu sei lá, parece que a gente...

A.: - Quais são as outras vantagens à cidade (não entendi).

E.: - A gente sempre, assim, desenvolve mais, né? Na cidade... na roça, a gente fica assim, aquela coisa acanhada, aquela coisa, né?

A.: - Mesma coisa (não entendi).

E.: - É, na cidade não, agente se sente, assim, mais desenvolvida. Meu desenvolvimento é outro.

A.: - Certo. Assim, quais são as maiores vantagens de morar na cidade e não morar na roça por exemplo?

E.: - Meu Deus e agora. (risos)

A.: - Quais são as maiores vantagens, por exemplo, se agente tiver na roça, é... A gente não vai ter o conforto, de algumas coisas que tem na cidade. A gente não vai consegui, uma série de coisas que a gente quer comprar, em relação a própria saúde.

E.: - Por isso, é, a dificuldade, principalmente, né? Pra você vim, as vez você adoece, quer (não entendi) . Porque lá na época, mesmo não tinha carro. Hoje em dia não, já vai carro lá, né? Mas não tinha carro, ali então, pra gente... Adoecia um você vindo comprar um remédio, você tinha que vim, caminha... Era não sei quantos quilômetros andando, né, a pé, pra vim comprar um remédio. E na cidade não, você acha tudo ali, pertinho. Hoje em dia até se você num... num pode você já liga pra uma farmácia, ele já vai lhe entrega o remédio em casa.

A.: - É?

E.: - Então, já tem essa diferença.

A.: - Já tem outras vantagens em relação, que a roça não nos dá, né?

E.: - Com certeza.

A.: - Então, em relação, assim as mudanças que a cidade trás, tanto boas quanto...

E.: - É.

A.: - Más, como você falou, em relação atermos sossego. (não entendi)

E.: - Mas já... já tem outras vantagens.

A.: - Mas te outras, né?

E.: - Outras vantagens.

A.: - O próprio progresso e tudo que ela oferece pra gente, né?

E.: - É, pois é, até mesmo um emprego, né? Que é mais, aonde tem mais facilidade de arrumar, é aqui na cidade. Que na roça, você vive da roça ou então, você tem que cruzar os braços, né? (não entendi) Como eu vivi a vida toda, foi trabalhando, era... trabalhando de roça mesmo e não, depois que eu vim pra cidade, eu graças a Deus Arrumei meu emprego, né? Trabalhei, hoje em dia aposentei. Se eu não tivesse na cidade, talvez não tivesse me aposentado, né? Então pra mim já é uma... já foi uma grande vantagem.

A.: - Tem muito tempo de aposentada, não, né?

E.: - Tem 8 anos.

A.: - Oito? Se aposentou, o ultimo emprego foi no Deocleciano?

E.: - Foi. Aqui em Jacobina mesmo, foi o primeiro e único. (risos)

A.: - Foi? Ah, quando veio já entrou no Deocleciano (não entendi), né? Quais são os fatos, assim de sua vida Edite que você lembra, assim com saudade? Que você se recorda. Ah, eu lembro... Ah, naquela época (não entendi). Gostava de ir assim a festas, ao baile naquela época.

E.: - Gostava. (risos) Apesar da... das... Que eu tava comentando com ela, que eu perdi meu pai, eu tinha 7 anos, então mãe... minha mãe se casou com outro e ele... e eu... Meu padrasto ciumava muito de mim. Ai, pra ir nas festas eu tinha que ir escondido (risos). Então pra namorar tinha que ser escondido ou então ele me seguindo, então, é... eu não tive assim muita liberdade, sabe? Mas eu tenho saudade, assim das festinhas, mesmo assim, as festinhas que eu ia escondido, eu tenho saudade. Que era umas festinha gostosa, umas festinha, muito boa. (risos)

A.: - E as festas era assim em clubes? Ou era na casa de festas?

E.: - Tinha uma casa lá. Que era uma casa de festa, sabe? Chamava Casa Velha, mas era uma casa de festa. Era, inclusive, a dona da casa é uma madrinha minha. Então os filhos...

I.: - Em Miguel Calmon?

E.: - Campestre, mesmo.

A.: - Campestre, mesmo.

I.: - Ah, Campestre.

E.: - Então ela... Os filhos dela, mesmo tocava violão cantavam. A gente ia pra festa, a gente se divertia a noite inteira, se divertia lá naquela festa.

A.: - Quais músicas naquela época Edite, eram... eram as músicas de sucesso?

E.: - Ixi, meu Deus! Oi... (risos)

A.: - Lembra o trechinho de alguma ainda?

E.: - Lembro. Mesmo, tinha muito era... era... naquele tempo era Baião, néra? Um negócio de um Baião. Era forró mesmo. Já tinha também, né?

A.: - Forró, forró pé de serra.

E.: - Forró de São João já tinha.

A.: - Luiz Gonzaga, então, naquela época era muito tocado, né?

E.: - É, era. É tinha muito. Era muitas músicas.

A.: - E você gostava de dançar forró?

E.: - Gostava. Gostava e até hoje gosto.(risos)

A.: - Até hoje gosta, né, Edite? De um forrozinho. Dançou nesse último forró aqui do abrigo... do centro?

E.: - O forró daqui é ótimo, foi ótimo.

A.: - Foi bom?

E.: - Foi.

A.: - Teve quadrilha, forró?

E.: - Quadrilha, foi ótima. A parte tem... Faz 3 anos que eu tô aqui, todos 3 não participo das quadrilhas.

A.: - Hum. Pois é, muito bom isso (não entendi). Então assim, na... na... no... na época que você veio pra essas festas, que se divertia, tinha essa dificuldade, que era exatamente a não liberdade no mundo que tem hoje...

E.: - É. Eu me lembro que eu tinha ma... Tinha uma prima, que morava perto de mim, ai eu tinha... Eu dizia que ia dormi na casa da minha prima, pra de lá eu pode ir pra festa (risos).

I.: - Mas que danada! (risos)

A.: - Sempre todo mundo, achou um jeitinho, todo a vida, né?(risos)

E.: - Com certeza. (risos)

A.: - De driblar, aquela autoridade maior de quem tá vigiando, né?

E.: - É, pois é.

A.: - Das... das suas colegas da sua época todas também hoje já estão casadas ou nunca mais viu ninguém?

E.: - Não, tem...

A.: - A amizade continua?

E.: - Acho que to... Todas tão casadas, tem uma, essa mesma que eu ia com ela pra festa escondido, essa já, é falecida, né? Que era minha prima e amiga, também. Muito amiga. E as outras são casadas. Umas foram embora. Umas ainda moram lá, outras foram embora. A maioria foram embora. Umas pra São Paulo, outras pra cidade vizinha mesmo, outras mora mesmo em Miguel Calmon, né? Lá mesmo em Campestre tem muito pouco, né?

A.: - Tão grande que é a sua história, né?

E.: - É.

A.: - Mais alguma coisa? (não entendi) Eu cheguei, peguei vocês já conversando.

I.: - Não. Num...

A.: - Tinha mais uma coisa.

I.: - Não, eu disse só o que a gente tinha conversando, é... você também, é... até aumentou alguma coisa que eu não cheguei a perguntar, mas minha parte, não.

A.: - Então Edite me diga assim só pra gente finalizar. É... assim desse... fazendo um balanço assim da sua vida, de... ana... que a senhora analisou, você me disse que foi embora com 18 anos pra São Paulo e além de São Paulo assim, você já passeou em outras cidades, visitou? Conheceu outros lugares? O que mais gostou do que viu? Conheceu...

E.: - Eu agora depois de velha (risos) é que eu passeei, Graças a Deus, tenho todos os anos... todo ano eu passeio. Vou pra o Rio, vou pra Belo Horizonte, vou pra Ilhéus...

A.: - Ah, que beleza!

E.: - Vou pra Itabuna, vou pra Salvador. Quando é final de ano eu já faço...

A.: - Esse roteiro todo.

E.: - Esse roteiro todo. É porque eu tenho filho em todos os lugares.

A.: - Ah, e vai ficando um pouco em cada lugar?

E.: - É, tenho filho em Ilhéus, tenho filho em... no Rio, tenho filho em Belo Horizonte. Então, minha filha mais velha, ela mora no Rio. Tenho um filho, que esse filho é adotivo. É... Por sinal, uma pessoa excelente. Excelente, o povo fala que não dá sorte com filho adotivo. Graças a Deus esse eu dei. É um filho de ouro pra mim. Esse mora em Belo Horizonte. Então eu vou pra Belo Horizonte, de lá vou pra o Rio. Vou pra Salvador, de lá vou pra Belo Horizonte. De Belo Horizonte vou pra o Rio.

A.: - Que ótimo, né?

E.: - E ai, tem vez quando eu volto, quando meu filho não tá em Salvador, tá em Ilhéus, aí eu volto por Ilhéus. E aí vou.(risos)

A.: - E conhecendo, tanta... tanta coisa bonita, né?

E.: - Muita coisa bonita principalmente no Rio, né? Ali tem muita coisa bonita.

A.: - Dessas cidades todas a que você achou mais bonita, qual foi?

E.: - É o Rio.

A.: - É?

E.: - Não, Belo Horizonte é muito bonito.

A.: - Sim.

E.: - É muito bonito, agora o Rio...

A.: - Mas o Rio ainda é mais.

E.: - O Rio tem muito mais o que se vê. (risos)

A.: - (risos) a propaganda diz Rio bonito de se vê e é verdade, né?

E.: - É. E sempre que eu vou lá, graças a Deus, passeio muito. A minha filha fica... é... Já tem muitos anos que ela mora lá, já conhece tudo. Meu genro mo... é... pe filho de lá, também, do Rio. Então a gente passeia muito, eles andam muito comigo, né?

A.: - Aonde?

E.: - É no... é lá... é no Cristo, é no Pão de Açúcar, é to... Graças a Deus, ali no Rio, acho que já conheço quase tudo. (risos)

A.: - Que ótimo!

E.: - Que cada vez que a gente vai, eu vou pra lá fico. Sempre que eu vou, passo um mês, dois meses lá, né?

A.: - Sim. Então dá tempo pra...

E.: - E ai, agente passeia muito.

A.: - É. Tem muita coisa bonita pra você, né? Muito bem. Então dessas cidades todas, que você conheceu, assim, é a... lá... A que achou, assim, mais hospitaleira, mas tranqüila? De acolher, de conhecer pessoas. Qual foi dessas?

E.: - Belo Horizonte, também, é uma... é uma cidade muito acolhedora. Eu gosto muito de Belo Horizonte, também. Eu acho... acho que Belo Horizonte e o Rio são igual, né? Que pra mim, eu sei lá, tudo... Acho que é porque todo lugar que eu vou, eu gosto de viver. Então, eu acho que as duas são iguais. Belo Horizonte e Rio.

A.: - Nesse sentido de acolher, né?

E.: - É.

A.: - Muito obrigada então pela entrevista, né? Por sua história de vida, de leitura. Nos fez, aqui, aprender conversando com você, ouvindo o... as experiências, né? De trabalhou, de vida que a gente, sempre, aprende com o outro.

E.: - Com certeza.

A.: - É muito bom uma conversa dessa, que a gente ouve, que a gente cresce, que a gente enriquece, mesmo, ouvindo o outro.

E.: - Pra mim foi melhor ainda. (risos) Pra mim foi melhor ainda, que cada vez que a gente tá conversando, assim, com pessoas parece que... parece que a gente vai se desenvolvendo, mais.

A.: - Hanram. Ótimo, é a gente sempre tem o que dizer, não é isso? E sempre aprendemos.

E.: - É. Isso mesmo. É, com certeza.

A.: - A gente lhe agradece pela atenção, pelo carinho, viu?

E.: - Eu que agradeço.

A.: - Quando tiver todo pronto o capítulo com o texto, nós desta que a gente vai voltar aqui.

E.: - Certo.

A.: - Pra mostra a vocês, né? Ficou... como é que ficou o trabalho final.

E.: - Ótimo.

A.: - Tá certo?

E.: - Ótimo. (risos) Tá bom, então muito obrigada a vocês também.

A.: - (Não entendi) Fiquei curiosa também de vê, né? Como é que ficou, o resultado...

Entrevista no dia 21/05/2003 com Jacira Rosa Santiago dos Santos - 66 anos (Realizada do Centro de Convivência do Idoso)

Ingrid: - Me fale um pouco sobre como era no tempo que a senhora estudou...se a senhora foi à escola ou não...

Jacira: - era um estudo tão atrasado...perai...ai eu tava estudando em São Paulo...

I:- Em São Paulo?

J: - É que eu fiquei lá 32... 32anos é,mas depois eu adoeci ai eu sai da escola,um problema me deu lá de derrame,né? Ai eu parei e sai da escola,como eu não podia andar...

I: - Mas, assim, lá quando a senhora foi estudar, a senhora tinha 32 anos?

J: -Eu fiquei lá em São Paulo 32 anos trabalhando...trabaiano lá em São Paulo.

I: - Ah...sim.A senhora trabalhava de que ?

J: - Lá eu trabalhava em fábrica, pri...primeiro eu trabalhei nuam casa da família há 13 anos,uns italiano.Depois quando eu saio que eles num pudero me pagar foi quando chegou a lei para registar as empregada né?Ai eles me pagaram aqueles tempos que eu fiquei,não pagou o certo ,mas também eu não sai com as mão abanano,né?Dizer trabalhou e num ganhou nada...

Professora de ginástica (ao longe): - Tá com medo do sol é?

J: - Ai depois quando eu sai da casa de família, ai eu trabalhei ne outra casa, ai minha irmã foi trabalhaia numa fábrica, ai disse assim...

Professora de ginástica (ao longe): - Jacira viu uma tomada por aqui? Ó...

J: - Qual?

(Apos parar a gravação,continuei)

J:- Em casa de família só foi em duas casa, ai o resto eu tava trabalhando na fábrica, ai foi quando me deu o problema lá de derrame, né?Ai eles me aposentaram por invalides, o ruim é que eu fiquei encostada seis meis, com 7meis eles me dispensaram porque disse que eu não podia trabalhar mais.

I: - Então é por isso que a senhora sabe fazer essas coisas gostosas, né? Aqui. È...e...assim, a senhora quando...quando estudou,é...como é que foi a ida a escola da senhora, foi muito incerta,passou quanto tempo?

J: - Oia, lá em São Paulo eu um ano e meio, né?Estudava a noite que já tava já com dor né? Eu tava bem adiantada mesmo, mas o que eu aprendi, não sei se foi por causa do problema, né?Muitas coisas eu esqueci...e esqueci mesmo e esses dias que eu tou...oia esse dia que você me manda eu fazer isso fazer aquilo,eu vou e vou e faço,por isso que eu fico só ali,ó...Pra mim não esquecer o que eu tenho que fazer ,ai pronto...-Não tem não pró-ai...mais eu...vou te falar depois que eu tive...é um problema que dá na gente que agente esquece das coisas...é sério problema de hérnia,problema de derrame acabou que mexe muito com o cérebro da gente.

I: - O pior é até ligo, que eu também, eu tava...Assim eu vivo estudando, né?Lá na faculdade, às vezes eu mesmo esqueço...ai eu...

J: - Apois é...e eu que a semana passada eu fiz 66 anos...

I: - Quanto?...

J: - 66.

I: - 76...nossa,meus parabéns...

J: - Brigada... 66.

I: - Fizeram festa aqui...

J: - Não, nós viajamos...

I: - Foi?...

J: - Fomos lá pro sítio de Aline.Daquela mulher do Luciano Alencar...

I: - Ah...legal!

J: - Passamos no sítio dela, passamos... e foi dois ônibus...passamos o dia todo, a turma toda,todo mundo pra lá .Teve feijoada,e depois teve o café da manhã, três horas teve a merenda... muito gostoso lá. Chegamos aqui era oito horas da noite.

I: - E assim...sobre... os livros que a senhora leu ,a senhora chegou a ler alguma coisa, alguma coisa,algum livro,algumas dessas coisas?

J: - Não porque naquele tempo não tinha isso não...ai!Era um estudo atrasado...

I: - Revistas também...é a quadrilha...

J: - Aquele tempo era muito atrasado.

I: - Ah!Então faz muito tempo?

J: - Claro que faz...e agora minha fia pra mim ler .A semana passada eu fui no médico,no oculista que dona Valdice mandou eu ir e não...o médico disse que é por causa da diabete,que tenho ddddescendência deu ,perde até minha visão,pras mim ter o máximo de cuidado com a diabete.

I: - Minha avó por causa da diabete, ela perdeu...

J: - Essa vista aqui eu to enxergando pouco...

I: - Minha bisavó ela perdeu a visão por causa da diabete, a filha dela, minha avó começou a perde, mas ai ela fez...não sei uma operação que faz em cegos...Oh! beleza,brigada.

J: - Ai, eu cheguei, fui à semana passada que dona Valdice mandou eu ir e o oculista disse que é...que por causa da diabete. Que ele não passou nem colírio nem passou o óculos e ai eu fico ruim.Hoje eu já chorei,porque eu to com a minha vista curta.

I: - Huuum...agora,pra poder fazer eeessas receitas,a senhora tem receita?

J: - Do que ele passou pra mim?

I: - Não receita assim...

J: - Ah...

I: - Que a senhora não é a cozinheira daqui?

J: - Não, e eu fa...mas eu faço assim pela minha cabeça...

I: - Ah... a senhora já tem de cabeça?

J: - É...

I: - Não porque eu não sei cozinhar muito bem, sabe?...

J: - Ah...

I: - Minha mãe é que cozinha...mas ai quando manda eu pegar e fazer,eu corro lá e eu vejo bota isso,eu boto.Bota aquilo... às vezes só falto botar casca de ovos...

J: - Receita, eu tenho do açúcar união que eu trouxe de São Paulo.

I: - Açúcar União?

J: - É que tem lá...a fábrica do Açúcar União,a firma.Ai agente ajuntava 12 receita do açúcar que aqui não tem como esse açúcar que o pessoal chama de açúcar refinado,né?...

I: - Ah... eu sei de qual é...

J: -...eu tinha aquele livro,tanto dos salgado como do doce.Ai na minha mudança que eu mudei de uma casa pra outra até que passaram a mão no meus livros...

I: - Os livros da senhora...

J: - Meus livros de receita...que era...tinha um que sal...só salgado,o outro era de doce...só era coisa doce.

I: - Não eu tenho eu...eu tenho esse livro também,foi a gente juntou, aliás minha mãe,que eu juntei ,eu e meu irmão,agente juntou ai foi lá e trocou.Ai botava mis 5 reais uma coisa assim.

J: - Não eu não paguei nada tinha dois livros.

I: - Aqui, agente...

J: - Lá em São Paulo eu trouxe meus dois livros, olhe como eu fiquei... eu...no dia que eu procurei meus livros...que eu chorei tanto por causa dos meus livros...

I: - Eu gosto tanto de arroz doce...não me ofereça não,que eu digo sim.

Uma senhora: - Jucira, tu num vai não, é?

J: - Vou...

A mesma senhora: - Então vai.

J: - É que ela está me entrevistando...

A senhora: - É que a fila tá ali e você?... vai lá...

I: - É assim alguns fatos que marcaram a vida da senhora, a senhora...tem alguma lembrança,alguma coisa assim,como as que já fez?

J: - Não que mesmo, no meu tempo tinha só tristeza, só trabalhar, roça...

I: - Não, mais assim, não é também...

J: - Não...e me casei com 18 anos.

I: - 18

J: - 18 anos eu me casei, e e vive com meu marido só três anos e seis meses...ele lê dava com...

I: - A senhora tem filhos...

J: - Não tenho pai, não tenho mãe, não tenho marido.Até mesmo o marido já morreu.

I: - E a senhora não casou de novo?

J: - Ah?

I: - Não casou novamente, não?

J: - Não...fiquei foi sozinha.Eu ...olhe...que eu me casei com 18.Mas com três anos e seis meses ele me largou eu tinha?...

I: - Depois de três anos, 18 mais três, 21.

J: -E então, perdi a graça.

I: - Tinha a minha idade.

J: - Pois é minha fia, tu tem 20 anos?

I: - Eu tenho 21.

J: - Pois é e... é tão triste da gente casar e o marido larga agente,agente fica numa tristeza,numa depressão que aquilo num sai da gente.Porque se agente casa com aquele rapaz,é porque agente gosta dele né?E ai eu casei e ele me largou por causa de outra mulher,me inganou... mas Deus foi tão bom...que eu disse você vai largando a filha dum home com uma muler e num vai largando uma vagabunda não .E você não vai ver eu aqui na Bahia bater a mão no bolso,me vinguei,pra mim comer um pedaço de pão vou dar meu couro,sofrer longe.Ai foi quando o irmão do papai teve aqui que era sargento ai me levou para São Paulo,ai eu fiquei trabalhando né,ai foi quando eu adoeci...fiz minha casinha...

I: - Aqui ou lá?

J: - Lá...Aqui, fiz minha casinha aqui...Com o dinheiro que eu recebi da firma num comprei uma calcinha, interei pra fazer minha casa.Mas tamem já dei, eu não tenho casa, já doei, não tem gente que adoa assim, vida é minha e morte é de fulano, né?Não... a moça do fórum disse :Mas dona Jacira a senhora está certa?Eu digo estou,eu estou porque agente tem que dá uma coisa é em vida não é morte,não.Então eu pegei e dei a

minha casa,só que ele mora em São Paulo e eu estou aqui.Até a casa tá alugada, ai eu digo o Bium a tua casa está alugada,minha madrinha,que ele é sobrinho e é afilhado.

I: - É que também a senhora não tem filhos, né, ai...

J: - Ai ele disse oi, eu não tenho casa ai.Eu digo, quando você chegar aqui eu vou pagar aluguel e a casa é sua, que eu le dei, ai enquanto ele não tá aqui, eu tô mo...fazendo o dinheiro da casa o aluguel,pago minhas contas,né?Que eu gasto muito de remédio...

I: - Hoje eu paguei o que? Só um de gripe, que eu tô com uma tosse triste.Eu gastei que só e com esse negócio de gripe...

(gravação interrompida)

I: -Agora, o que é que a senhora gosta, assim...no movimento daqui,o que é que a senhora mais gosta,de fazer?Assim, por exemplo, a quadrilha?

J: - É...uma vez já,já...né? Dancei a quadrilha, eu fui à noiva...adorei...fiz uma peça em Salvador,né?A peça do Seu Titico...

I: - Todos daqui?

J: - Daqui...fomos fazer...fizemos aqui...fomo lá pro Centro Cultural,depois que passou uns tempos,nós fomo pra Salvador fazer lá no CESE...

I: - Hummm...Legal!

J: - Com pouco faiz, foi ne oito com dona (não entende), com dona Valdice levou lá no CESE pra nois fazer essa peça...muito gostoso,eu no papel sou Tereza, a cozinheira...a empre...eu sou empregada de dona Tereza,quem é Tereza?Deixa eu ver se vejo ela ali, que ela chama Maria, ai a as outras é Filó, outra é medica, né?Outra é Seu Titico.

I: - Ai cada uma bota um nome diferente...

J: - É...Eu sou Tereza empregada de dona Filó.

I: - Legal, a senhora tem muito, muito...mas também são todas mulheres na quadrilha,não è?

J: - É, rapaz, olha só as mulhe dança e os home não.

I: - Tudo com vergonha...

J: - Só vem só comer...

I: - Assim, quais são as...as músicas que a senhora mais gosta,é tipo essa assim.

J: - Ah...eu gosto é de forró,música antiga que essas músicas jovens agente não sabe dançar não.Então são mais uma como...a de forró , música antiga... eu danço é ai na quadrilha.

I: - E a senhora não vai ensaiar, não?

J: - Não que você, veio, não tem nada não, amanhã eu procuro meu par.

I: - Que zoada é essa?É escolher roupa?

J: - É o vestido, ói lá, ó.

I: - Bora lá, escolher o da senhora...

J: - Perai, viu?

Entrevista com D. Maura dia 01/04/2004 (Realizada no Centro de convivência dos Idosos)

A.: - Entrevista com Maura, na pesquisa História de Leitura na 3ª Idade: memórias individuais e coletivas, no Centro de Convivência do Idoso em 1º de abril de 2004. Quantos anos cê tem Maura?

M.: - Setenta e... 71 que eu vou fazer logo mais.

A.: - É? 71 pra anotar. Você começou a freqüentar aqui a Casa de Convivência do Idoso desde quando?

M.: - Desde 5 ano já.

A.: - Já?

M.: - Tem bem 5 ano já.

A.: - É?

M.: -É.

A.: - Desde que fundou, logo, logo, você passou...

M.: - Foi, logo, logo entrei, né?

A.: - Passou a freqüentar. E... e o que mais gosta de fazer aqui?

M.: - Um bordadinho quando marca. Ponto Cruz, né? Esse é bom demais. Quando eu tô sem fazer, fico impaciente, né? Fica parada assim, é ruim. Bordado pelo menos passa o tempo, né?

A.: - O tempo vai passando.

M.: - Apesar da zuada da... das menina, que é uma zuada danada. (risos)

A.: - Mas além de fazer o seu bordadinho aqui, qual outra atividade você gosta que você gosta de fazer aqui, quando vem passar a tarde?

M.: - Ginástica.

A.: - Ginástica, que ótimo. E... e o curso que você tá fazendo, tá gostando do curso de literatura?

M.: - Tô gostando de tudo. (não entendi)

A.: - Popular, tá gostando?

M.: - É, tô gostando sim.

A.: - Que... que, que tem aprendido?

M.: - (não entendi) que nóis não sabia, né? (não entendi) falando sobre uma criança (não entendi).

A.: - Cantiga de roda.

M.: - É.

A.: - Cabra.

M.: - É. (não entendi)

A.: - Canta, relembra, né? Das cantigas e tudo.

M.: - É.

A.: - Oh, Maura. Me diga aí, pra você, qual é o significado da leitura, assim, na sua vida?

M.: - Da leitura?

A.: - Sim. Você veio... você... é... veio aprender a ler aqui, escrever um pouco aqui ou você quando chegou aqui já lia, já escrevia?

M.: - Não (não entendi) sabia um pouquinho, né? De leitura.

A.: - De le... leitura e es... escrita você já tinha estudado antes?

M.: - É.

A.: - Você foi pra escola com quantos anos?

M.: - É, uns 10 ano e meio assim.

A.: - Foi e estudou assim, muito tempo ou não? Saio logo da escola que...

M.: - Pouco tempo, né? Tá na escola depois o calor, aí. Não foi muito tempo, escolinha sem futuro, né? Lá nos mato, na roça.

A.: - Ah, você estudou na escola rural?

M.: - Não. Sim acho que foi, né?

A.: - Na roça?

M.: - Mas nesse tempo, não tinha sala, não. As professora ia, assim, né? Informal (não entendi)

A.: - Sim. Mas você pri... primeiro morava na roça?

M.: - Em Ourolândia, não é?

A.: - Ah, em Ourolândia que é município.

M.: - Ai depois morei no Mucambú, morei em São Bento. (não entendi)

A.: - Todos perto, né? Município.

M.: - É, é. De Ourolândia.

A.: - Na redondeza. Então sempre que... que foi a escola, já foi mesmo lá... Assim passou muito tempo na escola ou foi depois de 10 anos, assim, que começou a lê... Foi pra escola aos 10 anos e passou, assim, quanto tempo estudando pra depois parar de estudar?

M.: - Eu não me lembro, não, porque também eu fui embora lá pra Sergipe, né? É, quer dizer, não é Sergipe mesmo, é Bahia, né? Agora (não entendi) é Jequié, né?

A.: - Sei.

M.: - Agora a gente chama Sergipe.

A.: - Hã. E já é na divisa?

M.: - Sou filha de lá, né?

A.: - Filha de lá?

M.: - É. Filha de lá (não entendi)

A.: - De qual cidade?

M.: - É Coronel João Sales.

A.: - Coronel?

M.: - Coronel João Sales.

A.: - Ah, coronel João Sales. E... e aí você parou de estudar, já moça ou não?

M.: - Foi.

A.: - Foi?

M.: - Foi, mocinha.

A.: - Então você estudou, assim, mais ou menos com 5 anos ou mais de 5 anos?

M.: - Não, mais de 5 anos.

A.: - Ficou na escola mais de 5 anos?

M.: - É, é. Mais de 5 anos.

A.: - E tem assim irmãos ou só é você?

M.: - Nóis era mais 4. (não entendi)

A.: - Nove irmãos?

M.: - (não entendi) só tenho duas irmãs hoje. Duas mais não, duas comigo, né? E um irmão.

A.: - Os outros morreram?

M.: - Foi.

A.: - E de lá, de... dessa cidade...

M.: - (não entendi)

A.: - É. (não entendi) não sei como é?

M.: - Ou (não entendi)

A.: - Coronel...

M.: - João Sales.

A.: - João Sales, né? E aí, você morou lá muito tempo, depois foi que veio pra cá, pra... pra Bahia?

M.: - Foi lá, no tempo que eu morava lá em (não entendi) criança. Depois eu vim pr'aqui pra... pra Ourolândia, voltei pra lá (não entendi) morei em Itabaiana (não entendi)

A.: - Certo.

M.: - Morei em Itabaiana, também.

A.: - Ah, morou em Itabaiana?

M.: - Foi.

A.: - Quando casou?

M.: - (não entendi) lá em Coronel João Sales, casei em Coronel João Sales.

A.: - Sim.

M.: - Aí depois morei em Itabaiana, né? (não entendi)

A.: - Me diga, então, ne... nesse período que você estudou depois que saiu da escola, você sentiu falta, assim de leitura, de ler, de história, de saber das coisas ou... ou a leitura não lhe faz falta?

M.: - Não senti porque a gente ficava trabalhando na roça, né? O tempo passava, a gente trabalhando, trabalhando. Trabalhava ne roça, né?

A.: - Ah, trabalha em roça. Em agricultura. E... e geralmente era roça de que? Milho, feijão...

M.: - É, milho, feijão, mamona, folha, tudo que você falou, né?

A.: - Toda essa parte você trabalhou. Plantava o fumo também ou não?

M.: - Como?

A.: - Fumo também plantava na roça?

M.: - Plantava.

A.: - Era?

M.: - plantava. Desde eu mocinha, que eu já trabalhava na roça. Eu plantava uma roça pra mim.

A.: - Era Maura?

M.: - É, capinava. Agora não tenho coragem mais não.

A.: - De feijão, de milho?

M.: - É. Quando via aqueles feijão, aqueles milho, vendia e comprava roupa, calçado.

A.: - Ah, Maura!

M.: - Gostava de andar arrumado, né? (risos)

A.: - É, claro, é. (risos) Se arrumava pr'as coisas que você queria, não é?

M.: - É.

A.: - Com seu dinheiro.

M.: - Que o pai da gente não dava roupa, né? Só dava o assustento, mas roupa (não entendi) a gente tinha que trabalha pra consegui.

A.: - E quando você estudava Maura, você se lembra, assim, se as professoras é... incentivam o hábito da leitura, botavam vocês pra lê, muitos livros revistas todos os dias ou não?

M.: - Não.

A.: - Na escola...

M.: - Na alfabetização lia a cartilha, né? Botava pra lê... lê a tabuada também (não entendi). Lê o ABC, né? (não entendi)

A.: - E, assim, poesias. Declamar poesias lê. E num... num... não era muito que a professora fazia, não?

M.: - Não fazia muito não.

A.: - Não? Dificilmente vocês liam poesias?

M.: - É.

A.: - Você se lembra, ainda, de como aprendeu a ler? Como a professora explicava com o alfabeto, com a cartilha? Quais eram as lições, se recorda de alguma ou não lembra mais de nenhuma?

M.: - Eu acho que não lembro mais de nenhuma.

A.: - De que falava (não entendi), as histórias, as... as... as... na cartilha.

M.: - As histórias que tinha na cartilha, né?

A.: - Sim. Não lembra de nenhuma? Recorda mais nenhuma?

M.: - Não.

A.: - Se quando, por exemplo, quando ia falar de família, é... de como... como é que contava a história, na cartilha, de quem fala? Mas lembra de como a professora lhe ensinava a ler?

M.: - É A, B, C, né? Que (...) era soletrando.

A.: - Juntando?

M.: - É.

A.: - Assim, C-A-Ca.

M.: - É.

A.: - Era assim?

M.: - (...).

A.: - Então, nesse período da escola, a ge... você tinha, assim, mais colegas meninos ou meninas? Era muita gente ou estudavam pouco?

M.: - Menina, muita gente, muita mesmo. E era longe, a gente caminhava bem uma légua.

A.: - Pra ir pra escola?

M.: - É. Pegava a bolsinha (...)

A.: - Sei.

M.: - (...).

A.: - Sim. Porque de onde vocês vinham pra onde estava localizada a escola era longe.

M.: - Era.

A.: - E vinham todos a pé Maura?

M.: - Todos a pé.

A.: - Todo mundo junto, quem morava por perto?

M.: - É. Vinha junto quem morava por perto (...).

A.: - E tinha número grande de alunos?

M.: - É.

A.: - Mais ou menos quanto?

M.: - Tanto de lá mesmo estudava como de casa (...).

A.: - A sua sala tinha mais de 30? Ou era menos?

M.: - Menos.

A.: - Uns vinte alunos?

M.: - É.

A.: - (...) E no recreio, me... vê se você se recorda, assim, de alguma brincadeira, de alguma música, de alguma cantiga de roda que vocês brincavam na época, quais eram as cantigas de roda que vocês mais cantavam, assim, na hora do recreio, quando dava o recreio?

M.: - Na escola não cantava roda não.

A.: - Não? E brincavam de que na hora do recreio Maura?

M.: - Brincava... sei lá, ficava conversando o tempo todo (...).

A.: - Não. E brincadeira, qual era as brincadeiras que mais gostava de brincar?

M.: - Quando tava na escola?

A.: - Sim. Na época de escola, de criança.

M.: - (...).

A.: - Num gostava na época de brincar com menino, brincava de gude, naquela época. De pião.

M.: - Não.

A.: - Não tinha nada disso nessa época?

M.: - (...).

A.: - Nem jogava pião, nem aquela jogo de cênica, era desses que fazia, não?

M.: - Não.

A.: - Vocês não brincavam de casinha, de... de bonecas, de nada disso, de E-U no recreio da escola?

M.: - Não.

A.: - Não?

M.: - Brincava de outras... outras brincadeiras, né?

A.: - Em outros lugares, né? Na hora do recreio da escola não?

M.: - Da escola não.

A.: - Só ficavam conversando?

M.: - Mas era pouquinho tempo também (...).

A.: - Vocês lanchavam, faziam lanche coletivo, todo mundo de baixo da árvore.

M.: - Era. É e chegava a hora de ir pra casa, quando via, não dava tempo de brincar.

A.: - E o que mais fazia na escola? Que tipo de atividade era que mais a professora passava?

M.: - Na escola?

A.: - Hum. Era pra lê pra tabuada?

M.: - (...) ninguém desenhava, não fazia desenho, não desenhava nada.

A.: - Não Maura?

M.: - Não. (...)

A.: - Fazia copia, fazia ditado, como era? Fazia... é... botava pra estuda tabuada, como foi que ela fazia?

M.: - É, fazia tabuada.

A.: - E assim, inventava histórias, criava?

M.: - Criava.

A.: - A pró assim uma figura, uma tema pra vocês criara uma história ou não.

M.: - Não.

A.: - Não? Nunca inventava histórias.

M.: - Não, só mesmo pra lê (...)

Ingrid: - é porque era mais... a escola era, assim, de baixo de uma árvore?

M.: - Era numa casa, né, era numa casa.

I.: - Ai só que. Era numa casa.

M.: - Era numa casinha de barro (...).

I.: - Ah, sim.

M.: - Por causa do salão, assim, sabe?

I.: - Não tinha então, um lugar que tinha muito espaço.

M.: - É, um tempo muito atrasado.

A.: - (...) e assim, livros... vocês, depois, mesmo saindo da escola teve interesse e curiosidade de lê algum livro ou revista, ou não?

M.: - (...) Também esqueço.

A.: - É mesmo Maura (...)?

M.: - Só mesmo o mercado, anotar uma coisa assim que tá faltando, que foi que eu vim buscar?

A.: - Que foi que eu vim?

M.: - Não tire a caderneta que eu não tenho mais nada na cabeça não. (risos) Quando eu lembro de procurar alguma coisa, assim, pra...assim, vez enquanto eu lembro, mas ai lembrar que eu tenho que passar.

A.: - Pra contar a história toda, esquece?

M.: - É. Conta a história toda, esqueço.

A.: - Quando vai perguntando, vai lembrando aos poucos?

M.: - Alguma coisa, né?

A.: - Quando tá... quando faz a pergunta, né?

M.: - Ali quando a men... eu brincava Ana escola, né? Todo mundo inventava as brincadeira de roda, ai que eu me lembrava, Ah! É um verso. Ai, no finalzinho do que tava falando ai, eu ia lembrando, mas assim na hora, não assim.

A.: - E fora da escola as... as brincadeiras, cantigas que mais cantavam, no tempo, não lembra de nenhuma, não?

M.: - Cantava. Cantava limoeiro, né?

A.: - Ah, meu limão, meu limoeiro.

M.: - É. Meu pé de Jacarandá. (...) É um verso.

A.: - É?

M.: - (...) carregado de amor. (risos)

A.: - É?

M.: - Esses verso assim a gente sabe, né?

A.: - Hum.

M.: - Mas o resto.

A.: - Esquece. E você assim, já casou, com quantos anos? Casou novinha?

M.: - Casei com 21 ano. Não tava nova, não.

A.: - Ah, não tava novinha, pra época, que as moças casavam sempre muito cedo, naquela época, né Maura?

M.: - É.

A.: - E quantos filhos você chegou ater Maura?

M.: - Eu tive uns... duas mulheres, dois homem só. Acho. Dois deles morreu só (...).

A.: - Foi? Morreu pequeno?

M.: - Morreu com três meses e 5 dias. Eu tive quatro. Eu tive uns parto muito duro. Eu tive um... primeira, que deu muito trabalho, foi 5 dia, 5 parteiras, não tinha médico, (...), quem ia pra Aracajú era... não era pobre, né? Demorou 5 dia, com 5 parteira dentro de casa, né?

A.: - Sentindo dor, mas nada de...

M.: - Dor, dor mesmo de morrer. Teve uma mulher que botou a mão na minha cabeça, fez uma oração ai...

A.: - Rapidinho teve?

M.: - Tive a menina.

A.: - Foi mesmo Maura?

M.: - Ai, sei que foi Nossa senhora que desceu do céu, chegou e botou a mão aqui. Que a primeira é que foi de dor sabe?

A.: - Sei.

M.: - A primeira, né? A segunda já foi um parto (...) agora o quanto já foi ruim (...).

A.: - Ah, foi forte.

M.: - Ele nasceu... ele foi... foi a ferro que ele tirou.

A.: - Hanram.

M.: - Nesse tempo fazia nem o parto Cesário.

A.: - Não fazia não?

M.: - É.

A.: - Tirava a Fórceps.

M.: - Tirava a ferro.

A.: - Porque você já tinha dado início ao processo de... de parto, entendeu? E quando entra já no processo de parto, já não dá mais tempo fazer cesário . Então tem que... que ter... o que serve pra fazer cesário, pra fazer antes da... de... de começar o processo de... de...de... dilatação.

M.: - Acho que nesse tempo não fazia, tem uma pessoa que (...) ai viram que eu ia morrer mesmo, ai foi buscar o médico, ai o médico brigou tanto, porque a hora de vim de Ourolândia praqui buscar um médico, magina.

A.: - É claro Maura! É.

M.: - Doutor chegou lá, brigou tanto.

A.: - Já trazendo você.

M.: - É, ele brigou (...) foi tão bom pra mim.

A.: - Pra leva.

M.: - Ai quando tenho o menino... o menino nasceu morto, morto, um pedaço preto no lugar, né? (...) ai quem diz que eu dormi mais (...) ai fico eu fazendo a cesariana, né, e todo mundo foi dormi e eu chorando, de madrugada só fiz chora. Passava tempo, tempo (...).

A.: - (...) Me diga uma coisa Maura, na escola onde você estudava, você disse que era como um salão, né? Então, também não tinha biblioteca na escola (barulho de caminhão).

M.: - Não tinha não.

A.: - Então para vocês ler história para discutir ou professora levava ou vocês não tinha livros pra ler.

M.: - É.

A.: - E me diga uma coisa, assim de sua vida quais são os... as lembranças que você tem assim, de um período que você tem, assim, mais saudade, que você recorda, que numa época boa que você viveu?

M.: - O tempo que eu era moça, né, que fazia os passeio, as festa em casa (risos) era bom demais.

A.: - E o... costumava passear em qual...

M.: - Nós trabalhava na roça pra andar arrumado, tudo direitinho, né ? Só comprava roupa boa!

A.: - Pra andar tudo arrumado?

M.: - Tudo arrumadinho, nos passeio fazia sucesso. (risos)

A.: - Fazia sucesso (risos). E me diga uma coisa, quais... quais eram as musicas que você mais gostavam de dançar nas festas, era mais forró, ou era mais seresta?

M.: - Nesse tempo não tinha forró nem tinha seresta.

A.: - Não?

M.: - Não, não.

A.: - As orquestras tocavam o que?

M.: - Não lembro mais o que eles tocavam, sei que era sanfona, né?

A.: - Mais era sanfona?

M.: - É.

A.: - Então, a san... o forró pé serra.

M.: - É, a sanfona. Vai ver que era forró mesmo, né?

A.: - É, que na sanfona tocava o forró pé de serra, né? Todo mundo diz que hoje não tem mais o forró legítimo que...

M.: - Tocava essa música de... de...

A.: - Então, Luiz Gonzaga. (...)

M.: - É esse ai mesmo.

A.: - É.

M.: - De quem é velho, né?

A.: - E... isso, então você já ... já, assim, na sua época, você já... já na sua geração, você já ouvia e já dançou as músicas de Luiz Gonzaga, o Rei do baião, né?

M.: - Ah, é dançava.

A.: - E quais que você ainda lembra um pouquinho, os pedacinhos? Se recorda.

M.: - Asa Branca, né? (...)

A.: - E aquela que fala da seca. De...

M.: - Não lembro não.

A.: - Triste partida, não lembra dela? Que sofre por causa da seca do sertão, que vai embora, o... que todo mundo vai embora, que deixa o amor dele, Rosinha.

M.: - Não sei responder. Não sei não.

A.: - Setembro passou, outubro e novembro...

M.: - É, é essa. (risos)

A.: - Já tamo em dezembro, meu Deus o que é de nois.

M.: - É. Tem fé em Deus.

A.: - Que não chove, né? E televisão você gosta de assistir Maura?

M.: - Gostava muito de televisão, mas depois que eu participei da... do grupo carismático sabe? Aprendi muita coisa (...) Só gosto mesmo de coisa da igreja, tipo a Canção Nova, a Rede Vida, missa e louvor. Só isso.

A.: - Jornal, não?

M.: - Jornal, é jornal. Nem jornal assisto mais, que eu não assisto muito, só essa novela que terminou... que começou esses dias, aquela dos menino, já gosto de assistir ela.

A.: - Gosta?

M.: - É.

A.: - Chocolate com Pimenta?

M.: - É, Chocolate com Pimenta. Não, Chocolate com Pimenta não.

A.: - A qual?

M.: - Depois de Chocolate com Pimenta, a outra.

I.: - Da Cor do Pecado.

M.: - A daquele menino, aquela parte (...).

A.: - Ah, do menino, sim.

M.: - É. (...).

A.: - Aquela criança, né?

M.: - É aquela criança, é. Leva o (...).

I.: - Ah, a senhora que sai.

M.: - É, assim, se tô dentro de casa, eu vô e assisto na (...) mas durante o tempo da novela tu acredita que eu ia pra igreja, não esperava terminar a missa, ai eu saia (...) por causa da novela, mas agora eu nem (...)

A.: - Já não sente falta, né?

M.: - Sinto não, só coisa da igreja mesmo. Essas novela imoral, tá cheia de imoralidade, né?

A.: - Tem muitas que você, não...

M.: - É.

A.: - Não tira lição de vida, né?

M.: - Essa mesmo ai, que a gente (...)

A.: - Sim.

M.: - (...)

A.: - Que... que é Lima Duarte que é o autor.

M.: - É. (...) novela (...)

A.: - Eu não assisto, mas de vez em quando, eu vou assistir, mas eu sei que o ator é Lima Duarte.

M.: - É. Meu Deus (...)

A.: - Você disse assim que as novelas passam muita imoralidade.

M.: - Sim, lá tem um tal de um curador, um tal de painho, que o novela enrola rola (...) o tal de painho, né? O curador.

A.: - Sim.

M.: - Da novela, ah, mas é nojento! Eu gosto do menino.

A.: - Ô Maura de... desses programas que você falou ai, que... que assisti, qual que você tira mais... mais lição para a sua vida? O que, que eles lhe ensinam?

M.: - Me ensinam?

A.: - Sim, que ensinamento você tira desses programas que tão... que você assiste, que você falou ai? Da... da canção, da tv vida, das missas que as vezes, você também assiste a um jornal e um pouquinho de novela.

M.: - Isso, de novela.

A.: - Desse todos que nós falamos ai, quais os que você acha, assim, melhor, mas proveitoso, que lhe ensina coisas?

M.: - Igreja. (...).

A.: - O que, que... o que é que mostra nesse programa?

M.: - Mostra?

A.: - Hum.

M.: - Mostra que a gente tem que se apegar muito com Deus, chama muito pelo nome de Deus pra ele nos ajudar, né? Pra nos livrar do mal e (...).

A.: - Então você prefere, programas, né, religiosos?

M.: - É, religiosos.

A.: - Que vai... pra você, vai lhe ajudar, você, a respeito de sua vida.

M.: - É, transformar.(...) Eu não sabia nem ler uma bíblia, né? Nem lia.Quando eu morava em São Paulo, eu dizia homem, (...) Pra que mãe quer a bíblia, mãe não sabe lê, mas eu aprendo, ai na carismática a gente levava a bíblia e ia dizendo o evangelho, ai eu fui aprendendo, eu não sei falar do evangelho, mas eu vendo eu falo.

A.: - E você, a leitura que você mais faz então, agora, já, é a bíblia. Não é?

M.: - É.

A.: - Não é revistas, voltou-se pra... uma das coisas que você, mais lê agora, atualmente é a bíblia.

M.: - As coisas que eu tô enfrentando na minha vida (...).

A.: - Vai lê?

M.: - Os salmos. O salmo 90.

A.: - O que é que diz o salmo 90? Fala o que o salmo 90?

M.: - O salmo 90?

A.: - Sim.

M.: - Que é... é....

A.: - O senhor é meu pastor?

M.: - Não.

I.: - Esse é o 23.

A.: - (...)

M.: - (...)O exorcismo (...) Sabia todinho de có, (...) tu que habitas (...).

A.: - Por que você gosta de ler esse Maura?

M.: - Porque é o único que mandavam a gente lê uma mensagem em casa, assim.

A.: - E você entende que ele tá... tá dizendo o que pra gente?

M.: - Tá dizendo, assim, não, tem jeito, né? (risos)

A.: - O exorcismo quer dizer que... que morre uma pessoa, quando ela(...).

M.: - Quando ela passava...

A.: - Hum.

M.: - Tu es o meu refúgio (...).

A.: - Porque o resultado (...).

M.: - (...) era todo (barulho de moto).

A.: - Você gosta exatamente por isso, que você entende que ele esta mostrando, uma forma de progressão, de nossas vidas (...).

M.: - Tem aquele salmo, confiando em Deus né? Pedindo a ele assim, sabe?

A.: - Além da bíblia...

M.: - Tem o... o... tem outra parte também, que (...) mas agora não dá não.

A.: - Esqueceu?

M.: - Tá vendo? Agora, ainda agora, criado o passado, né?

A.: - Mas as vezes, lembra mais o passado do que o de agora sabia? Porque você viveu, tá guardado. Esqueceu guardou, quando eu... você se mete a falar, você relembra tudo mais fácil de que um... um fato recente.

M.: - É, ainda, tem coisa, que eu lembro, assim (...).

A.: - Por exemplo, quando você é... era criança... você vivia na cidade ou na roça?

M.: - Na roça.

A.: - E... e quando você viveu na roça até quando? Até mocinha?

M.: - Até mocinha.

A.: - E quando depois, veio morar na cidade, já tava casada?

M.: - Já.

A.: - Já? Qual a diferença, que você acha... acha da roça pra cidade? O que é que você mais gostava? Você mais gostava de morar na roça ou na cidade? O que?

M.: - Eu gostava mais da roça porque a gente tem muito as (...) ia dormi no quarto, assim, a janela assim(...).

A.: - Então a parte da roça que você mais gosta é essa?

M.: - Aqui a gente tem mais conforto, né?

A.: - Hum.

M.: - (...).

A.: - Qual... qual é o conforto que você acha que aqui tem mais melhor que na roça, pra gente viver ser mais saudável? Que não tinha lá antes?

M.: - O conforto aqui é melhor porque você não precisa ter que ficar só num canto, né?Até planta. Tudo pronto, né? Tudo pronto. Até a comida se quiser comprar pronta, a gente compra. E lá você tinha que ir pro pilão, pisar o tanto da (...) pisava, arroz tinha que pisar também.

A.: - Pra descascar.

M.: - Sei lá, pra moer. O milho tinha que moer pra fazer cuscuz. Tinha, não sei se vocês conhece, fubá, que é só pisar.

A.: - Fubá.

M.: - Eu faço assim, né?

A.: - Fubá de milho?

M.: - Fubá de milho, já moeu? A forma de pisar aquele milho era muito sofrido, né?

A.: - Ah, pra fazer a...

M.: - Ai vai fazendo o fubá.

A.: - A fubá, pra depois fazer o cuscuz.

M.: - É. Milho tinha os bando no mato, no sol, né? Aquilo ali...

A.: - Mutirão?

M.: - Isso, mutirão.

A.: - Pra fazer a... o milho de pipoca moído e torrado? Fazia aquela... aquela... como era o nome? Que o povo gostava de comer com manteiga, mas tinha um nominhozinho.

M.: - Eu gostava muito dá... é paçoca de amendoim, é?

A.: - Paçoca.

M.: - Paçoca de amendoim (...) Hoje você tem saudade de comer uma paçoca e não pode comer, que não tem onde comprar. (risos)

A.: - Coisas que já não acha, mas agora.

M.: - Não é? As vezes dá uma saudade de comer uma paçoca e não pode (...).

A.: - Então em relação a... a cidade, o que você mais sente falta da roça e mesmo no sentido desse momento de... de mais paz de espírito.

M.: - Mais paz.

A.: - Mais tranqüilidade, que a cidade é agitada, né?

M.: - Que aqui a gente sofre mais.

A.: - Com o barulho.

M.: - Só tem paz quando a gente tá na igreja, não é? Na missa. Você é Católica?

A.: - Sou Espírita.

M.: - É? A gente só tem paz quando a gente tá na igreja. Lá, ouvindo a palavra de Deus.

A.: - Você costuma ir na igreja quantas vezes assim, Maura?

M.: - Hoje mesmo era uma dia pra mim ir, mas eu tenho (...) mesmo sem tá tendo missa, tem a oração, né? Ai eu esqueci, mas eu vou uma vez na missa, é muito cansativo.

A.: - Qual é a igreja que você freqüenta?

M.: - Essa da Matriz, da Missão e da Conceição.

A.: - Então o grupo das carismáticas vai...

M.: - De louvor... tem louvor na carismática na terça-feira na Missão... Na Conceição.

A.: - Sim.

M.: - Pela tarde e quinta-feira, hoje, tem na Missão.

A.: - Hum. Quer dizer que nas três funcionam os grupos?

M.: - É, vá lá uma horinha, né? Você mora longe é?

A.: - Moro.

M.: - Lá é tão bom. (risos) Tão gostoso!

A.: - É. Nunca... nunca fui não, mas vocês... cantam, também, Mura, as músicas de fé?

M.: - Canta. A gente canta.

A.: - Você lembra de algum cantinho ou não?

M.: - Ah, ainda agora tava a canção nova ali. Espírito enche a minha vida, enche-me com o teu viver, pra viver eternamente, sempre contigo. E outra é, as minhas mãos eu quero levantar, (risos) ai eu vou te adorar, meu coração eu quero (...) espírito, no dia que eu te encontrei (...).

A.: - Maura, me diga uma coisa, de... você me disse que trabalhava na roça, moendo, né? Feijão, no milho, na mandioca, fartura, agricultura, sempre teve uma vida, né, de muito trabalho, que na roça é muito trabalho. E ai, depois você casou, veio embora, né, dá roça e tudo. Teve seus filhos e você sempre trabalhou, só dentro de casa criando os seus filhos ou você chegou a trabalhar fora Maura?

M.: - Tinha até a primeira filha, que eu trabalhava até de enxada. Também, né, na segunda. No quarto foi que eu deixei de trabalhar porque quase eu morri, né? Os outros parto todo eu trabalhava muito na roça, com a barriga muito cheia, pegando mamona com uma só amarrada, assim (...) aquele pesão assim, da barriga bem grande. Catava feijão se abaixava aqui, não sei pra que, vinha à barriga. Mulher, sofri muito, viu? Ai foi devido aqueles partos, que eu fincava assim, sangrava muito, ai meu marido ficou com medo (...).

(mudança no lado da fita)

A.: - Sim.

M.: - Que os três parto (...).

A.: - E trabalhou na roça antes, mas depois disso não trabalhou mais pra ninguém.

M.: - Pra ninguém.

A.: - E... e é aposentada?

M.: - Sou aposentada.

A.: - É aposentada. E não chegou, assim na sua vida, você não tem experiência de ter tido um emprego, fora de... do lar, numa loja.

M.: - Não.

A.: - Ou costureira, não teve não? Não teve isso não, né? Pra ganhar salário, ter uma profissão assim pra não ser doméstica, não?

M.: - Só na minha casa mesmo.

A.: - Certo. Foi lavradora, não é? Depois foi que cuidou dos seus filhos e ficou trabalhando como doméstica, não é isso? E Maura nesse... nessa... nessa vida inteira que... sua, de... de criar filhos, de casar, de ir pra igreja, né, de depois entrar na carismática, quais foram... você assim, analisando hoje, você, assim, sentiu necessidade ou falta da leitura na sua vida como profissional? A leitura fez falta?

M.: - Falta?

A.: - Sim pra você aprender mais ou você... você acha que você teria vontade de continuar estudado? Ou não?

M.: - Não tinha não. Acredita que eu não tinha vontade? Queria só cuidar dos filhos né? Não voltei a cuidar do estudo, porque dava pra eu ter estudado, né? Foi que eu cheguei aqui também, tem um bocado de ano que eu moro aqui.

A.: - E aqui na casa de convivência você também, não... não faz parte da sala de aula alí? Não estuda não, nunca quis?

M.: - Não, que eu já sei de... já sei escrever meu nome, pronto.

A.: - Não quis mais?

M.: - Não quis mais.

A.: - Mas você não sente vontade de aprender mais pra ler melhor a bíblia não?

M.: - Não a bíblia até que eu já leio bem. Eu só não leio, assim, pra eu chegar assim ir lá no altar e lê uma leitura, assim, né?

A.: - E além da bíblia.

M.: - Fico com medo de errar, mas tudo é medo, que as vez também vai, ai não erra, né?

A.: - Pois é. Num... num... num... o que vai nos mostrar isso é se fizer.

M.: - É.

A.: - É a prática, né?

M.: - Não sei muito é escrever, acabei (...) eu esqueci, era pra mim escrever um nome assim, mas (...).

A.: - Qual vai ser as letras, né?

M.: - É. (...)

A.: - Naquele dia mesmo na aula que a professora pediu pra fazer o cordel, você fez o cordel direitinho com os versinhos do cordel? Você sente a dificuldade mais na onde? Você sabe qual é o verso que bo... dizer?

M.: - Ah, não fiz aqueles verso não.

A.: - Fez não?

M.: - Não.

A.: - Mas na hora de escrever você sente dificuldade?

M.: - A gente escreve só uns três texto lá.

A.: - Ah, agora vai ser texto.

M.: - Ser texto só.

A.: - Além da bíblia que outro tipo de leitura você faz?

M.: - Eu gosto (...).

A.: - Você falou também que o que mais gostava na época de solteira, que era moça, era ir pras festas passear. Quais foram os lugares que você passou que você mais gostou? De conhece, de ir.

M.: - Os lugares era por aqui mesmo (...) nas novena, assim, nas novenas (...) muito canto, Mairí . Tem aquelas novena que (...) tocava a caixa, zabumba, sabe? Batia cada zabumba que era (...) meu pai também tocava e ele vai tocar na casa... naquelas festa...

A.: - Sei.

M.: - Com o pessoal, né? (...) Foi a senhora Madalena (...).

A.: - É, a partir da novena é que fazia o festejo?

M.: - O festejo.

A.: - Não é?

M.: - Festejo, né?

A.: - Dançavam ali como um samba de roda ou não?

M.: - Não era (...) festa mesmo religiosa, né? (...) Dona Madalena (...) muito lindo, sabe?

A.: - Ai quer dizer que ela... elas mandavam, passavam dançando...

M.: - É.

A.: - De carro?

M.: - (...) não vinham andando, né? Elas vinham andando assim e os... Ai, vinha os que tocava, batia. Eles iam passando assim, de costas assim (...).

A.: - Como se Fosse um... um cortejo?

M.: - (...).

A.: - Como geralmente, nessas festas de igreja era comemoração a algum santo?

M.: - Era (...). Ia cantar meu Santo Antônio casamenteiro (...).

A.: - E ai todo mundo acompanhava?

M.: - Oxê, acompanhava tudo dançando. (risos) É dançando.

A.: - Isso... isso nas novenas? Me diga uma coisa, é que você... é que esses passos ai que você... você disse que era tudo, assim, por perto. Cidades perto. Você já chegou a ir em Salvador? Conhece Salvador, não?

M.: - Eu já fui em Salvador duas vezes.

A.: - E gostou?

M.: - Gostei.

A.: - E cinema já foi?

M.: - Fui com Dasdores, uma amiga minha.

A.: - Foi com Dasdores?

M.: - Foi. Aniversario de um filho dela. Ai foi muito bom, a gente conheceu a ilha, mas nesse dia foi tão bom porque tava chuvendo, né? Era casa de praia (...) ai eles tava arrumando (...).

A.: - Lá na casa de praia?

M.: - Não. O aniversário foi cá na cidade mesmo.

A.: - Foi. Na cidade, depois é que vocês foram pra ilha.

M.: - Foi, foi. E outra vez eu fui, uma menina convidou a gente, lá de Salvador. Aí meu filho trabalhava na São Luís, me levou, né? Eu fui lá fiquei na casa dela. Aí ela tem duas crianças pequenas, ele foi tão boa comigo, ela foi... Salvador saímos de manhã (...) o dia todinho em Salvador passeando assim, fomos na igreja lá (...) com os meninos pequeno, né? A gente voltou já era de noite, pra para um táxi (...).

A.: - E quem era ela?

M.: - (...).

A.: - Ah, amiga sua, né?

M.: - Amiga é.

A.: - Ai você... você passou um dia observando, né, as igrejas?

M.: - Foi, o dia passeando na... passeando na cidade.

A.: - Achou bonita Maura?

M.: - Fomo pra praia, nós fomo pra praia.

A.: - Foi Maura?

M.: - Foi.

A.: - E achou da praia?

M.: - Achei muito linda a praia.

A.: - Tomou banho de mar?

M.: - Eu não tomei banho não.

A.: - Não? Por que?

M.: - Porque eu (...).

A.: - Teve medo?

M.: - (...) maravilhoso. Eu já fui no Rio também.

A.: - No Rio de Janeiro?

M.: - Fui em 2000, no Rio de Janeiro (...)

A.: - Passeou muito?

M.: - Passeei, fui no Cristo.

A.: - Ah, Maura que ótimo!

M.: - Só não fui no comércio porque tava ruim demais, né? (...) ai, (...) foi dá um passeio na... na... travessemo ali mesmo em Niterói, né? De barco.

A.: - A ponte Rio-Niterói? Então você já conheceu o Rio de Janeiro, São Paulo?

M.: - São Paulo?

A.: - São Paulo não?

M.: - Não.

A.: - Mas o...

M.: - Minha filha já morou em São Paulo, minha irmã e eu nunca fui em são Paulo.

A.: - Foi?

M.: - Foi.

A.: - Podia ter aproveitado, ter passado lá.

M.: - É. Pois morava lá. Tinha mais de vinte anos já.

A.: - Foi em Salvador e Rio. E gostou mais de qual? Salvador ou Rio de Janeiro e porque?

M.: - Do Rio. (risos)

A.: - Porque do Rio mais?

M.: - Porque a gente gosta de ir pra praia, né?

A.: - Achou mais bonito?

M.: - Ah, também. A praia é muito bonita.

A.: - Qual foi assim a parte do Rio que você achou mais bela de olhar, ficou admirada?

M.: - O Cristo, não é? Todo lugar que você anda do Rio o Cristo tá lhe acompanhando. Você olha, não é interessante mesmo? Eu (...) vê o Cristo. Imagine.

A.: - Quer dizer, todo ponto que você olha, né?

M.: - É.

A.: - Você vê de diferentes pontos de vista. Interessante isso. E você sentia o que com todo lugar que a... estava, em vários , diferentes locais, olhar, via o Cristo? O que é que você sentia? Qual era a sensação?

M.: - Eu sinto aquela alegria, né? Perecendo que tá vendo o Cristo verda... verdadeiro mesmo, que é o nosso libertador, né? Aí fica sentindo assim, não tem nada (...), né? Fui lá no pé do Cristo (...).

A.: - Foi com quem? Uma amiga?

M.: - Eu fui com a minha filha (...).

A.: - Passou quanto tempo lá no Rio?

M.: - Eu passei mais de 2 meses.

A.: - Foi?

M.: - Foi.

A.: - Então passeou bastante.

M.: - Larguei a casa aí. Eu digo, ô vou ter que sair de casa ai, (...) quando cheguei tinha a pior bagunça.

A.: - Os filhos?

M.: - (...) sai de casa (...).

I.: - A senhora mora com quantos filhos?

M.: - Esse filho, né?

I.: - Quantos filhos a senhora mora?

M.: - O esposo mora na roça. Eu moro? Quantos filhos? Só dois. Uma moça e um rapaz.

I.: - Ah.

M.: - Um casal . Eu tenho uma netinha. Eu só tenho um neto só.

A.: - Tem neto é?

M.: - É.

A.: - Quantos anos tem sua neta?

M.: - Minha neta tem nove anos.

A.: - Nove?

M.: - Tu conhece João? João, ele trabalha em Tereza da (...) da loja lá. (...) que morreu?

A.: - Eu não lembro não Maura. Aqui em Jacobina?

M.: - Aqui. (...)

A.: - João contador é seu filho?

M.: - É. Meu filho se formou pra contador. Ele trabalhava ne Aguinaldo, né?

A.: - Ah, trabalhava com Aguinaldo.

M.: - Com Aguinaldo é. Até hoje, estagiou lá com Aguinaldo.

A.: - Aguinaldo já (...)

M.: - É. Eu não sei de nada (...) Normeide, a mãe de Dinha. (...) Aqui indo pro colégio, tá a casa lá, a loja lá (...).

I.: - (risos).

M.: - Ela namora até com Marco Marcelino (...)

A.: - Ah, já sei que é Tereza. Exato, é a namorada de Marcos, é.

M.: - (...) A patroa do meu filho

A.: - Sim. Ela é patroa do seu filho. Já a vi com Marco mesmo.

M.: - Acho que tu conhece. Júnior, que é um baixinho, que se separou de (...)

A.: - É capaz, viu Maura. Pelo nome, assim, eu não tô ligando a pessoa ao nome.

M.: - (...) errado, nada. Aí tem minha netinha que eu amo. Ave Maria!

A.: - Como é o nome dela Maura?

M.: - Caline.

A.: - Caline?

M.: - Só tenho essa neta.

A.: - Só tem essa neta Maura? E os outros filhos?

M.: - Não casaram ainda.

A.: - Não casaram, então não tem filhos?

M.: - Só o mais novo casou.

A.: - E como é a sua convivência com Caline?

M.: - Ave Maria.

A.: - Ouve história, que ela lhe conta história? Lhe chama pra dançar e cantar? Como é com ela?

M.: - Oh, eu não conto história pra ela que eu esqueço, né? Que ela adora escutar historinha (...).

A.: - Mas ela que tá na escola, é sabidinha e lembra as história pra lhe contar ou não?

M.: - Não conta não.

A.: - Não?

M.: - Também é difícil ir lá em casa, mulher. Na escola estudando, né? Ela, hoje, ela vai vim que ela quer ir pro Amando, né? Mas lá, ela pega o coisa e diz oh minha vó te amo. Eu amo tu vovó.

A.: - Oh!

M.: -Eu criei ela, desde (...) tem que a gente criar, ai ela chega (...) todo dia fica ligando, já tem 4 ano que a mãe não vai lá. Aí vai subindo a laderinha, que ele mora subindo pro hotel, né? Aí ia caminhando. Emagreci tanto, eu era gordona (...) que ele trabalhando, eu não confiava deixar a menina com a empregada, né, mulher?

A.: - Sei.

M.: - Só se for uma (...) aí comecei a criar a menina.

A.: - E você como boa vó, já tinha experiência tem 4 filhos.

M.: - É.

A.: - Foi ajudar a cuidar, né?

M.: - (...) ia chorar, agora não que a mãe tá trabalhando em Salvador.

A.: - Então já tá grandinha.

M.: - (...)

A.: - Pois é, uma neta linda, né Maura?

M.: - É.

I.: - E quantos anos ela tem?

M.: - Não vai ter mais não que ele... ele ligou. Como é que diz?

A.: - Ele fez vasectomia?

M.: - É.

A.: - Não, eu tô perguntando quantos anos a menina tem?

M.: - A menina?

I.: - É.

M.: - Hã. Já é grande.

A.: - Já é quase adolescente. É pré-adolescente. E aí a... a convivência é outra, né?

M.: - É. (...)

A.: - Com a sua neta. E aprende muito vó e netos juntos conversando. Muito interessante. Dá idéia que você pode perguntar a história dela que você vai ver quantas

histórias interessantes. Os livros que ela leu, as coisas que ela sabe, como você vai aprender com ela. Se vai...

M.: - É. Ela vai arrumar muita coisa mesmo, é.

A.: - Entendeu? Que aí você vai relembrando, aí...

M.: - Agora quando ela vai lá pra casa, ela fica aí mais a outra... avó, né?

A.: - Quando chega?

M.: - Vamo vó pro teu quarto? A minha casa, visita mais o meu quarto. Vamo pro teu quarto, ela fala. Aí deita lá, assiste as coisa que ela gosta. Aí assiste novela, ela gosta de novela, ela gosta daqueles programa de...

A.: - Malhação?

M.: - Programa assim (...)

I.: - É o Huck?

M.: - Acho que é. Esses programas que passa aí as músicas. Eu não gosto, mas pra ficar com ela, né?

A.: - Deve ser chato.

M.: - É. Aí ela me conta história de (...). Ela mesma, sozinha, vai estudar.

A.: - É?

M.: - Ela mesma só...

A.: - Bota ela pra estudar?

M.: - É.

A.: - Mas e música. Sabe as músicas todas de sucesso pra cantar ou pra dançar?

M.: - Ela?

A.: - Sim.

M.: - Não. Ela não faz a... nunca (...).

A.: - Você não era dançadeira não, Maura?

M.: - Não.

A.: - Não?

M.: - Nunca dançava (...) era mais pra dançar, né?

A.: - E você sempre teve vontade de continuar estudando ou depois que se casou? E hoje também não lembra muito de querer voltar estudar ou ler mais ou você nem lembra?

M.: - Não lembro não. A vez (...).

A.: - Qual época?

M.: - Nessa época (...) dava vontade da gente fazer (...) e ainda a cabeça esquentava o juízo. Pra mim copiar aquelas frases que tinha que fazer assim, fa... fa... escrevia o certo e o errado. O mesmo que viu o errado, aí tinha que botar o certo pela cabeça da gente, né?

A.: - Sei.

M.: - Aí me esquentava tanto a cabeça que eu fico passando mal e as menina também faz muita zuada, elas querem cantar na hora da gente estudar mesmo. Pra gente esse negócio de estudar tem que ser só...

A.: - De ler, explicar se você (...).

M.: - Eu num vou esquentar minha cabeça, elas fazem tanta zuada que a gente.

A.: - Porque na hora.

M.: - (...) você vai ver que é mal-feito, aquele palavra (...) ela escrevia era assim, a errada. Ela escrevia no papel uma errada e uma certa.

A.: - Pra olhar como é.

M.: - É, olha como é que fala, né?

A.: - Sei. Como é que faz como é que escreve.

M.: - É.

A.: - Mas tá aprendendo muita coisa interessante, né? Faz o curso?

M.: - Hã?

A.: - No curso que você tá fazendo tá gostando?

M.: - Gostei.

A.: - Você tá aprendendo com a Suely?

M.: - Com a Suely? Tá gostei. Gostei muito (...).

A.: - O funcionamento é essencial. Você sabia Maura, que quanto mais você lê, quanto mais você escrever, mas sua mente vai praticar e mudar mais.

M.: - É. Eu acho que ali, ela fazia aquilo pra forçar mais a gente, né?

A.: - A mente é pra exercitar. Exato.

M.: - É.

A.: - A memória é assim. Tudo na vida que a gente usa pouco vai atrofiando. Sabe?

M.: - É.

A.: - Então quanto mais você exercitar, usar a mente, cantar, lembrar, escrever, mais você vai tá relembrando tudo e aprendendo com mais facilidade. Porque a memória ela vai sempre ampliando. Não vai voltar mais ao que eu estava. Tem um... um... uma partezinha de um autor, que ele diz que o cérebro que se amplia jamais volta ao normal.

M.: - É, né?

A.: - Então logo tem que estudar, por isso, porque cada vez que aprende, você vai juntando mais coisa, vai exercitando, a memória vai também, né, sendo cada vez afiada e aumenta o seu conhecimento.

M.: - É. Mas eu acho que isso não é nem pra tá... a memória da gente é (...) acho que eles querem que a gente pague né? Muita coisa que a gente passa, quando tá velho com a família da gente. Que a gente... que ele vai acabando com a vida da gente (...). Eu tenho um filho que deu muito trabalhando, ele bebe muita cachaça! Com mulher e (...) porque eu... a gente só quer o melhor pros filho da gente, né?

A.: - Claro, minha filha.

M.: - A gente dá conselho, mas eles não quer (...) perdi a (...).

A.: - Pra aula?

M.: - Foi. Foi que eu vim pra aula, depois eu não vim, porque ele passou 10 dias bebendo sem parar, é cachaça.

A.: - E fica bêbado mesmo?

M.: - Quando ele tá... ruim, ruim, ele cai, né? Mas minha fia tem vez que ele passa 3, 4 dia...

A.: - E ele sofreu?

M.: - Bêbado lá na porta. (...) Acho que dormir por lá tem mais vantagem, né?

A.: - E a preocupação?

M.: - Fico pensando, será que tá dormindo?

A.: - É.

M.: - Será que tá caído na rua?

A.: - Sei. Será que teve alguma coisa?

M.: - Quando a gente vê uma caído na rua a gente pensa no da gente também, né?

A.: - Pois é.

M.: - (...).

A.: - Ele não é casado?

M.: - É não. Ai ele vem pra cá, uma dor (...) quando ele tá bebendo mais alegre fica, mas quando ele tá são ele não dá uma palavra, chega (...) nem um (...) ai ele vai, na mesma horinha que vai lá (...) coloca os aparelhos nos ouvido, fica lá que nem... diz os médico que não é dormindo não, é desmaiado, que bêbedo não dorme, desmaia. Parecendo um morto, sabe? (...)

A.: - O Mura, e você já convidou ele pra ir pro alço... o AA?

M.: - Oh, minha fia, já. Já levei lá.

A.: - Mudar, trabalhar.

M.: - É difícil levar a pessoa (...).

A.: - (...) porque se ele quiser.

M.: - É difícil.

A.: - Ele já tá sem ajuda.

M.: - É difícil, é difícil, é difícil.

A.: - Todo mundo que bebe diz isso.

M.: - Eu disse a ele, Antônio...

A.: - É porque tem que entender que a bebida é uma doença.

M.: - É uma doença.

A.: - Tem que cuida, tratar, porque é um vício, causa dependência. Então a pessoa, em primeiro lugar tem que admitir que é doente, pra depois querer ajudar e no AA ele iria...

M.: - Ele já tá (...).

A.: - E trabalha Maura?

M.: - Trabalha (...) ele passou 10 dia bebendo chegou em casa domingo onze horas (...).

A.: - E quando tá assim, não fala em parar de beber, não?

M.: - Ah, sim. Ai eu encontrei ele assim, Tonho, eu vou chamar (...).

A.: - Sei.

M.: - Ai eu digo, eu vou chamar ele pra nós te internar. Que? Vou te internar, não agüento mais essa vida não. Fica lá me avista assim, mas...

A.: - Tem que ter condição de recuperar, de...

M.: - Só se for amarrado. Não vai não. (...).

A.: - É, porque o AA é muito bom.

M.: - É mesmo.

A.: - O grupo (...) ajudava é muito ele.

M.: - Um (...) Raimundo ele é... ele deixou de beber, mas ele morreu.

A.: - Muita gente...

M.: - Muito fraco, né? Deixou. Depois ele nunca... não posso fazer nada, chegar e amarrar de corda, chega lá ficar internado, deixar ele, ele foge, né?(...) ou então, eu fui lá Doutor Adelson fazer uma consulta (...) quando ele vinha (...). Ai ele bebia cedo o remédio pra beber, deixou. Mas era pra deixar de usar, né? E outro pra dormir, oxê, não quer não. Mas vai querer (...) vai querer morrer mesmo.

A.: - Pode adoecer, ter problemas maiores.

M.: - É, que (...) só falta morrer (...).

A.: - O fígado já sentindo alguma coisa, né?

M.: - Ah, é. Até com álcool, cai (...).

A.: - Quem bebe cachaça...

M.: - E cerveja também, né?

A.: - É bom continuar tentando, né, que é o papel de toda mãe (...) E sempre que tiver a oportunidade tornar convidar, dizer vamos pro apoio, você não acha que , né? Sempre que esquece quer dizer tá fazendo a nossa parte pra vê se um dia toca.

M.: - É. Uma pessoa de fora, sabe? Que viesse (...).

A.: - Mas ele não se preocupa? Não acha que é você só (...).

M.: - (...) todo dia. Tá me matando, tá me matando.

A.: - Eu sei.

M.: - Só que (...).

A.: - É (...) Mas é importante, que você...

M.: - Tem tanta gente que consegue, vai até pra igreja, né? Se diverte.

A.: - Que procura alternativa, um tratamento.

M.: - Eu conheço um rapaz aqui, se converteu, deixou de beber, sai com a vizinha, vai pra igreja (...).

A.: - Pois é Maura vamos ficar assim, vamos acreditar que ele também chegue num momento desse (...). Só que claro que na doença precisa de ajuda, de profissional no

assunto. Que é que mais você gostaria de dizer de sua vida, de suas leituras, das suas leituras, da sua igreja? Gostaria de dizer alguma coisa assim.

M.: - (...).

A.: - Mas você não é viúva não, né?

M.: - Sou separada.

A.: - Separada? Você vive com seus filhos. Ele e mais outro?

M.: - É uma filha.

A.: - Ah, e mora com você.

M.: - [...].

A.: - Agradecemos então a entrevista, né? Contou a sua história , que muito nos enriqueceu.

M.: - Que história tá vendo ai? (risos)

A.: - Não, ao contrario, agente muito aprende com as histórias do outro, né? Com todas as histórias, vivências.

M.: - Mas as história não deu pra lembrar e contar pra vocês, né?

A.: - Mas você lembrou de outras, de coisas que você vivenciou e experiênciou o que mais, marcou.

M.: - (...).

A.: - Pois é, as próprias preocupações podem ter feito você esquecer de algumas outras coisas, né?

M.: - É.

A.: - Agradecemos e vamos, depois que fazer o capítulo é um capítulo, não é? Voltar com as fotos, vamos trazer aqui pra você vê.

M.: - Ah, é? A besterada toda que eu disse aqui? (risos)

A.: - Não. Não tem besterada... não tem besterada.

M.: - Ave Maria!

A.: - Tem coisas interessantes, né? Reflexões boas pra gente pensar nas histórias de vida, nas nossas memórias que tudo isso marcou a nossa vida, né?

M.: - É. Um dia você vai chegar lá e saber como é bom a velhice. (risos).

A.: - Entender o quanto precisamos viver pra entender...

M.: - Ah, me sinto tão bem aqui. Aqui é eu tenho alegria.

A.: - Pois é, aqui no Centro de Convivência. E a convivência com tantas outras pessoas, tanta amizade, né?

M.: - É.

A.: - Então tá bom.

M.: - Ave Maria, eu gosto mesmo é daqui. Eu tenho minha neta, minha vida é vim pra casa do idoso e aqui.

A.: - Mas você tem muito o que viver ainda. Idoso é aquele que sabe, que continua tendo sonhos, e que pode realizar.

M.: - Mas o que eu venho fazendo, eu não vou durar pra sempre não, mulher.

A.: - Mas você não sabe, quem sabe de tudo?

M.: - É Deus, né?

A.: - A gente nunca vai saber, qual é o momento da gente sair desse planeta pra outro, né? Temos que ter essa esperança.

M.: - (...) entrando, né? Terminamos?

A.: - Terminamos. Brigada.

Entrevista com D.Glória – 22/04/2004 (realizada na casa da mesma)

Ingrid:- Entrevista com Dona Glória.

Ana Lúcia:- Primeiro a gente vai querer saber, seu nome, sua idade, sua profissão.

Glória : - Olhe, veja bem. Antes de gravar, é que eu sou aposentada, no magistério, né? Mas, eu, assim, eu fiz vários cursos e assumi quase todos, quase todos, então, aposentei todos e continuo na atividade de cabeleireira e confeiteira.

A.: - Sim. Hum... Muito bem.

G.: - Quer dizer... as outras eu já quero dizer...

A.: - Quer dizer que ficou quantos anos em sala de aula?

G.: - Vinte-cinco anos.

A.: - Vinte-cinco anos. E sempre trabalhava com primário?

G.: - Sempre.

A.: - Sempre. Primeira a quarta?

G.: - Primeira a quarta série.

A.: - Que série trabalhou mais?

G.: - Terceira série.

A.: - Terceira série. E... e, assim, tinha...

G.: - Que veio o curso de aceleração, porque eu ensinava a noite.

A.: - Sim. Ensinava a noite.

G.: - É. Educação integrada.

A.: - Certo.

G.: - Ensinava desempregados.

A.: - E ne... nesses Vinte-cinco anos de sala de aula...

G.: - Já tá gravando?

A.: - Já.

G.: - Nossa!

A.: - E... eu quero que você me diga, seu nome completo, sua idade.

G.: - Maria da Glória Santos Moura. Tenho 65 anos.

A.: - Ok. Então dona Maria da Glória...

G.: - Em setembro eu vou fazer 66.

(risos)

I.: - E eu que disse, que era mais ou menos 70.

G.: - To chegando pros 70. É, exato.

I.: - Porque quando eu te perguntei, já tem 60?

Conhecida de Glória : - Tchau!

G.: - Tchau, tchau!

A.: - Então a gente gostaria de saber...

G.: - Certo.

A.: - De você, qual é o significado, pra você, da leitura em sua vida?

G.: - Bem, a leitura, não só para a minha vida, mas pra todos nós, é de grande importância, porque através da leitura a gente da leitura a gente se informa, melhor, de umas coisas que vem acontecendo, né?

A.: - Ãh. (conversa de terceiros na fita)

G.: - Então a... a leitura, eu considero assim... é... eu considero uma... uma maneira de viver, é... em comunhão com tudo que acontece em mim. Exato. É através dos livros, né? Tem até um... é... um método mais... mais fácil. A gente está, né? Um meio de adquirir um livro.

A.: - Inteirado, né?

G.: - Exato.

A.: - E... e me diga uma coisa, é... ainda se lembra embora tenha muitos anos, mas ainda se lembra de como aprendeu a ler, com sua primeira professora...?

G.: - Ah, nossa!

A.: - Como foi o processo?

G.: - Lembro. Lembro inclusive, a gente... é a ... dos 6 anos de idade até a essa data, né? É uma faixa etária que a gente pensa que esquece de alguma coisa, mas lembra totalmente. Eu lembro da minha primeira professora, na minha primeira...é...a...é o nome dela, é Ivone Galvão Dias Coelho, em Senhor do Bonfim.

A.: - Foi? E quando foi pra escola você já conhecia o alfabeto?

G.: - Não.

A.: - Não?

G.: - Não, eu fui pro ABC.

A.: - Foi? Sim...

G.: - AB... era, o ABC. Depois veio a cartilha. Aquele método antigo. Exato, só que ela era, assim, uma boa professora, mui... de conhecimento extraordinário, e que naquele época já tinha um método mais moderno.

A.: - Pra alfabetizar?

G.: - Pra alfabetizar, é. Porque tinha aquele de... cortava, assim, o papel e colocava entre letrinha e outra e ia dizendo que letra é.

A.: - Vazado e ia dizendo a letra.

G.: - É, exato. Mas ela já não usou...

A.: - A senhora já não usou quando se alfabetizou ou não?

G.: - Não. Não, porque lá na... na cidade de senhor do Bonfim, é... era esse método.

A.: - Sim.

G.: - Mas meus pais acharam por bem, colocar numa escola melhor. (som vindo de uma escola próxima)

A.: - Mais avançada.

G.: - Mais avançada, que eu não cheguei...

A.: - Precisou usar esse método.

G.: - Exato.

A.: - Como é que ela fazia pra ensinar o alfabeto? A... a lhe ensinar a ler, a escrever?

G.: - Bem. É... Como todo professor hoje, outros métodos, não é? Tem o Paulo Coelho, não é?

A.: - Paulo Freire.

G.: - Paulo Freire, exato. E, naquela época, eu não lembro. Não tinha como lembrar também, por ter 6 anos de idade, né?

A.: - Ah, é naquele tempo era novinha pra...

G.: - Porque a família achava, assim, que ia muito cedo pra escola. Já pra meus pais não. É... só ia de 8, 10 anos em diante, mas eu fui assim...

A.: - Mas se lembra assim algumas das atividades que fazia na classe? Se cobria o alfabeto...

G.: - Cobria. Ela fazia... Ela tinha uma letra... por sinal eu fiquei... eu copiei a letra dela.

A.: - Sim.

G.: - Fiquei... de tanto cobrir, ela fazia de lápis, tinha uma série de caderninhos e era...ela fazia bem de leve e agente cobria com um grafite mais forte.

A.: - Certo.

G.: - Era assim.

A.: - E pra aprender a ler...

G.: - E na... na matemática, tinha era... na época aprendia cantando.

A.: - Ah, sim!

G.: - Cantando! Só que a minha professora não ensinou cantando.

A.: - Sim.

G.: - Apesar de que, eu tinha coleguinhas que aprendiam cantando e eu quis, também, aprender cantando. Era um, Um e um? Dois; Dois em dois? Quanto; Dois em três? Cinco. (risos)

A.: - Ah! Cantava pra aprender a tabuada.

G.: - Era, cantava. Era. Era cantando.

A.: - Sei.

G.: - Só que a minha professora não ensinou esse método.

A.: - Sim.

G.: - Ela era mais moderna.

A.: - Certo.

G.: - Entende?

A.: - E então, assim. Cobria, fazia cópias, né? Sempre assim mesmo.

G.: - Cópias. Nossa! E não podia...

A.: - E não fazia uma leitura?

G.: - To... todos os dias, da... tinha que dá a leitura.

A.: - Mandava ler alto, também, pra sala? Mandava...

G.: - Não. Não mandava ler alto. É...chamava o aluno pra perto dela.

A.: - Pra perto dela.

G.: - Na carteira dela e lia E ela tinha o mesmo livro e ela ia acompanhado.

A.: - Sei.

G.: - Quando errava uma palavra, ela mandava copiar vinte vezes até 50 vezes, só copiava a palavra que errava.

A.: - Na hora da leitura?

G.: - Na hora da leitura.

A.: - E me diga uma coisa, e... e quando... quando você ia ler, lá, que ela ia lhe tomar a lição, você se lembra se no início, você é... lia juntando ou se já lia, assim, tudo? Ou lia juntando?

G.: - Juntando.

A.: - Assim, à parte.

G.: - Era juntando. Era método silabico mesmo. Era juntando a... a... as vogais, juntando as... as consoantes. Tinha que soletrar alto.

A.: - Sim. Era?

G.: - Era, soletrava alto. Porque toda a sala ouvia.

A.: - Então se botasse pra ler "roteiro para entrevista", teria que soletrar?

G.: - Rê, o, ro. Era... não era rê, o.

A.: - Ah, sei.

G.: - Era Rê, o, ro.

A.: - Certo. Me diga como...

G.: - E hoje, é Rê, o, ro, né isso?

A.: - É. Como séria ela completa.

G.: - Era Rê, o, ro. Tê, e, i, tei. Ré, o, ro; Rê, o, ro; Tê, e, i, tei; Ré, o, ro.

A.: - Falava alto pra...

G.: - É. Não dizia rê, o, ro. E a ré, o, ro. (risos)

A.: - Sei. Ré, o, ro.

G.: - Era. E era alto, soletrava alto.

A.: - Era ouvir e saber a palavra corretamente.

G.: - Ouvir e os colegas acompanhavam.

A.: - Ah, sim. Depois juntava e dizia roteiro?

G.: - Roteiro, exato, tinha que ser assim.

A.: - E me diga uma coisa, é... você tem lembrança, se sua professora estimulava, mesmo a partir dela, outras. Porque você tá lembrando da sua primeira professora...

G.: - A primeira, é, exato.

A.: - O momento que você entrou na sala, né?

G.: - Isso.

A.: - E daí em diante, você, tem lembrança se as professoras, que por sua vida passaram, elas eram professoras que estimulavam o hábito da leitura? Elas faziam, com vocês, recitais de poesias?

G.: - Muito.

A.: - Vocês declamavam? (não entendi).

G.: - Muito. Eu cheguei a decorar a... a... aquela poesia Meus oito anos.

A.: - Ah! Que saudades que tenho da aurora da minha vida.

G.: - Só... só primeira estrofe. Não deu pra decorar o resto da...

A.: - De Cassimiro de Abreu?

G.: - Cassimiro de Abreu. Meus oito anos.

A.: - Também me fizeram aprendê-la.

G.: - Isso, é com certeza. E eu...

A.: - E eu, a professora me ensinou até cantar. Oh, que saudade...

G.: - Que eu tenho da...

A.: - Aurora.

G.: - Aurora da minha vida, não é? Da minha infância querida, que os anos não trazem mais (risos). É realmente. E tem muita cantiga de roda, que inclusive, é... nós aprendemos... é... a música, assim, não é? Era só poesia.

A.: - Sim.

G.: - Aí, é... Precisava declamar, né?

A.: - Sei.

G.: - Aí, tinha. Era como num teatro. Tinha que ter gestos, o céu, ai fazia com os braços...

A.: - O mar.

G.: - O mar, era. Ia dramatizando.

A.: - Sei, então as professoras sempre estimularam o aluno a ler. Além de poesia, mandavam ler histórias?

G.: - E mandava ler em casa. Em casa. É. E ela fornecia livros pra gente ler, de história.

A.: - Me conte que...

G.: - De história, é, ela fornecia...

A.: - Que livros você mais...

G.: - Porque, nós não tínhamos, assim acesso a... a biblioteca, não... não existia, também num...

A.: - Biblioteca na época.

G.: - É. Não, não existia. Então ela... ela tinha uma infinidade... ela tinha uma biblioteca lá na escola, que era na casa dela, né? Fica hoje pertinho da prefeitura. Ainda tem o prédio lá, ainda tem, eu sempre passo, vejo. Então, ela tinha uma biblioteca particular, que, então, ela passava pra gente.

A.: - Certo.

G.: - Livrinhos de história, mas é histórias de... bem...

A.: - Assim, lembra de alguma ainda, que tipo de história, eram histórias clássicas? João e Maria, os sete anões...

G.: - Hum... Sete anões, exato. Os sete anões, João e Maria, é...

A.: - O pequeno polegar?

G.: - Não.

A.: - Não?

G.: - Não. O pequeno polegar não.

A.: - Não lembra de mais nada?

G.: - Não, não me lembro, não. Aí, já foram outros anos.

A.: - Sim.

G.: - Porque com 6 anos, o primeiro ano em escola.

A.: - Era o seu primeiro ano de escola, lá.

G.: - Não dá pra falar. Fale.

A.: - É, você me disse.

G.: - Ela contava as histórias.

A.: - Contava bastante histórias pra que vocês...

G.: - Por sinal, que tinha, que a gente levasse, pros pais lêem.

A.: - (não entendi) ótimo.

G.: - A maioria dos pais não sabia ler. Meus pais sabiam.

A.: - Sim.

G.: - Graças a Deus, eles sabiam ler. Eles fizeram o primário, mas é... tinham colegas que os pais não sabiam ler. Não sabiam e num... nem queriam levar os meninos.

A.: Que... que década, mais ou menos, foi essa aqui? Que começou, você começou na escola. Que a professora já tinha uma biblioteca...

G.: - Ela tinha.

A.: - Mandava ler, já distribuía, né?

G.: - Você quer saber assim...

A.: - Mais ou menos...

G.: - O ano?

A.: - É, o ano.

G.: - Bem, eu tinha 6 anos de idade, na época. Então, não... deve ter 50. 50 ano, né?

A.: - É.

G.: - Eu vou fazer 66. Já vou fazer 66 em setembro, então na década de... Há 50 anos atrás.

A.: - É.

G.: - É, 50 anos atrás. Ela (não entendi), só esta professora lá em senhor do Bonfim. As outras, eram outro método de ensino. Era outro método de ensino.

A.: - Certo.

G.: - Muito complicado!

A.: - E desses livros... depois que passou, tal, a primeira, segunda, terceira série.

G.: - Hum?

A.: - E você continuou lendo? Sempre gostou de ler? Ou gostou mais de escrever?

G.: - Gos... Não, eu gostava mais de escrever, porque nessa época eu já estava no colégio. Eu já estava na Sacramentina, lá em Senhor do Bonfim. Exato. Que fiquei um tempo na Sacramentina em Salvador e fui transferida pra Sacramentina aqui, que meu pai era policial e veio pra senhor do Bonfim como policial.

A.: - Sim

G.: - Então, eu já... Depois dessa escola, eu já fui, eu fiquei até a quarta série e ai, eu já fui fazer a... Era quinto ano, né? Quinto ano, depois do quinto ano, admissão. Que ai eu entrei pra Sacramentina.

A.: Certo. E me diga, nesse período, já, de colégio, quais foram os livros que você leu. Que, assim, que mais marcou sua vida?

G.: - Ah, eu... Eu li...

A.: - Teve algum que lhe marcou, que lhe ensinou?

G.: - Eu não li muito não, mas não me lembro.

A.: - Não? Não teve nem um que lembre, assim, o livro que me...

G.: - Não. Não me lembro. Que marcou, assim, a...

A.: - Sim. Que me ensinou muito, que me fez...

G.: - Essa época...

A.: - Não tem um que lhe deixou essa...

G.: - Não. Por que Ingrid? Não lembro, assim, se eu fiz uma leitura, que me chamou muito a atenção.

A.: - Algum romance.

G.: - Algum romance?

A.: - Sim.

G.: - Não, só Romeu e Julieta porque era da época, né? Todo mundo queria ler lá na... lá no colégio. Inclusive a gente lia escondido das freiras.

A.: - Ah! Não deixava não.

G.: - É porque eu ficava semi-interna.

A.: - Sim.

G.: - Passava o dia no colégio, mas fazia refeições e dormia em casa. Tudo no interior.

A.: - Mas então as próprias freiras, não tinha o estímulo de... de co...colocar vocês para ler.

G.: - Vidas dos Santos.

A.: - Ah!

G.: - Vida, era. Era livros religiosos.

A.: - Ne um livro voltado para a igreja?

G.: - Isso. Era livros religiosos.

A.: - Romances, não?

G.: - Marcelino pão e vinho. É...

A.: - Ah!

G.: - É... é... Tinha Marcelino pão e vinho...

A.: - Mas é linda a história de Marcelino pão e vinho!

G.: - É. Tinha… teve outro, outro livro também... José de Anchieta, (não entendi)... (barulho de telefone tocando), José de Anchieta eu li também...

A.: - Também.Então, um pouco exatamente também pela própria filosofia do colégio?

G.: - Do colégio. É.

A.: - Botava vocês pra ler livros religiosos.

G.: - Exato.

A.: - Porque livros tidos como histórias de amor e romances.

G.: - Não. Não podia.

A.: - Eram proibidos?

G.: - Eram proibidos. Na época eram proibidos.

A.: - Então vocês liam escondido?

G.: - Lia escondido. Romeu e Julieta, eu li escondido e fui passando para as colegas.(risos)

A.: - Claro.(risos)

G.: - Quem não queria ver um amor daquele, né?

A.: - É, exato. E cria expectativa, curiosidade, não é?

G.: - Exato, exato.É, que o colégio... lá, a Sacramentina era um colégio, assim, muito rígido, muito... sabe? E quando se colocava uma farda, não podia andar com o sexo oposto. De... de farda não. Era proibido.

A.: - Mas lá já tinha... Só estudava menina?

G.: - Não. Só meninas.

A.: - Só meninas?

G.: - É. De lá eu vim para o Deocleciano.

A.: - Sim, pra Jacobina.

G.: - Achei estranho demais!

A.: - É...é o ritmo que mudou.

G.: - Exato, exato.

A.: - E... e me diga, nessa trajetória de sua vida de estudante,né, nesse tempo que durou, quais eram, você ainda se lembra, as brincadeiras do recreio que mais gostavam, as cantigas de roda, que mais , na época, vocês brincavam. Quais eram?

G.: - É... a gente... É realmente brincavamos de... de roda, né? Assim na porta. Assim, juntava a... as adolescentes e fazia aqueles versos de amor, né?

A.: - As quadrinhas.

G.: - É, as quadrinhas. E brincava de... de... na época cha... Hoje é amarelinha, né?

A.: - É.

G.: - Mas na época, era brincar de macaco.

A.: - Sim.

G.: - Não é? Hoje já.

A.: - As Brincadeiras ma... na época, muitas delas...

G.: - É. Mudou o nome. E, em regras também mudaram as brincadeiras, né?

A.: - Sim, os nomes.

G.: - A gente brincava, mais ou menos isso.

A.: - Mu... assim, hoje a gente conhece a mesma brincadeira, com outro nome. Como também, muda de região pra região.

G.: - De região pra região, exato.

A.: - Sem a... É a mesma brincadeira, né?

G.: - É. Eu passei uma parte...

A.: - Vai... vai variando isso.

G.: - É. Os seis anos... é... eu... eu fiquei em Salvador.

A.: - Morou em Salvador?

G.: - Morei é. Morei em Salvador, exato. Depois eu vim pra... Voltei pra Senhor do Bonfim. De Senhor do Bonfim, Jacobina.

A.: - E das cantigas de roda que brincava, se lembra de alguma ainda, daquela época?

G.: - De roda... é... Sim, tinha a... o tipo de brincadeira também, do anelzinho, né?

A.: - Sim.

G.: - Boca de forno! Né? Tinha boca de forno.

A.: - Ah! Assim brinquei muito.

G.: - Fita! De que cor a fita? Não é?

A.: - Ah! É. O anjo mal, o anjo bom.

G.: - O anjo mal, o anjo bom.

A.: - Bate toc-toc.

G.: - Exato. E... NUTH... tinha a... a cantiga, era Atirei o pau no gato. É... Não lembro muito.

A.: - Sereia? Naquela época você...

G.: - Sereia também.

A.: - Eu morava na areia...

G.: - Na areia, Sereia.

A.: - Isso.

G.: - Isso é. É isso mesmo, é. Ai a gente aproveitava e fazia aqueles versos de amor assim, mas tava era... pra que alguém ouvisse, né?

A.: - Claro.

G.: - Embora tivesse só o grupinho. Num... num brincava menino com menina.

A.: - Com menina.

G.: - Não. Totalmente separado.

A.: - Mas vocês já tinham intencionalidade a fazer o verso?

G.: - Mas ficava... mas já ficava por perto também, porque ai ouvia.

A.: - Ahã, pra eles ouvirem, claro, né?

G.: - Exato. A gente também fazia essas coisinhas assim.

A.: - Claro, como todas mocinhas, né?(risos)

G.: - É, exato. Toda adolescente inventa. Cria, né?

A.: - Acha alternativas. Mesmo...

G.: - Com certeza.

A.: - Acha alternativas mesmo dentro de um universo que, aparentemente é muito vigiado. Muito...né?

G.: - Vigiado, com certeza, muito mesmo.

A.: - Muito (não entendi), né? Mas a criatividade da adolescente é...

G.: - É.

A.: - Da conta disso. Os meninos ouviam, certamente eles ali já...

G.: - Ah! Entendiam o que estava dizendo.(risos)

A.: -(risos) Sabia que era um... uma paquera...rinha, né?

G.: - Com certeza, era.

A.: - Me diga uma coisa, e na escola, que mais gostava de fazer? Quais eram as disciplinas que mais gostava?

G.: - Bem. Eu gostava... é... Eu gosta de Português, né? Gostava da Língua Portuguesa. E... Quando eu cheguei aqui, que fui para o ginásio, eu gostava muito de inglês e francês. Cheguei até a fazer cursinho de inglês e francês.

A.: - Você veio pra aqui, em Jacobina, já no Deocleciano.

G.: - Pra jacobina, é. E ultimamente, o ano passado, eu... Meu sonho era espanhol. E fiz umas aulas de espanhol... de espanhol, mas o professor mudou as aulas pra sábado e sábado eu tenho o movimento daí.

A.: - Sim.

G.: - Ai, não concluí. Ai ficou. E tô fazendo violão. (risos)

A.: - Ah! Que maravilha! Então já vi, que é dinâmica mesmo.

G.: - É. Suspendi um pouquinho, mas...

A.: - sempre tá atuando.

G.: - Isso. Fiz informática.

A.: - Sim.

G.: - Fiz. Tinha que conhecer o computador, né?

A.: - É claro. É, exato.

G.: - Chega nessa idade.

A.: - Então, e você se formou em magistério?

G.: - Magistério.

A.: - É... Em que ano?

G.: - Cin... É... Sessenta e cinco.

A.: - Sessenta e cinco, é. E, aqui no Deocleciano?

G.: - Deocleciano.

A.: - E do Deocleciano?

G.: - An... antes eu passei três anos no Rio, e fiz um curso de cabeleireiro.

A.: - Sei.

G.: - Maquiagem, depilação e limpeza de pele.

A.: - Lá no Rio?

G.: - Lá no Rio. Passei três anos lá.

A.: - Que ótimo!

G.: - O curso de cosmetologia é tipo uma faculdade. Que hoje só tem nos Estados Unidos. Aqui...

A.: - É?

G.: - É, porque aqui dão o cursinho. Agora mesmo tão dando o cursinho, não é? Eu ensinei vinte-cinco... vinte-dois anos pelo SENAC de Salvador. Aqui, em Jacobina.

A.: - Aqui?

G.: - É. Os cursos eram ministrados, é... na 2 de Janeiro, no Leader. Assim, todo mundo arumadinho.

A.: - E corte?

G.: - E corte, escova. É toda quinta.

A.: - Escova, manicure, tudo?

G.: - Manicure e tudo.

A.: - E a tarde dá?

G.: - Toda quinta.

A.: - Quer dizer que sempre trabalhou. Dando curso e... Até hoje.

G.: - Sempre. E continuo trabalhando.

A.: - Até hoje?

G.: - É. Continuo trabalhando até hoje.

A.: - Dando curso. E curso de confeitar também. Eu confeito bolo.

A.: - Ave Maria, é prendada demais!

G.: - Decoro clube.

A.: - É mesmo?

G.: É, aí, fiz o curso de enfermagem.

A.: - Sabe tanta coisa!

G.: - É, pintura. Pintei muito. Pintei quadro pra exposição.

A.: - Hum.

G.: - É. Saiu uma nota no jornal, eu fiquei surpresa, porque o... o maestro teve lá na nossa loja fazendo... é... tirando uma xerox, né? Ai me interessou que eu o nome do intrumento, Requinta, ai eu disse, olha aqui em Jacobina, eu fi... Entrei num curso de música e tava tocando Requinta com o professor Armindo. Ele colheu alguma coisa e no dia... no dia dq que? Da mulher, é dia 28 é isso?

A.: - Dia 8 De Março.

G.: - Sim. Foi publicado no jornal, que foi a primeira mulher... é... jacobinense, não sou jacobinense, sou Calmonense.

A.: - Ah! Calmonense.

G.: - Então, a tocar um instrumento musical. A primeira mulher, porque foram e... fui eu e quatro colegas.

A.: - Hum. Na 2 de Janeiro?

G.: - Na 2 de Janeiro. Só que os pais num... num deixaram porque era a noite.

A.: - Sim.

G.: - Eu deixei, porque também não deixava.

A.: - Ah!

G.: - É verdade.

A.: - Pronto, o seu amor não quis.

G.: - Mas eu gostava! Gostava de requinta. Era um instrumento maravilhoso.

A.: - Pois é. Como é?

G.: - Ele é curtinho. Ele parece um trompete.

A.: - Sim.

G.: - É curtinho, mas emite um som maravilhoso. Eu me apaixonei.

A.: - Mas ele toca na boca?

G.: - É, na boca. Exato.

A.: - Ah! Certo. Você...

G.: - Porque eu só tinha, nessa época. Citará.

A.: - Sim.

G.: - É que eu tive umas aulas de... de Acordeom, mas, lá em Senhor do Bonfim, ficou muito pouca.

A.: - Mas sempre quis fazer de tudo hem?

G.: - Tudo. Fiz enfermagem também.

A.: - Foi?

G.: - Fiz. Não exerço a função.

A.: - Mas fez o curso.

G.: - Mas a enfermeira aqui no curso sou... do... do... daqui... de... de... da...

A.: - Do bairro.

G.: - Do bairro sou eu.

A.: - Sempre que alguém precisa corre.

G.: - É. Fazer um injeção, so... É. Uma pressão alta, eu tenho o canciomêtro.

A.: - Certo.

G.: - E ajudo as pessoas, né?

A.: - Ótimo. É maravilhoso, é.

G.: - Não assumo, né? Assim a... a profissão, mas outros primeiros socorros, né? Pequena ajuda.

A.: - Claro.

G.: - Na medida do possível.

A.: - É. Já que tem essa...

G.: - É, exato.

A.: - Possibilidade de ter esse conhecimento, nada melhor do que servir ao outro.

G.: - Com certeza.

A.: - Me diga uma coisa, nessa trajetória ai, que eu já vi que realmente sempre foi muito dinâmico, né? Uma mulher, inclusive, que se diferenciou, dentro da sua época, não?

G.: - É, realmente é. Exato. Eu...

A.: - Porque nós mulheres na sua época...

G.: - Por assim, todo curso que aparecia, vou fazer. Todo be... vou fazer.

A.: - O marido nunca importou?

G.: - Importava sim. Importava, muito! Mas eu fui em frente. E com jeitinho a gente ia conseguindo, né?

A.: - Claro.

G.: - É só... é só esse mês. É... (faz gestos com a cabeça)

A.: - (risos) Como todo (não entendi).

G.: - Eu fiz História da Arte. Fiz História da Arte, fiz Cultura do Nordeste com a professora Glaí, lá em Salvador. Fiz o magistério, né? Que ai, quando eu fiz concurso eu passei nos primeiros lugares e também não saía da sede, eu era contratada. E ai fiquei na sede. Porque passei nos primeiros lugares.

A.: - Mas...

G.: - Nos 10 primeiros.

A.: - Me diga uma coisa, quantos filhos tem?

G.: - Cinco filhos.

A.: - Cinco?

G.: - E criei mais um.

A.: - Foi?

G.: - Achei que tava pouco.(risos)

A.: - É, seis filhos ao todo. Todos casados? Já tem netos?

G.: - Já. Já tenho. É isso, já Tenho 12 netos.

A.: - Mas é viúva?

G.: - Sou viúva.

A.: - A quanto tempo?

G.: - Já tem uns 14 anos.

A.: - Ah, e não quis então...

G.: - Não.

A.: - Um novo amor.

G.: - Não.

A.: - Um novo alguém na sua vida.

G.: - Não, não. Não quis. Achei... Foi uma liberdade, não é? (risos) Fiquei. E hoje eu uso minha liberdade pra tudo, né?

A.: - Foi uma liberdade. (risos) Pra... sei

G.: - Dentro das normas, né?

A.: - Claro, mas aí achou que se...

G.: - Exato, não.

A.: - Mesmo que contrair um novo matrimônio...

G.: - Exato.

A.: -Iria tornar voltar a (não entendi)

G.:- Com muitos filhos, não é? Eu ficava assim, acha... Achei, não é? Achei muitos, mas não. Eu limitei...

A.: - Não quis?

G.: - Não, não. Eu a... eu achei assim, eu... eu... Deus me deu uma liberdade, então, eu vou aproveitar minha liberdade.

A.: - Então...

G.: - Aproveitar minha liberdade

A.: - E chegaram a viver quantos anos?

G.: - É... 15 anos.

A.: -E aí depois disso foi que realmente começou a cuidar de outras coisas que sempre gostou de fazer...

G.: - Não.

A.: -Mas (não entendi).

G.: - Mas no período...

A.: -Fale.

G.:- Antes, antes. Sempre antes

A.: -A senhora deu prosseguimento, na verdade.

G.:- Exato. Dei porque ele era, assim, muito ciumento.

A.: -Sim.

G.:- Não deixava muita coisa, né? Assim... é... Ciumava muito, me prendia muito.

A.: - Sei.

G.:- Então, depois é... é... que ele faleceu, em me senti, assim, livre.

A.: - Livre pra voar, não é?

G.:- Nas áreas que...

A.: -Que gosta. Pra fazer suas o... opções...

G.:- Exato.

A.: -Suas escolhas...

G.:- Exato, exato.

A.: -Sem ninguém...

G.:- É.

A.: - Pra dizer que não.

G.:- Porque foi um bom esposo e tudo, mas depois o alcoolismo desmanchou tudo.

A.: -Ah!

G.:- Mas eu viajo muito, muito! Conheço muito.

A.: -Ah, foi? Teve o prazer de viajar bastante?

G.:- Sim, tive.

A.: - E de... desses lugares que viajou, quais foram as cidades que achou mais bonita, que melhor (não entendi)...

G.:- Bem, Rio de Janeiro.

A.: - Rio?

G.:- Gostei muito de São Paulo. Cidade muito bonita! Apesar de ser muito habitada, mas gostei. E amei Belo Horizonte.

A.: - Foi quando?

G:- Passei dois meses só passeando.

A.: - Em Belo Horizonte?

G.: - E se fosse pra escolher, entre essas todas que passeou, escolheria qual pra morar?

A.: - Nossa! Sei lá, a gente visa muito a violência como está, não é? Mas tem os pontos, também, que não existe violência, né? Mas é... eu acho que moraria do Rio de Janeiro.

G.:- (risos) Sempre esse aí.

A.: - Rio, é a propaganda que diz. Rio bonito de se ver, não é?

G.:- De se ver.

A.: - Que de fato é bonito.

G.:- É, realmente é.

A.: - Muito bonito.

G.:- Exato.

A.: - É... é... Acho o Rio bonito... mas a sobrevivência lá é realmente difícil pela violência que tanto nos preocupa.

G.: Aí, gostei muito de Belo Horizonte! Muito!

A.: - É Belo Horizonte, cidade tranqüila. Acho que é mais, né?

G.:- Conheci várias cidades de perto. Próximo a Belo Horizonte. Conheci o extremo sul. Tem caravelas, é... lindas praias. É... conheci... é... Teixeira de Freitas que é o sul da Bahia, né? E... (não entendi) de Eunápolis...

A.: - Me diga aí...

G.: - Fortaleza.

A.: - Fortaleza também?

G.:- Também.

A.: - Olha que maravilha!

G.:- Todas as praias, tenho tudo registrado

A.: - Sempre ia sozinha ou em excursões?

G.:- Excursões.

A.: - Certo

G.:- Com certeza. É...

A.: - Mas até...

G.: - Terezinha também

A.: - Até hoje viaja em excursões?

G.: - Viajo. Nossa, e como viajo! (risos)

A.: - Ótimo.

G.: - Viajo bastante.

A.: - E agora pretende ir pra onde, em mais um passeio?

G.: - Não sei, não sei.

A.: - Viajar para o Amazonas?

G.: - Não, não tenho vontade não. Eu... eu tive pertinho do Maranhão, eu tive no Piauí, e tinha até uma... assim, um passeio com minha família, pra gente ir, mas eu tinha... tinha... um casamento, que eu ia confeitar o bolo, fazer a festa de casamento e um 15 anos também, que tinha festa para mim fazer e não deu pra mim ir pro Maranhão, mas, também, tem tempo. (risos) Conheci muita coisa

A.: - (não entendi) Alegre , pra Canela, pro mar. Rio Grande do Sul já foi?

G.: -Não, nunca

A.: - Qual é o seu sonho?

G.: - Meu sonho é... é conhecer Beto Carreiro, só.

A.: - Ah! Não foi em Belo Horizonte?

G.: - Porque eu conheci... é... é...é a... conheci em Fortaleza, né? Tinha um parque aquático muito bonito. Tenho várias fotos, mas meu sonho é Beto Carreiro. (risos)

A.: - Pronto, então, o próximo passo...

G.: - É, inclusive, eu fiz uma aventura que quase me prejudicou, eu fui na montanha-russa, né?

A.: - Foi?

G.: - Andei na mon... na espaço-nave, no minhocão e depois montanha-russa. Quase morro! Pressão subiu, fui pro médico.

A.: - Foi? A pressão subiu.

G.: - Mas fui, eu queria ir. São as minhas...

A.: - Queria experimentar, não é?

G.: - São as minhas aventuras.

A.: - Sei

G.: - Passei mal, mas eu.

A.: - Por que você tem pressão alta?

G.:- É. Tenho, tenho. Lá em Abrolho, é... Eu que... eu queria conhecer o fundo do mar

A.: - (risos)

G.: - Queria, é.

A.: - Glórinha você é desafiante, heim?

G.: - Meus 60 anos, eu tava querendo conhecer. Só que... nós chegamos tinha aquela roupa de escarfando, aquele oxigênio pesando muito, mas quá... nós viajamos cinco horas de escúnio pra podê chegar no local

A.: - Certo

G.: - É onde. Sílvio Santos manda o pessoal, passar lua-de-mel, é. Mas quando eu olhava... o mar ali, eu ter que me jogar ali sem saber nadar. Um instrutor e tudo, duas colegas foram, as outras não foram, né? E... eu desisti, mas eu fiquei... Eu arrependi.

A.: - Foi.

G.: - Porque tinha o guia, tinha tudo, não tinha problema.

A.: - É, claro.

G.: - Passamos pelo médico

A.: - Tinha toda uma equipe para assessorar.

G.: - É. Mas só eu fiquei apaixonada.

A.: - Por não ter feito?

G.: - Por não ter feito, ma as outras aventuras, eu fiz todas. (risos)

A.: - Teve coragem e foi até o fim?

G.: - Com certeza (risos)

A.: - Atualmente Glórinha, quais são os tipos de leitura que você tem lido?

G.: - Não posso. Eu tô tão atarefada! Que eu não tô lendo. Estou lendo. Não dá. Olhe, de manhã eu...

A.: - Nem leituras religiosa, na missa, Bíblia?

G.: - Não. Ás vezes eu assisto a um filme. Hoje é mais prático, não é? A gente... pego lá na locadora, não é? Que aí... tem a vida de Madre Tereza de Calcutá, é... a... aquela versão antiga de Bem-Hur. Um filme histórico.

A.: - Certo

G.: - É... teve aque... tinha aquele filme... As pegadas...

A.: - Do Nazareno?

G.: - As pegadas do Nazareno. Um filme muito bom também. E tô me limitando assim

A.: - Você é Católica?

G.: - Apostólica Romana praticante.

A.: - E praticante. Que bom!

G.: - Não perco uma missão ao domingo.

A.: - Então ultimamente você... quando você leva uma coisa, é mais voltada, assim, pra... pro lado da igreja, não é?

G.: -Exato, exato.

A.: - Devido as suas próprias tarefas. Não tem pegado revista pra ler? Nem... nem...

G.: - Não, não.

A.: - Outros livros ou música?

G.: - Não. Não gosto de ler revista.

A.: - Não?

G.:- Não. Às vezes assim... às vezes eu uma Caras, é porque pra gente ler a gente tem que ter uma assinatura, não é? Pra tá acompanhando, pra tá sempre, não é? É... Em dia com as notícias, ai eu me limito, não faço... não tenho assinatura.

A.: - Veja, Isto é, não...

G.: - Istoé de vez em quando. Se tiver assunto que eu vejo o índice, em qualquer repartição pública que eu chego, consultório médico, aí...

A.: - Aí dá...

G- Aí, eu dou uma lida, né? Ás vezes eu até procuro aquela revista, pra... pra ver outro tema.

A.: - Certo.

G- Mas num me ligo muito não. Nem tenho tempo (risos).

A.: - E sempre sentiu necessidade da leitura em tua vida profissional? Porque você foi professora duran...

G- É, exato. Senti muito, depois que eu aposentei, eu relaxei um pouco...

A.: - Sim.

G- Na leitura, mas eu lia bastante.

A.: - Se não lesse...

G.:- É, que tinha que passar pra os alunos, não é?

A.: - Pros alunos procurar.

G.:- E tá sempre informada.

A.: - Durante esses 25 anos de trabalho em sala de aula, quais foram as maiores aventuras, que você considera que um professor tem que enfrentar pra lutar.

G.: - Ensinar educação integrada. Que são adultos.

A.: - Sim.

G.: - E cada adulto tem um problema. E as vez ele se lia aquele problema e não quer nada com escola. E você tem que dar conta disso. A...

A.: - (não entendi)

G.: - Atingir o problema dele, fazer com que ele saia daquele problema, que é em pouco casos, não é? Pra ver se você... se eles chegam ao objetivo.

A.: - Certo.

G.: - Não é? Do... do seu curso.

A.: - Pra que ele possa realmente ter rendimento por sua conta, não é?

G.: - É. Rendimento. Isso.

A.: - Você...

G.: - Mas foi muito difícil.

A.: - Desafiante demais?

G.: - Foi muito! Porque tinha uma turma (faz gestos para identificar a escola) de um determinado bairro e eram da pesada. E eu dominei todo mundo. Toda a vida eu ensinei educação integrada. Dominei mesmo! Porque não chegava nem, o conhecimento da direção, eu mesmo... mesma resolvi na sala de aula.

A.: - Você mesma resolvia.

G.: - Com carinho.

A.: - Claro.

G.: - Com carinho.

A.: - Formando (não entendi)

G.: - Sentando na carteira com ele

A.: - Sim.

G.: - Sentando na carteira com ele.

A.: - Você trabalhou quanto tempo com a educação integrada?

G.: - Foram 25 anos.

A.: - Foi? Sempre...

G.:- Sempre com educação integrada. (barulho de ferro caindo) houve algumas substituições, né? Mas, eu pegava outras salas de aula, mas sempre educação integrada.

A.: - Então sempre trabalhou com adultos?

G.:- Com adultos

A.: - Não é? adultos. E dentro desse pessoal todo tem algum, que você, tem orgulho, assim, de ver hoje, tá formado e que avançou.

G.: - Ah! Tenho. Muitos! Muito.

A.: - Que você, que vê... Poxa! Eu contribui.

G.: - Chega pra mim... Professora, eu devo a minha vida, o que eu sei a senhora.

A.: - Aí eu, falo pra ele. Não, primeiramente a Deus, que lhe deu inteligência, que lhe deu a boa vontade de você aprender. A maioria vêm a mim... mesmo, que foram 25 anos de luta! De luta. Alunos que não queriam nada mesmo e eu consegui. Graças a Deus! Com ajuda divina, né?

A.: - Conseguiram. E todos saíram lendo, escrevendo, né?

G.: - Isso. Tudo direitinho. Não... Ninguém desistiu. Alguns que tinham al... alguma deficiência, que não tinha jeito mesmo, aí é possível, né? É impossível. Mas muito pouco, também.

A.: - Então você avalia, hoje, seu trabalho como um... uma grande conquista. Você conseguiu alfabetizá-los...

G.: - Ah! consegui

A.: - E a faze-los aprender.

G.:- Com certeza.

A.: - Mesmo com dificuldade.

G.: - E eu... e outra coisa, eu começava do zero e chegava a levar a 4ª série, que ia fazer... é... a...

A.: - agora eles ía entrar pra admissão.

G.: - Exato. A... Pra fazer admissão e depois... Não é mais, agora é quinta série, né?

A.: - É

G.: - Da 4ª a 5ª série. Ainda alcancei...

A.: - ... É, e ainda você nessa análise, percebe que é... assim, qual o mesmo, quando você analisa hoje, o papel do professor, a função social do professor como um transformador, você... é... como você analisa, hoje, a nossa profissão e... e sem a gente ta... você se sentia mais valorizada naquela época, em relação a hoje ou você não percebe isso?

G.: - Muito! Bem mais, porque é... em função do aluno?

A.: - Não, é pe... pela própria sociedade, as... seus governantes, né?

G.:- Bem...

A.: - Em relação a... a (não entendi) como profissionais.

G.: - Bem...

A.: - Nos valorizando m termos salariais, inclusive, na própria (não entendi) de carreira.

G.: - Olhe, em termo de salário, toda a vida foi à mesma coisa, não é?

A.: - Sempre houve uma... uma grande...

G.: - Uma barreira, não sei por que. Porque o professor está acima de tudo. Não existe profissão...

A.: - Que não passe...

G.: - Que não passe pelo professor. Não é mesmo?

A.: - Deviam ser mais valorizados, mais bem pagos...

G.: - Então devia ser muito mais valorizado. Eu achava, assim, que o professor devia ter um... um lugar de destaque em toda a sociedade. (alguém fala com a entrevistada) Em toda a sociedade e que ele não acontece, não é? Não acontece.

A.: - Então na sua época, você também vivia todas as dificuldades?

G.: - Vivia. Sempre, sempre.

A.: - E de lá pra cá, você percebe que tem melhorado? Ou tem piorado?

G.: - Tem , tem melhorado. Tem melhorado. Tem melhorado porque... é... naquela época a gente não tinha recursos, não é? Se limitava naquilo que tinha no colégio. Hoje não, hoje mais aberto,você já tem... Tem o Centro Cultural que o aluno pode pesquisar, o professor pode passar um trabalho, hoje através de... de apostilas, né? Quer dizer, mudou em termos de... de ensino.

A.: - Ensino?

G.: - Ensino. Mudou muito. Nós não tínhamos... é... não tínhamos a chance que os professores tem hoje.

A.: - Sei.

G.: - Não é?

A.: - Pra... pra fazer o seu trabalho.

G.: - Doações de livros, não é?

A.: - Bibliotecas.

G.: - Bibliotecas, pois é. Num... não tinha, na nossa época não tinha nada disso.

A.: - Todos os recursos audiovisuais, a disposição, né?

G.: - Tudo, hoje. E é vídeo, Tudo isso é uma grande influência.

A.: - São ferramentas que auxiliam na escola agora, que na época vocês não contaram com nem uma disso.

G.: - Nada, nada. A gente dava da gente mesmo, tudo de se.

A.: - Por isso, então, me diga, analisando que os professores tem mais condições atualmente de fazer um bom trabalho. Você acha que tem feito?

G.: - Tem. Tem eu acho, tem. Tem, tem feito, tem feito um bom trabalho, tem. Que hoje o aluno é... ele não aprende, se ele não aprende se não quiser porque é tudo nas mãos. O professor dá... dá tudo pra o aluno, porque que o aluno deixa passar essas oportunidades... assim, ne... assim, de... de mão beijada como se diz, né?

A.: - É. Hoje na... na...

G.: - Hoje tá... hoje...

A.: - Nas últimas pesquisas, por exemplo, é... assombroso o resultado, em relação a isso, né? Que 67% do... do... 75% da população brasileira é considerada analfabeta funcional, como se os professores não tivessem dando conta de ensina-los bem.

G.: - Não. Mas não. Mas não, não. O professor tem... Sim, tem exceções, não é? Tem exceções, mas é... é a menoria. A maioria não tá fazendo o seu trabalho, tudo, dedicando, pesquisando, fazendo passeio com... com ami... pra mostrar ao vivo a cores a natureza, tudo mais, eu vejo Jadina aí, né? O que faz com os alunos, um trabalho dedicado, mesmo. A maioria dos... do... dos professores hoje não, faz... faz o trabalho direitinho. Faz mesmo!

A.: - E o que estaria acontecendo, pra que os alunos tivessem, lendo cada vez pior, produzindo cada vez pior, os sérios problemas na... na... na grafia, na oralidade, na coerência de seus textos? O que que aconteceu no ensino de lá pra cá? O será que pode ter acontecido? Se o esforço dos professores tem sido bom?

G.: - Não sei, porque eu acho assim, é... eu acho, um pouco...

A.: - A qualidade...

G.: - Um pouco de culpa dois pais em... em dá muita liberdade. Em um pouco, não é? Assim, dá muita liberdade, o aluno faz o que quer, não é mesmo? Faz um trabalho se quiser, então, eu acre... eu acho... Isso é uma opinião pessoal.

A.: - Sei.

G.: - Que os pais deve acompanhar. Você vai ter que tudo, mas hoje tá assim... E tudo liberal, tudo liberal. Até o aluno ir para a sala, vai se quiser. Não tem aquele domínio, você vai ter que ir. Eu acho que isso influencia muito.

A.: - É.

G.: - Muito mesmo.

A.: - O resultado tá ai.

G.: - A... é... é... essa liberdade, a liberdade que ele tem é... é... da família. Hoje eu não vou não, então tá bom amanhã você vai. Não, não é por ai.

A.: - Porque tudo que ensina ele aprende.

G.: - É, pois é. Não pode. Não pode mesmo. Eu... eu acho, né? Agora... não... sim, tem exceções, né? Tem exceções, mas a gente pensa que não.

A.: - Ô Glórinha me diga...

G.: - E que... e... e o ensino tão assim, muito fácil. Aí eu...

A.: - Você acha que houve, então...

G.: - É. Aí diz assim...

A.: - Na qualidade.

G.: - Ah! Isso aí eu já sei.

A.: - Não é mais desafio à escola pra...

G.: - Não é mais desafio. Pro aluno, não. De hoje não.

A.: - Então a diferença da escola que você ensinou pra escola de hoje, é que você acha que antes tinha uma cobrança maior?

G.: - Maior. Bem maior!

A.: - Bem maior. Era muito mais difícil, aprofundava mais. Hoje tá tudo mais fácil?

G.: - Houve casos de pais de alunos ir levar o aluno, já... é... com dese... dezoito, dezenove ano ir leva na sala de aula. Porque eu comuniquei que estava faltando e o pai ia levar toda noite. Faz isso hoje? Teve dia (falou baixo pra não ser gravado).

A.: - É (não entendi).

G.: - Não. A família percebia.

A.: - Com certeza.

G.: - Que realmente vai a escola, que estuda?

A.: - tem colégios também que... é... que cobram dos pais a presença, pra falar do aluno, não é? Mas tem escolas que não. É como a música diz "Não tô nem ai". (risos)

Ingrid: - (risos) Tô nem ai. (risos)

G.: - É. Não tô nem ai. Não é mesmo?

A.: - Acontece...

G.: - Reuniões venha ver o... o aprendizado de seu filho.

A.: - Acompanhar...

G.: - Venha ver o comportamento do seu filho. Tem as reuniões. E tem pais que não vão. E tem escola que não cobra também.

A.: - Não aparece em reuniões também.

G.: - Quando chega o final do ano...

A.: - Existem falhas ne ambos.

G.: - Exa... Ah! Existe falhas, existe.

A.: - Não é?

G.: - Com certeza.

A.: - Me diga uma coisa, na sua vida, quais são os fatos que mais marcaram a sua vida? Que você lembra até hoje com saudade?

G.: - Com saudade?

A.: - Se você pudesse voltar o tempo, você voltava... é... voltaria pra onde?

G.: - Nossa! Em termos de que?

A.: - Que foram mais marcantes, que lhe aconteceu. Pela sua mocidade até hoje e que você, assim, relembra, que foi marcante pra você. E que, você assim ao lembrar, sente saudade, daquela época, daquele momento, daquele... situação vivida.

G.: - Bem. Eu tenho saudade do meu colégio, porque eu agradeço a minha formação religiosa. Eu vo... eu tenho... eu tenho saudade do colégio. E da minha juventude com meus pais, porque, assim, eu fui bem, bem criada e bem orientada. Eu tenho saudade.

A.: - Seus pais já estão mortos?

G.: - E eu não pude dar é... é... eu não pude criar meus filhos como eu fui criada.

A.: - Sim.

G.: - Não pude. Porque a... por causa da nova geração.

A.: - Hum. Porque você foi vivendo em outro contexto, em outro (não entendi)

G.: - Exatamente. Exatamente.

A.: - É claro que ia, educar, conforme (não entendi)

G.: - Exato, né? Criei todos respeitando. É tudo direitinho, as normas, é... fazendo a primeira comunhão, fazendo é... curso de cri... fazendo o crisma, né? Casando na igreja, tudo direitinho, como manda a lei de Deus, né? Pois é. Mas já vem a parte do ensino, né?

A.: - Sim.

G.: - Já vem a parte do ensino. Nem todo mundo... é...

A.: - Se formou?

G.: - Se formou. Pois é, não é? Ficou um sem forma (risos). Ficou um, eu não consegui.

A.: - Pois é, como mãe, já se sentiu, né?

G.: - É. Os outros, não. Os outro formaram, todos. É... mas um não... num quis. Não quis. E de... do colégio mesmo, já dada... do ginásio, já sentia que... que ia porque era obrigado. Ai, depois de se tornou adulto, de... Viajou pra São Paulo, começou...

A.: - Recebeu (não entendi)

G.: - E tem uma boa... tem uma profissão. Não me queixo porque, não formou, mas fez cursos.

A.: - Ele então prosseguiu o ensino.

G.: - O cinegrafista teve aqui...

A.: - Sem saber, prosseguiu do mesmo jeito.

G.: - Exato. Mesmo jeito, é. Fazer o que? Gostaria...

A.: - A senhora, mais como mãe, claro que gostaria de ver todos formados. Todos os outros... E... e alguém como professor?

G.: - Tem um.

A.: - Um?

G.: - É... é, a moça, Jaqueline.

A.: - Jaqueline quis ser professora?

G.: - Jaqueline quis ser professora.

A.: - Que presente mãe!

G.: - É.

A.: - E me diga uma coisa, costuma assistir programas televisivos?

G.: - Assisto.

A.: - É? Quais vocês mais gosta de assistir.

G.: - Tem... Eu gosto, programas humorísticos, como a praça é nossa. É... Linha Direta, é... es... esses programas de violência, eu não assisto. Eu gosto... gosto do programa de Hebe. Né? Gosto do programa da Ana Maria, de manhã, quando eu tenho tempo. Também não me apego a nenhum programa de televisão.

A.: - Sei.

G.: - Gosto da novela das oito, das sete, das seis. Não me apego, se eu tiver uma atividade. Se tiver alguma necessidade de sair, não existe novela pra mim. Não só, assim, fiel a novela, não. Não gosto. Não. Assisto por... por ser um horário que eu não tô fazendo nada e de repente

A.: - Aproveita e...

G.: - É. Mas não, não me apego não.

A.: - Assiste jornal ou não?

G.: - Todos os jornais.

A.: - É? Da Globo...

G.: - Da Globo, é, exato. Eu gosto de jornal. E porque...

A.: - Da meia-noite?

G.: - Meia-noite, é difícil.

A.: - O de vinte-um?

G.: - É. Mais o de vinte horas, que é tô chegando da minha caminhada.

A.: - Certo.

G.: - Tô chegando da minha caminhada e aí, assisto. Tem que tá informada, né?

A.: - Claro.

G.: - Tá informada.

A.: - Desses programas que você citou aí, quais o que mais lhe inspira, o que aprende com eles?

G.: - Bem... é... o programa de... de... de Ana Maria, tem a parte da culinária, a gente aprende alguma coisa, não é? É... é... a maneira de ser, de... de fazer amizade. Porque nossa função aqui na Terra é fazer amizade.

A.: - Claro.

G.: - Fazer o bem, não é isso?

A.: - É.

G.: - Então, eu... eu... base... é baseado no... no tema de... de ser feliz não é? Ter muita fé e aproveitar o tempo, aprender alguma coisa, tem a culinária também. É.

A.: - Só aprende de cada programa...

G.: - É, algumas coisa.

A.: - O resto (não entendi)

G.: - Pouca coisa também. Pouca coisa. Não é muita coisa de ficar, vou ter que assistir pra aprender isso, não. Não, não, de jeito nenhum.

A.: - Mas tira proveito daquilo que...

G.: - Alguma coisa, é. Que me interessa.

A.: - Que é de seu interesse.

G.: - Exato.

A.: - E... e me diga uma coisa, você logo... logo... bem no início quando era criança, morava aonde?

G.: - Eu morei...

A.: - Com seus pais.

G.: - Com meus pais, em Salva... em Salvador, depois Senhor do Bonfim, morando... Meu pai era policia e mudava muito, né? É... Aí, mudamos pra Juazeiro, Remanso... não lembro mais os outros lugares.

A.: - Então acabou morando em vários lugares, né?

G.: - Em várias cidades.

A.: - Mas nunca morou na roça.

G.: - Não, não. Nunca. Porque eu nasci em Miguel Calmon, minha família toda é de lá. A família da minha mãe e do meu pai. E de lá, eu pequenininha, naquela idade ali, eu acho tão linda a minha foto com um aninho de idade, aí já fomos pra Salvador.

A.: - E me diga uma coisa...

G.: - Moramos a maior parte do tempo em Salvador. No Rio, eu só fiquei três... três anos.

A.: - Três anos?

G.: - É. Mas já era adulto.

A.: - Dessas cidades por onde passou a morar, já na fase mais adulta, você relembrando hoje, ou vendo, sabendo notícia dela, o que você percebeu de mudança, que mais significativas que ocorreu com elas?

G.: - Bem. É... Senhor do Bonfim, que eu sempre, vou a Petrolina, juazeiro e passo. Né? É... a cidade se desenvolveu muito. Muito mesmo, né? Em termo de comércio, muito. Eu acho o comércio mais avançado do que o de Jacobina. É.

A.: - (não entendi)

G.: - É bem, o movimento é bem maior em termo de comércio. E cidade pouco desenvolvida, toda no asfalto. Que Jacobina, já num... Né? Apesar de que gosto muito daqui. Não tenho intenção de sair. Que eu passei mais a minha infância...

A.: - Em outro... lugares, né?

G.: - É, exato. E a maior parte, em Senhor do Bonfim. Senhor do Bonfim parece que foi uns dez anos.

A.: - E quais são as vantagens, pra você, de morar na cidade?

G.: - Na cidade e não na roça?

A.: - Sim.

G.: - Ah! Inúmeras (risos). Atendimento médico, não é? Moradia mesmo. Aqui já construí minha casa. Já morei aqui há, acho que 20 anos. É... Comércio, o lazer também. Muito lazer, muita... Tem, tem, muita diferença, não é?

A.: - Acha tantas facilidades, que já num taria na roça.

G.: - Com certeza. Eu já num taria na roça.

A.: - E... e termo de qualidade de vida, por exemplo, o que você percebe, aqui, dá pra...

G.: - Também.

A.: - Pra esta na cidade.

G.: - E o principal é o estudo, não é? Porque, a gente dá , melhor estudo aos filhos, que na cidade, apesar de ser pequena, do que na roça. (não entendi) Inclusive, cursinhos também, não é? Hoje a cidade já tem vários cursinhos, a gente tá aproveitando isso os filhos e netos.

A.: - Claro. As outras gerações, que virão, né?

G.: - As outras gerações, netos no caso.

A.: - Já estão ai.

G.: - Exato.

A.: - Estudando, começando a ter (não entendi). Me explique como né sua relação com seus netos? Você atua um pouco como professora ou com (não entendi). Me conte um pouquinho, como é que você...

G.: -Atuo sim, mas trabalho deles que venham a mim, entrevistar.

A.: - Ah.

G.: - É, eu mesmo, ela só vive, "Vó, venha cá". Como... (risos) É, é isso ai, é. E eu ocu...

A.: - Sempre alguma tarefinha, que quer, que pergunte.

G.: - Exato, é. Tem, sobre o meu trabalho, minha profissão.

A.: - Certo.

G.: - Na minha época, o que é que usava assim.

A.: - Sim.

G.: - Ai eu passando pra eles.

A.: - Ãra. Todos tem promoções.

G.: - Com certeza.

A.: - Mas tem uma relação muito boa com (não entendi) com a que teria com seus netos.

G.: - Nossa! Ave Maria. Sou mãe...

A.: - De amizade.

G.: - Sou mãe duas vezes. Adro meus netos. Adoro os meus netos.

A.: - E eles também...

G.: - Alguns não conheço.

A.: - É?

G.: - Por moram distantes, é.

A.: - Moram longe.

G.: - Tenho neto em Minas, tenho neto em São Paulo, tenho neto em Terezina.

A.: - Mas em algum momento, assim, quando conversa com eles, é... Conta histórias, cantam, relembram alguns costumes de sua época.

G.: - Já, já, já, já. Já, houve... já houve...

A.: - Momentos.

G.: - Momentos, assim, já. Com certeza.

A.: - De contar história, do que você já aprendeu, que já ouviu...

G.: - As vezes, eles... eles passam... é... a falar de um assunto, eu me lembro.

A.: - Sim.

G.: - Ah! Na minha época andava era assim, na minha época era assim, ai passo, pouca coisa, mas passo.

A.: - Certo. Não tem alguma, assim, musiquinha que eles cantam, de... de cantiga de roda, que já (não entendi).

G.: - É, eu dei agora, ultimamente, foi o coelhinho da páscoa, né?

A.: - Sim.

G.: - Parece que tem uma nova versão, não era como eu cantava.

A.: - Sim.

G.: - Parece que agora aumentou mais a letra. Tem alguma coisa, que eu vi Ilana cantando, né?

A.: - Diferente.

G.: - É diferente, coelhinho da páscoa, que foi a... o presente mais recente, né?

A.: - E... e me diga uma coisa, se você... Você analisando, hoje, né? Depois que você se formou, que percebeu o quanto à leitura muda o seu (não entendi) e nos... nos dá, inclusive a possibilidade de... de uma profissão (barulho de crianças gritando e sirene de escola) de se estabelecer, economicamente, você pensando em avaliar sua vida e... e (não entendi) em relação à leitura, você percebe, que a leitura foi fundamental para você ser o que é hoje, ou não.

G.: - Foi. Foi... é... não tanto quanto hoje, né? Porque hoje a gente vê... é... determinados, aliás, quase todos os colégios, não é? Pedem aos alunos, passam livros, pra através daquele, é... fazer o teste, fazer a prova, não é? Baseado naquela leitura, hoje é bem melhor. Hoje o ensino pede mais leitura, que se na minha época, lesse mais, seria... seria diferente. Que lia pouco.

A.: - As pessoas que tinham naquela época, que liam, que... é... já eram um pouco mais... mais privilegiadas, eram mais destacadas na sociedade?

G.: - É. Na sociedade.

A.: - Mais procurada?

G.: - Mais procurada, realmente.

A.: - Então a leitura...

G.: - A minha professora...

A.: - Tava onde estava o social.

G.: - Isso, eu li... eu me recordo, porque, eu fui pra Sacramentina, mas ela ficou lá, com a escolinha dela. E, assim, sempre tinha contato com ela. Ela lia muito! E ela já estava passando pra os alunos o que não passou pra minha turma.

A.: - Certo.

G.: - Estava passando e agente foi observando que o a... o ato de ler é... é... trans... bem mais proveito de quem não ler nada. Bem mais, mesmo. E é um exercício que temj que fazer, que é bom pra mente, né? Muito bom.

A.: - E... e me diga uma coisa, analisando sua cidade...

G.: - Em Jacobina?

A.: - De... desse tempo que mora aqui, você tá percebendo que ela tem avançado, tem progredido? Qual é sua leitura, sua análise, sobre ela? Ela... ou ela poderia, já ter, assim, um comercio melhor? Poderia, já estar com outras... outros progressos que você, ainda, não consegue perceber, para cidadão?

G.: - É, jacobina tem, já tem alguma coisa, né? De quando eu cheguei a quarenta anos atrás, não é?

A.: - Sim.

G.: - Mais um pouco. É... Desenvolveu mais, mas ainda tem a desejar. Ainda tem a desejar. Tem porque... veja porque... veja bem, é... a gente precisa é... é... um... vamos dizer assim, um tratamento médico. Muita coisa não tem a gente se desloca pra Salvador, Feira de Santana, não é? Salvador ou feira de Santana, porque você tem conhecimento, que é... não tem uma UTI, determinados exames, não é? Nescromêtria óssea, é uma... uma Endoscopia, é, Endoscopia já tem. Mas já tem aquela Tomografia Computadorizada. Então, são coisas que de repente precisa e em termo de saúde, é desejado. Em termo se saúde.

A.: - E em termo de lazer, o que acha?

G.: - De lazer... é... tem pouca coisa, também.

A.: - Muito a desejar.

G.: - É, pobre em termo de lazer, deveria... que cidades menores, assim, eu to falando em extensão, não é?

A.: - Certo.

G.: - Mas cidades mais... é... mais novas, as cidades mais... tem coisas melhores, né? Adoro Jacobina, adoro Jacobina.

A.: - Considerando que Jacobina tem mais de cem anos. Né?

G.: - Mais de cem anos que deveria ter, mais...

A.: - Não era pra estarmos nesse patamar.

G.: - Exato. Exatamente. Exatamente, tem, né? Ficou a desejar.

A.: - E a educação, pra você... o que, que você acha?

G.: - A educação... é... tá engatinhando, não é? Tem o colégio Modelo, é... que já deveria está funcionado, continua inda, né? Os alunos no Deocleciano.

A.: - Agora já começou.

G.: - Começou já? Inaugurou quando?

A.: - É, os professores começaram a dar aula, já em março.

G.: - Agora em março? Imagina, não é do meu conhecimento.

I.: - Mas me parece que não é prédio ainda não.

A.: - Não é no prédio ainda não?

G.: - Não.

I.: - Não, é na... Alice Barros?

A.: - Ah, porque uma colega minha, disse a gente tá estudando... eu fui convidada pra ensinar no...

G.: - Pelo... é... Luiz Eduardo.

A.: - Luiz Eduardo.

I.: - Meu irmão, Eric, também.

A.: - É? Pois é, ainda não inaugurou o prédio ainda.

G.: - Não. É... Em termos de saúde, em termos de ensino... é... é realmente, se a... já devia ter inaugurado, né? Isso. Devia tá inaugurado.

A.: - Claro. E já estamos no mês de abril.

G.: - De abril, exato. Por exemplo, o colégio a... o colégio municipal, que não tem todas as áreas, né? É... e não tem o pri... é... começou com o primeiro ano, terminou no terceiro ano, não vai ter mais primeiro ano, quer dizer, o aluno que estuda ai, não tem curso pra ele, então, tem que fazer sacrifício e botar num colégio particular, como meu caso, com a neta. Primeiro ano, não tem primeiro ano mais, não tem.

A.: - Tirou porque mudou de colégio, que o outro não tem.

G.: - Exato, pra outro colégio. Exato. Então...

A.: -Então, demonstra que...

G.: - Em termo de sau... de... de... de educação, tá a desejar. Tá precisando.

A.: - Pois é.

G.: - Mas inaugurar, é assim que inaugurar, não é? Quem sabe, quando vai melhorar, não é? Melhorar...

I.: - Agora, fala uma coisa aqui pra nois, assim, que... eu como já tenho mais, um conhecimento com ela, né? Uma coisa que eu acho muito engraçado é que (risos) Que ela toda vez, diz, eu tenho um... é... um montão de afilhado. Assim... toda vez, assim, quando eu to aqui, né? Sempre aparece uma pessoa. Aparece outra...

G.: - Alguém.

I.: - Agora diz, quantos afilhados você tem.

G.: - Não, eu só tenho 68 afilhados.

I.: - Só, viu?

A.: - Sessenta e oito afilhados Glórinha?

G.: - Tenho oito pra crisma e batizar.

A.: - Gente!

G.: - Já tem mais de 68, né? Tem quanto ai? Setenta e... seis.

A.: - Agora dá 76.

G.: - Sim, e tem casas, que são duas. A minha comadre Nilza, mesmo, é... são duas. São duas afilhadas. É... a maioria é de dois e tem casas que eu tenho cinco afilhados.

I.: - (risos)

G.: - Tenho cara de madrinha. (risos)

A.: - Me explique, é. Me explique porque...

G.: - Não sei, nunca pedi.

A.: - Você foi tão... nunca procurava, assim...

G.: - Me dê seu filho pra eu batizar, nunca.

A.: - Nunca?

G.: - Nunca. E testemunha de casamento, não conta.

A.: - É mesmo Glórinha?

G.: - (risos) Hoje... hoje a pessoa chegou...

A.: - E será por conta de você fazer doces, arrumar?

G.: - Não, é só amizade.

A.: - As coisas só por conta da amizade.

G.: - Da amizade, só isso. Só amizade. Chega, bença minha madrinha, eu digo, Deus te abençoe minha comadre, porque eu já batizei a filha dela.

A.: - Gente!

G.: - Com certeza, acontece isso na... na... rua.

A.: - É?

I.: - É, se você chega aqui, o pessoal ai, eu chega acho, assim, interessante.

G.: - É.

A.: - Muito.

G.: - Casados, já. Já casados.

A.: - E sempre por conta da...

G.: - Ah, um carinho todo especial comigo!

A.: - Depois do conhecimento as pessoas vão...

G.: - Isso. Não sei, é... A semana...

A.: - Pelo próprio serviço de ser enfermeira, né? No bairro.

G.: - (risos) Não.

A.: - No salão, as pessoas fazem amizade.

G.: - Não sei, não sei. Um garoto ai, é... a... a vó... a mãe... quem cria é a avó. Ela falou, pra mim, olhe e... eu me... coloquei meu menino pra fazer a primeira comunhão, mas tem que batizar primeiro. Ai eu falei pra ela, arranje uma madrinha, que você não pode fazer a primeira comu... a primeira comunhão, antes do batismo. Ai, padrinho já tem, ai ele falou assim, "ah, madrinha eu só quero Dona Glórinha". Eu nem conhecia ele assim. Não conhecia. Só quero Dona Glórinha. Ela veio falar comigo. Tudo bem. Eu também nunca recusei.

A.: - Ah, que bom!

G.: - Eu acho assim, um carinho todo especial. Que eu passo o ano...

A.: - É, porque você ser escolhida pra ser, madrinha. Pra ser a segunda mãe de alguém.

G.: - Pois é, né?

A.: - Você, mesma, amiga.

G.: - E uma responsabilidade muito grande.

A.: - Muita responsabilidade.

G.: - Agora... é... eu fico assim, meu Deus do Céu! Como isso vai acontecer, né? Bom, passo o ano ganhando presente. Só que eu não tenho condições de dar presente a toda afilharada. É só o carinho. É só o carinho. Tem que diz assim, mãe se tu deixar eu vou morar com a minha madrinha. Eu não quero, não! Que eu não quero cuidar de muito! (risos) É, diz, assim. Mãe, se tu deixar eu vou morar com a minha madrinha. Ah, eu dou carinho, eu dou. Quero bem de coração, mas é 68 mais 8.

A.: - Sei. Ai tá o segredo?

G.: - 68 mais 8. (risos)

I.: - Nunca pensou em entrar pro livro dos recordes, não? (risos)

G.: - Não sei. Eu acho que não. Não sei.

A.: - Ainda mais...

G.: - Eu falo pras pessoas, as pessoas fazem, "ah, tudo isso, né?"

A.: - É. Nunca vi contar que alguém tivesse tanto afilhado (não entendi).

G.: - É, realmente. Eu coloquei na minha agenda... Eu esqueço o nome do... dos afilhados.

A.: - É gente demais.

G.: - Esqueço o nome dos afilhados.

A.: - Você faz a relação documental.

G.: - Faço na agenda e boto o nome do compadre e da comadre. Que e... eu posso entrar... é... é... falar com o compadre, esqueço o nome. É. E, eu não estou contando os afilhados que, estão ne... ne outras cidades.

A.: - Ah?

G.: - Tem, muita... tou contando aqui em Jacobina.

A.: - Ah.

G.: - Exatamente. Quando eu fiz sessenta anos, eu fiz um culto em ação de graça na Missão, na igreja da Missão. E depois eu dei um jantarzinho, assim, umas trezentas pessoas. Mas quando eu olhei, que vi tanto afilhado, ah, eu fiquei feliz dá vida. A maioria.

A.: - Uma família.

G.: - A maioria de afilhados. E muitos porque não deu pra ir. Não pode ir, não pode (não entendi). È a história da minha vida. (risos)

A.: - Nós agradecemos, foi uma entrevista maravilhosa, né?

G.: - Tá bom.

A.: - Aprendemos muito. Enriquece.

G.: - Desculpe alguma coisa, se vocês, não ficaram satisfeitas, não é?

A.: - Não teve nada de insatisfeito. Pelo contrário.

G.: - Nada. De repente, alguma coisa é... é impossível, né? Tantos anos lembrar tudo.

A.: - A medida que nós vamos conversando, as coisas vão surgindo...

G.: - Então.

A.: - E outras coisas entram, né?

G.: - É, realmente.

A.: - Entram na conversa... na... na...

G.: - Com certeza.

A.: - E a gente consegue perceber, quem sabe relembrar.

G.: - Foi bom, foi gostoso conversa com vocês. Ingrid, né, Ingrid? Já é conhecida.

A.: - (risos) Ingrid (não entendi) Por isso que nós trouxemos, pra você responder as perguntinhas, que a gente fica com os dados seus. Agradecemos a simpatia.

G.: - Brigada.

A.: - A acolhida, viu?

I.: - Aqui a gente vai, preenche, as outras eu já preenchi.

A.: - Desta que quando a gente construir o capitulo, a gente promete voltar aqui, com ele pronto.

G.: - Pode, estou as ordens.

A.: - Pra você ver. Pra você ler, pra você se ver também na foto.

I.: - Pra ler o que você falou.

G.: - Nossa!

I.: - Que agora a gente vai transcrever ai...

A.: - Ai transcreve...

G.: - Mas tudo, que fa... Tirou já?

I.: - Não.

G.: - Desliga Ingrid.

I.: - (risos)

(A fita foi desligada, mas surgiu uma nova conversa, que achamos importante ser gravada)

A.: - Como fato da... da história mesmo,né? Que... que lhe fez refletir assim, e... e lhe marcou ou lhe indignou, que tem acontecido. Ou com político, ou com... em relação a qualquer...

G.: - Olha, essas guerras. Essas guerras. Aque... aquela... aquela bomba de Hiroxima, né? Aquilo mexeu com o coração da gente. Então, quem não sente... E ultimamente, é... es... esse acidente a... aquela... é foi um acidente mesmo, né? Assim, provocado.

A.: - Sim.

G.: - Esse dos Estados Unidos, não é?

A.: - Ah, de 11 de setembro.

G.: - De 11 de setembro.

A.: - Atentado.

G.: - Exato, exatamente. Que morreu muito no incêndio. Muita gente. Eu digo inocente, é... estou referindo a crianças, né? Que realmente teve crianças também, né? Mas, inocentes todos eles porque não tinham nada haver com...

A.: - O objetivo de um inimigo.

G.: - Exatamente. Isso chocou muito, muito mesmo. É... marcou... marcou a vida da gente.

A.: - quer dizer assim, que você ficou assim com qual tipo de sentimento?

G.: - Sentimento. Eu fiquei assim, penalizada e revoltada, porque nós não temos nada a ver, não é? Com o que esta acontecendo lá, do outro lado, da... da... do mundo. Mas atinge todos nós porque somos filhos de Deus, somos irmãos, né?

I.: - E já tá atingindo, que agora a conversa é que agora no Brasil tem bomba.

G.: - Exatamente. Eu... eu vejo jornal e fico, né? Informada disso, porque, inclusive, eu fiquei, assim, muito nervosa, porque o meu filho estava bem próximo, lá a Turquia liberou o espaço aéreo. E... tava... avião passava, que caiu até um missel, lá numa cidade perto.

A.: - Perto da que ele estava.

G.: - Que estava. Na época ele estava em Istambul, que agora ele tá ne Diabarquelé.

A.: - Foi?

G.: - É, exato. Mas quer dizer fica todo mundo, não só por ele está lá, mas... não é? Ser humano.

A.: - É você... Uma preocupação a mais porque é um ente querido que está lá.

G.: - A mais, exatamente.

A.: - E pelos outros como seres humanos e irmãos.

G.: - Como seres humanos e irmãos em Cristo, né? Foi horrível, me marcou muito, muito mesmo. Quer dizer, o outro passado e esse, a gente pode até chama atual. Pouco tempo, né? Pouco tempo.

A.: - E em relação a sua participação como cidadão, na política, sempre exerceu seu direito?

G.: - Sempre.

A.: - Sempre participou.

G.: - Sempre votei e sempre em segredo. Não faço campanha política. Gosto de um candidato voto nele e acabou. Todos eles vêem a minha casa.

A.: - (não entendi)

G.: - É, é segredo. Eles todos vêem a minha casa, eu recebo divinamente e sou amiga de todos os candidatos.

A.: - Analisa.

G.: - E simplesmente eu digo, vou votar em fulano, no... em meu intímo.

A.: - Ah, sim. Não diz pros outros.

G.: - Ne meu intímo. Nem... nem a família comento.

A.: - É mesmo?

G.: - Porque eu não gosto de... de...

A.: - Seu voto de fato...

G.: - É, eu voto porque é cidadã, tenho que votar, né?

A.: - E não... não joga esse direito fora?

G.: - Não. Não jogo direito fora.

A.: - Você usa do seu direito.

G.: - Exato. Como o voto é secreto, eu acho, assim, se eu fizer uma campanha pra determinado candidato, eu estou ofendendo o outro, porque já me pediu voto. Então, eu faço campanha e ninguém sabe pra quem eu voto. Agora, eu voto.

A.: - (não entendi) exerce direito de escolha, olhando, analisando.

G.: - Exatamente.

A.: - Fazendo leitura das propostas.

G.: - Das propostas e vendo...

A.: - Qual é a mais viável, para qual candidato, né?

G.: - Com certeza.

A.: - Lembrar do todo.

G.: - Do todo.

A.: - Certo. Escuta. (alguém fala)

G.: - (risos) É. E não faço campanha, assim, pedindo voto. Oi, vote tal candidato e tudo.

A.: - Sei.

G.: - Ou então...

A.: - Não faz campanha partidária?

G.: - Não, não faço. Não faço e fico amiga dos... dos partidos todos que sã... é... é o... são inúmeros, né? Fico amiga de todos e lês acreditam que eu votei pra eles, todos eles. Mais ai...

A.: - Pois é, e você fica na sua...

G.: - E eu me sinto bem assim.

A.: - Sendo uma boa vivã, né?

G.: - É. Fico bem assim, me sinto bem com certeza.

Entrevista com D. Maria Pureza em 15/04/2004 (Realizada no Centro de Convivência do Idoso)

Ana Lúcia: -... que eu tenho que ouvir, depois lê. Quantos anos tem você Pureza?

Pureza: - 66.

A.: - 66?

P.: - É.

A.: - Bom. É um prazer a gente tá aqui hoje, conversando mais uma vez, não é? Com uma nova pesqui... é... entrevistadas, que fazem parte do Centro de Convivência do Idoso. Como você sabe a nossa pesquisa, é pra gente... é... falar sobre história de leitura de vocês e claro que falando da história de leitura, vamo tá falando da história de vida de cada uma, que participa do projeto, que nos conta sobre a importância da leitura na vida, né? O... todas as questões em relação a escola, que relembra, a escola, as memória, a infância. Então a gente tem a cada vez aqui, que a gente vindo, aprendido bastante com cada uma de vocês, pelos relatos que nos mostram, pelas lembranças, pelo que trás pra gente de experiência. Então a primeira pergunta que eu queria lhe fazer, é assim, que você me dissesse qual é o significado, assim, da leitura na sua vida? Pra você, você acha importante? Por quê?

P.: - Ah, eu acho muito importante porque no tempo de eu criança, eu nunca tive essa oportunidade de estudar, não é? E agora eu tô aprendendo um pouquinho, ainda não sei,

não é? Mas eu tô pensando que Deus vai me ajudar que eu vou aprender qualquer coisa, né? Pelo menos eu assino meu nome, já faço meu nome, não faço bem, mas já faço. Graças a Deus! É... E a importância da leitura pra gente é bom demais. Pelo menos pra mim é.

A.: - E você acha que é bom por quê? O que, que ela trás de bom pra gente? Em que elas nos ajuda, quando a gente pode pegar um livro pra lê ou uma Bíblia ou uma carta, assim, o que é que trás de importante, cada coisa dessa?

P.: - Ah, ela trás muita coisa boa pra gente, ela trás uma animação muito... muito boa pra gente onde... Importante mesmo, que a gente pega a Bíblia e lê, que é a palavra de... de Deus, né? E a gente fica por dentro da... da... das coisas, né? Das palavras, dos...

A.: - Dos acontecimentos do mundo, né? Lembra...

P.: - É, pois é, não lembra negócio de... de... de briga, nem disso, nem daquilo, né? Precisou tanto da palavra de Deus, na hora só lembra de Deus, né? É muito importante na vida da gente, a leitura é pelo menos pra mim é.

A.: - Muito bem. E me diz uma coisa, quando você... Tem quanto tempo que começou o estudo aqui na... na... no Centro de Convivência do Idoso? Estudou desde o ano passado ou só começou esse ano.

P.: - Foi, desde o ano passado. Desde o ano passado que eu tô aí estudando.

A.: - Certo e tem gostado muito...

P.: - Tenho gostado muito, graças a Deus. Gostando, tô gostando... do me... do mesmo que eu tiver sentindo, às vez, eu assim, como hoje mesmo, tava com a cabeça doendo. Então minha menina e que vai? Eu vô porque lá, eu me enterto mais, né?

A.: - É.

P.: - Eu fico ma... eu fico mais alegre quando eu tô aqui no Centro de Convivência porque isso aqui, é... é uma casa que parece, que trouxe pra nóis, não é? Nóis velho que nunca tivemo... nunca tivemo oportunidade de ter... de ver o que nóis tamo vendo agora aqui dentro do Centro de Convivência. Principalmente pelas amigas e... e Valdice que é mesmo que ser uma mãe pra... pra gente.

A.: - Faz amigos, né?

P.: - E muitas amigas que a gente espera... que faz, né? E somo de dentro da sociedade, né?

A.: - Claro, exatamente, todos nós participamos dela, né? Vivemos em sociedade e damos nossa contribuição. Me diga uma coisa Pureza, e... e quando você falava aí do significado da leitura, da importância dela na vida, me lembrou uma coisa, você assim, escreve cartas, bilhetes pra seus amigos, pra seus parentes?

P.: - Ainda não.

A.: - Não?

P.: - Ainda não, mas eu...

A.: - Mas já lê algum bilhetinho, alguma cartinha?

P.: - Eu tô che... eu tô pensando que... que vou chegar lá. Ainda não leio, né? Porque eu não entendo muito essa... a... é...

A.: - Juntar.

P.: - Essa... e... e... essa escrita feito a mão, né?

A.: - Ah, sim.

P.: - Porque a professora custo... custumou nóis aqui muito mal, né? Só fazendo alfabeto, né? O alfabeto, o ano todinho fazendo o alfabeto, esse ano, foi que eu falei com ela. Eu digo, ah pró, eu não tô entendendo essas outras letra, que... que escreve, né, assim, coisado, não tô entendendo. Ela disse, pois esse ano eu vou mudar. E esse ano que ela tá mudando, né, o que foi dado.

A.: - Ai...

P.: - Mas o nome que ela faz no quadro, eu sempre...

A.: - Consegue lê?

P.: - Consigo lê.

A.: - Junta e já lê, então, daqui uns dia já tá sabendo lê em casa, fazendo as suas próprias cartas.

P.: - Se Deus quiser! Se Deus me dê a licença, né?

A.: - Seus bilhetes, não é? É tão bom você mesma dizer assim, eu vou sentar agora pra fazer uma carta pra fulano, pra minha amiga, pra minha comadre, né?

P.: - Isso aí, eu peço muito a Deus, pra ele me dá... me dá uma memória boa, o negócio que é... não é só uma coisa, só pra gente, né? Que a gente na... na idade, tem tanta coisa. Tem filho, tem tudo pra pensa, imagina e... e... e mesmo, o jeito da vida, mesmo, né? Porque quem não tem marido, já sabe como é, pensa em tudo.

A.: - Tudo tem que ser resolvido, né?

P.: - Tem tudo que ser eu, pra resolver. Se é pra compra uma coisa tem que ser eu, se é pra resolver um problema tem que ser eu.

A.: - Você é viúva Pureza?

P.: - Sô viúva a dezessete... a dezenove ano.

A.: - É? Não quis casar de novo?

P.: - Não.

A.: - Por quê?

P.: - Quis mais não. Porque a minha vida... a minha vida quando... a minha vida foi muito pecuara, né? Eu peguei um esposo, num... era pobre, mas era trabalhador. Mas era cachaceiro, né? Era cachaceiro, sofri muito com cachaça, com negoço.

A.: - Sei.

P.: - Só vivi com ele, porque é como diz, a mulé quando casa, não é? E mesmo... As de agora não, que hoje em dia todo mundo tem sua liberdade, mas naquele tempo meu não é? Tinha que ser mesmo de baixo do... dos pés, mesmo e... Ai eu me escardei um pouco e não quis saber mais não (risos).

A.: - Ai quis... Não quis outro relacionamento?

P.: - Não, não quero mais de jeito... de jeito nem um.

A.: - Que um pai...

P.: - E logo que ele morreu, fiquei com três filho de menor, né?

A.: - Sei.

P.: - Eu digo, eu vou arrumar outro homem pra vim bater nos meu fio, não dá certo não. (não entendi), aí foi que terminei de criar.

A.: - Criou sozinha mesmo.

P.: - Graças a Deus!

A.: - Mas poderia amar, tantas outras pessoas ainda e ser tão feliz, não é?

P.: - É. Mas...

A.: - Dezenove ano de viúva, dava pra tá com (não entendi)

P.: - Dezenove ano de viúva. Eu fiquei... eu fiquei viúva, parece que eu tinha 45 ano quando eu fiquei viúva.

A.: - Ah, nova!

P.: - Foi. Mas eu não quis mais não. Ele mesmo era uma batalha, batalha da roça... Era uma batalha, e logo eu... eu comecei esse problema de... de coluna. De dor nas costa, foi aí que eu vim aqui pra rua e daí, tô aí. O ano passado, foi o ano trasado, foi. Que eu consegui vim pr'aqui.

A.: - Vim pra cá.

P.: - E graças a Deus...

A.: - Saiu da roça pra cidade?

P.: - Foi.

A.: - Há 3 anos ou lá há 2 ano?

P.: - Já tem... já tem 11 ano, já.

A.: - Que veio embora?

P.: - É, que eu vim pr'aqui.

A.: - E me diga uma coisa, quantos filhos tem?

P.: - Eu tive 12 filho, uma perca 13. Mas eu só criei... criou 6, mas uma morreu, tá com 9 ano que morreu atropelada em Salvador, né? Foi trabalha em salvador e morreu atropelada lá em Salvador. Ia fazer 20 ano, novinha.

A.: - Nova. Ô Pureza, e... e... e como você aprendeu a ler? Você já, veio aprender a lê, mesmo, já aqui? Ou

P.: - Já. Foi, eu nunca... não, eu nunca fui... não, eu nunca...

A.: - Nunca tinha entrado em escola antes?

P.: - Não, eu nunca tinha ido na escola, não?

A.: - Ah! Já veio pra escola, agora aos sessenta e...

P.: - Já agora, já com 65 ano, foi quando eu entrei tava com 65 ano. Foi. Agora que eu vim aprender fazer meu nome e assim, umas letrinhas assim, eu já digo um bando de nome, né? não digo tudo de... eu ainda digo (não entendi)

A.: - Sei, mas já consegue juntar e dizer, né?

P.: - É, pois é, já digo, muito, um bando de nome, mesmo.

A.: - E... e quais as atividades que a pró faz aqui que você mais gosta de fazer?

P.: - Hã?

A.: - De leitura, escrita, de ouvir história. Ela conta história?

P.: - Conta. Ela conta história... ela conta história pra gente, ela bota a gente pra fazer. Agora me... agora mesmo ela... ela tá com a leitura lá de João e Maria, né? (risos)

A.: - Ah! A história em poesia?

P.: - A história de João e Maria pra gente fazer. As outras lá, tão fazendo. Eu gosto muito.

A.: - E quais histórias você já aprendeu?

P.: - Porque ela é uma pessoa... ela é uma pessoa muito boa, que ela não pega muito pelo pé da gente, né? Que sabe que gente veio também não pode ser puxado, né? Que a corda puxada demais quebra, né? (risos)

A.: - Ela tem muita paciência?

P.: - É, ela tem muita paciência, muito boa.

A.: - E... e quais histórias dessas que... que você já tá aprendendo, relembrando, que você mais gostou e tá entendendo um pouquinho? Quais histórias.

P.: - Dessas histórias, a mais... mais gostei foi um livrinho que ela me deu agora no... no final do ano, que ela... ela comprou um livro de... de... do lenhador, né? A dor do lenhador e aí ela me deu e eu já estudo e eu já estudo já leio ele todo sozinha.

A.: - Que beleza! E como é a história do lenhador? Conte aí pra gente.

P.: - A história... a história do... do lenhador, que ele... ele era pobrezinho, né? Ele tinha 7 filho, então ele não... não tinha condição de criar os filhos, então ele foi disse que ia deixar... ía deixar eles na... na floresta, né? E aí ele tinha o Pequeno Polegar, que era bem esperto, então deixou migalhas de pão cair na estrada, pra quando (risos) mode acertar o caminho, que ele escutou o pai dizendo né, pra...

A.: - Pra mãe.

P.: - Que ia deixar ele na floresta, que não tinha condições de criar ele. Então foi, assim, ele... ele... lá, deixou ele lá na floresta, quando eles souberam que tava um... um solzinho, aí ele disse que... disse pra os outros, que num... num se preocupasse não que ele... que ele ia encontrar o caminho, que ele tinha deixado as migalhas de pão, aí... Então as migalhas de pão, quando chegou lá os pássaros já tinha comido tudo e aí (risos) saiu perdido por o mato, gritou socorro, mas não teve jeito, aí achou uma casa, a casa era do Orgon, aí tinha uma veia, disse assim, que eles não podiam ficar lá, que ele devorava criança. O Orgon devorava criança. Aí, eles ficaram, que quando o Orgon sentiu o

cheiro, disse, tô sentido o cheiro de carne fresca (risos). Mas ele já tinha... ele já tinha escapolido. A véia botou eles pra correr. Aí, ele calçou a bota de 7 léguas e aí a... aí a... ell saiu atrás das crianças, mas tava cansado, aí deixou... deitou pra dormir, disse, eu vou pegar uma soneca agora, que tô muito cansado. Aí, bem de juntinho das crianças, aí o Pequeno Polegar, chegou, rançou a bota do pé dele e calçou. (risos) E aí, a bota era mágica, aí pegou as crianças tudo e trouxe pra casa. E aí, eles...

A.: - Sim. Salvaram?

P.: - Chegou... chegou em casa, foi viver com os pais deles. Ficou rico e cabou a fome, todos vivendo. E aí terminou a história.

A.: - E que lição de vida, essa história lhe trouxe Pureza?

P.: - Que lição de vida?

A.: - É. A... você aprendeu.

P.: - O que eu aprende com ela, porque o... a vida... a vida é assim mesmo, pra gente viver tem que ser assim, né? Os trancos e barranco, né? É uns em cheia e outros em vão. Então, é... é... eu apre... eu aprendi, que essa história é muito boa pra gente, contar, assim pra... mesmo pras crianças, né?

A.: -Tem ensinamentos, né?

P.: - Pois é.

A.: - E qual ensinamento, assim, a gente pode perceber na... na história, que pode ajudar a gente nossas atitudes, pra nos... nos... nos dá força em alguns momentos difíceis? Qual seria o ensinamento que... que a gente percebe que a história trás pra gente?

P.: - Uma...

A.: - Porque um pai, abandonar um filho.

P.: - Abandonar um filho.

A.: - Não é fácil, né?

P.: - É.

A.: - Porque não tinha como criar e não tinha todo esse pai também.

P.: - É. Que dizer que pra quem não conhece, acha que os pais... que os pais é ruim, mas só Deus sabe a... como é, né? Que acontece que a gente a... abandona uma coisa sem... sem ter precisão... tem uns que abandona sem ter precisão, já outro é... é a forçado, né?

A.: - Sim.

P.: - Porque não pode, não tem condições como ele mesmo, né? Que 7 filho, minha gente, não é moleza não, pra um pobre lenhador, né? Sustentar da o pão de cada dia, não é moleza não.

A.: - E... e ele preferia que eles a encontrasse alguém em tão.

P.: - Encontrasse alguém.

A.: - E...

P.: - É. Que ele deixou eles na floresta pra ver se eles encontrava alguém que cuidasse deles, né? Na... na floresta.

A.: - No desespero dele, né?

P.: - No desespero dele, porque na realidade, esse aí é uma história, né? Mas na realidade tem família muita desse.

A.: - Pois é, quantos pais que as crianças são encontradas nas cartas, no lixo, não é?

P.: - É.

A.: - Que eles...

P.: - Tem muito... as vez muitos pensa, que é por causa, que a pessoa abandona porque não quer criar. Porque muitas vezes é porque ele não tem condições de criar, né?

A.: - E... e as vezes falta... falta coragem e fé de acreditar que pode resolver. Pode modificar, né? Alguns fazem o contrário, não eu vou dá conta, vou procurar um jeito.

P.: - Que eu mesmo assim, eu pensava assim, as vez...

A.: - E não abandona os seus filhos.

P.: - As vez, antigamente quando meus filho era pequeno, era isso que eu tinha dúvida assim, com o marido. Eu... eu dizia assim, eu podia largar esse miserável, mas meu Deus eu vou viver de que?

A.: - Quem sabe?

P.: - Com que... se eu largo... se eu larga ele, eu não vou deixar meus filho pra ele criar, eu tenho que criar, eu tenho que ir pedir esmola pra criar meus filho, porque eu... eu deixar eles passar fome eu não deixo e dá também aos outros eu não dava, né? Eu pensava assim, né?

A.: - Pois é ninguém dá, pois é. Mãe (não entendi) os pais tem esse (não entendi).

P.: - É. Pois assim, é como a... a gente vê né essas história... essas história assim, porque nem todo mundo pensa assim como eu pensava, né? Porque às vezes muitos deles tá

pedindo, os seus filho, as coisas e eles não dava de jeito nem um. Pede, leva tombro, o tombro passa aqui cai acolá, mas não dá. Criou como pobre, mas cria, não é? E tem muito que não, que não eu vou dá meu filho porque lá vai viver... né? Mas dizer dei e isso e aquilo num...

A.: - Mas antes não ter essa coragem .

P.: - Por sinal, é obrigado tem coragem.

A.: - Que a mãe tem a felicidade dos filhos.

P.: - É.

A.: - Oh, Pureza, e nessa... nesse... na sua vida assim, antes de você casar, você menina, você mocinha. Quais são a... as... assim, as fases de sua vida que você mais lembra e tem saudade?

P.: - Ah, a fase... a fase da minha vida foi um pouco pecuára, né? Porque logo, meus pais era fraco. De idade de 5, 6 ano eu já trabaiava assim mais minha mãe, pra mode ajudar na feira, né? Plantava capim, a gente ia pra roça (não entendi)...

A.: - Sempre trabalhava...

P.: - Era dia de macaco como o povo chama, né? Dia de macaco. Diária, né?

A.: - Sempre trabalhava na agricultura, né? E sempre...

P.: - Ela ganhava 10 tões, eu ganhava 500 reis.

A.: - Sim.

P.: - Naquele tempo era 10 tões e 500 reis. Era...

A.: - E aí você não pôde ir pra escola, ficava só trabalhando, e ajudando seus pais?

P.: - Não pôde ir... não pude ir pra escola de... de jeito nem um, que ajudava a trabaia.

A.: - Sei.

P.: - Passava tempos ruim, né? No... Teve um tempo mesmo, foi obrigado a gente tira pó de paia pra viver, né? Ia pros morro tira paia, pra tirar pó, rala o couro aqui na perna, tirava o pó de paia. Tirava 5, 6 quilo...

A.: - Tirava as palha, ma pra que?

P.: - Hum? Rapaz, eu não sei pra que é que serve. Eu sei que nóis vendia, não é?

A.: - Tirava pó de palha, eu não sabia não. Pra vender.

P.: - Tirava pó de paia, tirava pó de paia.

A.: - O que será que faz com pó de palha?

P.: - já tirei muito pó de palha. Quebrei muito licurí, catei muita mamona no chão, pra viver, não é?

A.: - Sempre desde pequena, né?

P.: - Desde pequena, desde pequena.

A.: - E aí não deu tempo vir pra escola?

P.: - Não, não.

A.: - Sempre morando na roça?

P.: - Sempre morando na roça.

A.: - Todos os irmãos trabalhavam, também, junto?

P.: - Todos trabaiava, todos trabaiava. Todos trabaiava sempre na roça.

A.: - Pra ajudar o pai e a mãe que eram lavradores?

P.: - É.

A.: - E quando se casou você continuou sendo lavradora junto com seu marido?

P.: - Foi, junto com meu marido. Meu era...

A.: - Morando na roça?

P.: - era trabalhador. Eu casei com um viúvo, né? eu casei com um viúvo, ele era trabaiador, que era danado. Ele botava 40 tarefa de roça, assim. Aí, gente trabaiava com 5, 6 trabaiadeira na roça pra ajudar, né? Que eu sozinha não dava conta. E te'ra... até muito duro na roça pra trabalha. Agora não, graças a Deus, eu tô no céu hoje em dia.

A.: - Tá ótimo, no céu.

P.: - Me aposentei. Vivo do meu aposento.

A.: - Hum.

P.: - Num... não preciso dos meu filho pra, assim, me ajudar em nada, né? Que eu, quem, sempre ajudo eles, né? Que eles tamém são pobres, são todos. Mas graças a Deus, eu vim praqui, tô no céu. Tô nessa casa aqui pra mim (risos). Eu tô ne... eu tô no céu.

A.: - E... e me diga...

P.: - E me dou muito bem aqui

A.: - E... e... nesse... nessa época, depois foi ficano mocinha...

P.: - Foi.

A.: - Lá na roça, costumava, assim, sair pra passear ou mesmo não tinha assim lá?

P.: - Saia, saia. Eu o... ôxe, eu gostava. Eu saia, assim, pra apanhar café. Apanhei café no Curralinho, panhei café ali no pé de serra. A gente cantava roda na roça. (risos)

A.: - Ah! Tinha parte boa também, não é?

P.: - Tinha parte boa, tinha.

A.: - Assim, de... de cantar.

P.: - E festa, graças a Deus eu ia pra festa. Meus pais nunca impatou eu ir pras festa não.

A.: - Trabalha... Sim.

P.: - De jeito nem um.

A.: - E... e nas festas, qual era as músicas da época que fazia sucesso?

P.: - Ah! A... a... e pensa que eu nem me lembro mais disso (risos) As músicas era...

A.: - (risos) Ia mais pra que? Pra forró?

P.: - Era... era forró, era xote, era negócio... as músicas de Luiz Gonzaga, né?

A.: - Hum. Sim. Luiz Gonzaga, né?

P.: - É. Nesse tempo, nessa época.

A.: - E não lembra de nem uma?

P.: - Lembra assim, de... de ar... arguma. (risos) Tinha Asa Branca, assim no... Tem a que diz assim, foi lá no pé-de-serra, onde eu deixei meu coração. Oh, que saudade eu tenho, é de voltar pra o meu sertão. No meu passado, esse trabalho eu não queria... Ah! Me esqueci. (risos)

A.: - (risos) lembrou só um treixinho.

P.: -Me lembro só esse trabalho eu não queria. Lá ne meu rancho tinha tudo o que queria. Aí que dançan... dessa casa eu não queria, e a sanfona nem parava, também xote a noite dia. O xote é bom, de se dançar. Um passo lá e outro cá (risos). A gente fica se... a gente fica... ah, me esqueci, não sei mais não (risos)

A.: - É bonita essa.

P.: - Ah! Xote.

A.: - E aí dançavam a noite toda?

P.: - Dançavam a noite toda rapaz. Nóis dança mesmo.

A.: - Paqueravam os rapazes? (risos)

P.: - Ôxe! Não era o que.

A.: - Era uma época boa, nessa parte, né, Pureza?

P.: - Era, era uma época boa.

A.: - Fazia amizades, né?

P.: - Embora da... da gente ser fraco e tudo, mas era tudo repeitado, graças a Deus. A gente ia pra festa ninguém dizia que era bonito, nem que era feio, não é? Não existia muita confusão naquele tempo, também... Naquele tempo, também, as moça não podia dá uma taboca, porque se desse uma taboca morria (risos). Era.

Ingrid: - O que era taboca?

P.: - Ôxe, era... taboca você vinha, se o rapaz chegasse...

A.: - Você chama pra dançar e você não ir.

P.: - Era. O rapaz chegasse você pra dançar se dissesse que não ia, na mesma hora chegasse outro, e ia, pronto. Ali...

A.: - Não podia, que ali tava feita a confusão.

P.: - Não. Já tava feita a confusão.

A.: - Que se não quis vir com um, tem que passar a noite toda sem dançar com nem um, né?

P.: - Tem que ficar sem dançar. Tem que dançar com gato e cachorro, né?

A.: - Com todos.

P.: - Naquele tempo era assim, era gato e cachorro.

A.: - Não podia dizer não. Já foi pra festa, sabe que tá lá pra dançar, né? Isso acontecia muito mesmo.

P.: - Mesmo estando nessa idade brinquei muitas festas, mas graças a deus, nunca puxei uma confusão, nunca dei taboca em ninguém. (risos)

A.: - (risos) E gostava de um forrozinho, né, Pureza?

P.: - Oh, eu gostava demais. Forró, roda, tudo, aí era mais eu.

A.: -Oh Pureza, e aqui... e aqui na... no abrigo do... na casa de Convivência, quando o... botam um forrozinho dançam e cantam e se lembra e se divertem tanto aí, não é?

P.: - Nóis dança, é. Nóis brinca é muito aqui, não é? Pula, não é?

A.: - E as rodas, me diga quando trabalhava, que tirava mamona, que plantava feijão, quais eram as cantigas de roda que gostavam de cantar enquanto trabalhava?

P.: - Ave Maria! Não me pergunte, que nóis cantava demais. Chora bananeira, bananeira chora, chora bananeira amanhã eu vou embora.

A.: - Canta mais uma.

P.: - Subi naquela serra com sapato de algodão, sapato pegou e eu desci de pé no chão. (risos)

A.: - Pronto (risos) Também de algodão, né? (risos)

P.: - Atrás daquela serra passa boi passa boiada, também passa a moreninha do cabelo cacheado.

A.: - Beleza! Então é... e assim, eu pergunto, quando vocês trabalhavam cantando, o trabalho tinha outro sentido? Vocês não percebiam o tempo passar, como é? Era mais doloroso?

P.: - O dia passava ligeiro. Era, o dia passava ligeiro, que a gente não dava fé, porque a gente ia panha o café, ajuntava uma turma assim, nóis pegava um moito de café, assim, né? Aqueles café tudo plantado as carrerinha. Agora, assim, por acaso eu ficava aqui, você ficava aqui, essa outra ficava ali, aí subia, né? Subia até chega no final da roça. Cada qual, na sua carreira de café, cada qual cantando roda e dizendo verso, aí...

A.: - Sei. E aí o trabalho...

P.: - Então, o nosso dia passava que a gente nem via, rapaz. Era uma co... era no momento que o dia passava, né?

A.: - Então quer dizer que o trabalho, já... a gente já viu que podia unir ao mesmo tento...

P.: - AH, sim.

A.: - Ao trabalho, como um pouco de lazer, de alegria, mesmo tando trabalhando, né?

P.: - De alegria, de tudo. É, de saúde também, né?

A.: - Isso.

P.: - Porque a gente... sem a gente não ter saúde, não tem alegria, não é?

A.: -Não tem como.

P.: - É, não tem como ter alegria.

A.: - E me diga uma coisa (hunf) na, assim, ne... nesse período da sua vida. A infância, a sua juventude, a mocidade. Tem algum fato de sua vida vi... que você lembra, até hoje, com saudade? Que aconteceu, que você ainda se lembra, que gostaria de reviver. O que. Que você mais ficou com saudade dessa época?

P.: - Ah, dessa época só fiquei com sau... com saudade, quando eu era mocinha nova, né? Porque eu saia pra fora assim, pras comunidades, pra trabalha, pra cata café, plantar

feijão e a gente ajuntava aquela turma toda e cantava. Aí, no pé de serra mesmo, nóis de man... de dia nóis na roça cantan... cantando roda, panhando café e de noite era nas casa cantando roda, juntava aquela turma de moça e cantava roda até 12 hora.

A.: - Ah, sim. Faziam de casa em casa?

P.: - É. Nóis, não, nos terreiro cantando roda.

A.: - Isso. Certo.

P.: - Fa... juntava moça, rapaz, ali.

A.: - Ah, e fazia uns lual.

P.: - Faça... É, pois é, que umas cantava roda, outras cantava samba, cantava reis. Era assim, né? E aí, a gente por um mês... Ave Maria, eu tenho saudade de... demais, porque era... era uma vida contente, né? hoje em dia quando eu tô aqui mais as meninas, eu lembro muito disso. Porque aqui re... relem... faz a gente relembra.

A.: - Relembra que canta, né?

P.: - É. Relembra, né?

A.: - Tem as cantigas de roda...

P.: - A infância, que agora a gente tá tendo, tomem, a gente vê coisa... nóis tamo tendo aqui, o que nóis, nunca, também temo, naquele tempo, que a gente não tinha oportunidade. Que naquele tempo era quando a gente saia pra trabalha e tudo. Num ia. Agora não, agora nóis tamo aqui. No... nóis dança Micareta, nóis vai pra festa, nóis vai pra todo o canto aqui, que Valdice balança a gente tá, né?

A.: - Ai. (Falando com Ingrid que tentava fechar a porta, por causa do barulho)

P.: - Ainda tá aberto.

A.: - Me diga uma coisa. A professora costuma incentivar vocês a lê, da livro pra vocês lê em casa, como é que ela faz? Incentiva vocês a lerem?

P.: - Não, a gente tem... a gente tem livro, mas ela... ela sempre bota a gente pra lê aqui, né? Ela não dá...

A.: - Não dá pra casa, uma leitura, pra fazer em casa, não?

P.: - Não, não dá pra casa não.

A.: - Ler história, ler outros livros que vocês queiram, não?

P.: - Não. Não dá não.

A.: - E... e aqui também no Centro de Convivência não tem uma biblioteca, pra vocês escolhem livro, pra levar pra casa, não?

P.: - Tem não.

A.: - Só tem a sala de aula mesmo? (hunf)

P.: - É.

A.: - (hunf) Me diga uma coisa (hunf). Como era, assim, a roça que você morava? Ela tinha casas por perto ou era uma roça muito longe uma com outra, isolada. Ou não?

P.: - Tinham. As casas... as casa era assim, meia... meia longe. Assim, da... da outra, mas agora... agora tá... a minha... a minha casa, mesmo, lá. Agora já tem muita casa de junto. Tem as casa de meus filho, né? Tem... tem a casa do sobrinho. Tem a casa de um... de uns vizinho, assim, uns de lá, outros de cá. Tem uma comunidade, né?

A.: - Sim (toca o celular)

P.: - Tudo no Pau-ferro.

A.: - No Pau-ferro.

P.: - É. Fez uma comunidade.

(gravação interrompida)

A.: - Então, aí, né? Agora tá diferente, quer dizer que...

P.: - Agora tá diferente, é.

A.: - Que antes era... era mais afastado.

P.: - Era mais afastado. Era afastado. A... Tinha mata, tinha tudo e agora não. Agora lá no Pau-ferro tem uma pracinha, tem colégio, né? Tem campo de futebol.

A.: - Naquela época não existia colégio, né? Não tinha escola, né?

P.: - Não tinha escola, não. Não tinha nada. Tinha era mato no meio. Agora não, agora formou uma comunidade. É roça de um lado, roça de outro e as casa tudo aí. Tudo uma comunidade mesmo.

A.: - Então já teve muitas mudanças lá na roça.

P.: - Já teve muitas mudanças.

A.: - E tem luz Pureza?

P.: - Tem luz.

A.: -É?

P.: - Tem luz. Só falta ter água daqui. Tem água lá naquela cisterna de lá, né?

A.: - Sim. Água da cisterna.

P.: - E nem encanta... encanaro água... água de cisterna pra...

A.: - Água encanada.

P.: - Pras casa, né?

A.: - Certo. E me diga uma coisa. Quai... você... o... é... analisando, hoje, a roça e a cidade. Você gosta mais de viver aqui, ou de viver na roça.

P.: - Eu gosto mais da roça.

A.: - É?

P.: - É. Toda vida eu gostei mais da roça. Eu só tô aqui, por causa desse problema meu que eu criei de... de... de problema na coluna, né? Bico-de-papagaio. E os médico impediu de eu trabaia. E eu quando chego na roça, Ave Maria! Se eu pudesse, eu não ficava queta, né? Não vejo um pezinho. (risos)

A.: - (risos) Já quer novamente.

P.: - E a gente criado na roça, já sabe, né? Não hora que eu vou chegando, eu vou... E no outro dia que eu vou lá, que eu passo os dia todo lá, quando é amanhã, eu passo a semana toda doente. Aí, quando eu chego, é arrancando mato, é falando...

A.: - A crise de coluna.

P.: - Passando... passando (não entendi). Mas eu gosto. Acho, que eu não tô na roça porque eu num... num... guento mesmo fazer nada, né?

A.: - Você acha... você acha ela mais saudável?

P.: - Fazer nada. E tamém... pode. E eu não tenho um transporte, se eu tivesse um transporte todo dia pra ir.

A.: - Hum.

P.: - Já tem, a gente tem um pedacinho de roça lá, 20 tarefa de roça da gente, né?

A.: - Sim.

P.: - Pra criar galinha e tudo, ôxe, eu ia todo dia e vinha, mas eu não tenho transporte.

A.: - Não dá pra ficar vindo e voltando.

P.: - Não dá pra ficar vindo e voltando, que o dinheiro não dá, pra pagar todo dia pra ir e voltar.

A.: - Mas vai todo final de semana?

P.: - Todo final de semana eu vou. Todo domingo, assim, que o genro tem... tem dessas aí, que trabalha na serra. Quando é dia de domingo, ele pega ele, que ele é de lá tamém, pega a gente e leva tudo pra lá pra roça.

A.: - Sei. E... e Pureza, você acha que lá na roça tem... é uma vida mais saudável assim, que é mais... mais saudável, assim?

P.: - É... é mais saudável, assim... é mais saudável assim, que é mais... mais sossegado, né?

A.: - Sim.

P.: - A vida da roça, mais sossegada. Mas sobre coisa, aqui é mais saudável, por causa do tratamento das águas, né?Já é tratada, né? É... tem mais outro tratamento, a gente tamém tá mais perto da... da... do centro de saúde, né?

A.: - É. Certo.

P.: - Tudo... tudo é mais melhor do que lá. Mas lá, eu acho... eu gosto mais do que aqui.

A.: - Mais do que viver na cidade?

P.: - É, mais do que viver na cidade, e... e de minha verdade, eu só aindo tô aqui, por causa daqui do Centro de Convivência. Se não fosse o Centro de Convivência, assim, mesmo, eu já tinha voltado pra minha roça. Sem guentar, eu já tinha voltado pra minha roça.

A.: - Mesmo sem guentar?

P.: - É.

A.: - Pu... e... e... a... na cidade aqui, você acha, o que, que você acha de muito de ruim na cidade que num... num lhe faz gostar muito?

P.: - O ruim, que eu acho aqui na cidade, porque aqui na cidade a gente não tem a liberdade, que a gente tem na roça, aqui a gente vive na cidade. É quase, como um preso na cadeia, né? Não pode, não tem licença nem tá com a porta aberta, já viu como é que é, né? E... e não... não tem essa liberdade. Na roça não. Na roça você dorme até de porta aberta se for possível.

A.: - Hunrum. Não há problema algum, né?

P.: - Não há problema algum.

A.: - Em termos sobre a violência.

P.: - Ah, mas agora do jeito que tá também, já tá começando, né?

A.: - Na própria roça, tá chegando também

P.: - É, já tá chegando. Lá mesmo, na casa de minha sobrinha, tá um negoço de um... uns2 mês, chegou 2 cara lá de... de moto encapuçado e... e roubaram televisão, capa de sofá e tudo. Prendero eles dentro de um... de um banheiro e fizeram isso. Carregaram tudo que um... até a roupa da menina ir pra escola, as farda da menina pra menina ir pra escola.

A.: - Carregaram?

P.: - Carregaram tudo.

A.: - Lá na roça?

P.: - Lá na roça.

A.: - Então, a violência também chegou ao campo?

P.: - Já tá chegando.

A.: - É?

P.: - Pois é já tá chegando. Como agora mesmo, hoje mesmo eu peguei no rádio. Roubaram a moto de uma mulé, alguma coisa, né?

Valdice: - Boa! Oi!

A.: - Olá!

V: - Tudo bom? Como é que tá? Tudo bem?

A.: - Oh, minha querida, estamos aqui conversando com Pureza.

V.: - Tá conversando com Pureza. Tudo bom?

A.: - É. Tá aqui contando umas histórias

P.: - Chegou a minha mãe nova. (risos)

A.: - É. (risos)

V.: - Como vai coisa fofa?

P.: - Hum.

V.: - Tudo bom mô?

A.: - Tudo em paz.

V.: - Tudo em paz, graças a Deus!

A.: - Nas entrevistas.

V.: - Eita! E aqui é bom?

A.: - É. Aqui a gente abre a janelinha, pra refrescar, não sentir calor.

V.: - É né?

A.: - E ai o som fica bom pra ouvir bem, né?

V.: - Ah, sim. Ah! E tava gravando agora que eu entrei? (não entendi)

A.: - Não, que a gente vai ouvir a fita e transcreve a fita.

V.: - Não porque eu... eu vi a porta fechada com isso, abri pra vê.

A.: - (não entendi) que Ingrid tirou.

P.: - Né minha fita vai sair minha mãe nova.

A.: - Ingrid espera pra senhora afastar.

V.: - Meu amor perdoe.

A.: - Não, que é isso. (não entendi)

V.: - Tchau! Viu? Licença aqui.

A.: - Certo. E então Pureza.

I.: - Tira a chave, tá?

A.: - Me diga uma coisa Pureza. É... Você costuma assistir televisão?

P.: - Assisto.

A.: - Assiste?

P.: - Assisto.

A.: - E dos programas que você assiste, quais são os programas que você mais gosta de assisti? Por que? Que, que você aprende com eles?

P.: - O que eu gosto mais de assistir, eu falo minha verdade. eu gosto mais de assistir as novela. (risos) Eu sou chegada numa novela.

A.: - Numa novela.

P.: - Porque não é desde agora não. Desde quando eu morava na roça, eu assistia pelo rádio, né?

A.: - Ah, era?

P.: - Era. Antigamente, quando a gente não tinha televisão.

A.: - Sim.

P.: - A gente assistia no rádio. Tinha um radinho de pila e a gente assistia as novela da rádio Petrolina, né?

A.: - Na época da rádio novela.

P.: - Em Petrolina tinha umas novela bonitinha,. E tinha os horaro da gente assistir. A... a radia globo, tinha Tia Leninha, dia de sábado, contava as história de Branca de Neve. Contava as história de Cinderela, e aí a gente escutava mesmo, né? E aí, eu fiquei naquilo. Quando eu comprei minha televisão, aí eu sou ligada mais nas novela.

A.: - Continuou assistindo a novela. E dessas novelas que você assiste, o que é que você assim, tira proveito para a sua vida? Lhe faz, pensar sobre algum fato da sua vida, lhe faz refletir as cenas que passa na novela? Aprende com elas?

P.: - A gente aprende. A gente aprende porque tem muitas coisas que passa... que passa na novela que... que é feito pela realidade, né? Muitas coisa, muita mesmo. Que passa nessas novela que é... que tirado pelo um... a realidade. Oh, o mal... o mal mesmo, né? O... o mal, pra fazer o mal uns aos outros. Aí, como é que diz?

A.: - O que mostra lá na televisão.

P.: - Mostra na televisão e tem na realidade do mesmo jeito. Pessoa que... que deseja o mal pros outros. Pro próximo, né? Não gosta, xinga, briga, não é? Tudo isso. E a gente vê na televisão, também, desse mesmo jeito.

I.: - Das novelas atuais, a senhora gosta mais da qual?

P.: - Rapaz, eu tô gostando mais da novela de Aninha. (risos)

A.: - (risos) Ah, Chocolate com Pimenta?

P.: - É. Chocolate com Pimenta. Tô adorando ela.

A.: - Por quê?

P.: - Porque... eu... eu gosto de vê a coragem dela, né?

A.: - E é uma novela de época.

P.: - De Aninha. Gosto de vê a coragem de Aninha. Porque, né? Do jeito que o povo faz com ela, tudo e ela tem aquela coragem, tem aquela força, né? E aquela boa vontade de seguir, e nisso ela tá vencendo, né? Ela tá vencendo.

A.: - Então já é um aprendizado que se tira, né?

P.: - Pois é.

A.: - Que ela... ela tem passado por dificuldades, né? As pessoas tem feito...

P.: - Ela era pobre da roça, né?

A.: - Pois é.

P.: - Pobre da roça e tudo. Que ela ser pobre e fraca, aí os outros fica pisando, né? Pisando nela, fazendo de tudo, chamando ela de golpista, mas ela não deu um golpe, né? No... pensar da gente é... é como agen... como a gente vê. Quem... quem tá lá, tá pensando que ela deu o golpe, mas ela não deu o golpe, não. (risos)

A.: - (não entendi)

P.: - Aqueles ali, parece como na realidade, que a gente vê na realidade, que acontece disso. Muito rapaz faz o mal pras moças e larga aí, né? (barulho de moto) Fica com a cara pra riba, vai outro e casa, né? Com ela e tudo. Acontece, acontece demais.

A.: - Ela teve uma pessoa, né? Que quis ela, que fez tudo isso pra auxilia-la, né? Na verdade...

(Mudança de lado da fita)

P.: -... e não sei dizer e não dá certo. Soletrando, pelejando pra dizer. Eu digo, ê meu Deus, mas eu tive tanta oportunidade quando eu era pequena, mas eu tive tanta oportunidade quando eu era pequena, mas... de estuda e num estudei, agora pelejo e num... Peço... peço uma boa memória a Jesus e eu sei que ele... que ele vai me dá, assim, pra eu aprende, né? Mas... eu peço muita força a Deus, né? Que ele... to... toda coisa eu tenho muita vontade de aprender a ler a Bíblia.

A.: - Sei.

P.: - Tenho muita vontade de aprende, porque eu escuto assim, eu escuto...

A.: - De tá na sua casa de lê, né? Refletir.

P.: - Eu escuto o povo lê... lê a Bíblia e tudo. Eu entendo um bando da coisa da Bíblia, que tem muita gente que as... que tem... que tem a leitura e não entende. A vez, muitas coisa que a bíblia diz, tem muita gente que tem a leitura e num entende. Sabe o... lê... lê e num... e num reflite aquilo que a Bíblia ensina a gente, não é? E a gente escutando, eu mesma escutando, eu entendo um bando de coisa que a Bíblia ensina... ensina pra gente.

A.: - Que tá lendo e ouvindo. Tá, né? Pela (não entendi)

P.: - É, escuto é.

A.: - E aí, você que ler também.

P.: - Eu quero lê também, pra mode eu saber o que é partilhar contando aos outros pessoal, também que não sabe, né?

A.: - Isso, muito bem.

P.: - É, com outras pessoas também que não sabe.

A.: - A qual, as outras pessoas teriam possibilidade, né?

P.: - Assim, como muitos lê pra mim, né? Que tem vez que chega crente lá em casa e fica lendo e me explicando tudo. E eu gosto, porque tem gente que diz assim, não, eu não recebo crente aqui ne mi... minha casa e esses queima panela, queima feijão. Pois eu não, eu nunca... pra mim, se eu recusar, tô recusando Deus. Porque se eu vim com a palavra, não é? pra vim com a palavra de Deus, pra explicar pra gente eu bato a porta na cara dela, pra mim tô batendo na cara de... de Deus, porque nossa semiança, não é?

A.: - A semelha nós somo filhos de Deus e você entende como uma oportunidade de conversar, de aprender, não é?

P.: - De conversar. De conversar e delas me... me explica.

A.: - Delas explicar.

P.: - Delas me explicar, porque é como diz, eu não tenho a leitura. Eu não sei. Eu não sei lê e ela já vem ali com todo coidado de me ensinar, tem... deu o trabalho de... de me ensinar, me explica aquilo ali tudo. Eu gosto. Gosto muito.

A.: - De ouvir, de falar, contar, né?

P.: - De ouvir. De ouvi, de falar, de aprender também pra...

A.: - Claro.

P.: - Pra ensinar algumas pessoa, porque tem muitas pessoas que caminha pra igreja e são muito... muito rebelde, né? Não sabe, não entende. Não entende de nada. Só sabe de Deus... Eu vou pra igreja, eu vou pra missa, mas não sabe nem o que é que o padre diz lá, não sabe nem o que é que... que é a palavra, do que foi dito na palavra.

A.: - Você é católica?

P.: - (não entendi) sou católica, graças a Deus.

A.: - E freqüenta?

P.: - Freqüento.

A.: - Vai mais dia de domingo ou dia de sábado?

P.: - Vou mais no sábado de noite, né? Quando eu não vou pra roça, no domingo, eu vou no domingo. Quando eu vou pra roça eu vou no sábado de noite.

A.: - Lá na... na... na missa, reflexões... Quais são, assim, os cantos que você mais gosta que ouve, que pra você lhe dá uma paz de espírito ou ele trás ou lhe trás um ensinamento? Lembra de algum canto lá da igreja?

P.: - Ah, rapaz. Tens uns que... tem tanto canto bonito agora. (não entendi) Num pego não, né? a cabeça agora não dá mais. Mais como naquele tempo que eu era nova. Naquele tempo que eu era nova se eu ouvisse uma can... uma música uma vez, eu aprendia. Agora não.

A.: - Aprendia logo.

P.: - Não aprendo não. Só aquela hora que a gente tá ali, cantando mesmo. Não decoro.

A.: - Depois esquece.

P.: - Depois esqueço. Parece que tá num... num pouco de esquecimento, não sei mais lembra nada. Sei não, ainda ontem mesmo, falando aqui, ela tá me ensinando uma reza de levantar espinhela. Pois, quando foi hoje eu me bati pra relembrar, só relembrei dois pezinho o outro não sei. Agora eu vou procurar ela, que é pra ela (risos).

A.: - Pra torna lembra?

P.: - Pra ela copia, pra vê e eu vou tentando lê, né?

A.: - Pra pode, você vai lendo. É.

P.: - É. Pra eu tentar, pra vê de eu aprendo.

A.: - Mas olhe aí, uma coisa boa. Ela copia pra você e lendo, que você já tá aprendendo a lê. Desafia você, a descobri com sua mente.

P.: - Pois é.

A.: - E lendo você mesmo...

P.: - É isso aí, foi isso mesmo, que eu pensei de manhã, vou pedir a ela pra...

A.: - Porque você vai decifrar.

P.: - É.

A.: - Né?

P.: - É isso mesmo.

A.: - E aí você vai... a medida que você vai é... é... melhorando na leitura, vai aprendendo a também. Não é?

P.: - Pois é isso aí.

A.: - E você acha que se você tivesse aprendido a ler, entrado na escola, como toda criança, estudado, se formado, e a sua vida profissional, sua vida hoje, seria diferente?

P.: - Rapaz, eu não sei, né. Eu não sei. Isso aí eu não sei nem explicar. (risos)

A.: - Se tivesse da... dado conta de ler, de sabe ler, se forma, mudaria a sua vida? A leitura poderia mudar sua vida?

P.: - Talvez, né? Talvez, se tivesse arrumado um bom emprego, né? Ou trabalho, né? Aí, mudava. Mudava muito, né? Porque de quando eu fiquei na roça, só dando duro. No macaco, trabalhando de roça, trabalhando, assim, né? Num... num... mudou nada. E a vez, a pessoa tendo uma boa leitura, a vez arrumava um bom emprego, que agora não. Que os emprego tá tudo difícil, ma naquele tempo da gente, não é? Tinha muito emprego bom, né? E a gente tendo a leitura ajudava muito a gente, mas não deu pra mim, né? Quer que... quer que a de fazer. É pedir sorte a Deus, né? E toca o restinho da vida que tem pra...

A.: - E você agora tá percebendo que sempre é tempo de fazer. Porque... não é?

P.: - Ainda é tempo, pois é. Enquanto Deus de oportunidade de vida a gente, dá oportunidade, né? Dá sempre saúde.

A.: - Quer de qualquer sorte, agora tá na escola, tá estudando, tá querendo do mesmo jeito.

P.: - É. Do mesmo jeito.

A.: - É vencendo outros desafios. Não é verdade?

P.: - É, pois é. Pedindo a Deus pra vê se eu aprendo, se eu não aprender, viva a Deus, é porque eu não tinha mesmo que aprende, né?

A.: - Pois tá aprendendo. Tá acabando.

P.: - Tô trabalhando. Graças a Deus, fazendo meu nome, eu já não... Eu faço ne todo lugar que eu chego, eu já faço meu nome, não vou mais botar o dedão. (risos)

A.: - Pois é, que é terrível e ninguém gosta, não é?

P.: - Pois é.

A.: - Pra marca. Você... mas você toda eleição vota?

P.: - Voto.

A.: - Vai bota o nome direitinho, vota certinho?

P.: - Voto. Graças a Deus!

A.: - Muito bem exerce o seu direito de cidadania, né?

P.: - É isso aí.

A.: - E, você me disse que assim, gostaria, mesmo de aprender a ler pra acerta a sua casa, lê a Bíblia, né? A contar, refletir. Que outros livros mais você poderia contar, se já soubesse ler, já tivesse, bem, lendo bem com proficiência?

P.: - Ah, Ana, quando a gente lê assim as historinha, né? Livros de história, os romance, né? Que toda a vida eu vi o povo lê e eu tinha vontade de... de aprender, de lê. E a gente sabendo lê, né? A gente já... a gente aprende, né? Eu mesmo, tenho um... um livrinho mesmo lá de... de Nossa Senhora de Fátima que meu menino me deu. Todo dia pego ele, leio um pedacinho. E já... já digo muito nome nele, é pouquinho nome que eu tô errando, né?

A.: - Tá vendo aí.

P.: - Num... já... já... pra mim já é um...

A.: - Passo adiante.

P.: - Passo a frente que eu tô dando, não é?

A.: - Um passo a mais.

P.: - Agora só como diz, agora essas letra de imprensa, é que eu... eu tô por fora delas.

A.: - Se atrapalha.

P.: - Aquela letra de imprensa, mas porque a professora passou um ano todo só...

A.: - Que fez o alfabeto só manuscrito?

P.: - É. Só alfabeto. Só... só letra maiúscula, né? A, B, C. Só fazendo os nome tudo com só... com as letra, né? A gente também só tá naquilo. Essas letra de... de imprensa a gente... eu... já... não entendo muito não. Uma vez um livro mesmo...

A.: - Tem, tem como diferenciar uma da outra.

P.: - Um livro mesmo que ela me deu, tinha uma carta, né? e eu já tenho me batido pra lê essa carta. Muito... digo um bando de nome, mas um bando de nome não digo. Não sei. Tem umas letra que eu não sei.

A.: - Você não sabe qual é a letra?

P.: - Qual é a letra, é. Pois é.

A.: - Então, mas a gente acredita e confia, e sabe, que o aprendizado, é eterno e que a gente sempre, que tiver tempo e oportunidade, vai esta aprendendo.

P.: - Vai está aprendendo.

A.: - E o mundo, a vida da gente, tudo o que acontece no mundo, que a gente olha, que a gente analisa, por exemplo, você olhando sua cidade hoje, né? O estado da Bahia, o que, que você acha que tá precisando muda?

P.: - Ana...

A.: - Na realidade nossa, pra melhorar a vida o povo.

P.: - Ah, rapaz! Precisa de muita coragem pra mudar. Principalmente trabalho que não tem, não é? Principalmente trabalho, como eu vejo aqui, eu vejo aqui eu falano... eu falano com... parece que foi com meu menino que eu tava falano. Esse meio, mundo de... de mato aqui. Esse aqui ó. Isso aí devia... de tivesse um... um governo ou um prefeito que tivesse a cabeça e sim. Desapropriar isso tudo aí e fizesse umas usina, aí. E plantasse cana ou banana, qualquer coisa, fizesse umas usina aí, pra fazer doce, ou pão, ou fazer um engenho pra fazer rapadura. Tudo pra dá trabalho ao povo aí, não faltava trabalho, não, né? Não faltava emprego, não. Mas cadê? Não tem.

A.: - Pensa como agir pra fazer.

P.: - Não tem.

A.: - Pra gera emprego, né?

P.: - É. Não tem como agir. Não tem como agir e não tem também uma pessoa que... que tenha uma idéia, assim. Porque...

A.: - Que tenha idéia e bote em prática.

P.: - Claro. Porque o rio passa aí dentro, né? Eu oiando assim. O rio passou aí dentro. Não tá vendo que se tivesse um... um governo que coisasse, desapropriasse isso aí, fizesse uma usina, botasse pra... Botasse coisa que desse... que desse... Coisasse um marmelo, uma coisa que fizesse um... assim como a Caatinga do Moura, né?

A.: - Sim.

P.: - Se botasse, num... num aparecia trabalho? Aparecia trabalho. Esses... esses roubo acabava mais, porque o que faz mais... mais roubo é também, mais, as pessoas que tão (não entendi) Se não tem trabalho. Que naquele tempo mesmo que... que foi começado São Paulo, né? Todo mundo vivia empregado. Não fartava emprego, não fartava trabaio. Todo mundo vivia trabaiando. Quem é que dizia que era negócio de roubo? Não se via isso não. Depois que pego de... São Paulo não quis mais nin... A SUS não tava

dispachando todo mundo pra ir embora, foi que pegou esse negócio de assaltando, de assalto pra todo canto. Só se vê falar ne roubo. Oh, pro Rio de Janeiro. Tá um... tá um castigo, não é? Tá um castigo no Rio de Janeiro meu Deus do céu. Ave Maria! Tá de dá dó.

A.: - Ninguém, hoje, tá analisando. Meu Deus a guerra. Olha, observar... é... A gente que se diz civilizado. A gente que sabe tanto, né? Que precisou (não entendi). Que culturalmente, basta bem... bem informado tudo letrado. E porque o Rio, vive está situação? Né? Uma boa pergunta.

P.: - Pois é.

A.: - E porque, você analisando aí, você tá vendo, parece que os homens não estão, então, botando em prática todo conhecimento.

P.: - É. Tá nada. Não tá vendo que se tivesse... se tivesse um bando de fábrica trabalhando ali, dando trabalho pra aqueles povo, pra aque... esses homem que só vivem a toa aí, tirano a vida dos outro pra viver e tudo. Pra mim acabava mais, a metade desses negócio. Não acabava porque todo... o povo também vive a gente, sem trabaia de mais. Não tem dinheiro, então se toca assim, a rouba, matar os outros. E pior que mata, que se roubasse, fosse só um roubo e não matasse, né?

A.: - A violência, né? Tá...

P.: - É. A violência tá demais, é. Tá demais.

A.: - A situação do Rio de Janeiro, né?

P.: - É como aqui em Jacobina. Aqui em Jacobina é parado de trabalho. Ninguém tem trabalho e tudo. Então, se tivesse uma fábrica aí, né?

A.: - Gera emprego, é.

P.: - Tivesse umas aí, seja de doce, sobre sapato, ou de sandália, seja o que for. E que desse trabaio, aí pra todo mundo, pra homens e mulé, e tudo. Não existia muito, não. Que graças a Deus aqui num... num existe muito roubo, né? Mas se tivesse um trabalho, não era melhor?

A.: - Claro.

P.: - Era bom. (não entendi) Aquela Morro Velho, mesmo, que trabalhavam antigamente, né?

A.: - É. Tão reabrindo.

P.: - Antigamente, tão reabrindo agora, né?

A.: - Tomara que eles comecem a...

P.: - Mas muita gente tá comendo de ir, por causa da Siricose, que matou muita gente.

A.: - Também tem essa parte. Já matou gente demais e as pessoas tão caladinhas. Mas o... o grande prejuízo, né, que a Morro Velho deixou aí, foi também, muito pavoroso. A silicose, ela é fatal, ela não tem cura.

P.: - Não tem cura.

A.: - Morreu gente demais. Tem muitos filhos até hoje sofrendo.

P.: - É isso aí. Arrumasse outras fábricas, de outras coisas, né? Arrumasse outro... outro modo das pessoas viver. Mas aí, faltava uns home, porque... Deus... é como diz, Deus dá um jeito, né? Que é como diz, Deus dá um jeito e eles tendo cabeça pra fazer qualquer coisa, Deus dá o dote a eles pra estuda.

A.: - Então falta essa vontade política de pensa, de articula, de hoje, não é?

P.: - De pensa. E bota... em prática pra... pra agir, não é?

A.: - Certo.

P.: - Só falta isso. Aqui, pra nossa cidade crescer e ser melhor. (risos)

A.: - Pois é Pureza, que maravilha. Fez uma análise e tanto, né?

P.: - É.

A.: - Uma boa e não sabia que isso que você fez foi lê? Você tá fazendo uma leitura da cidade, uma leitura do mundo, da vida. Então, ler... A gente lê, tá vendo? Porque os acontecimentos, tão aí pra ser lido interpretado e analisados. Com essa análise que você fez, como é que você... consegui sa... olhar, olhou, viu a mata, percebeu que passava o rio. Que passando o rio, já era propícia aquele cliente? Que você conseguiu lê. Perceber e analisa.

P.: - Pois é. É porque eu passo aí e vejo. Porque tan... tanta mata aí, gente. Tanta mata, tanta coisa. Um rio que passa por dentro. Coisa boa! Gente, não vê uma casa ali, não vê uma fábrica de nada, perto desse rio. Num... num vê uma roça de nada, né? Porque uma vazante dessa aí, era pra ter uma roça de banana aí, ou de cana, um canavial de cana, né? Ou de marmelo. O marmelo mesmo (não entendi) tá aqui pertinho. Tem marmelo bastante. Ou... Uma vazante de fruta... de fruta aí, se tivesse um... umas fábricas aí, pra... pra construí.

A.: - Trabalha.

P.: - Pra trabaia. Nem que saiba, pra fazer polpa pra vender aí, coisa, né? (risos) Ôxe, dava trabalho pro povo, pra menino, pra muié, pra tudo, rapaz, que tem muita precisão de ganhar.

I: - Eu não sei, mas parece que tem uma fábrica de goiabada, ou se é doce, justamente pra aí, esses lados que tava falando.

P.: - É, pra a Caatinga do Moura.

I.: - E tá... é, também tá exportando.

P.: - A Caatinga do Moura não é (não entendi) Eu quero sabe é aqui, dentro da cidade. Aqui dentro da cidade. Que vê essa fábrica aí, mesmo, que tão abrindo aí, mas acho que nunca nem começou trabaia. Nóis vendo trabalho?

A.: - Ainda não começou, não.

P.: - Pois é. Nunca nem começou. Aí, como é que vai pra frente?

A.: - Que a outra foi embora e não ficou pronta, ainda. Eu lhe agradeço, a belíssima entrevista, aprendemos muito. Assim, com as histórias.

P.: - Desculpe, eu não saber conversar, não é?

A.: - Sabe disser, muita coisa. Porque a gente... é... sabe que a leitura, não é só do que lê no papel, né?

P.: - Da memória também tem que ajuda as pessoas.

A.: - Muito, as memórias, as histórias que viveu, os acontecimentos, tudo isso, faz a gente...

P.: - Ah, já vivi mais história, porque não dá pra gente conta tudo, não (risos).

A.: - (risos) Conta uma parte né Pureza?

P.: - Em 51, eu lembro bem que ne 51, aí tava... foi meio ruim, não é? Eu tinha de 12 pra 13 ano em 51, foi essa passagem de 12 pra 13 ano. Então, aí a roça da gente ficou ruim, ficou pecuária, mesmo. Aí eu tinha um cunhado que ele... ele trabaiava de vaqueiro na fazenda de Nilson Valois, aí na Floresta, né? Então a seca tava grande, que ainda, eu disse que a gente tirava pó de paia pra viver. Então, é... é... levaram a gente pra lá, né? Que lá, Nilson Valois teve... tem 2 açude grande lá, né? Então tinha açude, lá. Aí, eles plantava e moiava de irrigação, né? Plantava. Tinha muita coisa e Nilson Valois, mesmo, tinha uma chácara lá, que tinha de tudo, banana, limão, mamão. Tinha de tudo, mesmo,

na chácara. Então, é... então meu cunhado morava lá (não entendi) trabalhava de vaqueiro, então levou a gente pra lá. E Nilson Valois também queria roçar uns pastos lá. E levou os pais da gente, pra trabalha lá. (não entendi) Ai, não era nada, não. Ai eu... eu ia... é... nóis foi todo mundo pra lá, ficamo todo mundo, lá. Quando, não tinha, não existia negócio de farinha, nem nada. A farinha vinha de longe, de fora, aqui pra jacobina, aquelas balas desse tamanho assim.

A.: - Era?

P.: - Era aquilo balas, a gente comprava naquele tempo, quando era... parece que era 35 mil reis, um... um saco de farinha, mas era umas bala. Nesse tempo era Coronel Reinaldo. Parece que era ele nesse tempo. E aí, a gente pegava fina aí, pra comprar farinha... pra comprar farinha segunda e... acontecia de estrui, de alcança um prato de farinha, era um prato, quando coisava, talvez vinha aquele milho já despelado. Um milho comprido, já vinha despelado aí pra vende, que o povo coisava. A gente chegava em casa, a gente pisava aquele milho pra fazer cuscuz e fazer farinha, pra comer com aquela farinha que a gente arrumava, aí comprava um prato de farinha ou dois prato de farinha, que a gente tinha muita gente. A vez a gente cia de achar e não dava pra comprar. O tanto suficiente pra passar por semana, né?

A.: - Hã.

P.: - Chegava lá penerava, agora nóis ia pro pilão pisar aqueles caroço de farinha pra rende mais.

A.: - Pra rende, pra depois tornar ceça e dá mais, não é?

P.: - É, pra rende. Então lá pra... lá pra Ijaí, tinha muito maxixe lá na... na vazante lá do... do açude lá. E lá tinha um cavalo chamado Trata Fina, cavalão grande, gordo. E tinha... aí tinha uma dona lá, que era mãe de Edilaso Laso, que trabalhou na radia, ela chamava Fravia e só, eu e ela, que montava nesse cavalo. Nóis fazia uma ca... uma carga de maxixe, pra vim vender aqui. Ela montava no meio, saltava na garupa. Ele pulava, pulava, pulava. Quando ele cansava, aí ele dava na estrada. Pra viajar. Aí, nóis vinha, vendia o maxixe. Comprava alguma coisa.

A.: - E não derrubava os maxixe?

P.: - Não. Derrubava, não. Nóis marrava a... os caçuá, dentro dos caçuá.

A.: - Sim.

P.: - Porque sabia que ele pulava muito.

A.: - Se não, não ficava um.

P.: - Ele pulava, pulava e nóis chegava aqui, vendia os maxixe, comprava alguma coisinha, levava pra...

A.: - Sei.

P.: - Pra lá, pra comer. E era uma vida muito dura, depois... depois nóis saímo de lá. Nóis foi pra Caem. Agora saimo daqui de pé pro Caem. Com a cachorra nas costas como diz o povo. Chamava era cachorra. (risos) Os cofos nas costas.

A.: - Os cofos?

P.: - É. Saimo daqui, rapaz, umas 6 hora da... umas 6 hora da tarde. Vim chega no Caem, já era de madrugada. Um dia eu tava no céu. Nóis foi pra lá. Ôxe, quando nóis chegamo lá, inté palmito... inté palmito meu pai tirava pra... pra come. Enquanto tava duro, tava ruim, que tava perdendo.

A.: - Foi uma grande seca, não foi Pureza?

P.: - Ôxe, uma seca grande em 51 pra 52. Uma seca grande. E dava palmito, agora eu não gostava daquilo não. Vixe era ruim, eu achava ruim. Pra cozinha dentro do feijão ali.

A.: - É.

P.: - Pra cozinha come aquilo ali, era tormento. É... Eu não passei muita vidinha boa, né? (risos) Mas graças a Deus, a gente venceu.

A.: - Tá viva, com saúde hoje pra conta a história.

P.: - É. Viva, também séria, graças a Deus. Eu tô aqui contando a história.

A.: - Contando a história.

P.: - Eu tô alegre, satisfeita. Eu tô numa vida...

A.: - Não é bom?

P.: - Eu tô numa vida, que pra aquele tempo, hoje em dia, eu sou milionária.

A.: - Pois é. Graças ao homem que viveu, não é?

P.: - Graças ao meu Deus, é. Graças ao meu deus. E é assim, mesmo, minha vida é esta.

A.: - São histórias, que a gente sabe, que serve de lição pra cada um de nós, né?

P.: - É, cada um de nóis. A velha é... tempo... de vez em quando eu digo a meus fio. Eu digo, ah, meus fio. Vocês hoje... vocês hoje tão no céu.

A.: - Não sabe nada da vida.

P.: - Vocês tem direito de estuda, vocês tem direito de fazer o que vocês querem. Naquele tempo, nóis nunca tivemo isso. Meus fio, todos eles, sabe assinar seu nome e eu sei o que? Eu vô na tosse, tô aprendendo agora, mas não sabia de jeito nem um. Nem... nem a letra do o.

A.: - Mas todos os seus filhos você colocou na escola?

P.: - Botei na escola, graças a Deus.

A.: - Pra estudar?

P.: - Todos eles. Só tenho 5, que uma morreu era 6, morreu... morreu, a que eu falei, que morreu atropelada em Salvador. Ficou 5, mas todos 5, graças a Deus, sabe assinar seu nome muito bem.

A.: - Muito bem Pureza. Então a gente agradece a você pela entrevista, quando a gente preparar o capítulo, a gente vai voltar aqui, que é pra todo mundo ver as fotos, ouvir o que disse, não é?

P.: - É isso aí.

A.: - Pra relembra. Olha, mas eu disse tudo isso mesmo. Vai... demora um pouco porque tem que ouvir as fitas todas, transcrever tudo, depois eu tenho que analisar cada entrevista, escrever tudo, bota as fotos, mas a gente aparece aqui.

P.: - Aparece se Deus quiser.

A.: - Novamente, viu? E vocês vão ver a história já pronta depois, né?

P.: - Desculpa aí mos erros, viu?

A.: - Não tem nada de erro.

P.: - Muito obrigado, né? Posso ir?

A.: - Obrigada a você. Pode. Vou chamar Dona Edite agora...

Entrevista com D. Nilza 11/03/2004 (Realizada do Centro de Convivência do Idoso)

A.: - Então, nosso projeto vai é... História de leitura na 3 ª idade, a gente vai contar, as histórias de vocês, da vida de vocês, das leituras que fizeram ao longo da vida, né? E... nosso objetivo é depois que a gente ouvir as fitas a gente vai transcrever a entrevista construir o capítulo, a gente vai tirar as fotos de vocês, vamos marcar um dia pra tirar as fotos pra gente... trazer naquele capítulo, saí a foto e o histórico, sabe? Pra que a gente possa fazer... depois, publicar o resultado de nossa pesquisa. É... como você sabe Nilza, essa... essa pesquisa é um... é do meu mestrado, é uma pesquisa que eu estou desenvolvendo desde o ano passado, depois a gente entrou em recesso, eu não pude vir mais, aí fui concluir a parte das disciplinas pra depois voltarmos, pra continuarmos conversando. Vocês estiveram lá na universidade.

N.: - Tivemos.

A.: - Não é? Apresentou o filme o projeto e agora a gente já vai conversar um pouquinho, nessa tarde com você. Assim, a gente queria saber de você primeiro, qual é o significado da leitura em sua vida? Se você acha que é importante, porque que é importante?

N.: - Ah, leitura é muito importante, eu num... num estudei, só fiz até o primeiro ano, mas a leitura pra mim é a coisa mais importante da vida. Tinha muita vontade... aprender inglês.

A.: - Ah, Nilza?

N.: - Sou apaixonada por inglês.

A.: - Por inglês.

N.: É, mas não tive oportunidade de aprender nada, nem estuda. Porque só sei fazer essas besterinha, coisa pouca. Eu só estudei o 1º ano.

A.: Ah, chegou a ir a escola?

N.: Cheguei, fui na escola.

A.: Então, assim, a primeira série foi feita.

N.: Isso.

A.: Alfabetizou, né?

N.: Hum. Foi.

A.: E aí depois foi que desistiu de estuda? Ou porque os pais tiraram?

N.: É que meu pai veio embora, mora aqui nu... numa fazenda, tirou a gente da escola e quando a gente chegou na... em 1950, professor era difícil, né? Só tinha aqui na cidade. Nois morava na Tombador.

A.: Porque morava fora da cidade.

N.: Fora da cidade, aí não tive oportunidade, mas de estuda. Não tinha uma professora por lá... lá naquela hora. Hoje em dia tem tudo.

A.: Ah, agora tem.

N.: Mas agora tem. Quando eu cheguei que no 1950 não tinha, aí eu estudei com 15 ano, pouco tempo, com 16 ano casei.

A.: Casou nova, não foi?

N.: Cuida de família. Tive. 16 filho. Fui cria esses filho, agora meus filho tudo estudo. Tem que forma, mas (não entendi) estuda.

A.: Mas voltando a história do inglês que eu achei interessante. Você num... num... não quer, não gostaria de aprender, mesmo agora, numa idade?

N.: Ah, minha fia, eu tenho uma neta que sabe, né? Ela vai lá. Ô, minha vó, eu vou te ensinar, mas eu... ela... ela... eu, mas eu sou, assim, pego o que? Eu não aprendo, tu já

viu? A gente tem que começar do 1º grau, mas lá no fim do grau, na... no fim da escada, não dá tempo aprender mais não, que eu tinha que aprende mais a... a leitura pra mim pode aprende outra língua.

A.: Pra... pra a 2ª língua.

N.: Mas não tive essa oportunidade.

A.: Mas a... a...

N.: Acho lindo, adoro.

A.: Ah, a língua inglesa, né?

N.: É.

A.: Porque sempre é tempo de aprender.

N.: Ou Deus!

A.: Enquanto estamos vivos, enquanto estamos

N.: Já to com setenta e tantos anos.

A.: Pois é, ótima, muito bem, a... muito bem apresentável, né? Ta... uma aparência ótima.

N.: É, mas, agora, papagaio veio não aprende a falar.

A.: Aprende, esse discursos... (risos) Existe mesmo esse dito popular, mas não sabe que... que a gente pode ressignificá-lo porque o exemplo disso é muita gente que hoje chegou na universidade, sabe quantos anos ela tem, passou no vestibular? Setenta e dois.

N.: É mais ela já... ela fé... ela fez o...

A.: Pois é, ela começou...

N.: Ela começou.

A.: Gostou, né? Não quis parar.

N.: E eu no começo parei.

A.: Parou, então?

N.: Num... num evolui nada.

A.: É isso que eu digo. Vai... você tem a inteligência, capacidade de aprender, sim. A partir daí, se você realmente quiser que a mi... a sua neta... Você, claro, como você disse. Eu continuaria lendo mais ainda a Língua Portuguesa, demoraria na leitura...

N.: É.

A.: Depois, começaria a aprender inglês, com a própria neta.

N.: É, a neta me estimula. Eu digo, eh minha fia, não sei muito falar isso não.

A.: É, mas é bonito, né?

N.: É lindo, eu adoro, mas não. Não tenho essa facilidade. E nem vou ter, né? que eu já tou mais no fim do que no começo.

A.: E diga uma coisa, e aí quando... quando chegou na escola eu lá... onde você morava... onde na... na roça, você teve dificuldade exatamente, por conta da época não haver professores lá, não é?

N.: Não havia muita professora, não tinha muito médico, não tinha de... de... desenvolvimento de... dessas coisa. Era muito... Depois quando desenvolveu que veio as professoras, que veio tudo, eu já não estudava. Mas já era os filhos que vinham pra escola.

A.: Já não voltou mais pra escola.

N.: Não.

A.: Porque aí você já tava casada.

N.: Sai da escola com 12 ano e pronto, aí, fiquei, acabou.

A.: Quantas professoras você teve?

N.: Duas.

A.: Duas. Então você alfabetizou, fez a 1ª série e pronto.

N.: E pronto, aí acabou. Acabou a história (risos)

A.: Mas gosta de ler? Quando pega assim uma...

N.: Eu leio de vez em quando, assim, em casa. Que eu... eu tive muito filho, já criei tudo. Tudo foi embora, mas eu fico. Vejo um pedacinho, um livrinho uma coisa e lê alguma coisa. Sou...

A.: Uma história.

N.: Não sou de ler muito, mas eu leio.

A.: Ah, que gosta de ta... A gente vê, porque há, inclusive... A gente sabe que a partir do momento em que você cria, esse vínculo com a leitura, você vai desenvolvendo. Quanto mais você pega pra lê, mais você vai...

N.: É.

A.: A cada dia lendo melhor, com mais eficiência.

N.: Vai desenvolvendo mais, né?

A.: É. se quem gosta de ler, por exemplo, que gosta de freqüentar a missa ou lê Bíblia. Ou ler histórias, revistas, cada vez mais.

N.: É. e eu gostaria de mim... de as... de aprender mais, mas não tive essa oportunidade. Na... bo... gostaria de falar certo. Ao pronunciar as palavras, mas não tive oportunidade de aprender.

A.: E aqui no Centro de Convivência do Idoso, você participa da... daquela parte da aula ou não?

N.: Não. Aqui eu aprendi, bordar. Aprendi outra coisa, mas...

A.: Não quis ir aula, não?

N.: Ir pra... na escola não. Não posso vir todo dia. Que eu moro só, aí tenho que cuidar de casa, fazer alguma coisa, fim de semana.

A.: Ai você vem...

N.: E a escola tem que vim todo dia.

A.: É.

N.: Né? E aí, não dá não.

A.: Não dá pra você?

N.: É.

A.: E desse... de... desse período que você esteve na escola, quais foram, assim, as história que você leu? As leituras que naquela época fizeram, que marcou sua vida, que mais lhe ensinou, que você até hoje se recorda?

N.: Na... no período teve muita coisa boa, quando eu estudava e história, num... num aprendi muita não.

A.: Não?

N.: Não.

A.: E a professora fazia, assim, algumas leituras, lia poesia, lia textos ou era mais assim na mesa? As letras, o alfabeto.

N.: As letras, a alfa... a alfabetização, as letra, ensinava aquele tempo, ensinava era soletrando. Aprendi... aprendi mais a soletrar de que...

A.: De que ler corrido.

N.: - Lê corrido. Depois com o tempo foi que eu fui...

A.: - Juntando, né? E foi desenvolvendo. E... e me diga uma coisa, mas assim no decorrer de sua vida, no tempo depo... mesmo depois que você saiu da escola, depois você disse que casou cedo, foi cuidar de filho, né Essas questões todas e... e você como mãe, já não sabia contar histórias para seus filhos? Ou você inventava histórias, já pra contar a eles, como mãe, pra fazer cantiga de ninar, pra botar pra dormir?

N.: - Não, eu num... num... não tive essas histórias com meus filhos não.

A.: - Num... num... não tive isso? Não?

N.: - Não.

A.: - Não contou?

N.: - Minha vida na roça era meia dura. Morei ali no Tombador 28 ano, na fazenda de Doutor Marcos. Era trabalhando, era buscando água na cabeça, buscando lenha, passando ferro de ferro de brasa, varrendo terreiro, cozinhando pra vaqueiro, pro patrão que era o pai dele, que ia pra lá, fazendo requeijão. A minha vida foi... de nova, foi assim.

A.: - Sim.

N.: - Até 40, 50 ano.

A.: - Depois é que veio pra Jacobina?

N.: - Depois quando... o meu... a minha filha mais velha tem 50 ano, quando ela tava com 10 ano, eu vim morar aqui. Eu vim morar aqui, que a patroa dizia "Ai, tem que botar essas crianças na escola".

A.: - Pra estudar?

N.: - Foi que... ai eu vim pra aqui, ai ficava quando dava as férias, eu ia pra roça. Quando iniciava as aulas vinha até aqui. Eu sei que tudo... eu tenho filho formado em Salvador, eu tenho em São Paulo. Tudo estudou. Eu tenho uma que tá aqui trabaiando.

A.: - Então todos conseguiram...

N.: - Todos conseguiram, só não estudaram, quem não quiseram. Mas todos estudou.Eu tive 16 filhos, criei 12. E todos os 12 estudou.

A.: - E conseguiram todos formar?

N.: - Não. Só três, os outros sabe ler, mais só três.

A.: - Mas não... não prosseguiram nos estudos, né?

N.: - Não. Num quisero ficar no estudo. Agora tão querendo estudar depois ai, que já tá com 30 ano. Pois é, nunca é tarde, né?

A.: - É.

N.: - Eu mesma, se eu tivesse a idade de... de 30, 40 eu ainda ia ser al... alguém.

A.: - Nilza, pois eu tô... eu tô querendo que você pense exatamente a partir daí. Você tem tudo ainda pra ser Nilza.

N.: - Se eu... Todo dia eu digo, se eu tivesse uns 40 anos.

A.: - Você quer baixar a idade. Você tá botando... é... (risos) Você tá botando como... como marca a idade.

N.: - Eu ainda ia ser alguém. Eu ainda ia estudar. A coisa que eu acho mais linda é a pessoa saber conversar, o... a pessoa fazer uma pergunta, você saber responder, pronunciar as palavras, saber as palavras que é errada que é certa. Tudo com eficiência.

A.: - (risos) Mas você se pronuncia bem. Comunicativa. Se você quiser, você ampliará cada vez mais.

N.: - Oh! Acho lindo, mas...

A.: - Estudando a sua competência comunicativa, não é? Me diga uma coisa e... e... então, como você passou um período curto na escola, então poucas histórias você...

N.: - É.

A.: - Gravou, né? Na época de criança.

N.: - Poucas histórias.

A.: - E cantigas de roda, das brincadeiras, quais foram às cantigas que mais marcaram, que você aprendeu, que gostava de cantar?

N.: - Eu e... No tempo que eu tinha 8 ano, eu ia pra casa da minha avó, minhas tias... aquele no tempo do carracismo, o... o pai, o meu avô não deixava elas sair, né? Moça daquele tempo... elas cantava roda, a gente ficava lá, eu pequena com oito ano, sete ano. Então, era isso, só lembro de uma roda que ela cantava, leva eu minha saudade, que eu também quero ir, quando chego na ladeira, tenho vontade de cair.

A.: - Conheço.

N.: - Então, só lembro dessa... dessas, assim, dessa roda.

A.: - Não foi sua época, aquela Sereia não. Eu morava na areia sereia...

N.: - É, no tempo que eu era criança também tinha isso aí.

A.: - Sereia?

N.: - É, mas eu quase que num...num participava de coisa, assim. Só mesmo...

A.: - (não entendi)

N.: - Tem. Quando... aí eu, desde 10 ano. Doze ano vim me embora pr'aqui, ai num participei mais dessas coisas. Meu pai gostava de festa, me levava muito era lá. Pro forró.

A.: - Ah, e tinha muito forró naquele dia... naquela época, me diga aí tinha...quais eram os forrós bons?

N.: - Era de Luiz Gonzaga. O baião de Luiz Gonzaga. Asa branca. A... a...

A.: - Eram os sucessos da época?

N.: - Era. Asa branca.

A.: - Isso há quantos anos mais ou menos?

N.: - Já tem uns... uns 50.

A.: - Mais de 50 anos.

N.: - Uns 50.

A.: - E eram os chamados forró pé-de-serra mesmo.

N.: - Era, era. A gente ia pra Caatinga do Moura. Ia pro Batata, não tinha batata, era uma fazenda. Ali no Tombador não tinha casa, era fazenda, mas o povo casava por a roça, fazia as festa de São João, a gente tava no meio.

A.: - Sei.

N.: - Aqui para dentro, pro lado da Mirangaba, num lugar chama Correia. Aí na Santa Cruz que era onde comadre Jandira morava. E tinha um bocado, tudo era parente, a gente ia pra essas festa e aí era música de Asa branca, era Mandacaru quando flora na seca. Era... o... e é um bocado de... de nome.

A.: - Aquela... aquela do sertão, do ABC também? Tinha uma interessante de Luiz Gonzaga, que o cabloco lê.

N.: - É. Meu cabloco lê o le lê.

A.: - É. O J é gi, o L é lê. São essas músicas todas.

N.: - Mandacaru quando flora na seca.

A.: - Isso. E qual é a lição dessa? Qual é... O que, que você entende por essa canção, quando diz que mandacaru quando flora na seca, é sinal...

N.: - É sinal de chuva no sertão.

A.: - Ah?

N.: - E sinal que é, né? É sinal quando os mandacaru já tá florando a gente diz logo, a chuva ta pra vim.

A.: - Tá pra... hunrum. E... e aquela trechinho que diz, da menina, quando a...

N.: - A menina enjoa da boneca é sinal que o amor chega no coração. Também, eu acho que sim. (risos) Eu acho que é. Eu pouco brinquei de boneca, né?

A.: - Foi?

N.: - Brinquei de boneca.

A.: - Porque casou muito cedo também, não é?

N.: - Casei cedo.

A.: - E as brincadeiras que você, assim, na... na época, na sua infância, de... e... em virtude de você também, morar na roça, ter pouca gente para conviver.

N.: - É, eu não tinha colega. Nenhuma colega.

A.: - Né? Não acha quem

N.: - Na fazenda que eu morava não tinha colega. Mais tarde, foi uma prima, minha, morar... passar uns tempos mais a gente e pronto.

A.: - E quantos filhos os seus pais tiveram?

N.: - Meu... meu pai?

A.: - Hum.

N.: - Só foi eu, um casal, né? Eu e meu irmão. Depois ele arrumou uma mulher particular e tem meia dúzia de filho particular.

A.: - De outro casamento.

N.: - De... de... com muié, com muié que ele arrumava. Namorada.

A.: - Ah, sim. (risos) Particular você quer dizer porque não era.

N.: - É. Não é do casal.

A.: - Não é do casal, né?

N.: - É. Não é do casal.

A.: - Então significa que ter filho com mulher particular, ele namorava com outras?

N.: - É.

A.: - Era isso?

N.: - Ele teve... filho. Teve filho com a prima da comadre Jacira. Teve três. Tem ali na Catuaba, que trabalha no posto Gumiro, o povo chama ele de Capitão, é filho de outra. Tem quatro e era assim a vida dele. Quatro e três, sete né?

A.: - Do casal mesmo, só você e seu irmão, né?

N.: - Já foi, só eu e meu irmão. Meu irmão já morreu.

A.: - Mas são vivos?

N.: - Não.

A.: - Seus pais e o irmão.

N.: - Não. Morreu meu pai, morreu mãe, morreu tudo. Morreu meu irmão.

A.: - Seu irmão morreu quando?

N.: - Morreu tem dois anos, morreu em São Paulo.

A.: - Ah, morreu em São Paulo. E aí, todos vocês, então, assim, conviveram com a cantiga de roda, com as músicas, com as brincadeiras que você...

N.: - É. Pouca coisa, agora dancei muito.

A.: - Sim, aí nas festas sim. Deixava você dançar o forró.

N.: - É, nas festas sim, agora, no quarto de roda não, só rodei quando tinha de oito pra nove ano.

A.: - E... e... assim... então aproveitou mais essa segunda parte, já mocinha.

N.: - É, já. Logo casei, e aí eu ia completar ainda 16 anos.

A.: - Foi nesses forró Nilza, que conheceu o amado?

N.: - Não. O... o... o meu marido, por incrível que pareça, meu pai era viúvo, casou a... a minha madrasta muito boa, também já morreu lá em São Paulo. Me criou e aí eu casei com o irmão dela.

A.: - Ah, interessante!

N.: - Casei com o irmão dela.

A.: - Quer dizer que ela que lhe criou, depois...

N.: - É.

A.: - Você veio a conhecer...

N.: - Eu tenho 50 ano que eu casei.

A.: - Hum. Veio a conhecê-lo e aí foi começando a namorar.

N.: - É. Aí, fizemo parte de uma família só. Aí o povo não entendia, quem era tio, quem era marido. Ficou essa mistura.

A.: - (risos) Deu uma confusão na cabeça, não foi?

N.: - Teve gente que era preciso explicar.

A.: - Da... das pessoas, pra pensar o que é que era... que ele é mesmo de Nilza?

N.: - É.

A.: - Não é?

N.: - Se era tio, se era marido.

A.: - Mas ainda vive até hoje?

N.: - Vive. Vive na roça mais e eu aqui.

A.: - Ele fica mais na roça do que na cidade?

N.: - É.

A.: - E quanto... quantos anos tem ele hoje?

N.: - Ele tem 74. O nome é José Machado e chama Zequinha das Pedra.

A.: - Chama Zequinha das Pedras, ele trabalha com essa parte de pedra, lá no Tombador?

N.: - Trabalhava, mas ele vendeu a pedreira e botaram esse apelido Zequinha das Pedra, pegou. Agora ele trabalha na roça da gente mesmo. Fica lá no Batata.

A.: - Sim. Eu já ouvi falar dele, que na época da pedreira. Lá na... Né? No Tombador.

N.: - Isso mesmo.

A.: - E me diga uma coisa, assim, de... depois que você casou, criou seus filhos, né? Que você da... da pra eles que guarda esse sonho, realmente de... de estudar, já tinha iniciado outra língua e saber até inglês. E assim qua... quais os contatos que você teve assim com livros. Teve, assim, pouco contatos com livros. Que tipo de livro você mais... é assim consegue ler ou pegar ou... ou ter assim, uma convivência maior?

N.: - Tu sabe que eu não faço isso?

A.: - Não?

N.: - Não.

Ingrid: - Nem revistas, assim?

N.: - Revistas ainda leio um pouco, mas o livro, essas coisas, todo tipo de livro, não.

A.: - E a Bíblia, lê?

N.: - Às vezes.

A.: - Às vezes. Que geralmente...

N.: - Às vezes, que eu leio (não entendi)

A.: - Tem gente que gosta de ler ou revista ou Bíblia, ou que eles possam comunicar.

N.: - É.

A.: - Pouco contato, não foi?

N.: - Pouco contato.

A.: - Na escola que você estudava naquela época, que era uma roça, também não tinha biblioteca, tinha?

N.: - Tinha não.

A.: - Tinha não. Não... num... E os professores, mesmo no... naquela época, você foi lá pra 1950, por aí que você veio embora...

N.: - Isso. Foi de quaren...

A.: - Você estudou mais. Quarenta e pouco, né?

N.: - É. Quarenta até quarenta e oito, quarenta e nove. Em 1950, a gente veio embora pr'aqui, que nóis morava no morro, né? A professora ainda é viva.

A.: - É?

N.: - É.

A.: - Em Morro do Chapéu

N.: - É. Uma morreu e outra é viva chama Ieunice.

A.: - Ieunice?

N.: - É.

A.: - então deve tá bem velhinha.

N.: - Tá bem velhinha, porque eu já tô velha e ela foi quem me ensinou. (risos)

A.: - Que bom ainda tá viva, né? Mas já é de idade. Que maravilha. E então, você, assim pouco contato teve com... com, revistas livros...

N.: - É. Tive um pouco de cada.

A.: - Que você mais... mais conhece assim, de... de hoje pegar pra ler, assim, mas a revista Istoé, Veja você já ouviu falar, né? Essas revistas.

N.: - É, eu vejo. E quando eu chego assim num, consultório, numa coisa ali eu pego e olho, né?

A.: - Certo.

N.: - Mas, assim em casa, eu não compro, e nem tenho.

A.: - Certo. Não tem...

N.: - Mas quando eu vejo, eu... eu gosto de olhar as partes falando da vida dos artistas, mais ou menos assim.

A.: - E diga uma coisa. Mesmo ne... nessa época de 48 pra 59, que os professores começaram a lhe ensinar as primeiras letras, os primeiros contatos, seus professores, que você só teve duas, elas costumavam incentivar o hábito da leitura, dizer a vocês pra ler ou trazer um livro, ou um texto diferente pra vocês lê? Ou isso não é...

N.: - Não, não, é... eu a primeiro eu li o ABC, né? Que naquele tempo, lia ABC, hoje em dia... Lia ABC, aí ia contar na tabuada, no quadro. Aprender contar que um até dez. e ler as letra, depois ia conhecer as letra, botava um papelzinho e cobria, pra conhecer as letra toda. Foi aí que eu conheci, depois passei pra cartilha no texto (barulho de carro) das mães, né? Cartilha da mãe, eu acho que hoje em dia nem tem mais isso, aí...

A.: - Nunca ouvi falar como é? Me diga aí.

N.: - Pois é a cartilha das mães. É escrito coisas assim de... de...

A.: - Tinha histórias?

N.: - De história, de animal, de tudo.

A.: - De família.

N.: - Depois passei a lê a cartilha do povo, falando... Tinha uma lição que chamava assim, eu vi o jacaré na beira do rio, é aí a gente... aí a... eu decorava aquilo na cabeça e ia correndo pra escola, que era uma distanciazinha. Eu, eu, eu, soletrando, já, já, já, vi, vi, o j, a, ja. C, a, ca. R, e, re. Jacaré. N, a, na, na. B, e, be. I, r, a, ra. R, i, o, rio. Pra aprender essa lição. Decorava.

A.: - Ah, mas quando a pró mandava ler, você sabia?

N.: - Sabia.

A.: - Onde é que estava essa frase, não é?

N.: - É, sabia.

A.: - Sabia ler direitinho.

N.: - Era tudo mercadinho as cruzinhas, onde marcavam todos, d'aqui pr'aqui.

A.: - Sim.

N.: - Quando a lição era grande ela dividia.

A.: - Dividia.

N.: - E dividia um tanto depois.

A.: - E... e se ela dissesse, assim, por exemplo, Nilza,. Leia só a última parte. Pra vê se vocês tinham decorado. Você acertava ler?

N.: - Acertava, que a gente lia a metade d'aqui pr'aqui, aprendia essa. E quando a gente lia aqui todinho, que já sabia, ela marcava o resto e lia tudo. E quando aprendia, lia todinha.

A.: - Lia todo. Então qualquer dia, que ela dissesse, assim, vamos ler aquela lição...

N.: - É

A.: - Vocês saberia ler?

N.: - A gente ia ler. É.

A.: - Se ela dizer assim, eu quero que leia só essa palavra?

N.: - É, mas ela não falava isso não.

A.: - Não? Pra vê se realmente decorou ou sempre...

N.: - Não. só mandava a gente lê. Lê aí pra ver se sabe mesmo e a gente lia.

A.: - Porque às vezes o aluno pode decora.

N.: - É.

A.: - E a hora que a pró, bota de uma palavra sozinha. Lê aqui essa palavra.

N.: - E a gente naquela ansiedade de brincar.

A.: - Sim.

N.: - Aí a gente estudava, estudava, até aprender pra poder... saber a lição, pra poder brincar.

A.: - Ah, pra dá espaço...

N.: - É

A.: - Pro recreio.

N.: - Pro recreio. E aí na hora das contas, que a gente levava bolo. E quando não sabia, ficava conversando, colocava de castigo.

A.: - E tabuada tinha?

N.: - Falava a tabuada.

A.: - Fazia sabatina, né?

N.: - Hunrum. Batia de bolo. Naquele tempo de... de palmatória.

A.: - Quando errava.

N.: - Hunrum.

A.: - Me diga uma coisa Nilza e... e... nesse... nessa época, que você teve esses 2 anos de escola, tinha quantos colegas mais ou menos?

N.: - Ah, tinha bastante.

A.: - Tinha muito?

N.: - É, era muito.

A.: - Todos da redondeza vizinha?

N.: - Todos. Todos, todo. Era muita criança.

A.: - Mais ou menos quantos?

N.: - De 20 em diante. Vinte, trinta em diante. Era muito. Era muita criança. Eram... A gen... eu morava na fazenda, meu pai morava na fazenda e era perto. E aí tinha um comercinho, assim, um arraialzinho, que tinha igreja, tinha casamento todo mês e tinha escola, né? Aí as professoras dava aula. E era... era muita criança...

A.: - Todos da redondeza iam pra lá?

N.: - Muita criança. Uma turma de manhã pra meio-dia, outra de meio-dia pra tarde.

A.: - Ah, tinha 2 turnos ensinando na escola.

N.: - É, dois turno. É. E era um... um salão, uma... uma escola só.

A.: - Sim.

N.: - Pra esses alunos tudo.

A.: - Naquela época já tinha quadro Nilza?

N.: - Tinha. Tinha um quadro que fazia.

A.: - (não entendi) já... já dava aula assim, botando lá no quadro a lição?

N.: - É. Mais aí, largava lá, pra gente fazer conta e escrever o ABC.

A.: - Sim.

N.: - Essas coisa.

A.: - Fazer cópia, né? E me diga uma coisa, você... assim, desses números de alunos, tinha mais coleguinhas, tinha mais meninos ou meninas?

N.: - Eu acho que era igual, porque era muita criança.

A.: - Porque era (não entendi), né?

N.: - É. Muito menino, muita menina.

A.: - E então, na hora do recreio quais era as brincadeiras mais, que vocês brincavam?

N.: - Pular corda.

A.: - Ah!

N.: - Pular corda e... e... e brincar de se esconder, chicotinho queimou. Era esses as brincadeiras.

A.: - (não entendi) Chicotinho queimou, também, naquela época, você brincava muito. E você, é... assim, pelo que você contou pra gente que... depois que casou, então não voltou mais pra escola, não voltou pra estudar mais (barulho de caminhão), mesmo querendo voltar, né? Mesmo, sendo assim, pra você um... uma vontade grande, mas que você acabou não... não podendo fazer.

N.: - É. Nunca mais estudei.

A.: - Me diga. Você sentiu, assim, necessidade da leitura, se tivesse assim, necessidade ou essa falta da leitura na sua vida profissional. Pra você realizar qualquer coisa que você sentiu assim, poxa se eu soubesse ler, agora eu faria isso, isso e isso. Ou isso, nunca foi falta pra você?

N.: - Não. Não. Já... já... já pensei meu Deus se eu soubesse a ler, pra mim ter um emprego melhor, ter... o... outro... saber outras coisas já pensei isso um dia.

A.: - Você então já percebeu que com a leitura você teria outra oportunidade na vida?

N.: - Outra oportunidade.

A.: - De emprego (não entendi)

N.: - De ficar só sendo dona-de-casa, cuidando da casa e filho e marido.

A.: - Sei. Então você consegue perceber que a leitura, te daria, não é?

N.: - Ah, se eu soubesse a leitura!

A.: - Essa oportunidade dessa profissão.

N.: - Sei nem se eu tava aqui.

A.: - Certamente que não, né, Nilza? (risos)

N.: - O sonho, o sonho.

A.: - Porque você percebe que ela que nos leva...

N.: - É.

A.: - Pra essa maior participação social, não é?

N.: - A leitura, pra mim, é tudo na vida. Só que eu não estudei, mas acho a coisa mais linda do mundo, estudar. Estudar, conversar, aprender. Agora esses povos, tão falando, na aí, nas televisão, falando as língua. Eu fico assim escutando. Acho... Eita que beleza que eu acho!

A.: - E de cantar.

N.: - E naquele , menino da novela, tava dando entrevista ontem, você foi no Vídeo Show? (música vindo da aula de Yoga. Um... man... man... (não entendi) sei o que. Esqueci o nome dele. E ele falando. Falando em inglês.

A.: - Ah, falando.

N.: - E falava em inglês e repetia a... a... o...

A.: - Dizia... traduzia em português, né?

N.: - Mas aí, que eu acho aquilo a coisa mais linda do... Eu perco hora olhando.

A.: - Você acha um... um desafio.

N.: - É.

A.: - Né? Se você, nessa idade, ah, se eu pudesse... Mas você (não entendi) entenda que essa possibilidade, é que eu digo. Se for uma meta através da sua própria neta, ela vai ser uma das pessoas, que estaria sendo sua... sua...

N.: - Ela vai lá casa. Ô, minha avó, deixa eu lhe ensinar.

A.: - Pois é.

N.: - E eu tenho uma agenda que têm os nome de... do... do ano a... o... o... ano todo, né? Tem e... e... em...

A.: - Em português.

N.: - Em português e inglês, aí ela me diz tudo, mas eu não entendo patavina de nada . (risos)

A.: - Como é que lê um, one, dois, two.

N.: - É como é que lê como é que diz amor. Como é que fala tchau.

A.: - É.

N.: - Ela me ensina.

A.: - Então é sabida.

N.: - É. É danada.

A.: - Que série é ela?

N.: - Ela... ela tá... ela agora vai fazer 13 ano parece que ela tá na 5ª série, é, na 5ª série, que ela tá. Ela já sabe um bocado.

A.: - Hunrum, sabidinha já. E me diga, dos programas de televisão, você falou aí, que viu, ontem, o vídeo... ao vídeo... ao Vídeo Show. Ouviu, né? Sabe falar dessa... dessa personagem, desse artista. Quais são os programas de televisão que você mais gosta de assistir?

N.: - Eu gosto de jornal. Gosto de... das novela e de Malhação.

A.: - É?

N.: - Aquela aula de Malhação, quando aquele povo tá lá.

A.: - Você aprecia?

N.: - Eu também fico apreciando. Tudo que tem... que tem leitura, eu gosto de apreciar.

A.: - Que é pra lê, você gosta. Que bom Nilza! E me diga uma coisa, desses programas que você me disse aí, o que é que você aprende com eles? Qual o que mais lhe ensina? Qual o que mais lhe informa sobre as coisas, sobre as notícias do mundo? O que é que é que você aprende?

N.: - Não, o jornal, né? Que é importante, porque a gente vê, muitas coisas. E eu gosto também muito da Malhação. Da Malhação, das... das novelas.

A.: - E aquelas intrigas que eles... que eles armam, aquelas questões todas, o que é que reflete sobre isso? Aquelas traições, a falsidade.

N.: - Ah, aquilo quase tá... tá... na... na realidade, né? É uma parte, quando ali... a maioria daquelas coisa, eu acho que na realidade acontece muito. Muita coisa na realidade.

A.: - Do que ocorre lá. As intrigas, como as pessoas agem com o outro, né? Porque a gente tava é... conversando, outro dia sobre o Malhação. E um colega meu disse, acho que o título não devia ser Malhação, devia ser Armação. Porque a gente percebe o tempo todo o quanto um sempre está fazendo com o outro, tenha problema, não é? Escrito como... assim...

N.: - Tem violência, tem tudo, né?

A.: - Isso, mostra muito desse lado de como as pessoas agem com as outras.

N.: - É.

A.: - Quais as conseqüências disso. Então como você primeiro morou na roça. Você morou na fazenda e como era a sua fazenda?

N.: - Eu nasci, me criei, na roça.

A.: - Sim.

N.: - Depois me... em 65, eu vim morar aqui. A roça, quando eu morava lá. Eu adorava. Eu go... gosto de roça. A gente tem roça, mas eu só lá a passeio. Gostava da roça, eu nasci e me criei lá. Trabalhava, lavava, cozinhava, fazia requeijão, plantava roça, fazia um bocado...

A.: - Tinha muita habilidade. Já sabia fazer requeijão, tudo isso é?

N.: - Sei. Sei fazer requeijão.

A.: - Hoje... hoje não faz mais. Ou ainda faz algum?

N.: - Não, é fácil. A gente botar o leite pra coalhar, tampa. Que agora tá vendendo leite, mas quando não vende que... que qualha lá na roça, eu vou lá e faço. Eu faço meu marido faz. E a roça, quando eu morava na roça, era lá na roça.

A.: - Gostava da roça?

N.: - Gostava. Aprendi...

A.: - Por que?

N.: - Tudo na roça eu sei fazer.

A.: - É.

N.: - Tudo.

A.: - E cuidar de... de galinha

N.: - De galinha. De... de... de...

A.: - De porco?

N.: - De porco, de... de gado. De tudo eu fazia. De tirar lenha, de lava roupa.

A.: - De tira leite?

N.: - Não. Tira leite, eu nunca fiz isso aí, mas de prender vaca, eu já aprendi.

A.: - Ah, já aprendeu.

N.: - De andar a cavalo, que a gente tinha pra feira aquele cavalo. Morava lá na fazenda de doutor Flori primeiro, depois que eu fui morar na fazenda do pai de doutor Marcos.

A.: - Sei. Me diga uma coisa de lá pra cá, assim, quando você aí você morou esse período todo na roça, que você, inclusive gostava de... dessa convivência com a roça, das,,, de tudo que a roça teria de dá, né?

N.: - É.

A.: - (não entendi) até a própria, parte de alimentação, todo mundo que morava na roça fala que a diferença é grande...

N.: - Tudo. É.

A.: - Na fartura.

N.: - Eu plantava verdura pra gente comer.

A.: - Hunrum. Quer dizer, consegue ter alimento de qualidade, a fartura, tudo isso. De forma, também, é, que gente sabe que na cidade não tem.

N.: - É.

A.: - Quais foram, assim, as mudanças que você mais nota. Daquela época que você era moça, que você saiu da roça, que veio pra cidade, as mudanças que você mais se impressionava de ver na cidade, hoje, daquela época pra agora, o que é que tem assim, de tão diferente?

N.: - Da cidade da roça, eu acho a... a mudança, olhe aqui na cidade, a gente, tudo é dentro de casa. Pra lavar, pra cozinha, pra ir no banheiro, pra tudo e na roça eu não tinha essa facilidade. Tudo era nos mato, né? E aqui não, tudo é dentro de casa. Hoje tem a facilidade, num... num se passa o ferro mais com ro... com ferro de brasa. Num... num se lava roupa ne rio, num se... num se queima mais lenha. Tudo... tudo na cidade é... desse tipo aí é fácil. Eu acho, porque eu... a minha vida de roça foi muito dura. E todo ano eu tinha um filho. Eu tive 16 filhos.

A.: - Pois é, tinha um filho por ano, né, Nilza?

N.: - É, um filho por ano. Tive 11 filho homem e 5 mulé.

A.: - E criou todos sozinha Nilza?

N.: - Criei. E ainda quis... ainda criei mais gente particular.

A.: - Foi?

N.: - Ainda morava com a gente, que eu criei, duas menina. Uma era minha prima, morava em... em Salvador. Outra foi embora pra Miame, não sei se tá viva, nem se tá

morta. E criei mais dois rapaz, fora os que morava dentro de casa, pra ajudar a gente assim, ne... ne roça.

A.: - Sim, na roça. E essas pessoas que você criou, foi... chegaram lá e te pediram pra criar?

N.: - Uma menina, eu fui pegar pra criar, outra era minha prima, ficou sem pai, eu truxe pra criar de lá do morro.

A.: - Parente.

N.: - Parente. E os outro foi d'aqui. Um mora aqui ainda, mora e trabalha na prefeitura.

A.: - E chamam de mãe até hoje? Tem contato?

N.: - Não, não chama de mãe não. Tens uns que chama de tia, outros de dona Nilza mesmo, só. Mas me tratam bem.

A.: - Mas até hoje mantem contato com você, né?

N.: - É.

A.: - Tem, essa afetividade. E, eu achei interessante aí, da sua comparação. Entre a roça e a cidade. E... e... e dessa parte de... depois que você, assim, veio morar na cidade. O que, que você passou a sentir falta em relação a roça? Quais são as vantagens da cidade, as vantagens da roça, as desvantagens da cidade, as desvantagens da roça?

N.: - Olhe, quando eu morava na roça, eu não tinha televisão. Não... não tem... escutava rádio. Novela escutava no rádio, aí quando, agora, eu vim morar na cidade desde 65, me acostumei na cidade com televisão tudo. Quando eu vou pra roça, acho ruim.

A.: - (risos)

N.: - Acho ruim, não vou.

A.: - Já não se acostuma com essa parte?

N.: - Já não me acostumo mais. Fico lá dois dias apenas, aí volto.

A.: - Lá tem... tem luz ou... ou...

N.: - Tem luz solar.

A.: - Você... ah.

N.: - Tem luz solar, apesar que lá... lá na... na minha roça, não é ruim não.

A.: - Então a roça já... já levou muita coisa da cidade, não foi?

N.: - Mas eu perdi a... a... a von... a... perdi assim o estímulo da roça, sabe por quê? Tem um ano e meio que mataram um filho lá.

A.: - Ai! Na roça, Nilza?

N.: - Na roça. Ele... ele dormiu na roça e veio pro Batata, chegaram e mataram ele no Batata.

(mudança no lado da fita)

N.: - ... ele novo, bonito, trinta e dois ano.

A.: - Ô, Nilza!

I.: - Nossa Senhora!

N.: - Morou em São Paulo tanto tempo. Oito anos. Era bem empregado da Petrobrás.

A.: - Mas Nilza!

N.: - Comprou carro, comprou tudo. Eu ia pra lá cuidava, ,muito mais deu,

A.: - Que tragédia!

N.: - Depois, veio p'aqui, com 1 ano que chegou aqui. Chegou lá e morreu.

A.: - E ele morava em São Paulo e veio pra Bahia?

N.: - É, mais a irmã, é. Que eu tenho uma filha lá, que ela é enfermeira. Trabalha numa clínica. E aí...

A.: - Novo. E... e num... num se sabe até hoje por quê?

N.: - Não.

A.: - Ninguém entende?

I.: - Num foi assalto não?

N.: - Sei não, ele tava sentado no bar, o cara chegou no bar e matou ele.

A.: - Gente! Nilza, assim?

N.: - No bar de um sobrinho.

A.: - Não se descobriu, ninguém sabe o motivo? Não houve...

N.: - É. Ninguém, até hoje, ninguém sabe.

A.: - Briga, não houve confusão?

N.: - Ninguém viu. Ninguém diz nada. Ninguém até hoje nunca...

I.: - E quem até sabe, não fala.

N.: - É, a gente registrou queixa, né?

A.: - E no final, não se sabe se foi pra roubar, que não pegaram o carro dele nem nada, né, Nilzinha?

N.: - Não. Pra roubar num... reixa com político.

A.: - Uma antiga será? Quando ele saiu... quando ele foi morar ne... já era rapaz?

N.: - Já.

A.: - Quando ele foi morar em São Paulo?

N.: - Quando ele foi pra São Paulo, ele tinha 26 anos.

A.: - E até hoje é mistério, ninguém sabe? Aí você deu queixa ou não deu importância?

N.: - Entreguei pra Deus tomar conta.

A.: -É a outra justiça.

N.: - Dá castigo a quem merecer.

A.: - Pois é, existem outras justiças para além da Terra, não é?

N.: - É.

A.: - Sabe disso quem confia, sabe que existe uma... uma outra lógica, uma outra ordem. É a justiça de várias formas (não entendi, barulho de moto).

N.: - Mas as... as nossas não é ruim não. (não entendi)

A.: - Por isso o desgosto veio daí, né? Marcou você, porque pelo que você ta me dizendo o próprio progresso chegou na roça, não é? Já tem luz. A luz é... A luz elétrica lá, né?

N.: - Tem, ele colocou. Ele veio de São Paulo ele colocou o aluminario técnico, plantou, floresceu feijão, plantou melancia. Ele saiu, ele enjoou quase de São Paulo, veio embora pra Bahia. Ele... não discutia quase nada. E com um ano, ele tinha tudo. Liberou o (não entendi), vai tomar conta de irmão. Mas eu não gosto, nem de ir lá.

A.: - É, pra uma mãe, realmente, é muito difícil, porque um filho na vida da gente.

N.: - Na semana do Carnaval, passei um dia lá, mas não agüentei ficar lá.

A.: - Porque vai lembrando, né, Nilza? É claro, entristece. E dá cidade. O que é que você acha de... de desvantagem de morar na cidade, que deveria esta na roça por quais outros motivos? Assim, em termo de vida?

N.: - Não, eu... eu gosto... eu gosto.

A.: - Ou gosta de viver na cidade?

N.: - Eu gosto dali. A minha mocidade foi, na roça, mas a minha velhice vai ser na cidade. Eu gosto muito de passear.

A.: - Hum.

N.: - Todo ano eu viajo.

A.: - Ótimo!

N.: - Esse ano mesmo eu passei o Carnaval em... o Natal, em Salvador. Fui pro Rio de Janeiro, passei o Reveillon lá mais meu filho.

A.: - Foi?

N.: - Desci pra São Paulo, fiquei lá de...passei meu... meu aniversario lá, que foi 12 de janeiro. Vim embora pr'aqui e tenho filho por ai tudo, cada ano eu vou pra um canto.

A.: - Vai até o Sul?

N.: - É pra o Rio Grande do Norte, é pra Fortaleza, é pra Salvador. Qualquer canto...

A.: - Sempre viajando muito, que ótimo!

N.: - Minha... velhice ta sendo muito boa.

A.: - Muito boa.

N.: - Eu tive esse transtorno todo com o meu... a perca do meu primeiro filho, mas em outro motivo é bom.

A.: - Mas seu marido não viajou, você é que viaja?

N.: - Não.

A.: - Fica na roça?

N.: - Ele não gosta de sair.

A.: - Cuidando das coisas da roça e você já se aproveitando?

N.: - É. Não gosta de viajar.

A.: - Ele só gosta da roça. Dessas cidades que você falou, qual que você acha, assim, mais bonita que mais gosta?

N.: - Ah, menina! Rio de Janeiro é maravilhoso, embora com tanta violência. Mas é maravilhoso. Fortaleza também.

A.: - Também, né? Mas Fortaleza é bem mais tranqüilo, né? Nilza? Mas o Rio é lindo realmente.

N.: - É lindo! Maravilhoso o Rio de Janeiro.

A.: - É, concordo com você.

N.: - Lindo, lindo, lindo.

A.: - Tem uma re... uma propaganda que diz assim, "Rio, bonito de se ver" e que quando a gente chega no Rio, percebe que é um texto publicitário que...

N.: - É, é. Parece um cartão postal.

I.: - A senhora foi lá no Cristo Redentor?

A.: - Conhece Nilza?

N.: - (balançou a cabeça afirmando)

I.: - Ah, então... então foi uma viagem maravilhosa mesmo. (risos)

A.: - É. Conhece o Cristo.

N.: - Conheço o Rio Grande do Norte. Agora Rio Grande do Norte é boni... Maravilhosa as praias.

A.: - As praias, belíssimas.

N.: - Mas a capital mesmo...

A.: - Não gosta?

N.: - Não achei muita graça, não.

A.: - E foi naquele passeio as dunas?

N.: - Fui.

A.: - Que ali é bonito, né? Aquela praia Jenipabu que é muito bela, né?

N.: - É. Lá na praia de... ai, me esquece o nome da praia.

A.: - Tem Morro do Careca, tem do Tucunú, tem aquela, HUM, que tem uns que pinta, que desce no "aerobunda".

N.: - É, eu fui nessa ai é que esquece o nome.

A.: - Tem a... a Agulha Negra, ponte... Ponta Negra.

N.: - Jenipabu.

A.: - Jenipabu, isso.(não entendi) E Salvador, o que acha de Salvador?

N.: - Ah, Salvador eu gosto também. Meu filho mora lá, vez em quando eu visito ele. Mora lá na Federação e trabalha na é... na Itu.

A.: - Hum. (não entendi)

N.: - É estudando pra fazer prova ai, ele já pe formado de... de Administração de Empresa. Agora ta estudando Turismo, porque ele trabalha nessa...

A.: - Nessa área e... voltou a estudar, Turismo pra dá conta do emprego.

N.: - Estudar língua, né? Que recebe muita gente.

A.: - É, exatamente. Olha aí, logo é que... (risos) que você em se... seu filho já, também, já vê um orgulho.

N.: - É. A eu acho lindo. Eu adoro ele. Ele é tão maravilhoso! Conheceram ele. Eu acho... Ele já veio aqui.

A.: - Como é o nome?

N.: - Pedro.

A.: - Pedro?

N.: - Pedro Machado.

A.: - Mas ele conheceu Jacobina?

N.: - Ah, ele se formou aqui com Doutor... Como é? Aquele professor que morreu outro dia. Aquele (não entendi) Doutor Armando.

A.: - Ah, (não entendi)

N.: - Aí depois foi que lê foi pra Salvador, caba de estudar.

A.: - Sei.

N.: - Pois é, estudou aqui em Doutor Armando, depois foi pra Salvador, e ai fazendo (não entendi) se formou. (não entendi) E agora ta estudando, vai formar em agosto.

A.: - Quando você vai passear na casa de cada filha, nessas cidades, que você falou aí. Que é que você mais gosta, assim, de visitar, de conhecer, de saber das coisas?

N.: - Ah, eu gosto de... de ir num lugar, no centro, pra mim ver par ir pas... na... ne praia, e... passear, fazer compra.

A.: - Hum.

N.: - É. Fortaleza é maravilhoso pra fazer compra. Tanta coisa linda bordada! Menina, que a... haja dinheiro pra comprar.

A.: - Aquelas feiras. (risos)

N.: - As coisas mais linda do mundo!

I.: - Dá vontade de carregar tudo.

N.: - É.

A.: - No Madureira...

N.: - (não entendi) gosto muito de passear(não entendi), vou lá no Madureira tem muita coisa, lá. Mas agora, mesmo, eu fui no Madureira não gostei das coisas de lá. Em São Paulo, eu adoro ir lá no Braz, na 25 de Março.

A.: - Sim.

N.: - A gente vai passeia, compra, lá no Ipiranga. Na... na... no Museu. E a...

A.: - Ah, você gosta também dessa parte cultural, né, Nilza?

N.: - Hunrum.

A.: - E... e cinema. Gosta de ir, não vai?

N.: - Olhe, tu acredita que eu num... num... com a idade que eu tenho, eu só fui no cinema uma vez.

A.: - Foi mesmo, Nilza?

N.: - Uma vez, que a... a mãe de Doutor Marcos, quando era viva, eu dizia a ela, que eu num... num conhecia o cinema, que tinha vontade de conhecer e Lea foi me levar quando tinha cinema aqui, ela foi me levar no cinema.

A.: - Aqui em Jacobina?

N.: - Aqui em Jacobina.

A.: - Lá em Salvador vai ou nunca foi ainda?

N.: - Em São Paulo, fui ne um... um...

A.: - Num cinema.

N.: - Aí, nunca mais fui.

A.: - Mas gosta de ir assistir aos filmes? Ver, analisar alguns aspectos?

N.: - Vou. Assim, na... na televisão eu assisto os filme.

I.: - Mas talvez é... agora botem aqui novamente, né?

A.: - Tão pensando em restaurar o cinema?

I.: - Tão pensando.

N.: - Os filmes dos trapalhões, já adoro. Trapalhões, a Xuxa.

A.: - Por que você gosta deles?

N.: - Dos trapalhões?

A.: - Sim.

N.: - Ah, porque eles eram muito engraçados.(risos) São muito engraçado.

A.: - Você se diverte?

N.: - É. É divertido o... o Renato Aragão.

A.: - E lá em Salvador nunca foi, né? Na Barra, nem no Iguatemi, nos cinemas?

N.: - Não, ma vou passear lá na Barra.

A.: - Eu sei, mas nunca lembrou, eu sair e assistir a um filme.

N.: - É, mas pra ir... pra ir assistir filme nunca fui não.

A.: - Pega uma sessão de cinema. Tem uns filmes belos em cartaz.

N.: - Mas já, por lá tudo, já passei. Todo... todo ano. Eu vou num lugar. Ou em Fortaleza, ou em Rio Grande do Norte, agora fui pra o Rio e São Paulo. Ai eu vinha por Brasília, que eu tenho um filho em Brasília, mas depois de tanto, vou deixar pra...pro ano que vem.

A.: - Fazer um novo passeio.

N.: - Porque se não aí acaba, tanto passeio.(risos)

A.: - (risos) Seu roteiro.

N.: - É, vou deixar pra outro... outro roteiro.

A.: - No outro ano, tem mais uma opção, não é?

N.: - É.

A.: - Mas Brasília num... nunca foi, realmente?

N.: - Na... não. Ali, não fui... meu filho mora lá, mas(não entendi).

A.: - Já é outra cidade que já vai conhecer?

N.: - É. E lá de Brasília eu vou pra Goiás. Pois é, a vida , minha foi essa daí.

A.: - Mas eu... eu achei interessante que... você... é... assim, enquanto ta falando com a gente, quando eu lhe perguntei, diferença do campo da cidade, o que mais gosta, que é a cidade. E... e tá... Você falou, também que os programas que assiste que gosta, né? O que, que você mais aprende quando... por exemplo, assiste aos jornais e as novelas. Quais lições você tira? Quais reflexões faz pra sua vida? Que ensinamentos tira daí?

N.: - (não entendi) A gente aprende muitas coisas boas, que vê eles falando, fazendo. Mas a gente não tem a oportunidade fazer. Aquilo que eles fazem lá na televisão. Aqueles artistas.

A.: - O que por exemplo?

N.: - É, eu tinha... se...se eu... se eu estudasse eu tinha vontade de ser atriz, né?

A.: - Era?

N.: - Era. Queria ser uma atriz, mas não estudei. Atriz ou jornalista. Mas cadê a oportunidade, que eu não tive?

A.: - Quer dizer que jornalista também seria um...

N.: - Era.

A.: - Uma profissão que você gostaria de exercer, não é?

N.: - Eu gostaria de ser uma jornalista.

I.: - A senhora pensava isso desde antes, é... quando a senhora era mais jovem? Ou é uma vontade da senhora hoje?

N.: - Não. Vontade de estudar era desde nova, que eu não tive oportunidade de estudar. Não tive, quando eu... eu casei nova, tive logo um monte de filho, todo ano um filho, só... criando e trabalhando ne roça, cozinhando pra patrão, ai quando eu vim em 65, tinha meus filho. Eu é... a... fiquei doente, fui pra Salvador, fui pra São Paulo . Operei de faringe, operei de esôfago. Ti...vivi aquela vida de tan... tendo filho e doente. Eu nunca tive oportunidade de nada, né? Ai passou tudo pra mim.

A.: - Ôh, Nilza me diga uma coisa, desse período todo, que você falou do seu trabalho. Você nunca... já teve um período de sua vida que... que em algum momento esse trabalho era remunerado ou tinha salário ou sempre trabalhou mesmo pra ajudar marido. Sempre foi trabalha...

N.: - Nunca tive salário.

A.: - Nunca se sentiu assim, esse é meu suor, meu...

N.: - Não. Eu já trabalhei a dia nas fazenda, pra ganhar 500 réis, naquela época. Cê... você conhece uma moedinha de 500 réis? É antiga, mesmo, mas deve ter alguém que... que tem ela, também, guardada.

A.: - Que coleciona.

I.: - Colecionador, né?

N.: - É, coleção. 500 réis. E que esse 500 réis de antigamente é 50 centavos hoje.

A.: - Hoje, por ai.

N.: - É. Aí eu trabalhava na... à dia e guardava esse dinheiro, pra vim aqui, na Jacobina, compra es... meu esmalte, batom, compra enfeite, digo assim, brinco. Tudo.

A.: - Brinco, essas coisas que você gostaria de usar?

N.: - É. Morava lá no Tombador, naquele pé de serra. Você já passou nessa estrada?

A.: - Já.

N.: - Pois, era lá na... Quando você chega lá na... Não tem a Pingadeira?

A.: - Sei.

N.: - Você olha lá pra baixo, você vê as casas lá no pé da serra. Era ali, que eu morava.

A.: - Hum, era ali.

N.: - Meu filho é todos ali.

A.: - Aquele Tombador é belíssimo, aquela parte ali, né, Nilza? Perigoso, mas é lindo.

N.: - Agora tá muita... tá muito cheio de mato, no meu tempo era tudo limpinho. Tudo roçado. Tinha bastante gente, mas depois, quem não morreu foi embora, e ai ficou pouca gente. Mas no tempo, que meu pai morava lá, era bom. Mau pai, meu marido. Era... Eu que morava lá, agora...

A.: - Nunca, mais, esteve por lá?

N.: - Custo de ir, já tem uns... uns 2 anos que eu passei lá, passei. Mas uma minha, que por parte de pai, que mora em São Paulo. E ela veio, e nois foi lá.

A.: - E você, hoje, é aposentada?

N.: - Sô.

A.: - Conseguiu se aposentar?

N.: - Sô.

A.: -Então, assim, de vim ter salário mesmo, que você passou a... a receber somente...

N.: - A ganhar, só foi esse da aposentadoria.

A.: - Da aposentadoria, sua vida intera de trabalho.

N.: - Muito suado!

A.: - Pois é, depois desses anos todos de trabalho, né, Nilza?

N.: - Todos, foi que eu vim...vim ter minha liberdade. Agora depois de veio, que eu me aposentei com 57 anos, ai foi que minha liberdade foi liberada, que eu ando, eu passeio, vou pra onde eu quero, eu faço o que quero. Tenho pouco dinheiro, mas dá pra fazer.

A.: - Mas dá pra você fazer.

N.: - Faço um empréstimo no Banco, viajo.

A.: - Ai, tudo que você gostaria, não é?

I.: - E quantos anos a senhora tem agora?

A.: - Eu? Tenho 66. Sou de 12 de janeiro de 38.

N.: - Sessenta e seis, tá ótima, viu Nilza?

A.: - Tenho 16 filho. Tenho 32 neto. Quatro bisneto.

N.: - Já tem bisneto Nilza!

I.: - Nossa!

N.: - Tenho uma bisneta com 10 anos.

A.: - Nilza, minha filha, é mesmo? Então você já passou uma geração toda aí, né? Uma geração, outra geração por sua vida. São duas gerações.

N.: - O (não entendi) tem uma com 10 anos, é a mais velha, o menino com 8 e duas de 1 ano.

A.: - Mas se relacionam muito com você ou moram longe?

N.: - Não, mora tudo pertinho.

A.: - Moram aqui?

N.: - É, eu me dou muito bem com meus neto. Adoro!

A.: - Seus netos e bisnetos?

N.: - É. Tenho um filho mais velho que os meu, morreu de... de rastro de carro, batida de carro. Esse outro que morreu, mataram. Esses 2 filho, é... grande tragédia.

A.: - Situação assim.

N.: - E os outros que morreu pequeno, uma menina morreu porque caiu de uma rede e teve infecção na perna, os médico operou, anestesia foi geral, passou, matou.

A.: - Vixe!

N.: - E dois menino gêmeo que eu tive, que nasceram anêmico. Eu tava, nesse tempo, eu tinha problema de esôfago. Meu esôfago era muito fechado, eu não me alimentava.

A.: - E ai os bebês nasceram...

N.: - É. Tinha uma menina que morreu com 8 mês. E largou o intestino e morreu. Morava na roça, não tinha médico pra tratar da gente.

A.: - Ah, cuidando, né?

N.: - Tinha médico, nerá? Mas pra vim de amotoado né cavalo.

A.: - Mas até chegar aqui, não dava muito, não.

N.: - É, tinha carro. Tinha carro, nessa época que eu morava lá no Tombador. Depois foi que...

A.: - O transporte era... com animal, né?

N.: - É, era animal. Há não ser, quando o patrão ia lá de jipe. E a gente...

A.: - Naquela época os carros mais usados em roça eram desses.

N.: - Era jipe. Que era o pai de Doutor Marcos.

A.: - Marcos Jacobina?

N.: - É. Trabalha lá no Regional.

A.: - No Regional.

N.: - É.

A.: - E até hoje a fazenda é de deles? Existe ainda?

N.: - É. Existe. Alí são gente boa. Marcos, pra mim, é mesmo que um filho.

A.: - Conviveu muito, né, que a senhora disse?

N.: - Ele, Amauri. Você conhece Amauri? Que é engenheiro agromo ? Trabalha...

A.: - Qual é? É o de seu... Lelinho? Ou não?

N.: - Não. É filho de Jacobina, mas né não.

A.: - (não entendi) Jacobina. É o outro. Sim.

N.: - São gente fina mesmo.

A.: - Todos são seus amigos!

N.: - Ione que é a irmã dele, também é advogada.

A.: - É. Advogada, ela?

N.: - Advogada não. Ela é juíza.

A.: - Juíza, né? E o pessoal que você conviveu.

N.: - E depois apareceu essa casa dos idosos, que isso aqui... uma terapia na cabeça fa gente.

A.: - Pois é.

N.: - Ai que eu adoro isso aqui! Eu viajo mas fico morrendo de saudade daqui, da turma.

A.: - De voltar, de ver a turma.

N.: - Valdice é uma pessoa maravilhosa. Doutor Leopoldo, a gente foi... Eu nunca tinha com... eu nem conhecia o que era um... uma computação. A gente teve aula de computação. Ai, mais foi maravilhoso! Tanto que...

A.: - Ah, fizeram o curso?

N.: - Fez, também.

A.: - Aqui?

N.: - Foi lá em baixo, na Caixa Econômica lá. Na Caixa velha, tem.

A.: - Ah, sim. Na... naquele é nu...

N.: - Menina, isso... essa casa dos idosos aqui.

A.: - Núcleo de Tecnologia.

N.: - Foi à coisa melhor, que existiu na Jacobina. Se é exagero, não sei. Até agora, que é administrada por Doutor Leopoldo e Valdice, pra mim, é uma maravilha isso aqui.

A.: - É uma terapia, né, Nilza?

N.: -Isso é uma coisa maravilhosa que apareceu na Jacobina. E Deus abençoe, que conserve, assim.

A.: - Que os outros prossigam, né?

N.: - É, a mesma coisa.

A.: - Tragam cada vez, mais, melhorias. Que vocês possam tá aqui.

N.: - Isso aqui é bom demais.

A.: - E quais coisas você gosta de fazer aqui, quando você vem pra passar suas idéias?

N.: - Ah, eu bordo. Faço Vagonite, Ponto Cruz. Sempre a gente faz bordado de fita, que eu aprendi, que eu não fazia isso. Eu bordava, quando eu morava na roça, mas era outros tipos que eu trouxe bordadinho. Ai aqui, aprendi bordar de fita, aprendi Ponto Cruz, aprendi Vagonite.

A.: - Sim.

N.: - Sempre a gente bordava paninho. Aqui sempre tem

I.: - Vocês tem uma professora que ensina isso ou é uma que passa pra outra?

N.: - Umas que... as que sabe ensina a outra. Mas quem me ensinou foi Morena.

A.: - Sei.

N.: - Morena, essa fortona que tem aí.

A.: - Hum.

N.: - Na rua dos índios. Foi quem me ensinou, e aí a gente vai passando uma pra outra quem vai aprendendo vai ensinando quem não sabe. Ainda ontem, mesmo Jandira tava aqui. Jandira e Nair que é a..., povo, irmã de... de Zé do Grande. Ela é a mulher de Zé do Grande e a irmã, né?

A.: - Sei.

N.: - E aí queria que eu ensinasse, mas com a aula da menina lá dentro e ela tava com pano de... Ela tava com o pano de Vagonite, tava com o pan... Ponto de cruz, ai é mais ruim di... difícil pra ensinar quem não sabe.

A.: - Pra ensinar.

N.: - Quem sabe, pra fazer já faz no Ponto Cruz, mas par ensinar outra é ruim.

A.: - Sei. Não, mas um vai trocando com outro, aprendendo.

N.: - É, trocando, né? Maravilhoso isso aqui.

A.: - Uma troca e... uma experiência muito boa, né? Rica.

N.: - É.

I.: - E as amostras a senhora pega assim com elas mesmo ou a senhora tem... ou a senhora pega em revistas?

N.: - Aprendi tudo com as de Morena e eu tenho um bocado de amostra, as minhas eu já mandei pra São Paulo, pra minha filha, que lá eu tava ensinando ela, mas não tava com a amostra. Aí, eu disse, olhe, ensinei até onde eu sabia, aquelas de... de có. E depois eu... que eu cheguei aqui, eu mandei as amostras, ela já tirou e já mandou. As amostras. De fita, né? Consegui lá, ensinei a ela, também, que ela não sabia.

A.: - Não sabia.

N.: - Já fez não sei quantas barras de toalhas e lá tá fazendo lençol.

A.: - Que beleza!

N.: - E é assim. É uma beleza, isso, aqui.

A.: - Ah, e na parte de... de dança e quando vai ter os forrós daqui, essa coisa... curte muito mesmo, gosta?

N.: - É. Eu gostava muito, viu? Agora, só esse ano que eu num... num partici... Eu vim, mas na hora da festa eu fui embora.

A.: - Foi?

N.: - Que esse filho meu que morreu, ele era apaixonado por forró.

A.: - Ah, Você lembrou dele.

N.: - E aí, quando eu vi tocando aquelas músicas de forró, aquilo me tocou.

A.: - Sei.

N.: - Aí fui me embora. Desde que ele morreu, nunca mais eu liguei um rádio dentro. Ele deixou som, deixou tudo.

A.: - Ôh, Nilza foi mesmo?

N.: - Nunca mais liguei nada. Nada, nada, nada.

A.: - Então sua diversão, mesmo, só é vim aqui, né?

N.: - É. E aqui a gente participa dos passeio que Valdice leva, agora mesmo dia 25, nós vamos ali pro ho... pra aquele hotel.

A.: - O Fiesta?

N.: - Fiesta.

A.: - Que beleza!

N.: - Nois passeia na fazenda dela. Nois passeia na fazenda de... de... NUTH, menino da locadora. De Luciano da Locar.

A.: - Luciano da Locar, já foram lá, que belo passeio hem?

N.: - E é assim. Nois já foi pra Piritiba.

A.: - É uma diversão.

N.: - É uma diversão, isso aqui é maravilhoso. Uma coisa melhor que já apareceu na Jacobina foi a... esse... esse Centro dos Idosos pra gente.

A.: - Pra todos. Já tem muita gente, inclusive, né, Nilza?

N.: - Tem. Tem mais de 200 pessoas é porque não vem tudo, todo dia.

A.: - É porque cada um vem no dia que melhor dá certo, né?

N.: - É. Eu mesma dia de sexta-feira eu não venho. É muito difícil.

I.: - Por causa da distância da...

N.: - Não, eu moro aqui perto. Eu moro em frente a Eletrocar, aí em baixo, no começo da Caeira.

A.: - Ah, sim.

I.: - Ah, então pra senhora fica melhor?

A.: - Pra senhora é perto.

N.: - É perto, mas eu não venho porque eu sou sozinha, né?

A.: - Tem que ajeitar sua casa?

N.: - Aí eu vou arrumar a casa, vou passar ferro, vou lavar roupa. Vou... Aí minha casa é grande. Era muita gente aí foi embora todo mundo. Só ficou eu e o véio. O véio vai pra roça mais um filho meu caçula. Ele morava... tava em São Luiz do Maranhão agora veio pr'aqui, agora tá esses tempos, mas fica tudo na roça, ele vem aqui de 15 em 15 dias.

A.: - É mesmo, Nilza, e fica sozinha?

N.: - Sozinha. E tenho uma filha que... que mora ali na rua dos Índio, na Santa Inez. Aí quando o marido dela vai lá pra roça, que ele foi lá olhar a roça, ela vem dormi aí em casa, que ela não dorme na dela só.

I.: - Quem é a filha da senhora que mora lá?

N.: - Patrícia. Patrícia Machado, ela tá até trabaiando lá no Deocleciano.

I.: - Acho que eu sei quem é, eu moro lá.

N.: - Ela mora lá na Santa Inez.

A.: - É.

I.: - E eu na Travessa. É assim, as ruas se cruzam.

N.: - Hanram. Ali na descida, né? Tu mora ali perto da casa de Diva é? De Diva de Bernadinho?

I.: - Não mais em cima.

N.: - Mas em cima.

I.: - Ela é pra baixo, eu moro mais em cima, né?

N.: - Eu sei.

I.: - Bem na re... bem no topo da ladeira. (risos)

N.: - É. No topo da ladeira, pois é, ela é minha filha. Mora ela aqui e... e tem Sil também trabalha de... de vigilante no Banco do Brasil.

A.: - Que também é seu filho?

N.: - É.

A.: - Pois agradecemos.

N.: - Brigada.

A.: - Foi uma tarde, assim, muito de aprendizado. A gente ouvir sua história...

N.: - É. Vocês... É, maravilhoso.

A.: - E saber, né? De tantas, de todas essas coisas.

N.: - Eu não tenho muita história de... de... da infância. Mas...

A.: - Mas a vida da gente já dá uma grande história, já... cada um tem uma história pra contar, né? E assim como... como... o interessante é perceber como apesar de... de você ter tanto pouco como rápido material escrito, como lê as outras coisas do mundo ao redor. Como você analisou a roça a cidade.

N.: - É.

A.: - Tudo isso é fazendo leitura, então, assim você é uma leitora, uma leitora sábia, que diz.

N.: - Ah, que vontade que eu tinha de ser!

A.: - E aí você... você tá... tá... porque o seu desejo de ler, cada vez mais, com proficiência o texto escrito, né? De tendo... tá fazendo esse mergulho nos livros...

N.: - Eu tenho uma comadre ali na... Você devem conhecer Glorinha, que ela é professora, mora... tem um salão Jaqueline.

I.: - Conheço.

N.: - É.

I.: - Eu arrumo meu cabelo nela. (risos)

N.: - É. Ela me diz o minha comadre nunca... Ela é minha comadre. Eu adoro ela! Ai é... tomei de manicure, cabeleireiro com ela. Aí, ela disse oi, minha comadre, nunca é tarde, porque ela diz que estuda língua, tá aprendendo violão, (não entendi). Êh Glórinha, mas tu já começou, né? Tu começou do1º degrau, que tu começou estuda e foi... e vai subindo e eu nem ne...nem no 1º só... só...

A.: - Vamos começar.

N.: - No 1º desci.

A.: - Vamos do 1º Nilza.

N.: - Não vô... não vô subir mais pra... mas menina eu não vou aprender mais.

A.: - Sobe, sobe, aprende mesmo.

N.: - E ela, ah minha comadre nunca é tarde, nunca é tarde. E ela.

A.: - Aprende, que você tem uma memória boa, você a... você percebe as coisas que estão em volta.

N.: - Ela tem não sei quantos cursos, eu digo, "ah minha fia, eu não chego ai não, quando você começou foi do 1º degrau eu... eu já tô mais... no fim do degrau". Já tô longe.

A.: - (risos) Mas sempre há, realmente tempo pra aprender, porque o tempo quem vai fazendo é a gente.

N.: - Se eu fosse mais nove, eu ia aprender, mesmo.

A.: - Mas você só bota a idade. Você é que sabe que a idade não vai lhe interromper.

N.: - Mas menina, eu quando acabar de aprender isso eu já... já morri.

A.: - Quem disse isso? Que nós não sabemos, que a vida é um grande mistério.

N.: - Ah, meu Deus do Céu!

A.: - A gente pensa tanta coisa, mas o que vale a pena é fazer com o coração, com a vontade.

N.: - Agora... agora eu fico assim assistindo, vendo aquelas muié, aquelas atriz.

A.: - Alcançar os seus sonhos.

N.: - Todo mundo sabido.

A.: - Mas olhe!

N.: - Ah! Eu fico imaginando que eu vou tá ali naquele meio. Pois é, tudo de bom pra vocês.

A.: - Pra você também Nilza. Nós agradecemos.

N.: - Brigada.

A.: - Vamos voltar aqui outras muitas vezes. Depois já vou voltar pra tirar as fotos com vocês, viu?

N.: - Se Deus quiser.

A.: - Pra gente botar no capítulo as fotos e as histórias.

N.: - Pois é, tudo de bom pra vocês, uma boa tarde.

A.: - Você também.

N.: - Adorei a entrevista de vocês.

Entrevista com Terezinha Lapa dia 19/03/2004 (Realizada na casa da mesma).

Ingrid:- Entrevista com Dona Terezinha Lapa.

Ana Lúcia:- Terezinha já deve ouvido falar do projeto, mas a gente tem que relembrar, né?

Terezinha:- Isso.

A.:- É você foi na faculdade na... na, quando a gente lançou o projeto do que se dava, foi uma das pessoas escolhidas para trabalhar na pesquisa "Histórias de Leitura na 3ª Idade", não é? Então nesse... nessa momento que eu venho conversando com as... as entrevistadas eu... a gente vai falar sobre as histórias de vida, a história de leitura, como aprendeu a ler... a contar, né? Pra a gente tá sabendo isso, tá na verdade fa... colocando na pesquisa todas essas histórias dessas pessoas que estão colaborando e que eu vou tornar público, né? Todas as histórias das pessoas. Algumas que convivem na Casa do Idoso e ou... e duas pessoas que eu escolhi na comunidade. Na verdade eu escolhi três, mas uma ainda tá...tá... tinha viajado e agora nós vamos já falar com outra pessoa, pra fazer o trabalho. Então primeiro eu queria saber, quantos anos você tem?

T.:- Eu vou fazer 68 anos, no dia 2 de dezembro.

A.:- Em dezembro, pertinho. É... e aqui a gente queria que você contasse, começasse a contar pra gente, qual é o significado da leitura na sua vida, sua importância, pra quê, que foi importante?

T.:- A leitura pra mim, na minha vida, é de grande importância, porque é através da leitura, que a gente conhece muitas coisas desconhecidas. E também viaja. Viaja pra outros lugares e... tornando a gente a gente... capaz de conhecer o que está lá. Longe.

A.:- Longe. Embora não tenha ido...

T.:- Não tenha ido lá. Viaja. Fazendo viagens.

A.:- ...Viaja através das imagens... mentais. Tele-imaginais.

T.:- É. Na imaginação, né?

A.:- Hum! Como foi que você aprendeu a ler? Você se lembra como era a época de escola em que livros, e que anos foram mais ou menos os que entrou na escola?

T.:- Rapaz! Eu entrei na escola mais... mais ou menos assim... morar em Tissé e botou todo mundo na escola. Naquele tempo, todo mundo ia pra escola. Se dé 7 ano ou não ia pra a... pri... principalmente a tabuada e o ABC...

A.:- Sim.

T.:- ...Eu comecei a aprender as frases, a ler, através do ABC. O ABC a gente começava a conhecer as letras. As letras graúdas chamadas maiúsculas, né?

A.:- Maiúsculas.

T.:- E as minúsculas. Quando eu sabia, como eu tinha conhecido das maiúsculas, ai aprender as minúsculas, né? Pra... pra juntar. Através da... fazendo essa... esse... juntando as palavras. A maiúscula com a... as maiúsculas e as minúsculas, ai elas faziam o B-A ba, B-E be, B-I bi, B-O bo, B-U bu. E lia. A gente lia até C-A ca, C-E ce, C-I ci, C-O, o outro a gente não podia dizer não, né? Que achavam que era nome feio.

A.:- (risos) Imoral.

T.:- É imoral. Aí lia o da, de,di,do,du. Ca... H, A, H, E, H, I, H, O, H, U. e o go... gê. Quando chegava no gê, que o gegê era, ga, gue, gui, go, gu. Esse eu aprendi. E também a gente só...

Rúbia Lapa:- Vou ali... Ah! Tá gravando é?

T.:- E, a... E também. Depois que lia... que aprendia o ABC, lia todo o ABC. Lia tornava a voltar pra... pra recordar. Ia pra cartilha. A cartilha do povo. Tinha cartilha das mãos e a cartilha do povo.

A.:- Do povo, é.

T.:- Em que... em que anos mais ou menos, daquelas épocas?

T.: - Menino! Daquela época, houve... seis...

A.:- Década de quando?

T.:- É. Numa década assim de... xêu vê... Olhe, em 48 eu lembro que eu já estava no quarto ano primário.

A.:- É.

T.:- Que eu fui pra Sacramentina

A.:- Ah! Então você foi alfabetizada lá para os anos 30?

T.:- Foi. Mais ou menos.

A.:- Não é?

T.:- É. Mais ou menos.

A.:- Década de 30. em 38. por aí, né?

T.:- É. Mais ou menos. É. Minha professora... inclusive, eu estive agora em... com a minha professora. Mora em Salvador. Risolda de Carneiro. Encontrei com ela, aí eu disse: "Professora vim lhe agradecer. Soube que a senhora está viva, vi lhe agradecer". Ela, "Agradecer?". Eu digo: "Tudo o que a senhora me ensinou..."

A.:- Quantos anos já, deve está ela?

T.:- Ela deve ta, cem... Deve ter uns cem... cem anos viu? Mais ainda está batendo bola. Ela disse sorrindo: "Mas Terezinha!" Eu digo: "Professora eu era um perigo. Eu lembro que uma vez, que no... aos sábados tinha... tinha a... aula. A aula era chamada, que era trabalho manuais, que era pra a gente aprende borda. E ela, essa professora, tava noiva e botaram, todo mundo da escola pra fazer os panos de prato, pra fazer isso e aquilo. Quando foi um dia eu não fui. Ah! Eu não vou mais, não! Aí, mãe disse: "Terezinha, você não vai, hoje, borda, não, pra professora". "NUTH! Diga aquela professora, que eu só vou bordar pagado. Se for pagado, porque se não for pagado eu não vou mais... E quando foi no outro... lá... segunda-feira, mais a professora me bateu tanto! Era de régua! Era reguada e tudo, puxava as orelhas, dava bolo. Naquele tempo era assim. E todo mundo aprendia. Graças! Ao ensinamento dela que eu estou formada e aprendi muita coisa, viu? Muitas coisas aprendi.

A.:- Na... na sua época de escola, que você, teve os seus primeiros anos de escola, assim, tinha muitos colegas na sala?

T.:- Tinha. Naquele tempo, Ave Maria! Era 60, 70.

A.:- Era?

T.:- Era. Tudo misturado.

A.:- Mais homens ou mulheres?

T.:- Homem e mulher. Tudo misturado.

A.:- Sim. Mas, tinha mais meninas ou meninos.

T.:- Mais mulé.

A.:- Era sempre mais meninas.

T.:- É. E todo mundo não tinha idade, faixa etária. Era todo mundo. Podia... só, não, casado. Ai (não entendi)

A.:- E nesse período da sua escola, qual foi a história que mais marcou assim tua vida, que você até hoje lembra, sabe contar ou a poesia.

T.:- Ah! Eu lembro. Essa semana ai, que dizer, eu lebro, assim, de uma colega minha, ela não tinha mãe. E também lembro... eu... eu tenho... vá... várias poesias. Inclusive, eu tava dizendo pro menino que antigamente as professoras botava pra... pra declamar, né? Pra pessoa aprender. E através, das declamações é que surgiram tantas pessoas célebrs, né? Que sabe faz... que sabe declamar, recitar, como chamavam. E uma delas era apreu... Uma colega minha, dizia assim: "Meu filho termina um dia, a primeira estrela brilha, procura a tua cartilha, e resa pra (não entendi), os gados cantam no curral... nos currais, o sino toca na igreja, pede a Deus que te proteja, que dê vida aos teus pais". Esse aí é de Erasmo Braga. Esse livro, aí. Daquele tempo. Que... tinha também. Eu tinha uma colega, que deixou... quando e... ela não tinha mãe. E ela recitava: "Minha mãe era bonita, era toda a minha vida, era todo o meu amor. Seu cabelo era tão louro, que nem uma fita de ouro, tinha tamanho esplendor". Essa me deixou marcada.

A.:- Ah! Marcou sua vida, não é?

T.:- É marcou.

A.:- E quer dizer que ela já daquela época, ela já era...

T.:- Já.

A.:- Órfã.

T.:- Era órfã.Ainda hoje ela é viva. É minha comadre, inclusive.

A.:- É?

T.:- É, eu batizei um filho dela. E ela...

A.:- A amizade durou pra além da escola, né?

T.:- A amizade. Foi. É. Ela, hoje, mora em Quisé, perto de Bonfim.

A.:- Então, desde esse momento, que, pelo que você tá me dizendo, os professores cultivam o habito da leitura? Não é?

T.:- Ah! Incentivam. E a pessoa tinha de ler. E as pessoas liam bem rapaz! Eu fico, assim, besta, quando vejo um... certas moças hoje. Que não tem, assim,sei lá. É o dom da...da palavra, é o dom da leitura, interpreta, não é? Para fazer muitas coisas e a faz... uma boa redação depende também de uma boa leitura, né? Principalmente a leitura silenciosa, né? E eu fico, assim, besta com o jeito que as pessoas não lê.

A.:- Analisando...

T.:- Analisando. É.

A.:- A época de hoje, pra outra época, você acha que...

T.:- A de antigamente era melhor.

A.:- Muito melhor?

T.:- É... era. Porque hoje... eu sei lá! Hoje a menina não tinha... hoje as menina passa só na pesca. Não é? Depois pergunta o que foi que...

A.:- Que estudou.

T.:- Que estudou. Não sabe, não é? Pois eu não. Olhe, de cada livro que eu li. O livro cartilha do povo. Li o primeiro ano Nosso Brasil, o segundo ano Nosso Brasil, terceiro ano Nosso Brasil, quarto ano Nosso Brasil, quinto ano Nosso Brasil. Todos eles sei uma coisa. E a leitura.

A.:- Que marcou e você até hoje se lembra, não é? E... e como as professoras... é... assim... incentivavam o hábito de ler.Quais histórias... quais histórias eram mais lidas e contadas naquela época?

T.:- Histórias?

A.:- Sim.

T.:- Mais, daquela história, mais, era do descobrimento do Brasil, né?

A.:- Sim.

T.:- Era isso mesmo. Brasil.É a que a gente aprendia mais, não era?

A.:- E...e aquela... e as histórias de literatura?

T.:- Sim. As histórias de literatura. Ah! Tinha muito, rapaz.

A.:- Me conte.

T.:- Era... mas não era... mas não tinha tanta assim... como hoje é proibido, alguém conta porque é história do lobo mau, que dizer lobo não, lobisomem, né?

A.:- Ãh?

T.:- Que todo mundo tinha medo. Hoje, não. Hoje não pode contar, a gente tem que saber como é que conta. Era tanta história que a gente contava. Era história... Sentava pra contar, história, assim, à noite, né? E brincar de roda.(barulho de um gato miando) A noite, mesmo era muitas histórias bonitas que (não entendi).

A.:- E... e nos recreios, me diga (não entendi), quais eram as brincadeiras e as rodas que mais cantavam, que você se lembra, que ainda sabe cantar alguma?

T.:- Oxê. Naquele tempo a gente canta: "A rosa vermelha é meu bem quere, a rosa vermelha e branca, eu ei de amar até morrer". E "Casaquinho vermelho está na moda agora, pega essa menina que namora a toda hora." Tinha essa também.

A.:- Tinha essa também?

T.:- É. Tinha várias.

A.:- Já falando dos namoros.

T.:- É. Naquele tempo, é.

A.:- Quer dizer então, que não é só agora que se fala de menina namoradeira.

T.:- Não, Naquele tempo...

A.:- Namora por ai...

T.:- É mais todo...

A.:- O verso tá dizendo que namora a toda hora.

T.:- Toda hora. Era.

A.:- O que é isso no seu entendimento?

T.:- É que... é quer dizer que quando ela sai. Que ela... é... como é que diziam era... Bom, tinha uma sa... um nomezinho que dizia com as moça namoradeira. Vigarista, não, era... Eu esqueci. Mas era...

A.:- Tinha uma palavrinha?

T.:- É. Uma palavrinha. Era. E me esqueci. Mas que as moças gostavam de namorar gostavam. Agora, namorava só com um. Não era muitos, não.

A.:- Ah! Sim. Tinha cada momento aquele.

T.:- Cada momento, é.

A.:- Só aquele.

T.:- É, só aquele.

A.:- E venha cá. Nessa passagem da...da escola, depois que encontrou no colégio, quais...quais foram os livros que mais leu, assim, na adolescência. Que... na... que depois já passa, já da mocidade? Foi... foi muitos anos de leitura?

T.:- De leitura. Assim os livros?

A.:- Sim.

T.:- Assim, do... de quando tá no ginásio?

A.:- Sim. Já no ginásio. Se leu... lia romances.

T.:- Ah! No ginásio...

A.:- Quais romances?

T.:- A pois, eu li. Tinha muitos romances. Tinha aquele o a... Eu li, deixa eu lembrar, assim o... o Amor nunca morre, eu tinha em casa. A escrava Isaura. Tinha de José de Alencar, muitos romances bons. Iracema, não é? Que eu li.

A.:- O guarani.

T.:- O guarani, tinha esse. Eu tinha lido...

A.:- Iracema, todos esses você... vocês, também leu, todos esses...

T.:- É... É. Quando estava no colégio. Era.

A.:- Isso no ginásio?

T.:- No ginásio. É.

A.:- E fazia prova escrita e prova oral.

T.:- Era?

A.:- Era. Naquele tempo. E, eram 10 questões, que tinham que ser respondida. Respondia as parte escrita pra depois fazer a oral. Por... por essas duas provas é que era baseada, quando a pessoa passava.

T.:- Passava. Então, to... todos os livros lidos. Todos os romances que a professora indicavam, sempre tinha uma valiação sobre isso.

A.:- Uma avaliação. É.

T.:- E. Na... quais eram as aulas que você mais gostava. Qual era a disciplina que você mais gostava de estudar na época de escola?

A.:- Ai, sei não. Eu gostava muito de história. História gostava muito.

T.:- Porque?

A.:- Agora, não tolerava, era ciência. História porque a gente tinha... Contava aquela história de Pedro Álvares Cabral. Aquelas navegações, né? A... a...

T.:- Principalmente a... a... história. Quando eu estava lá, no ginásio, em Bonfim, tinha aquela boa Jermita, né? Aquela... a... aquela história que conta dos romanos, né? E Móises. È muita coisa bonita nessa história.

A.:- Então, é... o que... a disciplina que você mais gostava exatamente porque lhe trazia... (gatão miando).

T.:- É. Me trazia muitos conhecimentos, não é ? As grandes navegações e... Ave Maria! Aquilo ali, meu...

A.:- E ciências que não gostava.

T.:- Ciências eu não gostava, não.

A.:- Porque Terezinha?

T.:- Ciências, eu sei lá. Eu não gostava, não. Achava, assim, que não...que não dava pra mim.(não entendi) E eu só tirava 6, 7. Uma vez eu tirei 6, a mestra me chamou, mas você Terezinha tirar 6. No... achou a nota 6! Vixe! É que eu não gosto muito. Mas você tem que estudar.

A.:- Ciências que você não gostava.

T.:- É. Mas não gostava muito. Era muita coisa, naquele tempo, pra estudar, pra ler, pra saber. Aquele tempo não era como hoje, não, rapaz! Naquele tempo era uma... era uma faculdade que estudava e não sabia, não é ?

A.:- Ah! O nível que você achava profundo.

T.:- É. O nível. Não era o que, rapaz! Aquela (não entendi), tinha que saber de co e salteado. A... aquele Governo republicano, todo mundo sabia, né?Tudo.

A.:- Era pra ficar na ponta da língua.

T.:- É, E, assim, ponta da língua.E sabia as datas. As... as... tudo.

A.:- Que marcava também.

T.:- É. Marcava. E na...

A.:- Não bastava saber o fato. A professora queria também que soubesse quando aconteceu.

T.:- É. Tudo. Quando aconteceu. A história, (não entendi).

A.:- E você... e você estudou até se formar ou você chegou a tirar o 2º grau ou parou...

T.:- Não. Eu me formei... Não, eu... Foi assim, eu estava estudando em Bonfim, fazendo o ginásio. E lá em Bonfim a... as freiras começava agora ne católica, religião católica. Lá elas, incentivando a gente. Eu sei que eu cheguei ao ponto de querer ser freira.

A.:- Foi?

T.:- Foi justamente minha vinda pra aqui, pra Jacobina, né? Ai, elas incentivaram. E aqui (não entendi). Eu estudava o ginásio. Lá você pode estudar o normal. Porque você estudando o normal, se forma logo e vem logo também. Mas quando eu cheguei aqui, encontrei Bernadete, falano, é uma colega minha e ela "Eu também ia ser freira, mas não vou ser mais". Nós duas no mesmo, terceiro ano normal, né? Chamava. Ai, batendo papo e lá, deixa eu ir avisar as freiras que não ia mais.

A.:- Abandonou a idéia de ser freira.

T.:- De ser freira.

A.:- A partir do momento que veio para Jacobina, conheceu sua colega.

T.:- É. Conheci essa colega.

A.:- E... Por que, também algum namoradinho?

T.:- Não. Depois foi...

A.:- Que descobriu o amor.

T.:- Depois foi que eu tive um namoradinho, meu esposo. Depois. Depois muito tempo, né?

A.:- Ah! Sim.

T.:- Que ela também arranjou um namorado. Disse: "Não, vamo namora". Eu, NUTH! Não tava nem querendo (não entendi). Eu toda...

A.:- (risos) Ah, é?

T.:- É. Eu toda vida eu num gostava disso, não. Queria ser freira mesmo.

A.:- Não era namoradeira?

T.:- Não.

A.:- Nunca foi?

T.:- Não.

A.:- Mas gostava das atividades da igreja.

T.:- Gostava. Da igreja.

A.:- De ler. Bíblia.

T.:- É, de ler.

A.:- Cantar.

T.:-É. Passear.

A.:- Os cânticos. Todos da igreja.

T.:- Passear. Os cânticos. É.

A.:- Você sempre foi ligada, um pouco, a essa questão religiosa?

T.:- É. Fui. Toda vida. Eu gostava. Principalmente minha família, é toda religiosa, né?

A.:- E... e então entre os livros que você lia, a bíblia é um... era um dos livros que você costumava ler. Ou isso, só veio a acontecer já na idade adulta?

T.:- Não. Depois de adulto foi que eu... Naquele tempo a gente quase que não tinha tempo de ficar lendo assim, não é? (não entendi) Eu lia... eu aprendi ali na... nas férias a gente tirava pra estudar.

A.:- Era?

T.:- Era pra poder... na casa de minhas tias mesmo com negocio de passa... quando ia passear lá. Eu passava por longe. Porque ela dizia "Amanhã venha, tem aula". Ela dava aula pra poder... como o reforço, chamado, né?

A:- Ah! Reforçando.

T:- É.

A.:- O aprendizado. E me diga uma coisa. Desses livros que você me falou, que você leu, né? Na época, já do ginásio, já... que foram os livros de literatura que mais marcaram. Não existiu na época livros que eram proibidos de você lerem. Vocês liam escondidos, não, ou vocês não faziam isso.

T.:- Lá... não. Quem era doído. Porque se não... Ah! Aquele tempo chamava pecado, nera? Porque tudo era pecado, né? Entretanto tinha alguns pecado. Ninguém lia assim, não tinha. Até hoje, que a gente vê, todo mundo ler e fala até, algumas coisas que naquele tempo nunca falava não. Respeitava também as mães da gente. Tinha que ter o

maior respeito. Falar mesmo como hoje é liberado, né? Falar em tantas coisas, que não posso falar, acho feio.

A.:- E... e... assim existia algum tipo de livro que num... que não era... deixava as moças lerem. Existia alguma literatura que não era indicada. Não esse livro não pode ler ou isso nunca foi dito.

T.:- Não, nunca foi dito. Agora tinha um negócio de um... de uma... de um caderno de confidência que ela fala "Esse caderno era frase... freira, Ave-Maria! Quem pegasse, tinha as coisas que as meninas dizia, fazia aquelas coisa, já foi beijada, não. Nunca me esqueço. gosta de namorar, gosto. Oh! (risos)

A:- É virgem? Né?

T:- É. É virgem.

A:- Tem todas as perguntas.

T:- Tinha essas duas perguntas. É.

A:- Você chegou a responder esses cadernos de confidências na época em que estava na escola.

T:- Mas de lá não, mas aqui algumas colegas minhas me deram.

A:- Lá em Jacobina, aqui em Jacobina já.

T:- Aqui em Jacobina, né? Já tinha saído do convento, não ia mais pro convento, quer dizer, eu ia deixar a vida de freira, né?

A:- Sim. Porque você já começou... Na escola em que você estudava, tinha biblioteca Terezinha?

T:- Não. Naquele tempo, tinha não.

A:- Não existia biblioteca. Então, só a leitura e o incentivo vinha apenas da professora.

T:- Agora, no ginásio, as Sacramentina. Que acho, que tinha viu?

A:- Sei. Já tinha.

T:- Já.

A:- Já no ginásio.

T:- Na Sacramentina.

A:- Em Senhor do Bonfim.

T:- Já. Em Senhor do Bonfim. E aqui também, né?

A:- E aqui quando voltou pra Jacobina, tinha?

T:- Tinha. No colégio. Pouca coisa, mas, não é?

A:- Mas já tinha. Mais livros de Literatura ou mais mesmo de datas, de História e Geografia?

T:- Olhe, naquele... eu acredito que mais de data viu.

A:- Na biblioteca, ainda não tinha um acervo.

T:- Não. Que naquele dia... que antigamente a professora, como é? Ela... ela li... ela dava aula pra se aprenta... aprender. Hoje, a professora só faz dá o livro. Faça isso e isso, não é? Então o aluno interpreta e tudo. Quer dizer, é bom mas...

A:- Por outro lado...

T:- Por outro lado eu acho que... que não é... que não é bom não viu? (gato miando)

A:- Não tem boa qualidade.

T- É. Que eu... ali você saiu dali pronto.

A:- E venha cá, você... é... falando de leitura e falando da importância da leitura, você já sentiu e já avaliou a necessidade da leitura na sua vida profissional. Qual é o valor dela, na sua profissão?

T:- Sim. Ela é de grande valor porque através... Sim, a boa... Depende da dicção. A leitura da dicção. A interpretação e a maneira também de falar, não é? Tudo isso depende de uma boa leitura e também...

A:- No seu trabalho você também é... é percebe que... que

T:- No trabalho. Precisa. Sim.

A:- A necessidade da ampliação da leitura, do procedimento, da interpretação?

T:- Sim. Precisa de tudo. Saber a maneira, como é que deve tratar as pessoas, por causa da... da leitura, não é? E também através da leitura, a gente aprende a vali... valorizar as pessoas, não é? No conhecimento. Através do conhecimento e da leitura.

A:- Sei. E a... e a comunicação, você acha que melhora, a partir da leitura. As informações que você vai poder dar, a pessoa com quem você trata dentro da sua profissão. A leitura auxilia inclusive nisso, pra gente ter mais informação pra dar, pra gente ter mais clareza?

T:- Sim. É de grande importância. Que é através da leitura a gente pode pronunciar as palavras com mais clareza, né? E também saber valorizar as pessoas com quem se vai conversar. É isso?

A:- Isso. E me diga uma coisa, em relação a... a... Você sempre morou... é... antes de vir pra... pra Jacobina, você morou em Senhor do Bonfim.

T:- Sim.

A:- E antes? Onde você... Onde foi que você nasceu? Qual é... era roça, era alguma cidade do interior? Me diga.

T:- Era...

A:- Como era a sua vida antes de chegar a escola?

T:- Era o seguinte. Meu pai era gene... era chefe da leste, antigamente chamava, né?

A:- Ah! Leste que passava.

T:- E me... minha mãe só andava, naquele tempo, de uma classe especial, pra viagem, né? Então nós foi criada quase... quem gosta de viagem, gosta de viajar. Fomos criadas, assim dentro de uma classe. Na classe tinha dormitório, banheiro, tinha tudo. E aí, meu pai, quando nos vigiava passava... Não sei se era um ano ou dois, assim num lugar.

A:- Em cada cidade.

T:- Em cada cidade. E por fim, foi pra Oquissé, foi morar em Quissé.

A:- Naquela época...

T:- Mais... Sim.

A:- Era em... trem de ferro? (barulho forte de moto)

T:- Sim. Era a companhia trem de ferro, que a Maria Fumaça chamava.

A:- Maria Fumaça?

T:- É.

A:- Quem era a estação Leste, que seu pai trabalhou?

T:- Também. É. E... meu o... assim antes. Antes de ir mo... de... Eu nasci em Queimado. Que os meus dois pais eram de Queimado. Meu pai e minha mãe, né? Que a família... principalmente a família do meu pai, foi uma família que tinha muitas professoras. E, a minha tia mesma, que era casada com o meu tio, foi uma das primeiras professoras de Queimado. Professora Cecília.

A:- E você se formou em magistério também? (barulho forte de celular)

T:- Sim.

A:- E formou aqui no Deocleciano?

T:- Foi aqui no Deocleciano.

A:- E sua vida como professora. Você trabalhou sempre com primário? Alfabetizar muita gente? Como foi sua...

T:- Eu...

A:- Sua trajetória profissional?

T: Eu comecei alfabetizando se... Não. Primeiro eu fui ensinar numa roça.

A:- Ah!

T:- Perto de Queimado. Aí em 1957... Eu me formei em 56, eu me formei. Em 57...

A:- Começou.

T:- Porque antigamente era assim, todo mundo tinha de ir pra... pra roça, pra pode... porque lá aprendia ler...

A:- Era (não entendi) na roça.

T:- É. E lá estudava, né? É. Ia pra roça pra depois de três anos ir pra... (não entendi)

A:- Professor da Zona Rural.

T:- É. Depois vinha aqui pra cidade. Foi o que eu fiz. Lá mesmo, pra Queimado, fui pra Lagoinha, num lugar chamado Feira do Pau, porque todo domingo tinha briga. Aí, colocaram a Feira do Pau. Inclusive eu fui agora, as bordas de ouro, lá, de uma... de uma ex a... de uma aluna minha, que naquele tempo estudava, moça, casaram tudo, né? A noite. Eu lá nesse lugar, (não entendi) de manhã, de tarde e de noite, você sabe não é? Moderninha, com 17 ano, né? Pra ensinar tudo. E... também... e... Depois...

A:- Depois foi que...

T:- Sim. Depois... Lá eu ensinava 1º, 2º, 3º e 4º...

A:- Certo.

T:- Até que grande, se ensinava. Tudo misturado.

A:- Sim. Ah! É... era salas...

T:- É... era misto. É. Como é?

A:- Mistas

T:- Era.

A:- As chamadas multisseriadas?

T:- Era.

A:- Classes multisseriadas.

T:- É. To... todo mundo.

A:- Isso da década de 50 e?

T:- Na... de... 56.

A:- 56?

T:- 57.

A:- 57.

T:- De 58, 59. em 60, eu não dei...

A:- E você... você percebia a dificuldade pra... pra entender a todos os alunos já que era classe multisseriada ou você dava conta de atende-los?

T:- Não... não. Era o seguinte, enquanto eu estava... eu passava exercício, por exemplo, primeiro ano, ai o terceiro, o segundo. Aí, ia fazendo, assim, né? Fazendo meu planejamento. E naquilo, eu sei que eu atendia, né?

A:- E você avaliou o seu trabalho como... assim, você avaliando hoje já, né? Tantos anos depois, você percebia que mesmo sendo uma classe multisseriada e mesmo sendo vários alunos. Eles conseguiram aprender. Conseguiram ler bem. Escrever bem?

T:- Sim. Porque naquele tempo o a... aluno só passava de ano quando soubesse ler, escrever e também as conta. Era aquelas principais, né? Não é como hoje que não. Hoje... Antigamente a pessoa lia e escrevia, sabia fazer as quatro operações pra dizer que era formado, né? Já hoje, não, que é... que é diferente.

A:- Já que você acha que... que hoje, é com essa mudança, o aluno sai com menos bagagem?

T:- Menos bagagem.

A.:- É.

T.:- É, quer dizer, pode só existir alguns, que não te... não sabe escrever, mas através da televisão, quando (não entendi) televisão, rádio, né?

A.:- A facilidade dos meios de comunicação.

T.:- É, facilidade dos meio de comunicação que num...

A.:- Quais programas de televisão você costuma assistir?

T.:- Menina, ói, eu quase que não tenho tempo. Eu vivo mais, a vida assim... a... Eu já assisti, NUTH, o ano... o ano passado, eu assisti o... Não, eu tô a...esses Dois Corações, eu sei, assim, algumas partes. Eu quase que não tenho tempo, mas eu sei assim alguma coisa

A.:- Sei, essa mini-série que passou.

T.:- É. E as vez... Agora eu, assim, quando (não entendi, barulho forte de caminhão) da Rede Vida, da (não entendi). Sabe?

A.:- Tem as missas, tem aquela parte da...

T.:- É. Daquela parte das missas, da... A Rede Vida e a... Salvação é? Esqueci agora.

A.:- O Terço da Libertação?

T.:- Sim. Eu gosto. E a (não entendi).

A- São programas que quando você tem tempo de assisti, que você assiste.

T- Assisto. Outros eu num... Quando eu tenho... Se eu chegar pra começar, tinha... O ano passado tinha muito, era boa, que eu me esquece da novela. Boa! Oh, meu Deus!

A- Novela que...

T- Eu gostava da do ano passado.

A- Que você assistia?

T- É. O... esqueci o nome.

A- E além de novela, assim, quando chega em casa a noite, assiste jornal?

T- Go... Eu gosto. Se chegar e der tempo pode assistir o jornal, né?

A- E o que é que você aprende com esses programas televisivos? Que quê ele traz de benefício para a sua vida? Quais são as reflexões que você faz sobre ele? Que de útil você...

T- Ói, tem muita utilidade, mas tem umas coisas assim, aquele tetetê desnecessário, né? Através dessa televisão eu acredito que os jovens estão aprendendo muitas coisas que eles não aprendam, né? (barulho forte de carro)

A- Por exemplo.

T.: - Ói, o vício da... Você tá vendo que essas meninas, também, tudo é novela que tenha negócio, das meninas, ói em sexo, em tudo, né? As drogas, né? Tem ensinado... Tem coisa até que obriga, não é?

A- Que acaba... Você acha que acaba influenciando?

T- Acho. É tem influência. Eu acho.

A- Sim. No comportamento dos jovens?

T- Sim. No comportamento dos jovens, é. tem muitos que outra vez já querem fazer como aparecer. Querem se aparecer, né?

A- E acabam atravessando...

T- E acabam... É.

A- Atravessando tudo.

T- Derrotando os (não entendi)

A-Então, isso que... que você acha que traz influência negativa?

T- Negativa.

A- E os programas que você assisti, pra você, que lhe beneficia, que lhe faz aprender, lhe faz refletir a vida. Quais são? Que passa na televisão.

T- Que passa na televisão?

A- Hum.

T- Oi. A Rede Vida. É porque esse (não entendi) aquelas missas. É muito bonita. (barulho de buzina de carro) O padre... É Rosi, né? Aquele que...

A- Marcelo Rossi?

T- Marcelo Rossi, gosto muito daquele padre. Dá muito estímulo e coisa da vida da gente. Tem uma vida muito deturpada. Um mundo cheio de tantas coisas, né? Que a gente fica até assim pensando como é que se vive tanto nesse mundo, com tanta... assalto, com tantas coisas, né? Tantas mortes, né? Jovens se acabando, né? As drogas acabando com eles e eles, né?

A- Então, você... você analisando a sua época de escola, toda a sua juventude, pra época de hoje, as transformações que ocorreram. Você analisa que... que essas transformações trouxeram mais benefícios ou mais malefícios? E porque?

T- Oi, a... na...

A- O que era de bom na outra época que você ainda sente saudade e o que é de bom que você acha com as transformações, com o progresso da ciência, que quê...

T- Com o progresso da ciência, digamos que hoje tem muitas coisas diferentes que ajuda muito, né? Ajuda muito as pessoas aprender, as pessoas saber lhe dar com as coisas, não é? Principalmente os jovens, né? Mas tem muitos negativos, muitos pontos negativos

mesmo. Que antigamente as moças, qual era a moça que andava fumando na rua? Qual é a moça que andava sozinha? Que ia com o namorado, só? Não podia, né? E outra coisa. Tinha que pedir antes a autorização dos seus pais, pra sair, saia com outra pessoa, não é? Hoje não, amanhecer o dia, vão pra festa sozinha, uma menina com 15 ano vai pra festa sozinha, chega no outro dia, né? O desrespeito com os pais, coisa que eu nunca fiz. A... até hoje, Deus me livre de eu sair e não dizer, eu vou em tal lugar...

A- Então a sua... Você avaliando, hoje. Você como foi criada, seu processo, em relação aos seus netos há grande mudança?

T- Eu acho... eu acho que, Ave Maria, é horrível! Porque os netos hoje não tão, Ave Maria! Não tão, assim, mas respeitando com tinha que respeitar o avô, a mãe, Ave Maria! Os mais velho, a professora, a... tinha... até pra gente usar sutiã, a gente tinha vergonha quando ela mandou, porque era chamado, né? Oi, ta no tempo de usar sutiã. Tinha uma vergonha, de tudo!

A- Ah! Ela chamava, verdade?

T- Chamava, fazia a (não entendi)

A- Fazia o papel de mãe. De orientadora.

T- É. Fazia. A... a professora era tudo naquele tempo.

A- Sei.

T- Ensinava tudo. Tudo que tinha que ensinar, ela ensinava.

A- E... e... em relação aos jovens de hoje...

T- Ninguém namorava, não. Tinha que respeitar. Te uns que tava namorando, que via a professora, todo mundo tinha medo.

A- Ah! Tinha também. Aí sim.

T- É tinha. Aí moça só andava mesmo quanto tava a noiva do rapaz, com o namorado, assim mesmo com outra pessoa.

A- Sei, sempre acompanhada.

T- É. Oi, hoje a... me desculpe, hoje a malandragem que não faz nem gosto, né?

A- E isso, pra você como avó, também, você vê isso como tristeza, né?

T- Com tristeza. Muito desrespeito com (não entendi) A gente, a vista num lugar assim, eles tão se beijando. A mãe ta de junto, eles se beijando. Tem que ter respeito, né? O negócio é ter respeito, mesmo, né? Hoje tá a desvalorização humana.

A- Ah! Sim. Você, então, ad... percebe isso como uma desvalorização humana, por se mesmo.

T- É. Principalmente a mulher, não é rapaz? Que... agora eu acho que como hoje, a mulher hoje, ela tem o seu direito, que antigamente ela não tinha o direito. A mulher tem o seu direito de com... Se há um fio e não dé certo com o marido, sair. Hoje vai, se desquita, faz tudo. Porque é o... é o direito dela. E antigamente, a pessoa ficava ali, se acabava. Sofrendo por causa da... por causa da sociedade. Hoje não. Muitas coisas tão boa, hoje, né?

A- Sei, então a... a mulher...

T- Tem muita vantagem e desvantagem.

A- E desvantagem, né?

T- É.

A- Nesse sentido de... das conquistas da mulher. Como que se deu. E o (barulho de carro de propaganda) próprio progresso da ciência e da medicina como é que você vê?

T- A medicina? Ah! A medicina, tá mudada. (barulho muito forte de carro propaganda, não deu para entender)

A- Na medicina. Olha aí, a leitura! Como a leitura proporcionou, esse avanço aos médicos e estudiosos.

T- É conhecimento. Por que através da leitura, a mulher primeiro aprende os meios de cuidar de um nenê. Antigamente, tinha o mal de sete dias, rapaz. Uma coisa que não precisa se preocupar. A criança quando tinha sete dia morria, porque ela não tinha conhecimento de como é que limpava o mijo da... das criança, o seio, né? Era a higiene... a higiene.

A- Na verdade era por falta de higiene.

T- É. Falta de higiene.

A- E são chamado, mal de sete dias.

T- Mal... Mal de sete dia. Não limpava o umbigo, no lugar botava o saco do cachimbo, nera minha fia. E ficava... aí a criança morria. Pegava um tétano. Era chamado tétano que agora depois de... (mudança de lado da fita)... a cabeça amarrada, num lençol, pra tomar banho só depois de trinta dias. Ficava com aquele mau cheiro horroroso, que não sei, aí pronto adoecia.

A- Tinha que adoecer, não é? Infeccionava.

T- E... é. E muitas assim mesmo, com tanta imundice, assim, quando terminava o resgardo, já tava grávida.

A- Imagine você se não fosse (risos).

T- Mas é. É. Hoje com a leitura, né? Hoje com a leitura elas sabem se... sabe fazer a higiene.

A- Pois tudo isso, então a leitura não proporciona apenas o conhecimento, em termo de... de você para realizar suas conquistas, mas profissionalmente, em termos de cidadania, de conquistas de direito, quer dizer, tudo isso a leitura ta proporcionando.

T- A leitura traz. Proporcionando

A- E... e a mulher (não entendi) já é marca de como, só, através de conhecimento é que as pessoas conseguem evitar até certas... certas conseqüências.

T- Conseguem. Se... Muito bem. Através das... dos livro hoje. Antigamente ninguém sabia de nada rapaz. A moça até... Num lia, que pra lê um livro, assim, Ave Maria! Era só quando tivesse mesmo perto de casar. Se os pais dava, né? Pra pode sabe. Porque tudo era pecado. Era... era ignorância, né? Era... tudo era... é, era...

A- Era tudo muito escondido pra ler, não é?

T- Escondido pra gente lê e tudo. Até a menstruação, rapaz. Ninguém podia saber. Era uma coisa feia. Eu mesmo não sabia.

A- Então a moça naquela época, menstruar... ela menstruaria e desconheceria que estava menstruando e tomava um choque.

T- É. Uma... Toma... uma vez, uma moça menstruou. Sangue! Aí começou a gritar. Começou a gritar. Aí, dizendo a mãe que tava desonrada. Minha fia a coisa ficou feia.

A- Explicar.

T- Explicar o que era, né, mulher. Sabia que aquilo, era uma coisa honrosa! E hoje não. Hoje a leitura as meninas já sabem de tudo! As meninas sabe a... através dos conhecimento da... das leituras boa, as menina sabe de tudo! Vai no outro mundo, mexe e volta através dos conhecimentos dos livros, dos bons livros também.

A- Você gosta de viajar?

T- Gosto.

A- Quais são as cidades que você, assim, foi? Que mais lhe marcou?

T- Ma...

A- Que mais... Que quê você aprendeu sobre a cultura dela? Me conte.

T- Menina! A que eu... a que eu mais gostei, até hoje, foi quando eu tive em Buenos Aires.

A- Foi?

T- Eu achei uma co... lindo! Bariloche não é que é muito frio, mas eu achei bonito também, assim como o comércio de lá é mais a noite. Pela manhã eu trabalho até meio-dia. A tarde (não entendi) o céu com a noite

A- Ah! (não entendi)

T- Aí depois (não entendi) ainda vou voltar que é muito bonito!

A- E... e aqui no Brasil. Quais... quais, assim, os lugares que você foi, que mais lhe marcou? Que achou bonito?

T- Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Blumenau, mas eu não gostei mais de Blumenau. Santa Catarina, ai que bonito! É o Sul, tudo são bonito.

A- Sim. Bonito, né?

T- É.

A- E que...

T- Todo o nordeste, também. O nordeste eu conheço. Conheço...Agora eu gostei também chama Fernando da é... (não entendi) Fernando de Noronhas.

A- Já foi em Fernando de Noronha?

T- Já. Fernando de Noronha.

A- A preservação ambiental é percebida.

T- É. Tudo ali você pode chegar ó... hum. Você pode chegar e... e deixar ali que ninguém bole. Lá ne... ne...

A- Lá em Fernando de Noronha.

T- Fernando de Noronha. Muito bonito! Inclusive, eu fiquei olhando, assim, como foi que Valdir Pires, Miguel Arraes, lá, ficar naquele lugar, rapaz. Na i... Perto da Ilha dos remédios. Ali, naquele... chamava... (não entendi). Ali era (não entendi). Dentro daquelas pedras, rapaz. Não sei como aqueles fica... não morreram, né?

A- Na época da...

T- Na época. É. Da... da anistia.

A- Anistia. Sim. E Tereza e... nesse... a cada viagem que você faz, quais são os aprendizados que você traz pra sua vida? O que lhe enriquece?

T- Ah, uma coisa assim, que me enriquece, assim, é o conhecimento. Assim, não só o conhecimento... conhecimento... eu quero chegar assim...

A- Não só...

T- Não, é... conhecimento...

A- Não só culturalmente.

T- Culturalmente. Como também socialmente, né?

A- Sei. Conhecer as pessoas.

T- Pessoas.

A- O lugar.

T- É.

A- Os costumes.

T- Muitas... os costumes

A- A lhe dar... As relações interpessoais.

T- É.

A- O tanto de pessoas e amigos que você fez, né?

T- É. De amigo que eu tenho deixado. É. Eu conheci nesses lugares muito. É.

A- No sentido de conhecer outras culturas também, não é isso?

T- É.

A- O que... o que é que tem em outra cultura que é diferente da nossa, que aprende.

T- Que é diferente da nossa. É as comidas, né? Os ba... é a... A nossa...

A- As danças.

T- A danças, né? Ai, eu também gostei muito de Manaus. Manaus... A coisa é linda, é o rio Amazonas! Minha gente que... Olhe eu vou dizer a você, o Rio Amazona é o... pra... é o mundo nosso. É uma coisa linda, rapaz! Você chega, assim, dá vontade de você cada que você olha pra o rio, você diz mas meu... Ai você acredita na existência do Ser Supremo que é Deus, né? É um Mar Dulce, chamado segundo Francisco Olariano chamou, não foi? Mar Dulce daquela viagem (barulho muito forte), chamou que era um Mar Dulce.

A- Você achou, encantador?

T- Encantador. Aquela Vitória-régia, aquela... a... aquela flor, né? Que é a Vitória-régia. Tem também os índios com aquele... com aquele... a jibóia, com aquele... as cobras. Toda a... enfim, assim da flora, ele leva pra apresentar. Como meio de ganhar dinheiro. Tanta coisa boa! Aquelas comida... Eu tava olhando, assim, o pirarucu, que é o maior peixe de lá, mas não podia comer, o pirarucu é um negócio... achei que ele tinha uma carne diferente.

A- Não gostou, não?

T- Não.

A- Não chegou a provar, não?

T- Não. Paguei assim, mas não tive coragem, não. Agora, as frutas, o... o... baba... como é aquele? A frutazinha. Oh, meu Deus! NUTH! Cabo, como é? Cabosinha.

A- Cupuaçu?

T- Cupuaçu. Ah! uma delícia, enorme! E tem o... tem vários, lá a gente come na... lá a gente come mais maniçoba. Ave Maria! Aqui não. Muitas folhas eles comem. É descendência de índio mesmo, da cultura, né?

A- Sim. Da cultura indígena. Então quer dizer, você vai começar a conhecer e ao mesmo tempo saborear outras iguarias, que você (não entendi).

T- É. De muita... muitos índios. Agora no... no paga... Paraguai tem muitos índios, uns home feio! Agora bonito é lá no Rio Grande do Sul.

A- No Sul. Os gaúchos.

T- É, os gaúchos.

A- São bonitos

T- É. São bonitos, viu?

A- Me diga uma coisa Tereza, na sua época de moça, você gostava mais era, assim, de... de passear ou de festas?

T- Rapaz, naquele tempo eu... Eu vim as... eu vim freqüentar mesmo festa, depois que... depois que a gente tava aqui, mas quando era... Até quinze anos ninguém dançava. Quinze anos, só ia pra festa depois dos quinze ano. Era ainda menina moça, ficava dentro de casa, brincando de boneca, né? Boneca, tomando conta, cantando roda. Agora depois dos quinze ano...

A- Quais as rodas que vocês mais cantavam? Quando era menina

T- Bonitas, era aquelas que eu cantei. Minha Sabiá Minha Zabelê. Minha Sabiá, minha Zabelê, toda meia-noite, eu sonho com você, mas se você duvida, eu vou sonhar como pra você vê. Tinha uma também que era... namorava...

A- As cantigas de roda ia até tarde.

T- Ôxe, não é o que! Tinha...

A- Morava na Areia?

T- É, também já cantei Morava na Areia, é sereia. A cidade da barra virou banana, que era pra gente pular sem... pra sambar, rodar com a... pegada no braço e outro pegada ne outro, e assim a gente brincava.

A- É? Nunca ouvi falar, como é? Cidade do bá?

T- É. A cidade da barra virou bananal, ainda onde eu comi bananinha de lá, virou, virou, virou bananal, ainda onde eu comi bananinha de lá. Pegava, uma pegava no braço da outra e uma ficava ao contrário, né?

A- Sei.

T- E rodava. Mas era bom demais! Aquele... tempo desse, era macacão, macaco que a gente chama. Pulava, era corda. Eu mesma pulei uma corda danada, viu? Corda, já gostava. Eu... Caminhava muito, eu... eu fui criada logo com leite de cabra, que no lugar que minha mãe me teve não tinha leite de gado, só de cabra, aí por isso que eu pulava muito. Ô minha fia, porque...

A- (risos) Era forte?

T- É. E eu não sabia, eu ia cantando música, NUTH! Como é? Lá no (não entendi) E os versos que a gente dizia também.

A- E os versos?

T- Ah! Aqueles versos, aquelas cantigas que a gente dizia os versos. Êta! Mas é bom, viu?

A- Que é morava na areia e depois cada um vai dizendo um verso.

T- Dizendo um verso. Aí tem Minha Sabiá (não entendi) também , tinha tan... era tanta cantiga. Tem uma que eu tou procurando (carro propaganda ou de som: Participe da primeira caminhada da luz, próxima Semana Santa...) Rapaz!

A- E depois quando já moça, já tudo, é que passou a freqüentar festas?

T- Foi, passei a freqüentar festas.

A- E freqüentava que tipo de festa? Mais baile. Forró ou seresta, como?

T- Naquele tempo... naquele tempo tinha mais era baile, né? Aqueles baile bonito! Principalmente aqui na 2 de janeiro, que na 2 de janeiro, eles fazia aquelas fes... aqueles trajes, bonito! Pra poder ir lá pra... era a 2 de janeiro, era roupa boa, né?

A- Eram orquestras?

T- Eram orquestras.

A- Então assim, na verdade, tinha muitas serestas?

T- Serestas, mas era... era uma seresta, mas não é... sim uma seresta. Agora, não tinha, assim, esse negócio... Carnaval tinha que era aquela... aquela sombrinha.

A- Ah! Sim.

T- Aquele negócio bonito, né? Carnaval lá era bom, eu com a serpentina, Ave! Tinha uma lança-perfume, oh! Mas era bom, viu?Eu não, usava não, porque na... eu não sei, que antigamente a gente não usava essas... só rico. Os ricos tava lá com os pobres, não usava, não. Porque era cara.

A- Ah! Sim.

T- Aquela, lança-perfume, mas era bom demais! Êta, cheirosa!

A- E naquela época, tinha... já tinha... tinha blocos ou o povo saiam de fantasias?

T- Tinha bloco e saiam com fantasias, né? Muita gente queria...

A- Era os bailes nos clubes?

T- Nos clubes e também nas praças...

A- E também tinha os desfiles nas praças.

T- Nas praças. É.

A- Mas naquela época era sempre com banda e não tinha trio elétrico?

T- Não, não tinha trio elétrico não. Agora, saía, assim, cantando.

A- Todo mundo cantando e acompanhando?

T- Todo mundo cantando, é. E acompanhando, é. Depois de uns tempos foi que...

A- Com as filarmônicas?

T- É. Depois, muito tempo foi que tinha, agora, os trio elétrico, né?

A.:- Depois que aparece?

T.:- Aparece, é. Ai depois.

A.:- E quais eram, assim, as marchinhas famosas do carnaval de sua época?

T.:- A... oi, eu tava... oi eu... Mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar, traga a chupeta, traga a chupeta pro bebê não chorar lararará. Tinha essa e tinha Índio quer apito se não der pau vai comer, lá no banana a mulher de branco, levou, levou pra índio, colares que vê, índio quer fa... to... índio que, como é?

A.:- Apito.

T.:- Como é bonito, não, índio quer colar, índio quer apito, né? Eu mudei, eu tenho hora, que eu me esqueço. E tem... e tinha outra lá, Colombina. Colombina eu te amei, aí que era bonito! Eta, que a gente saía!

A.:- Mas você...

T.:- Você não quis (não entendi) um pierrô feliz. Os confe... os confete dourado que alguém tirou, não foi eu quem jogou, não foi eu, não foi eu. E tinha aquela também. Oh, jardineira porque está tão triste, essa é que fazia sucesso. Oh, jardineira porque estais tão triste? Diga o que foi que aconteceu Foi a carmélia que caiu do galho, deu dois suspiro e depois morreu. Vem Jardineira, vem meu amor, não fique triste, que esse amor é todo seu, você é mais bonita que a corvélia que morreu. Pronto ai. (risos) Bole a pança que hoje é só lembrança.

A.:- Muitas... bonitas, e quando cantavam, paravam pra pensar no que tava dizendo a letra ou ninguém...

T.:- Que nada ninguém nem pensava. Ali, só queria mesmo só dançar.

A.:- Só dançar?

T.:- É.

A.:- Mas... Quando... quando você canta, você, assim, reflete, o que é que é que a musica tá passando de mensagem? O que será que quer dizer, Colombina eu te amei, mas você não liga (não entendi).

T.:- É. Não, hoje a gente sabe, né? Que... que quando fazia as declarações, ele tá é... foi um rapaz declarando, que procurou namorar e não quis, né?

A.:- Uma história?

T.:- Uma história. É.

A.:- Conta uma história.

T.:- Con... é.

A.:- Então ai, você faz a leitura do que tá na sua mensagem.

T.:- É. Todo dia, essa música eu dancei tanto em Queima... em Itiubá. Em Itiubá, não. Em Santa Luz. Itiubá, Queimado, era meus canto. Minhas primas chegava, eu moderninha, né? Chegava lá e ia é... ói, hoje tem festa, carnaval em Santa Luz. A gente se dava muito com o prefeito. Ai dizia, ó que eu vou ne Queimado. Pra viajar não precisa... onde trabalhava... Rica! Oxé, eu já tinha as fantasia lá, eu já... Eu lembro como hoje, o vestido verde, eu tinha uma... eu tinha uma cinturinha! Oh, uma cinturinha fina, ai nós fomos dançar! "Quem sabe, sabe. Conhece bem, como é gostoso, gostar de alguém. Quem sabe, sabe. Conhece bem, como é gostoso, gostar de alguém!". Aí, quando eu já ia , o rapaz, "Vai morena, deixa eu gostar de você, morena, poderãrã rãrãrã." Ai . (gesto de beijo) Lindo! Também.

A.:- Então você... Você ajudava?

T.:- Eu trago... é. Eu trago recordação, Ave Maria! Daquele... entrava naquele baile, assim, quando entra bem (não entendi) to lembrando, ele fazendo isso. Oh, tempo bom! Os boleros que eu dançava, já dancei muito bolero.

A.:- Bolero?

T.:- Sim. Já aproveitei muito, viu? Oi, Rubinha, foi, que não aproveitou nada, assim, não.

A.:- Sua filha, não.

T.:- Não, não sabe, mas eu?

A.:- Não sabe dizer nada disso.

T.:- É. Ave Maria! Eu fui nos clube bacana. Oi, antigamente, pra você vê como é a... hoje a... a cultura... a cultura, a leitura, a comunicação, acho ajudou em tudo, porque antigamente tin... Oi, tinha um lugar aqui chamado Conceição do Coité, que era assim. Tinha o baile dos... dos negro, o baile do moreno e os baile dos branco.

A.:- Era?

T.:- Era. Eu mesmo, pois, fui pra... pra... com minha prima, nós fomo pra...

A.:- Era, assim, separado.

T.:- É separado.

A.:- Não ia todo mundo junto como...

T.:- Não. Não ia não.

A.:- Todos irmãos, todos...

T.:- Não. E aquele dos brancos, era mais os rico. Então, eu chegando lá, morena e tudo, mas era professora, ai quando encontramos uma turma. Ai disse e ai, nós vamos pra o baile dos... vamo pro baile dos branco. Eu. Por que? Ah, vocês são... você é professora. E eu vi que tinha um negão que era... que era médico, pra você vê, não é?

A.:- Quer dizer que já mudava.

T.:- Era um médico.

A.:- Não era mais a cor da pele.

T.:- É. Mudava. Da pele. Já mudava a... a... como é o nome?

A.:- A condição cultural.

T.:- A condição financeira e cultural, né? Inclusive era...

A.:- então a importância da inserção do sujeito, tem a leitura.

T.:- Era, antigamente era. Oxé, antigamente era minha fia, que o... pessoa pra estudar, ah! Eu mesmo estudei em colégio, pagando naquele tempo, era 7 mil, na Sacramentina. Sete mil o ano.

A.:- Ah, era muito caro, não é?

T.:- Era caro. Não era todo mundo que podia estudar, não.

A.:- Terezinha, ficava interna?

T.:- Ficava. Eu fiquei interna. Primeiro eu fui pra casa do meu tio, ai minha mãe chegou. Tinha minha tia , meu tio já tinha morrido, mas tinha as minhas prima e tinha a moça que criava s minhas prima. Mas não tinha uma certa alimentação, ai mãe chegou um dia, assim, saiu de lá, volta e pensa, Tu tomou café? Eu, tomei e tudo. Ai, ela foi lá e eu fui interna. Ai, fiquei interna e estudei... só. Depois vim pra aqui, ficar aqui, né?

A.:- Depois foi que veio pra cá e formou em magistério, né?

T.:- É. E aprendi muito, viu?

A.:- E, me diga você ficou no magistério até se formar ou saiu antes, pra depois fazer concurso para o INSS?

T.:- Não, eu fiquei no magistério até me aposentar, em 89, porque tinha uma lei e diz que não podia, né? Ai, eu passei a ensinar a noite, foi quando eu mudei ao invés de ensinar 1º, 2º, 3º, fui só ensinar o quarto ano.

A.:- Sei. Educação integrada, naquele tempo. E me aposentei pra pode ficar lá. Ai fiz dois concurso, passei. Baseado naquele estudo que quando... foi... aquilo que eu sabia quando...

T.:- Foi a base que ficou.

A.:- A base que segura. E eu, modéstia à parte, hoje ainda sei, os sistema mesmo. É... Eu não sei mais equação, nem álgebra, esse negócio, mas que... tem hora que se eu for pegar assim ainda... Mas sistema mesmo, frações decimais, frações o... ainda sei decompor, fatorar, esse negócio todo que ele tem.

A.:- Todo, você ainda sabe?

T.:- Eu sei, ainda sei. Eu sei ainda. Algum papel, uma hora tira só pra fazer com Matemática e Português, viu? Aquelas freira, com uma capacidade! Também a pessoa só passava quando sabia mesmo. Que ela pea... pegava assim a... arb... que ra chamada a arbu... argüição.

A.:- Argüição.

T.:- Pegava o... quanto é? Seis. Nois... O livro do ano que nois estudamo, ela botava ali no... no... fazia aquele...

A.:- As perguntas?

T.:- Não. Bilhetinho, né?

A.:- Os papeizinhos.

T.:- Os papeizinho. Ali, as caixa de junto da gente, ai puxava, quando puxava, diz todos fala.

A.:- Sim, para a argüição oral.

T.:- Ai, tudinho ia dizer, eu já me formei, a formatura nois já fizemo o...

A.:- Era por conta e você ia falar tudo o que sabia, é?

T.:- É, falava, ai ela dizia, isso aqui. Ai, esse aqui, conte porque. Diga ai o primeiro ponto, o descobrimento do Brasil. Ai, ela lhe perguntava qualquer coisa e... Outra, ai fica a segunda, ai faz o... cite dois, pros de português. Era (não entendi) mas tudo... e a gente aprendia, viu? Modéstia a parte. Aprendia porque tem muitas coisa. De cada coisinha eu guardo.

A.:- Até hoje, né?

T.:- É. Eu tenho. É.

A.:- Você gosta mais de ler ou de escrever Terezinha?

T.:- Que? Ultimamente eu... (risos) Eu não sei mais escrever. Eu não to escrevendo não. Agora, ler, eu leio... to lendo pouco.

A.:- É?

T.:- É. Porque a gente já faz muita coisa assim no computador, quando chega em casa já tá, não é?

A.:- Cansada?

T.:- É. Mas era pra ler mais, não é?

A.:- No seu serviço você ler e lida com computador?

T.:- É. Eu leio (não entendi).

A.:- Servindo no computador?

T.:- No computador. É.

A.:- É a escrita que você mais usa ultimamente?

T.:- É. Ultimamente. É.

A.:- Mas ler, escrever cartas, ninguém fez nunca mais, né?

T.:- Não. Nunca mais. Nunca mais ninguém fez. É.

A.:- Ma... mais na época da juventude gostava mais de que, ler ou escrever?

T.:- Ah, eu gostava...

A.:- Costumava fazer muitas cartas pra colegas ou não?

T.:- Mais, eu gostava de escrever. Gostava de escrever. Ler, eu fico com uma preguiça, mas sempre gostava de ler, que eu vivia sempre com o estudo, viu?

A.:- Mas gostava mais de escrever, não é?

T.:- É, gostava mais de escrever.

A.:- E gostava também de poesia ou cartas? O que mais gostava de escrever? Que tipo de texto?

T.:-Menina, eu tinha uma preguiça de fazer qualquer carta porque tinha dia... quando eu... eu namorava com ele, meu marido. Ele queria bo... ele fazia uma carta pra eu. NUTH! Mas home, eu vou contar a mesma coisa. Negocio desse homem pra conta segredo! Ele gostava muito de saber minhas coisas e eu não queria contar.

A.:- Contar tudo (risos)

T.:- Contar tudo, aí eu fazia... Você parece que só faz a mesma carta (risos). A mesma coisa. Eu digo, é, descobriu, né? Porque eu fazia a mesma coisa.

A.:- (risos) As cartas dele vinham contando as novidades todas.

T- É. As dele era muita.

A.:- E você repetia o que contava?

T- É. Ele era muito... muito inteligente pro lado de escrever, agora eu... toda semana ele escrevia, agora eu não.

A.:- Aí, você resumia.

T- Aí, eu já sumia (risos). Vixe, eu tinha uma preguiça!

A.:- E ele queria saber das novidades, mas Tereza!

T- As novidades. Aí eu chegava, cortava logo, aí botava tô morrendo de saudade e pronto. Tô bem, não digo que ia pra tal lugar, oxê. Que naquele tempo ele ia saber... Menina, naquele tempo era... Eu tinha minha... minha cunhada, se ela fosse pra Bonfim da aqui a dois meses, mandava dizer a meu irmão. Namorando... Mandava dizer se podia ir. Oh! Bestagem, né?

A.:- Você nunca achou isso certo?

T- Não.

A.:- Porque fazia a sua vida, independente do namorado estar lá.

T- Não é o que? Não é o que? Ôxe, eu dançava e tudo.

A.:- Não dava satisfação?

T- Oxé, não dava não. Aí, se quisesse terminar, terminava. Que naquele tempo, terminava. Mas se terminasse, ficava atrás de novo. Rapaz! Era um negócio sério, viu?

A.:- E você se apaixonou por ele e no final casou foi com ele?

T- Foi com ele, foi. Só tive esse namorado. Esse que...

A.:- Foi Tereza?

T- Foi. Só tive esse. Foi bestagem, menina! Que naquele tempo o... a sinceridade. Deixa pra sincera só no... o... Mas depois, me arrependo. Sabe porque? Hoje, a mulher tem a obrigação de escolher, namora com um hoje, namora com outro (não entendi). Esse negócio de tá só com um.

A.:- Pra fazer sua escolha?

T- Não é? Não é o que, rapaz! A gente depois pega um troço aí, como a gente pega aí, um negócio aí, que não dá certo. Fica... Que hoje, ah! Eu... eu hoje, assim... eu acho, assim, de vinte ano atrás, era aquela bestage, a gente não podia... sofria que só o diabo! Né? Cheia de su... Mas não, hoje não ta mais assim, não. Não prestou, oi. Bye, bye. Vai embora. Ôxe! Mais menino, ficar com...

A.:- Quer dizer que você foi seu... seu único amor?

T- Foi.. Só tive esse. Eu... Tive uns apaixonado, mas eu...

A.:- Mas não, não...

T- É. Com sinceridade e bestage.

A.:- Sei. E por exemplo, enquanto ele tava lá, que só ficava por carta, você não paquerava ninguém?

T- Não. Só fazia dançar. Dançava pra me acabar! Agora tô...

A.:- Não dançava muito. Mas não contava a ninguém?

T- Não. Ninguém sabe, quando foi uma missa, no dia de Santo Antônio, disse que não deu, mas hoje eu não vou aí, não, que eu vou passar as férias aqui. Menina, que quando eu vou chegando, ela, Terezinha, eu disse o que é? Teu noivo tá aí. É mesmo? Vixe, minha Nossa Senhora! Não se importe, não, que eu vou inventar uma coisa. Aí, passei. Oh! Como vai tudo? Oh! Meu Deus que não sei o que? Ah! Eu vim. A sua prima vai até Bonfim e você, não vai, não? Eu digo, oxê, eu não posso sair da aqui de jeito nenhum. Por... Eu fiz uma promessa pra Santo Antônio, não posso. Eu tenho que acompanhar a procissão descalça e não posso ir. URF! Assim, todo calmo.

A.: - Sem acreditar.

T.: - É. Aqueles (não entendi) Ai perto da... do... do... Ai faltando uma hora pra viajar. Ai Fui levar na estação. Eu digo, agora eu vou pra procissão, vai sai nestante. Ai fui pra procissão, ia com véu e descalça. Vai, vai. Ai quando TUUu. Eu digo. Ê pai e agora, ai tirei o veu, oxê, mas menino, eu ia lá. Vou é pra festa hoje de noite dança. Eu com meu respeito demais, dançava pra me acabar.

A.: - Se não tivesse feito isso nem... nem curtia, nem a vida.

T.: - Oh, se eu tinha curtido minha vida.

A.: - Nem essa parte de festas.

T.: - Ah! Que eu sofri tanto, rapaz! Depois que eu casei.

A.: - Depois que casou, né?

T.: - Sofria. Ave Maria! Não saia pra lugar nenhum, rapaz.

A.: - E ai a senhora não ia, mais pras festas com ele?

T.: - Nada. Oxê, não ia pra lugar nenhum, rapaz.

A.: - É mesmo? E ele não gostava de dançar?

T.: - Ele gostava, mas um dia ele foi dançar... nós fomo dançar, já a noite, né? Ai fez um apertado ali, que eu larguei ele pra lá e pronto. Foi mesmo no salão. Eu larguei ele pra lá, logo, que ele gostava de beber, né? E... Mas menina, eu me arrependi tanto, depois que eu casei, viu, comadre? Vixe Maria! Foi um casamento... Casamento bom foi de um Juiz, que era meu primo, louco pra casar comigo, mas eu (não entendi). Minha tia disse, minha filha, se com três dia você divorcei , ai eu disse que nada. E até, quase 10 ano eu namorei. E me arrependo. Esse negócio, hoje a pessoa tem de... negócio de se casar, eu vou... não deve se não tem, né? Vá curti, porque da vida eu entendo.

A.: - Você namorou 10 anos pra casar?

T.: - Dez ano.

A.: - E ele ciumava, né?

T.: - Ciumava, avé!

A.: - Que depois que casou, já não deixou você mais sair?

T.: - Não. Hoje que me...

A.: - Não ia pra festa, já não tinha diversão? Nada?

T.: - Não ia pra nada. Oxê, que nada. Um bicho ciumento. Ave Maria! Era...

A.: - Você acabou ficando dentro de casa pra...

T.: - É. Daquele jeito, é. (risos)

A.: - Me diga uma coisa Tereza, e ai, nesse dia da festa foi pra festa?

T.: - E fui pra casa toda dançando.

A.: - E ele che... E ele descobriu depois?

T.: - Não. Oxê, não. Não descobriu nada.

A.: - E ele morava aonde?

T.: - Ele morava aqui e eu ficava em Queimado. Dançava. Minha prima era diretora dos clube. Ai quando eles...

A.: - Sim E ele morava aqui.

T.: - É. E ele morava aqui. Quando eu chegava, dia de sexta-feira. Terezinha! Eu digo, Eu vou Chegando. E hoje? Eu digo, hoje tem era... como era? Como é? Tinha um nomezinho que a gente dizia. É... Uma festinha que chamava...era... Sei lá. Eu (não entendi), ai eu chegava gritava. Alô, alô, hoje tem festa! É um... tem um nomezinho que dizia. Depois eu lembro. Eu dançava e dançava ali, e tudo. Ai eu não namorava, de jeito nenhum. Porque eu tinha aquela sinceridade e tudo. Mas que bestage!

A.: - Exatamente porque era leal ao compromisso, não é Terezinha?

T.: - É. Muito le... É o compromisso, é.

A.: - Mas você, naquela época, não era noiva. Só era um namorado de compromisso, na verdade, né?

T.: - È. Não.

A.: - Ou já era noiva ? De aliança e tudo?

T.: - Não. Eu não era noiva de aliança não.

A.: - Era... uma moça...

T.: - Com compromisso. Mas tinha aquela bestage, né?

A.:- Certo. Tinha aquele respeito de compromisso.

T- Respeito. Era.

A.:- Mesmo ele estando em outra cidade, né?

T- Mesmo longe a gente tinha respeito. Era.

A.:- Não existia traição, não existia troca um por outro, né?

T- Não. Não existia não. É.

A.:- Ai finalmente você casou, já... com ele.

T- Casei. É. Casei...

A.:- E teve ...

T.:- Tive dois filho, e pronto. Aí, fui ... fui me acaba de trabalha. Se... O mundo passou que eu não vi, viu? Gente se ... nesse tempo que eu me casei, eu vi o mundo ... Passava cumadi que eu nem... que num via. Porque eu saia cedo. Eu levava os menino na escola depois trabalhava, vinha só tomar ca... almoçar. O tempo passava logo, todo assim. Passava que eu não via, quando via o menino. Minha salvação foi quando ele morreu.

Porque quando morreu, fiquei livre e de tudo estou aqui, oi, catando. Se não, se ele tivesse vivo, eu já tinha morrido há muitos anos.

A.: - E ai, depois que... que ficou viúva que vol...

T.: - Ah! Vol...

A.: - Retomou a vida ...

T.: - Ah! Voltei aquela vida boa .

A.: Ai, pronto, ai voltou aquela vida que tava.

T.: - Ah! Agora, você, eu mesma me mando.

A.: - Ai voltou a ... as festas...

T.: - As minhas festas, danço, minhas dan... tomo cerveja. Não ultrapasso do limite, mas, eu acho assim que a gente tem que viver, porque a gente é vivendo... É morrendo que si vive como diz o ... Santo Agostinho. Então a gente precisa viver as coisas boas da vida, não é? E usufruir de tudo o que é bom e melhor, e deixa o ruim pra lá, não é?

A.: - (não entendi)

T.: - E uma, que hoje a mulher, como diz? A evolução.

A.: - Sim.

T.: - E através da evolução e da cultura e da sua leitura, que hoje a mulher ta ai. Livre de... da ... daquele como é? Daquele carrancismo besta. Não vão... A mulher não podia votar, né? Antigamente, né?

A- Exato. O direito a cidadania negado, né?

T- Depois foi que deu o direito agora de tudo, ser prefeito, o que diacho ela quiser. Até presidente num dão, mas tem onde botar os pé.

A- Pois é.

T- E outra coisa também. Hoje a mulher tem sua liberdade. Ela vive com um homem só si quiser, se não der certo, (batida de mãos), não da certo, case com outro. Não é obrigada a pessoa sofrer, não. Oxê! Eu não condeno. Eu acho que a mulher hoje, tem seus direitos. Não viver, lhe escondendo não. Hoje ta livre oi.

A- Pra ver a (n entendi) não foi? Não sofre jamais por uma

T- Pra ver, é. Não é obrigado você sofrer não rapaz. Morrer. Oxê!

A- Por uma coisa que num... uma relação que não dá mais certo.

T- Porque não dá mais certo, né?

A- E de coisas de casa, que você sempre gostou de fazer,que atividade assim? Pelo bordar, cozinhar, custurar, ou você nunca gostou, só passeio?

T- Não. Eu nunca (risos) gostei desse negocio. Não é comigo não. Eu era so pra trabalhar, mesmo fora. Porque não tinha quem... Ou eu trabalhava ou então, não comia, né?

A- Sei. Você sempre pra criar seus filhos... já foi...

T- É. Não criava os filhos. É.

A- Trabalhava cedo.

T- É. Só fui trabalhar.

A- Que você era professora e depois você foi...

T- É professora. Oi, eu era professora, eu trabalhava no fórum e ainda ensinava deficiente. Trabalhava de manha, trabalhava de tarde no fórum e ainda ensinava de noite. Depois, quando eu fiz o concurso do INPS, ai foi que eu... que eu deixei, fiquei só como professora, ensinando a noite. Mas houve uma lei que proibia e então me aposentei e fiquei só no INSS.

A- Ficou na... no INSS. E me diga uma coisa, teve muito de... assim, te... de tipo de leitura, hoje, o que é que você mais... mais costuma ler? É um jornal, é uma bíblia, é uma revista ou são livros de orações ou... ou você não lê? É... lê as vezes.

T- Não. Eu leio todos que eu pegar assim. Uma vez eu pego um jornal, leio. A bíblia também, eu ... leio e uma coisa assim, que me interesse eu leio.

A- Sei.

T- Gosto de ver um romancinho também, leio.

S- Sim algum romance.

T- Mas num... Eu não tenho... Quase que eu não tenho ... tendo tempo, né? Que vem o cansaço e ai a gente dorme, né?

A- Então, mas são... em leitura, são ligados mais a igreja?

T- A igreja. A igreja, é. A igreja e ... assim, as vez no jornal, que leio pra saber das noticia.

A- E você foi... foi criada sempre na religião católica.

T- Na católica, é.

A- E fez opção pra ser católica mesmo, convicta e atuante, né?

T- É. Sempre. É.

A- E assim, na... na sua religião, dentro dos grupos de trabalho, das coisas que vocês praticam, o que é que você mais gosta de fazer?

T- Ah! Eu...

A- (não entendi)

T- Ah! Eu gosto de cantar viu, viu?

A- É?

T- Cantar na igreja. Cantar, vender coisa, vender no... tudo eu faço.

A- Pra igreja?

T- Pra igreja. Ajudo a arrecadação, ajudo-a... na liturgia.

A- Sim.

T- Tudo isso eu ajuda ló, na igreja domingo de tarde.

A- Participa de novenas?

T-Sim, participo das novenas. Faço tudo. Acompanho, ajudao, trabalho, faço tudo.

A- Em prol da ... de toda...

T- É, do trabalho...

A- O trabalho social da igreja, né?

T- Social. É.

A- Sei. E me diga um coisa Terezinha. É... Você é... é... depois que teve os seus dois filhos, que criou, depois seus filhos, né, se casaram, ou seja, já esteja... já tem netos... Quantos netos você já tem, hoje?

T- Tenho três mulheres e um homem.

A- É cinco, né? Quatro mulheres.

T- Três.

A- Três.

T- Três mulheres e um homem

A- (não entendi) seus netos? Todos moças e rapazes ou ainda são pequenos?

T- Já. Não. Quer dizer, tem uma menina que a... ainda é... já faz onze anos. Tá na adolescência. Agora tem uma... que... Hoje, mesmo tá fazendo ano, né? Inesa.

A- E hoje é Terezinha?

T- É . Tá fazendo, parece que 20 ano.

A- Vinte anos?

T- É. E o menino que é moderno. Não é que ele tá muito na faixa etária. Ela é que já tá, mas um dia tá, né? Dupla, né? Que é mais velho.

A- É.

T- Parece que na (não entendi) é 20 ano.

A- 20 anos é... na idade (não entendi)

T- É acima de 18 ano, né?

A- É.

T- Que agora é a lei. Essa nova lei, né?

A- Então, eles... seus netos... já todos tá, só ela... só a menina...

T- É.

A- A menos, que...

T- É.

A- E me diga, como é sua relação com seus netos? Um... como é que você é... convive com eles? Como é a convivência? Quais são os ensinamentos que trocam um com outro? O que é?

T- Ói, menina, eu gosto mais... O meu neto, eu gosto... Que eu tenho até um respeito, né? Gosto de respeitar e tudo, mas pergunto tudo ele, ajudo muito, mas... Eles são bom comigo, mas eu queria ... principalmente as menina, que a ... (não entendi), mas não o povo... quando esse povo que entra em faculdade, parece que quer saber tudo da... do mundo e hum liga pras coisa de Deus, né? A igreja já que...

A- A parte espiritual?

T- É. Que devia (não entendi) que ia pra (não entendi). Porque a menina de Marcelo, todos os dois estão na... na Igreja Filadélfia. É ... Eles são bem... eram bem..... assim... já tem bem... Alguns ensinamentos mesmo voltados pra eles e tudo ela sabe decidir. Não tem dúvida.

A- E a sua outra neta (não entendi)

T- Não, não (não entendi) não. Luciana é uma tristeza pra Deus. Eu que

A- Você convida Terezinha? Vamos pra missa...

T- Eu digo, menina aqui tá perto. Perto de sua casa, lá em Salvador. O menino ainda vai, coitadinho! Mas ela, eu num... até agora vi. Eu quero vê se ela não vai. Es... Seja, assim,

uma coisa diferente, né? Fica até com raiva. Ói, dá raiva na gente, um dia quando eu convidei. Vá pra missa. Você sabe que uma moça religiosa tá difícil de ter... cair na... no papo dos moleques. Que hoje moleque, com qualquer coisa, se a pessoa não tiver... Você sabe que a igreja é um... É um freio, não é?

(Fim da 1ª Fita)

A- Então em relação aos netos, você sente, assim, mais esse lado.

T- É, esse lado.

A- O lado da religião, você acha que...

T- Os outros são bons (não entendi) Mas não é religião, eles continuam, né? Tá freqüentando e tudo. Porque a moça sem religião não pode não, principalmente é... nessa época que nos estamos, né? Atravessando esse mundo de tanta coisa.

A- Mas, assim, há uma amizade, eles gostam muito de você...

T- É, amizade. É gostam muito de mim, é...

A- Gostam de conversar, gostam... Costumam sai junto, lhe convidam pra fazer alguma... alguma programa juntos...

T- Não. No caso...

A- Ou dificilmente, se você disser assim, quer sair no comércio.

T- Não, disse assim... Não, deixa eu ir aqui. È, não sai lá em Salvador,tão lá.

A- Que eles também não moram...

T- É não moram, né?

A- Em outra cidade.

T- É.

A- E eles...

T- Mas se for pra sair sai, mas eles não... eles tão morando lá agora, né? Aqui as vezes sai eu (não entendi). Essa turma hoje, só querem saber andar com a... a turminha, não é?

A- Com suas próprias coisas, né?

T- É.

A- E quais eram as atividades que a professora gostavam mais de realiza, na aula, quando ela queria dar uma aula de leitura?

T- A professora?

A- Sim.

T- Ela primeiro fazia o ditado. Aí, quem sabia fazia aquele ditado, ela ditava, depois ia a corrigir, não é? Depois que corrigia, é... (barulho de telefone tocando) Daquela própria... da... da... própria leitura, do livro ela já fez aquela leitura. Então depois tomava a leitura ou se não de tudo que a gente fazia, todas leituras, ela abria, assim e fazia de qualquer um...

A- Pra saber se você tinha... sabia mesmo ler ou se você tinha decorado, né?

T- É.

A- A mat.. E matemática também am professora costumava (não entendi).

T- Em matemática?

A- Sim.

T- Ah! Pegava... Sim, matemática a professora fazia sempre... tinha a... dava, primeiro ela ensinava a tabuada, né? Ensinava a tabuada... Quando a pessoa sabia toda tabuada, começava a conhecer primeiro os números e tudo, depois a contar, isso mesmo depois a tabuada, depois da... da tabuada ia ensinar a conta, fazer a conta. Depois que a pessoa aprendia as quatro operações, ai entra no... nos problemas, né? E quando chego no pe...nos problemas é que ela começou, assim, a saber o tipo ...saber resolver as operações, ne?

A- Certo

T- Pegava aquele problema, que a operação era chamado problema, né?

A- Então... e... dái é que você falou que também tinha esse incentivo de declamar, de ler poesia...

T.: - Ah! É tinha.

A- Pra trabalhar a oralidade, pra pessoa soubesse coisas novas, pra ler em voz alta, né?

T- É sabe.. Era pra gente fazer festa, é. Ói pra fazer a... havia local por intermédio de... dessas poesias ele alí sabia, o que é que a pessoa tinha o dom, não é? Eu mesma era... era artista, porque a professora só me botava pra eu... é... era carro pra ver a apresentação de dançar, era assim como eu te disse. Declamar é... era (barulho de caminhão) Essas coisas naquele tempo era bom, tinha a ginástica, rapaz. A ginástica, era ginásio, tinha aquele saber todos os hinos. Os hinos... como era o nome? Da... das Cívicas.

A- Ah, sim, é?

T- É.

A- Da Bandeira, da Independência.

T- Lá tinha o hino da bandeira, da Independência, da Proclamação da República, da... do 2 de julho, da Bahia, tudo a gente tem que saber.

A- Ah, todas as datas cívicas.

T- To... É, todas as datas cívicas tinha que saber.

A- Comemorava, cantava os hinos.

T.- Era e... e no dia... no dia das datas cívicas... Dia da Bandeira todo mundo festejava, né? No dia 7 de setembro também, todo mundo ia pra lá, tinha aquela hora de... de... arte chamado, naquela era aula de arte, chamado (não entendi). Aula de arte tinha a... a ginástica civil, que fazia a... a marcha, né?

A.:- Sim. Todo mudo participava do 7 de setembro.

T.:- É. Sete de Setembro, é.

A.:- E... e parece me que os alunos daquela época tinham gosto de estudar, né?

T.:- Tinha. Todo mundo. Gosto... gostava de estudar, porque a pessoa fazia tanta coisa, rapaz! Marchava, (não entendi), fazia ginástica, nego... A saúde é um precioso. E (não entendi) ainda cantava e fazia ginástica, quer dizer, e brinca, né?

A.:- Ah, e brinca, né?

T.:- Era, pois era.

A.:- Sei.

T.:- E tinha as marcha. Cantava e cantava marchando. Vamos com alegria resolver as (não entendi) Vamos com alegria, oh, criamos a jornada, (não entendi) machamos firme e com coragem. Eu sei quela é bonita. Ave Maria! Oh, tempo bom! Ali era bom demais. ª.. essa professora mi... minha, oxê. Um dia deu tanto recado que nunca que... de Aleninha, minha irmã, que tinha Aleninha Também, ma... era de minha... meu tempo e tava na casa dela, né? Professora me deu, eu dei pra ela vim. Tudo de farda com aquela parecendo ói. Hoje mesmo quem fez foi minha irmã, suco pra vocês não entendi).

A.:- E, então, é... me diga, assim, dessa... desse época toda de sua vida, né? Que tem essas leituras todas, que você já analisou e já viveu, é... como é que você ta vendo a...

a.... o Brasil atual, a Bahia, as questões econômicas, no nosso país, o... o... a nossa... a nossa política atualmente.

T.:- Rapaz...

A.:- Qual é a sua análise de tudo isso?

T.:- Menina, ói eu to analisando. Eu estou chegando ao ponto... Assim, eu to vendo... desvalorização do professorado, né? Porque o professor é... é o sustentáculo de to...da...de político de tudo, porque através do professor se ensinas, é que vai ser mestre, professor, esse aquele, né? Ser um bom político. Tudo depende da professora e tão sendo desvalorizado, as pobrezinha. Dando duro para ganhar pouco, não é? Trabalham coitadas! Né? Porque trabalham, porque hoje... antigamente tinham respeito também. Eram valorizado em tudo! Mas hoje os alunos só faltam bater as professora disposta, né? E a nossa política, hoje a gente tá vendo, tanta gente tá vendo...uma política acabada. Não tá vendo nada. Estamos esperando ainda alguma coisa de Lula, vamo ver, né? Que todo mundo votou (defeito na fita) ele mais assediado, vamos ver. Da nossa Bahia, taí uma Bahia acabada. Tanta gente, tanta... vou dizer assim, tanta gente... a fome! É a fome. Tanta gente passando fome. Principalmente em nossa cidade. Tem tanta gente passando fome. E o mundo "velho" acabando mesmo. Tá um mundo "velho" acabado mesmo, viu?

A.:- Você atribui isso a que Terezinha? Você acha que há como mudar isso? Tem como a gente transformar ainda tudo isso?

T.:- Eu penso que...

A.:- Ou você não acredita nisso, que vai dar conta de uma...

T.:- Menina , do jeito que tá eu não sei não. Só Deus, né? Só os poderes divinos pra tomar conta, pra botar tudo no lugar, porque do jeito que esses homem tão querendo fazer, né? Que sei lá. Então só Deus, mas eu acredito que esses homem tão querendo fazer, né? Tanta (não entendi), tanta coisa, não é? Que sei lá. Então só Deus, mas eu acredito que a gente ainda vai chegar a... a um mundo bom, como antigamente era. Mas toda vida foi assim, a gente pensava que tava bom, né?

A.:- Sempre existiram os problemas de uma época, não é?

T.:- É, o problema, é. Sempre existia.

A.:- Então a gente agradece, foi uma conversa maravilhosa, nós já conversamos desde, de... já são 16:15, né?

T.:- E, e eu (risos).

A.:- Passa o tempo que a gente nem... nem vê, né? Mas o... o que você gostaria, mas de dizer, em relação a... a leitura, a escrita, ou (não entendi), a importância dela no seu trabalho, na sua vida, que você poderia falar pra gente ai.

T.:- Eu... eu agradeço a minha professora, por ter me ensinado a assumir os erros, porque através dela eu cheguei ao bom conhecimento, que sei lidar com as pessoas, sei pensar o que é bom, distinguir do ruim e valorizar mais as pessoas, isso é o principal e ter muito conhecimento, porque a gente viaja através da leitura, né? Viaja, como hoje também através da comunicação, pela televisão, não é? Rádio.

A.:- São outros meios.

T.:- Outros meios que a gente vai lá... quando nós vamos lá, não é? Vamo lá sem... vamo lá no... exterior, tantos lugares, né? Só vendo. Não é? Porque nós tamo lendo. Então eu acredito no... que... O pessoal... O desenvolvimento do país, de uma sociedade, depende muito de bons políticos e bons eleitores, e de bom relacionamento.

A.:- Você acredita que é por ai, que tudo acontece, não é?

T.:- Que tudo acontece. Sem isso...

A.:- A... as nossas (não entendi).

T.:- É.

A.:- Do processo todo da linguagem...

T.:- Da linguagem.

A.:- Do poder que ela tem.

T.:- Você... Se botar uma pessoa que não seja culta pra o poder, acaba. Quem não tem conhecimento de nada, não sabe ler, não sabe..., não é?

A.:- Como ele vai deixar.

T.:- Sim, como vai, não é? Por isso que hoje tem que colocar prefeitos, governadores, homens cultos, formados. Até o qua... até os vereadores mesmo tem que ser homens

cultos, que tenham ser informados, pra levar conhecimento novo e não ficar naquela coisa de dia, de diazinha.

A.:- Que... que não possa, de alguma forma trazer benefícios pro contribuinte.

T.:- Trazer benefícios, é, contribuinte. E eu sei, que você tem bons conhecimentos, que você mesma, é uma boa mestra, boa filha, boa irmã, boa esposa e boa mãe, porque você tem muito conhecimento. Você faz, através de sua... da leitura da... daquele curso, como é que você faz lá?

A.:- Da universidade?

T.:- Você é muito... você lê muito.

A.:- É. Eu estudo melhor.

T.:- Fez muito curso, fez muitos cursos e é por isso que você é uma pessoa letrada, Viu?

A.:- Então a... o letramento, quanto mais alto for o letramento, mais a gente vai alcançando, não é?

T.:- Alto. Vai alcançando.

A.:- Outros conhecimentos. Tendo mais conhecimentos ainda.

T.:- Conhecimentos, é. E você merece uma pessoa bem culta, pra pode você, pode... fazer... ter o...

A.:- Muita conversa.

T.:- É. Conversa. Saber conversar.

A.:- Enriquecer.

T.:- Enriquecer sua vida, né?

A.:- Meus conhecimentos.

T.:- Seus conhecimentos. Que a pessoa conversar, só com pessoas que... Olhe, se a pessoa for ensinar na roça... Naquele tempo eu tinha uma colega, Camada Zenabra, era filha de um médico, ela foi ensinar, perto de lá de onde... de onde eu ensinava. E vai, né? Conversa vai, ela já tava, quando foi um dia, ela voltou pra casa dela, assim, passando as férias, porque a gente só vinha em... em março, só vinha em junho e dezembro. Ela tava dizendo, ô menina, com a empregada, vem aqui, ela, traga ai a candeia, elas... ai o noivo, disse o que Zenabra, ela disse, vixe desculpe, vicio de linguagem que era da cidade de lá, como eu dissesse.

A.:- Conforme a comunidade, há a variação lingüística.

T.:- O... a... a... é... é... de região, né?

A.:- É regional, é.

T.:- E o (não entendi).

A.:- A gente vai, assim, cada lugar que a gente convive, olha ai um exemplo que a gente aprende.

T.:- Aprende, é.

A.:- Não é? Que troca conhecimentos, que a cultura de um, a... a língua, com essa variação de nome lugar pra lugar, cada lugar que se vai, se aprende mais.

T.:- Você vai conhecer mais.

A.:- Pelo dinamismo da cultura, não é? E ai ela vai percebendo, a gente cresce por um lado em uns aspectos, num determinado lugar e outro a gente já enriquece, em outro aspecto, né?

T.:- Em outro.

A.:- É... Tem o ditado que diz, que não há ninguém no mundo que não tenha o que ensinar e nem que... e que não tem o que aprender. Sempre vamos ter o que ensinar e vamos sempre precisar aprender alguma coisa.

T.:- Aprender porque o homem...

A.:- Que o homem tá formado (não entendi), né?

T.:- É. E que o homem é produto do meio, né? Se você tem um meio bom, né?

A.:- A influência do meio também faz...

T.:- É.

A.:- Com que muito coisa acontecer.

T.:- É. Se eu ando com pessoas dentro de casa, você aprende.

A.:- As ambiências, né? Ajuda a pessoa a formar o leitor, o produtor de texto.

T.: - Essas moças, assim, simples, assim, que a gente arruma, chega lá no lugar pobre, mas ela tem o... o convívio com moças, assim, que tem o conhecimento, aprende, porque ela tem o conhecimento.

A.:- Ok, nós agradecemos. Depois a gente vai, mandar por escrito lhe mostrar tudo, com tudo o que eu você falamos.

T.: - (risos) É mesmo?

A.:- Que é muita coisa. É.

T.: - Rapaz!

A.:- (não entendi) depois a gente lê, vê se é tudo isso mesmo, né? E você... é...

T.: - Assim naquele... era boate, menina que chamava. As boate.

A.:- Ah, as boate.

T.: - As gatinha faz, hoje vai ter boate aqui em casa.

A.:- Sim.

T.: - Oh, meu Deus do céu!

A.:- Era assim, que dizia, não é?

T.: - É, era boate.

A.:- E então, e ai a gente, depois, lhe mostra um capítulo com a história, com a sua foto, com tudo, quando construir todo o trabalho da pesquisa.

T.: - e seu pai, já... já que...

A.:- Meu pai olha, 40 e tantas folhas, falamos já, falou, falou, falou, muito, conversamos muito também, ai a gente tá analisando, passando o que... depois ouve a fita, transcreve e também saber de você, se autoriza que a gente publique com o seu nome, ou se você quer que tire o nome?

T.: - Não, pode botar. Eu não me importo, não.

A.:- É? Porque tem que saber isso do entrevistado também. Se quer que saia na pesquisa o nome ou a foto, tudo contando a sua história de leitura, sua história de vida.

T.: - Tem nada não. Eu tenho até o livro de Amado, você viu? Amado

A.:- Vi. Foi.

T.: - Amado me pegou assim, mas ele me pegou e ligeirinho.

A.:- Sua vida, não foi?

T.: - É. Porque na verdade ou vou dizer pra você, viu? A...

A.:- Ela está no livro deles. As pessoas de Jacobina, que como história (não entendi)

T.: - Viu, eu tava....